

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO.

JOÃO PAULO REIS BRAGA



A FÉ DOS NOVOS ATEUS

As características fundamentalistas do discurso neoateísta

**GOIÂNIA-GO
2023**

JOÃO PAULO REIS BRAGA

A FÉ DOS NOVOS ATEUS

As características fundamentalistas do discurso neoateísta

Tese apresentada como requisito necessário à obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás).

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Ecco

Linha de Pesquisa: Cultura e Sistemas Simbólicos

GOIÂNIA-GO
2023

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

B813f Braga, João Paulo Reis
A fé dos novos ateus : as características fundamentalistas
do discurso neoateísta / João Paulo Reis Braga.--
2023.

300 f. : il.

Texto em português, com resumo em inglês.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Ecco.

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,
Goiânia, 2023.

Inclui referências: f. 283-300.

1. Ateísmo. 2. Fundamentalismo. 3. Eugenia. 4. Teodicéia. I.
Ecco, Clóvis. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás
- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
- 31/08/2022. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 299.2(043)
141.45(043)



Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPE
Coordenação de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – CPGSS
Escola de Formação de Professores e Humanidades - EFPH

A FÉ DOS NOVOS ATEUS: AS CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTALISTAS DO DISCURSO NEOATEÍSTA

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 31 de agosto de 2023.

JOÃO PAULO REIS BRAGA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Presidente)

Prof. Dr. Luiz Antonio Signates Freitas / PUC Goiás

Prof. Dra Thais Alves Marinho / PUC Goiás

Prof. Dr. José Afonso Chaves/ UNICAP

Prof. Dr. Drance Elias da Silva/ UNICAP

Prof. Dr. Omar Lucas Perrout Fortes de Sales / ALFA (Suplente)

Prof. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Suplente)

A Fé dos Novos Ateus

As características fundamentalistas do discurso neoateísta

Resumo

Introdução: A existência de uma militância ateísta não é nenhuma novidade na história da humanidade. Ateus que desejam ardentemente ver seu ponto de vista tornar-se majoritário na sociedade provavelmente existem desde as primeiras civilizações. No entanto, o trauma provocado pelo 11 de setembro de 2001 no mundo fez surgir um tipo de ateísmo radical, que fala abertamente em eliminar as religiões. Esse tipo de ateísmo passou a ser chamado de “neoateísmo” ou “novo ateísmo. A alegação desse movimento é a de que as religiões são um tipo de “patologia social” que provoca guerras, dor e sofrimento desnecessários, sendo elas também um obstáculo para o avanço científico e a unidade entre os povos, além de um fator de risco para a própria existência humana. Esse discurso antirreligioso é construído e propagado pelo movimento neoateísta, especialmente na figura dos autodenominados “quatro cavaleiros do ateísmo”: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris. **Problema:** O problema de pesquisa dessa tese está relacionado com o fato de vários estudiosos que acompanham o neoateísmo estarem apontando que o discurso desses quatro líderes carrega elementos que podem ser considerados radicais e intolerantes. **Hipótese:** A hipótese que foi assumida e posta à prova nesse estudo é a de que realmente existem elementos fundamentalistas no discurso desses quatro autores, e que tais características podem ser identificadas, classificadas e estudadas, possibilitando, assim, avaliar seu desenvolvimento, disseminação e algumas de suas consequências sociais. **Metodologia:** A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica e biográfica dos autores, analisando os livros, as declarações e as ações que tiveram correlação com o tema aqui pesquisado. Todo material coletado foi separado em tópicos que foram sendo identificados no decorrer do levantamento de dados. Sistematizamos os temas, agrupamos em conjuntos de análises, realizamos a discussão com citações de dezenas de estudiosos da temática e apresentamos os resultados de acordo com cada bloco. Sendo que, em nossas considerações finais, fizemos um apanhado geral de todos os achados e conclusões. **Resultados:** As reflexões e achados confirmaram a hipótese assumida de que existe efetivamente um fundamentalismo no discurso do novo ateísmo. Os dados evidenciaram ainda que existe uma carência de estudos sobre esse tema na Academia, especialmente na língua portuguesa. Também revelaram que os neoateus usam diferentes métodos para espalhar sua mensagem antirreligiosa, e que o alcance desse discurso radical é bastante estendido, e tem penetrado com ainda mais força entre as gerações mais novas. Por fim, ficou demonstrado ainda que o discurso neoateísta também tem influenciado na produção de pesquisas acadêmicas enviesadas, que usam testes de QI para tentar demonstrar que religiosos são menos inteligentes do que ateus.

Palavras-chave: Ciências da Religião; Novo Ateísmo; Fundamentalismo; Teodiceia; Eugenia.

The Faith of the New Atheists

The fundamentalist characteristics of the new atheist discourse

Abstract

Introduction: The existence of atheist activism is nothing new in the history of humanity. Atheists who ardently want to see their point of view become the majority in society have existed since the first civilizations. However, the trauma caused by September 11, 2001 in the world gave rise to a type of radical atheism, which openly talks about the elimination of religions. This type of atheism came to be called “neo-atheism” or “new atheism”. The claim of this movement is that religions are a type of “social pathology” that causes unnecessary wars, suffering and suffering, and that they are also an obstacle to scientific advancement and unity among peoples, as well as a risk factor for human existence itself. This anti-religious discourse is constructed and propagated by the neo-atheist movement, especially in the figure of the self-styled “four horsemen of atheism”: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens and Sam Harris. **Problem:** The research problem of this thesis is related to the fact that several scholars who follow New Atheism are pointing out that the speech of these four leaders contains elements that can be considered radical and intolerant. **Hypothesis:** The hypothesis that was assumed and put to the test in this study is that there really are fundamentalist elements in the discourse of these four authors, and that such characteristics can be identified, classified and studied, thus making it possible to evaluate their development, dissemination and some of their social consequences. **Methodology:** The methodology used was a bibliographical and biographical review of the authors, analyzing the books, statements and actions that were correlated with the topic researched here. All collected material was separated into topics that were identified during the data collection. We systematized the themes, grouped them into sets of analyses, carried out the discussion with quotes from dozens of scholars on the subject and presented the results according to each block. Therefore, in our final considerations, we made a general overview of all the findings and conclusions. **Results:** The reflections and findings confirmed the hypothesis assumed that there is indeed fundamentalism in the discourse of new atheism. The data also showed that there is a lack of studies on this topic in the Academy, especially in the Portuguese language. They also revealed that New Atheists use different methods to spread their anti-religious message, and that the reach of this radical discourse is quite extensive, and has penetrated even more strongly among younger generations. Finally, it was also demonstrated that the neo-atheist discourse has also influenced the production of biased academic research, which uses IQ tests to try to demonstrate that religious people are less intelligent than atheists.

Keywords: Religious Sciences; New Atheism; Fundamentalism; Theodicy; Eugenics.

Sumário

A Fé dos Novos Ateus.....	5
Resumo.....	5
Abstract.....	6
Introdução.....	9
Capítulo 1 – A Onda Neoateísta.....	25
Introdução.....	25
1.1 Daniel Dennett.....	28
Quebrando o Encanto de Dennett.....	31
A Sutileza de Dennett.....	37
Conclusões Dennett.....	45
1.2 Cristopher Hitchens.....	48
“Se existe um inferno, Hitchens está lá”.....	52
Deus Não é Grande Não é Um Grande Livro.....	57
Conclusões Hitchens.....	69
1.3 Sam Harris.....	75
A Morte da Fé de Harris.....	84
Um Polemista Espiritualizado e Antirreligioso.....	92
Conclusões Harris.....	97
1.4 Richard Dawkins.....	101
O Gene Egoísta de Dawkins.....	114
Cientistas Não Gostam Muito de Dawkins.....	122
Conclusões Dawkins.....	130
Conclusões do 1º Capítulo.....	134
Capítulo 2- Da Diferenciação à Exclusão.....	139
Introdução.....	139
2.1 Muito Além de Insultos.....	142
As Ofensas.....	142
O Dualismo.....	144
O Cientificismo.....	147
Conclusões.....	153
2.2 A Supremacia dos <i>Brights</i>	155
Os <i>Brights</i> e os Obscurantistas.....	155
Fabricando Espantalhos.....	158
Conclusão.....	164
2.3 O Fundamentalismo Ateu.....	166

Análise do Termo para o Ateísmo	166
Religião como Ameaça	171
Disseminando a Narrativa de Confronto	176
Conclusões	180
Conclusões do 2º Capítulo	183
Capítulo 3 – Um Paraíso Sem Deus	185
Introdução	185
3.1 A Teodiceia dos Novos Ateus	188
A Boa Nova do Neoateísmo	195
A Conclamação para a Guerra	200
Sem Deus Tudo é Permitido	207
Conclusões	212
3.2 Neoateísmo: Um Tipo de Darwinismo Social Religioso?	215
Darwinismo social e Eugenia	218
Ateísmo, Religião e Inteligência	224
Religião, Burrice e Diferenciação Depreciativa	235
Conclusões	240
3.3 O Ateísmo Antirreligioso na Atualidade	244
Idolatria Política: Quando o Neoateísmo Tem Razão	244
Crescimento Exponencial de Ateus nas Próximas Gerações	256
Conclusões	266
Conclusões do 3º Capítulo	269
Considerações Finais	273
Referências	283

Introdução

Na Academia, nas mais diversas áreas das Ciências Humanas, são comuns as pesquisas e análises sobre a violência motivada pelo fundamentalismo religioso. Em muitos desses estudos, a violência é considerada como uma característica quase indissociável dos radicais que exigem que todos tenham uma obediência rigorosa e literal ao conjunto de princípios básicos determinados por suas crenças, por seus valores e por suas interpretações dos textos que consideram sagrados.

O fundamentalismo religioso também está associado a uma vontade de querer eliminar aqueles que têm opinião contrária à visão teológica defendida. Mas será que o fundamentalismo é algo que podemos observar apenas associado à religião? De acordo com Clóvis Ecco: “o fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista”. (ECCO, 2012, p.32)

A partir dessa simples e eficaz explicação do prof. Ecco, podemos deduzir que pode existir fundamentalismo na política, nos esportes, nas relações territoriais, nas tradições e interrelações familiares, etc... E, em verdade, diversos estudos têm sido produzidos a respeito dos aspectos radicalizados de todas essas manifestações sociais. Porém, tanto nas pesquisas acadêmicas, quanto fora delas, quase nada é dito, publicado ou pesquisado sobre a existência de um fundamentalismo proveniente de indivíduos que se autodeclaram ateus.

Ao propor o foco de uma pesquisa sobre um possível radicalismo de um movimento que milita em favor do ateísmo, estamos cientes de que muitos podem pensar que esse tema pode não estar no escopo das Ciências da Religião. *Data vênia*, entendemos que o lugar de cientista da religião nos permite até mais do que a proveitosa interdisciplinaridade que temos a nosso dispor, ele nos permite também investigar além do campo diretamente religioso, e chegar a investigações sobre a própria descrença, sua influência e seus efeitos sociais. Pois, inerente ao nosso ramo de estudo, também está o caráter desafiador de paradigmas vigentes e de limites epistemológicos pré-estabelecidos, como bem afirmou Frank Usarski:

Todos os exemplos mencionados não apenas comprovam a dinâmica contínua da história da Ciência da Religião em geral, mas sensibilizam também para a heterogeneidade cultural dos contextos em que a disciplina se articula e busca manter sua identidade. Essa busca torna-se particularmente delicada em situações em que uma determinada comunidade científica sente a necessidade

de conciliar exigências disciplinares originalmente formuladas a partir do último quarto do século XIX por eruditos europeus com os princípios e o “estilo” da tradição intelectual nacional. Nesses casos, os respectivos cientistas da religião estão diante da tarefa de reinterpretar os padrões predominantes na discussão internacional. (USARSKI, 2013, p.1250)

Assim, o campo das Ciências da Religião permite-nos uma série de análises sobre um espectro muito amplo de assuntos, e dentre eles está até mesmo aquilo que seria antagônico à própria religião: a descrença. Arrisco-me até a dizer que, talvez, mais do que ser um campo dentre outros de pesquisa, o ateísmo é um aspecto que deveria ser considerado de relevante interesse para todos aqueles que estudam o fenômeno religioso, pois tal como as religiões, também o ateísmo tem uma série de reflexos na sociedade. Assim, no lugar de cientista da religião, propus esse estudo para analisar se existem, de fato, características fundamentalistas no discurso do ateísmo contemporâneo.

A palavra ateu é originada do grego clássico *ἄθεος* (transl.: *atheos*). O termo é uma junção entre o prefixo de negação ‘a’ (ausência, inexistência), com a palavra grega para Deus, *Theós*. Desse modo, o termo ateu, literalmente, significa “sem Deus”. Porém, entre os gregos antigos, dizer que alguém era ateu poderia significar duas coisas: a primeira é que a pessoa não acreditava especificamente nos Deuses descritos no panteão grego, mas poderia acreditar em outros Deuses de outras tradições religiosas; a segunda possibilidade era que tratava-se de alguém que não acreditava em nada além do mundo material, físico, tangível.

Com o passar dos séculos, o termo ateu passou a ser utilizado também para se referir ao ceticismo quanto à existência de um Deus específico, o abraâmico, propagado principalmente pelo cristianismo. Todavia, durante o século XX o termo ateísmo voltou a ser utilizado de forma mais abrangente para se referir à crença que alguém tem de que não existe qualquer tipo de divindade, ou de manifestação espiritual, que esteja além da matéria ou que não seja proveniente da mesma.

Do séc. XIX para cá, a postura de uma grande parte dos ateus sofreu uma transformação. Antes, o “ateu clássico” era simplesmente aquele que alegava não existirem evidências sólidas para crer em qualquer coisa que estivesse além do mundo sensível, e, portanto, não acreditava que tais entidades existisse. Mas, segundo alguns estudiosos, essa postura sofreu dois significativos pontos de inflexão, um após a teoria da evolução se estabelecer como hegemônica na Academia e outra, bem mais recente, após os ataques de 11 de setembro de 2001 em território americano. Pois esses atentados geraram como efeito colateral o aumento do sentimento antirreligioso nos EUA e em outras partes do mundo, especialmente direcionado contra o

islamismo. (KAPLAN, 2006) De acordo com o professor e pesquisador do tema, Kazeem Oluwaseun Dauda:

Acontecimentos recentes mostram que há um aumento do medo, das hostilidades, dos preconceitos e discriminações associados à religião em praticamente todas as partes do mundo. [...] Houve uma onda maciça de ódio contra o Islã e seus adeptos no passado recente. Ao longo dos anos, especialmente desde os ataques pós-11 de setembro nos EUA, a islamofobia não só aumentou nas Américas, Austrália, Europa, Ásia e África, como atingiu um ponto intratável e cresceu fortemente nesses continentes. (Relatório da *Organisation of Islamic Cooperation - OIC*, 2018) [...] É inquestionável que a islamofobia existia como premissa antes dos ataques terroristas de 11 de setembro, mas aumentou em frequência e notoriedade na era pós-11 de setembro. (Gallup News, n.d.)¹ (DAUDA, 2020, p.257, 258, p.266, tradução nossa)

É também após os ataques de 11 de setembro que advém e ganha enorme notoriedade, com grande cobertura midiática, uma sequência de publicações de livros de autores criticando não apenas a religião islâmica, mas, também, todas as demais religiões. Esses livros, carregados de uma aberta militância em favor do ateísmo, venderam milhões de cópias em todo o mundo, e entraram para as listas de *best-sellers* em vários países. É nesse momento que ressurge uma forma de ateísmo mais agressivo e radical, que passou a ser chamado de “novo ateísmo” ou “neoteísmo”.

O termo “ressurge” é usado aqui para nos referir ao aparecimento do neoteísmo no início do séc. XXI porque, durante as pesquisas do mestrado, demonstrei, através de um ampla gama de pesquisadores e com análises históricas, que a gênese do neoteísmo está em um movimento que surgiu ainda no século XIX, após a publicação de “A Origem das Espécies”, em 1859. Este é o primeiro ponto de inflexão na mudança de postura do “ateísmo clássico”, que citamos anteriormente. Esse movimento, do qual o neoteísmo frutificou, envolveu o conhecido naturalista, Thomas Huxley e os membros do chamado Club-X, e também dois livros ateístas que fizeram enorme sucesso na época.

¹ Texto original Dauda (2020): “Recent events show that there are heightened fear, hostilities, prejudices and discriminations associated with religion in virtually every part of the world. [...] There had been a massive surge of hatred against Islām and its adherents in recent past. Over the years, especially since the post-9/11 U.S. attacks, Islamophobia has not only been on the rise in the Americas, Australia, Europe, Asia and Africa, it has reached an intractable point and growing strongly in these continentes. (OIC Observatory Report, 2018) [...] . It is unassailable that Islamophobia has existed in premise before the 9/11 terrorist attacks but has increased in frequency and notoriety in the post-9/11 era (Gallup News, n.d.). According to Public Radio International, Islamophobia did not pose a common and constant threat to American Muslims until after 9/11 attacks. There is continued surge in anti-Muslim attacks in the United States. The country has recorded over 1,200 anti-Mosque incidents since 2005 (see American Civil Liberties Union, 2019). [...] The paper concludes that escalating Islamophobic attacks and religious intolerance globally had constituted a serious threat to world peace and harmonious co-existence”.

Quando se começa a estudar sobre o neoteísmo, rapidamente se percebe que a maioria dos estudiosos descreve esse movimento como tendo um viés político-social formado por uma militância arraigada que combate sistematicamente as religiões e os religiosos. (PIGLIUCCI, 2013) Também é comum as referências afirmarem que o neoteísmo é relativamente recente, com poucas décadas de existência. Porém, após uma análise histórica da gênese desse movimento, não é difícil constatar que suas raízes são muito mais antigas e seu alcance muito mais abrangente do que muitos poderiam imaginar.

Tudo começa com o grande frenesi acadêmico provocado pela publicação de “A Origem das Espécies”, em 1859. O renomado sociólogo da religião norte-americano, Rodney Stark, explica que as hipóteses evolucionistas já existiam antes desse momento, mas foi só após a publicação do livro de Charles Darwin (1809-1882) e Alfred Wallace (1823-1913), que o discurso de oposição entre Ciência e Religião ganhou força real e passou a ser sistematicamente difundido entre os acadêmicos e nos meios de comunicação (STARK, 2004, p.01). Stark afirma ainda que, desde sua origem, o Darwinismo carrega consigo um viés político e ideológico no discurso, alegando existir um suposto “enfrentamento histórico” entre os pensamentos “científico e religioso”. Para Stark:

Sem dúvida, Charles Darwin estaria entre os biólogos mais proeminentes da história, mesmo que não tivesse escrito “A Origem das espécies”. Mas ele não teria sido deificado na campanha para “iluminar” a humanidade. A batalha pela evolução não é um exemplo de como os cientistas heroicos resistiram à implacável perseguição de fanáticos religiosos. Pelo contrário, desde o início, foi principalmente um ataque à religião por parte de ateus militantes que se envolvem no manto da ciência. (STARK, 2004, p.01)

Stark faz referência a atuação midiática de militantes ateus radicais, que se opunham fortemente à presença de pessoas do clero na Academia e que, literalmente, decidiram declarar guerra contra a religião e contra a presença de qualquer ensino teoricamente religioso nos ambientes acadêmicos após a enorme repercussão provocada pela teoria de Darwin. (HARRISON, 2007) Segundo Stark, a teoria evolucionista foi o principal alicerce para o surgimento de um novo discurso ateu na história da humanidade, pois, segundo ele:

Quando o antagonismo religioso finalmente chegou, foi em resposta a afirmações agressivas, como as de Huxley, que Newton e Darwin juntos expulsaram Deus do cosmos. Para os herdeiros do Iluminismo, a evolução parecia finalmente suprir a arma necessária para destruir a religião. Como Richard Dawkins confidenciou: “Darwin tornou possível ser um ateu intelectualmente satisfeito” (STARK, 2004, p.4).

É nesse caldeirão efervescente causado pelo turbilhão darwinista que emerge a figura de Thomas Henry Huxley (1825-1895), biólogo britânico, ganhador de vários prêmios e considerado um dos mais influentes cientistas ingleses do séc. XIX. Essa influência se estendeu por diversas áreas da cultura europeia, indo além do campo científico e abarcando áreas como a literatura, a política e a religião. Mas, certamente, sua maior interferência aconteceu no sistema educacional inglês. (DESMOND, 1997)

Ocorre que, como Darwin não era um grande orador e também costumava passar muito tempo isolado, coube ao seu amigo T. H. Huxley, assumir a defesa pública da teoria darwiniana. Pelo fato de Huxley ter aceitado essa missão com enorme entusiasmo e ter se empenhado com grande energia na tarefa, ele ficou popularmente conhecido como o "Buldogue de Darwin". E na condição de acadêmico de grande prestígio, Huxley também contribuiu enormemente para que o paradigma evolutivo rapidamente se torna o hegemônico entre seus pares. Segundo Stark:

O autor da enorme revisão de “A Origem das Espécies” para a revista *Times of London* não era outro senão Thomas Huxley. Ele construiu suas palestras sobre evolução em um popular show de turnê em que desafiou vários potenciais adversários religiosos pelo nome. É surpreendente que os religiosos, os cientistas e os clérigos tenham começado a responder diante de desafios implacáveis como esses, emitidos em nome da evolução? Não era como se eles meramente fossem solicitados a aceitar que a vida evoluiu; muitos teólogos há muito tomavam isso como garantido. O que os darwinistas exigiam era que os religiosos concordassem com a afirmação falsa e não científica de que Darwin provara que Deus não desempenhava nenhum papel no processo. (STARK, 2004, p.04)

No entanto, como a seara era grande, Huxley, em 1864, convoca oito conhecidos cientistas e propõe a formação de um grupo de apoio e divulgação das ideias evolucionistas. Esses nove cientistas passaram então a atuar como uma espécie de “apóstolos do Darwinismo” em seus respectivos campos na Academia. O grupo de intelectuais se encontrava em Londres uma vez por mês, quase todos os meses, e nessas reuniões trocavam-se informações, produziam-se discursos e discutiam-se hipóteses e teorias que apoiassem a causa darwiniana e combatessem a presença da Religião no ambiente acadêmico (HARRISON, 2017, p.9). E também, em função da enorme influência social que possuíam, nessas reuniões também se escolhiam indicados para premiações, medalhas, honrarias e para ocupar postos-chave em sociedades científicas e instituições educacionais de prestígio. A esse círculo social foi dado o nome de “Club-X”, que além de Huxley, também contava entre seus membros:

1º - George Busk (1807-1886), renomado médico britânico, que também era zoólogo e paleontólogo;

2° - Edward Frankland (1825-1899), destacado químico, descobridor do Princípio da Valência;

3° - Thomas Archer Hirst (1830-1892) premiado matemático e membro ativo da *Royal Society*, da Associação Britânica para o Avanço da Ciência e da *London Mathematical Society*;

4° - Joseph Dalton Hooker (1817-1911), um dos amigos mais próximos de Darwin, era botânico e foi agraciado com as maiores honrarias da Ciência britânica de sua época;

5° - John Lubbock (1834-1913), político liberal, cientista, polímata e banqueiro britânico, fez contribuições nas áreas de Arqueologia, Etnografia e diversos ramos da Biologia;

6° - William Spottiswoode (1825-1883) proeminente matemático e físico britânico, também presidente da *Royal Society* entre 1878 e 1883;

7° - John Tyndall (1820-1893), célebre físico irlandês, que fez grandes contribuições aos estudos de diamagnetismo e da radiação infravermelha, e lecionou no *Royal Institution of Great Britain* por 34 anos;

8° - Herbert Spencer (1820-1903), político liberal, filósofo, biólogo, antropólogo e sociólogo britânico, Spencer foi um dos pensadores mais influentes do séc. XIX, especialmente no campo das Ciências Humanas.

Em resumo, todos os membros do Club-X foram pessoas extremamente influentes na sociedade britânica, especialmente nos ambientes acadêmicos. De acordo com outro pesquisador especializado na relação histórica entre ciência e religião, Peter Harrison:

Huxley e seus colegas do Clube-X, procuraram com fervor evangélico estabelecer um status científico para a História Natural, livrar a disciplina das mulheres, dos amadores e dos padres, e assentar uma ciência secular na vida cultural da Inglaterra. (HARRISON, 2007, p.7)

Entre os anos de 1873 e 1885, três membros do Club-X (Hooker, Spottiswoode e Huxley), ocuparam consecutivamente a presidência da *Royal Society of London* – instituição secular de promoção da Ciência na Inglaterra, que gozava, e até hoje goza, de grande influência em todo o sistema de ensino inglês, europeu e mundial. Durante o séc. XIX, o prestígio dessa instituição era tamanho ao ponto de os periódicos científicos mais respeitados e compartilhados no mundo serem aqueles abalizados pela *Royal Society*. (BARTON, 1990, p.415)

Além disso, dois integrantes do Club-X (Tyndall e Huxley) ajudaram significativamente na estruturação inicial da revista *Nature* – que, em pouco tempo, se transformou numa das revistas científicas de maior Fator de Impacto do planeta. É válido ressaltar ainda que muitas das primeiras edições da *Nature* foram compostas por artigos escritos por membros do Club-X, todos seguindo o princípio de defesa e divulgação do darwinismo. (BARTON, 1990, p.79)

O fato é que durante as décadas de 1870 e de 1880, os membros do Club-X foram sucessivamente agraciados com uma série de condecorações e honrarias, e tornaram-se proeminentes figuras da comunidade científica, ao ponto de serem acusados de influenciar em demasia o ambiente acadêmico britânico. (HARRISON, 2008). Pois os integrantes do Club-X, além de cientistas, também exerciam papéis como conselheiros do governo, líderes políticos e dirigentes de associações para o desenvolvimento da Ciência. Tudo isso demonstra o quão poderoso era esse grupo em sua época.

Harrison, analisando esse contexto, lembra que: “é importante prestar atenção às dimensões políticas das categorias e suas relações”, e que “a questão entre Ciência e Religião tem menos a ver com proposições [científicas] do que com poder”. (HARRISON, 2007, p.21) Destarte, sem querer aqui desconsiderar as relevantes contribuições que cada um dos integrantes do Club-X e de outras Academias pelo mundo tiveram na difusão e consolidação do “mito do conflito” entre ciência e religião, coube a Huxley o papel de destaque em toda essa jornada. Um exemplo claro de que sua importância vai além de ser um divulgador do darwinismo e ter criado o Club-X, é o fato de que quando Huxley inicia sua carreira na Academia, praticamente não havia nenhum curso de graduação de Ciências Biológicas nas universidades britânicas. A maior parte dos biólogos dessa época eram autodidatas ou possuíam formação em Medicina e, por isso, lecionavam biologia de modo geral. Mas, quando Huxley se aposentou, havia cadeiras específicas de Biologia estabelecidas na maioria das universidades e um amplo consenso sobre a grade curricular a ser seguida, tendo sempre o paradigma evolucionista como uma teoria inquestionável.

Assim, torna-se inegável o fato de que Huxley foi a pessoa que mais colaborou para a consolidação da teoria da evolução como paradigma científico hegemônico, pois além de toda movimentação política e midiática que produziu, também foi determinante na definição do conteúdo que é ensinado não apenas nas escolas britânicas, mas do mundo inteiro. (DESMOND, 1997; BARTON, 1990) De acordo com Harrison:

A transformação da História Natural na “Biologia” científica foi uma parte vital desse processo. Uma vez que a História Natural tinha sido tradicionalmente dominada pelo clero, as novas disciplinas científicas de Biologia e geologia gradualmente alcançaram independência da influência clerical enquanto, ao mesmo tempo, legitimaram um novo conjunto de autoridades não eclesiásticas. Essa foi, de fato, a missão explícita de personalidades como Thomas Huxley e seus colegas no “Clube-X” [...] ali emergiu a tese histórica de um conflito contínuo entre ciência e religião – um ponto de vista epitomizado nas histórias agora fora de moda de Andrew Dickson White (1896) e John Draper (1875). [...] O legado duradouro deste

grupo, no entanto, tem sido a perpetuação do mito de uma batalha perene entre ciência e religião. (HARRISON, 2007, p.7)

Aqui cabe detalhar melhor as histórias desses dois autores citados por Harrison como sendo os responsáveis por criar o “modelo padrão” do discurso de enfrentamento entre ciência e religião forjado por Huxley e pelos membros do Club-X. John William Draper (1811-1882) era um médico, químico e filósofo britânico. Ele escreveu aquele que pode ser considerado como o primeiro *best-seller* ateísta da literatura, tamanho foi o seu alcance a época. O livro, intitulado “História do Conflito entre Religião e Ciência”, foi publicado em 1875; segundo Harrison: “foi neste momento que surgiu a ideia de que houve um conflito perene entre ciência e religião, e as histórias de figuras científicas heroicas como Galileu e Darwin foram reconstruídas retrospectivamente para se adequar a esse padrão”. (HARRISON, 2008, p.7)

Além do enorme sucesso na Academia e na mídia de modo geral, o livro de Draper também serviu como referência para que, cerca de vinte anos depois, Andrew Dickson White (1832-1918), publicasse aquele que veio a ser o 2º grande clássico do ateísmo no séc. XIX: “Uma História do Conflito da Ciência com a Teologia na Cristandade”, publicado em 1896.

Os dois livros deixavam bem evidente logo nos seus títulos a intenção dos escritores de “denunciarem” um suposto “conflito histórico” que, até então, ninguém conhecia. Os livros de Draper e White tiveram um poder tão massificante que suas narrativas foram prontamente aceitas e reproduzidas por incontáveis autores durante mais de um século. Entretanto, praticamente todos os estudos historiográficos modernos têm afirmado categoricamente que a grande maioria dos supostos “fatos históricos” narrados nos livros de Draper e White são, na verdade, mitos científicos, usados estrategicamente para forjar a existência de um suposto conflito histórico fratricida entre ciência e religião. (STARK 2004; HARRISON, 2007)

Segundo Karl Heinz Kienitz:

Os erros firmaram-se graças a John Draper (1811-1882) e vários de seus seguidores, tais como Andrew D. White (1832-1918), presidente da *Cornell University*, que asseguraram a propagação do mito até a data de hoje. O historiador Colin Russell escreveu que “Draper toma tal liberdade com a História, perpetuando lendas como fato que hoje ele é corretamente evitado em estudos históricos sérios. O mesmo é quase que igualmente válido para White”. O historiador Peter Hess resume: “A errônea concepção popular de que ciência e religião são inimigas naturais resultou dessas obras [de Draper e White] e é regularmente reforçada. Ensaíam-se retratos históricos em que essas disciplinas se encontram em pé de guerra desde tempos imemoriais. Felizmente, um trabalho considerável foi produzido nas últimas décadas para compensar o equilíbrio e construir uma compreensão mais refinada da relação complexa entre a religião e a ciência. (KIENITZ, 2015, p.4)

Para Harrison: “A ‘tese do conflito’, primeiro desenvolvida no final do século XIX e mais intimamente associada aos nomes Andrew Dickson White e John Draper, não é mais levada a sério pelos historiadores”. (HARRISON, 2006, p.225)

Mas, o que é realmente importante de entendermos nesse momento, é que esse discurso de enfrentamento entre ciência e religião, que até então não existia dentro da Academia, pavimentou um contexto favorável para o enorme sucesso dos dois livros de Draper e White. Repletos de mitos científicos, essas obras consolidaram a ideia de incongruência entre o pensamento científico e o pensamento religioso, e essa suposta dicotomia é a base de sustentação de praticamente todos os discursos que hoje são utilizados pelo movimento neoteísta. Assim, podemos compreender porque os livros de Draper e White podem ser considerados “os primeiros *best-sellers*” do novo ateísmo.

O novo ateísmo, portanto, não teria sido iniciado por escritores modernos, uma vez que os recursos narrativos utilizados por esses, repletos de ataques sistemáticos à religião e o uso de mitos científicos são praticamente os mesmos recursos usados por Draper e White em seus livros. De acordo com Filipe Neri Ferrão: “Essa tese de conflito (entre ciência e religião) foi bastante popular durante o final do século XIX e início do século XX e pode ser remetida em nossos dias à obra de Richard Dawkins, que considera a Religião como a raiz de todo mal”. (FERRÃO, 2011, p.59, tradução nossa)²

Uma vez esclarecida a origem desse movimento, cabe agora focarmos naqueles escritores que podem ser considerados como referências para o estudo do novo ateísmo. De acordo com o filósofo Scott Randall Paine: “Os quatro ateus ‘confessionais’ mais conhecidos atualmente, com certeza os *pop stars* do ateísmo, são Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris, cujas posições dão os contornos ao debate público hoje”. (PAINE, 2010, p.16) Por isso, vamos nos concentrar nas principais publicações desses quatro autores como forma de delimitar nosso campo de estudo sobre o discurso que tem regido o novo ateísmo.

Essa origem longínqua no séc. XIX poderia nos levar a pensar que o novo ateísmo é apenas um tipo de “ateísmo positivo” mais empolgado. No entanto, suas características de militância ativa e organizada, que se destaca pela agressividade e radicalidade do discurso, demonstram ser mais do que simplesmente um termo novo para manifestações de pessoas

² FERRÃO: “This conflict thesis was quite popular during the late 19th and early 20th centuries and can be traced in our days to the work of Richard Dawkins, who regards religion as the root of all evil”

céticas que sempre aconteceram. Além disso, o lado mais organizado e ativo desse movimento no séc. XXI começou sendo liderado e continua sendo fortemente influenciado pelos quatro ateus extremistas citados no parágrafo anterior. Estes mesmos autores se autodenominaram “os quatro cavaleiros do ateísmo”.

A antirreligiosidade radical do novo ateísmo é um ponto importante que precisa ser bem destacado já de imediato nas explicações dessa introdução, uma vez que essa é a principal diferença na essência das outras formas de ateísmo do passado. Pois, para essa nova vertente, a religião não deve ser nem mesmo tolerada como um estilo de vida ou uma posição subjetiva, ou seja, como uma escolha pessoal. Segundo Thomas Zenk: “os neoateístas são agressivos, militantes e igualmente uma ameaça. São relacionados ao antiteísmo, antirreligião e chamados para a guerra contra a fé”. (ZENK apud KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.92)



**Os 4 Cavaleiros do Ateísmo, encontro ocorrido em 2007.
Da esquerda para direita: Hitchens, Dennett, Dawkins e Harris**

Quando os quatro cavaleiros do ateísmo se reuniram pela primeira vez no ano de 2007,³ a esperança de muitos ateus é que ali estivesse nascendo uma nova era para o movimento ateu e para a própria humanidade. O pressuposto era o de que, se trabalhando separadamente cada um desses quatro ilustres pensadores conseguiu fazer com que milhões de pessoas passassem a acreditar que Deus não existe, ao unirem seus privilegiados intelectos na luta contra a religião isso só poderia significar que um novo tempo de racionalismo científico guiando a humanidade estaria bem próximo. A jornalista científica do *Financial Times*, Anjana Ahuja, explica que:

³ Encontro disponível no YouTube no canal de Richard Dawkins - “*The Four Horsemen HD: Hour 1 of 2 - Discussions with Richard Dawkins, Ep 1*”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9DKhc1pcDFM&ab_channel=RichardDawkinsFoundationforReason%26Science> Acesso: 08.08.23

No início do milênio surgiram cinco textos sagrados proclamando um novo movimento. Os livros, publicados entre 2004 e 2007, rejeitavam a religião e articulavam as bases intelectuais para o ateísmo, a racionalidade e a ciência como os únicos caminhos para a verdade. Os sumos sacerdotes do Novo Ateísmo foram o biólogo Richard Dawkins (*The God Delusion*); o filósofo Daniel Dennett (*Breaking the Spell*); o neurocientista Sam Harris (*The End of Faith, Letter to a Christian Nation*); e o falecido ensaísta e provocador Christopher Hitchens (*God is Not Great*). Depois de passar por uma iteração sem Hitchens como os três mosqueteiros, eles foram apelidados de quatro cavaleiros, embora trabalhassem sozinhos e oferecessem credos seculares ligeiramente diferentes. O quarteto se encontrou apenas uma vez, no apartamento de Hitchens em Washington, em 2007. [...] Cada cavaleiro, separadamente e coincidentemente, defendeu o pensamento livre, a investigação racional e a supremacia da evidência, princípios que aliaram tão intimamente o ateísmo à ciência que os dois se tornaram indistinguíveis. Eles fizeram lobby ferozmente pela liberdade de expressão para atacar a religião, mas foram frequentemente acusados de iliberalismo por questionarem a ideia de fé. Aqui, então, o secularismo e o humanismo foram reiniciados para a era da internet e preparados para uma guerra cultural milenar.⁴ (AHUJA, 2019, p.1 tradução nossa)

Porém, um outro ponto que merece ser destacado aqui é aquele que foi colocado por Antony Flew (1923-2010) e Zenk quando discorreram sobre o tema e, separadamente, concluem que o próprio movimento neoateísta também é um subproduto midiático que deu espaço para um grupo de escritores radicais que se retroalimentam de ideias e referências. Nesse sentido, o que cada um desses autores faz é estimular que seu público consuma as obras dos outros três do mesmo grupo, mantendo uma linha de pensamento radicalizada que foi se somando e se complementando publicação após publicação. Segundo Koslowski e Santos:

Em primeiro lugar, concordamos, com aqueles que defendem, como Thomas Zenk, que o neoateísmo é uma criação da mídia, pois de fato não há novidade teórica, porém entendemos que há uma ligação profunda entre os neoateístas. Essa ligação se fundamenta num intercâmbio de ideias muitíssimo semelhantes entre eles, dado que são leitores uns dos outros. Sam Harris leu muitas obras de Dawkins e de Dennett; Dawkins, por sua vez, leu as obras de Harris e de Dennett; por seu turno, Dennett leu as obras de Harris e Dawkins, e Hitchens conhece a obra de todos eles. Nossa hipótese é que quem deu o tom à discussão foi Dawkins, reforçado pelas obras que se seguiram dos outros

⁴ Texto original Ahuja (2019): “*In the beginning (of the millennium) came five sacred texts proclaiming a new movement. The books, published between 2004 and 2007, rejected religion and articulated the intellectual foundations for atheism, rationality and science as the only paths to truth. The high priests of New Atheism were biologist Richard Dawkins (The God Delusion); philosopher Daniel Dennett (Breaking the Spell); neuroscientist Sam Harris (The End of Faith, Letter to a Christian Nation); and the late essayist and provocateur Christopher Hitchens (God is Not Great). After going through a Hitchens-less iteration as the three musketeers, they were dubbed the four horsemen, even though they worked alone and offered slightly different secular creeds. The quartet met only once, at Hitchens’ flat in Washington, in 2007. [...] Each horseman, separately and coincidentally, championed free thinking, rational inquiry and the supremacy of evidence, principles that so closely allied atheism to science that the two became indistinguishable. They lobbied fiercely for free speech in order to attack religion but were often accused of illiberalism themselves for even interrogating the idea of faith. Here, then, was secularism and humanism edgily rebooted for the internet age, and primed for a millennial culture war*”.

membros neoateus. Os livros, a temática e mesmo a estrutura do pensamento desses autores são muito semelhantes, e não por acaso. Mesmo quando defendem ideias com que não são concordes, são poucas e quase sempre em detalhes. O que cada um deles está fazendo é completar o livro dos anteriores em pontos nos quais pode contribuir para esse diálogo. É um modo simples de compreender a grande semelhança não só na temática, mas nas referências até das mesmas citações que se encontram nas obras. Não é plausível ser simples coincidência. Dawkins completa a discussão de Harris fundamentalmente na refutação das provas tradicionais da existência de Deus, algo em que Harris não se detém, dado que está mais interessado na tese geral de a religião se pautar na crença sem fundamentos (fé). Por sua vez, Dennett desenvolve uma teoria da religião com fundamento na biologia e Dawkins a corrobora a respeito dos primórdios da religião. A própria teoria de Dawkins apoia-se nas elaborações dennettianas. É difícil dizer se em todos os detalhes, mas ambas concordam que a religião é um subproduto evolutivo. Christopher Hitchens preenche a lacuna com o estudo quase etnográfico de casos da maldade e da violência da religião, cobrindo a maioria das religiões ocidentais e orientais. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.458)

Porém, após uma década e meia do famoso encontro entre os maiores nomes do neoateísmo, não foi exatamente ao fim das religiões que o mundo assistiu. Curiosamente, a maioria das pessoas parece ainda não ter chegado à “conclusão lógica” de que Deus não existe – o que as teria levado a descartar totalmente toda e qualquer forma de pensamento místico ou religioso. Dawkins até que se esforçou bastante para fazer o movimento encabeçado pelos quatro cavaleiros do ateísmo crescer, mas parece que passada a onda de grande atenção midiática da primeira década após o 11 de setembro, cada um deles tomou rumos e projetos próprios, sendo que Hitchens morreu em dezembro de 2011. Segundo Ahuja:

Harris sempre teve um problema singular com o Islã; a julgar pelos tweets para seus 2,8 milhões de seguidores, Dawkins aguçou seus sentimentos anti-muçulmanos ultimamente. Isso pode explicar por que, apesar da diminuição da religiosidade em alguns países (mais da metade dos adultos britânicos não professam nenhuma afiliação religiosa), o Novo Ateísmo não mudou o mundo. Em vez disso, tornou-se maculado pela associação com fanatismo. Dawkins não tem plataforma devido à sua suposta islamofobia; Harris debateu com Charles Murray, um pensador associado à “ciência racial”. [...] Doze anos depois de os quatro cavaleiros terem montado (em seus cavalos), ainda esperamos a revolução ateísta.⁵ (AHUJA, 2019, p.1, tradução nossa)

Mas independentemente do fato da revolução sonhada pelos ateus ainda não ter ocorrido, não é possível considerarmos que o movimento tem sido fracassado, os índices de pessoas que se autoidentificam como ateus têm crescido expressivamente em países do mundo

⁵ Texto original Ahuja (2019): “*This might explain why, despite dwindling religiosity in some countries (more than half of British adults profess no religious affiliation), New Atheism did not change the world. Rather, it became tainted by association with bigotry. Dawkins has been no-platformed for supposed Islamophobia; Harris has debated with Charles Murray, a thinker associated with “race science”. [...] Twelve years after the four horsemen saddled up, we are still waiting for the atheist Revolution*”.

todo. (GALLUP, 2022) Isso significa que os discursos que foram produzidos nas últimas duas décadas por esses quatro baluartes do ateísmo moderno geraram muitos resultados e ainda podem frutificar ainda mais nas gerações seguintes, como apontam pesquisas qualitativas. (FRANCO, 2014)

Assim sendo, consideramos importante estudar a metanarrativa que existe no discurso desses autores, ainda que eles não tenham conseguido realizar totalmente o seu intento revolucionário. Portanto, nessa primeira parte da pesquisa, buscaremos compreender melhor a história, a formação, a perspectiva, e as principais obras da produção bibliográfica de cada um dos quatro autores que selecionamos para estudar esse movimento.

Nesse sentido, é válido ressaltar que não estamos aqui ignorando a existência de pensamentos divergentes dentro do movimento neoateísta, e também não estamos afirmando que todos os novos ateus pensam exatamente igual a esses quatro autores que destacamos para nossa análise. Esses escritores foram selecionados especialmente pela enorme influência que têm sobre a grande maioria das pessoas que pertencem a esse movimento, ou que simplesmente simpatizam com a causa do ateísmo militante. Como bem escreveram Adilson Koslowski e Valmor Santos ao fazerem a seguinte ressalva:

O neoateísmo também não se constitui de um grupo fechado, com apenas esses quatro membros. Outros homens e mulheres são associados ao movimento. Quando da morte de Hitchens, uma mulher, Ayann Hirsi Ali, assumiu a posição de “cavaleira”, mas muitos outros são associados ao grupo. Dada essa pluralidade de pessoas e igualmente de posições, bem como a possível abertura para o acolhimento de mais participantes sob a mesma denominação, é muito mais adequado entender o neoateísmo como uma família. Numa família é possível haver muitos membros que se assemelham, mas não são em todos os seus aspectos iguais; fenômeno semelhante ocorreria no neoateísmo. Os membros têm coisas comuns entre si e, possivelmente, há semelhanças que apenas alguns apresentam, em certos aspectos, mas nem todos as possuem. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.459)

Por tudo isso, não parece ser correto caracterizar o neoateísmo simplesmente como um movimento secularizado, pois em virtude de suas características demonstram serem melhor descritos como antirreligiosos. Além disso, um neoateu precisa ter convicção de sua descrença em Deus, ou seja, precisa ter certeza e afirmar categoricamente que não existe nada além da matéria ou de algo originado dela, como o sentimento, o amor, o pensamento etc. Assim como afirma Dawkins: “Se houver alguma coisa que pareça estar além do mundo natural, conforme o entendemos hoje, esperamos no fim ser capazes de entendê-la e adotá-la dentro da natureza”. (DAWKINS, 2007, p.28) Para o filósofo ateu Julian Baggini:

Essa visão de mundo [do neoateísmo] é essencialmente uma forma muito geral de naturalismo, na qual não há dois tipos de coisas, o natural e o sobrenatural, mas um. As forças que governam essa substância também são naturais e não há propósito ou ação final por trás delas.⁶ (BAGGINI, 2009, p.1, tradução nossa)

Destarte, o problema de pesquisa dessa tese está relacionado com o fato de que vários estudiosos que acompanham o neoateísmo terem apontado que o discurso desses quatro líderes do movimento carrega consigo elementos que podem ser considerados radicais e intolerantes. (PAINE, 2010; NALL, 2008; RUSE, 2009; MCGRATH, 2011) Mas será mesmo que existem elementos suficientes no discurso dos quatro principais autores do ateísmo para que possamos considerá-lo como um discurso fundamentalista? A nossa hipótese é de que esses elementos existem e são passíveis de serem identificados, classificados e estudados, possibilitando, assim, reconhecer, avaliar e prever algumas de suas consequências sociais.

Em verdade, ao longo de toda essa tese, traremos um número bastante significativo de citações que se referem a esses quatro autores do novo ateísmo como um grupo de fundamentalistas antirreligiosos. Todavia, se assim o é, e de fato eles já são comumente identificados dessa maneira, então qual o diferencial do presente estudo? É o de demonstrar, por meio de análises de textos e declarações, que quando os analistas utilizam palavras como “fundamentalistas”, “radicais” e “fanáticos”, para descrever os líderes do neoateísmo, não se trata meramente de uma hipérbole ou de um exagero retórico, mas de uma realidade que tem um reflexo social e deveria ser melhor observada pelos estudiosos.

A metodologia utilizada por nós foi a de revisão bibliográfica e biográfica dos autores, analisando os livros, as declarações e as ações que tiveram correlação com o tema aqui pesquisado. Todo material coletado foi separado em tópicos que foram sendo identificados no decorrer do levantamento de dados. Os assuntos foram sistematizados e agrupados em conjuntos de análises. Em seguida, realizamos a discussão fazendo uso de dezenas de citações de estudiosos que trabalham essa temática e acompanham o movimento neoateu. Assim, apresentamos os resultados, as reflexões e as conclusões de acordo com cada bloco específico de assunto trabalhado.

Na primeira parte desse estudo fizemos uma análise da biografia de cada um dos quatro autores supracitados, buscando compreender a sua história, sua forma de pensar e a relação que

⁶ Texto original Baggini (2009): “*This world view is essentially a very general form of naturalism, in which there are not two kinds of stuff, the natural and the supernatural, but one. The forces that govern this substance are also natural ones and there is no ultimate purpose or agency behind them*”.

eles tiveram com a religião no decorrer de suas trajetórias. Nesse sentido, também trouxemos resenhas e análises de vários autores das principais obras que serão abordadas nessa pesquisa, buscando compreender se elas podem ou não estar permeadas por algum tipo de radicalismo retórico.

Na segunda parte estudamos como os ataques do novo ateísmo vão muito além de um mero desejo de insultar as religiões e os religiosos. Identificamos que esse é apenas um dos passos numa trajetória que tem objetivos muito mais relevantes do que apenas a ofensa pessoal. Demonstramos, assim, que, apoiados no dualismo e no cientificismo do século XIX, os líderes do movimento neoateísta buscaram se diferenciar atribuindo a si mesmos uma suposta superioridade intelectual e moral, tendo como contraponto as religiões como uma fonte quase que exclusiva de maldades na sociedade. É nesse contexto que o movimento do novo ateísmo vai propor uma teodiceia, onde o fim das religiões será a panaceia mundial, que trará paz, liberdade e prosperidade a toda a humanidade.

Finalmente, na terceira parte dessa pesquisa analisamos as tentativas do movimento neoateísta de criar e difundir uma narrativa de que existe uma correlação positiva entre ateísmo e inteligência e/ou uma correlação negativa entre inteligência e religião. Verificamos como esse discurso penetrou na Academia e como ele já começou a gerar resultados práticos.

Nossa análise nessa última parte do estudo também examinou os efeitos políticos e sociais de alguns aspectos do fanatismo religioso, para ressaltar o quanto estamos cientes de que a religião foi, é, e continuará sendo utilizada por líderes populistas, de qualquer matriz ideológica, para aumentar e consolidar seu poder, demonizar adversários, sustentar governos corruptos e solapar a democracia em muitos países. Por fim, ainda avaliamos os dados sobre o crescimento exponencial do ateísmo no mundo e o que eles podem revelar sobre as próximas gerações nesse quesito.

Desse modo, pudemos construir o alicerce fundamental para apresentar o outro diferencial dessa pesquisa que é justamente o de expor as nuances do discurso radical dos quatro principais expoentes do neoateísmo. E ao ampliarmos nossa visão para vermos o quadro geral, é possível perceber que existem evidências de estratégias de ataques antirreligiosos sistemáticos, com o objetivo, muitas vezes declarado, de exterminar a religião, ou, pelo menos, o direito de as pessoas professarem suas crenças religiosas livremente.

Assim, o corolário de toda essa ampla pesquisa trouxe resultados que apontam para a existência real de um fundamentalismo nos discursos dos quatro principais representantes do

novo ateísmo, corroborando com a nossa hipótese inicial. Mas, apesar de estudos empíricos terem evidenciado a grande influência que os quatro cavaleiros do ateísmo têm nas sociedades, especialmente na chamada geração Z (nascidos entre 1990-2000), os dados acessados nessa pesquisa não nos permitiram afirmar que essa perspectiva radicalizada desses autores é majoritária entre os que se autoidentificam como ateus. Nossa pesquisa também demonstrou como o discurso antirreligioso dos novos ateus tem influenciado diretamente dentro da Academia, em especial na produção de estudos científicos que tentam comprovar que a religião é um fator prejudicial para a inteligência. A ascendência dos quatro cavaleiros do ateísmo sobre esses estudos que correlacionam religião, ateísmo e inteligência é tão elevada, que eles constantemente são citados pelos pesquisadores nos artigos como referências de estudos que evidenciam fatores positivos do ateísmo e fatores negativos da religião com relação à inteligência. Existem, inclusive, alguns estudos que foram feitos atendendo diretamente ao pedido de Richard Dawkins para que eles fossem feitos.

Contudo, também veremos que especialistas nessa temática de testes de inteligência têm apontado que esses estudos ateístas estão sendo usados para dar um envoltório de ciência a propostas de reavivamento de um novo tipo de darwinismo social e eugenia. E nesse ponto, os resultados demonstram que o discurso radicalizado dos novos ateus têm colaborado diretamente com esse fenômeno. Também é preciso dizer que, mesmo com pesquisas de opinião de várias partes do mundo apontando que houve um crescimento exponencial do ateísmo nas décadas passadas e também projetando a continuidade desse crescimento para as próximas gerações; não nos foi possível prospectar com segurança se o fundamentalismo ateísta pode se tornar uma ameaça à prática religiosa pública no futuro, por não podermos determinar com exatidão se os aspectos antirreligiosos propagados pelos quatro cavaleiros do ateísmo serão predominantes entre os ateus das próximas gerações.

Por fim, ainda que os leitores desse estudo pontualmente discordem dos resultados e das conclusões que apresentamos aqui, certamente concordarão que realizamos uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema do novo ateísmo. Indo além, também podemos dizer que essa pesquisa é inovadora no sentido de trazer ao público brasileiro uma reunião sistematizada de centenas de citações traduzidas para o português de dezenas de autores que tratam da temática neoateísta. Com essa base, ao final dessa tese, o próprio leitor poderá afirmar se existe ou não fundamentalismo no discurso do novo ateísmo.

Capítulo 1 – A Onda Neoateísta

Conhecendo a biografia e a influência social dos quatro autores estudados

“Na verdade, é difícil imaginar um conjunto de crenças mais indicativo de doença mental do que o que se encontra no cerne de muitas de nossas tradições religiosas”

Sam Harris

“A fé não move montanhas. Mas é capaz de levar as pessoas a uma loucura tão perigosa que a fé me parece qualificar-se como uma espécie de doença mental”

Richard Dawkins

Introdução

Ao compararmos a biografia dos quatro autores, percebemos que apesar de suas inúmeras diferenças naturais, elas também carregam alguns traços muito próximos, em especial no que tange ao momento em que cada um deles escolheu se converter ao ateísmo, e como isso passou a direcionar muito de suas relações pessoais e profissionais.

Essa retrospectiva nos possibilitou perceber nuances do discurso de cada um deles que revelaram que mesmo aqueles que poderiam ser considerados como tendo o tom mais moderado e aberto ao diálogo com as religiões, na verdade também carregam em seus discursos elementos de radicalidade e de tentativa de exclusão do contraditório, que, neste caso, é o discurso religioso. Por isso, nesse primeiro capítulo de nosso estudo, vamos analisar mais cuidadosamente a biografia, bibliografia e o alcance social desses 4 autores.

E um dos primeiros pontos que devemos analisar é a islamofobia manifesta dos cavaleiros do ateísmo. Além de um sentimento real de aversão, muitas vezes é possível perceber que esses autores usam o Islã como uma espécie de acessório para abrir um flanco de ataque não só para a religião muçulmana, mas para todas as demais religiões. Essa estratégia se mostrou, e ainda se mostra, extremamente poderosa quando somada ao pânico gerado por ataques terroristas. De acordo com Anthony:

Em *Os Quatro Cavaleiros* (livro com transcrição da conversa entre os quatro autores), a incompatibilidade entre o Islã e os valores humanistas seculares surge em um dos poucos momentos de disputa grupal. A discussão se volta para a questão da malevolência religiosa comparativa. Dawkins caracteriza isso como “se o Islã é pior que o Cristianismo”. Hitchens considera que todas as religiões são “latentemente” igualmente perigosas. Mas Harris rejeita esse igualitarismo medroso. “O caos que está acontecendo sob a égide do Islã simplesmente não pode ser comparado ao fato de que temos duas pessoas por

década que matam abortistas”, ele diz aos outros três.⁷ (ANTHONY, 2019, p.1, tradução nossa)

Nesse sentido, é preciso deixar claro que a islamofobia, identificada nas declarações recorrentes desses autores, não é apenas um sentimento de rejeição exclusivo a um grupo religioso específico. Em todos os principais livros desses autores, as crenças religiosas são atacadas como um todo, sem distinção específica de qualquer religião. Os atos terroristas, possivelmente em sua maioria praticados por muçulmanos, são apenas “cartas lançadas à mesa” para trazer pânico e repulsa à mente de quem os lê e os escuta. Como explica Novak:

Todos os três livros [de Harris, Dennett e Dawkins] também demonstram considerável desdém pelo judaísmo. Dawkins o chama de “um culto tribal de um único Deus ferozmente desagradável, obcecado com restrições sexuais, com o cheiro de carne queimada, com sua própria superioridade sobre deuses rivais e com a exclusividade de sua tribo escolhida no deserto”. E o Deus do Antigo Testamento, Dawkins chama de “delinquente psicótico”. E não é como se eles admirassem o Islã; em vez disso, eles usam o Islã como uma arma para atacar o Cristianismo e o Judaísmo. [...] Na verdade, então, a principal intenção dos três autores é elogiar a superioridade do ateísmo, pelo menos do ateísmo racional de professores como eles.⁸ (NOVAK, 2007, p.1, tradução nossa)

Outro ponto que precisa ser bem observado, e o será nos próximos capítulos, é o suposto desconhecimento teológico que os ateus demonstram. O nível de insciência a respeito dos textos sagrados e da hermenêutica que existe sobre eles é, às vezes, tão elevado, que o que é mais provável é que esses autores, na verdade, estejam construindo aquilo que na arte da retórica chamamos de “espantalho” – uma descrição irreal do adversário, construída precisamente por facilitar o ataque. Não obstante, o nível de desconhecimento teológico pode ser mesmo real. Novak lembra que:

Nenhum deles jamais colocou suas ideias fracas, confusas e insondáveis a respeito de Deus sob escrutínio. Seu hábito mental natural é antropomórfico. Tendem a pensar em Deus como se Ele fosse um ser humano, sujeito às limitações humanas. Eles são quase tão literais em suas leituras da Bíblia

⁷ Texto original Anthony (2019): “*In The Four Horsemen, the incompatibility of Islam and secular humanist values comes up in one of the few moments of group dispute. The discussion turns to the issue of comparative religious malevolence. Dawkins characterises this as “whether Islam is worse than Christianity”. Hitchens takes the view that all religions are “latently” equally dangerous. But Harris rejects this pussyfooting egalitarianism: “The mayhem that’s going on under the aegis of Islam just cannot be compared to the fact that we have two people a decade who kill abortionists,” he tells the other three.*”

⁸ Texto original Novak (2007): “*But all three books evince considerable disdain for Judaism, too. Dawkins calls it “a tribal cult of a single fiercely unpleasant God, morbidly obsessed with sexual restrictions, with the smell of charred flesh, with his own superiority over rival gods, and with the exclusiveness of his chosen desert tribe.” And the God of the Old Testament, Dawkins calls a “psychotic delinquent.” And it is not as if they admire Islam; rather, they use Islam as a weapon for bashing Christianity and Judaism. [...] In truth, then, the main intention of all three authors is to praise the superiority of atheism, at least the rational atheism of professors such as themselves.*”

quanto o fundamentalista menos instruído e mais literal da zona rural de Flannery O'Connor, na Geórgia. Eles se deleitam em encontrar contradições e impossibilidades nessas suas leituras literais, mas toda a força de seu ridículo depende da má leitura da forma literária das passagens bíblicas em questão, sejam eles alegóricos, metafóricos, poéticos ou ressonantes, com muitos significados para o alimento de uma alma sob estresse.⁹ (NOVAK, 2007, p.5, tradução nossa)

Dito isto, vamos nos aprofundar na história e na bibliografia de cada um desses quatro cavaleiros que almejaram com tanto fervor tornar o mundo um lugar majoritariamente feito de descrentes.

⁹ Texto original Novak (2007): “None of them ever put their weak, confused, and unplumbed ideas about God under scrutiny. Their natural habit of mind is anthropomorphic. They tend to think of God as if He were a human being, bound to human limitations. They are almost as literal in their readings of the Bible as the least educated, most literal-minded fundamentalist in Flannery O'Connor's rural Georgia. They regale themselves with finding contradictions and impossibilities in these literal readings of theirs, but the full force of their ridicule depends on misreading the literary form of the Biblical passages at stake, whether they be allegorical, metaphorical, poetic, or resonant with many meanings, for the nourishment of a soul under stress.”

1.1 Daniel Dennett

Daniel Clement Dennett III é um premiado e profícuo filósofo americano, conhecido por suas pesquisas e proposições sobre a teoria do desenvolvimento evolutivo da cognição humana. Desde os anos 90, Dennett já gozava de reconhecimento social e figurava entre os autores mais conhecidos no campo da filosofia da ciência. Mas, foi apenas depois dos atentados de 11 de setembro que Dennett passou a ser mundialmente conhecido pelo público fora da Academia. Em especial quando assumiu um dos lugares de cavaleiro do ateísmo.

Dennett é uma das figuras mais proeminentes do debate contemporâneo a respeito da relação entre fé e ciência. No decorrer de sua carreira, ele explorou diversos temas relacionados com a crença religiosa, se posicionando de forma bastante crítica, porém sempre de uma maneira não diretamente hostil. Nesse subcapítulo, faremos uma retrospectiva de alguns dos principais pontos da vida e das principais obras desse pensador, buscando entender como eles podem estar relacionados com algum tipo de radicalismo em seu discurso antirreligioso.

Dennett nasceu em 28 de março de 1942, na cidade de Boston (EUA), filho de Daniel Dennett Jr, um historiador que depois se tornou espião no Líbano, trabalhando para o governo americano durante a II Guerra Mundial. Em 1947, quando Dennett tinha apenas 5 anos, seu pai morreu em um suspeito acidente aéreo, durante uma missão na Etiópia. (BROWN, 2004, p.1) Ele e a família voltaram para Massachusetts, onde cresceu e continuou vivendo após se casar com Susan Bell em 1962. Dennett, hoje, está com 81 anos, tem dois filhos e cinco netos.

Durante sua infância e adolescência, Dennett foi criado em um ambiente religioso, e costumava frequentar a Igreja Unitarista Universalista (*Unitarian Universalism*). No entanto, à medida que foi entrando em contato com a filosofia e o naturalismo científico, Dennett começou a questionar as crenças e dogmas religiosos que lhe haviam sido ensinados. Segundo ele, essa fase de dúvidas que viveu durante o período de transição da religiosidade à descrença, foi crucial para sua posterior abordagem crítica do pensamento religioso.

Dennett formou-se filósofo em 1963 pela Universidade de Harvard, e apenas dois anos depois, em 1965, já recebia seu título de doutorado na também muito prestigiada Universidade de Oxford, tendo sido orientado pelo conhecido filósofo britânico Gilbert Ryle (1900-1976). Ryle era conhecido por sua militância em favor do ateísmo. Ele foi um dos principais representantes do movimento que ficou conhecido como “filosofia da linguagem comum”. Ryle acreditava que a filosofia tinha a missão de clarear a mente humana, livrando-a do

obscurantismo religioso. Sua principal obra, “O Conceito de Mente”, foi publicada em 1949, e é uma crítica à visão dicotômica corpo/mente, introduzindo a famosa expressão: “o dogma do fantasma na máquina”.

Embora a posição ateísta não seja o cerne da estrutura filosófica proposta por Ryle, ele se posicionava como um severo crítico das religiões e da crença de que existe uma entidade sobrenatural ou divina. E, certamente, as ideias ateístas desse pensador tiveram alguma influência sobre Dennett, que, décadas depois, viria a superar seu mestre em termos de propagação do ateísmo pelo mundo.

Entre 1966 e 1971, lecionou na *U.C. Irvine*. Então se mudou para Tufts, onde passou a lecionar e se tornou codiretor do Centro para Estudos Cognitivos da *Tufts University* (EUA). Também deu aulas em diversas outras Universidades durante períodos de visita, como: Harvard, Pittsburgh, Oxford e na *École Normale Supérieure* (Paris). Passou os quarenta anos seguintes de sua carreira acadêmica realizando pesquisas interdisciplinares, escrevendo livros e artigos, e fazendo contribuições nos estudos sobre psicologia do desenvolvimento cognitivo, consciência, teoria da evolução, e, mais recentemente, inteligência artificial.

Essa formação acadêmica também exerceu influência direta em sua visão ateísta e fortemente crítica às religiões. Sua proposta filosófica defende uma percepção exclusivamente naturalista e materialista do mundo, na qual a religião e as crenças sobrenaturais são descritas como meros produtos da mente humana, que podem ser estudados, ridicularizados e descartados, quando estiverem trazendo mais prejuízos do que benefícios ao tecido social. (DENNETT, 2006)

Dennett é um escritor bastante profícuo. Autor de mais de trezentos artigos acadêmicos sobre os mais variados aspectos da mente. Ele publicou em periódicos de diversas naturezas, desde sociologia, antropologia, neurociências, inteligência artificial, ciências comportamentais, até revistas com propostas totalmente distintas, como: poesia, arte e estética. Dennett admite que não entende todos os detalhes científicos e técnicos de cada área sozinho. Por isso, na maioria dos seus textos, percebe-se que ele só vai até um nível moderado de detalhes e especificidades técnicas dos assuntos abordados.

Seu primeiro livro “*Content and Consciousness*” foi publicado em 1969. Quase uma década depois, ele publicou “*Brainstorms*” (1978), seguidos de “*Elbow Room*” (1984) e “*The Intentional Stance*” (1987), todos com alcance limitado e pouca relevância no cenário nacional. Mas em 1991, ele publicou “*Consciousness Explained*”. Nessa obra, Dennett levanta uma série

de hipóteses evolutivas para explicar alguns dos possíveis processos pelos quais a mente toma decisões e produz diversos tipos de conteúdo. Dennett defende que existe uma espécie de “darwinismo neural”, onde a nossa consciência funciona como um sofisticado sistema de seleção natural, que nos transmite a ideia de estarmos fazendo escolhas, quando, na verdade, apenas reagimos a um conjunto de influências externas de modo automático, seguindo os preceitos evolutivos darwinianos.

O livro é bem recebido pela mídia e ganha destaque no tema de funcionamento da mente. Muito do trabalho de Dennett desde então é voltado para fornecer elementos para as suas ideias expostas nessa obra, abordando nas demais publicações praticamente os mesmos temas, sempre a partir de uma perspectiva evolutiva. Para tal, Dennett repetidamente compara e busca fazer distinções entre a mente dos humanos e a mente de outros animais.

Quatro anos depois, seguindo o mesmo roteiro, Dennett lança “*Darwin's Dangerous Idea*” (1995). Essa obra repercutiu e teve um alcance ainda maior do que “*Consciousness Explained*”. Nesse texto ele analisa algumas das repercussões sociais e psicológicas do darwinismo e busca explicar a origem da moralidade a partir de processos evolutivos, rejeitando as afirmações de que ela seja fruto das concepções religiosas. Para Dennett a moralidade é o resultado de um processo de seleção natural do que é melhor para a sociedade.

O objetivo de Dennett é demonstrar que a humanidade não deve nada à religião no quesito de construção dos valores morais, pois eles são bastante variados, o que demonstra que sua origem pode ser melhor explicada a partir de processos de adaptação evolutiva do que por orientação divina. Nesse ponto, Dennett se aproximou fortemente das teorias adaptacionistas do biólogo evolucionista Richard Dawkins – que também se encontrava em ascensão e já era conhecido pelo livro “O Relojoeiro Cego” (1986). Em “*Darwin's Dangerous Idea*”, Dennett defendeu com bastante afinco o adaptacionismo proposto por Dawkins, dedicando um capítulo inteiro (“*Bully for Brontosaurus*”) apenas para criticar as ideias de Stephen Jay Gould (1941-2002), oponente de Dawkins. Dennett afirma que Gould criou uma visão distorcida e errática da evolução com seus livros populares e suas críticas ao adaptacionismo, ao gradualismo e a outras teorias neodarwinianas.

Nesse sentido, o argumento central é que, mesmo que as teorias de Darwin estejam erradas, não haveria como voltar atrás na “perigosa ideia” de que a vida e a moral não precisaram ter sido criados por um Ser Supremo. Dennett acredita que a seleção natural, mesmo sendo um processo cego, é mais do que suficientemente poderosa para explicar a

evolução da vida e, conseqüentemente, da moral, sem que seja necessário nenhum tipo de “*skyhooks*” (“guindastes”) – termo utilizado por Dennett para se referir à necessidade de intervenção divina na origem da vida e de sua diversidade. Para o filósofo, tudo não passa de escolhas algorítmicas do que é melhor. Assim, ao replicar essa simples concepção, os processos funcionariam de tal maneira que os resultados para os quais eles tendem não teriam outro fim se não aqueles que observamos na natureza.

Quebrando o Encanto de Dennett

Nos anos seguintes, após o sucesso de “A Ideia Perigosa de Darwin”, Dennett lança outras duas obras de pouca relevância, que acrescentavam muito pouco aos seus escritos anteriores: “*Kinds of Minds*” (1996) e “*Freedom Evolves*” (2003). É então que em 2006 é lançado aquele que seria o maior de todos os sucessos de vendas do filósofo: “*Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon*” (Quebrando o Encanto: A Religião como um Fenômeno Natural). É nessa obra que Dennett vai tentar reificar a religião, assumindo-a como um objeto passível de ser abordado cientificamente e, ao mesmo tempo, ter sua origem explicada a partir de processos evolutivos naturais.

No entanto, mais do que simplesmente uma abordagem naturalista da religião – algo que não é novidade desde “*Primitive Culture*”, lançado em 1873 por Edward Burnett Tylor (1832-1917) – aquilo que realmente chamou a atenção no livro de Dennett foi sua defesa enfática do ateísmo como um modo de pensar superior, definindo o pensamento religioso como infantil e obsoleto. É nessa obra que Dennett vai se apresentar com um “*bright*” (brilhante). Falaremos mais dessa proposta de usar esse termo *bright* para se diferenciar das pessoas religiosas na segunda parte de nossa pesquisa. Por enquanto, interessa-nos entender como Dennett finalmente entra no embate direto com os religiosos e se torna um dos principais líderes do movimento neoateísta que estava florescendo. Segundo o próprio autor:

No mesmo ano, publiquei um artigo de opinião no *New York Times* sobre ser ateu e sobre o novo termo para nós, 'brilhantes' (*brights*), cunhado por Mynga Futrell e Paul Geisert para destacar os paralelos entre os milhões de ateus enrustidos e os milhões de gays não tão enrustidos. Poucos comentaristas aprovaram o termo; mas então, poucos comentaristas inicialmente aprovaram a apropriação do termo 'gay' por homossexuais, e eles acabaram se provando errados: Duvido que qualquer palavra tenha feito mais para transformar a imaginação do público do que a palavra gay. Meu pequeno artigo desencadeou uma enxurrada de milhares de e-mails e cartas, extremamente positivos

(juntamente com um volume significativo de mensagens de ódio e ameaças de morte). Muitas das missivas me instavam a escrever mais sobre religião, numa época em que conservadores religiosos agressivos ameaçavam impor o máximo possível de sua marca de religiosidade aos EUA. Eu não tinha interesse em angariar argumentos para a inexistência de Deus, ou escrever sobre as perspectivas de ateísmo – um termo que, tenho certeza, acabará se tornando tão desnecessário quanto *'round-earthism'*. Eu tinha, no entanto, desenvolvido um interesse em como as religiões evoluíram, então deixei de lado todos os meus outros projetos e dediquei os próximos dois anos a pesquisar e escrever *“Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon”*, publicado em 2006. Não é realmente um livro de filosofia, embora tenha algumas análises e argumentações filosóficas.¹⁰ (DENNETT, 2008c, p.1, tradução nossa)

O referido livro é dividido em três partes. Na primeira, o autor levanta a discussão sobre a motivação e as principais justificativas que lhe levaram à pesquisa que deu origem ao livro. Destarte, Dennett tenta responder a duas questões relevantes: A ciência poderia estudar a religião? A ciência deveria estudar a religião? Depois de responder afirmativamente a ambas, ele argumenta que a religião precisa ser analisada sob o escopo científico, afirmando que isso possibilita entender melhor sua natureza e qual será o seu futuro. Nesse sentido, o “feitiço” que Dennett quer “quebrar” não é a própria crença religiosa em si, mas um suposto tabu, que interditaria a análise e a crítica da religião como fenômeno natural: “O encanto que eu digo que deve ser quebrado é o tabu contra uma pesquisa direta, científica e sem obstáculos dos segredos da religião como fenômeno natural, entre muitos outros”. (DENNETT, 2006, p.20)

Ele propõe que a religião pode ser analisada pela metodologia científica da mesma forma que os esportes, ou, até mesmo, uma doença. E na comparação que ele faz da religião com o câncer, há uma mensagem subliminar que será melhor esclarecida também na segunda parte desse estudo. Não obstante, o argumento de Dennett é de que:

Esporte e câncer são objetos de intenso escrutínio científico por parte de pesquisadores que trabalham em diversas disciplinas e cultivam credos religiosos diferentes. Todos eles pressupõem, tentativamente e a bem da

¹⁰ Texto original Dennett (2008): *“The same year I published an op/ed piece in the New York Times about being an atheist, and about the new term for us, ‘brights’, coined by Mynga Futrell and Paul Geisert to highlight the parallels between the millions of closeted atheists and the millions of no longer so closeted gays. Few commentators have approved of the term; but then, few commentators initially approved of the appropriation of the term ‘gay’ by homosexuals either, and they were eventually proven wrong: I doubt any single word has ever done more to transform the public imagination than the word ‘gay’. My short piece triggered a flood of thousands of emails and letters, overwhelmingly positive (along with a significant volume of hate mail and death threats). Many of the missives urged me to write more about religion, at a time when aggressive religious conservatives were threatening to impose as much of their brand of religiosity on the USA as possible. I had no interest in canvassing arguments for the non-existence of God, or writing about the prospects for atheism – a term which will, I’m sure, eventually become as unnecessary as ‘round-earthism’. I had, however, developed an interest in how religions have evolved, so I set aside all my other projects and devoted the next two years to researching and writing Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon, published in 2006. It’s not really a philosophy book at all, although it has some philosophical analysis and argumentation”.*

ciência, que os fenômenos que estudam são naturais. [...] É uma tarefa atemorizante, como tentar convencer sua amiga com sintomas de câncer de que ela realmente deveria ir ao médico já, uma vez que a ansiedade dela pode estar mal colocada, e quanto mais cedo ela souber disso, mais cedo poderá prosseguir com sua vida, e que se ela tiver câncer, uma intervenção a tempo poderá fazer muita diferença. Amigos podem ficar bastante aborrecidos quando você interfere em suas negativas nessas ocasiões, mas é preciso perseverança. Sim, eu quero pôr a religião na mesa de exame. Se for fundamentalmente benigna, como insistem muitos de seus devotos, ela vai se sair muito bem; as suspeitas serão acalmadas, e poderemos nos concentrar nas poucas patologias periféricas das quais a religião, como qualquer outro fenômeno natural, é presa. Caso contrário, quanto mais cedo identificarmos os problemas, melhor. (DENNETT, 2006, p.25, 34)

O autor vai propor tal investigação científica como um modelo mais restrito em suas formas, delimitando-o à coleta de evidências que são empiricamente reproduzíveis e testáveis. Dennett tenta, a todo momento, trazer para o leitor a visão de que existe uma linha muito bem traçada que distingue a religião da ciência, em especial das chamadas “ciências naturais”. Assim, Dennett descarta como não-científicas um enorme volume de evidências históricas narradas e de casos específicos provindos de experiências pessoais. Para esse filósofo, o que não pode ser reproduzido em condições controladas, não pertence ao escopo da ciência. Mas, para o professor associado de ciência política da *Duquesne University* (Pittsburgh, EUA), Charles Rubin:

Dennett acredita – ou quer que acreditemos – que ao propor o estudo científico da religião ele está bravamente quebrando um tabu. Mas parece improvável que Dennett tenha muito a temer de seus colegas no clube da universidade, e mesmo ele deva qualificar repetidamente sua reivindicação ao título de quebra-tabu. Sem dúvida, muitos crentes piedosos não estão dispostos ou não têm interesse em ver suas crenças mais fundamentais examinadas de perto. Às vezes, Dennett afirma estar escrevendo para esses crentes, tentando levá-los a se abrir para tal exame. Mas quanto mais provável for que um leitor religioso em potencial fique chateado com o livro de Dennett, menos provável será que ele o compre em primeiro lugar. E, claro, Dennett está perfeitamente ciente de que temos “olhado cuidadosamente para a religião há muito tempo”. Parte desse estudo pode até ser útil, apesar do fato de haver “poucos bons pesquisadores, em qualquer disciplina” que abordaram o assunto. Esses “colegas de segunda categoria” fizeram um trabalho de segunda categoria porque o estudo objetivo da religião tem sido em grande parte território da ciência social, que não é de forma alguma o tipo de ciência que Dennett acredita que vale a pena. Em vez disso, o que precisamos é de uma investigação sobre religião informada por Darwin, um estudo baseado nas “hipóteses testáveis da psicologia evolutiva”.¹¹ (RUBIN, 2006, p.1, tradução nossa)

¹¹ Texto original Rubin (2006): “Dennett believes — or wants us to believe — that by proposing the scientific study of religion he is bravely breaking a taboo. But it seems unlikely that Dennett has much to fear from his colleagues at the university club, and even he must repeatedly qualify his claim to the title of taboo-breaker. No doubt many pious believers are unwilling or uninterested in seeing their most fundamental beliefs closely scrutinized. At times, Dennett claims to be writing to such believers, trying to get them to open up to such examination. But the more a potential religious reader is likely to be upset by Dennett’s book, the less likely he would be to pick it up in the

Na segunda parte de seu livro, Dennett usa uma série de hipóteses evolutivas da biologia para apresentar possíveis formas de evolução da religião a partir de crenças populares ou, simplesmente, do animismo. Nada muito diferente do que já haviam proposto outros pensadores nos primórdios da Antropologia, exceto pelo elemento da memética, que, segundo Dennett, explica a forma como as crenças religiosas se desenvolvem e são espalhadas por todos os povos em todas as épocas conhecidas da humanidade. Aqui ele trabalha com o conceito de “meme” criado por Dawkins, como sendo uma pequena informação e/ou ideia, que se espalha rapidamente através de replicadores culturais de conteúdo. Na hipótese levantada por Dennett:

O motivo pelo qual o processo [da evolução] consegue funcionar é exatamente o mesmo na cultura humana e na genética: replicação diferenciada. [...] Esse conceito de replicadores culturais - itens que são copiados repetidas vezes - receberam um nome, por Richard Dawkins (1976), que propôs chamá-los de memes [...] A engenharia memética, do mesmo modo como a engenharia genética, pode criar monstros, se não formos cuidadosos, e se eles escaparem do laboratório, poderão proliferar, apesar de nossos melhores esforços. (DENNETT, 2006, p.59, 127)

Mesmo alegando que são necessárias mais pesquisas (que não foram feitas mais de 15 anos após ele lançar o livro), Dennett tem certeza de que o meme da religião é tão nocivo à sociedade quanto o é um parasita para um organismo hospedeiro. E um sintoma disso, segundo Dennett, é a persistência dos ensinamentos religiosos mesmo que eles, supostamente, já tenham sido refutados pela ciência moderna.

Outro elemento que Dennett aponta como algo que demonstra o quanto a religião é deletéria, é a propensão que alguns de seus adeptos têm, segundo ele, de se tornarem fanáticos. É como se a religião fosse uma música ruim que ouvimos e saímos cantarolando e ensinando os outros a cantar essa mesma melodia, que, apesar de popular, é pouco sofisticada. Por isso, Dennett repetidamente compara a religião a um “feitiço perigoso” que, de algum modo, precisa ser quebrado pelo pensamento científico. E, segundo o premiado físico teórico, matemático e pensador britânico-americano, Freeman Dyson (1923-2020), o que realmente Dennett quer que acreditemos é que existe uma suposta “crença na crença”, que encantou as pessoas e fez a religião prosperar e se cristalizar nas sociedades:

first place. And of course, Dennett is perfectly aware that we have “been looking carefully at religion for a long time.” Some of that study might even be useful, despite the fact that there have been “few good researchers, in any discipline” who have taken up the topic. These “second-rate colleagues” have done second-rate work because the objective study of religion has largely been the province of social science, which is not at all the sort of science Dennett believes is worthwhile. Rather, what we need is an inquiry into religion informed by Darwin, a study based in the “testable hypotheses of evolutionary psychology.”

Dennett apresenta outras hipóteses sobre a evolução da religião. Ele observa que a crença, que significa aceitar certas doutrinas como verdadeiras, é diferente da crença na crença, que significa acreditar que a crença nas mesmas doutrinas é desejável. Ele encontra evidências de que um grande número de pessoas que se identificam como crentes religiosos não acredita de fato nas doutrinas de suas religiões, mas apenas acreditam na crença como um objetivo desejável. O fenômeno da “crença na crença” torna a religião atraente para muitas pessoas que de outra forma seriam difíceis de converter. Para pertencer a uma religião, você não precisa acreditar. Você só tem que querer acreditar, ou talvez você só precise fingir que acredita. A crença é difícil, mas a crença na crença é fácil. A crença na crença é um dos fenômenos importantes que conferem a uma religião maior transmissibilidade e, conseqüentemente, maior aptidão. Dennett apresenta essa conexão entre crença na crença e aptidão como uma hipótese a ser testada, não como um fato cientificamente estabelecido.¹² (DYSON, 2006, p.3, tradução nossa)

Na terceira e última parte de “Quebrando o Encanto”, Dennett retoma a estratégia de listar acontecimentos negativos que foram provocados por fanáticos religiosos, ou simplesmente por posicionamentos idiossincráticos de alguns que eram tidos como guias espirituais. O filósofo então generaliza o comportamento reprovável para todos os outros religiosos – que, na visão do autor, ou cometem atos abomináveis, ou pensam em cometer em nome de suas crenças. Assim, todo religioso pode ser percebido com um fundamentalista em potencial. Ao mesmo tempo, Dennett descarta a religião como uma fonte legítima de valores morais, uma vez que ela está baseada no temor de ser punido ou na esperança de ser recompensado. Nesse sentido, a moral adotada por pessoas esclarecidas pelo ateísmo é superior a moral dos religiosos. Segundo ele:

O papel mais importante da religião é sustentar a moralidade, pensam muitos, dando às pessoas um motivo invencível para serem boas: a promessa de uma recompensa eterna no céu, e (dependendo do gosto) a ameaça de punição eterna no inferno, se não o forem. Sem o incentivo divino, segue o raciocínio, as pessoas ficariam por aí sem metas, ou se entregariam a seus desejos mais baixos, quebrar suas promessas, enganar os esposos, negligenciar suas obrigações e daí por diante. Há dois problemas bem conhecidos com esse raciocínio: (1) não parece ser verdadeiro, o que é uma boa notícia, já que (2) é uma visão muito degradante da natureza humana. [...] *Brights* e outros sem afiliação religiosa exigem a mesma amplitude de excelência moral e de torpeza que os cristãos renascidos. Exatamente, assim como integrantes de religiões que não enfatizam, ou negam ativamente qualquer relação entre o

¹² Texto original Dyson (2008): “Dennett puts forward other hypotheses concerning the evolution of religion. He observes that belief, which means accepting certain doctrines as true, is different from belief in belief, which means believing belief in the same doctrines to be desirable. He finds evidence that large numbers of people who identify themselves as religious believers do not in fact believe the doctrines of their religions but only believe in belief as a desirable goal. The phenomenon of “belief in belief” makes religion attractive to many people who would otherwise be hard to convert. To belong to a religion, you do not have to believe. You only have to want to believe, or perhaps you only have to pretend to believe. Belief is difficult, but belief in belief is easy. Belief in belief is one of the important phenomena that give a religion increased transmissibility and consequently increased fitness. Dennett puts forward this connection between belief in belief and fitness as a hypothesis to be tested, not as a scientifically established fact”.

comportamento moral “na terra” com uma eventual recompensa e castigo pós-morte. E quando se trata de “valores de família”, a evidência disponível até agora sustenta a hipótese de que os *brights* têm a menor taxa de divórcio nos Estados Unidos, e os cristãos renascidos, a mais alta. (DENNETT, 2006, p.187)

Dennett então, apresenta uma lista de ações reprováveis relacionadas com a religião – alegando que faz uma análise científica ao emitir suas opiniões sobre cada ação –, demonstrando como isso não teria acontecido se não houvesse nenhuma religião. No decorrer dos capítulos da terceira parte, Dennett constantemente levanta questões como: A religião nos torna morais? A religião nos torna melhores? A religião faz bem à saúde? É a religião que dá sentido à vida? O que deve ser ensinado para as crianças sobre as crenças religiosas? Mas, nesse sentido, não podemos culpá-lo, pois desde o início Dennett deixa claro o que ele irá fazer durante todo o seu livro:

Depois, tendo montado a minha defesa para iniciar o projeto, vou começar o projeto! Não respondendo às grandes questões que motivaram toda a empreitada, mas fazendo as perguntas, o mais cuidadosamente que puder, chamando a atenção para o que já sabemos sobre como responder a essas perguntas – e mostrando por que precisamos respondê-las. Sou um filósofo, não um biólogo, um antropólogo, um sociólogo ou um teólogo. Nós, filósofos, somos melhores em fazer perguntas do que em respondê-las, e isso pode parecer, para algumas pessoas, uma cômica admissão de futilidade. (DENNETT, 2006, p.21)

Dennett realmente cumpre sua promessa. Ele, de fato, não responde às perguntas que levanta no decorrer de quatrocentas páginas. Por isso, em muitos momentos o livro prossegue em um ritmo lento, com muitas digressões e com pouca, ou nenhuma, característica de pesquisa científica. Mas, no que concerne à questão da relação entre a moral e a religião, em uma entrevista mais recente, de julho de 2015 (mesmo não tendo realizado as pesquisas que ele disse que seriam necessárias em seu livro), Dennett deixou claro quais são as suas conclusões sobre esse tema, afirmando que a religião, além de não ter ajudado na estruturação da moral humana, ainda teria atrapalhado seu desenvolvimento. Quando perguntado pela jornalista Núria Jar, “como as crenças religiosas influenciam na capacidade moral?” Ele respondeu:

Elas não têm nada a ver com isso. A capacidade moral é um ideal, algo como uma boa prática. Muitas pessoas chegam a elas por meio da religião, que é apenas uma eventualidade. Afinal, a moral de hoje é bem diferente da moral do Antigo Testamento, ninguém quer viver como há milhares de anos. Achamos a escravidão ofensiva, por exemplo. A religião não é o motor da moralidade, mas o freio que retardou seu desenvolvimento. Embora lentamente atualizado, quase convencemos os católicos de que não há problema com a homossexualidade. Elas não nos guiam, elas nos seguem. E

isso acontece com todas as religiões.¹³ (DENNETT apud JAR, 2015, p.1, tradução nossa)

Interessante notar que, mesmo diante de tantas questões que são levantadas e não respondidas, e embora muitas vezes ele mesmo afirme que muitas outras pesquisas ainda são necessárias para que sejam confirmadas suas hipóteses, Dennett parece ter uma certeza: A crença em Deus não é mais necessária. O que devemos discutir é apenas se a “a crença na crença” ainda deve ser mantida e qual o papel que lhe cabe atualmente e no futuro. Para ele:

Basta de crença em Deus. E a crença na crença em Deus? Ainda não investigamos todas as bases dessa crença na crença. Não será ela verdadeira? Ou seja, não é verdade que, exista Deus ou não, a crença religiosa é pelo menos tão importante quanto a crença na democracia, no domínio da lei, no livre-arbítrio? A opinião muito disseminada (mas longe de universal) é que a religião é o bastião da moralidade e do valor. Sem religião, cairíamos na anarquia e no caos, em um mundo em que “qualquer coisa vale”. Os cinco últimos capítulos expuseram uma variedade de truques conhecidos, redescobertos inúmeras vezes, e que tendem a ter o efeito de proteger as práticas religiosas contra a extinção ou a erosão que ultrapasse o reconhecimento. (DENNETT, 2006, p.164)

A Sutileza de Dennett

Nesse ponto se levantam duas questões óbvias: A primeira, é qual a definição que Dennett tem de religião? E a segunda, é qual a definição que ele tem de Deus? Dennett define religião como um “sistema social cujos participantes confessam a crença em um agente ou agentes sobrenaturais cuja aprovação eles buscam”. (DENNETT, 2006, p.15)

Já no que se refere ao conceito de Deus, o filósofo apresenta aquilo que ele acredita ser um conflito existente nas religiões abraâmicas entre a imagem de Deus como um ser eterno, além da matéria, onisciente, onipotente, etc., e Deus como agente que tem ouvidos para escutar e atender nossas preces. O conflito se estabelece por se sustentarem duas imagens opostas, uma imagem antropomórfica da divindade e outra de um ser etéreo e necessário. (DENNETT, 2006, p. 16-17). É interessante notar que em todo o “Quebrando o Encanto”, não temos uma descrição

¹³ Texto original Jar (2015): “No tienen nada que ver. La competencia moral es un ideal, algo así como las buenas prácticas. Mucha gente llega a ellas a través de la religión, que solo es una contingencia. Después de todo, la moral actual es bastante diferente de la moral del Antiguo Testamento, nadie quiere vivir como hace miles de años. Encontramos ofensiva la esclavitud, por ejemplo. La religión no es el motor de la moral sino el freno que ha ralentizado su desarrollo. Aunque se actualiza poco a poco, casi hemos convencido a los católicos de que no hay ningún problema con la homosexualidad. Ellos no nos guían, nos siguen. Y esto pasa con todas las religiones”.

do próprio autor do que ele entende ser Deus, apesar de ele atribuir-Lhe uma série de características humanas, afirmando que são essas as crenças de todos (ou da maioria) os religiosos. Isso também ocorre em suas obras anteriores. Mas, em 2010, Dennett publica um texto que demonstra que, para ele, qualquer outra forma de entendimento de Deus sem que Este tenha características antropomórficas é uma espécie de “ateísmo disfarçado”. Isso, em alguns momentos, dá a impressão de ser uma busca por um viés de confirmação de sua visão ateísta. Segundo esse filósofo:

Um espectro de concepções disponíveis de Deus pode ser colocado em uma ordem grosseira com um antropomorfismo franco em um extremo – um Deus existindo no tempo e no espaço, com olhos, e mãos, e amor, e raiva – por meio do deísmo, um Deus de alguma forma ainda pessoal que se importa, mas está, no entanto, fora do tempo e do espaço e não intervém, e a ainda mais abstrata Base de todo Ser, da qual (quase?) todas as características antropomórficas foram removidas, até o ateísmo franco: absolutamente nada é apropriadamente chamado de Deus. Para algumas pessoas, o deísmo já é um ateísmo disfarçado, mas outras são mais flexíveis. Karen Armstrong (2009), por exemplo, descarta tanto as visões antropomórficas (“idolatria”) quanto os vários tipos de ateísmo, ao mesmo tempo em que afirma, como ela disse recentemente ao falar com Terry Gross em *Fresh Air*, que “Deus não é um ser de forma alguma”. Supondo que ela quis dizer o que disse, ela afirma, por simples transposição lógica, que nenhum ser é Deus. Isso parece ser uma declaração de ateísmo tão clara quanto alguém poderia pedir, mas não aos olhos dela.¹⁴ (DENNETT, 2010, p.124, tradução nossa)

Essa citação de Dennett revela uma característica muito comum do neoteísmo que é a de querer dizer no que os religiosos acreditam. Esse é um artifício que permite construir aquilo que na arte da retórica chamamos de “falácia do espantalho”, que ocorre quando se ignora o real posicionamento do adversário, e se substitui o argumento dele por uma versão distorcida, que não representa o que de fato a pessoa está defendendo. O objetivo é facilitar a refutação do argumento. Isso será melhor demonstrado também na segunda parte dessa tese. Todavia, nos interessa nesse momento notar que, buscando ser racional e concordar com as teorias mais aceitas sobre o início do Universo, o próprio Dennett se perde em afirmações contraditórias e

¹⁴ Texto original Dennett (2010): “A spectrum of available conceptions of God can be put in rough order, with frank anthropomorphism at one extreme – a God existing in time and space with eyes and hands and love and anger – through deism, a somehow still personal God who cares but is nevertheless outside time and space and does not intervene, and the still more abstract Ground of all Being, from which (almost?) all anthropomorphic features have been removed, all the way to frank atheism: nothing at all is aptly called God. To some people, deism is already atheism in disguise, but others are more flexible. Karen Armstrong (2009), for instance, dismisses both the anthropomorphic visions (“idolatry”) and the various brands of atheism, while claiming, as she recently put it while speaking with Terry Gross on *Fresh Air*, that “God is not a being at all.” Assuming that she meant what she said, she claims, by simple logical transposition, that no being at all is God. That would seem to be about as clear a statement of atheism as one could ask for, but not in her eyes”.

pouco lógicas. Por exemplo, William Lane Craig fez uma análise dos principais argumentos cosmológicos presentes nos discursos dos neoateístas e afirmou sobre a crença de Dennett:

Segue-se logicamente destas duas premissas que o universo teve uma causa. O proeminente filósofo ateu Daniel Dennett concorda que o universo teve uma causa, mas ele acha que a causa do universo foi o próprio universo! Sim, ele está falando sério! Naquilo que ele chama de “o truque *boot-strapping* final”, ele afirma que o universo criou a si mesmo. A visão de Dennett obviamente não tem sentido algum. Perceba que ele não está dizendo que o universo é autocausado no sentido de que ele sempre existiu. Não, Dennett concorda que o universo teve um começo absoluto, mas afirma que o universo trouxe a si mesmo à existência. Mas isto é claramente impossível, pois para que ele criasse a si mesmo, o universo já teria de existir. Ele teria de existir antes que ele existisse! A visão de Dennett é assim logicamente incoerente. A causa do universo deve ser, portanto, uma causa transcendente, além do próprio universo. (CRAIG, 2010, p.9)

Nesse ponto, em que Craig demonstra uma clara contradição lógica na visão de Dennett, é interessante notarmos que alguns críticos apontam que, apesar de ele construir a narrativa de “Quebrando o Encanto” com um dossel científico, ele assume como verdadeiras uma série de hipóteses não testáveis, tão pouco falseáveis. E, assim, fomenta em sua própria narrativa um aspecto mitológico, dogmático, não-científico. Como aponta Rubin:

Em primeiro lugar, precisamos de mais pesquisas sobre a evolução da religião. Seu próprio livro é composto principalmente de “histórias possíveis” – palpites sobre as origens evolutivas da religião – mas ele quer que os cientistas desenvolvam hipóteses mais testáveis e pesquisas para testá-las. Os crentes que não estão dispostos a submeter suas crenças aos estritos cânones da racionalidade científica devem ser excluídos da discussão. “Nós” simplesmente não temos obrigação de levar a sério o que eles [os religiosos] têm a dizer, exceto como dados. Às vezes, “nós” significa a comunidade acadêmica de elite; outras vezes, significa a democracia moderna como um todo.¹⁵ (RUBIN, 2006, p.1, tradução nossa)

Dennett se defende alegando que há uma diferença fundamental entre os seus dogmas evolutivos e os dogmas religiosos, uma vez que ele não teria uma relação sentimental com o naturalismo, podendo abrir mão dele se for uma escolha racional. No entanto, na própria citação em que Dennett se defende de não ser um cientificista religioso, ele também diz que acredita que a salvação da humanidade pode depender das pessoas entenderem e aceitarem a teoria de

¹⁵ Texto original Rubin (2006): “*First and foremost, we need more research into the evolution of religion. His own book is made up mostly of “possible stories” — educated guesses about the evolutionary origins of religion — but he wants scientists to develop more testable hypotheses and the research to test them. Believers who are not willing to subject their beliefs to the strict canons of scientific rationality are to be excluded from the discussion. “We” simply have no obligation to take what they have to say seriously, except as data. At times, “we” means the elite academic community; at other times, it means modern democracy as a whole.*”

Darwin como correta. Isso por si só revela um caráter bastante dogmático da forma de pensar, o que é diametralmente oposto aquilo que ele tenta demonstrar em toda sua obra. Afirma ele:

Eu também quero que o mundo seja um lugar melhor. Por esse motivo quero que as pessoas compreendam e aceitem a teoria da evolução: eu acredito que a salvação pode depender disso! Como assim? Abrindo-lhes os olhos para os perigos de pandemias, degradação do ambiente e perda da biodiversidade, e informando a elas sobre algumas das fraquezas da natureza humana. Então a minha crença de que a crença na evolução é um caminho para a salvação não é uma religião? Não, existe uma grande diferença. Nós, que gostamos da evolução, não honramos aqueles cujo amor à evolução impede que pensem clara e racionalmente a respeito dela! Pelo contrário, somos particularmente críticos com relação àqueles cujas incompreensões e declarações românticas errôneas sobre essas grandes ideias desorientaram a eles mesmos e aos outros. Do nosso ponto de vista, não existe porto seguro para o mistério ou a incompreensão. Sim, há humildade, espanto, puro deleite com a glória do panorama evolutivo, mas esses sentimentos não estão acompanhados por (ou ao serviço de) um abandono voluntário (quanto mais arrebatador) da razão. Por isso, sinto como um imperativo moral disseminar a palavra da evolução, mas a evolução não é a minha religião. Eu não tenho religião. (DENNETT, 2006, p.179)

Para Leonardo Moreira, que realizou um extenso trabalho sobre o neoteísmo, aquilo que “Dennett propõe um é tipo de sacralização que segue a lógica naturalista. Para ele há sim algo de sagrado nesse mundo, e o que deve ser considerado sagrado é o próprio mundo em si”. (MOREIRA, 2014, p.68) Nesse sentido, Moreira chama a atenção para o fato de que até a dicotomia proposta por Dennett entre evolucionistas e religiosos é falsa. Em suas palavras:

Dennett enxerga uma diferença substancial entre os religiosos e os ateus ao se referir ao confronto de opiniões. Segundo ele, os ateus tendem a acolher bem as discussões, os exames de suas opiniões e visão de mundo. Por outro lado, os religiosos são vistos, muitas vezes, como aqueles que não gostam de ter suas ideias confrontadas. Observamos que Dennett entende a religião como algo estagnado, que dificilmente aceita ideias novas, sendo corriqueiramente tradicionalista, enquanto os ateus por sua vez estão quase sempre do lado do progresso. Há uma diferença substancial que não faz dos ateus religiosos, já que eles estão sempre abertos a reexaminar as suas proposições e as de outros. (MOREIRA, 2014, p.100)

Dennett é comumente referido como o membro mais “*soft*” dentre os quatro cavaleiros do ateísmo, por encontrar aspectos positivos da religião que não são vistos pelos demais, e também por propor uma espécie de “diálogo construtivo” entre crentes e ateus. Ele argumenta que um diálogo franco é tarefa tanto de um lado quanto do outro, e que isso deve acontecer sem estereótipos e preconceitos, objetivando a construção de um ambiente mais respeitoso e harmonioso entre as partes.

Em relação ao bem oriundo da religião, Dennett sustenta que a dedicação e a relação do religioso com seu Deus criou obras arquitetônicas extraordinárias, como igrejas, templos e mesquitas. Na música temos exemplos de louvor e cantigas natalinas tocantes. Na literatura, belíssimas histórias, com lições de moral elevadas. Nos ritos, cerimônias comoventes e encantadoras. E, incontáveis maravilhas em diversas outras artes, como a poesia, o teatro, o cinema, etc. Já em relação às boas ações, Dennett reconhece uma longa história de alívio do sofrimento, de anteparo para a dor, de todo o sistema de cuidado dos doentes e dos mais necessitados, um trabalho que foi e é exercido por um grande número de denominações religiosas. Ele chega até a reconhecer que a religião faz bem à saúde. Em suas próprias palavras: “Há muito do que os amantes da religião podem se orgulhar, em suas tradições, e muito pelo qual nós todos podemos ficar gratos.” (DENNETT, 2006, p.169) Se a reverência de Dennett tivesse ficado aí, seria justo dizermos que ele de fato deseja um diálogo. No entanto, ele prossegue:

O fato de tanta gente amar suas religiões, tanto quanto ou mais do que qualquer outra coisa na vida, é realmente um fato a ser ponderado. Eu estou inclinado a achar que nada poderia ter mais importância do que aquilo que as pessoas amam. [...] Mas, é triste dizer, mesmo que seja verdade, que nada pode importar mais que o amor. Não se pode deduzir daí que não temos motivos para questionar as coisas que nós e outros amamos. O amor é cego, como se diz, e como o amor é cego, muitas vezes leva à tragédia: há conflitos nos quais um amor é jogado contra outro amor, e alguém tem de ceder, com sofrimento garantido em qualquer resolução. Suponhamos que eu ame a música mais que a própria vida. Outras coisas ficando iguais, então, eu deveria preferir viver a minha vida em busca da exaltação da música, a coisa de que eu mais gosto, com todo o meu coração e toda a minha alma. [...] Reconheço que muita gente sente, a respeito da religião, o mesmo que eu sinto pela música. Eles podem ter razão. Vamos descobrir. Ou seja, vamos permitir que o assunto religião seja submetido ao mesmo tipo de indagação científica que é feita sobre o fumo e o álcool, e também a música. [...] Estou preparado para examinar atentamente os prós e os contras da música, e, se realmente for verdade que a música causa câncer, ódio étnico e guerra, então terei de pensar seriamente a respeito de como viver sem ouvir música. Só porque tenho tanta certeza de que a música não faz muito mal é que posso curtir-la com uma consciência tão pura. Se pessoas críveis me disserem que a música pode ser danosa ao mundo, considerando todos os aspectos, vou me sentir moralmente obrigado a examinar as provas tão desapassionadamente quanto puder. Na verdade, eu me sentiria culpado a respeito de minha devoção à música se não as examinasse. Mas não é a hipótese de que os custos da religião ultrapassem os benefícios ainda mais absurda que a fantástica alegação a respeito da música? Eu não acho. (DENNETT, 2006, p.169, p.36)

Essa citação de Dennett é muito reveladora no sentido de demonstrar uma estratégia muito utilizada pelo autor, que aqui no Brasil é popularmente conhecida como “morde e assopra”. No caso de Dennett, a menção a aspectos supostamente positivos da religião sempre

vem acompanhada de ênfase em elementos negativos, como o câncer, o fumo, as guerras, o ódio étnico, etc... Apesar de muitas vezes ser pouco claro como tais coisas se relacionam com a religião, elas são apresentadas como se fossem efeitos colaterais da existência dela, ou exemplos metafóricos do que a religião pode provocar na sociedade.

Um exemplo muito emblemático dessa estratégia de crítica encoberta por aparente reconhecimento de importância, pode ser visto no próprio aspecto “conciliatório” que Dennett assume ao proclamar que seu desejo é que as religiões sejam matéria de ensino obrigatório no ensino fundamental de toda as escolas. Se observarmos bem, veremos que o objetivo do intento não é exatamente o de ensinar a importância que as crenças religiosas têm ou tiveram na história da humanidade. Em verdade, seu objetivo parece ser exatamente o contrário. Segundo ele:

Ainda existe o grande e importante projeto de direcionar a nova abertura sobre a religião em direções efetivas, e estou dedicando mais tempo ao meu projeto de estabelecer um sistema de educação obrigatória sobre as religiões do mundo para todas as crianças nos Estados Unidos, porque todas as formas tóxicas de fanatismo religioso dependem da ignorância forçada dos jovens.¹⁶ (DENNETT, 2008c, p.1, tradução nossa)

É relevante atentar para o fato de que Dennett deseja ensinar os jovens desde cedo não que as religiões devem ser respeitadas e ter seu valor reconhecido, mas que elas são perigosas porque podem levar ao fanatismo religioso. Além disso, ao fazer recomendações sobre como a religião deve ser ensinada, Dennett ressalta que é necessário que se ensine “a verdade sobre a religião” – no caso, ele se refere à verdade da religião como fenômeno natural já totalmente desmistificada pela ciência. É esse o ensino que deve ser obrigatório em todas as escolas, públicas ou privadas.

Dennett também aponta para o diversionismo e a superexposição como estratégias que devem ser utilizadas no ensino da religião, segundo ele: “nós os ensinaremos sobre todas as religiões do mundo, de uma forma prática, histórica e biologicamente informada [...] Nenhuma religião deve ser favorecida e nenhuma deve ser ignorada”. (DENNETT, 2006, p.217) Mas aí temos um problema. Grande parte das histórias de muitas religiões chega a ser milenar. A quantidade de material cultural que já foi produzido a respeito de cada uma delas é absurdamente alta.

¹⁶ Texto original Dennett (2008c): “*There is still the large and important project of steering the new openness about religion in effective directions, and I am devoting further time to my project of establishing a system of compulsory education about the world’s religions for all children in the United States, on the grounds that the toxic forms of religious fanaticism all depend on the enforced ignorance of the Young*”.

Logicamente, Dennett sabe que a inclusão de tão vasto material leva o projeto de ensinar todas a um nível absurdo de conteúdo a ser ensinado, ainda mais se for levada a sério sua proposta de “ensinar às nossas crianças credos, costumes, proibições, rituais, textos, música e, quando cobrirmos a história da religião, devíamos incluir não só o positivo, mas também o negativo”. (DENNETT, 2006, p.217) Assim, qual o objetivo do filósofo ao propor algo tão claramente inviável? Ao refletirmos, veremos que Dennett não almeja fazer com que crianças e jovens entendam as diversas, complexas e reconhecidamente ricas tradições religiosas que existem no mundo. Na prática, os alunos seriam expostos a uma amostragem superficial de algumas particularidades das religiões, apresentadas como um conceito abstrato, relativo e, em muitos momentos, cientificamente absurdo. E Rubin ainda chama a atenção para um outro ponto tão relevante (ou até mais relevante) do que os anteriores. Diz ele:

O ensino obrigatório da religião nas escolas é acompanhado de uma terceira sugestão: que o ensino religioso dos pais seja monitorado de perto e tratado como uma forma potencial de abuso infantil. Os pais, ele sugere, devem ser proibidos de ensinar qualquer coisa “provável de fechar as mentes” das crianças “por meio do medo e do ódio” ou “desabilitando-as para a investigação” – exatamente o que Dennett acredita que muitas religiões fazem rotineiramente. “É só uma ideia”, ele diz timidamente. Se você jogar memes suficientes por aí, talvez alguns deles fiquem. Em vez de oferecer uma nova ciência da religião, Dennett parece mais interessado em lançar qualquer estratégia que enfraqueça ou destrua a influência da religião. Talvez essa retórica e políticas maquiavélicas sejam o que a vitória da ciência exige, mas isso, em si, dificilmente é ciência.¹⁷ (RUBIN, 2006, p.1, tradução nossa)

Outro detalhe que deve ser observado com cuidado é o sujeito desse processo proposto por Dennett: quem é o “nós” que ensinaria às crianças? Parece algo genérico, não definido, como se o “nós” de Dennett fosse a sociedade como um todo, a comunidade em termos abstratos em consenso. Entretanto, a depender do perfil das pessoas que constituem esse “nós”, o ensino da religião poderia ser transformado em uma doutrina antirreligiosa. De acordo com Dyson:

Após a dura descrição de Dennett dos males morais associados à religião, seu último capítulo de Quebrando o Encanto, “Agora o que fazemos?”, é brando e conciliatório. “Portanto, no final”, diz ele, “minha recomendação política central é que nós eduquemos as pessoas do mundo com delicadeza e firmeza, para que possam fazer escolhas verdadeiramente informadas sobre suas vidas”. Esta recomendação parece bastante inofensiva. Por que não podemos

¹⁷ Texto original Robin (2006): “*The required teaching of religion in schools goes along with a third suggestion: that parental teaching of religion be closely monitored and treated as a potential form of child abuse. Parents, he suggests, should be prohibited from teaching anything “likely to close the minds” of children “through fear and hatred” or “by disabling them from inquiry” — precisely what Dennett believes much religion routinely does. “It’s just an idea,” he says coyly. If you throw enough memes out there, maybe some of them will stick. Rather than offering a new science of religion, Dennett seems most interested in floating any strategy that will weaken or destroy the influence of religion. Perhaps such Machiavellian rhetoric and policies are what the victory of science requires, but this is, in itself, hardly science at all*”.

todos concordar com isso? Infelizmente, esconde divergências fundamentais. Para dar um significado concreto à recomendação, o significado da pequena palavra “nós” deve ser especificado. Quem somos os “nós” que devemos educar as pessoas do mundo? Em jogo está o controle político da educação religiosa, a mais controversa de todas as questões que a religião representa para as sociedades modernas. “Nós” podemos ser os pais das crianças a serem educadas, ou um conselho escolar local, ou um ministério nacional de educação, ou uma autoridade eclesial legalmente estabelecida, ou um grupo internacional de filósofos que compartilham as opiniões de Dennett. De todas essas possibilidades, a última é a menos provável de ser implementada. A recomendação de Dennett deixa os problemas práticos de regulamentação da educação religiosa sem solução. Até que possamos concordar sobre o significado de “nós”, a recomendação de “educar gentil e firmemente as pessoas do mundo” só causará mais discórdia entre crentes religiosos e filósofos bem-intencionados.¹⁸ (DYSON, 2007, p.5, tradução nossa)

Por fim, outro ponto que merece destaque é que todos os aspectos que Dennett apresenta como sendo positivos da religião, podem ter suas fontes de motivação substituídas, seja na arquitetura, seja nas artes, seja na moral ou na caridade... Ou ainda, se a religião, por algum motivo, trouxe coisas positivas, essas não precisam ser abandonadas, mas a justificativa da ação não precisa ser mais religiosa, podendo ser adotadas novas fontes de motivação, melhores e menos custosas. Recorrendo mais uma vez a Rubin, percebemos que:

Embora admita não ser um especialista nas particularidades da doutrina religiosa, ele [Dennett] entrevistou crentes e viu que a religião pode desempenhar um papel muito positivo em suas vidas. Mas a verdadeira história da religião é a propagação de uma ilusão corrosiva – inspirando atos de brutalidade interdenominacional, ou impedindo o progresso científico, ou entorpecendo os indivíduos para as verdades da existência. Mesmo reconhecendo o bem que a religião faz para algumas pessoas – como uma fonte de conforto no luto ou na construção do caráter para os fracos de vontade – é perfeitamente possível que “algo que poderíamos inventar possa funcionar tão bem ou melhor”.¹⁹ (RUBIN, 2006, p.1, tradução nossa)

¹⁸ Texto original Dyson (2007): “After Dennett's harsh depiction of the moral evils associated with religion, his last chapter, “Now What Do We Do?,” is bland and conciliatory. “So, in the end,” he says, “my central policy recommendation is that we gently, firmly educate the people of the world, so that they can make truly informed choices about their lives.” This recommendation sounds harmless enough. Why can we not all agree with it? Unfortunately, it conceals fundamental disagreements. To give the recommendation a concrete meaning, the meaning of the little word “we” must be specified. Who are the “we” who are to educate the people of the world? At stake is the political control of religious education, the most contentious of all the issues that religion poses to modern societies. “We” might be the parents of the children to be educated, or a local school board, or a national ministry of education, or a legally established ecclesiastical authority, or an international group of philosophers sharing Dennett's views. Of all these possibilities, the last is the least likely to be implemented. Dennett's recommendation leaves the practical problems of regulating religious education unsolved. Until we can agree about the meaning of “we,” the recommendation to “gently, firmly educate the people of the world” will only cause further dissension between religious believers and well-meaning philosophers”.

¹⁹ Texto original Rubin (2006): “While he admits he is no expert on the particulars of religious doctrine, he has interviewed believers and sees that religion can play a very positive role in their lives. But the real story of religion is the spread of a corrosive illusion — inspiring acts of interdenominational brutality, or standing in the way of scientific progress, or dulling individuals to the truths of existence. Even acknowledging the good that religion does for some people — as a source of comfort in mourning or character-building for the weak-willed — it is perfectly possible that “something we could devise might do as well or better”.

Portanto, não parece ser exagero concluirmos que o objetivo final de Dennett parece ser o de fazer as pessoas pesarem numa balança se o custo de manutenção das religiões não é muito alto, ainda que algo de bom possa provir delas. Como vimos, a resposta que ele apresenta para essa questão é positiva, no sentido de que ele acredita que o preço cobrado para que as religiões continuem existindo é um preço demasiado elevado. É possível ver nisso uma forma sutil de dizer que as religiões não devem continuar existindo, pelo menos não como algo sagrado, que deve ser respeitado e levado em conta na hora de se tomar qualquer decisão que seja, em qualquer aspecto da vida, pessoal ou social. Porém, a existência de uma religião onde nada nela pode ser considerado sagrado, verdadeiro e/ou relevante, é algo paradoxal, impossível de ser concebido na prática. Ou seja, uma religião que continuasse existindo nesses moldes, não seria religião.

Conclusões Dennett

Daniel Dennett, no decorrer de sua carreira, conseguiu se estabelecer como um dos *players* mais importantes no debate sobre religião e ciência, contribuindo com uma abordagem crítica, mas que não carrega tanta radicalidade quanto o discurso dos outros cavaleiros do ateísmo. Sua biografia demonstra sua trajetória desde a religiosidade, passando pelas dúvidas, a crença na descrença em Deus, e a proposição de um suposto “diálogo construtivo” entre religiosos e ateus. Ainda que seja válido ressaltar que o próprio autor confessou posteriormente que “se esforçou” para não insultar as religiões em seu livro, e que fez isso para poder alcançar mais religiosos não os magoando em sua fé diretamente, mas levando-os a duvidar dela. Segundo Dennett:

Muitas vezes me dizem que o meu é o livro 'menos ofensivo' dos novos ateus. É verdade que me esforcei para evitar insultos gratuitos; mas o fato é que as pessoas não têm direito à proteção de suas frágeis sensibilidades em relação à sua fé. A lealdade religiosa tem ramificações muito importantes para estar fora dos limites da investigação racional. Não há uma maneira educada de dizer “Desculpe-me, mas você já considerou a possibilidade de ter devotado sua vida a uma fantasia e se cegou para a dúvida moral de sua lealdade a uma instituição que faz mais mal do que bem?” Mas precisamos fazer essa pergunta às pessoas de todas as maneiras diferentes necessárias para capturar a atenção das pessoas.²⁰ (DENNETT, 2008c, p.1, tradução nossa)

²⁰ Texto original Dennett (2008c): “*I am often told that mine is the ‘least offensive’ book by the New Atheists. It is true that I went out of my way to avoid gratuitous insult; but the fact is that people have no right to protection of their fragile sensibilities regarding their faith. Religious allegiance has ramifications too important to be out of*

E, como vimos na análise de suas principais obras e proposições, Dennett parece fazer uma espécie de jogo duplo ao reconhecer a importância da religião, mas, simultaneamente descrevê-la como algo essencialmente negativo. E essa dualidade também ocorre quando ele propõe que as religiões devem ser preservadas e ensinadas em todas as escolas, mas na condição de um pensamento obsoleto, já refutado pela ciência moderna e que deve ser lembrado apenas do ponto-de-vista histórico, sempre com um caráter mitológico, pouco relevante. Para ele:

Nossas tradições religiosas, sem dúvida, deveriam ser preservadas, assim como as línguas, a arte, os trajes, os rituais, os monumentos. Zoológicos agora são vistos como refúgios de segunda classe para espécies ameaçadas de extinção, mas, pelo menos, são refúgios, e o que preservam é indubitável. (DENNETT, 1998, p.344)

O que Dennett está propondo é que se deve manter as tradições religiosas como uma das formas de manifestação da cultura humana. Mas essa manutenção precisa ser feita como se a religião fosse simplesmente um filme clássico, ou um célebre romance literário, ou um animal raro, sem que lhe seja atribuído nenhum caráter realmente sacro, ou sequer de crenças que realmente devam ser levadas a sério. Nesse sentido, fica claro que a proposta de Dennett de ensino da religião nas escolas tem o propósito de mostrar a religião como essencialmente falsa. Portanto, uma aula de religião não falaria de fé ou conceitos teológicos, mas se limitaria a ser uma aula de história cultural de determinadas tradições.

De fato, quem lê unicamente o livro “Quebrando o Encanto” ou conhece apenas superficialmente o discurso de Dennett sobre as religiões pode não identificar elementos que possam ser considerados radicais, fundamentalistas. Por isso ele muitas vezes é referido como um neoateu moderado, aberto ao diálogo, chegando até a ser criticado por outros militantes mais inflamados do ateísmo.

No entanto, a nossa avaliação é de que Dennett tem um modo de ação muito mais sutil do que os demais, por isso é preciso entender o seu discurso dentro de um contexto maior, junto com os demais líderes do movimento neoateísta. Pois, como ele mesmo revela, ele se sente orgulhoso de fazer parte desse grupo de guias do ateísmo e lhe agrada a diferença de tom entre as suas obras e as dos demais, por elas alcançarem mentes religiosas que, talvez, com o tom mais agressivo de seus companheiros, não seriam alcançadas:

bounds to rational inquiry. There is no polite way of saying “Excuse me, but have you ever considered the possibility that you’ve devoted your life to a fantasy, and blinded yourself to the moral dubiety of your allegiance to a institution that does more harm than good?” But we need to ask people this question in as many different ways as it takes to capture people’s attention”.

Acontece que não fui o único a tomar a decisão política de dedicar algum esforço sério para combater as atitudes predominantes em relação à religião, e tenho orgulho de ser considerado um dos membros da Trindade Profana ou dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse (depende de quem está contando), juntamente com Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens. Muitas vezes sou considerado o estranho, e há uma diferença de tom entre meu livro e os livros deles, bem como uma diferença de agenda, mas quase não tenho discordâncias substantivas com suas reivindicações. Decidi mudar algumas mentes e recebo um número gratificante de mensagens de pessoas que me dizem que meu livro fez exatamente isso.²¹ (DENNETT, 2008c, p.1, tradução nossa)

Nessa última citação, é possível ver bem onde está a sutileza de Dennett. Trata-se de um modo de agir que pode ser ainda mais eficaz no objetivo de desconversão de religiosos, se aplicada dentro de uma ação articulada com outros discursos mais radicalizados. Podemos ver então que esse filósofo assume o papel do “policia bom”, agindo em parceria com os demais colegas, que se encarregam de dar o ar mais conflituoso ao movimento antirreligioso. Esse contexto maior, com uma rede de ações imbricadas, é o que analisaremos nas partes dois e três desse estudo. Por agora, sigamos analisando os perfis dos demais líderes do novo ateísmo.

²¹ Texto original Dennett (2008c): “As it happens, I was not alone in making the ultimately political decision to devote some serious effort to countering the prevailing attitudes regarding religion, and I am proud to be counted one of the Unholy Trinity or the Four Horsemen of the Apocalypse (it depends on who’s counting), along with Richard Dawkins, Sam Harris and Christopher Hitchens. I am often regarded as the odd one out, and there is a difference in tone between my book and their books as well as a difference in agenda, but I have almost no substantive disagreements with their claims. I set out to change some minds, and I get a gratifying number of messages from people who tell me that my book has done just that”.

1.2 Cristopher Hitchens

Christopher Hitchens foi um jornalista, crítico literário, escritor, polemista e militante do antiteísmo britânico, posteriormente naturalizado americano. Há algumas décadas ele tem sido considerado um dos ateus mais influentes da modernidade. Seu nome também é comumente referido como sendo um dos críticos mais veementes e agressivos da religião, defendendo sistematicamente que ela é a principal causa dos males do mundo.

Seu estilo enérgico, afiado e carregado de desdém pelos religiosos durante os debates públicos fez com que ele se destacasse e ganhasse uma legião de seguidores, se tornando altamente influente não só nos países de língua inglesa, mas também no restante do mundo. Isso levou Hitchens a alcançar o patamar de um dos ateus mais lidos e traduzidos de toda a história. Segundo o colunista do jornal *The Independent*, Ruber Cornwell:

Com a concisão habitual, Christopher Hitchens certa vez descreveu a fórmula para seu sucesso. “Posso falar, sei escrever, tenho boa memória e tenho opiniões fortes”. Essa combinação de mente perspicaz, caneta deslumbrante, língua direta e incansável prazer pela controvérsia fez dele, por décadas, um dos intelectuais públicos de maior destaque em ambos os lados do Atlântico.²² (CORNWELL, 2011, p.1, tradução nossa)

Hitchens também ganhou notoriedade ao atacar acidamente lideranças religiosas como Madre Teresa de Calcutá, Mahatma Gandhi e vários outros personagens de destaque. Hitchens costumava se referir a essas figuras, consideradas inatacáveis, como “vacas sagradas”. Cornwell explica que: “Ele era mais famoso pelas vacas sagradas que abatia. Ele pediu que Henry Kissinger fosse processado como criminoso de guerra; Madre Teresa era ‘uma fanática, uma fundamentalista e uma fraude’, e JFK ele uma vez descreveu como ‘um narcisista de alto risco’”²³ (CORNWELL, 2011, p.5, tradução nossa).

Christopher Eric Hitchens nasceu em 13 de abril de 1949, na cidade portuária de Portsmouth, no condado de Hampshire, no Reino Unido, filho de Eric Ernest Hitchens (1909-1987) e Yvonne Jean Hitchens (1921-1973), ambos militares britânicos, que se conheceram na

²² Texto original Cornwell (2011): “*With customary pithiness, Christopher Hitchens once described the formula for his success. “I can talk, I can write, I’ve got a good memory and I have Strong opinions”. That combination of keen mind, dazzling pen, forthright tongue and unflagging relish for controversy made him for decades one of the most high-profile public intellectuals on both sides of the Atlantic*”.

²³ Texto original Cornwell (2011): “*He was most famous for the sacred cows he slaughtered, however. He urged that Henry Kissinger be prosecuted as a war criminal; Mother Teresa was “a fanatic, a fundamentalist and a fraud,” and JFK he once described as “a high-risk narcissist.”*”

Escócia enquanto prestavam serviço na Marinha Real Britânica, no período da Segunda Guerra Mundial.

Christopher tem um irmão dois anos mais novo, o também jornalista e escritor Peter Hitchens,²⁴ que após um período compartilhando as crenças ateístas do irmão mais velho, converteu-se ao cristianismo. Os irmãos parecem ter tido uma relação conflituosa desde a infância. E Peter sugere que algo dessa disputa continuou presente em Christopher por toda a vida. Segundo o caçula:

Como meu pai estava na Marinha, fomos criados em uma Grã-Bretanha antiquada. Olhando para trás, muitas vezes parece ter sido uma paisagem sombria de navios de guerra cinzentos e o fedor de óleo combustível – mas também de torres de catedrais, sinos e canto coral. Nossa educação em internato, principalmente na periferia de Dartmoor, ocorreu em condições muito mais próximas dos anos trinta do que de agora. [...] Christopher é ateu. Eu sou um crente. Certa vez, ele disse em público: “A verdadeira diferença entre Peter e eu é a crença no sobrenatural. Sou materialista e ele atribui sua presença aqui a um desígnio divino. Não suporto quem acredita em Deus, quem invoca a divindade ou quem é uma pessoa de fé”. Eu não sinto o mesmo. Gosto de ateus e gosto da companhia deles, porque eles concordam comigo que a religião é importante.²⁵ (HITCHENS, 2007a, p.1, tradução nossa)

A religião parece ter tido um dos papéis mais relevantes na formação pessoal de Christopher Hitchens. Seu pai era protestante, e tanto ele quanto seu irmão frequentaram internatos cristãos. Porém, desde muito jovem Christopher se recusava a participar de orações conjuntas com os demais internos. A mãe de Hitchens era judia, mas ele só veio a descobrir isso aos 38 anos, passando, daí por diante, a se identificar como judeu. Segundo Cornwell:

Seu pai era um oficial da marinha “falado e calado”, a quem ele respeitava. Sua mãe, ao contrário, a “exótica e ensolarada” Yvonne, ele amava. Muito tempo depois, Christopher e seu irmão mais novo Peter (que mais tarde se tornaria um notável colunista conservador em Londres) descobriram que ela – e, portanto, eles – era de origem judaica, de uma família que veio da Polônia. O colapso do casamento de seus pais e o suicídio de sua mãe com o amante em Atenas, em 1973, afetaram profundamente Christopher, como ele descreveu comovidamente no livro de memórias Hitch-22, publicado em

²⁴ Aqui, como ele será citado várias vezes no decorrer da tese, nos referiremos ao Peter Hitchens sempre com os dois nomes, objetivando não confundí-lo com o seu irmão, que é um dos autores analisados nesse estudo.

²⁵ Texto original Peter Hitchens (2007): “*Because my father was in the Navy, we were brought up in a very old-fashioned Britain. Looking back, it often seems to have been a sombre landscape of grey warships and the stench of fuel-oil – but also of cathedral towers, bells and choral evensong. Our boarding-school education, mainly on the edge of Dartmoor, took place in conditions closer by far to the Thirties than to now. [...] Christopher is an atheist. I am a believer. He once said in public: “The real difference between Peter and myself is the belief in the supernatural. “I’m a materialist and he attributes his presence here to a divine plan. I can’t stand anyone who believes in God, who invokes the divinity or who is a person of faith”. I don’t feel the same way. I like atheists and enjoy their company, because they agree with me that religion is importante”.*

2010, assim que soube que estava com câncer de esôfago.²⁶ (CORNWELL, 2011, p.3, tradução nossa)

O suicídio da mãe de Hitchens quando ele tinha apenas 23 anos é algo que precisa ser examinado com cuidado, pois pode revelar um outro aspecto do sentimento antirreligioso que dominou esse autor pelo restante de sua vida. Yvonne Hitchens tirou a própria vida tomando uma overdose de pílulas para dormir. Ela estava acompanhada de seu amante, Timothy Bryan, que cortou os pulsos numa banheira na mesma ocasião. Inicialmente, quando voou sozinho para Atenas no intuito de recuperar o corpo de sua mãe, Hitchens imaginou que ela havia sido assassinada. Um ponto que merece destaque é o fato de Bryan, o amante, ser um ex-clérigo destituído. (WALSH, 2010, p.1)

Além do passado religioso do amante de sua mãe e da educação rigorosa cristã que recebeu, tendo passado longos períodos de internamento em colégios confessionais, é possível que Hitchens tenha se visto em conflito com a religião também por suas preferências sexuais. Segundo seus próprios relatos, ele foi bissexual durante sua juventude e início da fase adulta. (AITKENHEAD, 2010, p.1) Não obstante, foi casado duas vezes. Primeiramente com Eleni Meleagrou, em 1981. Eles tiveram um casal de filhos: Alexander e Sophia. E em 1991, Hitchens se casou com sua segunda esposa, Carol Blue, uma roteirista americana. Eles tiveram uma filha juntos, Antônia.

Hitchens teve sua formação básica na escola *Mount House* em Tavistock, condado de Devon. Depois, continuou seus estudos na *Independent Leys School* em Cambridge. Em 1967, Hitchens conseguiu ser aprovado para a *Balliol College*, pertencente à Universidade de Oxford. Nessa época, foi aluno de teóricos como Steven Lukes e Anthony Kenny, com quem estudou filosofia, ciências políticas e economia, concluindo o curso em 1970.

Durante o período em que frequentou a Universidade de Oxford como aluno, Hitchens se envolveu em grupos políticos liberais e teve seus primeiros contatos com o pensamento crítico. Talvez isso tenha contribuído para o passo seguinte, pois ainda na faculdade Hitchens demonstrou grande interesse pelo debate intelectual. Sua formação se tornou a base para uma

²⁶ Texto original Cornwell (2011): “His father was a “purse-lipped and silent” naval officer, whom he respected. His mother by contrast, the “exotic and sunlit” Yvonne, he loved. Long afterwards Christopher and his younger brother Peter (later to become a noted conservative columnist in London) discovered that she – and thus they – was of Jewish origin, from a family that came from Poland. The breakdown of his parents' marriage, and his mother's suicide with her lover in Athens in 1973, affected Christopher deeply, as he movingly described in the memoir *Hitch-22*, published in 2010 just as he learnt he was ill with oesophageal câncer”.

carreira de sucesso, chegando rapidamente a ser considerado um dos mais proeminentes escritores e ensaístas de sua época.

Grande parte da fama de Hitchens veio de seu talento como palestrante e, principalmente, como debatedor, tendo participado de dezenas de debates públicos (vários contra seu irmão Peter). Nessas contendas, a retórica afiada e a capacidade de articular ideias de forma clara e persuasiva, fizeram com que Hitchens fosse conhecido como um oponente difícil de ser enfrentado. Diante de líderes religiosos e figuras de grande destaque no campo da fé, ele adotava sempre uma postura desafiadora e, para alguns, desrespeitosa. Com isso, Hitchens conseguiu galgar um lugar de destaque no cenário intelectual britânico, e foi reconhecido como uma das principais vozes do movimento neoateísta.

Hitchens começou sua carreira de comentarista político escrevendo para publicações do Reino Unido e dos Estados Unidos, sempre se posicionando ideologicamente à esquerda. De acordo com seu livro de memórias, chegou a ser um marxista (trotskista) durante a década de 1970. Natural da Inglaterra, Hitchens passou a residir na capital americana, Washington, DC, em 1981. Foi justamente nessa época que ele começou a alavancar seu nome com uma coluna política numa revista de viés crítico de esquerda chamada “*The Nation*”. Nessa época, ele se dedicava a atacar implacavelmente o governo, e, em especial, o presidente Ronald Reagan (1911-2004). Ganhou ainda destaque quando passou a escrever livros que descreviam supostos crimes cometidos pelo ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger. (HITCHENS, 2010)

Hitchens começou a mudar seu posicionamento político em 1989, após o que ele nomeou de “reação tépida” da esquerda europeia em relação à perseguição sofrida pelo escritor Salman Rushdie. Depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, ele abandona sua posição desfavorável à política externa intervencionista e passa a defender que os EUA combatessem aquilo que ele denominou de “fascismo com uma cara Islâmica” (“*fascism with an Islamic face*”). De acordo com Cornwell:

Consternado com o que considerava a autoflagelação da esquerda em relação aos ataques terroristas e com o argumento de que os Estados Unidos haviam causado o desastre sobre si mesmos, Hitchens tornou-se indiscutivelmente o defensor mais eloquente em Washington da necessidade de derrubar Saddam Hussein [...] O cataclismo de 11 de setembro também levou Hitchens a se tornar cidadão americano. [...] A América foi onde ele realmente prosperou, como um radical que passou de um esquerdista antiguerra para um quase neoconservador, como um ateu ruidoso (ou “antiteísta”, ele gostava de repetir)

e como um escritor e locutor extraordinariamente prolífico.²⁷ (CORNWELL, 2011, p.8, 2, tradução nossa)

É nesse ponto que Hitchens vai alimentar cada vez mais um discurso islamofóbico chegando, inclusive, a criar o termo “islamofascista” (“*islamofascist*”). Em função dessa mudança radical de postura foi que ele passou a ser identificado como um “neoconservador”. Rótulo esse que foi rechaçado por Hitchens, quando afirmou: “eu não sou nenhum tipo de conservador” (“*I'm not any kind of conservative*”). (HITCHENS, 2010, p.1, tradução nossa)

“Se existe um inferno, Hitchens está lá”

Hitchens também se notabilizou por críticas contundentes às religiões organizadas e à influência dessas instituições na política global. Defendia que o Estado deveria se tornar cada vez mais laico, não permitindo que qualquer decisão política fosse baseada em preceitos religiosos. Para Hitchens, a separação entre Estado e religião é a garantia da liberdade individual e da igualdade de direitos dos cidadãos. Sua postura política e antirreligiosa o colocou em conflito direto com muitos de seus contemporâneos, inclusive seu irmão, mas também o alçou ao lugar de alguém importante na defesa de direitos e liberdades individuais.

Quando Hitchens foi diagnosticado com câncer de esôfago em 2010, sua relação com a religião foi ainda mais afetada pela luta malograda contra a doença. Essa luta o conduziu a uma batalha pessoal e filosófica contra a própria mortalidade. Nesse período, Hitchens escreveu “*Mortality*” – lançado em 2012, post mortem –, uma obra onde ele reflete sobre as dores e os sofrimentos provocados pela doença que o acometeu, a angústia pelo iminente fim de sua existência, e o papel que a religião continuou a não ter em sua vida. Pois, embora as agruras da experiência tenham abalado muitas de suas certezas, Hitchens se manteve firme em sua militância antiteísta e na sua crença no ateísmo, reafirmando o seu desprezo por qualquer tipo de possibilidade de seu espírito continuar a existir após a morte.

Cristopher Hitchens faleceu em 15 de dezembro de 2011, aos 62 anos de idade, devido às complicações causadas pelo câncer de esôfago, que ele mesmo associou a uma vida de grande

²⁷ Texto original Cornwell (2011): “*Appalled by what he saw as the left's self-flagellation over the terrorist attacks, and the argument that America had brought the disaster on itself, Hitchens became arguably the most eloquent advocate in Washington of the need to overthrow Saddam Hussein. [...] The cataclysm of 9/11 also led Hitchens to become a US citizen. [...] America was where he truly thrived, as a radical who moved from anti-war leftist to quasi-neocon, as a vociferous atheist (or “anti-theist”, he liked to maintain) and as an extraordinarily prolific writer and broadcaster*”.

consumo de tabaco e bebidas alcoólicas. Desde a adolescência, Hitchens era alcoólatra e um fumante compulsivo. De fato, são raras as imagens desse filósofo em que ele não está ou fumando, ou bebendo, sendo mais comum vê-lo fazendo os dois.

Todavia, ainda que Hitchens já tenha falecido há mais de 10 anos, sua influência sobre as atuais gerações não cessou. Pelo contrário, suas obras continuam sendo muito relevantes dentro do movimento neoateísta como fontes de provocação às religiões. De acordo com Jeffrey Tayler, editor da revista *The Atlantic*:

O sempre polêmico autor ateu Christopher Hitchens morreu há dois anos neste mês, mas suas incisivas e eruditas diatribes contra a religião continuam irritando os fiéis e provocando debates. A última explosão anti-Hitchens vem de Sean McElwee [...] ele pede uma “trégua” entre crentes e descrentes. Mas ele está do lado perdedor das tendências da opinião pública e da história. De acordo com uma pesquisa Pew, conduzida em 2012, um número recorde de jovens americanos – um quarto daqueles com idades entre 18 e 29 anos – se consideram não afiliados a qualquer religião. As fileiras dos ateus estão crescendo e os crentes estão achando cada vez mais difícil justificar sua fé.²⁸ (TAYLER, 2013, p.1, tradução nossa)

Hitchens escreveu diretamente ou participou da produção de mais de 30 livros. Algumas dessas obras se tornaram coletâneas de ensaios sobre os mais diversos temas: cultura, política, literatura, sociedade, etc. Diretamente relacionados com os temas da fé, da política e da cultura, Hitchens tem 18 livros publicados. Segundo conta Cornwell:

Em 1992, ele era um editor colaborador da *Vanity Fair*. Ele escreveu para *The Atlantic Monthly*, *The New York Review of Books*, a revista online *Slate* – às vezes, parecia, para todas. Sua produção foi prodigiosa; além de artigos e ensaios sobre praticamente qualquer assunto sob o Sol, ele produziu cerca de 20 livros ao longo dos anos, sobre assuntos tão variados quanto Henry Kissinger e Elgin Marbles, bem como, é claro, religião; “Deus não é grande: como a religião envenena tudo” foi publicado em 2006 e se tornou um *best-seller* instantâneo.²⁹ (CORNWELL, 2011, p.4, tradução nossa)

²⁸ Texto original Tayler (2012): “*The ever-polemical atheist author Christopher Hitchens died two years ago this month, yet his incisive, erudite diatribes against religion continue to rile the faithful and spark debate. The latest anti-Hitch outburst comes from Sean McElwee [...] McElwee calls for a “truce” between believers and nonbelievers. But he stands on the losing side of both public opinion trends and history. According to a Pew poll conducted in 2012, a record number of young Americans – a quarter of those between the ages of 18 and 29 – see themselves as unaffiliated with any religion. Atheists’ ranks are swelling, and believers are finding it increasingly difficult to justify their faith*”.

²⁹ Texto original Cornwell (2011): “*By 1992 he was a contributing editor for Vanity Fair. He wrote for The Atlantic Monthly, The New York Review of Books, the online magazine Slate – sometimes, it seemed, for everyone. His output was prodigious; as well as articles and essays on virtually any subject under the sun, he produced 20-odd books over the years, on subjects as varied as Henry Kissinger and the Elgin Marbles as well, of course, as religion; God is not Great: How Religion Poisons Everything was published in 2007 and became an instant best-seller*”.

Antes de tratarmos diretamente da obra mais conhecida e polêmica de Christopher Hitchens, é válido sabermos um pouco mais de como ele materializava o antiteísmo em sua vida profissional. Já no início dos anos 80, Hitchens elege como um dos seus principais alvos a eminente e respeitada religiosa católica Anjezë Gonxhe Bojaxhiu, mais conhecida como Madre Teresa de Calcutá (1910-1997), albanesa, naturalizada indiana, que recebeu o prêmio Nobel da Paz em 1979. Ela também fundou a congregação Missionárias da Caridade,³⁰ que realiza ações de caridade junto aos mais pobres em mais de 130 países de todos os continentes.

O relato de Hitchens acerca do seu primeiro encontro com Madre Teresa é diametralmente oposto ao da grande maioria de pessoas, das mais diversas nacionalidades, que se declararam emocionadas mediante o encontro pessoal com a religiosa, reconhecendo em sua vida um exemplo prático de dedicação e amor no auxílio aos mais necessitados. Hitchens conta que já no primeiro encontro que teve com Madre Teresa foi capaz de perceber que havia algo “muito errado” naquela história de freira abnegada e dedicada, e que, talvez, aquela mulher – que havia passado mais de quarenta anos vivendo entre os miseráveis indianos, auxiliando os “mais pobres entre os pobres”, como ela costumava dizer – poderia não passar de uma farsante fundamentalista, trabalhando para o Papa. Nas suas próprias palavras:

Em 1980, visitei seu orfanato em Calcutá. Um tanto desanimado com o lema da casa de trabalho acima da porta (QUEM AMA A CORREÇÃO, AMA O CONHECIMENTO), eu ainda me sentia afetado pelos catres, pelas freiras devotadas, pelas vítimas minúsculas e todo o resto. Foi a própria velha senhora (Madre Teresa), dando-me o passeio, que estragou sua boa impressão. “Veja”, ela disse com um aceno de seu braço para entender a cena, “é assim que combatemos o aborto e a contracepção em Calcutá”. Isso plantou a pequena pergunta: E se...? E se Madre Teresa fosse realmente uma defensora incansável e abnegada do fundamentalismo vaticano? E se suas ações estivessem sendo julgadas por sua reputação, e não o contrário?³¹ (HITCHENS, 1995, p.1, tradução nossa)

Nos anos seguintes, o jornalista levou a cabo uma perseguição implacável contra a religiosa, frequentemente publicando artigos contra sua pessoa, suas obras e/ou seus

³⁰ A congregação Missionárias da Caridade mantém lares para pessoas que estão morrendo de HIV/AIDS, lepra e tuberculose. A congregação também mantém refeitórios, dispensários, clínicas móveis, programas de aconselhamento infantil e familiar, bem como orfanatos e escolas.

³¹ Texto original Hitchens (1995): “*Mother Teresa herself, and no other, had launched me on the quest. In 1980 I had visited her orphanage in Calcutta. Somewhat put off by the workhouse-like motto over the door (HE THAT LOVETH CORRECTION LOVETH KNOWLEDGE) I had still found myself affected by the little cots, the devoted nuns, the minuscule victims, and all the rest of it. It was the old girl herself, giving me the tour, who spoiled her own good impression. “See,” she said with a wave of her arm to take in the scene, “this is how we combat abortion and contraception in Calcutta.” This planted the tiny question, What if...? What if Mother Teresa was really a tireless and self-sacrificing campaigner for Vatican fundamentalism? And what if her actions were being judged by her reputation, rather than the other way around?*”

admiradores, seguidores e os financiadores das casas de caridade. Sempre que podia, Hitchens também fazia críticas à Madre Teresa em suas entrevistas, palestras e debates. Em 1992, ele passou a escrever uma coluna regular no *The Nation*, especialmente dedicada a ela.

Em 1994, Hitchens lança um documentário de 25 minutos, que foi transmitido em tv aberta chamado “*Hell’s Angel*” (Anjo do Inferno). Ele mesmo escreveu e narrou o documentário, fazendo críticas e acusações até de natureza criminal contra Madre Teresa, sem apresentar, no entanto, provas ou documentos que pudessem embasar suas alegações. E em 1995, apenas dois anos antes da morte de Madre Teresa, Hitchens lançou o livro “*The Missionary Position: Mother Teresa in Theory and Practice*”, onde o jornalista afirma trazer evidências para as fortes acusações que fez contra a Madre. No entanto, a leitura desse livro deixa claro que Hitchens está tão somente rerepresentando o conjunto de suas próprias críticas à atuação de Madre Teresa, ao lado de críticas de líderes de outras instituições de caridade indianas, sempre carentes de evidências.

Ao longo do texto, o autor deixa claro que seu objetivo é expor Madre Teresa como alguém que está menos preocupada em ajudar os pobres e mais interessada em usá-los como uma fonte de imagens da miséria para expandir e fortalecer as crenças católico-romanas, que ele considera “fundamentalistas”. A contracapa da primeira edição do “*The Missionary Position*” trazia algumas sinopses habituais de críticos elogiando o livro e que haviam sido escolhidas pelo próprio autor, uma delas dizia: “Se existe um inferno, Hitchens está indo para lá por causa deste livro”. (KARVAJAL, 1997, p.1)

Em verdade, Hitchens continuou sua cruzada contra Madre Teresa mesmo após sua morte. O Vaticano iniciou o processo de canonização da religiosa logo após o funeral, em 5 de setembro de 1997. No ano de 2001, perante o corpo da Arquidiocese de Washington, que, naquele momento, estava analisando a causa da santidade de Madre Teresa, Hitchens se apresentou como testemunha contrária ao processo de beatificação.

Em outubro de 2003, o Papa João Paulo II aprovou a beatificação de Madre Teresa. Hitchens marcou a ocasião publicando um artigo intitulado “*Mommie Dearest: The pope beatifies Mother Teresa, a fanatic, a fundamentalist, and a fraud*” (Mamãe Querida: O papa beatifica Madre Teresa, uma fanática, fundamentalista e uma fraude). Nesse texto, Hitchens questiona a velocidade do processo de beatificação de Madre Teresa, afirmando que o milagre que lhe fora atribuído era uma “óbvia falsificação”. Com isso ele consegue atacar não só a religiosa, mas também o Papa e toda a instituição católica. Nas palavras de Hitchens:

Isso nos leva de volta à corrupção medieval da igreja, que vendia indulgências aos ricos enquanto pregava o fogo do inferno e a continência aos pobres. Madre Teresa não era amiga dos pobres. Ela era uma amiga da pobreza. Ela disse que o sofrimento era um dom de Deus. Ela passou a vida se opondo à única cura conhecida para a pobreza, que é o empoderamento das mulheres e a emancipação delas de uma versão pecuária da reprodução compulsória. E ela era amiga dos piores dos ricos, recebendo dinheiro desviado da atroz família Duvalier no Haiti (cujo governo ela elogiava como retribuição) e de Charles Keating, da Lincoln Savings and Loan. Para onde foi esse dinheiro e todas as outras doações? O primitivo hospício em Calcutá estava em ruínas quando ela morreu como sempre estivera – ela preferia as clínicas da Califórnia quando ela própria adoecia – e sua ordem sempre se recusava a publicar qualquer auditoria. Mas temos sua própria afirmação de que ela abriu 500 conventos em mais de cem países, todos com o nome de sua própria ordem. Desculpe-me, mas isso é modéstia e humildade? O mundo rico tem a consciência pesada, e muitas pessoas gostavam de aliviar seu próprio mal-estar enviando dinheiro para uma mulher que parecia uma ativista dos “mais pobres entre os pobres”. As pessoas não gostam de admitir que foram enganadas ou enganaram, então foi permitido que surgisse um interesse velado no mito, e uma mídia preguiçosa, que nunca se preocupou em fazer perguntas posteriores.³² (HITCHENS, 2003, p.3, tradução nossa)

Hitchens ainda faz duras críticas à imprensa que, segundo ele, também é culpada por essa “propaganda de coração mole, cabeça mole e desinteressada” da freira católica. Para ele: “O que impressiona na “beatificação” da mulher que se intitulava ‘Madre Teresa’ é a rendição abjeta, por parte da Igreja, às forças do show biz, da superstição e do populismo”.³³ (HITCHENS, 2003, p.1). Mas, mesmo com toda resistência criada por Hitchens e seus milhares de seguidores espalhados pelo mundo, Anjezë foi canonizada como Santa Teresa de Calcutá em setembro de 2016.

³² Texto original Hitchens (2003): *“This returns us to the medieval corruption of the church, which sold indulgences to the rich while preaching hellfire and continence to the poor. MT was not a friend of the poor. She was a friend of poverty. She said that suffering was a gift from God. She spent her life opposing the only known cure for poverty, which is the empowerment of women and the emancipation of them from a livestock version of compulsory reproduction. And she was a friend to the worst of the rich, taking misappropriated money from the atrocious Duvalier family in Haiti (whose rule she praised in return) and from Charles Keating of the Lincoln Savings and Loan. Where did that money, and all the other donations, go? The primitive hospice in Calcutta was as run down when she died as it always had been—she preferred California clinics when she got sick herself—and her order always refused to publish any audit. But we have her own claim that she opened 500 convents in more than a hundred countries, all bearing the name of her own order. Excuse me, but this is modesty and humility? The rich world has a poor conscience, and many people liked to alleviate their own unease by sending money to a woman who seemed like an activist for “the poorest of the poor.” People do not like to admit that they have been gulled or conned, so a vested interest in the myth was permitted to arise, and a lazy media never bothered to ask any follow-up questions”.*

³³ Texto original Hitchens (2003): *“What is so striking about the “beatification” of the woman who styled herself “Mother” Teresa is the abject surrender, on the part of the church, to the forces of showbiz, superstition, and populismo”.*

Deus Não é Grande Não é Um Grande Livro

Como dito anteriormente, ao longo de sua carreira, Hitchens publicou mais de uma dezena de livros questionando o papel da religião na sociedade. Pelo caráter polêmico do autor e por sua grande exposição midiática, a maioria deles teve um alcance considerável e atingiu um número expressivo de vendas. No entanto, certamente nenhum dos livros de Hitchens foi mais famoso do que “Deus não é grande: como a religião envenena tudo” (2007).

Esse livro elevou a fama de Hitchens a outro patamar, tornando o seu trabalho mundialmente conhecido, pois a obra rapidamente foi traduzida para diversos idiomas e passou a ser vendida em dezenas de países. As reações ao *best-seller* de Hitchens foram imediatas e tão intensas quando o sucesso estrondoso que a própria obra fazia. Seu irmão, Peter Hitchens publicou um artigo onde afirma que:

No coração deste livro [Deus não é grande] estão duas declarações ousadas e extraordinárias. Uma é uma declaração de fé absoluta, fé de que a religião está errada, um relâmpago mental de descrença. Christopher descreve como aos nove anos de idade ele concluiu que a afirmação de sua professora de que o mundo deveria ser projetado estava errada. “Eu simplesmente sabia, quase como se tivesse acesso privilegiado a uma autoridade superior, que meu professor havia conseguido fazer tudo errado”. Na época dessa revelação, ele não sabia nada sobre a vasta e interminável discussão entre aqueles que sustentam que a forma do mundo é evidência de design e aqueles que dizem que o mesmo mundo é evidência de seleção natural aleatória e não direcionada. Na minha opinião, ele ainda não sabe muito sobre essa interessante disputa. No entanto, aos nove anos, ele “simplesmente sabia” quem havia vencido um dos debates mais antigos da história da humanidade.³⁴ (HITCHENS, 2007a, p.1, tradução nossa)

Como dito por seu irmão Peter, já no primeiro capítulo Christopher Hitchens tenta criar um mito sobre si mesmo, dizendo que a origem para sua resistência à religião começou quando ele era apenas um estudante de nove anos na cidade de Dartmoor, Inglaterra. Hitchens narra que um certo dia sua professora falou na classe a respeito da relação entre a natureza e aquilo que ela entendia como um dos aspectos da criação de Deus. Foi então que o filósofo infante,

³⁴ Texto original Peter Hitchens (2007): “*I think it misunderstands religious people and their aims and desires. And I think it asserts a number of things as true and obvious that are nothing of the sort. At the heart of this book are two extraordinary, bold statements. One is a declaration of absolute faith, faith that religion has got it wrong, a mental thunderbolt of unbelief. Christopher describes how at the age of nine he concluded that his teacher’s claim that the world must be designed was wrong. “I simply knew, almost as if I had privileged access to a higher authority, that my teacher had managed to get everything wrong.” At the time of this revelation, he knew nothing of the vast, unending argument between those who maintain that the shape of the world is evidence of design, and those who say the same world is evidence of random, undirected natural selection. It’s my view that he still doesn’t know all that much about this interesting dispute. Yet at the age of nine, he “simply knew” who had won one of the oldest debates in the history of mankind*”.

numa espécie de “epifania” evolutiva, segundo ele mesmo relata, recebeu toda a verdade do darwinismo. Esse grande *insight* científico, que ele afirma ter tido, o fez ficar “horrorizado” com a estupidez de sua professora religiosa. Isso tudo com uma idade ainda mais tenra do que aquela que Jesus tinha quando ensinou pela primeira vez aos doutores da Lei:

Chegou o dia em que a pobre sra. Watts se superou. Tentando ambiciosamente fundir seus dois papéis – de instrutora da natureza e professora da Bíblia –, ela disse: “Então vocês veem, crianças, quão poderoso e generoso é Deus. Ele fez todas as árvores e a grama verdes, que é exatamente a cor mais repousante a nossos olhos. Imaginem se em vez disso toda a vegetação fosse roxa ou laranja, como seria horrível”. Ora, vejam o que aquela velha idiota devota tinha tentado! [...] Fiquei sinceramente horrorizado com o que ela disse. Minhas pequenas sandálias presas nos tornozelos se contorceram de constrangimento por ela. Aos 9 anos de idade eu ainda não tinha uma concepção do conceito do design inteligente, ou da evolução darwiniana em oposição a ele, ou da relação entre fotossíntese e clorofila. Na época os segredos do genoma estavam tão escondidos de mim quanto de todos os outros. Eu ainda não tinha visitado cenas da natureza em que praticamente tudo era hediondamente indiferente ou hostil à vida humana, quando não à própria vida. Eu simplesmente sabia, quase como se tivesse acesso privilegiado a uma autoridade superior, que minha professora tinha conseguido estragar tudo com apenas duas frases. Os olhos dela estavam ajustados à natureza, não o contrário. Não vou fingir que me lembro de tudo perfeitamente, ou em sequência, depois dessa epifania, mas em um tempo relativamente curto eu também comecei a perceber outras esquisitices. (HITCHENS, 2007, p.12)

Mas, além da sua narrativa de menino, logo em seguida, Hitchens também faz uma declaração bastante enigmática sobre a perda de sua fé, afirmando que esse acontecimento foi ainda mais relevante para a sua aversão à religião. Numa narrativa confusa, ele correlaciona o alívio do sofrimento humano com o fato dessa declaração ter vindo de um religioso, que ele acredita ser homossexual. Segundo Hitchens:

Também se apresentou uma outra [situação de perda de fé], ainda maior. (Eu digo “se apresentou” em vez de “ocorreu a mim” porque essas objeções são, além de insuperáveis, inescapáveis). O diretor, que conduzia os serviços religiosos e as orações diárias e tomava conta do Livro, era um sádico e um homossexual enrustido (que desde então eu perdoei porque ele despertou meu interesse por história e me emprestou meu primeiro exemplar de P. G. Wodehouse), e certa noite falou uma coisa absurda: “Talvez vocês não vejam sentido em toda essa fé hoje”, disse ele, “mas verão um dia, quando começarem a perder entes queridos”. Mais uma vez eu experimentei uma pontada de pura indignação, bem como de descrença. Isso era como dizer que a religião podia não ser verdade, mas não ligue, pois era possível contar com ela para conseguir consolo. Quão desprezível. Eu tinha então quase 13 anos e estava me tornando um intelectualzinho insuportável. (HITCHENS, 2007, p.13)

Embora seja difícil acreditar que uma criança, aos nove anos de idade, comece a questionar os ensinamentos de sua professora de ciências e comece a ver falhas em argumentos apologéticos e no argumento do Design Inteligente; embora Hitchens não explique porque precisou perdoar o diretor que ele acusou de ser “um sádico e um homossexual enrustido”; e levando-se em conta também que Hitchens tenha conseguido fazer uma espécie de profecia sobre si mesmo; o que é realmente importante de ser notado é o método pelo qual ele chega às suas conclusões sobre as religiões. Percebe-se que primeiro ele conta um “mito” sobre si mesmo com características científicas/religiosas, depois ele relata um acontecimento entrecortado e enigmático, ocorrido aos 13 anos de idade, que o levou a uma perda de fé.

Após esses relatos pessoais, Hitchens dá um salto de narrativa e no capítulo seguinte vai buscar demonstrar que as diferenças entre as tradições religiosas são insuperáveis, e que por isso elas jamais vão chegar a algum tipo de acordo sustentável e duradouro. Paralelamente, ele afirma que os ateus hoje podem até discordar uns dos outros, mas um dia acabarão por se unir em torno de qualquer coisa que seja apoiada mais fortemente pela evidência. Nesse ponto, ele levanta o tema da fidelidade religiosa e argumenta que a religião permanecerá intrincada na consciência humana enquanto as pessoas não conseguirem superar os medos mais primitivos que as dominam, especialmente o medo de sua própria morte. Diz Hitchens:

A fé religiosa é, exatamente porque somos criaturas em evolução, não-erradicável. Ela nunca morrerá, ou pelo menos não enquanto não superarmos nosso medo da morte, do escuro, do desconhecido e dos outros. Por essa razão eu não a proibiria, mesmo se pudesse. Muita generosidade de minha parte, você poderia dizer. Mas os religiosos seriam tão indulgentes comigo? Pergunto isso porque há uma verdadeira e séria diferença entre mim e meus amigos religiosos, e os amigos reais e sérios são suficientemente honestos para admiti-la. Eu ficaria bastante contente de ir aos *bar mitzvah* de seus filhos, de me encantar com suas catedrais góticas, de “respeitar” sua crença em que o Corão foi ditado, embora exclusivamente em árabe, a um profeta analfabeto, ou de me interessar por lenitivos wicca, hindu e jainistas. E continuaria a fazer isso sem insistir na educada condição recíproca – que é que eles por sua vez me deixem em paz. Mas isso a religião é absolutamente incapaz de fazer. Enquanto eu escrevo estas palavras e enquanto você as lê, pessoas de fé estão, de suas diferentes formas, planejando a sua e a minha destruição, e a destruição de todas as difíceis conquistas humanas que me cercam. A religião envenena tudo. (HITCHENS, 2007, p.18)

No capítulo seguinte, Hitchens aborda uma questão hipotética que lhe foi feita pelo apresentador de rádio Dennis Prager, que perguntou o que sentiria se ele estivesse sozinho em uma cidade desconhecida à noite e um grupo de estranhos começasse a abordá-lo. A pergunta é se Hitchens se sentiria mais seguro ou menos seguro se soubesse que esses homens tinham vindo de um encontro religioso? Hitchens respondeu a esse questionamento da seguinte

maneira: “Eu realmente tive essa experiência em Belfast, Beirute, Bombaim, Belgrado, Belém e Bagdá. Em cada caso... Eu me sentiria imediatamente ameaçado se pensasse que o grupo de homens que se aproximam de mim no crepúsculo vinha de uma cerimônia religiosa”. (HITHCENS, 2007, p.22). Ele então passa a discorrer sobre a *fatwa* de 1989 emitida pelo governo do aiatolá Khomeini, que perseguiu e acabou vitimizando o também autor e amigo Salman Rushdie em função do seu livro “Versos Satânicos”, publicado em 1988.

Em “Deus não é grande”, Hitchens também se vê motivado a discutir o tema da proibição de comer porcos nas religiões judaicas e muçulmanas. Segundo suas pesquisas, a “porcofobia”, como ele chamava, não é apenas bíblica ou dietética. E ao apresentar suas hipóteses, Hitchens vai enveredando por uma narrativa que sugere que a proibição da carne de porco nas religiões semíticas pode estar relacionada com a proibição do sacrifício humano, e até mesmo, com uma suposta atração sexual dos religiosos pelo animal, o que ele chama de “porcofilia”. Segundo ele, tais atos ocorriam em decorrência das semelhanças na aparência e no sabor entre a carne de porco e a carne humana. Afirma Hitchens:

De acordo com muitas autoridades antigas, a postura dos antigos semitas em relação aos suínos era tanto de reverência quanto de desgosto. Comer carne de porco era considerado algo especial, até mesmo privilegiado e ritualístico. (Essa confusão louca entre o sagrado e o profano é encontrada em todos os credos em todas as épocas). A simultânea atração e repulsão derivavam de uma raiz antropomórfica: o olhar do porco, o gosto do porco, os gritos de agonia do porco e a evidente inteligência do porco lembravam de forma excessivamente desconfortável o humano. Assim, a porcofobia – e a porcofilia – provavelmente teve origem em uma noite de sacrifício humano e mesmo canibalismo da qual os textos sagrados frequentemente dão mais que um vislumbre. Nada opcional – da homossexualidade ao adultério – pode ser punido a não ser que aqueles responsáveis pela proibição (e que estabelecem as terríveis punições) tenham um desejo reprimido de participar. (HITCHENS, 2007, p.37)

Mas, se as alegações de “porcofobia” e “porcofilia” parecem estranhas e bastante desconfortáveis, é no capítulo seguinte (o quarto, para ser exato) que Hitchens reserva a cena mais grotesca que ele pôde pensar para o seu livro. Sob o argumento de que deseja explicar como algumas religiões podem ser hostis ao tratamento de doenças, ele afirma que muitos muçulmanos viram a vacina contra a poliomielite como uma trama contra seus preceitos religiosos e isso teria feito com que a doença se espalhasse. E nessa mesma toada, ele discute a resposta da Igreja Católica à disseminação do HIV na África, onde a instituição teria se colocado contra o uso de preservativos. Mas é no meio dessa confusão de alegações desconectadas, que Hitchens incute uma cena verdadeiramente repugnante na cabeça dos leitores, buscando fazer com que eles associem a cena descrita à sua visão do que é religião:

As autoridades religiosas teimosamente se recusam a ser honestas até mesmo sobre a existência das lésbicas. Agindo assim, elas comprovam mais uma vez que a religião continua a ser uma ameaça urgente à saúde pública. Uma questão hipotética. Como homem de cerca de 57 anos de idade, eu sou flagrado chupando o pênis de um bebê. Peço que você imagine seu próprio ultraje e sua náusea. (HITCHENS, 2007, p.43)

Hitchens, após introduzir a cena abominável sem nenhum aviso prévio, esclarece que está criticando um suposto ritual judaico de circuncisão, que consistiria em pegar o pênis da criança, cortar o prepúcio e finalizar colocando o pênis na boca, para chupar o prepúcio e cuspir a parte amputada fora. O autor acaba por revelar a natureza do espantinho que criou para atacar as religiões no momento em que afirma que “essa prática foi abandonada pela maioria dos judeus, por causa de sua natureza anti-higiênica ou suas associações perturbadoras, mas ainda resiste entre os fundamentalistas hassídicos”. (HITCHENS, 2007, p.43)

Os capítulos prosseguem com Hitchens contando histórias do seu dia-a-dia e apresentando algumas das reflexões pessoais que fez no decorrer da vida como forma de tentar refutar argumentos filosóficos a favor de Deus, que vêm resistindo a séculos de ataques, a exemplo dos cinco argumentos de Thomas de Aquino (1225-1274) e do argumento do relojoeiro de William Paley (1743-1805). Deixando em aberto as proposições dos dois grandes filósofos religiosos, Hitchens passa a atacar figuras como Sai Baba (1926-2011) e Gandhi (1869-1948), e logo em seguida pula para uma crítica especulativa de que existem muitas falhas de projeto no olho humano. Termina por falar que acredita existir DNA lixo e que isso é “resto de evolução” (hipótese já totalmente refutada pela epigenética). Segundo Hitchens:

É um paradoxo interessante: a evolução é cega, mas pode criar olhos. O brilhante professor Francis Crick, um dos descobridores da dupla hélice, tem um colega chamado Leslie Orgel, que apresentou esse paradoxo de uma forma mais elegante do que eu sou capaz: “A evolução é mais inteligente que você”, disse ele. Mas esse cumprimento à “inteligência” da seleção natural não é de forma alguma uma concessão à ideia idiota de “Design Inteligente”. Alguns dos resultados são altamente impressionantes, como tendemos a pensar em nosso próprio caso. Mas o processo pelo qual o resultado é obtido é lento e infinitamente laborioso, e nos deu uma “cadeia” de DNA que é abarrotada de lixo inútil e que tem muito em comum com criaturas muito inferiores. (HITCHENS, 2007, p.67)

Seguindo na argumentação de natureza mais científica, Hitchens claramente inverte conclusões de um estudo feito por Peter e Rosemary Grant, da Universidade de Princeton, nas Ilhas Galápagos. O casal estudou os tentilhões por 30 anos e afirma que nenhuma nova espécie surgiu, mesmo diante do surgimento de condições adversas. É o que explica a famosa bióloga americana, proponente da Teoria da Endossimbiose, Lynn Margulis (1938-2011), uma das mais

prestigiadas e respeitadas cientistas de seu tempo. Quando questionada se os diferentes tipos de tentilhões encontrados por Darwin em Galápagos são prova da Evolução, ela respondeu:

Peter e Rosemary Grant, dois biólogos evolucionistas casados, disseram: 'Para o inferno com toda essa teoria; queremos chegar lá e ver a especiação acontecendo! 'Eles mediram os ovos, bicos, etc., de tentilhões na ilha de Daphne, um pequeno e montanhoso vulcão adormecido nas ilhas Galápagos do Equador, ano após ano. Eles descobriram que durante inundações ou outras épocas em que não há sementes grandes, os pássaros com bicos grandes não conseguem comer. Os pássaros morrem de fome e são extintos nessa ilha. [...] Eles viram essa grande mudança: os pássaros de bico grande se extinguindo, os de bico pequeno se espalhando por toda a ilha e sendo selecionados pelo tipo de sementes que comem. Eles viram muita variação dentro de uma espécie, mudanças ao longo do tempo. Mas eles nunca encontraram novas espécies – nunca.³⁵ (MARGULIS apud TERESI, 2011, p.2, tradução nossa)

Em que pesem os achados concretos do casal de pesquisadores, Hitchens afirma categoricamente em seu livro que os Grant comprovaram a evolução de Darwin de forma empírica. Ele também discute os argumentos do Design, usando exemplos como o desgaste do corpo humano na velhice como uma prova de um projeto ruim. Para ele, ou o que Deus fez é perfeito e eterno, ou não existe Deus.

No capítulo em que ele se debruça sobre o Antigo Testamento, Hitchens lista anacronismos e inconsistências nos textos, afirmando que muitos dos relatos que ali estão escritos são eventos que nunca aconteceram. Ele então vai construindo toda uma argumentação baseada em críticas teológicas que qualquer estudioso de teologia ou ciências da religião identificaria como pouco aprofundadas e sem nenhum tipo de contextualização. E sempre usando o anacronismo e o sarcasmo como armas. Eis que, de repente, Hitchens dá um salto temporal e passa a criticar o ator e diretor Mel Gibson, pelo seu filme “A Paixão de Cristo”:

Em 2004 foi produzido um filme melodramático sobre a morte de Jesus por um fascista e canastrão australiano chamado Mel Gibson. O sr. Gibson é membro de uma seita católica excêntrica e cismática composta basicamente por ele e seu pai ainda mais marginal e afirmou que é uma pena que sua própria esposa querida vá para o inferno porque não aceita os sacramentos certos. (HITCHENS, 2007, p.85)

³⁵ Texto original Teresi (2011): “*Peter and Rosemary Grant, two married evolutionary biologists, said, ‘To hell with all this theory; we want to get there and look at speciation happening.’ They measured the eggs, beaks, et cetera, of finches on Daphne Island, a small, hilly former volcano top in Ecuador’s Galápagos, year after year. They found that during floods or other times when there are no big seeds, the birds with big beaks can’t eat. The birds die of starvation and go extinct on that island. [...] They saw this big shift: the large-beaked birds going extinct, the small-beaked ones spreading all over the island and being selected for the kinds of seeds they eat. They saw lots of variation within a species, changes over time. But they never found any new species – ever*”.

E voltando novamente dois mil anos atrás, Hitchens resolve dar sua opinião sobre a mulher adúltera que Jesus salvou de ser apedrejada. Segundo ele, Jesus perdoa a mulher por pura “promiscuidade sexual” e, se foi isso que aconteceu, nós entendemos equivocadamente a lição que Ele quis nos passar. Hitchens faz questão de lembrar que alguém deve ter ficado chateado por Jesus não ter permitido que uma mulher fosse apedrejada até a morte.

“Aquele dentre vocês que não tiver pecado, atire a primeira pedra” – penetrou em nossa literatura e em nossa consciência. [...] E que autoridade tinha Jesus para “perdoar”? Presumivelmente, pelo menos uma esposa ou marido em algum ponto da cidade deve ter se sentido enganado e ultrajado. O cristianismo é, então, uma completa permissividade sexual? Caso seja assim, ele tem sido seriamente mal compreendido desde então. (HITCHENS, 2007, p.92)

Após atacar o Alcorão e o Islã como um todo, Hitchens alega que existem vários “plágios” da religião criada por Maomé frente ao cristianismo – desconhecendo argumentos básicos da antropologia sobre os processos histórico-culturais. Ele então levanta uma discussão sobre milagres, onde desde início já afirma que nenhum milagre – como fenômeno sobrenatural – ocorre, nem jamais ocorreu na história. Assim, assume a priori que todas as evidências de milagres são fabricadas ou baseadas no testemunho não confiável de pessoas que, ou estão enganadas, ou estão tentando enganar.

Nisso, o autor propõe aquilo que veio a ser conhecido posteriormente como a “navalha de Hitchens”, um princípio epistemológico que afirma que o ônus da prova sobre a veracidade de uma alegação é de quem faz a alegação. Se quem alega não prova, a alegação é improcedente e seus oponentes não precisam mais argumentar para refutá-la, podendo simplesmente descartá-la como “não válida”. Nas palavras de Hitchens: “O que pode ser afirmado sem provas pode ser rejeitado sem provas”. (HITCHENS, 2007, p.111) Em verdade, a “navalha de Hitchens” é apenas uma tradução para o inglês de um antigo provérbio latino “*Quod gratis asseritur, gratis negatur*” (“o que é livremente afirmado é livremente negado”), que já era muito usado durante o século XIX. De todo o modo, Hitchens dá um exemplo de como sua navalha pode ser usada:

O Novo Testamento é, em si, uma fonte altamente duvidosa. (Uma das descobertas mais impressionantes do professor Bart Ehrman é a de que o relato da ressurreição de Jesus no Evangelho de Marcos só foi acrescentado muitos anos depois.) Mas, de acordo com o Novo Testamento, a coisa podia ser feita de forma bastante simples. Jesus conseguiu isso duas vezes no caso de outras pessoas, com Lázaro e a filha de Jairo, e ninguém parece ter achado importante entrevistar nenhum dos sobreviventes para perguntar sobre suas experiências extraordinárias. E aparentemente ninguém também parece ter mantido um registro de se esses dois indivíduos “morreram” de novo ou não, e como. [...] Não havendo testemunhas confiáveis ou consistentes no período de tempo necessário para atestar alegação tão extraordinária, finalmente podemos dizer

que temos o direito, quando não obrigação, de nos respeitarmos o suficiente para desacreditar da coisa toda. Ou seja, a não ser que, ou até que, sejam apresentadas provas superiores, o que não aconteceu. E alegações excepcionais demandam provas excepcionais”. (HITCHENS, 2007, p.106)

Hitchens também reserva um capítulo para afirmar que a maioria das religiões foi fundada por pessoas corruptas e imorais, tendo ele citado apenas dois exemplos para sua tese: o ministro pentecostal Marjoe Gortner e Joseph Smith (1805-1844). Assim, Hitchens extrapola o comportamento de ambos para praticamente todos os religiosos de todas as religiões. É por isso que nos capítulos seguintes, Hitchens vai alegar que a própria corrupção interna das instituições religiosas é responsável por seu fim. Ele então cita exemplos e discute como supostamente ocorreu o fim de várias religiões, isso como forma de ilustrar que elas não são eternas.

Claro que Hitchens não se furtou a entrar no debate sobre a ideia de que as religiões fazem as pessoas melhores. No entanto, sua argumentação sobre esse ponto é bem limitada, sustentando-se no exemplo único da luta contra a escravidão nos Estados Unidos, e mais especificamente a figura de Abraham Lincoln, para apoiar sua afirmação de que pessoas não religiosas (ateus, agnósticos ou “livres-pensadores”) lutam por causas morais com tanta dedicação e vontade quanto os defensores da mesma causa que têm vinculação religiosa.

Hitchens também se preocupa em esclarecer que o problema não é simplesmente o tipo de religião, e que não se trata apenas de rejeitar as tradições abraâmicas como o cristianismo e o islamismo. Para esse autor, não há solução religiosa, mesmo que essas tradições venham do Oriente. Ele considera ridícula a ideia de buscar a iluminação por meio de algum tipo de nirvana, que, segundo sua visão, é um conceito que pede aos adeptos que “coloquem sua razão para dormir e descartem suas mentes junto com suas sandálias”. (HITCHENS, 2007, p.143) Nesse tópico, Hitchens concentra suas alegações na violência produzida no Tibete e no Sri Lanka, e também nas carreiras lucrativas de Chandra Mohan Jain, mais conhecido como Osho (1931-1990) e Sathyanarayana Raju, mais conhecido como Sai Baba (1926-2011). De acordo com o escritor e ensaísta americano Curtis White:

As deturpações mais flagrantes de Hitchens são reservadas para o que ele chama, com um grande chiado intelectual, de “religião oriental”, como se todas as variedades de hinduísmo e budismo pudessem ser agrupadas. Em seu capítulo “Não há solução oriental” (todas as dez páginas dele), ele reduz as tradições religiosas da Ásia às fraudes perpetradas por um famoso guru nocivo (Bhagwan Sri Rajneesh – outro nome usado por Osho) e algumas calúnias gratuitas contra o Dalai Lama. Com base em uma placa que ele viu uma vez no *ashram* de Rajneesh – “Sapatos e mentes devem ser deixados no portão” – Hitchens conclui que o budismo é uma fé que despreza a mente. Não importa

que Rajneesh não fosse budista e dificilmente reconhecível como hindu.³⁶
(WHITE, 2013, p.1, tradução nossa)

No capítulo 15, Hitchens apresenta cinco aspectos que acredita serem naturais das religiões e que, para ele, são “positivamente imorais”. Em primeiro lugar, a religião – qualquer religião – apresentaria uma imagem falsa do mundo para os religiosos. Ela também estaria propensa a assumir a doutrina do sacrifício de sangue para apaziguar os deuses (como no caso dos astecas). A religião prega a “doutrina da expiação” (que Hitchens acredita tratar-se de uma ação para prejudicar pessoas inocentes como forma de expiar pecados de outras). Outro problema seria a “doutrina da recompensa eterna ou punição eterna”, que não alimenta nas pessoas a ideia de que elas precisam ser boas simplesmente pelo bem da humanidade. E, por fim, mas não menos importante, a religião levaria à imposição de tarefas e regras impossíveis de serem de fato respeitadas, e isso inclui as “visões doentias da sexualidade”. Assim, partindo de suas convicções sobre o que as religiões “impõem” às pessoas, Hitchens vai concluir que: “De fato, há várias formas pelas quais a religião é não apenas amoral, mas decididamente imoral. E essas falhas e esses crimes não são encontrados no comportamento de seus adeptos (que algumas vezes pode ser exemplar), mas em seus preceitos originais”. (HITCHENS, 2007, p.149)

Além de submeter os seus leitores a cenas imaginárias como a “porcofilia” e um rabino com o pênis de um menino em sua boca, Hitchens reservou outras surpresas no decorrer de “Deus não é grande”. Quando chegamos ao capítulo 16, por exemplo, nos deparamos com a surpreendente pergunta: “A religião é abuso infantil?”. Como o título deixa claro, Hitchens vai tentar argumentar que quando pais e responsáveis transmitem sua religião para os menores de idade que estão sob sua guarda, eles estão abusando criminosamente dessas crianças, uma vez que as estão submetendo a torturas psicológicas e físicas, e enchendo suas cabeças de mentiras religiosas anticientíficas. De imediato, Hitchens coloca a seguinte questão:

Quando avaliamos se a religião fez “mais mal do que bem” – não que isso diga nada em relação a sua verdade ou autenticidade –, estamos lidando com uma questão imponderavelmente grande. Como poderemos saber quantas crianças tiveram suas vidas psicológicas e físicas irreparavelmente mutiladas pela inculcação compulsória da fé? (HITCHENS, 2007, p.157)

³⁶ Texto original White (2013): “Hitchens’s most egregious misrepresentations are reserved for what he calls, with a great intellectual wheeze, “Eastern religion,” as if all the varieties of Hinduism and Buddhism could be lumped together. In his chapter “There Is No ‘Eastern’ Solution” (all ten pages of it) he reduces the religious traditions of Asia to the frauds perpetrated by one famously noxious guru (Bhagwan Sri Rajneesh) and a few gratuitous slanders on the Dalai Lama. On the basis of a sign he once saw at Rajneesh’s ashram – “Shoes and minds must be left at the gate” – Hitchens concludes that Buddhism is a faith that despises the mind. Never mind that Rajneesh was no Buddhist and barely recognizable as Hindu”.

Durante todo o capítulo Hitchens sugere que a religião é abuso infantil ao falar de atitudes radicais de líderes fanáticos religiosos ou de doutrinas que há milhares de anos já não são mais usadas pelas religiões. Não obstante, o autor busca a todo momento estender as atitudes extremistas para todos os religiosos, sempre reforçando com tintas ainda mais carregadas, a imagem da religião como algo que fez, e faz, um mal incalculável à humanidade.

Dado o que foi revelado nas cidades modernas recentemente, causa arrepios pensar no que acontecia durante os séculos em que a Igreja estava acima de críticas. Mas o que as pessoas esperam que aconteça quando os vulneráveis são controlados por aqueles que, eles mesmos desajustados e pervertidos, são obrigados a afirmar um celibato hipócrita? E que foram ensinados a afirmar carrancudamente, como um artigo de fé, que as crianças eram “diabretes” ou “trastes” de Satanás? Algumas vezes a frustração resultante se exprime em terríveis excessos de punição física, o que em si já é suficientemente ruim. Mas quando as inibições artificiais realmente desmoronam, como temos visto acontecer, elas produzem um comportamento que nenhum pecador médio, masturbador e fornicador, pode sequer imaginar sem horror. Isso não é obra de alguns delinquentes em meio aos pastores, e sim o resultado de uma ideologia que buscou estabelecer o controle clerical por intermédio do controle do instinto sexual ou mesmo dos órgãos sexuais. (HITCHENS, 2007, p.165)

Depois da tentativa de associação de abuso infantil à transmissão de ensinamentos religiosos, Hitchens vai falar de forma mais direta sobre a religião como um mal para a humanidade. Porém, daí pra frente, seus argumentos são muito mais questionáveis do ponto de vista histórico e até mesmo de sua honestidade intelectual. Isso porque ele vai tentar associar a religião aos piores ditadores facínoras da história, incluindo aqueles que se declaravam ateus e construíram regimes antirreligiosos, como Stalin. E logo em seguida, Hitchens tenta argumentar que alguns dos maiores cientistas, humanistas e intelectuais religiosos da história, eram, na verdade, ateus.

No que concerne à sua tese de que regimes ateístas foram ditaduras fundamentadas em um viés religioso, é necessário notar que todo o capítulo em que Hitchens escreve sobre isso parece querer confundir o leitor, misturando uma série de acontecimentos e chegando a conclusões muito questionáveis do ponto de vista da lógica. Não obstante, o que parece certo para ele é que existe um caráter religioso por trás de toda e qualquer ditadura que existe ou já existiu no mundo. Hitchens então conclui que esse caráter é algo que coloca em risco a humanidade, e precisa ser eliminado.

Para começar devagar, é interessante descobrir que as pessoas de fé hoje buscam dizer defensivamente que não são piores que fascistas, nazistas ou stalinistas. Seria de esperar que a religião tivesse preservado um pouco mais de sua dignidade. Não diria que as fileiras do secularismo e do ateísmo estão exatamente abarrotadas de comunistas ou fascistas, mas pelo bem do debate

pode-se considerar certo que, assim como secularistas e ateus resistiram a tiranias clericais e teocráticas, os crentes religiosos resistiram às pagãs e materialistas. [...] Provavelmente não é coincidência que [as ideologias totalitárias] tenham surgido inicialmente, e de forma mais entusiasmada, em países católicos, e certamente não é coincidência que a Igreja Católica em geral fosse simpática ao fascismo como ideia. [...] Assim, aqueles que invocam a tirania “secular” em comparação com a religião esperam que esqueçamos duas coisas: a ligação entre as igrejas católicas e o fascismo e a capitulação das igrejas ao nacional-socialismo. [...] Lenin e Trotski certamente eram ateus convictos que acreditavam que as ilusões da religião podiam ser destruídas por atos políticos e que nesse meio-tempo as propriedades obscenamente ricas da igreja podiam ser confiscadas e nacionalizadas [...] Para Josef Stalin, que tinha se preparado para ser padre em um seminário na Geórgia, toda a coisa não passava de uma questão de poder. “Quantas divisões tem o papa?” foi a famosa pergunta idiota que ele fez. Depois, Stalin pedantemente repetiu a rotina papal de fazer a ciência se ajustar ao dogma. [...] Em muito poucos casos, como o da Albânia, o comunismo tentou extirpar a religião inteiramente e proclamar um Estado por completo ateu. [...] A ligação entre religião, racismo e totalitarismo também pode ser encontrada na outra odiosa ditadura do século XX: o sistema vil do *apartheid* da África do Sul. [...] A alternativa a esses fenômenos grotescos não é a quimera da ditadura secular, e sim a defesa do pluralismo secular e o direito a não acreditar ou ser obrigado a acreditar. Essa defesa agora se tornou uma responsabilidade urgente e inevitável: uma questão de sobrevivência. (HITCHENS, 2007, p.167, 170, 174, 176, 178, 180, 181).

No final das contas, Hitchens defende que nesses exemplos de líderes que dirigiram regimes totalitários seculares – embora individualmente possam ter se declarado ateus ou agnósticos –, a religião desempenhou um papel fundamental na condução e manutenção dessa liderança no poder. Segundo seu irmão, Peter Hitchens:

Grande parte de seu livro é dedicada a afirmar que o impulso religioso leva o homem a fazer, ou desculpar, ou apoiar coisas perversas e terríveis em nome da bondade. Esta não é uma descrição perfeita da Guerra do Iraque, que ele apoiou? Nas poucas ocasiões em que Christopher está preparado para admitir que pessoas religiosas fizeram algum bem, ele conclui que o fizeram apesar de sua fé, não por causa dela. Ele até sugere que a tirania ateuista soviética era em si uma forma de religião. Você não pode vencer esse tipo de absolutismo circular.³⁷ (HITCHENS, 2007a, p.1, tradução nossa)

Por outro lado, Hitchens dirá que alguns dos maiores gênios da humanidade não eram religiosos, uma vez que eles representavam uma “resistência do racional” ao obscurantismo

³⁷ Texto original Peter Hitchens (2007): “*Much of his book is devoted to claiming that religious impulse drives Man to do, or excuse, or support wicked and terrible things in the name of goodness. Is this not a perfect description of the Iraq War, which he backed? On the few occasions where Christopher is prepared to admit that religious people have done any good, he concludes that they did so in spite of their faith, not because of it. He even suggests that the atheist Soviet tyranny was itself a form of religion. You can’t win against this sort of circular absolutism*”.

religioso. Mas, presume ele, esses grandes homens precisavam disfarçar sua resistência científica sob o manto de algo religioso, e por isso não expressavam suas verdadeiras opiniões:

Visto o terror imposto pela religião à ciência e ao conhecimento ao longo dos primeiros séculos cristãos (Agostinho sustentou que os deuses pagãos existiam, mas apenas como demônios, e que a Terra tinha menos de seis mil anos de idade), e o fato de que a maioria das pessoas inteligentes considerava prudente dar uma demonstração exterior de adequação, não surpreende que o renascimento da filosofia frequentemente tenha sido expresso em termos quase religiosos. (HITCHENS, 2007, p.187)

Talvez pela acentuada carência de grande nomes ateístas na história do pensamento científico e filosófico, Hitchens acha por bem argumentar que alguns dos maiores personagens da história, eram uma espécie de “ateus disfarçados”. E Hitchens não se faz de rogado, na sua lista de ateus não declarados ele incluiu Sócrates (séc. IV a.C), Galileu Galilei (1564-1642), Baruch Spinoza (1632-1677), Voltaire (1694-1778), Benjamim Franklin (1706-1790), Thomas Paine (1737-1809) e Albert Einstein (1879-1955).

Segundo o autor em tela, os defensores religiosos tentaram deturpar alguns desses ícones para dar-lhes a roupagem de religiosos, mas a verdade é que alguns desses indivíduos lutaram contra as “influências negativas” da religião. E mesmo que esses cientistas nunca tenham se declarado ateus, e que alguns deles tenham até negado terminantemente o serem (como no caso de Einstein, Galileu e Spinoza), Hitchens afirma com toda convicção que eles eram ou ateus, ou agnósticos ou panteístas – o que, considera ele, seria basicamente a mesma coisa. Stephen Prothero, colunista do *The Washington Post* e presidente do departamento de religião da Universidade de Boston (EUA), ironiza a estratégia de Hitchens de trazer mais adeptos para o lado do ateísmo, dizendo:

Hitchens não é tão indulgente quando se trata de transgressões da religião. Ele aponta sua caneta venenosa para o Dalai Lama, São Francisco e Gandhi. Entre os líderes religiosos, apenas o reverendo Martin Luther King Jr. se sai bem. Mas no evangelho de acordo com Hitchens, tudo o que King fez de bom reverte para seu humanismo e não para seu cristianismo. Na verdade, King não era realmente um cristão, argumenta Hitchens, já que rejeitou o sadismo que caracteriza os ensinamentos de Jesus.³⁸ (PROTHERO, 2007, p.1, tradução nossa)

³⁸ Texto original Prothero (2007): “Hitchens is not so forgiving when it comes to religion's transgressions. He aims his poison pen at the Dalai Lama, St. Francis and Gandhi. Among religious leaders only the Rev. Martin Luther King Jr. comes off well. But in the gospel according to Hitchens whatever good King did accrues to his humanism rather than his Christianity. In fact, King was not actually a Christian at all, argues Hitchens, since he rejected the sadism that characterizes the teachings of Jesus”.

No último capítulo de sua obra-prima, Hitchens argumenta sobre a necessidade um novo iluminismo, muito mais radical e incisivo, capaz de eliminar o germe do pensamento religioso em nossas sociedades. Sua tese é de que a raça humana não necessita mais da religião da forma como já precisou no passado. Nesse sentido, é necessário que a razão, e a ciência como um todo, tenham papéis mais relevantes no dia-a-dia dos indivíduos e, principalmente, nas instituições estatais. Mas isso não virá de modo simples. Diz Hitchens:

Porém, só o utópico mais ingênuo pode acreditar que essa nova civilização humana irá se desenvolver, como algum sonho de “progresso”, em linha reta. Precisamos inicialmente transcender nossa pré-história e escapar das mãos enodoadas que tentam nos alcançar e nos arrastar de volta para as catacumbas, os altares ensanguentados e os prazeres culpados da sujeição e da abjeção. “Conhece a si mesmo”, disseram os gregos, gentilmente sugerindo os consolos da filosofia. Para limpar a cabeça para esse projeto, tornou-se necessário conhecer o inimigo, e se preparar para combatê-lo. (HITCHENS, 2007, p.202)

Ou seja, para Hitchens, o abandono dos ensinamentos e preceitos religiosos trará melhorias incalculáveis para humanidade, permitindo o surgimento de um mundo de prosperidade, paz e liberdade. Ao mesmo tempo, faz um apelo para que os ateus se unam e lutem contra a invasão teocrática que, segundo ele, ameaça todo o nosso progresso civilizatório. Mas ele alerta que é preciso que essa luta seja mais do que por meio de palavras, é necessário que sejam tomadas ações antiteístas.

Conclusões Hitchens

Publicado em 1º de maio de 2007, o livro “Deus não é grande” teve uma excelente recepção e repercutiu bastante. Em apenas uma semana, alcançou o segundo lugar na lista dos mais vendidos da Amazon e, na terceira semana, chegou ao primeiro lugar na lista dos mais vendidos do New York Times. Mas a obra também recebeu uma enxurrada de críticas mistas, com vários especialistas encontrando imprecisões históricas injustificáveis. Segundo White:

Como os críticos observaram desde sua publicação, um enorme problema com o livro de Hitchens é que ele reduz a religião a uma série de anedotas criminais. [...] Hitchens não era um cientista, mas um crítico literário, um jornalista e um intelectual público. [...] Ele propõe acabar com a religião em nome da ciência e da razão. “Deus não é grande” de Hitchens é um livro intelectualmente vergonhoso. Ser intelectualmente vergonhoso é ser desonesto, dizer menos do que você sabe, ou deveria saber, e moldar o que você apresenta de uma forma que deturpa o estado real das coisas. Nesse

sentido, e nas palavras do próprio Hitchens, seu livro carece de “decência”.³⁹ (WHITE, 2013, p.1, tradução nossa)

David Bentley Hart, escritor, teólogo, filósofo e sociólogo da religião, afirmou que o livro de Hitchens é um “conto alegre burlesco, que não quis ter nenhuma pretensão de ordem lógica ou rigor acadêmico”. (HART, 2010, p.1, tradução nossa) Em sua análise crítica, Hart contabilizou dezenas de erros contidos em “Deus não é grande”, até o ponto de desistir dessa tarefa. De acordo com ele:

O título de um dos capítulos de “Deus não é grande” é “As afirmações metafísicas da religião são falsas”, mas em nenhum lugar desse capítulo Hitchens realmente diz quais são essas afirmações ou suas falhas. Além disso, em questões de simples fatos históricos e textuais, o livro de Hitchens é tão extraordinariamente cheio de erros que logo se desiste de contá-los.⁴⁰ (HART, 2010, p.1, tradução nossa)

Além disso, o viés antiteísta de Hitchens parece conduzir toda a sua narrativa. Mesmo os críticos que elogiaram “Deus não é grande”, chamam a atenção para o tom radicalizado que o autor adota. A *Kirkus Reviews*, uma revista tradicional americana, especializada em resenhas de livros, elogiou o trabalho de Hitchens afirmando tratar-se de um “ataque agradavelmente destemperado à religião organizada”, e que “leitores com ideias semelhantes irão gostar”.⁴¹ Matt Buchanan, colunista especializado do jornal *The Sydney Morning Herald*, destacou que “Deus não é grande” é:

Um canhão trovejante de 300 páginas; um livro emocionantemente destemido, impressionantemente abrangente, completamente bilioso e raivoso contra a ideia de Deus [...] Este livro é facilmente o mais impressionante da atual safra de livros ateístas e antiteístas: inteligente, amplo, espirituoso e argumentado de forma brilhante.⁴² (BUCHANAN, 2007, p.1, tradução nossa)

³⁹ Texto original White (2013): “As critics have observed since its publication, one enormous problem with Hitchens’s book is that it reduces religion to a series of criminal anecdotes. [...] Hitchens was not a scientist but a literary critic, a journalist, and a public intellectual. [...] He proposes to clear away religion in the name of science and reason. Hitchens’s “God Is Not Great” is an intellectually shameful book. To be intellectually shameful is to be dishonest, to tell less than you know, or ought to know, and to shape what you present in a way that misrepresents the real state of affairs. In this sense, and in Hitchens’s own term, his book lacks “decency.”

⁴⁰ Texto original HART (2010): “The title of one of the chapters in *God Is Not Great* is “The Metaphysical Claims of Religion Are False,” but nowhere in that chapter does Hitchens actually say what those claims or their flaws are. On matters of simple historical and textual fact, moreover, Hitchens’ book is so extraordinarily crowded with errors that one soon gives up counting them”.

⁴¹ Texto original Kirkus Reviews (2017): “pleasingly intemperate assault on organized religion” that “like-minded readers will enjoy”.

⁴² Texto original Buchanan (2007): “Thundering 300-page cannonade; a thrillingly fearless, impressively wide-ranging, thoroughly bilious and angry book against the idea of God. [...] This is book is easily the most impressive of the present crop of atheistic and anti-theistic books: clever, broad, witty and brilliantly argued”.

De acordo com Peter Hitchens: “Para os propósitos deste livro, a religião é identificada como uma certeza fanática”.⁴³ (HITCHENS, 2007a, p.1) De fato, quem lê o livro de Hitchens, desde as primeiras páginas vê que ele postula a religião como sendo:

Violenta, irracional, intolerante, aliada do racismo, do tribalismo e do fanatismo, baseada na ignorância e hostil à livre reflexão, depreciativa das mulheres e coerciva para com as crianças: a religião organizada tem muito em sua consciência. Há mais uma acusação a ser acrescentada à lista de indiciamentos. Com uma boa parte de sua mente coletiva, a religião espera a destruição do mundo. Com isso eu não quero dizer “espera” simplesmente no sentido escatológico de antecipar o fim. Na verdade, quero dizer que ela, aberta ou disfarçadamente, deseja que o fim aconteça. (HITCHENS, 2007, p.47)

É essa proposição inicial que Hitchens vai buscar provar nas centenas de páginas posteriores. No entanto, no decorrer dos capítulos, fica bastante claro que Hitchens não está sustentando nenhuma posição científica, ou mesmo filosófica. Todas as suas conclusões são baseadas numa mistura de histórias pessoais, anedotas supostamente históricas que ele mesmo teria documentado e análises críticas, quase sempre anacrônicas e descontextualizadas, de textos e narrativas religiosas.

E embora ataque todas as religiões institucionalizadas, seu alvo principal são as religiões abraâmicas. Questionado sobre o que ele considerava ser o “eixo do mal”? Respondeu: “cristianismo, judaísmo, islamismo – os três principais monoteísmos”. (HITCHENS, 2002, p.1) Hitchens também não demonstrava nenhum receio de parecer islamofóbico em seus textos e declarações. “Islamofobia é uma palavra criada por fascistas e usada por covardes para manipular idiotas”⁴⁴, dizia ele. (HITCHENS apud MEHTA, 2014, p.1, tradução nossa)

Ao se apresentar como um “humanista e antiteísta”, Hitchens buscava identificar sua militância antirreligiosa com os valores filosóficos do Iluminismo. A ideia que Hitchens tentou transmitir é a de que, se Deus existisse, isso implicaria na crença de um Ser Supremo controlando toda a realidade. Para ele, isso desemboca num tipo de crença totalitária que destrói a liberdade individual. Ou seja, para esse filósofo, a ideia de Deus é a fonte primária de todo o mal. Escreveu Hitchens: “Embora eu não goste de discordar de um grande homem, Voltaire foi simplesmente ridículo quando disse que, se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo. A invenção humana de Deus é o primeiro problema”. (HITCHENS, 2007, p.74)

⁴³ Texto original Peter Hitchens (2007): “*For the purposes of this book, religion is identified as a fanatical certainty.*”

⁴⁴ Texto original Hitchens (2014): “*Islamophobia: a word created by fascists, and used by cowards, to manipulate morons*”.

Por isso, Hitchens propõe que a investigação científica naturalista substitua totalmente a religião como um meio de transmitir ética e definir valores para a civilização humana. Ele tem uma crença tão forte na evolução como uma fonte constante de aperfeiçoamento da humanidade que imagina que até mesmo a moral pode florescer a partir do processo de seleção natural darwiniano. Segundo Hitchens:

A chamada Regra de Ouro, algumas vezes desnecessariamente identificada com uma história folclórica sobre o rabino babilônico Hillel, simplesmente nos estimula a tratar os outros como gostaríamos que os outros nos tratassem. Esse preceito sóbrio e racional, que é possível ensinar a qualquer criança com sua noção inata de justiça (e que acaba com todas as “beatitudes” e parábolas de Jesus), está perfeitamente ao alcance de qualquer ateu e não demanda masoquismo e histeria, ou sadismo e histeria quando violado. Ele é lentamente aprendido, como parte da evolução dolorosamente lenta da espécie, e uma vez compreendido nunca é esquecido. A consciência comum dá conta disso, sem a necessidade de qualquer ira celeste por trás. (HITCHENS, 2007, p.155)

Em síntese, parece que toda a narrativa de Hitchens pode ser dividida em duas vertentes principais. A primeira é a proposta de que a religião é algo obsoleto, que não é mais necessário, uma vez que descobrimos a ciência, e ela, através do método evolutivo darwiniano, atenderá à espécie humana em todos os aspectos de que precisarmos. A segunda proposta é a de que, ao longo da história, a religião fez muito mais mal do que bem, e se ela continuar a ser tolerada, muito mais sofrimento desnecessário será produzido, podendo colocar em risco a sobrevivência da própria humanidade. (HITCHES, 2007, p.10-20)

Destarte, “Deus não é grande” é o grande clássico de um autor polêmico, ácido e que via no seu antiteísmo uma atitude exemplar, que precisava ser multiplicada nessa e nas próximas gerações. Acreditar que não existe um Criador é um pensamento que, por algum motivo, trazia alívio para ele. Isso é diferente de simplesmente não acreditar. Segundo Hitchens:

Você pode ser ateu e desejar que a crença [em Deus] seja verdadeira. Você poderia. Conheço algumas pessoas que o fazem. [...] Mas, um antiteísta, um termo que estou tentando colocar em circulação, é alguém que está muito aliviado por não haver evidências para essa proposição.⁴⁵ (HITCHENS apud MEYER, 2007, p.1, tradução nossa)

Por isso, Hitchens sempre gostava de ressaltar que ele não era simplesmente um ateu, mas um antirreligioso aguerrido, que já lutava contra a ideia de existir um Deus muito antes do novo ateísmo ressurgir, no século XXI. Nesse sentido, ele defendia que o ateísmo não deveria

⁴⁵ Texto original Meyer (2007): “You could be an atheist and wish that the belief was true. You could; I know some people who do. [...] But, an antitheist, a term I’m trying to get into circulation, is someone who’s very relieved that there’s no evidence for this proposition.”

ser simplesmente uma negação da existência de Deus, mas uma postura de questionamento e constrangimento constantes dos religiosos. Não obstante, ele admite que seu *best-seller* foi beneficiado por uma onda de livros ateístas, que inclui as obras dos outros três cavaleiros do ateísmo. A semelhança do tom fundamentalista nos discursos dos quatro autores parece ser um laço que amarra os diferentes estilos de narrativas que são usados para transmitir a “boa nova” do neoteísmo. De acordo com Prothero:

Há um século e meio, o Papa Pio IX publicou o Sílabo dos Erros, um tour de force retórico contra os altos crimes e contravenções do mundo moderno. “God Is Not Great”, do jornalista britânico e provocador profissional Christopher Hitchens, é o equivalente dos ateus: uma enumeração implacável dos pecados e maldades da religião, escrita com muito da pompa retórica e toda a condescendência imperial de uma encíclica vaticana. Hitchens, que uma vez descreveu Madre Teresa como “uma fanática, uma fundamentalista e uma fraude”, é notório por fazer picadinho de vacas sagradas, mas neste livro é o próprio sagrado que é espetado. [...] Hitchens argumenta que a religião é “feita pelo homem” e assassina, originada no medo e sustentada pela força bruta. Como Richard Dawkins, ele denuncia a educação religiosa dos jovens como abuso infantil. Como Sam Harris, ele ataca o Alcorão e também a Bíblia. E como Daniel Dennett, ele vê a fé como a realização de um desejo. O historiador George Marsden certa vez descreveu o fundamentalismo como o evangelicalismo que é louco por alguma coisa. Se assim for, esses ateus evangelistas têm algo em comum com seus inimigos fundamentalistas, e Hitchens é o mais louco de todos. O teólogo protestante João Calvino era “um sádico, torturador e assassino”, escreve Hitchens, e a Bíblia “contém um mandado de tráfico de seres humanos, limpeza étnica, escravidão, preço de noiva e massacre indiscriminado”.⁴⁶ (PROTHERO, 2007, p.1, tradução nossa)

Por isso é que chamamos a atenção para o fato de que é justamente nesse contexto do movimento neoteísta que melhor podemos compreender a estratégia de Hitchens para atacar seu inimigo, pois ao forjar a imagem da religião como uma força coercitiva, que oprime e retira a liberdade de pensamento dos indivíduos, ele busca criminalizar a própria liberdade de ter e de poder expressar uma religião. Para Hitchens:

Os crentes ponderados também podem encontrar algum consolo [com o fim das religiões]. O ceticismo e as descobertas os libertaram do fardo de ter de defender seu deus como um cientista louco tolo, desajeitado e primário, e também de ter de responder a perguntas perturbadoras sobre quem infligiu ao homem o bacilo da sífilis, determinou a lepra ou a criança idiota ou concebeu

⁴⁶ Texto original Prothero (2007): “A century and a half ago Pope Pius IX published the Syllabus of Errors, a rhetorical tour de force against the high crimes and misdemeanors of the modern world. God Is Not Great, by the British journalist and professional provocateur Christopher Hitchens, is the atheists' equivalent: an unrelenting enumeration of religion's sins and wickedness, written with much of the rhetorical pomp and all of the imperial condescension of a Vatican encyclical. Hitchens, who once described Mother Teresa as “a fanatic, a fundamentalist, and a fraud,” is notorious for making mincemeat out of sacred cows, but in this book it is the sacred itself that is skewered. [...] Hitchens argues that religion is “man-made” and murderous, originating in fear and sustained by brute force. Like Richard Dawkins, he denounces the religious education of young people as child abuse. Like Sam Harris, he fires away at the Koran as well as the Bible. And like Daniel Dennett, he views faith as wish-fulfillment”.

os tormentos de Jó. Os fiéis estão dispensados disso: já não temos nenhuma necessidade de um deus para explicar o que não é mais misterioso. O que os crentes farão agora que sua fé é opcional, particular e irrelevante é problema deles. Não devemos nos importar, desde que eles não façam novas tentativas de inculcar a religião por qualquer forma de coerção. (HITCHENS, 2007, p.75)

Ora, uma vez que se reconheça que a religião é uma forma de coerção criminosa contra os indivíduos, teremos que reconhecer também que essa prática, se aplicada contra nossas crianças, é abuso infantil, assim como propôs Hitchens. E se os pais perdem o direito de transmitir as suas crenças religiosas para seus filhos, em poucas gerações, teríamos uma sociedade altamente secularizada.

Por tudo isso, é importante observarmos que as críticas ao trabalho e ao estilo de Hitchens vão além de sua capacidade literária, científica, teológica e/ou filosófica. Elas estão principalmente direcionadas para o seu radicalismo, que prejudicava e, muitas vezes, inviabilizava, a construção de diálogos produtivos. E sendo um dos autores ateus mais lidos da história, Hitchens contribuiu para formatar uma imagem falsa da religião, forjada especificamente para fazer com que ela seja vista como uma ameaça que precisa ser eliminada.

Nessa guerra, Hitchens entende que a ridicularização, a desinformação e a desonestidade intelectual podem ser livremente utilizadas como armas na batalha contra o “obscurantismo religioso”. Destarte, ao apresentar a religião como uma força destrutiva, promotora da violência, da ignorância, do racismo e da intolerância, Hitchens motivou críticas acaloradas, mas também arrebanhou um grande número de fervorosos admiradores, que continuam a reproduzir suas ideias, mesmo após sua morte.

1.3 Sam Harris

Sam Harris é um filósofo e neurocientista norte-americano. Ele é um intelectual muito conhecido da atualidade, especialmente por causa de dois livros que publicou: “A Morte da Fé” (2004) e “Carta a uma Nação Cristã” (2006). No entanto, segundo alguns de seus críticos, desde que se tornou uma figura pública, Harris vem colecionando uma série de polêmicas que fazem com que muitos dos que o conhecem, o admiram e o seguem hoje, façam isso sem nunca ter lido nenhum de seus livros. Acrescente-se que após o seu enorme sucesso como escritor antiteísta, ele também passou a abordar uma variedade grande de temas em suas entrevistas, palestras, podcasts e publicações, entre eles: racionalidade, ética, livre arbítrio, meditação, política internacional, terrorismo, psicodélicos, neurociência, filosofia da mente e inteligência artificial.

De fato, assim como Hitchens, Harris também é um polemista profissional e sabe que suas declarações impactantes encontram solo fértil em todos que têm algum tipo de sentimento antirreligioso. Ele também parece colecionar alguns paradoxos. Dentre os quatro cavaleiros do ateísmo, Harris é o mais novo, aquele que tem a mais baixa qualificação acadêmica e o único que era totalmente desconhecido antes do movimento neoateísta tomar forma nos EUA.

Por outro lado, Harris também foi o primeiro a colocar no papel o discurso e o sentimento de aversão religiosa após o 11 de setembro. Aliás, “A Morte da Fé” já é um reflexo direto do impacto emocional que o atingiu após os ataques em solo americano. Segundo ele mesmo declarou: “comecei a escrever este livro no dia 12 de setembro de 2001”. (HARRIS, 2006, p.373) Esta é uma informação importante que devemos guardar na memória durante essa nossa análise, uma vez que o sentimento de revolta contra o Islã vai permear toda a obra de Harris, bem como as suas declarações públicas. Ele ainda acredita que seu livro, fruto de sua indignação, foi fundamental para que o atentado de 2001 em solo americano fosse visto como uma atitude fundamentalista religiosa. Por exemplo, quando Harris foi questionado em uma entrevista: “O que te trouxe a tudo isso?”, ele respondeu:

Escrevi “A Morte a Fé” como uma resposta imediata ao 11 de setembro. Não íamos chamar pás de pás, não íamos admitir que aquilo era um ato religioso, e de fato que a única linguagem que encontramos naquele momento para nos consolar era a nossa própria religiosidade. Conversamos sobre Deus estar do nosso lado. George Bush levantou-se e disse que Deus não é indiferente entre a liberdade e o medo. Buscamos refúgio naquilo mesmo que nos trazia essa

atrocidade, essa fé irracional, esse compromisso com falsas certezas religiosas.⁴⁷ (HARRIS, 2007, p.1, tradução nossa)

Mas, apesar dessa ira inicial ter sido direcionada aos muçulmanos por causa dos atentados, Harris critica as religiões de uma forma geral, não apenas o Islamismo. Para ele, a religião é a fonte da grande maioria dos problemas no mundo, por isso defende abertamente a necessidade de eliminar todas as formas de crenças religiosas, que ele considera como “irracionais”. Suas generalizações e posicionamentos radicais lhe renderam muitas críticas, em especial por ele não levar em consideração nenhuma das inúmeras nuances e dos elementos de complexidade que perpassam as diversas formas de experiência religiosa que existem.

Outro ponto que parece paradoxal na biografia de Harris é que mesmo sendo considerado por vários observadores da cena o mais agressivo e radical dos quatro expoentes do neoteísmo, ele também é o único do grupo que se apresenta como “espiritualizado”, e afirma que essa dimensão metafísica, também tem seu espaço no mundo secularizado, ela apenas não precisa estar vinculada à ideia de religião:

Existe, sem dúvida, uma dimensão sagrada na nossa existência, e chegar a um bom entendimento com ela talvez seja o propósito mais elevado da vida humana. Mas veremos que para isso não é preciso ter fé em nenhuma afirmação impossível de se comprovar – tais como “Jesus nasceu de uma virgem” ou “o Corão é a palavra de Deus”. (HARRIS, 2009, p.15)

Mas, como veremos, alguns de seus críticos afirmam que esse discurso transcendental de Harris pode não ser mais do que uma estratégia no seu intento de convencer as pessoas de que a religião não é mais necessária e deve ser descartada.

Samuel Benjamin Harris nasceu na cidade de Los Angeles, Califórnia (EUA), em 9 de abril de 1967. Ele é filho de um ator relativamente conhecido no mercado de filmes americanos, Berkeley Harris, com a roteirista e produtora de TV, Susan Harris, que também criou algumas séries de sucesso nas décadas de 80 e 90. A vida próxima do *showbizz* fez com que Harris tivesse cuidado com seus dados pessoais desde muito cedo, por isso não existem muitas informações disponíveis a seu respeito, a não ser aquelas que ele mesmo disponibilizou.

⁴⁷ Texto original Harris (2007): “*The short answer is Sept. 11. I wrote “The End of Faith” as an immediate response to Sept. 11. The moment I saw that we were being attacked for religious reasons and because of our own attachment to our own religious traditions we weren’t going to call a spade a spade, we weren’t going to admit that this was a religious act, and in fact that the only language we could find at that moment to console ourselves was our own religiosity. We talked about God being on our side. George Bush stood up and said God is not indifferent between freedom and fear. We went for refuge in the very thing that was bringing us this atrocity, in this irrational faith, this commitment to false religious certainty.*”

Seu pai era Quaker, uma religião criada em 1652, pelo inglês George Fox (1624-1691), e que se tornou uma das principais vertentes do protestantismo nos países de língua inglesa. Sua mãe, apesar de ser de origem judia, não professava nenhuma religião. Ficaram pouco tempo juntos, e após o divórcio de seus pais, quando Harris tinha apenas dois anos, ele continuou sendo criado apenas por sua mãe. Segundo afirmou, sua educação foi totalmente secular e seus pais raramente tocavam no tema da religião, embora ele também tenha afirmado que não foi criado como ateu. (HARRIS, 2007, p.1) Em 2004, aos 37 anos, Harris casou-se com Annaka Gorton, que escreve e edita livros de não-ficção e científicos. Eles têm duas filhas e moram em Los Angeles.

No final dos anos 80, Harris começou a estudar língua inglesa na Universidade de Stanford. Por essa época teve uma experiência com psicodélicos que fez com que repensasse os rumos de sua vida. Após esse acontecimento, ele viajou para países orientais e estudou meditação com renomados professores do budismo e do hinduísmo. Durante essa fase de autodescobrimento espiritual, Harris afirma que leu “centenas de livros” sobre religião. O colunista do *New York Times*, David Segal conta alguns detalhes desse período:

Aos 19 anos, ele e um colega de faculdade experimentaram MDMA, mais conhecido como ecstasy, e a experiência alterou sua visão do papel que o amor poderia desempenhar no mundo. (“Eu percebi que era possível ser um ser humano que desejava o bem dos outros o tempo todo, reflexivamente”). Ele largou Stanford, onde estava no segundo ano de inglês e começou a estudar budismo e meditação. Ele voou pelo país e pelo mundo, para lugares como Índia e Nepal, muitas vezes para retiros silenciosos que duravam meses. [...] “Sua paixão era por questões filosóficas profundas, e ele podia falar por horas e horas”, lembra Salzberg. “Às vezes você gostaria de dizer a ele: ‘E os Yankees?’ ou ‘Olhe para as folhas, elas estão mudando de cor!’” Na época, ele era sustentado financeiramente por sua mãe, embora tenha trabalhado por um período memorável de três semanas na equipe de segurança designada para o Dalai Lama. “Você entra em uma sala e todos estão irradiando boas vibrações”, lembra ele, “e estou procurando por lunáticos perigosos. Eu não recomendaria isso”.⁴⁸ (SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

Onze anos depois de iniciar sua peregrinação espiritual, Harris retornou a Stanford, mudou de curso e obteve a graduação em filosofia no ano 2000. Mais tarde, em 2009, já como

⁴⁸ Texto original Segal (2006): “At age 19, he and a college friend tried MDMA, better known as ecstasy, and the experience altered his view of the role that love could play in the world. (“I realized that it was possible to be a human being who wished others well all the time, reflexively.”) He dropped out of Stanford, where he was an English major, in his sophomore year and started to study Buddhism and meditation. He flew around the country and around the world, to places such as India and Nepal, often for silent retreats that went on for months. [...] “His passion was for deep philosophical questions, and he could talk for hours and hours,” Salzberg recalls. “Sometimes you’d want to say to him, ‘What about the Yankees?’ or ‘Look at the leaves, they’re changing color!’” At the time, he was supported financially by his mother, though he did work for one memorable three-week stint in the security detail assigned to the Dalai Lama. “You walk into a room and everyone is beaming good vibes,” he recalls, “and I’m looking for dangerous lunatics. I wouldn’t recommend it”.

um escritor famoso, obteve o seu doutorado em neurociência na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Em sua tese, defendeu que a ciência pode determinar os valores morais da humanidade. Durante sua carreira, escreveu para publicações como *The New York Times*, *The Economist*, *Los Angeles Times*, *The Atlantic* e *London Times*.

Harris afirma ser um liberal, um democrata de carteirinha, orgulhando-se de nunca ter votado em republicanos para presidente. É um apoiador de causas LGBTQIAP+, inclusive o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Também acredita que o melhor caminho para lidar com algumas mazelas sociais pode ser o de descriminalização das drogas. Em suas publicações, Harris demonstra ser um duro crítico da direita cristã americana, alegando que ela mantém o foco político em “pseudoproblemas”, como o casamento entre homossexuais e o aborto. Ele também reprova o comportamento do chamado “cristianismo liberal”, pois embora, na sua visão, ao cristão liberais sejam influenciados pela modernidade secular, sendo por isso mais moderados, na prática, acabam por fornecer cobertura retórica para os fundamentalistas que desejam uma teocracia.

Harris, assim como os demais membros do clube de cavaleiros do ateísmo, também foi, e ainda é, muito ativo em debates. Participou de dezenas deles com muitas figuras públicas de destaque, como: William Craig, Jordan Peterson, Rick Warren, Reza Aslan, Deepak Chopra, Ben Shapiro e Jean Houston. O tema quase sempre tem a ver com Deus, religião e a crença no ateísmo. Seu estilo é considerado até mais agressivo do que os dos demais colegas. O seu diferencial talvez seja o de conseguir atacar duramente os seus adversários mantendo uma placidez inabalável em sua postura e tom de voz. Segal traz um relato esclarecedor de como muitos desses debates se deram. Diz ele:

Existem apenas duas possibilidades para Sam Harris. Ou ele está certo e milhões de cristãos, muçulmanos e judeus estão errados. Ou Sam Harris está errado e ele está indo para o inferno. Isso parece óbvio sempre que Harris abre o que ele chama de “minha boca grande”, e ficou extremamente claro em uma noite recente na Biblioteca Pública de Nova York, onde ele está debatendo com um ex-padre diante de um auditório lotado. Em menos de uma hora, Harris condena o Deus do Antigo Testamento por uma série de pecados, incluindo o apoio à escravidão. Ele chuta o Novo Testamento, comparando a história de Jesus a um conto de fadas. Ele critica o Alcorão, chamando-o de “um manifesto para a divisão religiosa”. Ninguém jamais acusou o homem de ser sutil. Harris saiu direto da escola de granadas de efeito moral da retórica pública, e seus argumentos têm muito mais probabilidade de ofender os fiéis do que de convencê-los a abandonar sua fé. [...] Nesse debate da Biblioteca Pública de Nova York, a multidão obviamente veio ouvi-lo e, quando ele foi interrompido por seu oponente algumas vezes, seus apoiadores ficaram com raiva o suficiente para assobiar um pouco. (“Nós amamos você, Sam!”, gritou um participante no início.) Vestido com um terno escuro, Harris nunca

levantou a voz. Ele apenas expôs o anti-catecismo com naturalidade: “Se o Alcorão fosse exatamente o mesmo”, disse ele, no final da noite, “e houvesse apenas uma linha adicionada a ele, e a linha dissesse: ‘Se você vir uma mulher ruiva em seu gramado ao pôr do sol, mate-a’, posso dizer em que tipo de mundo viveríamos. Viveríamos em um mundo onde mulheres ruivas seriam mortas com frequência. Viveríamos em um mundo onde pessoas como você” – e aqui Harris gesticula para seu oponente, Oliver McTernan – “diria, ‘Esse não é o verdadeiro Islã.’ Vinte mulheres em Bagdá teriam suas cabeças cortadas e alguém se apresentaria e diria: ‘Isso não tem nada a ver com o Islã. Algumas delas eram loiras avermelhadas. Outras foram estranguladas’”.⁴⁹ (SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

Embora ele seja um ateu por definição, Harris afirma que o termo em si é desnecessário. Para ele, como o ateísmo não é uma visão filosófica e nem mesmo uma visão de mundo, ele não deve se definir como algo que termine com o sufixo “-ismo”, que vem do grego e quer dizer “tomar o partido de”, “aderir”. Harris acredita que o ateísmo é, na realidade, uma “destruição de ideias más”, isso porque a religião é “um dos mais perversos maus usos de inteligência que nós já inventamos”⁵⁰ (HARRIS apud HUPFER, 2011, 0:31m, tradução nossa).

Por causa de seu estilo bélico, Harris foi “eleito” para o grupo dos quatro cavaleiros do ateísmo. Mas, se observarmos bem, apesar desse grupo ter sido idealizado e montado por Richard Dawkins, o primeiro neoateu que ganhou notoriedade e causou grande repercussão pública foi Sam Harris. A jornalista Katherine Don considera que a radicalidade é uma característica fundamental do neoateísmo e traz a opinião de alguns expoentes da cena americana emitindo opiniões sobre o trabalho de Harris:

⁴⁹ Texto original Segal (2006): *“There are really just two possibilities for Sam Harris. Either he is right and millions of Christians, Muslims and Jews are wrong. Or Sam Harris is wrong and he is so going to hell. This seems obvious whenever Harris opens what he calls ‘my big mouth,’ and it is glaringly clear one recent evening at the New York Public Library, where he is debating a former priest before a packed auditorium. In less than an hour, Harris condemns the God of the Old Testament for a host of sins, including support for slavery. He drop-kicks the New Testament, likening the story of Jesus to a fairy tale. He savages the Koran, calling it ‘a manifesto for religious divisiveness.’ Nobody has ever accused the man of being subtle. Harris is straight out of the stun grenade school of public rhetoric, and his arguments are far more likely to offend the faithful than they are to coax them out of their faith. [...] At the New York Public Library debate, the crowd had obviously come to hear him, and when he was interrupted by his opponent a few times, his supporters were angry enough to hiss a little. (‘We love you, Sam!’ one attendee shouted early on.) Dressed in a dark suit, Harris never raised his voice. He just laid out the anti-catechism matter-of-factly: ‘If the Koran were exactly the same,’ he said, toward the end of the night, ‘and there were just one line added to it, and the line said, ‘If you see a red-haired woman on your lawn at sunset, kill her,’ I can tell you what kind of world we’d live in. We’d live in a world where red-haired women would be killed often. We’d live in a world where people like yourself” – and here Harris gestures to his opponent, Oliver McTernan – “would say, ‘That’s not the true Islam.’ Twenty women in Baghdad would have their heads cut off and someone would come forward and say, ‘This has nothing to do with Islam. Some of them were strawberry blond. Some of them were strangled.’”*

⁵⁰ Texto original Harris (2011): *“His position is that ‘atheism’ is not a worldview or a philosophy, but the ‘destruction of bad ideas’. He states that religion is especially rife with bad ideas, calling it ‘one of the most perverse misuses of intelligence we have ever devised’.”*

Chamar Sam Harris de figura divisiva é dizer o mínimo. Harris – juntamente com Richard Dawkins, Daniel Dennett e Christopher Hitchens – é considerado um dos membros mais influentes do chamado movimento Novo Ateísmo. [...] Na esteira do seu livro, a teóloga Madeleine Bunting escreveu um artigo no *Guardian* comparando os argumentos de Harris sobre o Islã com “o tipo de argumento apresentado por aqueles que dirigiam a Inquisição”. Em um debate sobre religião na *Beliefnet*, um exasperado Andrew Sullivan chamou um dos argumentos de Harris de “uma forma de intolerância que me lembra alguns dos piores aspectos do fundamentalismo”.⁵¹ (DON, 2010, p.1, tradução nossa)

Em 2007, Dawkins, Hitchens e Harris, junto com outros ateus influentes, fundaram o *Project Reason*, uma iniciativa que se dedicava oficialmente a disseminar o conhecimento científico e os valores seculares na sociedade. O projeto não durou muito tempo e nem rendeu muitos frutos, sendo encerrado em 2010. Mas a mensagem principal que se buscou difundir é a de que a fé religiosa não só pode ser questionada, como ela deve ser questionada e condenada, dentro dos parâmetros que os secularistas decidirem que são os adequados.

O problema que surge então é: o que é a religião? Harris vai dar uma série de respostas para essa pergunta em seus vários escritos, palestras, debates e entrevistas. Mas, o que está presente em todas as suas descrições é a tentativa de mostrar a religião como algo extremamente negativo, que é capaz de fazer com que pessoas de boa índole sejam capazes de cometer atos atrozes. Por exemplo, durante uma entrevista para a revista *Religion & Ethics Newsweekly*, depois de muito atacar o Islã, Harris foi perguntado: “Você está dizendo que a religião pode transformar as pessoas em sociopatas?”. Ele respondeu:

Sim, efetivamente. Embora eu acredite que eles sintam compaixão e preocupação genuínas e êxtase religioso genuíno – acho, por exemplo, que um homem-bomba antes de apertar o botão provavelmente está em um estado muito transfigurado que é incrivelmente positivo no nível de suas emoções.⁵² (HARRIS, 2007, p.1, tradução nossa)

Ele também tem algumas certezas absolutamente estabelecidas a respeito do que é Deus e de quais são as Suas características. O interessante a se notar nessa definição de Harris é como esse autor realmente tira conclusões extraordinárias a partir de premissas demasiadamente simplórias e muitas vezes ilógicas. Segundo Harris:

⁵¹ Texto original Don (2011): “To call Sam Harris a divisive figure is to put it mildly. Harris — along with Richard Dawkins, Daniel Dennett and Christopher Hitchens — is considered one of the most influential members of the so-called New Atheism movement. [...] In the wake of the book, theologian Madeleine Bunting wrote an article in the *Guardian* comparing Harris’ arguments about Islam to “the kind of argument put forward by those who ran the Inquisition.” In a debate about religion on *Beliefnet*, an exasperated Andrew Sullivan called one of Harris’ arguments “a form of intolerance that reminds me of some of the worst aspects of fundamentalism”.

⁵² Texto original Harris (2007): “Yeah, effectively so. While I believe that they feel genuine compassion and concern and genuine religious ecstasy — I think for instance that a suicide bomber before he pushes the button is probably in a very transfigured state that is incredibly positive at the level of his emotions”

Um estudo detalhado de nossos livros sagrados revela que o Deus de Abraão é um sujeito ridículo – caprichoso, petulante e cruel –, e fazer um pacto com ele não garante a saúde nem a felicidade. Se essas são as características de Deus, então vemos que os piores elementos da sociedade foram, realmente, criados à sua imagem e semelhança. (HARRIS, 2009, p. 201)

No que concerne à moral, Harris parece ter um interesse especial nesse tema. Em 2010, ele lançou o livro *“The Moral Landscape”*, onde aborda diretamente a problemática dos valores morais com a religião e, principalmente, com o ateísmo. Sendo um neurocientista evolucionista, ele defende que a moral venha da própria evolução, assim ela poderia ser explicada e até mesmo determinada pela ciência, ao invés de ficarmos presos a valores morais provindos de “crenças irracionais”. Com esse argumento, Harris almeja tirar da religião a característica de ser uma fonte de moralidade, transformando-a num obstáculo para o “avanço científico” desses valores. De acordo com Don:

Seu novo livro há muito aguardado, *“The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values”*, lida de frente com questões que muitos pensadores ateus têm evitado por anos. Se a religião é tão ruim, onde os humanos deveriam procurar uma autoridade moral? A resposta, para Harris, é a ciência. Harris define moralidade como qualquer coisa relacionada ao “bem-estar de criaturas conscientes”. Uma vez que muitas descobertas científicas têm implicações sobre como maximizar o bem-estar, Harris acredita que os cientistas devem ser autoridades em questões morais. Na opinião de Harris, os cientistas não apenas têm todo o direito de apresentar argumentos morais, mas também devem ser autoridades no domínio moral.⁵³ (DON, 2011, p.1, tradução nossa)

O problema central nesse tipo de proposição é assumir que a ciência é uma ferramenta pela qual é possível conhecer o que é real e o que é ilusão no universo que está a nossa volta. Harris sempre ressalta que ela não é infalível, muito pelo contrário. Mas como a ciência pode falar e nos dizer o que é moralmente certo e o que é moralmente errado? Ela não pode. Quem fala são os cientistas, e cada um deles parte dos seus próprios pressupostos morais para concluir o que é a moral correta e como devemos agir. Se algum dia “a ciência” concluir que é moralmente correto eliminar todas as pessoas fenotipicamente deficientes ou “geneticamente imperfeitas”, isso será o correto a ser feito, dentro da lógica da moral sendo determinada pela ciência. Aliás, isso já aconteceu, e a história registrou esse período com o nome de Nazismo.

⁵³ Texto original DON (2011): *“His long-awaited new book, “The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values,” deals head-on with issues that many atheistic thinkers have been skirting for years. If religion is so bad, where should humans look for a moral authority? The answer, for Harris, is science. Harris defines morality as anything related to the “well-being of conscious creatures.” Since many scientific findings have implications for how to maximize well-being, Harris believes scientists should be authorities on moral issues. As Harris sees it, scientists not only have every right to make moral arguments, but should be authorities of the moral realm.”*

É importante entender o conceito de moral adotado por Harris. Primeiramente, faz-se necessário notar que ele admite existir um relativismo nos valores de diferentes culturas e em diferentes épocas. Porém, paradoxalmente, ele afirma que existem sociedades onde a moral é “melhor” do que em outras, devendo as primeiras determinar e impor às demais a sua moral mais evoluída. Essa proposta ficará melhor esclarecida no final do seu livro “A Morte da Fé”, do qual falaremos mais adiante. O ponto é que, para Harris, no que concerne ao relativismo de valores pessoais, sociais e culturais, não somos moralmente iguais, no sentido de que há valores morais melhores e há valores piores. Diz ele:

Como há sociedades mais ricas do que outras, há também sociedades que têm mais riqueza moral. Há sim uma hierarquia, e nem todas as sociedades são iguais. Ele estende essa não relatividade a outras áreas. Conforme suas próprias palavras: É inevitável, portanto, que algumas abordagens da política, da economia, da ciência e até mesmo da espiritualidade e da ética sejam objetivamente melhores do que suas concorrentes (seja qual for o critério de “melhor” que quisermos adotar), e essas gradações se traduzirão em diferenças bem reais na felicidade humana. (HARRIS, 2009, p.167)

Os valores morais do próprio Harris foram questionados quando ele começou a emitir várias opiniões consideradas bastante controversas até para os padrões do neoteísmo. Isso ocorreu depois que ele iniciou seu podcast, em setembro de 2013, chamado *Waking Up* (renomeado posteriormente para *Making Sense*) e tratou de temas como: armas, covid, vacinas, moralidade, psicodélicos, inteligência artificial e, seu tema predileto, Islã – mais especificamente fundamentalistas islâmicos e as catastróficas possibilidades hipotéticas do que pode acontecer caso a religião vença essa guerra contra a ciência (leia-se ateísmo).⁵⁴

Por isso, ainda que Harris demonstre gostar de navegar nas águas traiçoeiras de assuntos polêmicos variados, e também aprecie bastante criticar ferozmente o Cristianismo, a sua especialidade mesmo é atacar o Islamismo. Como veremos nas próximas páginas, em “A Morte da Fé”, esse autor coloca o Islã como um perigo real e imediato para todos nós. Em 2006, ele escreveu que “a maioria dos muçulmanos é totalmente perturbada por sua fé religiosa”⁵⁵ (HARRIS apud SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa). E dentro dessa visão o tom escatológico não pode faltar, justamente para que o autor deixe claro que “é nós ou eles”:

Embora existam, sem dúvida, alguns muçulmanos moderados que decidiram ignorar a militância irrevocável de sua religião, o Islã é inegavelmente uma religião de conquista. O único futuro que os muçulmanos devotos podem imaginar – como muçulmanos – é aquele em que todos os infiéis foram

⁵⁴ Essa tentativa de correlacionar a ciência com a própria ideia do ateísmo será melhor trabalhada nas partes dois e três dessa tese.

⁵⁵ Texto original Segal (2006): “*The most Muslims are utterly deranged by their religious faith*”.

convertidos ao Islã, politicamente subjugados ou mortos. Os princípios do Islã simplesmente não admitem nada além de um compartilhamento temporário de poder com os “inimigos de Deus”. Os muçulmanos devotos não podem ter dúvidas sobre a realidade do Paraíso ou sobre a eficácia do martírio como meio de chegar lá. Eles também não podem questionar a sabedoria e a razoabilidade de matar pessoas pelo que equivale a queixas teológicas. No Islã, é o moderado quem divide os cabelos, porque o impulso básico da doutrina é inegável: converter, subjugar ou matar os incrédulos; matar apóstatas; e conquistar o mundo.⁵⁶ (HARRIS, 2006a, p.1, tradução nossa)

Em 2014, Harris declarou que considera o Islã uma religião “especialmente beligerante”, que também é “hostil às normas do discurso civil”, pois está baseada em “más ideias, mantidas por maus motivos, levando a um mau comportamento”. (HARRIS, 2014, p.1) Em “A Morte da Fé”, no capítulo “O Problema com o Islã”, ele, “ao menos”, busca diferenciar o cristianismo do islamismo, focando o ataque no segundo grupo:

Embora o cristianismo tenha poucos inquisidores vivos atualmente, o Islã tem muitos. No próximo capítulo veremos que, em nossa oposição à visão de mundo do Islã, temos que confrontar uma civilização para a qual a História parou no tempo. É como se um portal no tempo tivesse sido aberto e hordas do século XIV estivessem se despejando no nosso mundo. Infelizmente, agora elas estão equipadas com armas do século XXI. (HARRIS, 2005, p.122)

E em 2015, junto com o ativista islâmico secular Maajid Nawaz, Harris co-escreveu e publicou o livro “*Islam and the Future of Tolerance*”. A obra é uma repetição de todos os argumentos islamofóbicos já apresentados por ele nos livros anteriores, mas acrescidos de novas narrativas de terror islâmico, reais ou imaginadas. De todo modo, ele já tinha deixado sua posição a respeito do Islamismo muito clara:

É hora de reconhecermos – e obrigarmos o mundo muçulmano a reconhecer – que o “extremismo muçulmano” não é extremo entre os muçulmanos. O próprio Islã dominante representa uma rejeição extremista da honestidade intelectual, igualdade de gênero, política secular e pluralismo genuíno. A verdade sobre o Islã é tão politicamente incorreta quanto aterrorizante: o Islã é todo marginal e sem nenhum centro. No Islã, enfrentamos uma civilização com uma história interrompida. É como se um portal no tempo se abrisse e os cristãos do século 14 estivessem entrando em nosso mundo. O Islã é a religião que mais cresce na Europa. Em toda a UE, os imigrantes muçulmanos muitas vezes mostram pouca inclinação para adquirir os valores seculares e civis de seus países de acolhimento e, no entanto, exploram esses valores ao máximo

⁵⁶ Texto original Harris (2006a): “*While there are undoubtedly some moderate Muslims who have decided to overlook the irrevocable militancy of their religion, Islam is undeniably a religion of conquest. The only future devout Muslims can envisage — as Muslims — is one in which all infidels have been converted to Islam, politically subjugated, or killed. The tenets of Islam simply do not admit of anything but a temporary sharing of power with the “enemies of God.” Devout Muslims can have no doubt about the reality of Paradise or about the efficacy of martyrdom as a means of getting there. Nor can they question the wisdom and reasonableness of killing people for what amount to theological grievances. In Islam, it is the moderate who is left to split hairs, because the basic thrust of the doctrine is undeniable: convert, subjugate, or kill unbelievers; kill apostates; and conquer the world.*”

– exigindo tolerância para seu atraso, sua misoginia, seu antissemitismo e o ódio genocida que é regularmente pregado em suas mesquitas.⁵⁷ (HARRIS, 2006a, p.1, tradução nossa)

No que tange a esse ponto em particular, é preciso apontar que as declarações islamofóbicas de Harris depõem contra sua tese de que uma ciência secular deve determinar o que é moralmente correto a ser feito, afinal, ele próprio, na condição de um neurocientista secular, tem dificuldade de se portar com isenção e neutralidade.

A Morte da Fé de Harris

Além dos seus dois principais livros, que já citamos e que se tornaram clássicos do ateísmo, Harris escreveu outros seis livros, todos trabalhando com o tema da religião. No total, cinco dessas publicações entraram na lista de *best-sellers* do *New York Times*, além dos dois principais, também foram indicados: “*The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values*” (2010), “*Waking Up: A Guide to Spirituality Without Religion*” (2014), “*Making Sense: Conversations on Consciousness, Morality, and the Future of Humanity*” (2020). Todos os seus livros foram rapidamente traduzidos para mais de 20 idiomas, sempre com a certeza de muitas vendas. Mas tudo isso só veio após o estrondoso sucesso de “A Morte da Fé”. E, como dito antes, o contexto em que ele foi escrito é relevante. Conta Segal:

Harris escreveu muito antes e depois de receber o diploma, mas nada foi publicado. Então veio 11 de setembro de 2001. “Eu poderia ter dito a você o que há de errado com o dogmatismo religioso em 10 de setembro”, diz ele. “Mas depois do 11 de setembro, percebi o papel que a moderação religiosa desempenhou ao fornecer cobertura para o fundamentalismo.” Harris começou a escrever “*The End of Faith*” em 12 de setembro. Quinze editoras rejeitariam o livro. A Norton disse sim após um tortuoso debate interno. A relutância de todos esses editores não parece surpreendente.⁵⁸ (SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

⁵⁷ Texto original Harris (2006a): “*It is time we recognized—and obliged the Muslim world to recognize—that “Muslim extremism” is not extreme among Muslims. Mainstream Islam itself represents an extremist rejection of intellectual honesty, gender equality, secular politics and genuine pluralism. The truth about Islam is as politically incorrect as it is terrifying: Islam is all fringe and no center. In Islam, we confront a civilization with an arrested history. It is as though a portal in time has opened, and the Christians of the 14th century are pouring into our world. Islam is the fastest growing religion in Europe. Throughout the E.U., Muslim immigrants often show little inclination to acquire the secular and civil values of their host countries, and yet exploit these values to the utmost—demanding tolerance for their backwardness, their misogyny, their anti-Semitism, and the genocidal hatred that is regularly preached in their mosques.*”

⁵⁸ Texto original Segal (2006): “*He wrote a lot before and after he got his diploma, but nothing was published. Then came Sept. 11, 2001. “I could have told you what is wrong with religious dogmatism on September 10th,” he says. “But after 9/11, I realized the role that religious moderation played in providing cover for*

Quando, finalmente, em 2004, “A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão” foi publicado, rapidamente se tornou um grande sucesso de crítica e público. Em 2005, o livro ganhou o Prêmio PEN/Martha Albrand de não ficção e o jornal *The New York Times* incluiu a obra na lista de *best-sellers* por 33 semanas seguidas.

O livro compreende uma crítica geral de todas as crenças religiosas, mas é particularmente agressivo ao atacar muçulmanos. Por isso, quando terminamos de lê-lo, a sensação é de que acabamos de ouvir uma grande ode àquilo que o próprio Harris descreveu como “luto coletivo e estupefação” provocados pelos ataques de 11 de setembro. Tanto o é, que ele começa sua obra trazendo o relato imaginário de um dia na vida de um homem-bomba, sendo esse o dia em que ele cometerá o atentado que ceifará sua vida e a de muitas outras pessoas. É com esse relato fictício que Harris vai argumentar, em seu capítulo introdutório, sobre a necessidade de se acabar com o respeito e a tolerância às crenças religiosas, que ele descreve como sendo desprovidas de evidências para serem críveis.

Harris usa uma argumentação muito confusa em termos de proporcionalidade e em termos da relação causa e efeito. Por exemplo, embora ele esteja constantemente fazendo referência ao perigo representado pela possibilidade de armas de destruição em massa poderem ser acessadas por grupos extremistas religiosos, Harris dirige suas principais críticas àquilo que ele chama de “moderação religiosa”, alegando que essa atitude impossibilita que a violência religiosa possa ser combatida adequadamente. E ele usa um princípio filosoficamente confuso para justificar essa crítica, segundo Harris: “Os moderados não querem matar ninguém em nome de Deus, mas querem que nós continuemos usando a palavra ‘Deus’, como se soubéssemos do que estamos falando”. (HARRIS, 2009, p.23)

Harris postula que não deve haver moderação com pessoas que acreditam em coisas inúteis, e, para ele, todas as histórias e tradições religiosas carecem de coerência lógica e por isso não conseguem esclarecer a realidade do mundo como ela é, sendo assim, devem ser descartadas. Porém, para ele, não se trata apenas de mostrar a inutilidade da religião. Mas mostrar a *big picture*, pois a crença em “coisas infundadas” traz consequências, porque, uma vez que os religiosos as assumem como verdadeiras, mas não conseguem justificá-las, acabarão usando a força para impor tais ideias como reais. Harris argumenta que as crenças são “princípios de ação” que orientam nosso comportamento. (HARRIS, 2009, p.58) Segundo ele,

fundamentalism.” Harris started writing “The End of Faith” on Sept. 12. Fifteen publishers would reject the book. Norton said yes after a torturous internal debate. The reluctance of all these publishers hardly seems surprising”.

se olharmos com cuidado, veremos que isso carrega um risco para a própria existência da humanidade, ao ponto de, no futuro, termos que escolher entre a religião e a nossa sobrevivência. Harris explica que:

O projeto da religião, como um todo, parece ser extremamente atrasado. Ela não pode sobreviver às mudanças que ocorreram com a humanidade – mudanças culturais, tecnológicas e até mesmo éticas. Do contrário, é pouco provável que nós consigamos sobreviver à religião. (HARRIS, 2009, p.23)

Esse tom escatológico é repetidamente utilizado por Harris ao longo de todo o livro. Mas ele vai além, pois, ao tentar esclarecer porque a religião representa um perigo tão grande para o futuro da humanidade, Harris vai dizer que, se as crenças religiosas não conseguem ser fundamentadas em evidências empíricas, testáveis e cientificamente comprovadas, isso significa que ser um religioso é uma forma de doença mental que “permite que seres humanos normais colham os frutos da loucura e os considerem sagrados”. (HARRIS, 2009, p.83) No subcapítulo, “Fé e Loucura”, Harris expõe a forma como chegou a essa conclusão:

Apenas certos tipos de pessoas acreditam no que ninguém mais acredita. Se alguém é governado por ideias para as quais não há provas (e que, portanto, não podem ser justificadas numa conversa com outros seres humanos), isso em geral indica que há algo de gravemente errado na sua mente. Sem dúvida, há sanidade nos grandes números. No entanto, é mero acidente histórico o fato de que se considera normal na nossa sociedade acreditar que o Criador do universo escuta os seus pensamentos, mas acreditar que Ele se comunica com você por meio de pingos de chuva em código Morse batendo na janela do seu quarto é uma demonstração de doença mental. Por isso, embora as pessoas religiosas não sejam, em geral, loucas, suas crenças fundamentais certamente o são. Isso não surpreende, uma vez que a maioria das religiões meramente canonizou algumas manifestações de ignorância e loucura ancestrais e as passou para nós como se fossem verdades primordiais. Isso faz com que bilhões acreditem no que nenhuma pessoa sã poderia acreditar por conta própria. Na verdade, é difícil imaginar um conjunto de crenças mais indicativo de doença mental do que o que se encontra no cerne de muitas de nossas tradições religiosas. (HARRIS, 2009, p.82)

Harris então faz uma análise superficial da Inquisição e das perseguições às mulheres que eram denunciadas como “bruxas”, e analisa também a perseguição antissemita que vitimizou muitos judeus no decorrer da história. No entanto, Harris dá um salto lógico e afirma que as torturas dos hereges na Idade Média não eram aberrações dos princípios religiosos, mas uma expressão lógica da própria doutrina cristã. E ele ainda afirma que homens como Santo Agostinho justificaram esse tipo de procedimento. Segundo Harris:

A justificativa para esse comportamento [de torturar hereges] veio diretamente de santo Agostinho, que assim raciocinou: se a tortura era apropriada para os que infringiam as leis dos homens, era ainda mais adequada para os que infringiam as leis de Deus. Tal como era praticada pelos cristãos da Idade

Média, a tortura judicial era meramente uma forma final, e insana, da sua fé. (HARRIS, 2009, p.98).

Claro que Harris não esclarece porque praticamente todos os historiadores afirmam que o Nazismo foi baseado nos preceitos da eugenia darwiniana e não na bíblia, uma vez que não foram apenas os judeus perseguidos, mas pessoas com deficiência mental ou física, negros, ciganos, latinos e qualquer outra etnia que não tivesse os “bons” genes da “raça ariana. Com isso, queremos demonstrar o nível de radicalidade e de “imprecisão histórica” que é utilizado por Harris em seus ataques à religião.

Harris vai tocar brevemente no assunto da influência negativa do “protestantismo fundamentalista” na vida pública americana. O terceiro, o quarto e o quinto capítulos, são especialmente dedicados ao seu tema favorito: o fundamentalismo islâmico. No capítulo intitulado “O Problema do Islã”, Harris vai chegar ao ponto de afirmar que o islamismo “mais do que qualquer outra religião elaborada por seres humanos, tem todos os componentes de um consumado culto à morte”. (HARRIS, 2009, p.141)

O autor então volta as atenções novamente para sua própria pátria e critica duramente o papel da direita cristã nos Estados Unidos. Ele acusa os conservadores religiosos de estarem influenciando negativamente áreas como políticas de drogas, pesquisa com células-tronco embrionárias e na prevenção da AIDS nos países em desenvolvimento. Para Harris, tudo isso revela “o quanto estamos próximos de viver numa teocracia”. (HARRIS, 2009, p.181)

No penúltimo capítulo, serão abordados temas como: ética, racionalidade e aquilo que ele chama de “problemas do relativismo”. Para ele, essa postura do relativismo moral é o que conduz as pessoas a optarem pela “falsa escolha do pacifismo”. Mas ele mesmo dá mostras do seu relativismo moral quando fala dos danos colaterais e da tortura judicial em períodos de guerra. Segundo Harris, os danos colaterais são eticamente mais problemáticos, mas ainda assim, esses valores podem sim ser relativizados em situações que possam ser consideradas como extremas. Por isso o entendimento de Harris com relação à tortura acaba parecendo dúbio, afinal ele é um dos incentivadores da guerra no Iraque:

O que se pensa, de modo geral, é que o problema ético mais grave que enfrentamos ao apelar para a tortura é a possibilidade de torturarmos homens e mulheres inocentes. [...] A impressão é que essa moderação no uso da tortura não pode ser reconciliada com nossa disposição de travar guerras. Afinal, o que são “danos colaterais” a não ser a tortura não intencional de homens, mulheres e crianças inocentes? Sempre que consentimos em jogar bombas, fazemos isso sabendo que algumas crianças ficarão cegas, serão evisceradas, se tornarão órfãs, paralíticas e até morrerão. [...] Poderíamos facilmente

elaborar formas de tortura que tornassem um torturador tão cego ao tormento das suas vítimas quanto um piloto de bombardeiro a 30 mil pés de altura. Assim, nossa aversão natural ao que se vê e se ouve em uma masmorra não é um bom argumento contra o uso de tortura. [...] Se não estamos dispostos a torturar, não devemos estar dispostos a travar uma guerra moderna (HARRIS, 2009, p.225, 228)

No último capítulo, Harris vai falar da necessidade de continuar existindo algum grau de espiritualidade e misticismo mesmo em um mundo totalmente secularizado, mas esses aspectos humanos poderão estar presentes sem precisar dos preceitos dogmáticos da religião. Por isso ele se volta para espiritualidades orientais, como o budismo, afirmando que elas são exemplos de práticas que desenvolvem o espírito sem a necessidade de acreditar num Deus. Nesse mesmo sentido, ele levanta algumas questões sobre a natureza da consciência e como a meditação pode revelar e fazer desaparecer o “eu”. Harris em nenhum momento esquece que é um ateu, e fala de todas essas coisas espirituais sem admitir a existência de qualquer tipo de elemento sobrenatural. Ele explica que:

Aqui o termo ‘espiritualidade’ parece inevitável – e já usei esse termo diversas vezes neste livro –, mas ‘espiritualidade’ tem algumas conotações que são, sinceramente, constrangedoras. Talvez ‘misticismo’ tenha mais peso, mas também tem suas associações infelizes. [...] O misticismo é uma forma de conhecimento racional. A religião não é. O místico reconheceu algo sobre a natureza da consciência que antecede o pensamento, e esse reconhecimento é suscetível a uma discussão racional. O místico tem razões para o que acredita, e essas razões são empíricas.” (HARRIS, 2009, p.239, p.257)

De acordo com a tese de Harris, se a humanidade compreender que espiritualidade e religião são coisas distintas, e descartar a segunda como algo obsoleto, inútil e essencialmente malévolos, é possível que a nossa experiência nesse mundo seja “radicalmente transformada”. Ele então fecha sua obra-prima com uma mensagem quase religiosa:

Os únicos anjos que precisamos invocar são o lado melhor da nossa natureza: a razão, a honestidade e o amor. Os únicos demônios que precisamos temer são os que espreitam dentro de cada mente humana: a ignorância, o ódio, a ganância e a fé, que certamente é a obra-prima do diabo. (HARRIS, 2009, p.263)

A enxurrada de críticas que Harris recebeu por “A Morte da Fé”, levaram-no a escrever e publicar um livro resposta dois anos depois. “Carta a Uma Nação Cristã”, foi publicado em 2006, e teve como alvo principal o Cristianismo e sua influência na sociedade americana. Rapidamente entrou na lista dos mais vendidos do *The New York Times*, pois, assim como aconteceu com seu primeiro *best-seller*, a obra gerou polêmicas e provocou muitos debates

acalorados, com muitos especialistas acusando Harris de ser bastante intolerante e desrespeitoso com as crenças religiosas.

O livro é escrito como se Harris estivesse escrevendo uma carta aberta para um de seus críticos cristão, abordando muitas questões bastante próprias dos estadunidenses, com discussões sobre política, aborto, ação externa norte-americana, etc. E de imediato, ele já faz questão de declarar que o objetivo desse novo livro é “demolir as pretensões intelectuais e morais do Cristianismo em suas formas mais ardorosas”. (HARRIS, 2006, p.7)

No decorrer da obra, Harris apresenta uma série de capítulos bem curtos onde apenas transmite suas ideias sem muito rigor técnico, literário e/ou acadêmico. Ele direciona seus argumentos aos membros da direita cristã conservadora, que, segundo ele, vinham ganhando espaço e direcionando o país para uma espécie de teocracia moderada. Harris defende que é preciso usar da razão e do pensamento crítico como meios para combater essa influência religiosa na política da nação.

O autor prossegue durante vários capítulos elencando uma série de passagens bíblicas descontextualizadas e com interpretações teológicas bastante questionáveis. De todo modo, Harris retoma a sistemática de usar as passagens pinçadas para questionar a moralidade de todos os cristãos do passado e atuais, bem como a moral ensinada pelo próprio Cristo. Ele afirma que “um dos efeitos mais perniciosos da religião é que ela tende a divorciar a moral da realidade do sofrimento dos seres humanos e dos animais”. (HARRIS, 2006, p.28)

O autor também vai repetir o argumento de que a confiança no dogma religioso pode criar noções de moralidade deturpadas, que se distanciam da realidade do sofrimento humano e dos esforços que são feitos para aliviá-lo. Em seguida, Harris elenca a mesma lista que já havia apresentado em “A Morte da Fé”, e afirma que crenças religiosas impedem o uso de preservativos em países da África, o que, por sua vez, dificulta o controle e a prevenção da AIDS. Ela também provoca protestos e impede o avanço nas pesquisas com células-tronco embrionárias e o ensino de uma educação sexual abrangente nas escolas, ao ficar insistentemente falando de temas como o aborto e se pondo ao uso de vacinas contra doenças sexualmente transmissíveis. Harris argumenta, portanto, que o cristianismo vem sendo uma fonte inesgotável de atitudes reprováveis, e, desse modo, ele não pode servir como guia moral da humanidade. Afirma Harris:

Os cristãos abusaram, oprimiram, escravizaram, insultaram, atormentaram, torturaram e mataram pessoas em nome de Deus durante séculos, com base em uma leitura teologicamente defensável da Bíblia. É impossível se

comportar dessa maneira aderindo aos princípios do jainismo. Como, então, você pode argumentar que a Bíblia oferece a expressão mais clara de moralidade que o mundo já viu? (HARRIS, 2006, p.26)

Nessa obra, Harris também fez reflexões sobre o problema do mal, sempre trazendo a ideia de como é difícil para um religioso acreditar em um Deus que é bom, mas permite desastres como o furacão Katrina, tsunamis e genocídios. Ele conclama que as pessoas reflitam sobre isso: “Já é hora de reconhecermos que é uma verdadeira desgraça que os sobreviventes de uma catástrofe acreditem que foram poupados por um Deus amoroso, enquanto esse mesmo Deus afogava bebês em seus berços”. (HARRIS, 2006, p.53)

Logo em seguida, Harris tentará demonstrar que, na verdade, os ateus é que têm um conceito de moral muito acurado, uma vez que fazem isso porque “sabem que é o certo a ser feito”, e não porque temem a um Deus malvado e/ou esperam ser recompensadas pelas boas atitudes que tomaram no decorrer de suas vidas. Na entrevista já citada anteriormente, de 2007, Harris é diretamente questionado a respeito desse tema. Observemos que a resposta imediata que ele dá é uma negativa. No entanto, percebendo que essa posição é complicada de ser empiricamente sustentada diante da repórter, ele relativiza e passa a julgar os motivos dos religiosos realizarem boas ações. Harris ainda determina que existem motivos mais nobres para se fazer o bem do que simplesmente acreditar em Deus, e que esses sentimentos podem ser estimulados e até “treinados”. A pergunta do jornalista foi: A crença em Deus leva as pessoas a fazerem o bem?

Não. Às vezes pode, mas nesses casos eu acho que está fazendo com que eles façam o bem por motivos ruins. Podemos ter boas razões para ajudar outras pessoas e podemos ter más razões para ajudar outras pessoas. Vale ressaltar que é muito mais nobre ajudar as pessoas porque você está preocupado com seu sofrimento do que ajudá-las porque você acha que o criador do universo quer que você faça isso ou vai puni-lo por não fazê-lo. Podemos nos tornar sensíveis ao sofrimento de outros seres humanos e realmente ser motivados por essa sensibilidade. A compaixão é um princípio real da psicologia humana que pode ser encorajado e até treinado. Podemos nos tornar mais compassivos do que somos naturalmente prestando atenção real e deliberada ao sofrimento do mundo e pensando em nosso envolvimento com outras pessoas.⁵⁹ (HARRIS, 2007, p.1, tradução nossa)

⁵⁹ Texto original Harris (2007): “No. It may sometimes, but in those cases I think it’s causing them to do good for bad reasons. We can have good reasons to help other people, and we can have bad reasons to help other people. It’s worth pointing out that it is rather more noble to help people because you are concerned about their suffering than it is to help them because you think the creator of the universe wants you to do it or will punish you for not doing it. We can become sensitive to the suffering of other human beings and really be motivated by that sensitivity. Compassion is a real principle of human psychology which can be encouraged and even trained. We can become more compassionate than we naturally are by actually, deliberately paying attention to the suffering of the world and thinking about our entanglement with other people.”.

Em “Carta a uma cristã”, Harris ainda expõe a hipocrisia de muitos cristãos que selecionam as partes da Bíblia em que resolvem acreditar e as que resolvem rejeitar quando estão construindo o seu sistema de embasamentos morais. Para ele: “Nós decidimos o que é bom no ‘Bom Livro’.” (HARRIS, 2006, p.49). Porém, esse argumento acabar por refutar tudo que ele diz sobre as crenças religiosas não serem capazes de moldar nossos valores e nosso comportamento. Harris então resolve questionar se a Bíblia é de fato um livro profético, descartando essa possibilidade ao se perguntar coisas como:

Por que a Bíblia não diz nada sobre a eletricidade, ou sobre O DNA, OU sobre a verdadeira idade e extensão do universo? E o que dizer de uma cura para o câncer? Quando compreendermos plenamente a biologia do câncer, esses fatos serão facilmente resumidos em algumas páginas de texto. Por que essas páginas, ou algo remotamente parecido, não se encontram na Bíblia? (HARRIS, 2006, p.60)

Mas o que parece realmente tirar a serenidade de Harris, é o fato de as pessoas continuarem duvidando do que ele acredita serem fatos científicos. Ele se mostra decepcionado de saber que várias pesquisas demonstram que mais da metade dos americanos simpatizam com o Criacionismo e/ou teoria do Design Inteligente. Por isso ele dedica algum tempo para pregar a palavra de Darwin, trazendo alguns argumentos a favor da evolução e contra qualquer insinuação de que existe propósito ou planejamento no surgimento da vida. Segundo Harris, esse choque entre as “certezas” científicas e as crenças religiosas é algo insuperável.

Na conclusão do livro, Harris vai argumentar que a variedade de religiões no mundo é a causa de muitos conflitos étnicos e intercomunitários, e acentua que a tolerância religiosa, o respeito mútuo e o diálogo inter-religioso não apresentam uma saída para essa situação, pois, para ele, esses valores apenas dificultam a crítica ao extremismo, que se baseia na fé.

A proposta de Harris é a criação de um governo mundial que possa intervir tanto jurídica, quanto militarmente para manter a paz e promover a justiça entre as nações. Porém, ele diz que isso é efetivamente muito difícil de acontecer, dado que a religião é um fator de desunião nesse tipo de empreendimento. Ou seja, se queremos paz e justiça no mundo é necessário acabar com a religião antes. E, apesar do objetivo de acabar com as religiões parecer uma meta inalcançável atualmente, Harris incentiva todos os ateus, antiteístas e antirreligiosos a continuarem lutando, perseguindo essa meta, pois exemplos históricos demonstrariam que ela pode sim ser alcançada no futuro. Diz ele em suas conclusões:

Precisamos desesperadamente de um discurso público que incentive o pensamento crítico e a honestidade intelectual. Nada obstrui mais esse projeto do que o respeito que concedemos à fé religiosa. Eu seria o primeiro a

reconhecer que as perspectivas de erradicar a religião na nossa época não parecem boas. Contudo, o mesmo poderia ser dito sobre os esforços para abolir a escravidão no final do século XVIII. [...] A analogia não é perfeita, mas é sugestivo. Se algum dia chegarmos a transcender nossa confusão religiosa, lembraremos deste período da história humana com horror e espanto. Como foi possível que as pessoas acreditassem em coisas assim em pleno século XXI? [...] Esta carta foi uma manifestação desse espanto – e, talvez, de um pouquinho de esperança. (HARRIS, 2006, p.82, 85)

Um Polemista Espiritualizado e Antirreligioso

Conforme exposto anteriormente, os dois primeiros livros de Harris foram estrondosos sucessos de venda. Eles deram voz a todos os antiteístas e a todos que tinham algum tipo de mágoa com a religião, ou, até mesmo, com religiosos. Essas obras caíram como uma bomba no meio midiático e repercutiram fortemente nos meios religiosos. Isso gerou dois efeitos contrapostos. Por um lado, estudiosos, religiosos e até ateus moderados correram a produzir uma série de livros, artigos e vídeos explicando os erros teológicos, filosóficos, sociológicos e históricos de Harris. Por outro, escritores ateus de todas as gerações também se apressaram a publicar dúzias de livros atacando a religião para aproveitar a onda antirreligiosa que se formou após o sucesso de Harris.

Apesar de suas obras terem recebido apoio de vários filósofos e pensadores, as críticas negativas aos escritos de Harris parecem ter prevalecido no decorrer do tempo. E o seu viés islamofóbico é sempre ressaltado, até mesmo por apoiadores – ainda que alguns rejeitem essa caracterização, argumentando que esse rótulo de islamofóbico é uma tentativa de silenciar o seu discurso contra as religiões. (ANGIER, 2004, p.1) Para Segal:

Este é Harris a todo vapor, o Evel Knievel⁶⁰ das ideias, um temerário da mente. Você o ouve e pensa: “Bem, isso vai levá-lo ao hospital”. Em vez disso, colocou-o na lista dos mais vendidos. Seu primeiro livro, “*The End of Faith*”, ganhou o Prêmio PEN/Martha Albrand de 2005 para Primeira Não-ficção e vendeu mais de 270.000 cópias, fazendo de Harris uma voz muito conhecida dos ímpios. Agora há uma continuação, “Carta a uma nação cristã”, uma espingarda de 96 páginas inspirada na reação ao seu primeiro livro, que aparentemente incluía um monte de correspondências de ódio. “Carta”, que está em 11º lugar na lista de *best-sellers* do *New York Times*, não perfura muitos novos poços teológicos. Harris é o primeiro, porém, a adaptar o caso contra as religiões do “Livro Antigo” de forma legível para o período pós-11

⁶⁰ Evel Knievel, ou Robert Craig Knievel Jr (1938-2007), foi um dublê profissional, motociclista e artista performático americano, que, no decorrer de sua carreira, fez cerca de 75 saltos sobre motocicletas entre os anos de 1965 e 1980. Sofreu o total de 433 fraturas ósseas, o que lhe garantiu uma entrada no Guinness de Recordes Mundiais como o homem vivo que “teve mais ossos quebrados”.

de setembro no mundo. Ele também está entre os primeiros a indiciar os liberais religiosos, e pode ser o primeiro homem a ser apontado como “*Hot Atheist*” na revista *Rolling Stone*. O não-evangelho de acordo com Sam encontrou um grande público, mas tão impressionante quanto foi a contrarreação a Harris entre os estudiosos religiosos. Mencione seu nome para acadêmicos de quase todas as convicções religiosas e você quase verá seus olhos rolarem. Ah, aquele cara. Harris simplificou grosseiramente as escrituras, dizem eles. Ele tirou conclusões de longo alcance com base nas crenças dos radicais. Tão ruim quanto, sua posição contra a religião organizada é tão incondicional que é semelhante à intolerância que ele afirma estar lutando. Se existe um fundamentalista secular, afirmam eles, é Harris.⁶¹ (SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

Falando do perigo da existência de pessoas que acreditam nas “ideias islâmicas ruins”, Harris já chegou a afirmar que “algumas proposições são tão perigosas que pode até ser ético matar pessoas por acreditar nelas”.⁶² (HARRIS apud BUNTING, 2007, p.1, tradução nossa) Ou seja, ele abre a brecha para a ideia que a morte de muçulmanos que acreditam em ideias “perigosas” pode ser moralmente justificável, mesmo que eles não tenham tido qualquer tipo de ação prática baseada nessas ideias. A ameaça de tais seres humanos sempre existiria em potencial. A conhecida teóloga Catherine Keller, publicou o livro “*On the mystery: Discerning divinity in process*”, em 2007, acusando Harris de criar um espantalho com a Divindade das religiões abraâmicas e afirmando que essa proposição de matar muçulmanos *a priori* em função do que eles acreditam, pode gerar uma situação social de “anti-tolerância”, com conflitos e resultados indesejáveis. Diante da sugestão feita por Harris, Keller lança a pergunta: “poderia haver uma proposição mais perigosa do que essa?”⁶³ (KELLER, 2007, p.05) Mas as análises desfavoráveis aos livros de Harris não se limitaram ao contexto do Islamismo. Richard Albert Mohler Jr, outro teólogo estadunidense, reconhecido nesse campo de estudos afirma que:

“A Morte da Fé” argumenta que a fé em Deus não só está desatualizada, mas também é perigosa. Na verdade, Sam Harris argumenta que a crença em Deus

⁶¹ Texto original Segal (2006): “*This is Harris at full throttle, the Evel Knievel of ideas, a daredevil of the mind. You listen to him and think, “Well, that is going to land him in the hospital”. Instead, it has landed him on the bestseller list. His first book, “The End of Faith,” won the 2005 PEN/Martha Albrand Award for First Nonfiction and sold more than 270,000 copies, making Harris a very high-profile voice of the godless. Now there is a follow-up, “Letter to a Christian Nation,” a 96-page shiv inspired by the reaction to his first book, which apparently included a heap of hate mail. “Letter,” which is No. 11 on the New York Times bestseller list, doesn’t drill many new theological wells. Harris is the first, though, to retrofit the case against “Old Book” religions in readable form for the post-Sept. 11 world. He is also among the first to indict religious liberals, and he might be the first man to be anointed “Hot Atheist” in Rolling Stone magazine. The un-gospel according to Sam has found a huge audience, but every bit as striking is the counter-reaction to Harris among religious scholars. Mention his name to academics of just about every religious persuasion and you can almost see their eyes roll. Oh, that guy. Harris has grossly oversimplified scripture, they say. He has drawn far-reaching conclusions based on the beliefs of radicals. As bad, his stand against organized religion is so unconditional that it’s akin to the intolerance he claims he is fighting. If there is such a thing as a secular fundamentalist, they contend, Harris is it.*”

⁶² Texto original BUNTING (2007): “*Some propositions are so dangerous that it may even be ethical to kill people for believing them.*”

⁶³ Texto original Keller (2007): “*Could there be a more dangerous proposition than that?*”

é a causa raiz do terrorismo mundial e praticamente todos os outros problemas enfrentados pela humanidade. Em seu livro, Harris apresenta um ataque frontal ao edifício da fé, acusando os crentes de Deus de intenções assassinas, intolerância e repressão intelectual – e isso é só para começar.⁶⁴ (MOHLER, 2004, p.1, tradução nossa)

E mesmo sendo de uma nação predominantemente confessional e tendo crescido em contato com o Cristianismo, em seus textos e falas Harris demonstra tanto desconhecimento dos preceitos e das narrativas cristãs quanto se esperaria de algum estrangeiro completamente alheio a essa cultura religiosa. Não obstante, o autor se apresenta como um profundo conhecedor de toda a teologia que ataca. Esse tipo de inconsistência foi observada e destacada por especialistas como Michael Novak Jr. (1933 - 2017), filósofo, jornalista, romancista e diplomata americano, que já escreveu mais de quarenta livros a respeito da relação entre a filosofia e a teologia cultural. Segundo ele:

A carta que Harris afirma ser destinada a uma nação cristã é, na verdade, totalmente desinteressada pelo cristianismo em qualquer nível, é extremamente ignorante e representa essencialmente sua própria carta de amor para si mesmo, por ser superior aos cidadãos estúpidos entre os quais vive.⁶⁵ (NOVAK, 2007, p.50, tradução nossa)

Já para Mohler, a estratégia que Harris utiliza é o do tudo ou nada, também conhecida como a “falácia da dicotomia”. Isso significa que não se aceita o meio-termo, a moderação, o “caminho do meio”. É preciso escolher um dos lados, da religião ou do liberalismo, não havendo espaço para nenhum tipo de atitude equilibrada. Ou se está com os novos ateus, ou se está contra eles. De acordo com Mohler:

Os crentes são “os verdadeiros inimigos da civilização”, argumenta Harris, e a tolerância religiosa – muito menos a liberdade religiosa – é simplesmente um preço muito alto a pagar. Na verdade, Harris dirige sua crítica mais contundente àqueles que se apresentam como “moderados” em questões de fé. Aqueles que procuram conciliar a fé teísta com as reivindicações da cultura moderna “são eles próprios portadores de um terrível dogma”. Além disso, eles se cegam para o fato de que estão mentindo para si mesmos e deturpando sua fé. Em outras palavras, Harris argumenta que alguém pode ser liberal ou religioso, mas não ambos.⁶⁶ (MOHLER, 2004, p.2, tradução nossa)

⁶⁴ Texto original Mohler (2004): “*In The End of Faith*” argues that faith in God is not only out of date, but dangerous. As a matter of fact, Sam Harris argues that belief in God is the root cause of world terrorism and virtually every other problem faced by humanity. In book, Harris presents a frontal assault on the edifice of faith, charging the God-believers with murderous intentions, intolerance, and intellectual repression—and that’s just for starters.”

⁶⁵ Texto original Novak (2007): “*The letter that Harris claims is intended for a Christian nation is in fact wholly uninterested in Christianity on any level, is hugely ignorant, and essentially represents his own love letter to himself, on account of his being superior to the stupid citizens among whom he lives.*”

⁶⁶ Texto original Mohler (2007): “*Believers are “the genuine enemies of civilization,” Harris argues, and religious tolerance—much less religious liberty—is simply too high a price to pay. As a matter of fact, Harris aims his sharpest criticism at those who would pose as “moderates” in matters of faith. Those who seek to accommodate theistic*

Mas, como dito antes, nenhuma religião passa incólume pela pena desse expoente do neoateísmo. Segal, lembra que até mesmo o judaísmo será acusado de ter contribuído para o Holocausto, pois Harris acredita que, se não fossem as crenças religiosas judaicas, esse povo não teria se afastado das outras nações, e elas não teriam permitido que o massacre aos judeus acontecesse. De acordo com Segal:

“A Morte da Fé” e “Carta a uma Nação Cristã” contém muito para indignar quase todo mundo. Harris ataca o politicamente correto, os evangélicos, os liberais, os direitistas e até mesmo o judaísmo, que muitas vezes passa despercebido em tais debates. (Harris acusa os judeus de terem sido cúmplices em sua perseguição secular porque insistiram em se separar do resto do mundo).⁶⁷ (SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

Como dito anteriormente, ainda que Harris seja considerado o mais agressivo dentre os quatro cavaleiros do ateísmo, ele também adquiriu a fama de ser alguém espiritualmente desenvolvido e equilibrado. Quando questionado sobre essa aparente contradição, ele explica: “Minha escrita é mais raivosa do que eu. O maníaco sai um pouco quando eu fico atrás do teclado”.⁶⁸ (HARRIS apud SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa) Um de seus livros mais recentes recebeu o título bem sugestivo de “*Waking Up: Searching for Spirituality Without Religion*” (Acordar: Em busca da Espiritualidade Sem Religião).

Nas suas obras, Harris deixa claro que não há “nada de irracional em buscar os estados mentais que estão no cerne de muitas religiões. Compaixão, reverência, devoção e sentimentos de unidade estão certamente entre as experiências mais valiosas que uma pessoa pode ter”.⁶⁹ (HARRIS apud MILLER, 2010, p.1, tradução nossa). Segundo ele, tudo que conhecemos por espiritualidade nada mais é do que manifestações de nossa consciência, e é essa consciência que precisamos conhecer para estarmos bem com nosso lado espiritual.

Destarte, seria falsa a ideia de que existe uma dicotomia entre espiritualidade e racionalidade, por isso ele se propõe a oferecer um “caminho do meio”, que preservaria a

faith with the claims of modern culture “are themselves the bearers of a terrible dogma.” Furthermore, they blind themselves to the fact that they are lying to themselves and misrepresenting their Faith. In other words, Harris argues that one may be liberal or religious, but not both”.

⁶⁷ Texto original Segal (2006): “*The End of Faith*” and “*Letter to a Christian Nation*” contain plenty to outrage just about everyone. Harris assails political correctness, evangelicals, liberals, right-wingers and even Judaism, which often gets a pass in such debates. (Harris charges that Jews have been complicit in their centuries-long persecution because they have insisted on setting themselves apart from the rest of the world.)”

⁶⁸ Texto original Segal (2006): “*My writing is angrier than I am. The maniac comes out a bit when I get behind the keyboard.*”

⁶⁹ Texto original Miller (2010): “*I see nothing irrational about seeking the states of mind that lie at the core of many religions. Compassion, awe, devotion and feelings of oneness are surely among the most valuable experiences a person can have*”.

espiritualidade aliada à ciência, mas sem envolver nenhuma forma de religião ou de crença em Deus. Ele afirma que a espiritualidade deve ser entendida à luz de disciplinas científicas, como a biologia evolutiva, a neurociência e a psicologia.

De todo modo, esse lado místico, acolhedor e transcendental – que muitas vezes se assemelha até às funções de sacerdotes e guias religiosos – faz com que Harris consiga quebrar o aspecto mais colérico de suas publicações, palestras e entrevistas. E nesse caso é pertinente notarmos que ele apresenta uma alternativa para esse aspecto da natureza humana que nenhum dos demais representantes do novo ateísmo se atreve a abordar, mesmo fora do pequeno grupo de cavaleiros do qual Harris faz parte. Isso torna-se relevante especialmente porque mesmo que o ateísmo se estabelecesse como a cosmovisão adotada pela grande maioria da humanidade, ainda assim, isso não significaria que a tendência implícita dos seres humanos de buscarem o espiritual e o transcendental desapareceriam. O que Harris busca é ofertar uma possibilidade de se construir um conjunto de pressupostos seculares que seja capaz de atender a esse anseio humano de buscar a transcendência da matéria.

Por fim, resta examinarmos a tese mais contestada dos livros de Harris, que é a alegação de que os religiosos moderados são os reais responsáveis pelo fundamentalismo. Na visão desse autor, a culpa dos moderados está no fato de que eles aceitam crenças que não são racionalmente fundamentadas, e ainda pedem que as demais pessoas não religiosas respeitem essas “ilusões religiosas”. Assim, ele entende que são os moderados que abrem, e mantém aberta, a porta para os radicais fundamentalistas. E esses mesmos liberais funcionariam ainda como um escudo, uma proteção que não permite que eles sejam efetivamente contestados. Sobre essa tese de Harris, Segal reflete o seguinte:

Há também a questão mais ampla de saber se os religiosos moderados realmente facilitam os extremistas. Talvez os moderados sejam um baluarte contra os fanáticos. Se esta é realmente uma guerra de ideias, provavelmente não é uma guerra entre nenhuma religião (que é o que Harris gostaria) e o extremismo. É uma guerra entre moderação e extremismo, que é uma guerra que precisa de moderados para lutar.⁷⁰ (SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

Porém, talvez seja exatamente isso que Harris não deseja, pessoas moderadas nessa luta. Ou seja, a intenção real parece ser a de usar o islamismo e os ataques aos muçulmanos como uma forma de abrir um flanco no “inimigo”, e assim conseguir atacar todas as religiões num

⁷⁰ Texto original Segal (2006): “*There is the broader question, too, of whether religious moderates really are enablers for extremists. Maybe moderates are a bulwark against fanatics. If this is really a war of ideas, it is probably not a war between no religion (which is what Harris would like) and extremism. It’s a war between moderation and extremism, which is a war one needs moderates to fight.*”

momento posterior à eliminação do Islã. De qualquer modo, é importante aqui atentarmos para o fato de que Harris não tem nenhum pudor de deixar seus objetivos claros, tanto que convoca apoiadores para que coloquem a mão na massa para realizar o sonho de erradicação da religião.

Segundo Mohler:

Ele não quer que os muçulmanos militantes sejam moderados, ele quer que eles se tornem ateus. Ele não exorta os cristãos a perderem a crença de que Jesus é o único caminho de salvação; ele exorta os cristãos a abandonarem completamente a fé. A influência venenosa do teísmo e a perigosa intoxicação da crença em Deus devem ser eliminadas. Mas como? Em uma coluna de opinião publicada na edição de 15 de agosto de 2004 do *The Los Angeles Times*, Harris pede um ataque total à fé, buscando mobilizar os secularistas militantes para a ação. Ele culpa os cristãos - especialmente os cristãos em cargos eleitos - com obstrucionismo, ódio e atraso intelectual. Esses crentes são responsáveis pelo foco da nação em “pseudoproblemas como o casamento gay” e afins. Harris gostaria que os americanos banissem toda crença em Deus da praça pública e da cultura. Na medida em que os cristãos olham para a Bíblia como a autoridade revelada, eles devem ser marginalizados.⁷¹ (MOHLER, 2004, p.1, tradução nossa)

Conclusões Harris

Nesse capítulo conhecemos alguns dos principais fatos relacionados à vida de Sam Harris, fizemos uma análise dos seus dois principais livros e conhecemos muitas de suas declarações sobre diversos assuntos. Depois da traumática experiência do 11 de setembro, ele parece ter assumido o compromisso de questionar e de desafiar incisivamente as crenças e práticas religiosas. Sua visão crítica, que segundo os especialistas, na maior parte das vezes carece de embasamento histórico, teológico e/ou sociológico, tem provocado debates e reflexões sobre o papel da religião na atualidade. Nesse sentido, independentemente de se concordar com suas proposições, é preciso reconhecer que Harris, além de alguém altamente controverso, também é uma das figuras mais influentes no tema religião. Anthony diz que:

Nas salas de bate-papo da internet e nos debates online, Harris é um ponto de referência onipresente, um para-raios em muitos desacordos sociais e intelectuais contemporâneos. Ele é frequentemente referido como racista,

⁷¹ Texto original Mohler (2004): “*He does not want militant Muslims to moderate, he wants them to become atheists. He does not call upon Christians to forfeit belief that Jesus is the only way of salvation; he calls upon Christians to abandon the faith altogether. The poisonous influence of theism and the dangerous intoxication of belief in God must be eliminated. But how? In an op-ed column published in the August 15, 2004 edition of The Los Angeles Times, Harris calls for an all-out attack upon faith, seeking to mobilize militant secularists to action. He blames Christians—particularly Christians in elected office – with obstructionism, hatred, and intellectual backwardness. Such believers are responsible for the nation’s focus on “pseudo-problems like gay marriage” and the like. Harris would have Americans ban all belief in God from the public square and the culture. Insofar as Christians look to the Bible as the revealed authority, they must be marginalized.*”

islamofóbico e um excelente exemplo de direito branco. Ele contesta todas as acusações, mas elas não vão embora.⁷² (ANTHONY, 2019, p.2, tradução nossa)

Por isso, nessas conclusões sobre esse escritor, que foi e é tão fundamental na história do movimento neoateísta, queremos destacar a inteligência da estratégia adotada por ele, que, basicamente pode ser dividida em três “frentes de ataque”:

- a) culpar os moderados pela existência dos fundamentalistas;
- b) oferecer conforto espiritual mesmo depois que a religião se for;
- c) e usar o fundamentalismo islâmico como um estandarte do terror religioso para abrir um flanco num contexto de ataque mais geral a todas as religiões.

O ataque de Harris aos religiosos moderados é algo que parece não fazer muito sentido para aqueles que imaginam que o autor está muito preocupado com a violência social. Afinal se a intenção do autor é combater o fundamentalismo religioso, então por que não incentiva a atitude dos moderados para que esses continuem prevalecendo, e as atitudes extremas, radicais se transformem em exceções cada vez mais raras? De fato, se pensarmos dessa forma, os ataques desse escritor aos moderados não têm muita lógica. Mas faz sentido se trabalharmos com a hipótese de que a intenção de Harris não é a de combater a violência religiosa, e sim, provocá-la, objetivando fazer com que a sociedade rejeite a religião a priori, por ela estar sendo sistematicamente associada a atentados suicidas de fundamentalistas. Ou seja, o alvo principal nessa crítica aos moderados é a própria crença em Deus. Segundo afirmou Mohler em sua análise:

Aqueles do lado secularista que falham em levar seus argumentos até a conclusão final também estão sob a condenação de Harris. Crentes moderados e secularistas moderados são, em sua opinião, combinados como um enorme obstáculo ao progresso humano. As crenças religiosas não devem ser consertadas, afirma Harris, nem as crenças devem ser meramente toleradas. Sam Harris acredita que a civilização deve erradicar a crença em Deus – nada menos fará.⁷³ (MOHLER, 2004, p.2, tradução nossa)

⁷² Texto original Anthony (2006): “*On internet chatrooms and in online debates, he is a ubiquitous reference point, a lightning conductor in many contemporary social and intellectual disagreements. He is often referred to as a racist, an Islamophobe and a prime example of white entitlement. He contests all the accusations, but they haven’t gone away.*”

⁷³ Texto original Mohler (2004): “*Those on the secularist side who fail to take their argument to its ultimate conclusion also come under Harris’s condemnation. Moderate believers and moderate secularists are, in his view, combined as a massive obstacle to human progress. Religious beliefs are not to be fixed, Harris asserts, nor are beliefs to be merely tolerated. Sam Harris believes that civilization must eradicate belief in God—nothing less will do.*”

Mas Mohler também traz uma séria advertência aos religiosos moderados que fazem concessões teológicas para tentar estabelecer diálogo com o novo ateísmo e os demais secularistas críticos à religião. Segundo ele, esse tipo de postura também contribui para o aumento dos ataques raivosos ao sistema de crenças e práticas religiosas, e coloca em risco a própria liberdade de ter e praticar uma religião. Observou Mohler:

No atual clima de avanço secular, os profetas da incredulidade pensam que o tempo está do seu lado. O livro de Sam Harris é realmente um alerta, e deve despertar os crentes para o verdadeiro caráter do secularismo agressivo e a verdadeira agenda de seus proponentes. Além disso, os crentes devem prestar atenção especial ao argumento de Harris sobre a natureza do liberalismo religioso. Como o endosso de Joseph Hough deixa claro, quando chegar a hora de pendurar a crença em Deus na forca do secularismo moderno, os liberais teológicos estarão mais do que dispostos a vender a corda – e endossar o livro.⁷⁴ (MOHLER, 2004, p.2, tradução nossa)

No que tange à estratégia de oferecer conforto espiritual, vale lembrar, Harris acredita que tudo que tem um real valor e que as pessoas obtêm praticando uma religião pode ser obtido de forma mais “honesta”, sem precisar apelar para nenhum tipo de manifestação sobrenatural, que não tem evidências empíricas críveis. Assim, ele conclui que qualquer tipo de manifestação espiritual ou mística, ou é algo que provém da matéria, ou é autoengano, por isso não temos nenhuma necessidade de ter religião para aproveitarmos tudo que a espiritualidade tem pra oferecer. Harris alega que:

Tudo que é bom nas religiões pode ser encontrado em outras partes – por exemplo, se a experiência ética e espiritual puder ser cultivada e comentada sem a pretensão de saber coisas que evidentemente não sabemos –, então todo o resto da nossa atividade religiosa representa, na melhor das hipóteses, um enorme desperdício de tempo e energia. (HARRIS, 2009, p. 171)

A possibilidade de Harris estar correto em suas alegações oferece a todos aqueles que desejam ver o fim das religiões o vislumbre de um mundo completamente livre de pensamentos religiosos e ainda assim espiritualizado – por mais ilógico que isso possa parecer à primeira vista, para quem se depara com essa ideia. Harris afirma que valerá a pena viver num mundo irreligioso, pois, por mais que ele não venha a ser perfeito, será melhor do que o atual.

⁷⁴ Texto original Mohler (2004): “*In today’s climate of secular advance, the prophets of unbelief think time is on their side. Sam Harris’s book is a wakeup call indeed, and it should awaken believers to the true character of aggressive secularism and the true agenda of its proponents. Furthermore, believers should pay particular heed to Harris’s argument about the nature of religious liberalism. As Joseph Hough’s endorsement makes clear, when it comes time to hang belief in God on the gallows of modern secularism, the theological liberals will be more than willing to sell the rope—and endorse the book*”.

No momento, cabe apontar que Harris escolheu como estratégia para alcançar esse objetivo, atacar repetidamente o Islamismo, associando-o, quase que inexoravelmente, ao terrorismo internacional. Porém, é necessário que nunca esqueçamos que o alvo declarado de Harris são as religiões de todos os tipos, tendências e vertentes. Para ele, a religião é uma terrível barreira para o progresso da humanidade, por isso deve ser descartada, uma vez que não tiramos dela a nossa ética e, nem mesmo, a nossa espiritualidade.

Por fim, é preciso trazer um ponto relevante do ponto-de-vista de perspectiva do horizonte que se abre para o novo ateísmo nas próximas décadas. Em verdade, o movimento não vem se consolidando com a velocidade e a consistência que seus idealizadores imaginaram. Após mais de 20 anos dos atentados de 11 de setembro, a onda antiteísta parece ter perdido força sem atingir seus objetivos de destruir a religião.

Mas, nem tudo está perdido, e Harris representa dois fatores de enorme importância para o futuro do novo ateísmo. Além de ser o primeiro grande nome da modernidade que partiu para o combate direto às religiões, é também o mais novo e o mais ativo dos cavaleiros. Por isso, muitos acreditam que ele carrega nos ombros a esperança de um crescimento exponencial do neoateísmo nas próximas gerações. De acordo com Anthony:

O Novo Ateísmo perdeu destaque, em parte porque, como seus proponentes reconheceram, não era muito diferente do antigo ateísmo. E em parte porque foi um produto da ‘guerra ao terror’, ou pelo menos uma resposta intelectual ao que essa guerra visava ostensivamente: ou seja, o Islã radical. Hoje, Dawkins e Dennett estão com quase 70 anos, e não tão ativos, e Hitchens, o mais carismático de todos, está morto. Isso deixa Harris para defender a causa, o que ele fez com grande energia. Hoje ele é um dos intelectuais públicos mais conhecidos da América, graças a uma série de best-sellers, seu podcast e uma célebre alteração com o ator de Hollywood, Ben Affleck.⁷⁵ (ANTHONY, 2019, p.2, tradução nossa)

Isso tudo nos revela que é preciso conhecer as proposições de Sam Harris para entendermos como foi o passado do novo ateísmo e também como poderá ser seu futuro, pois tudo demonstra que Harris ainda continuará, por muitos anos, à frente desse grupo, ditando alguns dos rumos que serão tomados por esse movimento antirreligioso.

⁷⁵ Texto original Anthony (2019): “*The New Atheism has rather faded from prominence, partly because, as its proponents acknowledged, it was not very different from the old atheism. And partly because it was a product of the ‘war on terror’, or at least an intellectual response to what that war was ostensibly targeting: namely, radical Islam. Today, Dawkins and Dennett are in their late 70s, and no longer quite as active, and Hitchens, the most charismatic of them all, is dead. That leaves Harris to uphold the cause, which he has done with great energy. Today he is one of the best-known public intellectuals in America, thanks to a series of bestsellers, his podcast, and a celebrated altercation with the Hollywood actor Ben Affleck.*”

1.4 Richard Dawkins

Richard Dawkins é um biólogo evolucionista britânico, mais especificamente, um etólogo (especializado no comportamento de animais). Porém, antes de tudo, Dawkins é um dos mais famosos escritores de livros de divulgação científica do mundo, talvez o mais famoso. E certamente, ele é o maior e o mais influente militante do ateísmo contemporâneo, sendo a polêmica a sua principal estratégia de ação. Sophie Elmhirst afirma que:

Hoje em dia, Dawkins se descreve como “um comunicador”. Mas dependendo do seu ponto de vista, ele também é um herói, um pagão ou um risco [*liability*]. Muitas de suas declarações recentes – sobre assuntos que vão desde a falta de cientistas muçulmanos ganhadores do Prêmio Nobel até a “imoralidade” de não se abortar um feto com síndrome de Down – provocaram respostas indignadas.⁷⁶ (ELMHIRST, 2015, p.5, tradução nossa)

Para Dawkins a crença em Deus é algo que é totalmente irracional e por isso gera atitudes insensatas, conseqüentemente a religião precisa ser compreendida como um fenômeno nocivo à sociedade. Segundo esse autor, a ciência pode apresentar respostas suficientemente satisfatórias para explicar a origem do universo e da vida, e, portanto, não é necessário que apelemos para qualquer tipo de divindade.

Dawkins já era um divulgador científico ateu bastante conhecido antes mesmo da onda antirreligiosa que se levantou no pós-11 de setembro. Ele sempre se destacou pela fervorosidade com a qual defende o ateísmo, e também pela ferocidade com que ataca o Criacionismo e a Teoria do Design Inteligente. No entanto, ele também é uma das personalidades mais criticadas do mundo, sendo a acusação mais comum dos seus detratores a de que o radicalismo de Dawkins resulta em conflitos desnecessários e desrespeito às crenças e aos valores religiosos.

Clinton Richard Dawkins,⁷⁷ nasceu em 26 de março de 1941, na cidade de Nairóbi, no Quênia, durante o período em que esse país africano ainda estava sob o jugo do Império Britânico colonialista. Filho de um oficial do exército britânico, Clinton John Dawkins (1915–2010), destacado para o Serviço Colonial Britânico em Niassalândia (atual Malawi), com Jean Mary Vyvyan (1916–2019), natural de uma família nobre de Oxfordshire, na Inglaterra.

⁷⁶ Texto original Elmhirst (2015): “*These days, Dawkins describes himself as “a communicator”. But depending on your point of view, he is also a hero, a heathen, or a liability. Many of his recent statements – on subjects ranging from the lack of Nobel prize-winning Muslim scientists to the “immorality” of failing to abort a fetus with Down’s syndrome – have sparked outraged responses.*”

⁷⁷ Mais tarde, ele retirou Clinton de seu nome.

Richard Dawkins viveu até os oito anos de idade na África, onde teria surgido seu interesse pela biodiversidade e o comportamento dos animais. Ele tem uma irmã mais nova chamada Sarah.

Dawkins contou que seus pais se interessavam por ciências naturais e procuraram lhe transmitir esse interesse, e descreveu sua infância como “uma educação anglicana normal”. Segundo Simon Hattenstone: “Seu avô e seu pai estavam no serviço colonial – silvicultor e agricultor, respectivamente. Ele fala sobre a maravilha daqueles primeiros anos na África e diz que a paisagem o perseguiu depois que ele partiu”.⁷⁸ (HATTENSTONE, 2003, p.1, tradução nossa)

A família Dawkins volta para Inglaterra em 1949, quando Richard estava com oito anos de idade, para que ele recebesse educação formal em escolas conceituadas de Londres, e também porque seu pai herdou uma propriedade rural em Oxfordshire, que passou a explorar comercialmente. Richard estudou em colégio confessional e se identificava como cristão até meados de sua adolescência, quando descobriu Darwin e se “desencantou” com a religião. Elmhirst conta que:

Depois de ser crismado, aos 13 anos, Dawkins tornou-se religiosamente apaixonado, orando todas as noites, enrolado em posição fetal em sua cama em seu “cantinho com Deus”, como escreveu em seu primeiro livro de memórias. Gradualmente, ele se distanciou do cristianismo, mas ainda acreditava em um criador divino, ajudado por seu profundo amor por Elvis. (O argumento decisivo foi “*I Believe*”, do álbum “*Peace in the Valley*”). Finalmente, um amigo de escola que havia feito a leitura o convenceu da teoria de Darwin, e Dawkins, de 17 anos, tornou-se ateu. A campanha havia começado: a partir daquele momento, ele se recusou a se ajoelhar na capela.⁷⁹ (ELMHIRST, 2015, p.12, tradução nossa)

Em 2013, Dawkins adiantou que uma das grandes revelações que traria no seu novo livro era o fato de ter sido abusado quando era criança. Segundo ele, um professor da escola religiosa em que estudava, segurou em seu joelho e “colocou a mão dentro de sua cueca” (DAWKINS apud UOL, 2013, p.1). A revelação provocou grande choque, ainda mais porque Dawkins tentou relativizar o acontecido, afirmando que o episódio não teve muita importância em sua vida, nem mesmo na escolha posterior pelo ateísmo. Além disso, ele afirmou: “eu olho

⁷⁸ Texto original Hattenstone: “*His grandfather and father were in the colonial service - a forester and agriculturalist respectively. He talks about the wonder of those early years in Africa, and says the landscape haunted him after he left*”.

⁷⁹ Texto original Elmhirst (2015): “*After he was confirmed, aged 13, Dawkins became passionately religious, praying every night, curled up in a foetal position on his bed in his “own little corner with God”, as he wrote in his first memoir. Gradually, he distanced himself from Christianity, but still believed in a divine creator, helped by his deep love of Elvis. (The clincher was “I Believe”, from the album Peace in the Valley.) Finally, a school friend who had done the reading persuaded him of Darwin’s theory, and Dawkins, aged 17, became an atheist. The campaign had begun: from that moment, he refused to kneel in chapel*”.

para algumas décadas atrás, para minha infância, e vejo essas coisas como uma leve pedofilia, que não pode ser condenada pelos mesmos padrões que eu ou qualquer um faria hoje”. (DAWKINS apud UOL, 2013, p.1) Dawkins definiu a atitude do seu ex-professor como uma “pedofilia leve” (*mild pedophilia*). Além disso, ele acrescentou que, embora outros colegas também tenham sofrido abuso nas mãos desse professor: “não acho que ele tenha causado danos permanentes a nenhum de nós” (“*I don't think he did any of us lasting harm.*”). (MCDONOUGH, 2013, p.1)

A forma como foi feita a revelação do possível abuso de Dawkins, associada com a divulgação do lançamento de seu livro, e ainda mais tendo sua importância espantosamente relativizada pelo autor, se posicionando de forma quase que condescendente com o abusador, provocou uma onda de reações indignadas. Muitos chegaram a acusar o autor de não estar falando a verdade e que só desejava aumentar a publicidade sobre seu livro. Outros fizeram pior, e acusaram-no de querer defender que o abuso de menores de idade não é algo que deve ser superestimado em seus efeitos (MCDONOUGH, 2013, p.1). Ao ser questionado sobre esse tema e sobre as acusações que sofreu, Dawkins respondeu:

Isso foi extraordinariamente injusto. Fui acusado de fazer pouco caso do abuso infantil pedófilo e de banalizá-lo. Na verdade, o que eu estava fazendo era exatamente o oposto. Estou extremamente ciente de como o abuso infantil é uma experiência traumática e terrível, o abuso sexual infantil. E tenho imensa simpatia por pessoas cujas vidas foram arruinadas por um encontro com um molestatador de crianças predatório. E meu sentimento é que, se eu tivesse pegado os 15 segundos de aborrecimento que me aconteceram na escola, e tentado explodi-los como se fosse a pior coisa que já aconteceu comigo – experiência terrível – isso seria um insulto para as pessoas que realmente sofreram a terrível experiência. Então, longe de banalizar o abuso infantil, foi exatamente o oposto. Teria sido trivial se eu tivesse feito uma reclamação vociferante sobre o que aconteceu comigo, ao invés de ser realista sobre isso. Porque durou apenas 15 segundos, aproximadamente, e não teve nenhum efeito duradouro em mim. Tenho uma enorme simpatia por aquelas pessoas em quem isso teve um efeito duradouro. Às vezes, um efeito que dura até a idade adulta. [...] Há algumas pessoas para quem o abuso sexual de crianças é tão ruim – não há diferença entre o desconforto de 15 segundos que tive e, por exemplo, algo que apareceu no noticiário quase no mesmo dia [em que foi publicada a notícia de que havia sofrido o abuso infantil]. Um homem de 40 anos no Iêmen que era legalmente casado com uma menina de 8 anos e na noite de núpcias dela, a estuprou até a morte. Ele a estuprou até a morte. Este homem de 40 anos que sob a lei islâmica era legalmente casado com ela. Agora, há muitas pessoas por aí que não conseguem dizer a diferença entre aquele **incidente** horrível dessa garotinha literalmente estuprada até a morte e meus 15 segundos de aborrecimento, que me ocorreram.⁸⁰ (D'ADDARIO, 2013, p.1, tradução nossa)

⁸⁰ Texto original D'Addario (2013): “*And this was actually quite extraordinarily unjust. What I'd been accused of was making light of pedophile child abuse and trivializing it. It fact what I was doing was precisely the opposite.*”

O jornalista Daniel D’Addario, da revista *Salon*, afirma que, em outras oportunidades, já ouviu Dawkins dar esse mesmo exemplo do homem muçulmano que mata sua esposa de oito anos na noite de núpcias, e sente que ele quer dizer algo mais com isso. Ele provoca Dawkins para que explique o exemplo recorrente, e segue então o diálogo que é travado entre os dois:

D’ADDARIO: Você mencionou este caso em outros meios de comunicação.

Parece-me que serve muito bem ao seu projeto, evidenciando um sentimento antirreligioso. Por que usar este caso e não um sem vínculo com a religião?

DAWKINS: Ele era legalmente casado com ela, e o fato de ele ser legalmente casado com ela era o fato de que a lei iemenita permite isso. A razão pela qual a lei iemenita permite isso, como dizia o artigo, é porque proibir o casamento de crianças pequenas com homens adultos, proibir isso era considerado anti-islâmico. Quanto mais claro isso pode ser?

D’ADDARIO: Existem muitos casos de estupros horríveis que são completamente desvinculados da religião. Eu só acho que é interessante que este é o que você está usando. Estou me perguntando se é conveniente à luz de uma discussão de longa carreira sobre religião e como ela é maligna.

DAWKINS: Eu realmente não quero comentar sobre isso. Eu vi aquele artigo, me deixou doente e tutei sobre isso. Se eu vir outra história, provavelmente vou twittar sobre isso. Exceto que suponho que o fato é que este homem era legalmente casado com esta garotinha, agora, e o estupro comum, por mais horrível que seja, não é legalmente sancionado. Não é sancionado pela lei do país. O que esse homem fez com sua noiva criança estava dentro da lei do Iêmen. Essa é uma diferença importante.⁸¹ (D’ADDARIO, 2013, p.1, tradução nossa)

I’m hugely well aware what a traumatic, terrible experience child abuse, sexual child abuse is. And I have immense sympathy for people whose lives have been ruined by an encounter with a predatory child molester. And my feeling is, if I had taken the 15 seconds of unpleasantness that happened to me at school, and tried blow that up as if it was the worst thing that every happened to me – terrible experience – that would be an insult to the people who really did suffer the terrible experience. So, far from trivializing child abuse, it was precisely the opposite. It would have been trivializing it if I had made a vociferous complaint about what happened to me, rather than being realistic about it. Because it was only 15 seconds, about, and it didn’t have any lasting effect on me. I have enormous sympathy for those people who it did have a lasting effect on. Sometimes an effect that lasts well into adulthood. [...] There are some people for whom child molestation is just so evil – there’s no difference between the 15-second unpleasantness that I had and, for example, something that came up in the news almost the very same day. A 40-year-old man in Yemen who was legally married to an 8-year-old girl and on her wedding night, raped her to death. He raped her to death. This 40-year-old man who under Islamic law was legally married to her. Now there are many people out there who cannot tell the difference between that horrific incident of this little girl literally raped to death and my 15 seconds of unpleasantness, which occurred to me”.

⁸¹ Texto original D’Addario (2013): “You’ve mentioned this case in other news outlets. It strikes me that it fairly well serves your project, evincing as it does an anti-religion sentiment. Why use this case and not one with no ties to religion? He was legally married to her, and the fact that he was legally married to her was the fact that Yemeni law allows it. The reason Yemeni law allows it, as the article said, was because to forbid the marriage of tiny children to adult men, to forbid that was regarded as un-Islamic. How much more clear can that be? There are many cases of horrible rape that are completely removed from religion all together. I just think it is interesting that this is the one you’re using. I’m wondering if it’s convenient in light of a career-long argument about religion and how evil it is. I don’t really want to comment about that. I saw that article, it made me sick and I tweeted about it. If I see another story, I’ll probably tweet about that. Except I suppose that the fact is that this man was legally married to this little girl, now, and ordinary rape, horrific as it is, is not legally sanctioned. It’s not sanctioned by the law of the land. What this man did to his child bride was within the law of Yemen. That’s an important difference”.

No entanto, as dúvidas continuaram recaindo sobre Dawkins porque 10 anos antes, em 2003, ele já tinha relativizado esse ato hediondo ao afirmar que o abuso infantil “por mais desagradável que seja, pode causar menos danos permanentes às crianças do que educá-las como católicas em primeiro lugar”.⁸² (DAWKINS apud HATTENSTONE, 2003, p.1, tradução nossa) Claro que essa declaração de Dawkins já tinha provocado muita indignação e muitas notas de repúdio, mas ele voltou a insistir no tema novamente ao afirmar que não é racional se preocupar em demasia com o abuso infantil quando este não lhe deixa nenhum tipo de marca mais profunda. Segundo Elmhirst:

Para que um ponto tenha algum valor para Dawkins, ele exige lógica e evidências – um padrão que ele aplica até mesmo às experiências mais pessoais. Quando criança, ele sofreu abuso sexual: um professor em sua escola primária, Chafyn Grove, puxou Dawkins para seu colo e colocou a mão dentro de seu short; em sua escola sênior, Oundle, ele afastou os meninos mais velhos que tentavam subir em sua cama à noite. Dawkins nunca deu muita importância a suas experiências na escola, disse ele, porque tem certeza de que não teve efeito duradouro; ele argumentou – para muita indignação, naturalmente – que ser criado em uma família religiosa fundamentalista pode ser pior do que sofrer abuso. Fazer barulho sobre seu próprio caso, ele acredita, seria menosprezar as crianças cujas vidas foram obviamente manchadas por tratamento semelhante e também seria irracional, sem suporte de evidências empíricas: “Eu nunca tive sonhos, nunca tive pesadelos”.⁸³ (ELMHIRST, 2015, p.10, tradução nossa)

Dawkins estudou na Escola *Oundle* e na *Balliol College*. Posteriormente, obteve seu diploma em Zoologia pela Universidade de Oxford, em 1962. Ele se orgulha de lembrar que nessa época foi orientado por Nikolaas Tinbergen (1907-1988), etólogo como ele, que foi laureado com o Prêmio Nobel de Fisiologia em 1973. Também foi sob a supervisão de Tinbergen, que Dawkins recebeu o título de PhD em Etologia, em 1966, permanecendo como assistente de pesquisa do famoso professor por mais um ano ainda.

Dawkins recebeu títulos de doutor honorário em uma dezena de universidades na Inglaterra e nos EUA. Em 1997 foi eleito como membro da *Royal Society of Literature* e, depois, em 2001, foi eleito para compor a *Royal Society of Science*. Ele também é membro

⁸² Texto original Hattenstone (2003): “*unpleasant as it is, may do less permanent damage to the children than bringing them up Catholic in the first place*”

⁸³ Texto original Elmhirst (2015): “*For a point to be of any worth to Dawkins, he demands both logic and evidence – a standard he applies to even the most personal of experiences. As a child, he experienced sexual abuse: a teacher at his junior school, Chafyn Grove, pulled Dawkins on to his lap and put his hand inside his shorts; at his senior school, Oundle, he fended off older boys who tried to climb into his bed at night. Dawkins has never made much of his experiences at school, he said, because he is certain it had no lasting effect; he has argued – to much outrage, naturally – that being raised in a fundamentalist religious household might be worse than suffering sexual abuse. To make a fuss about his own case, he believes, would be belittling to children whose lives had been more obviously tainted by similar treatment and it would also be irrational, unsupported by empirical evidence: “I’ve never had dreams, never had nightmares.”*”

emérito do *New College*, ligado à Universidade de Oxford, e, entre 1995 e 2008, ele deu aula de “Compreensão Pública da Ciência” na Universidade de Oxford.

Em 2006, Dawkins fundou a *Richard Dawkins Foundation for Reason and Science*, uma organização social sem fins lucrativos que financia pesquisas sobre explicações naturalistas para as crenças e manifestações religiosas. A fundação ainda distribui matérias de educação e divulgação científica e apoia organizações de caridade que não tenham vínculo religioso. Em 2016, Dawkins anunciou que sua fundação estava se fundindo com o *Center for Inquiry*.

Dawkins também faz regularmente comentários em jornais, rádios e blogs sobre uma série de assuntos incluindo questões políticas contemporâneas, guerra, investimento nuclear inglês, educação pública, bebês geneticamente projetados, inteligência artificial e etc. Ele também é um defensor da proposta de tornar a Inglaterra uma República, substituindo definitivamente o regime monárquico.

No entanto, além das polêmicas com a religião e as opiniões controversas sobre abuso sexual infantil, Dawkins também costuma “mexer em outro vespeiro”. Isso porque ele se identifica como um feminista, sempre afirmando a importância da causa. Vamos explorar um pouco melhor esse assunto quando formos analisar a estratégia de Dawkins de associar o ateísmo com causas como o feminismo e o movimento LGBTQIAP+. Por agora importa-nos observar que a habilidade polemista de Dawkins, às vezes, parece voltar-se contra ele mesmo. No caso do feminismo, ele tem sido acusado de misoginia e de não promover o feminismo dentro do movimento do Neoteísmo. Feministas como a escritora Adam Lee acusam Dawkins de falar sobre assédio e abuso sexual, mas ignorar o sexismo que existe dentro do Novo Ateísmo. De acordo com Lee:

O movimento ateu – uma comunidade frouxa de frequentadores de conferências, organizações de defesa, escritores e ativistas – foi devastado por lutas internas nos últimos anos sobre seu persistente desequilíbrio de gênero e as causas disso. Muitas mulheres ateias explicaram que não se envolvem mais por causa do sexismo casual endêmico ao movimento: partes dele não veem nada de problemático em realizar conferências com palestrantes exclusivamente masculinos ou ter liderança exclusivamente masculina – e isso antes de você chegar ao assédio sexual vitriólico e perigoso, online e offline, que é projetado para intimidar as mulheres ao silêncio. Richard Dawkins se envolveu em algumas dessas controvérsias, e raramente para o bem – como em sua infame carta “*Dear Muslima*”, em 2011, na qual ele essencialmente argumentou que, como as mulheres nos países muçulmanos sofrem mais com maus-tratos sexistas, as mulheres no Ocidente não deveriam falar sobre assédio sexual ou intimidação física. Houve também seu desprezo pelas

mulheres que defendem políticas anti-assédio sexual.⁸⁴ (LEE, 2014, p.1, tradução nossa)

Outra escritora expoente do movimento feminista, Amanda Marcotte, afirma que o Neoteísmo “tem sido surpreendentemente dominado pelos homens. A razão, nos últimos anos, tornou-se bastante aparente: muitos dos líderes mais proeminentes do Novo Ateísmo são rápidos em expressar ideias profundamente sexistas”⁸⁵ (MARCOTTE, 2014, p.1, tradução nossa). Em sua defesa, durante entrevista com a jornalista Elmhirst, Dawkins declarou:

“Eu mostro meu feminismo em grande parte no contexto islâmico”, disse ele. “Porque se as mulheres estão passando por um momento difícil em qualquer lugar do mundo, é lá... eu fico impaciente com as feministas americanas que estão tão obcecadas em serem olhadas de forma inadequada no bebedouro no trabalho, ou, seja o que for, que esquecem que existem mulheres sendo literalmente apedrejadas até a morte pelo crime de terem sido estupradas”. Sua posição foi interpretada de maneira infeliz por alguns de seus seguidores. “Porque ele é um herói no movimento”, disse a feminista americana Ophelia Benson, “isso deu luz verde a um monte de pessoas no movimento que achavam que não havia problema em assediar [feministas]”. Nos últimos anos, os fóruns céticos on-line foram inundados com postagens antifeministas biliosas e imagens grosseiras de mulheres modificadas no photoshop. [...] Algumas semanas depois, Dawkins voltou ao Twitter escrevendo comentários sobre como as evidências de uma mulher bêbada não eram confiáveis em um julgamento de estupro. Por quê? “Porque eu não me preocupo apaixonadamente apenas com a verdade, mas também me preocupo apaixonadamente com a justiça.”⁸⁶ (ELMHIRST, 2015, p.15, tradução nossa)

Os quatro cavaleiros do ateísmo são bastante vociferantes contra o Criacionismo e a Teoria do Design Inteligente, porém, nenhum dos outros três é tão crítico e mordaz quanto

⁸⁴ Texto original Lee (2014): “*The atheist movement – a loosely-knit community of conference-goers, advocacy organizations, writers and activists – has been wracked by infighting the last few years over its persistent gender imbalance and the causes of it. Many female atheists have explained that they don’t get more involved because of the casual sexism endemic to the movement: parts of it see nothing problematic about hosting conferences with all-male speakers or having all-male leadership – and that’s before you get to the vitriolic and dangerous sexual harassment, online and off, that’s designed to intimidate women into silence. Richard Dawkins has involved himself in some of these controversies, and rarely for the better – as with his infamous “Dear Muslima” letter in 2011, in which he essentially argued that, because women in Muslim countries suffer more from sexist mistreatment, women in the west shouldn’t speak up about sexual harassment or physical intimidation. There was also his sneer at women who advocate anti-sexual harassment policies*”.

⁸⁵ Texto original Marcotte (2014): “*Instead been surprisingly male-dominated. The reason has, in recent years, become quite apparent: Many of the most prominent leaders of the New Atheism are quick to express deeply sexist ideas*”.

⁸⁶ Texto original (2015): “*I show my feminism very largely in the Islamic context,*” he said. “*Because if women are having a hard time anywhere in the world, it’s there ... I get impatient with American feminists who are so obsessed with being looked at inappropriately over the water cooler at work or whatever it is, that they forget that there are women being literally stoned to death for the crime of being raped.*” His position has been interpreted in unfortunate ways by some of his followers. “*Because he’s such a hero in the movement,*” the American feminist Ophelia Benson said, “*that gave a green light to an awful lot of people in the movement who thought it was okay to harass [feminists].*” In recent years, online sceptic forums have been deluged with bilious anti-feminist posts and crude photoshopped images of women. [...] A few weeks later he was back on Twitter writing comments about how a drunk woman’s evidence was unreliable in a rape trial. Why? “*Because I not only care passionately about truth, I care passionately about justice.*”

Dawkins nesse tema. Para esse autor, a proposição de que o Universo, a vida e sua diversidade foram criados, não passa de uma crença religiosa anticientífica. Como veremos mais adiante, seu livro *“The Blind Watchmaker”*, publicado em 1986, foi especialmente direcionado para contestar o argumento do “design”, ou seja, de uma natureza proejada por uma mente inteligente. Nesse mesmo sentido, Dawkins também ataca duramente a organização britânica *Truth in Science*, que promove o ensino da Teoria do Design Inteligente nas escolas públicas. Para ele, o que essa organização faz é um “escândalo educacional”, por isso, Dawkins, através da fundação à qual é ligado, faz doações de livros, DVDs e panfletos com material ateuista para combater essa “subversão da ciência” (SWINFORD, 2006).

Parte da fama de Dawkins adveio dos debates públicos sobre ciência e religião de que participou, especialmente após a publicação de *“The God Delusion”*, em 2006. Mas, depois de alguns confrontos não muito bem sucedidos com o teólogo Alister McGrath em 2007, e com o colega professor de matemática da Universidade de Oxford, John Lennox, em 2007 e em 2008; Dawkins passou a recusar a participação em debates formais com criacionistas e proponentes do Design Inteligente, alegando que esses teóricos querem adquirir respeitabilidade através dessas discussões públicas, ao colocar suas ideias no mesmo patamar que a teoria da evolução.

Assim como os demais cavaleiros do neoateísmo, Dawkins também já foi diversas vezes acusado de islamofobia. Em 2013, ele soltou um twitter afirmando que “Todos os muçulmanos do mundo têm menos prêmios Nobel do que o Trinity College, em Cambridge. Eles fizeram grandes coisas na Idade Média, no entanto”⁸⁷ (MALIK, 2013, p.1, tradução nossa) Outro trecho da entrevista com Elmhirst é bem esclarecedor da visão que Dawkins tem do Islã:

Dawkins atacou todas as principais religiões, mas o Islã se tornou o foco particular de sua ira recente. “Tenho ansiedade sobre decapitações, apedrejamentos, incendiar pessoas”, disse ele. “Nenhum outro grupo no mundo faz isso no momento. Não está claro? O surgimento dos Novos Ateus não foi acidental: seus livros foram publicados logo após o 11 de setembro, e o fundamentalismo islâmico continua sendo uma de suas maiores preocupações. Após os ataques ao Charlie Hebdo em Paris, em janeiro deste ano, Dawkins foi ao Twitter (“Não, todas as religiões NÃO são igualmente violentas”) e culpou as ações dos terroristas exclusivamente por sua fé, descartando qualquer teoria sócio-política sobre porque dois irmãos podem atirar em 12 pessoas em uma revista satírica. Dawkins não tem tempo para o conceito de islamofobia – ele o chama de “palavra sem sentido” – e rejeita veementemente o argumento de que sua crítica ao Islã às vezes parece ter uma inflexão racial: “Detesto qualquer tendência de tratar uma pessoa com base em um grupo ao qual pertencem”. A noção de que os muçulmanos possam ver sua fé como parte inseparável de sua identidade é absurda para ele: “Isso é

⁸⁷ Texto original Dawkins (2013): *“All the world’s Muslims have fewer Nobel Prizes than Trinity College, Cambridge. They did great things in the Middle Ages, though.”*

problema deles e eles precisam crescer”.⁸⁸ (ELMHIRST, 2015, p.13, tradução nossa)

As polêmicas de Dawkins no Twitter têm provocado problemas até mesmo relacionados com fatos pregressos de sua vida. Por exemplo, em 1996, a organização educacional americana *American Humanist Association* concedeu a ele o prêmio “Humanista do Ano” (*humanist of the year*), porém, em 2021, o prêmio foi revogado com a justificativa de Dawkins “rebaixa os grupos marginalizados”, incluindo pessoas transgênero, usando “o disfarce do discurso científico”. O caso foi que Dawkins, em abril do mesmo ano, publicou um tweet, no qual ele comparou uma ativista dos direitos civis trans, Rachel Dolezal, relativizando sua autoidentificação como mulher negra. Escreveu Dawkins:

Em 2015, Rachel Dolezal, presidente do capítulo branco da NAACP, foi difamada por se identificar como negra. Alguns homens optam por se identificar como mulheres e algumas mulheres optam por se identificar como homens. Você será difamado se negar que eles são literalmente o que se identificam. Discutir.⁸⁹ (DAWKINS apud FLOOD, 2021, p.1, tradução nossa)

Após a grande repercussão, Dawkins apagou o texto e pediu desculpas pelo Twitter. E respondeu às críticas afirmando que não teve a intenção de menosprezar a população trans. Alegou que ao usar a palavra “discutir”, pensava colocar apenas uma “pergunta acadêmica”, que foi mal interpretada. Dawkins ainda pontuou que “não era minha intenção aliar-me de forma alguma com os fanáticos republicanos nos EUA que agora exploram esta questão”⁹⁰ (DAWKINS apud FLOOD, 2021, p.1, tradução nossa). Ocorre que Dawkins já tinha um histórico de ataques a pessoas trans, em outras ocasiões, e, como a repercussão deste caso foi muito ampla, a organização humanista decidiu retirar o título anteriormente concedido. Ele mesmo teve que passar alguns meses se desculpando com a comunidade trans dos EUA e de outros países.

⁸⁸ Texto original Elmhirst (2015): “Awkins has taken shots at all major religions, but Islam has become the particular focus of his recent ire. “I have an anxiety about beheadings, stoning, setting people on fire,” he said. “No other group in the world at the moment does that. Isn’t that clear?” The emergence of the New Atheists was not accidental: their books were published shortly after 9/11, and Islamic fundamentalism remains one of their major preoccupations. After the Charlie Hebdo attacks in Paris in January this year, Dawkins took to Twitter (“No, all religions are NOT equally violent”) and blamed the actions of the terrorists exclusively on their faith, dismissing any socio-political theorising as to why two brothers might shoot 12 people at a satirical magazine. Dawkins has no time for the concept of Islamophobia – he calls it a “nonsense word” – and strongly rejects the argument that his criticism of Islam appears at times to have a racial inflection: “I detest any tendency to treat a person on the basis of a group to which they belong.” The notion that Muslims might see their faith as an inseparable part of their identity is absurd to him: “That’s their problem and they need to grow up.”

⁸⁹ Texto original Dawkins (2021): “In 2015, Rachel Dolezal, a white chapter president of NAACP, was vilified for identifying as Black,” wrote Dawkins on Twitter. “Some men choose to identify as women, and some women choose to identify as men. You will be vilified if you deny that they literally are what they identify as. Discuss.”

⁹⁰ Texto original Dawkins (2021): “It was also not my intent to ally in any way with Republican bigots in US now exploiting this issue”.

Apesar de tantas críticas, confusões, mal-entendidos e controvérsias em tantos assuntos diferentes, certamente, o papel mais impactante de Dawkins na sociedade é seu trabalho fervoroso de divulgação de um ateísmo orgulhoso e organizado. Por isso, ele também se posiciona a favor de vários ateus e organizações seculares – incluindo o “movimento *Bright*”, do qual trataremos mais detalhadamente na segunda parte desse estudo.

O ponto é que Dawkins sistematicamente reforça a ideia de que os ateus devem ter orgulho de sua posição, nunca devem se desculpar por críticas à religião, e sempre devem mostrar para o máximo possível de pessoas que o ateísmo é algo benéfico para o indivíduo e para a sociedade. Ele acredita que quanto mais pessoas se assumirem como ateus, mais a sociedade perceberá o enorme percentual de descrentes que há, expandindo ainda mais a força do movimento ao reduzir a resistência criada pela maioria que ainda é religiosa. (DAWKINS, 2007)

Ele também busca, através da fundação à qual é ligado, oferecer apoio psicológico e emergencial para pessoas que se sentem isoladas e/ou estigmatizadas por serem ateus declarados. Dawkins também anunciou que criaria uma “escola gratuita para ateus”, que, segundo ele, funcionará como um “antídoto” para as escolas religiosas. Não há informações disponíveis sobre se o projeto foi levado adiante após ter sido oficialmente anunciado em 2010. Na verdade, Dawkins já vem falando desse mesmo projeto há décadas, porém, não parece que muita coisa foi realizada até o momento. (SWINFORD, 2006)

Uma outra polêmica que também é digna de nota aconteceu em 2010, durante a visita do Papa Bento XVI a Londres. Dawkins, junto com Christopher Hitchens e outras celebridades que militam pelo ateísmo, planejaram uma ação para que o Papa fosse preso nessa ocasião, para que pudesse ser processado, julgado e condenado por crimes contra a humanidade. Os ateus, liderados por Dawkins, contrataram advogados especializados em direitos humanos para que trabalhassem com o objetivo de fazer com que Bento XVI respondesse pelos casos de abuso sexual que ele supostamente teria acoberto durante investigações ocorridas na Igreja Católica. Dawkins tinha tanta certeza da correção dessa medida, que se surpreendia com o fato de isso já não ter sido feito ante pelos governos dos países. Diz ele:

Por que alguém fica surpreso, muito menos chocado, quando Christopher Hitchens e eu pedimos a acusação do papa, se ele seguir em frente com sua proposta de visita à Grã-Bretanha? A única coisa estranha em nossa proposta

é que ela partiu de nós: onde estiveram os governos do mundo todo esse tempo?⁹¹ (DAWKINS, 2010, p.1, tradução nossa)

Evidentemente a ação proposta pelos novos ateus contra o Papa atingiu objetivos apenas midiáticos, mas não conseguiu levar o Sumo Pontífice para a prisão. De todo modo, a posição antirreligiosa contundente de Dawkins foi reafirmada e todo o ciclo de críticas, controvérsias e debates reativado, o que projetou novamente o movimento para o alto. A polêmica é uma estratégia que é assumidamente adotada pelos novos ateus, e apesar de Hitchens e Harris serem extremamente capacitados para essa tarefa, certamente o maior dos polemistas do novo ateísmo é Dawkins. Na conversa com D'Addario, o jornalista o questiona sobre esse ponto específico:

D'Addario: É interessante para mim porque sinto que você procura apresentar argumentos de maneira muito metódica, mas às vezes eles podem acabar sendo tão controversos. Você gosta de causar polêmica ou pensa nisso como um efeito colateral infeliz?

Dawkins: Não, acho que não gosto de causar polêmica. Não me contenho se algo for controverso. Não evito expor meus pensamentos com a maior força possível, embora, no caso do criacionismo, por exemplo, não me importe de apresentar um argumento a favor da evolução com a maior força possível, sabendo que será controverso. Tem que ser controverso; não pode ser outra coisa. Temos um impasse absoluto entre criacionismo e evolução; eles são incompatíveis, e um está certo e o outro está errado. Não evito controvérsias, mas não posso dizer que gosto. Quer dizer, eu gostaria que não houvesse nenhum criacionista com quem discutir. [...] Espero que minhas memórias mostrem o tipo de pessoa que eu realmente sou. E fui pintado como uma figura bastante controversa. Palavras como “agressivo”, “banal” e “estridente” foram usadas. Eu não sou. Eu não sou nenhum deles.⁹² (D'ADDARIO, 2013, p.1, tradução nossa)

Mas, além das polêmicas, frequentemente seus detratores também o acusam de ter uma abordagem desproporcionalmente hostil e visivelmente desrespeitosa em relação às crenças religiosas de bilhões de pessoas. Dawkins tem buscado se defender das críticas alegando que almeja apenas desafiar crenças infundadas e promover uma sociedade mais embasada em evidências científicas. O seu argumento central é o de que o ceticismo em relação à religião é

⁹¹ Texto original Dawkins (2010): “Why is anyone surprised, much less shocked, when Christopher Hitchens and I call for the prosecution of the pope, if he goes ahead with his proposed visit to Britain? The only strange thing about our proposal is that it had to come from us: where have the world's governments been all this time?”

⁹² Texto original D'Addario: “It's interesting to me because I feel as though you seek to make arguments very methodically, yet they can sometimes end up being so controversial. Do you enjoy causing controversy or do you think of it as an unfortunate side effect? No, i don't think I enjoy causing controversy. I don't hold back if something is controversial; I don't hold back on putting my thoughts across as forcefully as I can, though in the case of creationism for, example, I don't mind putting forward a case for evolution as forcefully as I can, knowing it will be controversial. It has to be controversial; it can't be anything else. We have an absolute impasse between creationism and evolution; they are incompatible, and one is right and one is wrong. I don't hold back from controversy but couldn't say that I enjoy it. I mean, I wish there weren't any creationists to argue with. I think I hope that my memoir will show the sort of person I really am. And I have been painted as a rather controversial figure. Words like “aggressive,” “trite” and “shrill” have been used. I'm not. I'm not any of them”.

uma postura legítima e necessária para o avanço da sociedade e do pensamento crítico. Nesse ponto, precisamos entender um pouco do que Dawkins entende por religião e qual o conceito que ele tem de Deus.

Em seus livros, Dawkins sugere que a existência de Deus deve ser tratada como uma hipótese científica que pode ser testada como qualquer outra, diz ele: “sempre pensei na existência de um criador inteligente como uma hipótese científica. Um universo com um criador seria um tipo de universo totalmente diferente cientificamente falando do que um sem”⁹³ (ANTHONY, 2015, p.6, tradução nossa). Porém, o problema, para os seus críticos, está no modo com que Dawkins fala de Deus, apresentando-O sempre de forma pessoal, tangível, cognoscível e limitada – quase uma caricatura. E mesmo que se apresentem outras concepções a respeito do que é Deus, Dawkins permanece atacando sempre a mesma caricatura que ele forjou. De acordo com David Hart:

Numerosas tentativas foram feitas, a propósito, para informar Dawkins do que implica a definição tradicional de simplicidade divina, e de como ela decorre logicamente da própria ideia de transcendência, e para explicar a ele o que significa falar de Deus como a plenitude transcendente da realidade, e como isso difere em espécie de falar de graus quantitativos de complexidade composta. Mas todas as evidências sugerem que Dawkins nunca entendeu o que está sendo dito, e é seu hábito infeliz descartar com desdém conceitos sem sentido cujos significados lhe escapam. Francamente, baseando-se apenas no registro de seu trabalho publicado, seria precipitado supor que Dawkins já aprendeu como raciocinar até o fim de um silogismo simples.⁹⁴ (HART, 2010, p.1, tradução nossa)

O mais provável é que Dawkins compreenda o que significa um Deus transcendental. Porém, um deus pessoal e imperfeito parece ser um alvo mais fácil de ser atacado. Esse ponto também será melhor analisado na segunda parte desse estudo. De todo modo, ao conceber essa ideia de divindade, a conclusão mais lógica a que ele acaba chegando é a de que as religiões são simplesmente crenças em coisas absurdas. Destarte, Dawkins concebe a fé como uma patologia. Em o “Gene Egoísta”, ele afirma que:

⁹³ Texto original Anthony (2015): “I’ve always thought of the existence of an intelligent creator as a scientific hypothesis. A universe with a creator would be a totally different kind of universe scientifically speaking than one without”.

⁹⁴ Texto original Hart (2010): “Numerous attempts have been made, by the way, to apprise Dawkins of what the traditional definition of divine simplicity implies, and of how it logically follows from the very idea of transcendence, and to explain to him what it means to speak of God as the transcendent fullness of actuality, and how this differs in kind from talk of quantitative degrees of composite complexity. But all the evidence suggests that Dawkins has never understood the point being made, and it is his unfortunate habit contemptuously to dismiss as meaningless concepts whose meanings elude him. Frankly, going solely on the record of his published work, it would be rash to assume that Dawkins has ever learned how to reason his way to the end of a simple syllogism”.

A fé não move montanhas. Mas é capaz de levar as pessoas a uma loucura tão perigosa que a fé me parece qualificar-se como uma espécie de doença mental. Leva as pessoas a acreditarem no que quer que seja tão fortemente que, em casos extremos, estão preparadas para matar e morrer por isso sem a necessidade de maiores justificativas. (DAWKINS, 2007, p.330)

Assim, ele vê a religião como um elemento prejudicial nas sociedades porque elas, fatalmente, conduzem ao obscurantismo, à superstição e à segregação social em função de crenças divergentes. Por exemplo, em 2006 Dawkins liderou um programa de duas partes, exibido na TV Britânica, intitulado “*The Root of All Evil?*” (A Raiz de Todo o Mal?) onde ele apresenta as religiões como a primeira e a mais significativa fonte de malefícios para a humanidade.

No entanto, faz-se necessário observar que Dawkins não ataca apenas a religião, mas também procura investir contra as pessoas religiosas que, de alguma forma, tomaram algum tipo de atitude em defesa de sua fé. Assim, ele usa de todo o seu prestígio e projeção social para injuriar religiosos, objetivando demonstrar o ridículo que é alguém ter uma religião. De acordo com Andrew Anthony:

Nenhum outro biólogo evolucionário foi tão franco quanto Dawkins em sua denúncia da religião e, de fato, do religioso. Como consequência, ele é o cara certo para uma citação contundente sobre teologias dissimuladas e seus crentes crédulos. Ele foi levado a atacar Peter Kay (embora mais tarde ele tenha dito que não sabia quem era Kay) quando o comediante disse que achava a religião reconfortante; atacou o historiador Paul Johnson pela base “ignominiosa, desprezível, retardada” na qual ele sustentava suas crenças religiosas; e descreveu o funcionário da British Airways que foi suspenso por usar uma cruz de ouro no trabalho como tendo “um dos rostos mais estúpidos que já vi”.⁹⁵ (ANTHONY, 2015, p.5, tradução nossa)

Na segunda parte do estudo, demonstraremos como essas ofensas que Dawkins profere não são aleatórias e sem propósito, mas obedecem a uma lógica estratégica de ação midiática antirreligiosa. Agora vamos analisar algumas das principais publicações de Dawkins para entender quais as proposições desse autor e como podemos observar elementos fundamentalistas em suas obras.

⁹⁵ Texto original Anthony (2015): “*He was led into attacking Peter Kay (although he later said he was unaware of who Kay was) when the comedian said that he found religion comforting; savaged the historian Paul Johnson for the “ignominious, contemptible, retarded” basis on which he held his religious beliefs; and described the British Airways employee who was suspended for wearing a gold cross at work as having “one of the most stupid faces I have ever seen”.*”

O Gene Egoísta de Dawkins

Não é possível afirmar se Dawkins alcançou o lugar de influência que tem por causa das polêmicas ou apesar delas, mas o fato é que seus escritos, entrevistas, palestras, campanhas e projetos têm motivado centenas de milhares de pessoas a terem um pensamento crítico em relação à religião. Certamente, a longa história midiática de Dawkins contribuiu fortemente para o crescimento do seu enorme prestígio.

Dawkins foi âncora de nada menos do que treze documentários a respeito da relação entre ciência, religião e ateísmo, todos com enorme audiência, dentro e fora da Inglaterra. Em 2005, a Fundação Alfred Toepfer, com sede em Hamburgo, o homenageou com o “Prêmio Shakespeare”; em 2006, ele ganhou o “Prêmio Lewis Thomas”; em 2007, recebeu o “Prêmio de Autor do Ano do *Galaxy British Book*”; e ainda nesse mesmo ano, Dawkins entrou na lista da revista *Time* das cem personalidades mais influentes do mundo; e, também em 2007, ficou em 20º lugar na lista do *The Daily Telegraph* dos 100 maiores gênios vivos.

No meio ateu, o predomínio da figura de Dawkins é tamanho que a *Atheist Alliance International*, durante suas conferências anuais, concede um prêmio para o ateu de destaque do ano, que tenha realizado ações para aumentar a conscientização pública sobre o ateísmo. Desde 2003, essa federação mundial de ateístas deu a essa homenagem o nome de “Prêmio Richard Dawkins”, demonstrando como as ações desse autor em prol do ateísmo estão muito acima das ações de qualquer outro ateu.

Mais um fato que mostra a enorme relevância de Dawkins no meio acadêmico, aconteceu em 2016, durante uma pesquisa feita para um estudo mais amplo que analisa como os cientistas se sentem em relação à religião. Os pesquisadores entrevistaram 137 cientistas britânicos para saber a opinião deles sobre esse tema. E mesmo sem haver nenhuma pergunta no questionário sobre Richard Dawkins, 48 pessoas (cerca de 1/3 dos que foram ouvidos) falaram no nome desse cavaleiro do ateísmo. A grande maioria se referiu a ele de modo crítico, mas todos reconhecendo sua importância na discussão pública sobre ciência. (ECKLUND, 2016) Falaremos com mais detalhes sobre esse estudo após a análise de suas obras.

Dawkins escreveu e publicou o total de dezessete livros, mas ficou amplamente conhecido basicamente por três deles: “O Gene Egoísta”, publicado em 1976, “O Relojoeiro Cego”, de 1986, e “Deus, um delírio”, lançado em 2006. Note-se que mesmo antes da onda

antirreligiosa observada nos anos seguintes aos atentados de 2001, Dawkins já investia sistematicamente contra a religião. Segundo Elmhirst:

Em todos os seus livros, a lógica tem sido assunto e modo de pensamento. *The Blind Watchmaker* (1986), *Climbing Mount Improbable* (1996), *The God Delusion* (2006) e *The Greatest Show on Earth* (2009) foram todas batalhas contra a aparente irracionalidade do pensamento criacionista. Não bastava dizer que não aprovava a religião ou seu papel na sociedade; ele precisava provar sua impossibilidade. (*The God Delusion* contém um capítulo de 42 páginas dedicado a esse empreendimento, intitulado “Por que quase certamente não há Deus”) [...] Krauss e Dawkins têm viajado com frequência como um ato duplo, parceiros em uma busca global para divulgar a maravilha da ciência e a inexistência de Deus. Dawkins está nessa missão desde 1976, quando publicou *The Selfish Gene*, o livro que o tornou famoso e já vendeu mais de um milhão de exemplares.⁹⁶ (ELMHIRST, 2015, p.9, tradução nossa)

Em “O Gene Egoísta”, Dawkins vai introduzir a ideia de que todas as formas de vida evoluíram em função do surgimento e da sobrevivência modificada de “entidades replicantes”. Esses “replicantes” são os genes, as unidades básicas de informação usadas para construir proteínas nos ribossomos dos organismos. Essa ideia foi considerada altamente revolucionária em meados da década de 70, quando foi lançada. Ela ajudou a popularizar uma compreensão supostamente mais clara da teoria da evolução. Para alguns analistas, essa foi a obra com a qual Dawkins começou sua campanha ateísta/antirreligiosa.

Apesar de Dawkins começar sua explicação usando o conceito de George C. Williams (1926-2010) do gene como algo que segrega e, em seguida, recombina de modo rápido e sequenciado, ele vai afirmar também que o gene: “é um replicador com alta fidelidade de cópia. [...] Estou usando a palavra gene para indicar uma unidade genética que é pequena o suficiente para durar por um grande número de gerações e ser distribuída sob a forma de muitas cópias”. (DAWKINS, 2006, p.21, 23) O interessante a observar é como, no decorrer da obra, o autor passa a atribuir uma série de características antropomórficas a essas unidades de informação, e isso não está presente apenas no título do livro. A longa citação a seguir, apesar de parecer desconexa, resume praticamente todo o argumento de Dawkins nesse livro, e demonstra como

⁹⁶ Texto original Elmhirst (2015): “In all his books, logic has been both subject and mode of thought. *The Blind Watchmaker*, *Climbing Mount Improbable* (1996), *The God Delusion* and *The Greatest Show on Earth* (2009) were all battles against the perceived irrationality of creationist thinking. It was not enough to say that he did not approve of religion or its role in society; he needed to prove its impossibility. (*The God Delusion* contains a 42-page chapter devoted to this enterprise, entitled, “Why There Is Almost Certainly No God”). [...] Krauss and Dawkins have toured frequently as a double act, partners in a global quest to broadcast the wonder of science and the nonexistence of God. Dawkins has been on this mission ever since 1976, when he published *The Selfish Gene*, the book that made him famous, which has now sold over a million copies.”

os leitores são levados a imaginar o gene como um ser pensante e capaz de realizar coisas extraordinárias:

Sustentarei que uma qualidade predominante a ser esperada em um gene bem-sucedido é o egoísmo implacável. Este egoísmo do gene geralmente originará egoísmo no comportamento individual. No entanto, como veremos, existem circunstâncias especiais nas quais um gene pode atingir melhor seus próprios objetivos egoístas cultivando uma forma limitada de altruísmo ao nível dos animais individuais. [...] Porém, a sorte, boa ou má, por definição age ao acaso e um gene que está consistentemente perdendo não tem falta de sorte: é um gene mau. [...] Nos perguntamos quais os atributos mais gerais de um gene “bom” e resolvemos que o “egoísmo” era um deles. [...] Do ponto de vista do gene egoísta o sexo não é, afinal de contas, tão bizarro. [...] Cada gene egoísta, portanto, tem sua lealdade dividida entre corpos diferentes. [...] O gene para albinismo deveria ficar satisfeito se alguns dos corpos que habita morressem, desde que ao fazê-la, ajudassem outros corpos, contendo o mesmo gene, a sobreviver. Se o gene para albinismo pudesse fazer com que um de seus corpos salvasse as vidas de dez corpos albinos, então mesmo a morte do altruísta seria amplamente compensada pelo número aumentado de genes para albinismo no “fundo”. [...] um gene pode “reconhecer” cópias de si próprio em outros indivíduos. [...] O possuidor de um gene altruísta poderá ser reconhecido simplesmente pelo fato de realizar atos altruístas. Um gene poderia prosperar no “fundo” se “dissesse” o equivalente a: “Corpo, se A estiver se afogando por tentar salvar outra pessoa de afogamento, pule a salve A”. [...] Um gene que efetivamente “diga”: “Corpo, se você for um macho adulto, defenda o bando contra leopardos”, poderia tornar-se mais numeroso no “fundo”. [...] Isto é, um gene que dá a seguinte instrução, “Corpo, se você é muito menor do que seus companheiros de ninhada, desista da luta e morra”, poderia se tornar bem sucedido no “fundo”, pois ele tem 50 por cento de probabilidade de estar no corpo de cada irmão salvo, e sua chance de sobreviver no corpo do filhote fraco é, de qualquer forma, muito pequena. [...] um gene chantageiro deste tipo pudesse presumivelmente difundir-se pelo “fundo” de genes de um cuco, ele provavelmente não se espalharia pelo “fundo” de genes de uma espécie comum [...] qualquer gene de jumento que diga “Corpo, se você é uma fêmea, copule com qualquer macho velho, seja ele um jumento ou um cavalo”, é um gene que poderá logo terminar no corpo sem saída de uma mula. [...] Qualquer um com capacidade consciente de previsão pode perceber que é sensato engajar-se em arranjos mútuos de coçar as costas. Mas aprendemos a ter cuidado com o que parece intuitivamente sensato. O gene não tem capacidade de previsão. Pode a teoria do gene egoísta explicar o coçar de costas mútuas, ou “altruísmo recíproco”, onde haja um atraso entre a boa ação e a retribuição? (DAWKINS, p.6, 22, 27, 30, 54, 55, 62, 81, 107)

Durante toda a obra, Dawkins apresenta os genes quase como uma entidade demiúrgica, consciente e capaz de realizar tudo que for necessário para sua sobrevivência e difusão. Mas, como dito antes, a realidade é que um gene é “só” uma informação usada para construir proteínas, que, apesar de ser altamente complexa, também é específica, pois os genes só fazem sentido se forem copiados, editados, transportados e traduzidos da maneira correta por toda a nanomaquinaria que existe num organismo e é necessária para realizar a síntese proteica. Nesse sentido, as críticas à teoria dos genes antropomórficos de Dawkins são feitas até mesmo por

outros expoentes do darwinismo como, por exemplo, Donald Symons, conhecido antropólogo americano, um dos pioneiros da “psicologia evolucionista”, que afirma que:

Em resumo, a retórica de O Gene Egoísta inverte exatamente a situação real: através [do uso de] metáforas, os genes são dotados de propriedades que apenas os seres sencientes podem possuir, como o egoísmo, enquanto os seres sencientes são despojados dessas propriedades e chamados de máquinas. [...] O antropomorfismo dos genes [...] obscurece o mistério mais profundo nas ciências da vida: a origem e a natureza da mente.⁹⁷ (SYMONS, 1981, p.42, tradução nossa)

Dito de outra forma, genes não comandam ações nem pensamentos no corpo, tão pouco têm vontade própria racionalmente elaborada. E isso é de conhecimento de qualquer biólogo, inclusive Dawkins, tanto que ao final do seu livro ele faz uma consideração que parece refutar as centenas de páginas que vieram antes. Diz ele:

Assim como achamos conveniente imaginar os genes como agentes ativos, trabalhando intencionalmente para sua própria sobrevivência, talvez seja conveniente pensar da mesma maneira sobre os memes. Em nenhum dos dois casos devemos nos tornar místicos. Em ambos a ideia de propósito é apenas uma metáfora, mas já vimos que metáfora útil ela é no caso dos genes. Até mesmo usamos palavras como “egoísta” e “implacável” para os genes, tendo plena consciência de que eram apenas um modo de falar. (DAWKINS, 2006, p.115)

Desde esse primeiro *best-seller*, Dawkins vem apresentando e tentando defender sua “teoria do gene egoísta”, isso também ocorrerá em “O Relojoeiro Cego”, utilizando a mesma estratégia de atribuir características antropomórficas aos genes, principalmente a capacidade de planejar e julgar sobre as melhores ações para sua sobrevivência. E essa será justamente a base mais comum das críticas que são feitas à teoria dawkiniana, pois é óbvio que um gene não pode sobreviver sozinho, necessitando sempre estar em complexa cooperação com uma grande quantidade de outros genes que formam o genoma de um indivíduo. Portanto, não faz sentido abordar o gene como uma “unidade” independente. Concomitantemente, tal qual afirmou Symons, Dawkins transforma seres conscientes em simples máquinas que obedecem a uma ditadura genética. Elmhirst escreve:

A linguagem da tecnologia era onipresente em “O Gene Egoísta”. Organismos eram “máquinas de sobrevivência”, corpos, “robôs pesados”, nada mais que veículos para genes. Para seus críticos, o livro era um ataque aos valores humanos: parecia sugerir, já naquele título rígido, que existíamos simplesmente para transmitir nossos genes individuais e que não nos

⁹⁷ Texto original Symons (1981): “*In summary, the rhetoric of The Selfish Gene exactly reverses the real situation: through [the use of] metaphor genes are endowed with properties only sentient beings can possess, such as selfishness, while sentient beings are stripped of these properties and called machines...The anthropomorphism of genes...obscures the deepest mystery in the life sciences: the origin and nature of mind.*”

importamos uns com os outros, com o bem comum, com a comunidade. Para Dawkins, essa foi uma leitura errada básica de seu argumento. [...] Dawkins explicou que escreveu *O Gene Egoísta* durante um ano sabático, depois de retornar, cheio de ideias, de uma conferência sobre inteligência artificial. “Eu genuinamente e inocentemente, em meu entusiasmo, esqueci que os robôs são popularmente considerados idiotas inflexíveis”, escreveu ele.⁹⁸ (ELMHIRST, 2015, p.8, tradução nossa)

Nesse mesmo livro, Dawkins veio cunhar a palavra “meme”, que seria o equivalente ao gene, mas sendo a primeira uma porção de informação que determina o comportamento social e pessoal de cada indivíduo. Nesse sentido, Dawkins quis extrapolar sua teoria do gene egoísta para o campo da sociologia e das ciências humanas como um todo, assim como o fez Herbert Spencer (1820-1903) com a teoria darwiniana. Os memes deveriam ser nada mais do que um dos muitos exemplos que Dawkins constrói em sua obra, mas “ganhou vida própria” e vários outros autores começaram a trabalhar essa ideia, criando um campo de estudo hoje conhecido como “memética”.

Depois de alguns anos após a memética passar a ser trabalhada por outros autores, Dawkins se afastou desse ramo de pesquisa, alegando que não era exatamente a ideia original que ele propôs. Mas antes disso ocorrer, ele ainda desenvolveu esse conceito mais detalhadamente em seu segundo *best-seller*: “O Relojoeiro Cego” (*The Blind Watchmaker*), publicado em 1986. Nessa obra, Dawkins vai argumentar contra a “analogia do relojoeiro”, um argumento popularizado pelo teólogo e filósofo britânico Willian Paley (1743-1805) para a existência de um criador sobrenatural em função da complexidade encontrada nos organismos vivos.⁹⁹ Por isso, Dawkins vai tentar explicar os processos evolutivos como se eles fossem um “relojoeiro cego” que constrói algo complexo, mesmo sem enxergá-lo. Ele defende que processos evolutivos como a mutação e a seleção natural não são, e não precisam ser, guiados por nenhum designer consciente para serem capazes de gerar sistemas genéticos altamente complexos, como o são os genomas dos seres vivos.

⁹⁸ Texto original Elmhirst (2015): “*The language of technology was ubiquitous in *The Selfish Gene*. Organisms were “survival machines”, bodies “lumbering robots”, nothing more than vehicles for genes. To its critics, the book was an assault on human values: it seemed to suggest, in that stark title alone, that we existed simply to pass on our individual genes and cared nothing for each other, the common good, community. To Dawkins, this was a basic misreading of his argument. [...] Dawkins explained that he wrote *The Selfish Gene* while on sabbatical, after returning, high on ideas, from a conference on artificial intelligence. “I genuinely and innocently in my enthusiasm forgot that robots are popularly supposed to be inflexible idiots,” he wrote.*”

⁹⁹ William Paley, em seu livro “Teologia Natural”, publicado em 1802, argumentou que existe uma complexidade tão grande nos organismos vivos, que isso era uma evidência clara da existência de um Criador para esses organismos. Nesse sentido, Paley compara a complexidade biológica a um relógio, que, logicamente, demanda um relojoeiro para vir a existir e funcionar como foi planejado para funcionar.

O ponto mais complicado para a hipótese de a evolução ser um “relojoeiro cego” é explicar a origem da vida. Dawkins dedica alguns capítulos a essa problemática, explorando inclusive a hipótese da “evolução química”. A única saída que ele encontra é novamente acrescentar características antropomórficas a estruturas inanimadas, só que dessa vez ele o faz com moléculas orgânicas que supostamente existiram antes da vida surgir. Por exemplo, explicando a “hipótese da argila”, proposta pelo bioquímico Alexander G. Cairns-Smith (1931-2016), Dawkins atribui a cristais, além da capacidade de se autorreplicar, também a inteligência para reconhecer sua própria condição de maior ou menor “eficiência” no processo de replicação. Segundo Dawkins, essa consciência adquirida por alguns tipos de cristais, ocasionou uma “rebelião” do “acessório” DNA contra o RNA, uma espécie de “golpe de estado biológico”. Ele explica que:

Na nossa teoria, a argila e os outros cristais minerais destinam-se a desempenhar o papel de replicadores originais, de “baixa-tecnologia” [um tipo de molécula hipotética similar ao RNA] [...]A partir do momento em que o DNA apareceu, provou ser tão mais eficiente como replicador e tão mais potente quanto aos efeitos provocados sobre a sua própria replicação, que o sistema de replicação que originalmente o desovou foi abandonado e esquecido. O moderno mecanismo de DNA, de acordo com este ponto de vista, é um recém-chegado, um usurpador recente do “papel” que pertencia a um replicador mais primitivo e mais imperfeito. Originalmente acessórios, os novos replicadores [o DNA] revelaram-se tão mais eficazes do que os cristais originais, que tomaram o poder. (DAWKINS, 1986, p.185, 175-6)

Em “O Relojoeiro Cego”, Dawkins ataca a crença em Deus de uma forma mais direta. Nesse sentido, ele escreve que, se a complexidade é usada para se concluir que é necessário haver um Criador para ela, então esse mesmo Criador deve ser extremamente complexo e teria que ter sua origem explicada por um outro Criador, caindo-se num looping infinito. Assim, Dawkins explica:

Se eu pretender postular uma divindade capaz de engendrar toda a complexidade organizada do mundo, espontaneamente ou orientando a evolução, é necessário que, para começar, essa divindade já seja imensamente complexa. O criacionista, quer seja uma Bíblia impressionante e ingênua ou um bispo culto, limita-se a postular um Ser, já existente, com uma inteligência e complexidade prodigiosas. [...] A teoria da evolução através da seleção natural cumulativa é a única teoria de que temos conhecimento que é, em princípio, capaz de explicar a evolução da complexidade organizada. (DAWKINS, 1986, p.356)

“O Relojoeiro Cego” conseguiu algo que nem o próprio Dawkins imaginava, fazer ainda mais sucesso do que “O Gene Egoísta”. Tanto que no ano seguinte ao lançamento, em 1987, Dawkins recebeu o “prêmio de Literatura da *Royal Society*”, em seguida recebeu o “prêmio

literário do *Los Angeles Times*”. E ainda no mesmo ano, Dawkins ganhou o “prêmio Tech” de “Melhor Programa Científico do ano de Documentário para a Televisão”, justamente pelo episódio que gravou para a *BBC Horizon* baseado em “O Relojoeiro Cego”.

Mas a verdade é que o grande sucesso, que superaria todos os livros de Dawkins lançados antes e depois dele, só viria após os atentados do 11 de setembro. O sucesso de vendas desse livro foi tão extraordinário que Dawkins o viu como a prova do reconhecimento de sua superioridade intelectual, e chegou a afirmar: “Não preciso dizer se me considero um líder. Só preciso dizer que o livro [‘Deus, um delírio’] vendeu três milhões de cópias.”¹⁰⁰ (DAWKINS apud ELMHIRST, 2015, p.3, tradução nossa)

“Deus, um delírio” foi lançado em outubro de 2006, embora Dawkins já há muito tempo nutrisse o desejo de escrever um livro fazendo críticas abertas à religião. Seu agente o desaconselhara a fazê-lo, já que parte do seu público era composto de religiosos interessados em ciência. Porém, após o enorme sucesso de “A Morte da Fé”, de Harris, seu empresário se animou com a ideia e o projeto ficou pronto em alguns meses. De acordo com Anthony:

Seus comentários sobre religião tornaram-se visivelmente menos contidos após os ataques de 11 de setembro na América. Foram esses atos de terrorismo de inspiração religiosa que levaram Dawkins a escrever “Deus, um delírio”. Ele queria escrever o livro imediatamente após a destruição das torres gêmeas, mas foi dissuadido por seu agente, que lhe disse que a América nunca compraria um livro que criticasse tão abertamente a religião. Ele esperou vários anos e o livro acabou sendo publicado em 2006. Mas, como muitos observadores notaram desde então, as pessoas que lançaram aviões contra o World Trade Center foram motivadas por uma crença poderosa no Islã, enquanto “Deus, um delírio” foi uma crítica sustentada ao cristianismo. “Ele se concentra no cristianismo”, diz ele, “porque é a religião que eu conheço muito, tendo sido criado em escolas cristãs”.¹⁰¹ (ANTHONY, 2015, p.5, tradução nossa)

Nessa obra, Dawkins deixa de lado a teoria do gene egoísta e os demais argumentos evolutivos que havia utilizado nos livros anteriores para combater o argumento do Design Inteligente, e passa a tratar de vários outros argumentos que são utilizados para refutar ou confirmar a existência de um deus (ou deuses). Em síntese, ele argumenta que um criador

¹⁰⁰ Texto original Elmhirst (2015): “*I don’t need to say if I think of myself as a leader,*” he said a few weeks later. “*I simply need to say the book has sold three million copies.*”

¹⁰¹ Texto original Anthony (2015): “*His comments about religion grew noticeably less restrained after the 9/11 attacks in America. It was those religiously inspired acts of terrorism that prompted Dawkins to write The God Delusion. He had wanted to write the book immediately after the twin towers were destroyed but was dissuaded by his agent, who told him that America would never buy a book that was so avowedly critical of religion. He waited several years and the book was eventually published in 2006. But as many observers have since noted, the people who flew planes into the World Trade Centre were motivated by a powerful belief in Islam, while The God Delusion was a sustained critique of Christianity.*”

sobrenatural “quase certamente” não existe, por isso a fé religiosa não passa de uma ilusão. A obra é dividida em dez capítulos, ao longo dos quais Dawkins trará quatro aforismos, que ele denominou de “minhas mensagens de conscientização”, são elas:

- a) “É possível ser um ateu feliz, equilibrado, ético e intelectualmente realizado”;
- b) Quando se trata da origem do Universo, da vida e de sua diversidade, a seleção natural e as mutações são explicações superiores a uma “hipótese de Deus”, ou, à “ilusão do design inteligente”;
- c) Crianças não devem ser rotuladas pela religião de seus pais: “Aquela criança é nova demais para saber se é muçulmana ou não. Não existe criança muçulmana. Não existe criança cristã”;
- d) “Não há nada de que se desculpar por ser ateu. Pelo contrário, é uma coisa da qual se deve ter orgulho”. (DAWKINS, 2007, p.18, 171, 20, 21)

Já no final do livro Dawkins parece resumir todas essas mensagens a uma única, que sozinha é capaz de fazer acontecer as anteriores. Uma mensagem tão forte que atinge a todos os religiosos sem distinção, de radicais a moderados. Afirma ele:

A mensagem que deve ficar é que devemos pôr a culpa na religião em si, e não no extremismo religioso – como se isso fosse uma perversão horrível da religião de verdade, decente. [...] Se aceitarmos o princípio de que a fé religiosa deve ser respeitada simplesmente porque é fé religiosa, é difícil deixar de respeitar a fé de Osama bin Laden e dos homens-bomba. A alternativa, tão transparente que não deveria precisar de propaganda, é abandonar o princípio do respeito automático pela fé religiosa. Esse é um dos motivos por que faço tudo o que posso para advertir as pessoas contra a própria fé, não apenas contra a chamada fé “extremista”. Os ensinamentos da religião “moderada”, embora não sejam extremistas em si mesmos, são um convite aberto ao extremismo (DAWKINS, 2007, p.315)

Quando Dawkins ataca os moderados – que são a imensa maioria dos crentes – culpando-os pela existência dos extremistas e estabelecendo a própria fé religiosa como o problema que deve ser extirpado, ele se aproxima muito da estratégia utilizada por Hitchens e por Harris, ainda que, esses dois últimos, tenham focado suas críticas no islamismo, não no cristianismo, com o fez Dawkins. É nesse ponto que é importante percebermos que “Deus, um delírio” não é só uma obra em defesa do ateísmo, mas um forte ataque antirreligioso.

Cientistas Não Gostam Muito de Dawkins

O impacto das obras de Dawkins na literatura científica é simplesmente gigantesco. E isso não se restringe apenas aos que se consideram ateus, agnósticos ou aos que discutem o tema da relação entre ciência e religião. O fato é que o número de prêmios, indicações e homenagens que ele e suas obras receberam demandaria várias páginas para serem detalhados.

“O Gene Egoísta” foi extremamente popular desde que foi publicado pela primeira vez e, segundo Dawkins, causou “uma revolução silenciosa e quase imediata na biologia” (DAWKINS, 2006, p.191). Mas isso não foi apenas na década de 70, quando foi lançado. Durante quase 50 anos o livro influenciou milhões de mentes que o leram. E é válido ressaltar que essa obra de Dawkins continua a ser amplamente lida no mundo todo. Já vendeu milhões de cópias e foi traduzida para mais de 25 idiomas diferentes. “O Gene Egoísta” foi considerado o livro que mais popularizou a teoria de uma evolução centrada especialmente nos genes.

Em julho de 2017, a *Royal Society* fez uma pesquisa com mais de 1.300 leitores do seu site, e elegeu o primeiro *best-seller* de Dawkins como o livro de ciência “mais influente de todos os tempos” (*most influential science books of all time*). “O Gene Egoísta” obteve 236 votos, enquanto “A Origem das Espécies” de Darwin ficou com exatamente a metade dos votos obtidos pelo primeiro colocado: 118 (ARMITSTEAD, 2017, p.1). Além disso, a revolução causada pelas redes sociais na internet difundiu para praticamente todas as pessoas on-line do mundo o termo “meme”, cunhado por Dawkins nessa obra – ainda que o conceito cultural não seja compreendido pela imensa maioria das pessoas que já ouviram falar de um “meme”.

No entanto, como já vínhamos apontando antes, os críticos de “O Gene Egoísta” não são poucos, e eles questionam frontalmente a abordagem biológica que Dawkins adota ao simplificar utopicamente a relação entre genes e organismo. Assim, tomar o gene como uma unidade de seleção é enganoso, ainda mais quando se especula que tais unidades são capazes de discernir e planejar o que é melhor para sua sobrevivência e difusão. Nesses termos, o gene poderia ser descrito como uma “unidade evolutiva”, mas dentro do que se imagina de mudanças nas frequências alélicas de uma população a longo prazo, não como uma unidade independente que planeja e toma decisões do que é melhor para sua sobrevivência.

Outro problema que é considerado basilar na teoria do gene egoísta de Dawkins é o fato de que a seleção natural só pode fazer seu papel de ceifar os menos aptos, se os genes se

traduzirem em características fenotípicas. Mas, para isso, é preciso informação funcional, altamente complexa e perfeitamente adaptada ao restante do sistema de informações codificados que já existe. Ou seja, o genoma não pode ser entendido como um amontoado de informações que vão sendo agregadas aleatoriamente para aumentar sua complexidade e fazer surgir novas famílias de características fenotípicas. Ao contrário, cada informação exige uma série de informações adicionais e organizadas com precisão, dentro de um sistema ordenado e altamente complexo pré-existente. De acordo com os filósofos de ciência, John Wilkins e David Hull:

Nos primeiros escritos de Dawkins, replicadores e veículos desempenhavam papéis diferentes, mas complementares e igualmente importantes na seleção, mas conforme Dawkins aprimorava sua visão do processo evolutivo, os veículos se tornavam cada vez menos fundamentais. [...] Em escritos posteriores, Dawkins vai ainda mais longe e argumenta que características fenotípicas são o que realmente importa na seleção e que podem ser tratadas independentemente de serem organizadas em veículos. [...] Assim, não é nenhuma surpresa quando Dawkins proclama que “cunhou o termo 'veículo' não para elogiá-lo, mas para enterrá-lo”. Por mais prevalentes que sejam os organismos, por mais determinados que sejam os papéis causais que desempenham na seleção, a referência a eles pode e deve ser omitida de qualquer caracterização clara da seleção no processo evolutivo. Dawkins está longe de ser um determinista genético, mas certamente é um reducionista genético”.¹⁰² (WILKINS; BOURRAT, 2001, p.3, tradução nossa)

Indo além, outros autores, como Richard Lewontin, Elliott Sober e David Sloan Wilson, sugerem que existem muitos outros fenômenos (incluindo o altruísmo) e fatores relevantes que não podem ser satisfatoriamente explicados pela seleção baseada apenas nas informações contidas nos genes e no antropomorfismo sugerido por Dawkins. Em suma, existe uma gama considerável de biólogos e demais cientistas que entendem a abordagem dawkiniana como reducionista e equivocada.

Já em “O Relojoeiro Cego”, o grande ponto que Dawkins tenta demonstrar é que mesmo a evolução sendo cega, é possível que ela tenha construído estruturas complexas. Com esse argumento, Dawkins almeja desconstruir a necessidade de se recorrer a algum tipo de explicação metafísica para explicar a origem dessas estruturas. Não obstante, a possibilidade da

¹⁰² Texto original Wilkins e Bourrat (2001): “*In Dawkins's early writings, replicators and vehicles played different but complementary and equally important roles in selection, but as Dawkins honed his view of the evolutionary process, vehicles became less and less fundamental. [...] In later writings Dawkins goes even further and argues that phenotypic traits are what really matter in selection and that they can be treated independently of their being organized into vehicles. [...] Thus, it comes as no surprise when Dawkins proclaims that he “coined the term ‘vehicle’ not to praise it but to bury it.” As prevalent as organisms might be, as determinate as the causal roles that they play in selection are, reference to them can and must be omitted from any perspicuous characterization of selection in the evolutionary process. Dawkins is far from a genetic determinist, but he is certainly a genetic reductionist.*”

existência de Deus não é necessariamente descartada. O autor só diz que ela não explica muito e que criaria um problema ainda maior, pois se o Criador é extremamente complexo, então ele também foi criado, demandando um novo Criador para o Criador. Nesse sentido, nesse livro, Dawkins direcionou grande parte de suas críticas para o argumento do Design Inteligente.

O conhecido filósofo da ciência e matemático americano, David Berlinski, escreveu um livro intitulado *“The Devil's Delusion: Atheism and Its Scientific Pretensions”* (2008) onde critica várias das ideias apresentadas em “O Relojoeiro Cego”. Uma das principais contestações de Berlinski é direcionada ao fato de que os processos evolutivos (seleção natural e mutação) não são capazes de explicar a complexidade e a diversidade da vida satisfatoriamente. Nesse sentido, ele entende que Dawkins e outros adeptos da teoria do gene egoísta costumemente assumem uma postura dogmática, desprezando praticamente todas as lacunas na teoria da evolução e as limitações físicas, químicas e matemáticas para que o aumento de complexidade tenha ocorrido. Um dos pontos-chaves que Berlinski mais explora é o fato de que a teoria de Darwin, mesmo se somada à teoria de Dawkins, não é capaz de explicar a origem da vida, e mais especificamente das informações genéticas.

Outro ponto para o qual Berlinski chama a atenção é que Dawkins tenta vender ininterruptamente a ideia de que a evolução natural é uma alternativa científica à visão religiosa de uma criação divina, quando, na verdade, argumenta ele, seriam duas proposições não excludentes. Destarte, Berlinski enfatiza que a ciência não deve ser usada como uma ferramenta voltada para promover o ateísmo, ou qualquer tipo de discurso antirreligioso, devendo antes ser vista como uma ferramenta para se conhecer e explorar o mundo natural. De acordo com esse autor:

Por que um universo improvável exige um Deus improvável? Dawkins não diz e eu não sei. [...] Se Deus fez o mundo, não é improvável. Se for improvável, então Deus não o criou. O melhor que podemos dizer é que Deus fez um mundo que seria improvável se tivesse sido produzido pelo acaso.¹⁰³
(BERLINSKI, 2009, p.142, 144, tradução nossa)

E chegamos ao auge da carreira de Dawkins, em “Deus, um delírio”, sua fama de um escritor feroz e incisivo será consolidada. Até porque, como dito antes, a repercussão dessa obra foi sem precedentes. De acordo com dados de 2015, além das mais de 3 milhões de cópia vendidas, o livro já havia sido traduzido para mais de 30 idiomas. Além disso, Dawkins

¹⁰³ Texto original Berlinski (2009): *“Why an improbable universe demands an improbable God, Dawkins does not say and I do not know. [...] If God did make the world, it is not improbable. If it is improbable, then God did not make it. The best we could say is that God made a world that would be improbable had it been produced by chance.”*

promoveu traduções “não oficiais” de “Deus, um delírio” em idiomas como árabe e bengali, para alcançar o público muçulmano e hindu. Segundo ele revelou em uma entrevista de 2016 ao apresentador Matt Dillahunty, uma das traduções árabes não autorizada foi baixada mais de 3 milhões de vezes na Arábia Saudita. (DILLAHUNTY, 2012, 0:48)

Poucas semanas após ser lançado, “Deus, um delírio”, alcançou o quarto lugar na lista de *best-sellers* de não-ficção do New York Times, após ficar semanas na lista dos dez melhores. E, de acordo com a varejista Amazon.com, uma das maiores revendedoras de livros do mundo, em agosto de 2007 esse livro de Dawkins foi o mais vendido de todos no tema de religião e espiritualidade.

A obra gerou uma avalanche de respostas, muitas positivas, mas a maioria com críticas negativas. Um número anormal de artigos e livros foram lançados respondendo Dawkins, entre eles, além do já citado “*The Devil's Delusion*” (2008) de David Berlinski, podemos também citar: “*Darwin's Angel*” (2007) de John Cornwell, “*The Dawkins Confusion*” (2007) de Alvin Plantinga, “*The Dawkins Delusion?*” (2007) de Alister McGrath e Joanna Collicutt McGrath, “*The God Delusion Review*” (2008) de Antony Flew; “*Atheist Delusions*” (2009) de David Bentley Hart, “*God's Undertaker: Has Science Buried God?*” (2009) de John Lennox etc.

Muitos dos que criticaram o trabalho de Dawkins, acusaram-no de ter fabricado espantalhos, ou seja, forjar uma caricatura irreal e estereotipada dos religiosos, com o objetivo de facilitar a ofensiva. O renomado intelectual Terry Eagleton,¹⁰⁴ da *London Review of Books* afirmou que “Deus, um delírio” carece de uma pesquisa adequada sobre a relação entre ciência e religião. Ele afirma que: “Dawkins, ao que parece, às vezes ouviu de teólogos que ele armava espantalhos apenas para derrubá-los, uma acusação que ele refuta neste livro; mas se ‘Deus, um delírio’ serve de referência, eles estão absolutamente certos”.¹⁰⁵ (EAGLETON, 2009, p.1, tradução nossa) Vamos falar mais detalhadamente da estratégia retórica de armar espantalhos na segunda parte desse estudo.

O nível de popularidade de Dawkins é tão alto que ele foi medido quase que acidentalmente em 2016. Ocorreu durante um estudo feito por pesquisadores da Universidade

¹⁰⁴ Terry Eagleton é um filósofo britânico e crítico literário que escreveu diversas obras sobre religião e teologia. Embora ele tenha sido bastante crítico das religiões tradicionais e tenha se envolvido em debates compensadores religiosos, ele não se descreve como um “ateu comum”. Ao invés disso, Eagleton descreve sua posição como “um pouco mais complicada do que o ateísmo vulgar”, e ele se identifica como um “ateu que é um pouco teológico”.

¹⁰⁵ Texto original Eagleton (2009): “*Dawkins, it appears, has sometimes been told by theologians that he sets up straw men only to bowl them over, a charge he rebuts in this book; but if The God Delusion is anything to go by, they are absolutely right.*”

Rice, do Texas (EUA) que buscava coletar dados para analisar a compreensão pública da ciência e como os cientistas se sentem retratados na mídia. O nome de Dawkins apareceu recorrente e espontaneamente, sem que no questionário houvesse qualquer menção ao biólogo britânico. Nessa parte do estudo, buscou-se compreender como os cientistas se sentem em relação à religião.

A amostra, então, contou com mais de 20.000 cientistas de oito países. Só no Reino Unido, foram entrevistados 1.581 cientistas, selecionados aleatoriamente. Em seguida, foram feitas entrevistas em profundidade com 137 deles, todos britânicos, e desses, 48 mencionaram Dawkins. De acordo com o estudo, desse grupo que fez referência ao escritor neoteu, 80% afirmaram que achavam que ele deturpa a ciência e os cientistas em seus livros, entrevistas e demais discursos públicos. (ECKLUND *et al.*, 2016) De acordo com David Johnson, que analisou mais demoradamente os resultados inesperados da pesquisa onde Dawkins aparece:

Os resultados mostram que os apoiadores de Dawkins veem o cientista-celebridade como tendo um papel importante como provocador, que afirma a autoridade cultural da ciência na esfera pública. Os críticos, que incluem cientistas religiosos e não religiosos, constroem o cientista-celebridade como um diplomata da ciência cujo envolvimento deve antecipar e compreender as perspectivas do público. Seus críticos percebem que Dawkins está deturpando a ciência e os cientistas. E seu estilo de engajamento é rejeitado com base no fato de promover o cientista sobre a ciência, o escárnio sobre a diplomacia e o extremismo ideológico sobre o diálogo.¹⁰⁶ (JOHNSON, 2018, p.2, tradução nossa)

Em sua cruzada ateuista, Dawkins parece utilizar várias estratégias combinadas. Ele ataca os “religiosos moderados” por, supostamente, criarem uma barreira de proteção para os fundamentalistas. Simultaneamente, ele diz querer preservar a ciência e a mente das crianças, ao “combater o bom combate” contra a religião. Esses argumentos são praticamente os mesmos de Dennett e Harris, em especial no que tange à educação infantil.

Porém, as crianças parecem ser um ponto crucial no argumento de Dawkins. Ele frequentemente se diz indignado com a presença de ensino religioso nas escolas, que ele considera como um processo de doutrinação. Por exemplo, no capítulo nove de “Deus, um delírio”, intitulado de “Infância, abuso e a fuga da religião”, Dawkins lança a seguinte pergunta:

¹⁰⁶ Texto original de Johnson (2018): “*Findings show that Dawkins’ proponents view the celebrity scientist as having an important role as a provocateur, who asserts the cultural authority of science in the public sphere. Critics, who include both religious and nonreligious scientists, construct the celebrity scientist as a diplomat of science whose engagement should anticipate and understand the perspectives of public audiences. His critics perceive Dawkins as misrepresenting science and scientists. And his engagement style is rejected on the grounds that it promotes the scientist over science, derision over diplomacy, and ideological extremism over dialogue.*”

“Mesmo sem a abdução física, não é sempre uma forma de abuso infantil classificar que crianças possuam crenças sobre as quais elas são pequenas demais para ter refletido?” (DAWKINS, 2007, p.322) Já vimos antes que Dawkins tem um conceito bastante singular do que é abuso infantil. E depois de falar longamente de uma série de abusos cometidos por religiosos, ele finalmente começa a delinear o que quer dizer com sua comparação entre ensinar religião para uma criança e abusar dela. Afirma Dawkins:

É possível que o abuso psicológico de crianças supere o físico. [...] Estou convencido de que o termo “abuso infantil” não é exagero quando usado para descrever o que professores e padres estão fazendo com crianças que incentivam a acreditar em coisas como a punição de pecados mortais inconfessos num inferno eterno. [...] Num ponto anterior de nossa conversa televisionada, Jill tinha descrito esse tipo de criação religiosa como uma forma de abuso mental, e retomei esse ponto dizendo: “Você usa as palavras abuso religioso. Se você fosse comparar o abuso que é criar uma criança acreditando de verdade no inferno... como você acha que isso se compara, em termos de trauma, ao abuso sexual?”. [questionou Dawkins] Ela respondeu: “Essa é uma pergunta muito difícil... Acho que na verdade há muitas semelhanças, porque se trata de um abuso de confiança; trata-se de negar à criança o direito de sentir-se livre e aberta para relacionar-se normalmente com o mundo... é uma forma de denegrição; é uma forma de negação do eu verdadeiro em ambos os casos”. (DAWKINS, 2007, p.325, 326, 332)

Para Dawkins, colocar “rótulos” em um menor, ao chamá-lo de “criança muçulmana” ou “criança católica”, seria o mesmo que dizer que elas são “crianças marxistas” ou “crianças conservadoras”, e isso seria uma forma de abusar dela, uma vez que ela não está tendo a oportunidade de escolher. Na visão dele, não cabe aos pais influenciar na religião que seus filhos vão escolher, ou se eles vão simplesmente decidir “continuar como ateus”, pois, para ele: “nunca é demais repetir. Vou dizer de novo. Aquela não é uma criança muçulmana, mas uma criança de pais muçulmanos. Aquela criança é nova demais para saber se é muçulmana ou não. Não existe criança muçulmana. Não existe criança cristã”. (DAWKINS, 2007, p.20)

E assim como proposto em “Quebrando o Encanto”, Dawkins também afirma querer escolas de “pensamento livre”, onde os professores não “doutrinariam as crianças” com qualquer tipo de crença religiosa, antes, elas seriam ensinadas a pedir evidências, a acreditar em experiências empíricas, a serem céticas e críticas a “doutrinas sem sentido”, e de mente aberta. (SWINFORD, 2006)

Mas, Dawkins não quer parecer com algum tipo de radical, e na sua escola ideal a religião também seria ensinada. No entanto, os preceitos cristãos seriam apresentados junto com uma série de outras doutrinas religiosas: gregas, romanas, hindus, egípcias, toísta, etc... Ou seja,

o ensino religioso seria meramente um conjunto de informações superficiais sobre a história de cada cultura religiosa. Em verdade, em muitas escolas e faculdades o ensino religioso já é passado dessa forma, mas parece que Dawkins almeja deixar mais claro para as crianças que nada do que se fala com relação a crenças religiosas pode ser considerado como real, ou científico. Destarte, a religião precisa ser apresentada como uma fantasia humana que não deve ser sacralizada.

Dawkins parece estar olhando para a frente, para o futuro, vendo que é mais fácil colocar vinho novo em odre novo, ou seja, um odre que já não tenha tido em si o “vinho” da religião. Assim, a crítica à educação religiosa de crianças é um dos seus argumentos centrais. Por isso ele tenta insistentemente transmitir a mensagem de que não se deve ensinar crenças religiosas de qualquer natureza para crianças.

Um outro ponto que deve ser observado nessa parte final de nossa análise sobre Dawkins, é que ele, assim como Dennett e Harris, também afirma acreditar que seus livros possam “resgatar” pessoas do “erro” da religião. Porém, paradoxalmente, dos quatro cavaleiros do ateísmo, Dawkins é o que mais ataca os religiosos – e são as pessoas em si, mais até do que aquilo em que elas acreditam. De acordo com Novak:

Nossos três autores (Dawkins, Dennett e Harris), ao que parece, estão um pouco cegos por sua própria repugnância pela religião. Mesmo seus bons amigos, escreve Dawkins, perguntam-lhe por que ele é levado a ser tão “hostil” com as pessoas religiosas. Por que, dizem eles, uma pessoa tão inteligente quanto você, não apresenta calmamente seus argumentos devastadores contra os crentes, de maneira calma e serena? A resposta de Dawkins a seus amigos é direta: “Sou hostil à religião fundamentalista porque ela debocha ativamente do empreendimento científico. [...] A religião fundamentalista está empenhada em arruinar a educação científica de incontáveis milhares de jovens mentes inocentes, bem-intencionadas e ansiosas. A religião não fundamentalista e 'sensata' pode não estar fazendo isso. Mas está tornando o mundo seguro para o fundamentalismo, ensinando às crianças, desde os primeiros anos, que a fé inquestionável é uma virtude”. Dawkins se recusa a fazer parte da “conspiração” pública para prestar respeito à religião, quando ela merece desprezo. [...] Dawkins pelo menos pensa que existem algumas pessoas religiosas que podem ser convertidas ao ateísmo por seus argumentos. Ele os descreve como “pessoas de mente aberta, cuja doutrinação infantil não foi muito insidiosa, ou por outras razões não 'aceitou', ou cuja inteligência nativa é forte o suficiente para superá-la”. Dawkins apresenta a esses crentes um ultimato: ou junte-se a ele para “se libertar completamente do vício da religião” ou permaneça entre os indivíduos de mente fechada que são incapazes de superar “a ilusão de deus”.¹⁰⁷ (NOVAK, 2007, p.6, tradução nossa)

¹⁰⁷ Texto original Novak (2007): “*Our three authors, it does seem, are a bit blinded by their own repugnance toward religion. Even his good friends, Dawkins writes, ask him why he is driven to be so “hostile” to religious*

Quando olhamos superficialmente, podemos ser levados a pensar que, diante de tantas críticas, a estratégia de Dawkins de, sempre que pode, atacar de forma enérgica e impiedosa a religião e os religiosos é um “erro de cálculo” do autor, ou ainda uma questão de foro íntimo, que desperta nele todo esse sentimento antirreligioso. Ou seja, assim como escreveu Novak, Dawkins pode simplesmente estar “cego por sua própria repugnância pela religião”. Todavia, a nossa proposta aqui é diferente. Apesar de não descartarmos necessariamente as duas opções anteriores, propomos que os ataques coléricos antirreligiosos de Dawkins são uma de suas estratégias para aumentar sua popularidade e manter constante o alto número de citações ao seu nome na mídia e nas redes sociais. Assim, ele consegue continuar chegando a cada vez mais pessoas de diferentes gerações.

Nesse mesmo sentido, é preciso destacar que Dawkins parece querer ser lembrado como tendo sido o maior de todos os provocadores antirreligiosos. Isso também será detalhado no capítulo a seguir. Mas, já que citamos a pesquisa onde dezenas de cientistas britânicos dão sua opinião a respeito de Dawkins, é válido trazer um de seus achados para ilustrar do que estamos falando quando nos referimos ao modo provocador do autor como sendo uma estratégia:

Uma segunda narrativa do cientista/celebridade é como um provocador; os entrevistados retratam o envolvimento público de Dawkins como tendo mais impacto do que simplesmente “pregar para o coro”. Por provocação, os cientistas enfatizam a afirmação da autoridade cultural da ciência por meio da agitação na esfera pública. [...] De acordo com esse cientista [entrevistado], mesmo que Dawkins esteja principalmente afirmando a visão de cientistas a membros do público que pensam da mesma forma, seu modo agressivo de engajamento público é importante porque perpetua e valida a autoridade da ciência de uma maneira altamente visível. [...] Os cientistas aceitam Dawkins como um provocador público, mesmo quando não aceitam totalmente o conteúdo intelectual de seu argumento. Um professor de biologia não religioso, por exemplo, que diz “Eu não diria que [seus livros estão] sempre certos, mas eles certamente são uma abordagem interessante”.¹⁰⁸ (JOHNSON, 2018, p.2, tradução nossa)

people. Why not, they say, as intelligent as you are, quietly lay out your devastating arguments against believers, in a calm and unruffled manner? Dawkins's answer to his friends is forthright: "I am hostile to fundamentalist religion because it actively debauches the scientific enterprise... Fundamentalist religion is hell-bent on ruining the scientific education of countless thousands of innocent, well-meaning, eager young minds. Non-fundamentalist, 'sensible' religion may not be doing that. But it is making the world safe for fundamentalism by teaching children, from their earliest years, that unquestioning faith is a virtue." Dawkins refuses to be part of the public "conspiracy" to pay religion respect, when it deserves contempt. [...] Dawkins at least does think there are some religious people who can be converted to atheism by his arguments. He describes them as the "open-minded people whose childhood indoctrination was not too insidious, or for other reasons didn't 'take,' or whose native intelligence is strong enough to overcome it." Dawkins presents such believers with an ultimatum: either join him in "breaking free from the vice of religion altogether" or remain amongst the close-minded types who are unable to overcome "the god delusion."

¹⁰⁸ Texto original Johnson (2018): “A second narrative of the celebrity scientist is as provocateur; respondents portray Dawkins' public engagement as having more of an impact than simply “preaching to the choir.” By

Apesar do impacto de suas obras e de ser, talvez, o mais prestigiado ateu vivo no mundo, Dawkins também tem sido criticado por vários ateus e céticos, que argumentam que sua abordagem de enfrentamento, polarização e destruição do “inimigo” (a religião) pode afastar potenciais aliados para a causa ateuista e dificultar a possibilidade de um diálogo construtivo com os religiosos. A alegação dos críticos de Dawkins é a de que uma abordagem mais aberta, amigável, cooperativa e respeitosa poderia ter efeitos muito mais eficazes para converter pessoas ao ateísmo e/ou diminuir a rejeição ao movimento secular.

Como vimos, vários autores também argumentam que Dawkins, ao rejeitar toda e qualquer forma de expressão religiosa, despreza a importância de todos os aspectos benéficos que a religião também traz na sociedade e no âmbito pessoal, como por exemplo: apoio comunitário e conforto espiritual, sentimento de pertencimento, sentido de propósito e significado, aprendizado de valores morais e éticos, resiliência psicológica etc. do ponto de vista individual; e manutenção de tradições culturais, realização de projetos e causas sociais, comunidades coesas, promoção de ética e valores comunitários, serviços de educação para maiores e reforço educacional para crianças, engajamento de fiéis em causas sociais, distribuição de alimentos e itens básicos de higiene etc. do ponto de vista da sociedade.

Por fim, a maioria dos autores e comentaristas que consultamos para esse estudo acredita que uma abordagem mais abrangente e inclusiva poderia ser mais persuasiva para aqueles que estão abertos ao questionamento de suas crenças, mas os livros e as declarações de Dawkins parecem ir no sentido oposto, forjando, mantendo e reforçando um muro que separa a ciência da religião e os céticos dos religiosos.

Conclusões Dawkins

Diante de tudo isso que vimos a respeito de Dawkins, podemos compreender melhor porque ele é considerado como o grande nome do movimento neoteuista. Mesmo diante de tantas controvérsias e apesar de sua teoria do gene egoísta ter caído em descrédito na Academia,

provocation, scientists emphasize the assertion of the cultural authority of science through agitation in the public sphere. [...] According to this scientist, even if Dawkins is primarily affirming the view of like-minded scientists and members of the public, his aggressive mode of public engagement is important because it perpetuates and validates the authority of science in a highly visible manner. [...] Scientists embrace Dawkins as public provocateur even when they do not fully embrace the intellectual content of his argument. A nonreligious lecturer of biology,⁴ for example, who says “I wouldn’t say that [his books are] always right, but they’re certainly an interesting take”.

Dawkins continua sendo reconhecido como um dos mais conceituados cientistas da atualidade, uma celebridade ateuísta que praticamente encarnou o papel da ciência para milhões de pessoas no mundo todo. Nesse sentido, é importante observarmos com atenção as palavras de David Johnson, um dos cientistas que analisou com profundidade a pesquisa onde Dawkins foi recorrentemente citado. Afirma Johnson:

Cientistas famosos também são importantes porque eles se veem e os outros os veem como representantes reais da ciência como instituição social, tendo um significado simbólico muito mais amplo do que suas identidades individuais. Suas ações vinculam a comunidade científica mais ampla a uma avaliação comum, levantando a questão de saber se cientistas famosos são representantes ideais de seus colegas. [...] De fato, dado que os pronunciamentos públicos de Dawkins sobre religião muitas vezes não estão relacionados a mecanismos biológicos, ele pode ser visto não apenas como um representante da biociência, mas das ciências físicas e naturais em geral.¹⁰⁹ (JOHNSON, 2018, p.2, tradução nossa)

Assim, é inegável que Dawkins cumpre um papel importante no contexto da discussão histórica entre ciência e religião. Porém, é preciso pontuar que alguns analistas desse cenário apontam que o sucesso de seus livros pode estar relacionado com o aumento da falta de conhecimento científico, histórico e, principalmente, teológico. Por exemplo, o filósofo da ciência e ensaísta americano David Klinghoffer identifica essa questão e afirma que:

Dawkins e Harris parecem não estar familiarizados com a tradição religiosa, pois os monoteístas bíblicos a conhecem por experiência pessoal e estudo profundo. Francamente, o sucesso da nova fé ateuísta seria difícil de imaginar sem os crescentes níveis de analfabetismo religioso da sociedade atual.¹¹⁰ (KLINGHOFFER, 2007, p.1, tradução nossa)

Outro ponto muito interessante e que vale a pena ser destacado nas conclusões sobre esse autor, é que, ao que tudo indica, a estratégia de ser altamente provocador e polemista tem se voltado contra o próprio Dawkins nos últimos anos, especialmente depois que ele aderiu à rede social Twitter. As confusões geradas por Dawkins com seus comentários têm preocupado até mesmo outros expoentes no neoteísmo como algo que pode ser significativamente prejudicial para a expansão do movimento. Elmhirst conta que:

¹⁰⁹ Texto original Johnson (2018): “*Celebrity scientists are also important because they see themselves and others see them as actual representatives of science as a social institution, having a much broader symbolic significance than their individual identities. [...] . Indeed, given that Dawkins’ public pronouncements on religion are often unrelated to biological mechanisms, he can be seen not just as a representative of bioscience, but physical and natural sciences more generally.*”

¹¹⁰ Texto original Klinghoffer (2007): “*Dawkins and Harris seem unfamiliar with religious tradition as biblical monotheists know it from personal experience and deep study. Frankly, the success of the new atheist faith would be hard to imagine without today’s soaring levels of societal religious illiteracy.*”

Como a face global do ateísmo na última década, Dawkins intensificou a retórica em sua guerra autodeclarada contra a religião. Ele é o general que escolhe lutar na linha de frente – cujas táticas de terra arrasada lhe renderam admiradores fervorosos e inimigos ferozes. O que está menos claro, no entanto, é se ele está ganhando. [...] Para alguns, suas posições controversas começaram a minar tanto sua reputação como cientista quanto sua própria cruzada antirreligiosa. Amigos que defendem vigorosamente sua causa e seu caráter temem que Dawkins possa estar em risco de autosabotagem. “Ele pode estar prejudicando seriamente seu legado de longo prazo”, disse o filósofo Daniel Dennett sobre as escaramuças públicas de Dawkins. É um legado, acredita Dennett, que deve refletir a “obra-prima” que foi a maior contribuição de “O Gene Egoísta” e de Dawkins para nossa compreensão da vida. Quanto ao Twitter: “Gostaria que ele não fizesse isso”, disse Krauss [outro nome conhecido do neoateísmo e amigo de Dawkins]. “Eu disse isso a ele.” [...] Nos últimos anos, a seguinte sequência de eventos tornou-se uma espécie de novela online, regular e previsível: Dawkins tweeta, é criticado por ser profundamente ofensivo e depois escreve um longo artigo para explicar o que realmente quis dizer, o que geralmente não é muito longe do que ele disse em primeiro lugar, mas expresso com um pouco mais de nuances. [...] Mesmo em tópicos mais sérios, Dawkins não consegue imaginar com que frequência ele se encontra no centro de tempestades online. “Eu pareço ser terrivelmente suscetível a ser mal interpretado”, disse ele.¹¹¹ (ELMHIRST, 2015, p.2, tradução nossa)

Ao completar 80 anos em março de 2021, Dawkins parece ter entrado numa fase mais reflexiva e diminuído exponencialmente suas controvérsias públicas. Seu discurso radical conquistou milhões de seguidores e admiradores, e Dawkins sempre pareceu feliz e realizado com a agressividade do seu discurso antirreligioso. Porém, é possível pensar que após algumas décadas de incontáveis críticas que leu e ouviu sobre ele próprio e sobre seu trabalho, o autor começa a pensar em como sua imagem ficará registrada na história. O jornalista Andrew Anthony relata uma cena curiosa durante a entrevista que Dawkins concedeu para o *The Guardian*, em 2015:

Dawkins parece determinado tanto nas memórias quanto em nossa entrevista a apresentar um lado calmo e conciliador de seu personagem que nem sempre foi associado à sua imagem pública. Mais tarde, o fotógrafo, Andy Hall, me

¹¹¹ Texto original Elmhirst (2015): “As the global face of atheism over the last decade, Dawkins has ratcheted up the rhetoric in his self-declared war against religion. He is the general who chooses to fight on the front line – whose scorched-earth tactics have won him fervent admirers, and ferocious enemies. What is less clear, however, is whether he is winning. [...] For some, his controversial positions have started to undermine both his reputation as a scientist and his own anti-religious crusade. Friends who vigorously defend both his cause and his character worry that Dawkins might be at risk of self-sabotage. “He could be seriously damaging his long-term legacy,” the philosopher Daniel Dennett said of Dawkins’s public skirmishes. It is a legacy, Dennett believes, that should reflect the “masterpiece” that was *The Selfish Gene* and Dawkins’s major contribution to our understanding of life. As for Twitter: “I wish he wouldn’t do it,” Krauss said. “I told him that.” [...] In recent years, the following sequence of events has become something of an online soap, regular and predictable: Dawkins tweets, is criticised for being deeply offensive, and then writes a long article to explain what he actually meant, which usually is not too far from what he said in the first place, but expressed with slightly more nuance. [...] Even on more serious topics, Dawkins cannot quite fathom how often he finds himself at the centre of online firestorms. “I do seem to be horribly susceptible to being misunderstood,” he said.”

contará que Dawkins pediu para olhar para a tela da câmera de Hall para ver o que ele capturou durante a filmagem. “Você me fez parecer muito duro”, reclamou o biólogo. Hall disse que ele estava apenas dando a ele a seriedade apropriada. “Eu não quero a porra da seriedade”, Dawkins rebateu. “Eu quero a humanidade”. Sente-se que, apesar de todo o reconhecimento que conquistou – o maior intelectual do mundo, os livros mais vendidos, o público extasiado, etc. – Dawkins gostaria de ser um pouco mais amado. Pergunto se ele acha que foi mal interpretado pela mídia e pelo público em geral. “Sim”, ele diz sem hesitar. “Eu pareço ser percebido como agressivo e estridente e na verdade não acho que sou estridente e agressivo”. [...] O que eu acho é que todos nós nos acostumamos a ver a religião cercada por um muro de proteção especial que quando alguém entrega mesmo uma crítica leve à religião, é ouvida como agressiva quando não é. Gosto de pensar que sou mais pensativo e reflexivo”.¹¹² (ANTHONY, 2015, p.3, tradução nossa)

Por fim, ainda que Dawkins já não tenha mais o mesmo vigor que teve até alguns anos atrás, seu discurso antirreligioso carregado de opiniões altamente incisivas e controversas continua ressoando no debate público a respeito de ciência e religião, e também influenciando novas gerações, já que ele continua sendo um dos autores mais vendidos, lidos e citados do mundo nessa temática.

¹¹² Texto original Anthony (2015): “Dawkins seems determined in both the memoir and our interview to present a calm, conciliatory side to his character that has not always been associated with his public image. Later the photographer, Andy Hall, will tell me that Dawkins requested to look at the screen on Hall's camera to see what he had captured during the shoot. “You've made me look too harsh,” complained the biologist. Hall told him he was merely giving him appropriate gravitas. “I don't want fucking gravitas,” Dawkins snapped. “I want humanity.” One senses that for all the recognition he's garnered – the world's leading intellectual, the bestselling books, the rapt audiences etc – Dawkins would like to be a little more loved. I ask him if he thinks he's misunderstood by the media and the general public. One senses that for all the recognition he's garnered – the world's leading intellectual, the bestselling books, the rapt audiences etc – Dawkins would like to be a little more loved. I ask him if he thinks he's misunderstood by the media and the general public. “Yes,” he says without hesitation. “I seem to be perceived as aggressive and strident and I don't actually think I am strident and aggressive. What I think is that we have all become so accustomed to seeing religion ring-fenced by a wall of special protection that when someone delivers even a mild criticism of religion, it's heard as aggressive when it isn't. I like to think I'm more thoughtful and reflective”.”

Conclusões do 1º Capítulo

Nas conclusões desse primeiro capítulo queremos destacar o quanto a biografia e as obras de cada um desses quatro autores analisados explicitam uma atitude radicalmente antirreligiosa, que, naturalmente, se reflete em discursos com características tão fundamentalistas que qualquer análise, ainda que superficial, é capaz de identificar. Assim, falar em neoateísmo é, de certo modo, falar em um extremismo antirreligioso. Para Damon Linker:

Se você está procurando alguém para lançar insultos abrangentes e mal informados às crenças profundamente arraigadas de centenas de milhões de pessoas, os chamados novos ateus sempre ficarão felizes em atender.¹¹³ (LINKER, 2015, p.1, tradução nossa)

De fato, os quatro autores analisados parecem (pareciam, no caso de Hitchens) bem realizados quando proferem ataques à religião e aos religiosos. Até porque uma característica comum ao discurso de todos eles, e que já se evidencia desde o início de suas obras, é dizer que existe uma cultura que não permite que sejam feitas críticas à fé religiosa. Como já expressou Harris durante uma entrevista: “Existe essa maquinaria multicultural e apologética que continua nos dizendo que não podemos atacar a sensibilidade religiosa das pessoas. Isso é tão errado e tão suicida”.¹¹⁴ (HARRIS apud SEGAL, 2006, p.1, tradução nossa)

Mas esse tipo de afirmação, comum entre os neoateístas, está historicamente incorreta. As crenças religiosas das pessoas podem ser criticadas e, em verdade, elas já o são há milhares de anos. Desde a Grécia Antiga, pelo menos, já existem textos criticando mitos religiosos e a fé que as pessoas tinham neles. Aqui, nesse nosso estudo, estamos problematizando a ridicularização, o escárnio e os discursos radicais de necessidade de extinção da religião, que são proferidos e promovidos pelos líderes do neoateísmo.

Vale acentuar que mesmo com tantas críticas mostradas no decorrer dessa primeira parte de nosso estudo, a força do movimento neoateísta durante a primeira década que sucedeu os atentados de 11 de setembro é inegável. Durante quase duas décadas, a influência desse grupo – Dennett, Hitchens, Harris e Dawkins – foi gigantesca, trazendo um novo fôlego para o ateísmo no mundo todo.

¹¹³ Texto original Linker (2015): “*If you’re looking for someone to hurl sweeping, ill-informed insults at the deeply held beliefs of hundreds of millions of people, the so-called New Atheists are always happy to oblige.*”

¹¹⁴ Texto original Segal (2006): “*There is this multicultural, apologetic machinery that keeps telling us that we can’t attack people’s religious sensibility,*” Harris says in an interview. “*That is so wrong and so suicidal.*”

Quando os quatro cavaleiros se reuniram em 2007, pela primeira e única vez, parecia que um novo tempo havia chegado para os ateus. Para eles, tudo levava a crer que ali se iniciava uma nova era, que traria um novo mundo baseado exclusivamente na racionalidade científica, e onde a religião iria definir até o seu desaparecimento total. Apesar dessa descrição parecer exagerada, essas eram de fato as pretensões dos líderes do movimento neoateísta. Por exemplo, como dito antes, o encontro desse grupo foi transcrito e publicado posteriormente sob a forma de um livro intitulado “Os Quatro Cavaleiros” (*The Four Horsemen*), mas o que chama a atenção é o subtítulo escolhido para a obra: “A Conversa que Desencadeou uma Revolução Ateísta” (*The Conversation that Sparked an Atheist Revolution*).

Importa acrescentar que alguns estudiosos da temática analisam o sucesso do novo ateísmo no início do século como resultado de uma série de fatores que confluíram para um sentimento de rejeição à religião, que acabou por pavimentar o caminho para a “gigantesca onda” ateísta que se formou. Mas eles mesmos alertavam que, passado o tempo, esse cenário poderia mudar, e, de fato, mudou. Por exemplo, Madeleine Bunting, escritora, comentarista social e colunista do jornal *The Guardian*, afirmou que:

O que está claro é que esta onda do novo ateísmo é profundamente política – e contra alguns de seus alvos até mesmo um fiel devoto pode torcer por eles. O que todos eles têm em comum é a aversão à crescente religiosidade na política americana, que contribuiu para uma presidência desastrosa [de W. George Bush] e minou a compreensão científica. Dennett critica a loucura de uma fé que espera o fim do mundo e o retorno do messias. O que Dawkins odeia é que a maioria dos americanos ainda não aceitou a evolução e apoia o ensino do Design Inteligente; de acordo com uma pesquisa, 50% do eleitorado dos EUA acredita na história de Noé. Ele argumenta que “não há nada a escolher entre o Talibã afegão e o equivalente cristão americano... O gênio do fanatismo religioso é desenfreado na América atual”. Harris também faz uma analogia entre os muçulmanos e a direita cristã americana: “Os não-crentes como eu estão ao seu lado, estupefatos pelas hordas muçulmanas que cantam a morte para nações inteiras de vivos. Realidade tangível, pelo sofrimento que você cria a serviço de seus mitos religiosos e por seu apego a um Deus imaginário”.¹¹⁵ (BUNTING, 2007, p.1, tradução nossa)

¹¹⁵ Texto original Butting (2007): “*What’s clear is that this wave of New Atheism is deeply political - and against some of its targets even a devout churchgoer might cheer them on. What they all have in common is a loathing of an increasing religiosity in US politics, which has contributed to a disastrous presidency and undermined scientific understanding. Dennett excoriates the madness of a faith that looks forward to the end of the world and the return of the messiah. What Dawkins hates is that most Americans still haven’t accepted evolution and support the teaching of intelligent design; according to one poll, 50% of the US electorate believe the story of Noah. He argues that “there is nothing to choose between the Afghan Taliban and the American Christian equivalent ... The genie of religious fanaticism is rampant in present-day America”. Harris similarly draws an analogy between Muslims and the American Christian right: “Non-believers like myself stand beside you dumbstruck by the Muslim hordes who chant death to whole nations of the living. But we stand dumbstruck by you as well - by your denial of tangible reality, by the suffering you create in service of your religious myths and by your attachment to an imaginary God.*”

Duas décadas depois da “explosão midiática” neoateísta, o sentimento antirreligioso no mundo parece ter abrandado, em especial, após a interrupção dos chamados “atentados terroristas” em países desenvolvidos economicamente. Isso somado à morte de Hitchens e às idades avançadas de Dennett (81 anos) e Dawkins (82 anos), tiraram parte do vigor do movimento neoateísta. Anthony questiona Dawkins sobre esse ponto na entrevista de 2015:

Quando lhe pergunto se não se sente tentado a recuar diante de pronunciamentos públicos sobre religião, devido a toda a dor que isso gera, inclusive para si mesmo, ele responde, um tanto cansado: “Não, acho que não. É importante. Acho que vale a pena”. Mas parece evidente que algum ar saiu do balão neoateu, particularmente com a morte de Christopher Hitchens. Dawkins concorda. “Ele era insubstituível, provavelmente o maior orador que já ouvi. Tão convincente e articulado e uma voz esplêndida como Richard Burton”.¹¹⁶ (ANTHONY, 2015, p.6, tradução nossa)

De fato, parece que o movimento em si perdeu muito de sua potência inicial. E isso aconteceu sem que ele tivesse chegado a atingir o objetivo de destruir o pensamento religioso no mundo. Porém, é interessante notar que o aparente insucesso que o movimento conseguiu até agora, quase nunca é mencionado pelos autores. De acordo com Novak, faltou persuasão: “Embora um *zeitgeist* ateu domine os campi universitários nos Estados Unidos, ele não se mostrou persuasivo para um grande número de estudantes, que tapam o nariz e o toleram. Por que o ateísmo convence tão poucos? Nossos autores nunca perguntam”.¹¹⁷ (NOVAK, 2007, p.3, tradução nossa)

Apesar da “revolução ateísta” não ter acontecido tão rápido quando esperavam e desejavam os quatro cavaleiros do ateísmo, isso não significa que ela não pode vir a acontecer. As próximas gerações sofrerão não só a influência das obras desses ateus, como também e principalmente, da própria Academia secularizada.

Nesse sentido, defendemos que é preciso prestar mais atenção ao potencial socialmente danoso que esse discurso radicalizado dos novos ateus possui, não rarefazendo essas declarações como meras retóricas midiáticas irrelevantes. Por isso, nos próximos capítulos desse estudo, vamos analisar algumas características basilares da narrativa antirreligiosa que é sistematicamente repetida por esses quatro autores e também por seus seguidores – que não são

¹¹⁶ Texto original Anthony (2015): “When I ask him if he's not tempted to back away from public pronouncements on religion, given all the grief it generates, not least for himself, he says, a little wearily: “No, I don't think so. It is important. I think it is worthwhile.” But it seems apparent that some air has gone out of the New Atheist balloon, particularly with the death of Christopher Hitchens. Dawkins agrees. “He was irreplaceable, probably the greatest orator I've ever heard. Such articulate cogency and a splendid voice like Richard Burton”.”

¹¹⁷ Texto original Novak (2007): “Although an atheist *zeitgeist* dominates university campuses in America, it has not proved persuasive to huge numbers of students, who hold their noses and put up with it. Why does atheism persuade so few? Our authors never ask”.

formados apenas por ateus, agnósticos e demais céticos, mas também incluem religiosos que, em geral, têm posições dualistas e cientificistas.¹¹⁸

Em nossa análise ainda pudemos notar que Dennett, certamente, pode ser entendido como sendo o mais “moderado” dentre os líderes do novo ateísmo, enquanto Hitchens, Harris e Dawkins adotam uma postura mais agressiva e de total intolerância com relação à religião. Tanto que, como vimos e ainda veremos nos capítulos a seguir, eles recebem críticas até mesmo de ateus declarados. No entanto, Harris e Dawkins certamente disputam o título de ateu mais radicalmente ofensivo. Ao mesmo tempo, são eles os dois que mais venderam livros e arrebanharam seguidores. Isso pode demonstrar o sucesso midiático que é a estratégia de gerar polêmica com injúrias às crenças religiosas. Porém, muitos ateus entendem que essa não é a postura que deve ser adotada. Para Hart:

O ateu verdadeiramente profundo é alguém que se deu ao trabalho de compreender, em suas formas mais sofisticadas, a crença que rejeita e de compreender as consequências dessa rejeição. Entre os novos ateus, não há ninguém de quem isso possa ser dito, e o movimento como um todo ainda não produziu um único livro ou ensaio que seja algo mais do que uma diatribe insipidamente doutrinária e terrivelmente ignorante.¹¹⁹ (HART, 2010, p.1, tradução nossa)

Assim, no corolário da primeira parte desse estudo, de modo bastante sintético, podemos resumir as estratégias antirreligiosas usadas pelos quatro autores neoateístas da seguinte forma: Dennett aposta que o “ensino religioso secular” é o melhor caminho; Harris investe contra o islamismo, os religiosos moderados e também em um discurso de que é possível haver uma espiritualidade sem Deus; Hitchens, além da islamofobia reiterada, também acredita que reconhecer o ensino religioso de crianças como abuso infantil é o melhor caminho para combater a religião; e Dawkins acompanha o pensamento de Hitchens sobre o abuso infantil que pais e responsáveis cometem ao ensinar crenças religiosas às crianças, mas certamente ele é o que mais investe no cientificismo e nas ações midiáticas para chamar a atenção para o movimento do novo ateísmo.

Isso posto, queremos terminar esse capítulo sobre a biografia e a bibliografia dos quatro cavaleiros do ateísmo, convidando os leitores desse estudo a refletirem sobre o que aconteceria se qualquer religioso repetisse as mesmas ofensas que esses autores fazem contra as religiões e

¹¹⁸ Esses pontos também serão melhores analisados na próxima parte desse estudo.

¹¹⁹ Texto original Hart (2010): “*A truly profound atheist is someone who has taken the trouble to understand, in its most sophisticated forms, the belief he or she rejects, and to understand the consequences of that rejection. Among the New Atheists, there is no one of whom this can be said, and the movement as a whole has yet to produce a single book or essay that is anything more than an insipidly doctrinaire and appallingly ignorant diatribe.*”

os religiosos, só que se ele o fizesse lançando impropérios à crença dos ateus de que Deus não existe? É mais do que provável que tais insultos fossem considerados fundamentalistas e atitudes legais fossem tomadas contra esse religioso radical. A pergunta que fica, então, é: Existem, de fato, características suficientes para considerarmos o discurso propagado pelo novo ateísmo como um discurso fundamentalista? Ou tudo não passa de um exagero retórico de seus detratores? É o que procuraremos responder na parte seguinte desse estudo.

Capítulo 2- Da Diferenciação à Exclusão

Como o discurso do neoteísmo é articulado para a guerra contra as religiões

“Não sou nem ateu, mas antiteísta. [...] Eu penso que a Religião deve ser tratada com ridículo, ódio e desprezo, e afirmo que isso é um direito”
Christopher Hitchens

Introdução

A crescente influência das redes sociais e a facilidade de acesso a diferentes tipos de informação, possibilitaram aos neoteus encontrar um novo local onde expressar suas opiniões e defender suas crenças, sem precisar passar pelo crivo de revisores, livres de qualquer controle. Porém, diversos críticos argumentam que o discurso desses novos ateus pode muitas vezes ser radical, e até mesmo intolerante, por menosprezar, desconsiderar e/ou desrespeitar as crenças religiosas. O filósofo social ateu, Jeffrey Nall, conhecido por fazer palestras e publicar estudos sobre o tema, declara que:

Como ateu, eu tenho feito e observado críticas seculares ao fundamentalismo religioso, seja o fundamentalismo cristão aqui nos Estados Unidos ou o fundamentalismo islâmico no exterior; no entanto, tenho ficado cada vez mais alarmado com o fanatismo que emana da comunidade secular/librepensamento/ateu. [...] Ironicamente, ao mesmo tempo que os fundamentalistas ateus reverenciam o legado Iluminista de amor à razão e ao pensamento crítico, eles abandonaram o chamado do Iluminismo para desprezar o preconceito cego e o fanatismo.¹²⁰ (NALL, 2008, p.263, tradução nossa)

Nall é um dos escritores ateus que serão citados nesse estudo como críticos do discurso radicalizado dos neoteístas. Mas ele não está só. Outros influentes pensadores ateus, como Michel Ruse, Julian Baggini, Paul Kurtz (1925-2012) e Quentin Smith (1952-2020), também alertaram para o extremismo que existe na pregação inflamada dos novos ateus contra as religiões. Como afirma o conhecido escritor, que também é biofísico e professor de teologia da Universidade de Oxford, Alister McGrath:

Curiosamente, algumas das críticas mais penetrantes ao neoteísmo vieram de escritores seculares, alarmados com a estridência e os evidentes exageros de suas declarações, bem como com a tendência de ridicularizar ao invés de

¹²⁰ Citação original Nall (2008): *“As an atheist, I have participated in and observed secular criticism of religious fundamentalism, be it the Christian fundamentalism here in the United States or Islamic fundamentalism abroad; however, I have become increasingly alarmed with the fanaticism emanating from the secular/free-thought/atheist community. [...] Ironically, while atheist fundamentalists revere the Enlightenment legacy of love of reason and critical thought, they have forsaken the Enlightenment’s call to disdain blind-prejudice and fanaticism”*.

argumentar com base em evidências.¹²¹ (MCGRATH, 2011, p.1, tradução nossa)

O que é possível percebermos é que grande parte do discurso ateu radicalizado está concentrado em poucas publicações que pertencem a apenas quatro escritores ateus. Livros que tiveram um alcance mundial e uma enorme influência na expansão de ideias ateas e antirreligiosas. A influência é tão intensa que alguns desses autores têm seus argumentos reproduzidos *ipsis litteris* pela nova geração de ateus. (FRANCO, 2014) Segundo Nall:

O ateísmo fundamentalista está cristalizado nas obras mais vendidas do biólogo Richard Dawkins (*The God Delusion* - 2006), do escritor Christopher Hitchens (*God is Not Great: How Religion Poisons Everything* - 2007) e do filósofo Sam Harris (*The End of Faith* - 2004).¹²² (NALL, 2008, p.264, tradução nossa)

Além dos três supracitados autores, também podemos enquadrar o filósofo estadunidense Daniel Dennett, que tem uma vertente mais moderada, mas sem deixar de atacar a religião e argumentar sobre um mundo melhor sem ela.

Assim, nesse segundo capítulo, vamos observar algumas características-chaves do discurso neoateu, para compreendermos como o aspecto fundamentalista se manifesta e como ele é metodicamente revestido de uma roupagem científica. Esse processo é construído de modo gradativo, com uma sequência de alegações e ideias especificamente elaboradas para se chegar à conclusão de que a religião é algo maléfico para humanidade, e, por isso, precisa ser extirpada.

Portanto, nessa primeira parte, analisaremos elementos como: a narrativa de que existe um dualismo entre ciência e religião; a construção dos espantalhos religiosos; o cientificismo como filosofia de vida; a radicalização do discurso antirreligioso; o fundamentalismo aberto das pregações neoateas; a teodiceia de um mundo sem religiões; e a conclamação dos ateus para a “guerra”.

Buscaremos evidenciar que o objetivo final do movimento neoateu é difundir a imagem de que ateus são intelectualmente superiores aos religiosos, e que a eliminação da religião contribuiria para a evolução e garantiria a continuidade existencial da humanidade, uma

¹²¹ Citação original Mcgrath (2011): “*Interestingly, some of the most penetrating critiques of the New Atheism have come from secular writers, who are alarmed at its shrill tone, its palpable exaggerations, and its tendency to use ridicule in the place of evidence-based argument.*”

¹²² Texto original Nall (2008): “*Fundamentalist atheism is crystallized in the best-selling works of biologist Richard Dawkins (*The God Delusion* 2006), writer Christopher Hitchens (*God is Not Great: How Religion Poisons Everything* 2007), and philosopher Sam Harris (*The End of Faith* 2004)*”.

vez que, para os neoateus, a religião pode levar à extinção dos seres humanos. (HITCHENS, 2007, p.20)

Vamos demonstrar como existem várias formas veladas de violência implícitas no discurso do neoateísmo. Dentre essas formas, citamos: a violência pela diferenciação depreciativa; o processo de ridicularização e marginalização; e as manifestações ardorosas e escancaradas da necessidade de se combater e eliminar as religiões – que ocorrem com mais raridade, mas é quando os autores abandonam a necessidade de um discurso tácito, subentendido, e defendem abertamente o fim das crenças e manifestações religiosas.

Destarte, algo que será sublinhado no decorrer desse capítulo é a característica antirreligiosa dos neoateus, que não se limita ao fato de simplesmente não acreditarem em Deus, deuses, ou em nada além do material. Veremos como, para um neoateu, é preciso ser mais do que um crente na causa da descrença, é preciso ser um militante enérgico nessa batalha de “salvar a humanidade da religião”.

2.1 Muito Além de Insultos

As Ofensas

À primeira vista, é possível pensarmos que se trata de um exagero falar que ateus professam um discurso radical, extremista e/ou fundamentalista contra a religião. Poderíamos, inclusive, imaginar que a suposta intolerância religiosa pregada pelos escritores do neoateísmo não se trata de nada mais do que uma estratégia de marketing, uma vez que, ao vociferar e ofender as crenças, as instituições e as pessoas religiosas, esses autores geram polêmica, atraem a atenção midiática e vendem mais e mais livros. E, de fato, é bem verdade que isso acontece. De acordo com McGrath:

A sensação de novidade do neoateísmo garante sua repercussão na mídia. Praticamente todos os seus argumentos, é claro, são requeitados e reciclados. A novidade em si tem mais a ver com o imenso prazer em ridicularizar a religião e os crentes religiosos. Um tabu cultural foi quebrado. Formas mais antigas de ateísmo, que apelavam para argumentos baseados em evidências e insistiam no respeito à crença religiosa, foram postas de lado. Como apontou o blogueiro ateu PZ Myers, “a velha escola do ateísmo é muito, muito chata”. Para Myers, quanto mais ultrajante for a mensagem, melhor. Essa é a única maneira de ser notado.¹²³ (MCGRATH, 2011, p.1, tradução nossa)

Então, como os novos ateus podem garantir que os seus próximos livros vendam mais exemplares do que os livros anteriores? Ao que parece, a resposta que eles encontraram foi a de aumentar mais o nível das ofensas religiosas. Os quatro cavaleiros do ateísmo, por exemplo, usam dessa estratégia, e frequentemente insultam religiões e religiosos. Porém, nesse quesito certamente Richard Dawkins se destaca, pois, além de ser o mais famoso dentre os quatro, o biólogo evolutivo inglês é também o que mais se esforça para inventar formas diferentes de ofender as religiões.

Em um de seus livros mais recentes, Dawkins, ao invés de apresentar artigos e descobertas científicas para sustentar seus argumentos ateístas, prefere afirmar que todas as religiões são igualmente “erradas”, “estúpidas” e “perigosas”. (DAWKINS, 2007, p.292) No decorrer de sua obra, ele usa a Bíblia recorrentemente, sempre ressaltando as passagens

¹²³ Texto original McGrath (2011): “*The novelty value of the New Atheism ensured its high media profile. Virtually all of its arguments, of course, were reheated and recycled. What was new had more to do with its exultation in ridiculing religion and religious believers. A cultural taboo was broken. Older forms of atheism, which appealed to evidence-based arguments and insisted on respect for religious belief, were swept aside. As atheist blogger P.Z. Myers pointed out, “the old school of atheism is really, really boring.” For Myers, the more outrageous the message, the better. That’s the only way it will get noticed*”.

“negativas” e reprovando-as do ponto de vista de sua moral, tudo isso sem nenhum tipo de hermenêutica nem discussão sociológica. Ainda assim, Dawkins se sente confortável para tecer críticas até mesmo à forma como Jesus trata Sua mãe. Segundo ele: “Os valores familiares de Jesus, é preciso admitir, não são lá muito exemplares. Ele era seco, chegando a ser rude, com a própria mãe, e encorajou os discípulos a abandonar a família para segui-lo”. (DAWKINS, 2007, p.260) E é também nessa mesma obra, “Deus, um delírio”, que Dawkins apresenta um de seus mais elaborados e radicais insultos religiosos:

O Deus do Antigo Testamento talvez seja o personagem mais desagradável da ficção: ciumento, e com orgulho; controlador mesquinho, injusto e intransigente; genocida étnico e vingativo, sedento de sangue; perseguidor misógino, homofóbico, racista, infanticida, filicida, pestilento, megalomaniaco, sadomasoquista, malévolos. (DAWKINS, 2007, p.43)

Como dito antes, poderíamos perfeitamente entender isso unicamente como uma estratégia midiática, racionalmente elaborada para lucrar mais com a venda de livros. Nesse sentido, falar, discutir, analisar e trazer temas como esse para o mundo acadêmico, como estamos fazendo nessa tese, seriam apenas formas de aumentar a popularidade desses autores, contribuindo ainda mais com intento deles de elaborar ofensas para chamar a atenção.

Entretanto, mesmo que a intenção final dos autores neoateus fosse apenas a de vender mais exemplares, ainda assim, seria um fato social relevante de ser analisado. Por exemplo, em 2014, a Dra. Clarissa de Franco apresentou os resultados de uma detalhada pesquisa que realizou com um grupo de 1022 ateus na qual ela demonstra a influência dos quatro cavaleiros do ateísmo na visão de mundo dos adolescentes que se autodenominam “ateus”. Nos dados coletados por Franco, muitas vezes as ofensas de autores do novo ateísmo como Dawkins, são reproduzidas *ipsis litteris*:

Abaixo, segue um depoimento de um dos pesquisados que reproduz quase literalmente uma visão de Richard Dawkins, contida em “Deus, um delírio”:
- “Não vejo razões para acreditar num deus preconceituoso, racista, vingativo e homofóbico, eu penso comigo: que deus é esse???? Se fosse pra eu acreditar nesse tal ‘deus’ prefiro nem acreditar!”

Como se vê, a influência de Richard Dawkins vai além de mera inspiração, sendo presente em citações que alguns ateus assumem como sua visão de mundo. (FRANCO, 2014, p.153)

Outro neoateu que usou com bastante frequência a estratégia da injúria contra as religiões foi Hitchens, em especial no seu livro “Deus não é grande: como a religião envenena tudo” (2007). O próprio título desse *best-seller* já é bastante autoexplicativo. Conforme afirmam Wilmar Barbosa e Roney Andrade:

Christopher Hitchens, por sua vez, vai ainda mais além. Ao declarar que “a religião não é apenas amoral, mas positivamente imoral”, ele tem em mente não apenas o discurso cristão, bíblico, seja ele liberal, fundamentalista ou tão somente conservador. Ele pensa aqui em toda e qualquer forma de religiosidade, instituição, experiência ou discurso religioso. Assim procedendo, ele recusa qualquer possibilidade de pensar e aceitar o discurso religioso *tout court* como uma reserva de sentido válida para nossas sociedades seculares. (BARBOSA; ANDRADE; 2013, p.149)

O exemplo supracitado na pesquisa de Franco é bastante emblemático para demonstrar o alcance do discurso de escritores radicais como Dawkins e Hitchens. Mas, também demonstra como o fenômeno do neoateísmo pode inviabilizar qualquer tipo de convivência pacífica entre teístas e não teístas, uma vez que as ofensas obstruem o diálogo, geram mágoas entre os *players* e tendem a produzir mais insultos de parte a parte.

Contudo, o foco dessa pesquisa não serão as ofensas que os novos ateus fazem a toda e qualquer forma de religiosidade. Isso porque, ao esmiuçarmos mais cuidadosamente os discursos proferidos pelos quatro cavaleiros do ateísmo, percebemos que existe um objetivo muito mais complexo do que a simples vontade de vender mais e mais livros. Os insultos e impropérios fazem parte de uma estratégia muito maior, de construção de uma imagem social para a religião. Essa imagem pública, construída pelos ateus, visa desqualificar a religião como algo significativamente nocivo, que precisa ser eliminado. A edificação dessa imagem começa a ser construída a partir de uma narrativa muito simples: a ideia de que existe uma oposição natural e irreconciliável entre ciência e religião.

O Dualismo

Hoje em dia, é comum a percepção de que quando uma pessoa é religiosa ela é alguém que tem uma convicção inabalável em uma série de concepções a respeito da realidade. Imagina-se, portanto, que, por ser religiosa, essa pessoa não está aberta a rever suas convicções, uma vez que ela acreditaria que suas crenças estão além de qualquer tipo de discussão.

Já quando se imagina o modo de ser de um ateu, é comum pensar que ele seria exatamente o oposto do religioso. Ou seja, por não ser crente em nenhum tipo de “verdade absoluta”, sua mente é científica, e ele só abraçará algum tipo de convicção quando esta for lógica e metodologicamente demonstrada. E ainda assim, até certo ponto, pois sua postura

científica o compeliaria a manter-se aberto para rever seus conceitos, caso novos dados e novas teorias surjam e apontem para a necessidade de revisão.

Se assim o fosse, apenas um lado poderia ter ideias e atitudes radicais, uma vez que só um desses dois tipos de pessoas possui convicções absolutas que poderiam levá-la a cometer algum tipo de ação fundamentalista. Esse tipo de dualismo, é uma das principais estratégias utilizadas pelo neoateísmo para construir uma imagem negativa da religião. Segundo o filósofo da religião, Dr. Scott Randall Paine:

O neoateu talvez mais conhecido, Richard Dawkins, repete essa alegação em vários de seus livros e discursos, dizendo até que ele estaria pronto a acreditar na existência de Deus se, um dia, essa existência fosse cientificamente provada. O fiel religioso, porém, alega Dawkins, não pode manter uma abertura análoga no exercício da fé. O religioso é quem crê em certas coisas, é “crente” – ao passo que o homem científico dúvida, avalia, pondera e chega a conclusões com a maior circunspeção e cuidado, e só após verificação ou falsificação. (PAINE, 2010, p.15)

No livro “Deus, um delírio”, Dawkins é até mais explícito nessa ideia de dicotomia: “Como cientista, sou hostil à religião fundamentalista porque ela debocha ativamente do empreendimento científico. Ela nos ensina a não mudar de ideia, e a não querer saber de coisas emocionantes que estão aí para ser aprendidas. Ela subverte a ciência e mina o intelecto” (DAWKINS, 2007, p.292). Já para Sam Harris: “a fé religiosa representa um uso mal-empregado e intransigente do poder de nossas mentes que forma um tipo de singularidade cultural perversa – um ponto de escape além do qual o discurso racional se torna impossível”. (HARRIS, 2009, p.28)

Usando essa lógica simplista, os neoateus buscam afirmar uma proposição dualista de bem e mal, onde a ciência estaria do lado bom da história, enfrentando o mal que é a religião. Por conseguinte, os neoateus procuram imputar à religião todos os mais monstruosos crimes já cometidos pela humanidade, alegando que estes foram empreendidos por pessoas que possuíam convicções religiosas desprovidas de qualquer evidência científica. (HARRIS, 2009, p.85) Essa eventual oposição entre ciência e religião teria, inclusive, já provocado um grande atraso para a humanidade na visão dos neoateus. Harris, por exemplo, acredita que se a humanidade já tivesse descartado o pensamento religioso, teríamos internet desde o séc. XVII: “Não há como dizer como seria o nosso mundo agora se um grande reinado da Razão tivesse surgido na época das Cruzadas e pacificado as crédulas multidões da Europa e do Oriente Médio. Poderíamos ter chegado à democracia moderna e à internet por volta de 1600. (HARRIS, 2009, p.124)

O dualismo proposto: “mente científica” x “mente religiosa”, precisa ser sistematicamente reforçado no discurso do neoateísmo. Durante minha dissertação de mestrado, demonstrei que essa estratégia encontra raízes históricas, desde o séc. XIX, onde o discurso religioso foi sempre colocado do lado da superstição, enquanto as narrativas naturalistas e filosóficas foram colocadas do lado da razão. (BRAGA, 2020) Para José Roberto Loiola:

O séc. XIX também estabeleceu uma radical separação entre ciência e religião. Essa dicotomização por sua vez, converteu a ciência em ideologia, desgastando sistematicamente a relevância da experiência religiosa, reduzindo-a ou a uma neurose ou a uma magia ou superstição. Nesse contexto, a divindade passa a ser considerada uma mera projeção humana. (LOIOLA, 2012, p.161)

A minha pesquisa de mestrado revelou que, no meio social e midiático, a enorme turbulência provocada pela publicação de “A Origem das Espécies”, em 1859, inspirou o médico e filósofo John William Draper (1811-1882) a escrever um livro intitulado “História do Conflito entre Religião e Ciência”. Publicado em 1875, este pode ser considerado o primeiro *best-seller* neoateísta, pois já traz com ele todos os elementos que encontraremos no movimento neoateísta mais de um século depois, inclusive a narrativa da ciência como inimiga da religião, que tanto foi e continua sendo explorada pelos ateus militantes. Draper é um dos primeiros a difundir a ideia de uma dicotomia entre a forma de pensar religiosa e a científica. De acordo com o historiador da ciência, Peter Harrison:

Neste momento [da publicação do livro de Draper] surgiu a ideia de que houve um conflito perene entre Ciência e Religião, e as histórias de figuras científicas heroicas como Galileu e Darwin foram reconstruídas retrospectivamente para se adequar a esse padrão. (HARRISON, 2007, p.7).

Porém, no campo acadêmico, a maior influência para os pensadores do séc. XIX adotarem a ideia de dualismo entre ciência e religião, veio do muito conhecido filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872). Duro crítico da religião em sua defesa do humanismo, Feuerbach entendia que Deus e a religião são projeções humanas. Ele defendeu que a religião deveria ser substituída pela filosofia e pela ciência, que poderiam oferecer informações mais corretas e fundamentadas sobre o mundo e o próprio ser humano. Para Feuerbach:

A teologia baseia-se num princípio especial, num livro especial no qual ela crê contidas todas as verdades necessárias e salvadoras para o homem, é por isso estreita, exclusiva, intolerante, limitada; mas a filosofia e a ciência não se baseiam num livro especial e só encontram a verdade no todo da natureza e da história, baseiam-se na razão essencialmente universal, não na fé, que é essencialmente particular. (FEUERBACH, 1989, p.18)

Feuerbach, se não está entre os primeiros, certamente está entre os mais influentes pensadores a traçar uma linha separando e antagonizando a ciência e a religião. Durante os séculos XIX e XX, ele influenciou pensadores como Hegel, Durkheim, Marx, Weber, Peter Berger etc. Assim, pudemos rastrear algumas das principais raízes históricas de um movimento que forjou e cristalizou uma forma de pensar dualista, maniqueísta, dicotômica.

Essa cisão, que supostamente separou e antagonizou as formas de pensar religiosa e científica, é a gênese de um discurso que, desde sua origem, foi apropriado pelo ateísmo e usado para atacar a religião. O raciocínio é simples: Se temos que escolher dentre esses dois modos de pensar, logicamente, a maioria das pessoas chegará a conclusão de que a ciência deve ser elevada ao mais alto patamar, por ser uma fonte supostamente mais confiável para se obter respostas mais assertivas, seja qual for a pergunta. Temos nessa forma de pensar uma síntese do cientificismo que dominou praticamente o mundo inteiro durante a primeira metade do século XX.

O Cientificismo

O cientificismo é uma visão de mundo exclusivamente naturalista, uma concepção filosófica que afirma ser a ciência superior a todas as outras formas de compreensão da realidade. Na verdade, para um cientificista, diferentemente da religião e da filosofia, a ciência é a única e exclusiva forma de conhecimento que deve ser considerada como válida, por ser a única que, teoricamente, se submete ao rigor de métodos, testes e revisões.

Esse modo de pensar e enxergar a realidade, que supervaloriza a ciência, pode ter tido uma origem que remonta ao Iluminismo – movimento que revolucionou a Europa entre os séculos XVII e XVIII. Mas, o termo “cientificismo” só vem surgir de fato no começo do século XIX, e não tinha o mesmo sentido depreciativo que tem hoje. Até então, o termo “ciência” era usado com um sentido mais genérico, se aplicando a toda forma de conhecimento relativamente sistematizada. No final do séc. XVIII, o termo passa a se aplicar quase que exclusivamente às ciências naturais, que já haviam obtido significativos resultados e avanços tecnológicos com a aplicação do método científico e seus modelos de investigação e controle. A filósofa britânica Susan Haack apresenta uma breve biografia do cientificismo:

É bom notar que a palavra “cientificismo” não foi sempre pejorativa, como é agora. Por volta da metade do século XIX – não muito depois do uso mais antigo e mais generalizado da palavra “ciência”, que podia se referir a

qualquer corpo sistematizado de conhecimento, qualquer que fosse seu objeto de estudo, tivesse dado lugar ao uso moderno e mais restrito, que se refere à física, química, biologia etc., mas não a jurisprudência, história, teologia etc. – o termo “cientificismo” era neutro: significava, simplesmente, “o hábito e modo de expressão de um homem da ciência”. Mas por volta das primeiras décadas do século XX “cientificismo” começou a ganhar um tom negativo – inicialmente, parece, primariamente em resposta às ideias excessivamente ambiciosas sobre quão profundamente nossa compreensão do comportamento humano seria transformada se ao menos aplicássemos os métodos que se provaram tão bem-sucedidos nas ciências físicas. E por volta da metade do século XX, o cientificismo passou a ser visto como um “preconceito”, uma “superstição”, uma “aberração” da ciência. (HAACK, 2012, p.5)

Ocorre que, também no início do séc. XIX, o sucesso das ciências e dos métodos naturais na produção de inovações tecnológicas que trouxeram mais conforto e desenvolvimento para a humanidade, inspiraram o surgimento de uma corrente de pensamento chamada “positivismo”. Os positivistas tinham como objetivo suprimir todas as explicações filosóficas, teleológicas, metafísicas e/ou de senso comum, substituindo-as por explicações naturalistas formuladas por cientistas. Passado um século, o positivismo ganhou musculatura com o estrondoso impacto que a teoria da evolução darwiniana teve no meio acadêmico, assim o cientificismo adquiriu uma força avassaladora, extrapolando as ciências naturais, e buscando abarcar todas as formas de conhecimento e de decisões sobre políticas públicas.

Destarte, durante as primeiras décadas do séc. XX, o método científico naturalista foi muito além das ciências naturais e passou a subordinar disciplinas humanas tais como a antropologia, a sociologia, a psicologia, etc... além de decisões de estado, como é o caso das políticas de controle racial. Os efeitos foram catastróficos, especialmente no que tange às políticas eugenistas e ao nazismo. Estes dois processos estão diretamente relacionados com as razões pelas quais o cientificismo caiu em descrédito na segunda metade do século passado. Porém, o que é importante notarmos é que a cosmovisão cientificista é um dos elementos chaves para compreendermos a radicalidade implícita no discurso do novo ateísmo. Estudiosos do movimento, como Adilson Koslowski e Valmor Santos, apontam que:

O novo ateísmo é subjetivamente fechado, pois é cientificista, e se acredita em algo é porque os cientistas assim o disseram. É bastante comum utilizar o termo “cientificismo” como uma das teses do novo ateísmo, sendo simplesmente entendido como a asserção de que “não há conhecimento fora da ciência”. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.102-103)

Um ponto que deve ser observado com cuidado é que quando falamos do discurso propagado pelo neoteísmo estamos falando de algo que vai muito além da mera divulgação científica. Quando os neoteus pregam o cientificismo em suas publicações, eles intencionam

uma verdadeira substituição, onde a ciência entra como um compensador do papel sociológico exercido pela religião em toda e qualquer área da existência humana. Por exemplo, em 2014, o cientista da religião, Leonardo Moreira, apresentou uma bem embasada pesquisa sobre o neoateísmo. Moreira faz a seguinte reflexão sobre o papel da divulgação científica no discurso dos novos ateus:

Finalizei o capítulo II com a asserção do mitólogo Schrempp de que existem compensadores na divulgação científica, relacionados com o neoateísmo. Compensadores que são condizentes com uma visão de mundo que prescinde das religiões como formalmente as conhecemos. Não obstante, Schrempp (2012, p.224) afirma que a divulgação científica, que é algo bastante ligado ao neoateísmo, mas não é somente ateia, acaba por criar uma nova mitologia. Os compensadores estão para além do método científico. Eles explicam o todo e não analisam determinado processo através de uma metodologia científica. A questão mitológica da divulgação científica e, conseqüentemente do neoateísmo, está ligada à tentativa de atrair e persuadir os leitores ao seu grupo e, principalmente à sua visão de mundo. O discurso que há por trás da divulgação científica é persuasivo não é só a favor da ciência, mas também em prol de uma visão naturalista de mundo. O neoateísmo por sua vez eleva isso ao status de confronto direto com a religião e suas asserções, tentando dar uma visão de mundo mais verdadeira que as respostas religiosas. (MOREIRA, 2014, p.90)

Para Barbosa e Andrade, os atores neoateístas usam a divulgação científica para “deslegitimar a presença das religiões ou das crenças religiosas no espaço público e privado”. (BARBOSA; ANDRADE; 2013, p.133) Desse modo, a ciência é utilizada pelos novos ateus não como uma ferramenta para trazer mais conhecimento, progresso e paz para humanidade, antes, ela é usada como uma arma que visa literalmente destruir o inimigo, no caso, a religião. Por esse objetivo, o próprio método científico é deixado de lado quando autores do neoateísmo criam narrativas metafísicas para tentar explicar o mundo dentro de sua crença exclusivamente naturalista. Segundo Barbosa e Andrade, os representantes do neoateísmo:

Preconizam a substituição do discurso religioso e a religião *stricto sensu*, nas explicações globais e últimas da vida e do universo, pelo conhecimento fornecido pela ciência, que neste caso, convenhamos, funcionaria como uma verdadeira metafísica. (BARBOSA; ANDRADE; 2013, p.133)

Podemos encontrar um claro exemplo do que dizem Barbosa e Andrade no livro “Deus não é grande” de Hitchens. Chamamos a atenção para o fato de que, na citação a seguir, diante da impossibilidade de provar que a religião não tem mais sentido no presente, o autor recorre à ciência como argumento para demonstrar o quanto a religião se tornou desnecessária para explicar nossas origens.

Se eu não posso provar definitivamente que o sentido da religião desapareceu no passado, que seus livros fundamentais são fábulas transparentes, que é uma imposição criada pelo homem, que tem sido inimiga da ciência e da pesquisa

e que sobreviveu principalmente de mentiras e medos e foi cúmplice da ignorância e da culpa, bem como da escravidão, do genocídio, do racismo e da tirania, eu quase certamente posso afirmar que a religião hoje está plenamente consciente dessas críticas. Também está plenamente consciente das provas cada vez mais numerosas, referentes às origens do universo e à origem das espécies, que a relegam à marginalidade, quando não à irrelevância. (HITCHENS, 2007, p.166)

Antes de seguirmos adiante, é preciso que não esqueçamos duas coisas: primeiro, a ciência ainda não conseguiu produzir “provas” irrefutáveis da origem do Universo, nem das espécies, como afirmou Hitchens em seu argumento, o que existem são teorias e hipóteses amplamente aceitas, e ainda carentes de demonstração experimental; e, segundo, a ciência não é uma entidade uníssona, que adota um ponto-de-vista exclusivamente naturalista, que almeja ser capaz de revelar como tudo veio a existir e como funciona. Dadas, inclusive, as próprias crenças pessoais, a imensa maioria dos cientistas da história não concordaria com a afirmativa de que as descobertas científicas desacreditaram e/ou invalidaram todas as narrativas religiosas, filosóficas e metafísicas. Esta é uma conclusão científicista que é constantemente utilizada dentro das narrativas neoateístas para reforçar o dualismo antirreligioso que prega um suposto antagonismo entre ciência e religião. Como afirma Franco:

Os argumentos de Richard Dawkins acerca do ateísmo não são expostos publicamente como desvinculados da ciência – frutos de opinião pessoal – ou como em processo de verificação científica. São expostos como ciência consolidada, o que pode vir a estabelecer uma relação “perigosa” de detenção da verdade, como se a mesma fosse um atributo de expressão de uma só voz e faceta, endossada pelo status de respeitabilidade gozado pela ciência em nossa sociedade. [...] Antes que pareça que nossas críticas são dirigidas a todos os argumentos ateístas de Dawkins, esclarecemos que estudar a hipótese de Deus na ciência não nos parece absurda. Os objetivos e métodos é que nos parecem, como o de exaltar a ciência visando uma substituição do pensamento religioso. Em muitos momentos de suas aparições ateístas, Dawkins parece confundir ciência com o que é chamado de científicismo, sendo este último um postulado de que a ciência pode ser aplicada a todos os campos da vida. (FRANCO, 2014, p.203)

É nesse ponto que vemos a fulcral importância que o darwinismo tem para o movimento ateuista e para grande parte das narrativas científicistas utilizadas pelo grupo. Como já dito anteriormente, Dawkins afirma em “O Relojoeiro Cego”: “quero persuadir o leitor, não apenas de que a visão de mundo darwinista por acaso é verdadeira, mas que é também a única teoria conhecida que poderia, em princípio, desvendar o mistério da nossa existência” (DAWKINS, 1986, p.14) Por isso, Dawkins já foi, algumas vezes, referido na mídia como o “Rottweiler de Darwin”, uma referência ao biólogo inglês Thomas Henry Huxley (1825-1895), que era conhecido como “Bulldog de Darwin” por sua defesa apaixonada das ideias evolutivas darwinianas. (WILLIAMS, 2004) Para David Klinghoffer: “O darwinismo, é claro, não é novo.

A novidade aqui reside no fervor missionário da nova fé. Dawkins escreve explicitamente sobre fazer ‘conversões’.¹²⁴ (KLINGHOFFER, 2007, p.1, tradução nossa) A crença de que a teoria de Darwin é capaz de explicar praticamente tudo, dentro e fora da biologia, é algo tão forte no movimento neoateísta, que os líderes do movimento se sentem até impelidos a esclarecer que sua crença no darwinismo não deve ser confundida com a crença religiosa. Dennett, por exemplo, afirma:

Há humildade, espanto, puro deleite com a glória do panorama evolutivo, mas esses sentimentos não estão acompanhados por (ou ao serviço de) um abandono voluntário (quanto mais arrebatador) da razão. Por isso, sinto como um imperativo moral disseminar a palavra da evolução, mas a evolução não é a minha religião. Eu não tenho religião. (DENNETT, 2006, p.179)

Um outro exemplo interessante do pensamento cientificista de Dawkins, que se reflete em suas declarações e na ideia que ele deseja passar para o público, vem de uma entrevista que ele concedeu ao jornalista americano Bill Moyers no ano de 2004. Na conversa Dawkins disse que “teoria da evolução é tão certa quanto qualquer coisa que sabemos”. (DAWKINS apud MOYERS, 2004, 00:48) Quando Moyers o questionou sobre ela ainda ser uma teoria e não um fato irrefutável, Dawkins respondeu:

A evolução foi observada. Só que não foi observada enquanto estava acontecendo. É como um detetive investigando um assassinato após a cena... O detetive realmente não viu o assassinato acontecer, é claro. Mas o que você vê é uma pista enorme... Agora, qualquer detetive... [Moyers então, o interrompe e lembra que essas evidências da evolução são “circunstâncias”, ao que Dawkins responde: Evidências circunstanciais, mas massas de evidências circunstanciais. Enormes quantidades de evidências circunstanciais. Poderia muito bem ser soletrado em palavras do inglês. A evolução é verdadeira. Quer dizer, é tão circunstancial quanto isso, mas é tão verdadeiro quanto isso.¹²⁵ (DAWKINS apud MOYERS, 2004, p.1, tradução nossa)

Se Dawkins usa do cientificismo como arma, é também por causa dele que o escritor neoateu é muitas vezes criticado. Como dito na primeira parte desse estudo, dentre os quatro cavaleiros do ateísmo, Dawkins certamente é o que mais faz uso desse recurso em suas obras, mas é exatamente por isso também que ele é mais duramente criticado dentre os acadêmicos.

¹²⁴ Texto original Klinghoffer (2007): *"Darwinism, of course, is hardly new. The novelty here lies in the new faith's missionary fervor. Dawkins writes explicitly about making "converts".*"

¹²⁵ Texto original Moyers (2013): *"Evolution is about as certain as anything we know" [...] Evolution has been observed. It's just that it hasn't been observed while it's happening. The consequences of. It is rather like a detective coming on a murder after the scene. The detective hasn't actually seen the murder take place, of course. But what you do see is a massive clue. Now, any detective... [...] Circumstantial evidence, but masses of circumstantial evidence. Huge quantities of circumstantial evidence. It might as well be spelled out in words of English. Evolution is true. I mean it's as circumstantial as that, but it's as true as that".*

Por exemplo, na pesquisa em que cientistas falaram o nome Dawkins espontaneamente, David Johnson afirma que encontrou os seguintes resultados:

Cientistas – mesmo aqueles que acham seu trabalho interessante e que compartilham sua identidade como ateu – afirmam que Dawkins está “prestando um péssimo serviço à evolução”, “não é um grande tipo de rosto da ciência...” e “não tenho certeza se ele realmente está ajudando muito a causa ultimamente”. Os cientistas veem Dawkins mais como um antagonista do que como alguém que populariza o conhecimento científico ou promove apoio ao empreendimento científico. [...] As críticas mais prevalentes a Dawkins estão relacionadas ao público que ele visa e como ele aborda a comunicação científica. No total, 17 cientistas, metade dos críticos de Dawkins em nossa amostra analítica, afirmam que a abordagem de Dawkins para o engajamento público está errada porque ele opera em extremos ideológicos.¹²⁶ (JOHNSON, 2016, p.8, 9, tradução nossa)

Em um artigo de 2014, o filósofo ateu John Gray critica o cientificismo radical de Dawkins e a fidelidade incondicional dele a Darwin. Ao mesmo tempo, Gray também lembra que os dois autores têm posturas muito diferentes no que tange à como a ciência deve ser compreendida. De acordo com Gray:

Não há muita dúvida de que Dawkins se vê como uma figura semelhante a Darwin, propagando a revelação que chegou ao naturalista vitoriano. Entre essas características, a identificação de Dawkins com Darwin é a mais incongruente. Não há duas mentes menos parecidas do que as do grande cientista do século XIX e do evangelista moderno do ateísmo. Hesitante, duvidoso e muitas vezes dolorosamente perplexo, Darwin entendia a ciência como uma investigação empírica na qual a verdade nunca é auto-evidente e as teorias são sempre provisórias. Se a ciência, para Darwin, era um método de investigação que o capacitava a avançar humildemente em direção à verdade, para Dawkins, a ciência é uma visão inquestionável do mundo.¹²⁷ (GRAY, 2014, p.1, tradução nossa)

Tudo isso que apresentamos é para sustentar nosso argumento de que o cientificismo, não apenas de Dawkins, mas dos novos ateus de modo geral, não deve ser visto como um

¹²⁶ Texto original Johnson (2016): “*Scientists—even those who find his work interesting and who share his identity as an atheist—assert that Dawkins is “doing a disservice to evolution”, “not a great sort of face of science ...”, and “not sure he’s really helping the cause very much lately.” Scientists view Dawkins more as an antagonist than as someone popularizing scientific knowledge or promoting support for the scientific endeavor. [...] The most prevalent critiques of Dawkins are related to the audiences he targets and how he approaches science communication. In total, 17 scientists, half of the Dawkins’ critics in our analytic sample, assert that Dawkins’ approach to public engagement is wrong because he operates at ideological extremes.*”

¹²⁷ Texto original Gray (2014): “*There cannot be much doubt that Dawkins sees himself as a Darwin-like figure, propagating the revelation that came to the Victorian naturalist. Among these traits, it is Dawkins’s identification with Darwin that is most incongruous. No two minds could be less alike than those of the great nineteenth-century scientist and the latter-day evangelist for atheism. Hesitant, doubtful, and often painfully perplexed, Darwin understood science as an empirical investigation in which truth is never self-evident and theories are always provisional. If science, for Darwin, was a method of inquiry that enabled him to edge tentatively and humbly toward the truth, for Dawkins, science is an unquestioned view of the world.*”

discurso ou uma ação isolada. Antes, ele deve ser percebido dentro de um quadro mais complexo, onde a ciência é usada como uma ferramenta de propaganda ateísta e antirreligiosa.

Conclusões

Como vimos nesse primeiro subcapítulo, as ofensas que os neoateus fazem em seus discursos antirreligiosos não devem ser vistas de forma isolada, como uma simples reunião de palavras grosseiras. E vimos ainda que tais insultos não devem ser compreendidos apenas como uma eficiente estratégia de marketing para aumentar a venda de livros. Antes, tudo isso deve ser observado dentro do contexto do dualismo do séc. XIX, que forjou um pseudo-antagonismo entre ciência e religião. De acordo com Novak:

Surpreendeu-me que Dawkins se tornasse um proselitista. Mas, acima de tudo, o que me surpreendeu é que, embora todos os três autores escrevam como se a ciência fosse o princípio e o fim de todo discurso racional, esses três livros deles não são, de forma alguma, científicos. Ao contrário, são exemplos de dialética – argumentos a partir de um ponto de vista, ou horizonte, dirigidos a seres humanos que compartilham um ponto de vista diferente. Certamente, uma das mais nobres obras da razão é entrar em uma discussão respeitosa com outros, cuja visão da realidade é dramaticamente diferente da sua, para que ambas as partes aprendam com essa troca e cheguem a um respeito mútuo mais profundo. Nossos autores se dedicam à dialética, não à ciência, mas dificilmente se pode dizer que o fazem com respeito por aqueles a quem se dirigem. Assim, Dawkins: “Claro, cabeças de fé tingidas de lã são imunes ao argumento, sua resistência construída ao longo de anos de doutrinação infantil... Entre os dispositivos imunológicos mais eficazes está um aviso terrível para evitar até mesmo abrir um livro como este [do próprio Dawkins], que certamente é uma obra de Satanás.”¹²⁸ (NOVAK, 2007, p.7, tradução nossa)

Isso posto, nesse primeiro momento da segunda parte de nosso estudo, o objetivo foi o de apresentar os primeiros passos da construção de um discurso antirreligioso disfarçado de

¹²⁸ Texto original Novak (2007): “*It surprised me that Dawkins would turn out to be such a proselytizer. But, most of all what surprised me is that, while all three authors write as if science is the be-all and end-all of rational discourse, these three books of theirs are by no means scientific. On the contrary, they are examples of dialectic-arguments from within one point of view, or horizon, addressed to human beings who share a different point of view. Surely, one of the noblest works of reason is to enter into respectful argument with others, whose vision of reality is dramatically different from one’s own, in order that both parties may learn from this exchange, and come to a deeper mutual respect. Our authors engage in dialectic, not science, but they can scarcely be said to do so with respect for those they address. Thus, Dawkins: “Of course, dyed-in-the-wool faith-heads are immune to argument, their resistance built up over years of childhood indoctrination... Among the more effective immunological devices is a dire warning to avoid even opening a book like this, which is surely a work of Satan”.*”

científico. Mas que ainda necessitará de outros elementos para alcançar o intento de formatar uma imagem social essencialmente negativa da religião.

Ocorre que, quando uma sociedade é levada a enxergar a realidade de uma maneira dualista, crendo que existe um antagonismo entre ciência e religião, a maior parte dos seus membros passa a acreditar que precisa fazer uma escolha entre essas duas cosmovisões. E quando um determinado grupo de pessoas dentro dessa sociedade é exposto sistematicamente, na mídia e nos ambientes de ensino, a um discurso cientificista assentado sobre a ideia de que o método naturalista/ateísta é superior a todas as outras formas de pensar, é natural que esse grupo passe a acreditar que sua forma de entender o mundo é superior a todas as outras. Por isso, essas pessoas se sentem brilhantes. Eis aí o passo seguinte na guerra contra a religião, fazer uma distinção não apenas na forma de ver o mundo, mas sim entre as próprias pessoas.

2.2 A Supremacia dos *Brights*

Os *Brights* e os Obscurantistas

Quando a mente de um fundamentalista religioso está sendo preparada, uma das etapas é a diferenciação do fundamentalista para o restante das pessoas que não compactuam com o mesmo ponto de vista extremista. Em geral, tal processo é acompanhado de mecanismos de desumanização, onde a opinião do outro não é válida porque ele é inferior. Ao mesmo tempo, a eliminação do outro torna-se justificável, uma vez que ele não é um “humano superior”, como o fundamentalista pensa que é ele próprio.

Aliás, muitas vezes o outro sequer deve ser visto como humano. Trata-se de um processo de distinção inferiorizante. Por exemplo, é comum que extremistas islâmicos usem o termo “cão infiel” para se referir a todos aqueles que não são muçulmanos. A palavra “infiel” lembra que o indivíduo não compartilha do mesmo sistema de crenças descrito no Alcorão. Já a palavra “cão” tem por objetivo reduzir o outro a uma condição de inferioridade perante aqueles que são adeptos do Islã.

É bem verdade que no decorrer da história, o expediente da distinção inferiorizante foi usado por praticamente todas as vertentes fundamentalistas religiosas. Mas será que os ateus são diferentes? Para responder essa questão, devemos examinar se os neoteus proferem discursos que buscam diferenciá-los dos demais seres humanos que não compactuam com sua forma radicalizada de pensar. Devemos observar também se essa diferenciação se associa à inferência de algum tipo de superioridade para aqueles que se declaram ateus.

Como dito na introdução desse estudo, após os ataques de 11 de setembro de 2001 nos EUA, o sentimento antirreligioso atingiu um patamar nunca antes visto. E não foram apenas os quatro cavaleiros do ateísmo que se aproveitaram desse movimento. Vários outros atores sociais menos conhecidos midiaticamente também levantaram a bandeira do ateísmo e buscaram marcar território criando formas de distinguir-se daqueles que não professam a fé única no materialismo.

Nesse caldeirão efervescente de ateus empolgados com o flanco aberto por atitudes radicais supostamente religiosas é que surge a ideia de se usar um termo específico para aqueles que não acreditam na existência de nada além da matéria, esses seriam os “*brights*”. Barbosa e

Andrade explicam a origem da expressão e como ela foi rapidamente apropriada pelo movimento neoateísta:

Em seu web site, criado em 2003, o biólogo Paul Geisert e a educadora Mynga Furtrell empregaram o termo *bright* (“brilhante”, “luminoso”) para designar os adeptos da visão de mundo ateísta ou, como preferem dizer, naturalística. De acordo com a definição apresentada nesse site, um *bright* “é uma pessoa que possui uma visão de mundo naturalística. Ou seja, a “visão de mundo *bright*” é livre de elementos sobrenaturais e místicos. A ética e as ações de um *bright* são baseadas em uma visão de mundo naturalística”.¹²⁹ Assim sendo, argumentam os autores do site, se sua visão de mundo é livre de deidades, forças e entidades sobrenaturais ou místicas, então você é, por definição, um *bright!* Várias pessoas que se reconheceram nesta visão assumiram a “identidade *bright*”, dentre as quais dois dos principais expoentes do neoateísmo, Daniel Dennett e Richard Dawkins. (BARBOSA; ANDRADE; 2013, p.135)

Obviamente o movimento neoateísta levou a distinção proposta por Geisert e Furtrell a outro patamar, postulando não apenas a forma de ser daqueles que se autodenominariam *brights*, mas também atribuindo características aos religiosos, que passam a personificar a antítese daqueles que já estão “esclarecidos” pela ciência. De acordo com Novak: “Dawkins também apresenta expressamente a si mesmo e a outros ateus como ‘brilhantes’, distinguidos por suas mentes “saudáveis” e “vigorosas”. Pobres crentes – reclama abertamente – estão, em contraste com ele, presos na ilusão, inquestionáveis, mentalmente mortos.”¹³⁰ (NOVAK, 2007, p.3, tradução nossa) E Edward Feser acrescenta que:

Alguns anos atrás, num artigo publicado no New York Times, Dennett fez a famosa sugestão de que os secularistas adotassem o rótulo de “esclarecidos” [*bright*] para distinguir-se das pessoas religiosas. [...] o termo condensa perfeitamente a autossatisfação da mentalidade secularista: “Nós somos inteligentes, instruídos e racionais, ao passo que as pessoas religiosas são estúpidas, ignorantes e irracionais, de modo algum esclarecidas como nós”. (FESER, 2017, p.5)

Chamar a si mesmos de “esclarecidos”, “iluminados”, “brilhantes” é uma forma nada discreta de dizer que o outro é um obscurantista. Ou seja, o termo “*bright*” carrega em si a mensagem de que aqueles que não são ateus estão ainda na “escuridão” da ignorância científica, na caverna das sombras platônica, e por isso devem imperiosamente seguir os que já alcançaram a iluminação do ateísmo. De acordo com o renomado geneticista Francis Collins:

¹²⁹ Texto original Geisert e Furtrell (2003): “*A bright is a person who has a naturalistic worldview. A bright’s worldview is free of supernatural and mystical elements. The ethics and actions of a bright are based on a naturalistic worldview*”. Disponível: <<http://www.the-brights.net>>. Acesso em: 11 set. 2018

¹³⁰ Texto original Novak (2007): “*Dawkins, too, expressly presents himself and other atheists as “Brights,” distinguished by their “healthy” and “vigorous” minds. Poor believers—he openly complains—are by contrast with him trapped in delusion, unquestioning, mentally dead.*”

Num extraordinário truque de marketing, Dawkins, Dennett e seus colegas da comunidade de ateístas tentaram promover o termo “brilhantes” como alternativa para “ateus”. A dedução implícita de que os que acreditavam em Deus deveriam ser “apagados” pode ter sido um bom motivo pelo qual o termo ainda não se popularizou. (COLLINS, 2007, p.167)

Mas é preciso entendermos que a tentativa de Dennett, Dawkins e de outros novos ateus não foi a de adotar um novo nome simplesmente como mais um golpe de marketing e/ou uma nova forma de ridicularizar os religiosos, a ideia principal é, na verdade, estimular uma nova postura entre os ateus. Para nós, resta evidente que aquilo que os líderes do neoateísmo realmente buscam construir com essa nova identidade para o movimento são uma mentalidade e uma atitude mais combativas, para que mais do que ateus, as pessoas se tornem “apóstolos” da descrença em Deus. Por isso, muitas vezes, os neoateus se sentem como “profetas” de um novo tempo onde não haverá nenhum tipo de religiosidade pública. Imaginam-se como imbuídos de uma “missão divina”, mas sem Deus, onde o objetivo é tirar a humanidade das trevas religiosas. Obviamente, essa identidade traz consigo alguns aspectos que podem ser facilmente caracterizados como “messiânicos”. De acordo com Moreira:

O caráter revolucionário dos profetas, que pode ser análogo aos quatro autores do neoateísmo, está ligado ao rompimento com as religiões tradicionais e uma nova proposta para a retomada de sentido. Há profetas que não criam novas religiões, mas que simplesmente transmitem novas mensagens. A visão naturalista não é algo novo dentro da divulgação científica e nem dentro do próprio ateísmo. Portanto, há uma nova mensagem, para que os ateus combatam as religiões como um grupo *bright*, e claro, uma nova cosmovisão dentro deste grupo. (MOREIRA, 2014, p.114)

Nesse movimento milenarista de salvação da humanidade pelo cientificismo, os neoateus buscaram construir um modo de ser *bright* como uma nova “filosofia de vida”, inclusive na construção de um novo sistema moral. Estruturando com isso as bases de uma cultura que poderá ser retransmitida para as próximas gerações de “iluminados”. Como observa Franco em sua tese:

Dawkins coloca-se como um promotor de uma moral sem religião, e traz a ciência como um caminho de salvação para nossas crianças, tratando do problema do relativismo que cerca a noção de direitos dos pais de transmitirem aos filhos às suas visões de mundo. O autor compara as imposições religiosas ao convite de adesão das crianças ao movimento *bright*, que teria regras cuidadosas e daria às crianças o direito de escolher suas visões de mundo. (FRANCO, 2014, p.132)

Autodeclarar-se “esclarecido” é também uma forma de demonstrar que aqueles que não creem na existência de Deus são superiores aos que creem. Essa ridicularização é por si só uma

forma de violência, muitas vezes velada por um discurso pseudocientífico e supostamente racional.

Mas a meta principal parece ser a de eliminar o discurso contrário, ou, pelo menos, excluir a presença do autor desse discurso dissidente do convívio intelectual. Nesse sentido, o novo ateísmo toma a ridicularização do oponente como um “princípio” que deve ser adotado por todo ateu. Hitchens, por exemplo, já disse abertamente: “Eu penso que a religião deve ser tratada com ridículo, ódio e desprezo, e afirmo que isso é um direito”.¹³¹ (HITCHENS apud SCOFIELD, 2010, p.01, tradução nossa) Para outro líder do neoateísmo, Sam Harris:

A ridicularização pública é um princípio. Uma vez que você deixa de lado o tabu que é criticar a fé e exige que as pessoas comecem a falar com sentido, então a capacidade de fazer as certezas religiosas parecerem estúpidas, fará nós começarmos a rir na cara dessas pessoas [...] Nós vamos rir deles de uma maneira que será sinônimo de excluí-los dos nossos salões de poder. (HARRIS apud GOLSON, 2006, p.1)

Assim, novamente salientamos que a identidade *bright* também deve ser analisada dentro do contexto geral de ateísmo militante e antirreligioso. Ao se diferenciar, se colocando como superiores, os novos ateus criam um discurso divisionista, que coloca ateus e religiosos em patamares hierarquicamente diferentes, o que leva a mais conflitos.

Fabricando Espantalhos

É importante observar que para tentar ridicularizar as religiões e os religiosos é necessário “pintá-los com tintas carregadas”, no sentido de fabricar caricaturas religiosas estereotipadas, já com o objetivo de escarnecê-las. Dennett demonstra bem isso quando escreve: “A crença na crença em Deus faz com que as pessoas relutem em reconhecer o óbvio: que muito da sabedoria popular tradicional a respeito de Deus não merece mais crença que a sabedoria popular a respeito de Papai Noel ou da Mulher Maravilha. Curiosamente, tudo bem rir disso”. (DENNETT, 2006, p.141)

O “espantalho” religioso que o discurso neoateísta apresenta é a imagem de Deus como um gigante, barbudo, sentado em um trono no céu, interferindo na vida das pessoas, atendendo orações ou punindo os que se comportaram mal. De acordo com Paula Montero e Eduardo

¹³¹ HITCHENS (2010): “*I think religion should be treated with ridicule, hatred and contempt, and i claim that right*”.

Dullo: “A ‘crença’ na verdade literal dos fatos bíblicos é um clichê recorrente nas acusações de ‘fundamentalismo’ religioso por parte dos não religiosos”. (MONTERO; DULLO, 2014, p.68)

De acordo com Stephen Prothero:

Hitchens afirma que alguns de seus melhores amigos são crentes. Se sim, ele não sabe muito sobre seus melhores amigos. Ele escreve sobre pessoas religiosas da mesma forma que os racistas do norte costumavam falar sobre os “negros” – com um conhecimento fingido e um sorriso de escárnio. “Deus não é grande” assume uma definição infantil de religião e depois critica as pessoas religiosas por acreditarem em tais tolices. Mas é Hitchens quem é o ingênuo. Ler este livro estranhamente inocente como evangelho é acreditar que os católicos comuns têm orgulho da Inquisição, que os hindus comuns veem a masturbação como uma ofensa contra Krishna e que os judeus comuns comemoram quando um rabino ortodoxo renegado suga o sangue de um pênis recém-circuncidado. É acreditar que a fé é sempre cega e os rituais sempre vazios. Se isso é religião, então certamente deveríamos ter menos dela. Mas as únicas pessoas que acreditam que religião é acreditar cegamente em um Deus que abençoa e amaldiçoa sob demanda e vê a ciência e a razão como crias de Satanás são os fundamentalistas iletrados e seus *doppelgangers*¹³² ateus.¹³³ (PROTHERO, 2007, p.1, tradução nossa)

Com isso, os novos ateus ignoram, deliberada e estrategicamente, que os religiosos possam ter uma concepção mais abrangente e sofisticada a respeito de Deus, como a expressa, por exemplo, por Galileu Galilei (1564-1642), que afirmou que o Espírito de Deus “é algo além da luz, posto que penetra e se difunde por todas as substâncias corpóreas”. (GALILEU, 2009, p. 42) Ou a compreensão de Baruch Espinoza (1633-1677), que escreveu:

Digo que todas as coisas estão em Deus e se movem em Deus, concordando assim com Paulo de Tarso, e, talvez, com todos os filósofos antigos, embora a fraseologia possa ser diferente [...] Eu até me atreverei a afirmar que concordo com todos os antigos hebreus.¹³⁴ (ESPINOZA, 1955, p.298, tradução nossa)

A princípio poder-se-ia imaginar que os novos ateus pintam um quadro distorcido do pensamento religioso apenas porque eles não têm conhecimento teológico suficiente. No

¹³² *Doppelgangers* são pessoas que são sócias uma das outras, sem que tenham parentesco biológico.

¹³³ Texto original Prothero (2007): “Hitchens claims that some of his best friends are believers. If so, he doesn’t know much about his best friends. He writes about religious people the way northern racists used to talk about “Negroes” -- with feigned knowing and a sneer. *God Is Not Great* assumes a childish definition of religion and then criticizes religious people for believing such foolery. But it is Hitchens who is the naïf. To read this oddly innocent book as gospel is to believe that ordinary Catholics are proud of the Inquisition, that ordinary Hindus view masturbation as an offense against Krishna, and that ordinary Jews cheer when a renegade Orthodox rebbe sucks the blood off a freshly circumcised penis. It is to believe that faith is always blind and rituals always empty. If this is religion, then by all means we should have less of it. But the only people who believe that religion is about believing blindly in a God who blesses and curses on demand and sees science and reason as spawns of Satan are unlettered fundamentalists and their atheistic *doppelgangers*”.

¹³⁴ Texto original Espinoza (1683): “I say that all things are in God and move in God, thus agreeing with Paul, I and, perhaps, with all the ancient philosophers, though the phraseology may be different; [...] I will even venture to affirm that I agree with all the ancient Hebrews”.

entanto, veremos que na verdade o “espantalho” é confeccionado justamente para tornar o ataque mais fácil. Na arte da retórica, essa é uma falácia comumente utilizada. Ela ocorre quando o debatedor ignora a real concepção do adversário e substitui o argumento contrário por uma versão distorcida do mesmo. Ou seja, o argumento que é refutado não é o argumento original, mas uma versão adulterada dele, criada pela mesma pessoa que teoricamente está fazendo a refutação. Os novos ateus usam essa falácia propositalmente para tornar o argumento do adversário mais fácil de ser rechaçado. Essa estratégia retórica é conhecida como “falácia do espantalho”.

Não obstante, é bem verdade que os novos ateus também demonstram um nível muito baixo de entendimento teológico e até mesmo filosófico. Segundo o filósofo ateu Michael Ruse:

Primeiramente, eu acho que essas pessoas (os novos ateus) fazem um desserviço aos estudos acadêmicos. Seu tratamento do ponto de vista religioso é patético até o ponto de não-ser. Richard Dawkins, em *The God Delusion*, falharia em qualquer curso introdutório de filosofia ou religião. Orgulhosamente, ele critica aquilo do qual nada sabe. [...] Estou indignado com a má qualidade da argumentação em Dawkins, Dennett, Hitchens, e todos os outros nesse grupo.¹³⁵ (RUSE, 2009, p.2012, tradução nossa)

Outro filósofo americano que era igualmente ateu e criticou severamente a ignorância teológica do neoteísmo foi o conceituado professor e escritor Quentin Persifor Smith (1952-2020). Smith publicou mais de 140 artigos científicos, teve diversos livros publicados, e era conhecido por ser um respeitado e apaixonado defensor do ateísmo. Mas, ao analisar os argumentos dos quatro principais autores do neoteísmo, ele declarou:

É lamentável a espantosa falta de conhecimento que muitos pensadores secularistas manifestam quando tentam criticar a religião. Pois eles demonstram, em geral, desconhecer os sofisticados argumentos dos filósofos de inclinação religiosa, preferindo, em lugar disso, atacar espantalhos e fazer caricaturas jornalísticas simplórias da religião. (SMITH, 2006, p.103)

Falando especificamente da falta de conhecimento teológico demonstrada por Hitchens no livro “Deus não é grande”, alguns dos seus críticos chamam a atenção para a surpreendente situação paradoxal de ver alguém escrever tanto sobre um assunto com relação ao qual demonstra não ter praticamente conhecimento nenhum. De acordo com Prothero:

¹³⁵ Texto original Ruse (2009): “*I think first that these people do a disservice to (faltam palavras aqui) . Their treatment of the religious viewpoint is pathetic to the point of non being. Richard Dawkins in The God Delusion would fail any introductory philosophy or religion course. Proudly he criticizes that whereof he knows nothing. [...] I am indignant at the poor quality of the argumentation in Dawkins, Dennett, Hitchens, and all of the others in that group*”.

Christopher Hitchens é um homem brilhante, e não há jornalista vivo que eu goste mais de ler. Mas nunca encontrei um livro cujo autor desconheça tão fundamentalmente seu assunto. No final, este livro enlouquecedoramente dogmático faz pouco mais do que ilustrar um dos temas de estimação de Hitchens – a capacidade do dogma de colocar a razão para dormir.¹³⁶ (PROTHERO, 2007, p.1, tradução nossa)

Feser, em seu livro “A Última Superstição: uma refutação do neoateísmo”, publicado em 2017, fez uma análise do alto grau de dedicação aos estudos e do desenvolvimento do raciocínio lógico de Tomás de Aquino e de como isso o levou a desenvolver argumentos que, desde o séc. XIII, já refutavam as afirmações ateístas atuais, mas que no mundo midiático atual, leigo em filosofia e religiosidade, ressoam como novidades ditas pelos neoateus.

Feser critica duramente a absurda falta de conhecimento filosófico que Dawkins demonstra em suas publicações. É notória também a lacuna de respostas a respeito dos argumentos lógicos a favor de Deus que é deixada por filósofos profissionais do neoateísmo como Hitchens e Harris. No entanto, após Feser conhecer a história acadêmica desses autores, ele percebe que eles nem mesmo conhecem o que diz a apologética clássica para criticá-la: “Então se nota na biografia de Harris que ele seguiu do estudo de graduação em filosofia para empenhar-se em um ‘doutorado em neurociência’. Depois do bacharelado tê-lo qualificado, segundo crê, para dispensar os maiores pensadores religiosos do Ocidente sem tê-los lido.” (FESER, 2017, p.29) Já Franco afirma que:

Em conclusão a este item, basicamente, os críticos partilham da opinião de que autores ateístas da atualidade em sua maioria seriam superficiais, equivocados ou falhos em suas argumentações teológicas e nos dados que apresentam sobre as religiões. Considera-se que existe um tom de militância no ateísmo contemporâneo com objetivo de salvação, algo considerado tão fundamentalista quanto alguns argumentos religiosos, sendo a ciência e a racionalidade exaltados como a condição libertadora da religião. (FRANCO, 2014, p.146)

Para Feser, em geral os novos ateus: “não conhecem nada que não seja uma caricatura absurda das ideias religiosas tradicionais, ignoram completamente que exista algo além dessas caricaturas e assim não se dão ao trabalho de procurar nada além de espantalhos para atacar” (FESER, 2017, p.12). Ou seja, não existe um interesse real dos novos ateus de compreender a religião, o que se procura é apenas construir um espantalho que seja fácil de ridicularizar. De acordo com Jonathan Sacks:

¹³⁶ Texto original Prothero (2007): “*Christopher Hitchens is a brilliant man, and there is no living journalist I more enjoy reading. But I have never encountered a book whose author is so fundamentally unacquainted with its subject. In the end, this maddeningly dogmatic book does little more than illustrate one of Hitchens’s pet themes - the ability of dogma to put reason to sleep*”.

O ateísmo merece mais do que os novos ateus, cuja metodologia consiste em criticar a religião sem compreendê-la, citando textos sem contextos, tomando as exceções como regra, confundindo a crença popular com teologia reflexiva, abusando, zombando, ridicularizando, caricaturando e demonizando a fé religiosa e responsabilizando-a pelos grandes crimes contra a humanidade.¹³⁷ (SACKS, 2011, p.11, tradução nossa)

Outros estudiosos do tema imaginam que talvez seja justamente a ignorância dos neoateus sobre os argumentos religiosos que os leva a forjarem uma falsa imagem a respeito do que é religião. Alister McGrath, por exemplo, afirma que as tentativas de escárnio dos novos ateus por meio de caricaturas fabricadas e ofensas reforçam “a necessidade de educação religiosa de alta qualidade na arena pública, em oposição às caricaturas toscas, estereotipadas e distorcidas que estão sendo hoje agressivamente espalhadas pelo fundamentalismo ateu” (MCGRATH, 2007, p.30). E Paine também crê que a falta de conhecimento teológico dos membros do novo ateísmo é um dos pilares que sustentam o radicalismo do movimento:

Talvez a maior e mais manifesta das aberrações que o fundamentalismo produz (ou uma necessidade que ele cria) – seja ele religioso ou ateu – é o hábito de armar “espantalhos”, ou seja, de criar caricaturas do inimigo. Depois de ter assistido a dúzias de palestras dos ateus famosos já mencionados e ter lido seus livros e seguido seus debates, uma coisa sobretudo me impressionou. Já sabemos o quanto os fundamentalistas religiosos parecem desconhecer a ciência e muitas vezes acabam fazendo caricaturas dela. Isso não é novidade. Mas é surpreendente ver o quanto muitos desses novos ateus desconhecem a religião. Tantas vezes, eles, manifestamente, não sabem do que estão falando. Parece que uma definição muito rudimentar, e meio ingênua, da natureza da religião está presente como subtexto das alterações ateias com pessoas religiosas. A religião seria sobretudo crença, e crença em coisas esquisitas. (PAINE, 2010, p.24)

A hipótese com a qual trabalhamos nesse estudo é a de que, ainda que, de fato, os novos ateus demonstrem possuir um elevado grau de desconhecimento teológico, eles não constroem espantalhos religiosos por ignorância, mas sim por “má fé”. Em que pese a deliberada ignorância em que certamente escolhem se manter no que se refere à complexidade das religiões, homens como Harris, Dawkins, Hitchens ou Dennett não são tão leigos a ponto de acreditar que as práticas religiosas descritas em textos milenares são as mesmas práticas utilizadas hoje, que os ritos e os interditos permanecem os mesmos, como muitas vezes sugerem em seus livros e palestras, onde eles vão buscar exemplos absurdamente anacrônicos, como leis específicas do código mosaico.

¹³⁷ Texto original Sacks (2011): “*Atheism deserves better than the new atheists whose methodology consists of criticizing religion without understanding it, quoting texts without contexts, taking exceptions as the rule, confusing folk belief with reflective theology, abusing, mocking, ridiculing, caricaturing, and demonizing religious faith and holding it responsible for the great crimes against humanity*”.

Os líderes do novo ateísmo também não são tão distraídos a ponto de ignorar a enorme diversidade de vertentes religiosas e de entendimentos diferentes dentro da mesma vertente. Os neoateus sabem perfeitamente que as religiões possuem um número ínfimo de fundamentalistas dentre seus adeptos, sendo que a imensa maioria deles não representa qualquer ameaça social séria. No entanto, dentro da narrativa do novo ateísmo, os religiosos são quase sempre apresentados como pessoas inflexíveis e irracionais, que estão prontas para, a qualquer momento, explodir um orfanato ou um templo de outra religião “em nome do seu Deus”. Por isso, entendemos que a análise que Nall faz sobre esse tema é mais exata, no sentido de que demonstra que a construção do espantalho se insere numa narrativa maior e muito mais radicalizada do ateísmo. De acordo com Nall:

Apesar da incrível diversidade do pensamento religioso, mesmo dentro de religiões individuais, os ateus fundamentalistas empreenderam uma espécie de bombardeio intelectual falacioso da religião. Ignorando ou descartando contracorrentes, eles baseiam sua definição de religião no comportamento e nas crenças de um número limitado de crentes que se encaixam em seu modelo estereotipado. Como se estivessem presos em uma distorção do tempo, eles estereotipam ativamente a crença religiosa moderna como se não tivesse sofrido nenhuma mudança nos últimos 200 anos. Uma objeção que os ateus fundamentalistas fazem à religião é o que eles veem como um eclipse do raciocínio crítico, que eles culpam por causar tantos conflitos globais e retardar o progresso social e científico. Essa atitude geral permitiu que ateus fundamentalistas atacassem confortavelmente a religião com críticas amplas e inexatas, que desprezam a diversidade encontrada em várias tradições religiosas.¹³⁸ (NALL, 2008, p.266, tradução nossa)

Destarte, queremos novamente provocar o leitor para que entenda a fabricação de espantalhos religiosos dentro de um cenário mais global de confronto e de tentativa de exclusão da religião. É provável que pouquíssimos religiosos creiam de fato em algo parecido com a caricatura que os novos ateus forjam de Deus, no entanto, isso parece importar pouco diante do objetivo maior de se combater a religião acima de tudo.

¹³⁸ Texto original Nall (2008): “*Despite the incredible diversity of religious thought, even within individual religions, fundamentalist atheists have undertaken a kind of fallacious intellectual carpet-bombing of religion. Ignoring or dismissing countercurrents, they base their definition of religion on the behavior and beliefs of a limited number of believers who fit their stereotype-ridden model. As if trapped in a time warp, they actively stereotype modern religious belief as if it had undergone no change over the last 200 years. One objection fundamentalist atheists have to religion is what they view as its eclipse of critical reasoning, which they blame for causing so much global strife and retarding social and scientific progress. This general attitude has allowed fundamentalist atheists to comfortably assault religion with broad, inexact critiques which are dismissive of the diversity found in various religious traditions*”.

Conclusão

Nesse segundo subcapítulo, objetivamos lançar luz sobre dois pontos que consideramos importantes de serem compreendidos no discurso do novo ateísmo. O primeiro é a tentativa de construir uma nova identidade para o movimento após a chegada do novo milênio e o impacto dos atentados de 11 de setembro. Isso acontece com a proposta de se autodenominarem *brights*, no sentido de iluminados pela ciência. No entanto, essa repaginada na aparência do ateísmo foi além deles próprios, e os neoateus passaram a tentar reconfigurar a imagem também dos religiosos. Assim, confeccionaram em seus livros, palestras e entrevistas uma série de espantalhos que apresentam os religiosos como pessoas ignorantes, irracionais, incapazes de abrir mão de suas crenças e que estão prontas a cometer atos de violência em nome de suas convicções religiosas. Mas Freeman Dyson faz um adendo bastante interessante ao modo de pensar neoateísta. Segundo ele:

A terceira e última seção do livro de Dennett descreve sua visão da religião no mundo moderno. Em um longo capítulo intitulado “Moralidade e Religião”, ele culpa a religião por muitos dos piores males de nosso século. Ele culpa não apenas a minoria de fanáticos assassinos cuja religião os impele a atos de terrorismo, mas também a maioria dos crentes pacíficos e moderados que não condenam publicamente as ações dos fanáticos. Este é um problema sério, quer se trate de fanáticos católicos irlandeses em Belfast ou de fanáticos muçulmanos na Grã-Bretanha e na Espanha. Ele cita com aprovação a famosa observação do físico Stephen Weinberg: “Pessoas boas farão coisas boas e pessoas más farão coisas ruins. Mas para que pessoas boas façam coisas ruins - isso requer religião.” A afirmação de Weinberg é verdadeira até onde vai, mas não é toda a verdade. Para torná-la toda a verdade, devemos acrescentar uma cláusula adicional: “E para pessoas más fazerem coisas boas - isso exige religião”.¹³⁹ (DYSON, 2006, p.4, tradução nossa)

Como vimos, mesmo escritores que têm um longo histórico em defesa do ateísmo discordam da forma de ação antirreligiosa que vem sendo utilizada pelo movimento neoateísta. Outro filósofo ateu, Julian Baggini, autor do livro “Uma Breve Introdução ao Ateísmo” (2003), publicou em 2009 um artigo intitulado “O Movimento do Neoateísmo é Destrutivo” (*The New*

¹³⁹ Texto original Dyson (2006): “*The third and last section of Dennett’s book describes his view of religion in the modern world. In a long chapter entitled “Morality and Religion,” he blames religion for many of the worst evils of our century. He blames not only the minority of murderous fanatics whose religion impels them to acts of terrorism, but also the majority of peaceful and moderate believers who do not publicly condemn the actions of the fanatics. This is a serious problem, whether one is dealing with Irish Catholic fanatics in Belfast or with Muslim fanatics in Britain and Spain. He quotes with approval the famous remark of the physicist Stephen Weinberg: “Good people will do good things, and bad people will do bad things. But for good people to do bad things—that takes religion.” Weinberg’s statement is true as far as it goes, but it is not the whole truth. To make it the whole truth, we must add an additional clause: “And for bad people to do good things—that takes religion”.*”

Atheist Movement is Destructive). Nesse texto, Baggini faz uma série de críticas ao novo ateísmo e destaca que aquilo que os autores neoteus verdadeiramente buscam é apresentar a religião como uma inimiga que deve ser combatida. Segundo Baggini:

O novo ateísmo é caracterizado por seus ataques à religião. “Existe um caminho lógico da fé religiosa para as más ações”, escreveu Richard Dawkins, de forma bastante típica, citando aprovadamente Stephen Weinberg, que disse: “para que pessoas boas façam coisas más, é preciso religião”. Hitchens chega ao ponto de dizer explicitamente que “não sou nem ateu, mas antiteísta”. Este antiteísmo é para mim um retrocesso. Reforça aquilo que acredito ser um mito, de que um ateu sem um bispo para bater é como um peixe sem água. Pior, levanta a possibilidade de que, de fato, para muitos ateus, eles realmente precisem de um inimigo para lhes dar sua identidade. [...] Para mim, as raízes do ateísmo estão em uma avaliação sóbria e modesta de onde a razão e a evidência nos levam. Isso significa que o verdadeiro inimigo não é a religião como tal, mas qualquer tipo de sistema de crença que não respeite esses limites do nosso pensamento. [...] Mas se demonizarmos todas as religiões, tais coalizões do razoável não são possíveis. Em vez disso, é provável que vejamos crentes religiosos moderados se juntarem aos fundamentalistas, os inimigos de seus inimigos, para resistir ao que eles veem como uma tentativa de acabar com todas as formas de crença religiosa.¹⁴⁰ (BAGGINI, 2009, p.1, tradução nossa)

A união dessas duas estratégias – de se autointitular *brights* e de remodelar a imagem dos religiosos como ignorantes radicais – será o dualismo incansavelmente reforçado nos discursos dos quatro cavaleiros do ateísmo. Dessa dicotomia emergiram outras narrativas que ganharam e continuam ganhando capilaridade social em vários países, a saber: a suposta correlação entre ateísmo e inteligência; a visão de que a religião atrapalha o desenvolvimento da ciência; o discurso de que a religião produz violência e ameaça a existência humana; e a hipótese de que o mundo sem religião será melhor.

¹⁴⁰ Texto original (BAGGINI, 2009): “*The new atheism is characterised by its attacks on religion. “There is a logical path from religious faith to evil deeds,” wrote Richard Dawkins, quite typically, quoting approvingly Stephen Weinberg, who said, “for good people to do evil things, it takes religion.” Hitchens goes so far as to explicitly say that “I am not even an atheist so much as I am an antitheist”. This antitheism is for me a backwards step. It reinforces what I believe is a myth, that an atheist without a bishop to bash is like a fish without water. Worse, it raises the possibility that as a matter of fact, for many atheists, they do indeed need an enemy to give them their identity [...] For me, atheism’s roots are in a sober and modest assessment of where reason and evidence lead us. That means the real enemy is not religion as such, but any kind of system of belief that does not respect these limits on our thinking. [...] But if we demonise all religion, such coalitions of the reasonable are not possible. Instead, we are likely to see moderate religious believers join ranks with fundamentalists, the enemies of their enemy, to resist what they see as an attempt to wipe out all forms of religious belief.*”

2.3 O Fundamentalismo Ateu

Análise do Termo para o Ateísmo

A palavra “fundamentalismo” deriva da palavra latina *fundus*, que significa a parte de baixo, o alicerce. Um fundamentalista é alguém que tem uma convicção tão forte em sua visão de mundo que fundamenta todo seu modo de viver e pensar sobre ela. O fundamentalista também acredita que essa visão é a única que deve existir, não só para ele, mas também para todo o restante da humanidade. Descrito dessa forma, é natural que a primeira imagem que nos venha à cabeça é a de um religioso, alguém que seria capaz de dar a própria vida e de tirar outras para defender pontos de vista teológicos. Este, inclusive, parece ser o tipo de religioso predileto de Harris, uma vez que recorrentemente traz imagens desse tipo para descrever a religião:

Quando você tem uma ideologia que te faz acreditar que não importa o quão ruins as coisas sejam, elas são boas, isso é assustador. Um homem-bomba que se explode no meio de uma multidão acredita que está indo para o paraíso. Ele também acredita que todas as pessoas boas que ele está explodindo também irão para o paraíso e que agradecerão a ele, e todas as pessoas más irão para o inferno, aonde pertencem. Portanto, é realmente impossível explodir as pessoas erradas. É a visão de mundo mais incrível e, ainda – se você acredita nas premissas da religião –, totalmente lógica. É claramente objeto de crença por um número significativo de pessoas, porque aparentemente temos um suprimento infinito de homens-bomba no mundo muçulmano.¹⁴¹ (HARRIS apud DON, 2011, p.1, tradução nossa)

No entanto, atitudes fundamentalistas podem ser observadas em muitos outros campos sociais além da religião. Comportamentos extremistas podem ser identificados em uma série de situações sociais, sendo possível perceber que palavras e ações radicalizadas de grupos e indivíduos não religiosos, em sua essência, não são muito diferentes daquelas que são atribuídas às pessoas com motivação religiosa. Sobre isso, o neurocirurgião Fernando Gomes explica que:

¹⁴¹ Texto original Don (2011): “A suicide bomber who blows himself up in a crowd of people believes that he’s going to paradise. He also believes that all the good people he’s blowing up are also going to go to paradise and that they’ll thank him, and all the bad people are going to hell, where they belong. So it’s actually impossible to blow up the wrong people. It’s the most amazing and yet — if you believe the premises of the religion — totally logical worldview. It’s clearly believed by some significant number of people, because we apparently have an endless supply of suicide bombers in the Muslim world. When you have an ideology that makes you believe that no matter how bad things are, they’re actually good, that’s scary.”

Existe uma parte do cérebro onde nossa consciência existe e transita, os lobos frontais. Existem diversas habilidades mentais relacionadas a essa região, uma delas é o controle inibitório. Em uma pessoa fanática ou que tenha tendência ao fanatismo muito grande, a pessoa sabe o que é “certo” ou “errado”, mas, quando tem um comportamento puxando para um lado só, com uma certeza muito grande e sem freio, é preocupante... A gente vê isso na política, na religião, no futebol. Num caso como esse (nos EUA), o ambiente, a circunstância e tudo o que foi oferecido influencia muito mais que a tendência genética. Não é que a pessoa tenha uma agressividade embutida, pessoas são alimentadas com esse tipo de validação de comportamento e acaba estimulando. Quando outras pessoas, parceiros ou pessoas próximas validam ou acrescentam um ato, aquilo faz sentido.¹⁴² (GOMES apud CNN, 2021, p.1)

Nesse sentido, poderíamos nos perguntar: um ateu militante, alguém que rejeita qualquer forma de existência além da matéria, poderia ser compreendido como um fundamentalista? Para responder a essa pergunta é preciso lembrar que nem só de religião vive o homem. Ele também está inserido em uma série de outras relações sociais que moldam sua cosmovisão e seu comportamento. Por exemplo, no Brasil, três fundamentalistas políticos foram presos em 24 de dezembro porque planejavam executar um atentado com bomba perto do aeroporto de Brasília. O objetivo era impedir a posse do presidente eleito e estabelecer um regime ditatorial com o antigo presidente no poder. Mas o que parecia ser uma atitude isolada de um pequeno grupo, mostrou-se muito mais abrangente quando, em 8 de janeiro, milhares de pessoas invadiram e destruíram as sedes dos três poderes da República. Para Nall:

O fundamentalismo não é um fenômeno limitado às comunidades religiosas. De fato, assim como existem fundamentalistas no cristianismo e no islamismo, uma doutrina fundamentalista está se desenvolvendo entre um segmento da população atea. Como um defensor da paz e do pluralismo liberal, o ateísmo fundamentalista é particularmente preocupante na medida em que defende a intolerância às crenças religiosas e chegou ao ponto de apoiar uma intervenção militar imoral e agressiva contra os muçulmanos. (NALL, 2008, p.263, tradução nossa)¹⁴³

É por reconhecer a existência de várias outras formas de fanatismo além do religioso que fontes de pesquisa como o dicionário Houaiss, acrescentaram outros significados depois da associação com ações religiosas. Segundo o Houaiss, por “derivação e extensão de sentido”, fanatismo também pode significar: “qualquer corrente, movimento ou atitude, de cunho conservador e integrista, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios

¹⁴² Neste comentário específico o dr. Fernando Gomes está se referindo ao ataque ao Capitólio, em Washington, DC (EUA) no dia 06 de janeiro de 2021.

¹⁴³ Texto original Nall (2008): “*The fundamentalism is not a phenomenon limited to religious communities. Indeed, just as fundamentalists exist in Christianity and Islam, a fundamentalist doctrine is developing among a segment of the atheist population. As both an advocate of peace and liberal-pluralism, fundamentalist atheism is particularly troubling in that it advocates intolerance for religious belief and has even gone so far as to support immoral, aggressive military intervention against Muslims.*”

básicos; integrismo”. (HOUAISS, 2009) O já citado filósofo e teólogo Paine, publicou em 2010 o artigo “Fundamentalismo Ateu Contra Fundamentalismo Religioso”, onde no próprio título ele deixa claro que acredita haver uma característica efetivamente radical no movimento do neoateísmo. Paine afirma que:

Atitudes ateias e agnósticas, apoiando-se nos resultados da ciência – mas que se proclamam além dos limites de competência das próprias ciências, e ousam pronunciamentos filosóficos, até metafísicos, sobre assuntos que, metodologicamente, jazem fora do seu campo de pesquisa – não são menos suscetíveis da degeneração do discurso e geração de antagonismos desnecessários. Não são menos fundamentalistas. (PAINE, 2010, p.25)

Se pensarmos no ateísmo como uma visão de mundo alternativa às religiões podemos perceber porque alguns ateus mais radicais passam a enxergar a religião como uma doutrina rival, que precisa ser eliminada. Nesse sentido, a postura que será incentivada pelos líderes do movimento neoateísta será a de confronto sistêmico, nunca de entendimento entre pontos de vista destoantes. E nessa “guerra”, o lado antirreligioso sente-se autorizado a tomar atitudes tão radicais quanto aquelas tomadas pelos radicais que eles combatem. Madeleine Bunting, tecendo comentários sobre o livro “Carta a uma nação cristã” de Harris, traz o seguinte exemplo:

Tudo se transforma em algo muito mais sinistro no último livro de Harris. Ele sugere que os estados islâmicos podem ser politicamente irreformáveis porque muitos muçulmanos são “totalmente perturbados por sua fé religiosa”. Em outra passagem, Harris vai ainda mais longe e chega a uma conclusão perturbadora de que “algumas proposições são tão perigosas que pode até ser ético matar pessoas por acreditar nelas”. Isso soa exatamente como o tipo de argumento apresentado por aqueles que dirigiam a Inquisição. Como disse um comentarista de Nova York, estamos familiarizados com a intolerância religiosa, agora temos que reconhecer a intolerância irreligiosa.¹⁴⁴ (BUNTING, 2007, p.1, tradução nossa)

Dawkins também não fica atrás. Além de atacar os religiosos moderados, ele chega a declarar que os cientistas que promovem uma relação harmoniosa entre a ciência e a religião entrarão para a história como o primeiro ministro britânico Neville Chamberlain (1869-1940), que tentou fazer acordos e negociar com Adolf Hitler (1889-1945). (DAWKINS, 2007, p.188)

Assim, o ateu é incentivado a se colocar numa postura de crença inquestionável no materialismo, ao mesmo tempo em que precisa convencer os outros de que qualquer postura

¹⁴⁴ Texto original Bunting (2007): “It tips over into something much more sinister in Harris's latest book. He suggests that Islamic states may be politically unreformable because so many Muslims are “utterly deranged by their religious faith”. In another passage Harris goes even further, and reaches a disturbing conclusion that “some propositions are so dangerous that it may even be ethical to kill people for believing them”. This sounds like exactly the kind of argument put forward by those who ran the Inquisition. As one New York commentator put it, we're familiar with religious intolerance, now we have to recognise irreligious intolerance.’

antagônica a isso está errada, é nociva e precisa ser extirpada. Nall, em seu artigo, coloca como subtítulo de uma das sessões a sentença “Ateísmo Fundamentalista e sua Ideologia Apocalíptica”. Esse autor afirma que:

Os ateus fundamentalistas desenvolveram a crença apocalíptica de que a paz mundial não pode ocorrer enquanto a religião, a raiz do mal da humanidade, nesta visão, não for primeiro erradicada. Finalmente, os ateus fundamentalistas prescrevem a intolerância intelectual em relação ao pensamento e à crença religiosa. De fato, alguns ateus fundamentalistas pediram uma guerra real contra o Islã e, mais especificamente, um ataque ao Irã. [...] O ateísmo fundamentalista concentra-se nas formas mais extremas de crenças e comportamento, exaltando a religião fundamentalista como o pináculo da crença verdadeira. Isso é feito para ajustar os fatos a uma tese grosseiramente simplificada: que a religião é a raiz do mal humano e o ateísmo é o único salvador viável da humanidade. Esta conclusão é a base para o argumento do ateísmo fundamentalista de que se deve renunciar ao antigo princípio da tolerância liberal da crença religiosa. Ao fazer isso, o ateísmo fundamentalista exibe uma visão apocalíptica que normalmente associamos ao fundamentalismo religioso.¹⁴⁵ (NALL, 2008, p.266,272, tradução nossa)

Portanto, usar o termo fundamentalista para um adepto da crença ateísta não é uma impossibilidade técnica nem teórica, uma vez que, claramente, tal postura não é exclusiva de religiosos. E essa constatação não é tão absurda assim quando olhamos para a história da humanidade e, mais especificamente, para os exemplos que foram deixados por líderes ateus totalitários como, por exemplo, Mao Tsé-Tung (1893-1976) na China e Josef Stalin (1878-1953) na União Soviética. (REIS, 2021)

No entanto, muitos divulgadores populares do novo ateísmo sempre buscam exorcizar ou fantasmas desses ditadores ateus usando o discurso de que toda guerra e toda matança em larga escala que já foi cometida pelos seres humanos aconteceu por questões religiosas. E essa também é uma parte relevantemente perigosa da narrativa do novo ateísmo.

Mas, o que queremos destacar aqui é o fato dos quatro cavaleiros do ateísmo, assim como grande parte dos “divulgadores científicos” ateus da atualidade, estabelecerem uma relação de causalidade necessária e suficiente entre a religião e uma série de males que afligem a humanidade, e entre os mais citados estão as guerras. Inclusive, sistematicamente tentam

¹⁴⁵ Texto original Nall (2008): “*Fundamentalist atheists developed the apocalyptic belief that world peace cannot occur so long as religion, the root of human evil in this view, is not first eradicated. Finally, fundamentalist atheists prescribe intellectual intolerance toward religious thought and belief. Indeed, some fundamentalist atheists have called for an actual war on Islam and, more specifically, an attack on Iran. [...] Fundamentalist atheism concentrates on the most extreme forms of beliefs and behavior, exalting fundamentalist religion as the pinnacle of true belief. This is done to fit the facts to a grossly simplified thesis: that religion is the root of human evil and atheism is humanity’s only viable savior. This conclusion is the basis for fundamentalist atheism’s argument that the long-standing principle of liberal tolerance of religious belief must be renounced. In doing so, fundamentalist atheism exhibits an apocalyptic vision that we normally associate with religious fundamentalism.*”

associar, de alguma forma, a religião a ditadores ateus, que fundaram e dirigiram regimes antirreligiosos. Isso parece uma contradição, e sim, o é.

Porém, importa-nos agora entender que, para os neoateus, é o sistema religioso de crenças que provoca e faz perdurar toda espécie de conflito armado a longo prazo. Obviamente isso é uma falácia, pois a humanidade já travou guerras por uma série de motivos ao longo da história: riquezas minerais, comida, ofensas pessoais, conquistas de território, assassinatos de líderes ou familiares deles, e até por disputas amorosas. Sendo que, na imensa maioria das vezes não são motivos isolados, mas um conjunto de elementos que fazem nações entrarem em conflitos contra outras nações. Vejamos o exemplo mais recente, a guerra que Putin lançou contra a Ucrânia. A religião, em nenhum momento, foi citada dentre as muitas mentiras contadas pelo governo russo para justificar a invasão do território ucraniano – ainda que a Igreja Ortodoxa Russa seja parte importante da ditadura comanda por Putin. De acordo com Paine:

Já a própria vida é perigosa, e amor, dedicação de qualquer tipo, entusiasmo por qualquer ideal, podem igualmente provocar exageros, militância, violência, crueldade, e até terrorismo. Aliás, em termos de milhões de vítimas de crueldade e opressão, o século XX provavelmente não foi superado por nenhum século anterior. E não é segredo que os *gulags*, os genocídios e os campos de concentração não foram fundados em nome de uma igreja. Mas, em um contexto ainda mais imediato, quanta guerra, mentira e tristeza humana foram provocadas pelo amor entre os dois sexos, ou por ambições territoriais? Admitimos isso sem hesitação, mas não culpamos o amor, nem a necessidade de terreno para viver, mas excessos, abusos e desvios. Quando a ciência foi usada pelos nazis para fazer experimentações desumanas com crianças com deficiências mentais, os cientistas dirão – e dirão com acerto – que não é a ciência que deveríamos culpar, mas o abuso dela. (PAINE, 2010, p.23)

A percepção de fundamentalismo no discurso dos novos ateus é tão forte, que na pesquisa feita com cientistas britânicos sobre a imagem pública da ciência, a crítica comum era a de que Dawkins era muito exagerado em suas críticas antirreligiosas. Alguns dos entrevistados se referiram a ele como um “ateu fundamentalista” que “se sente compelido a levar as evidências muito além do que outros cientistas considerariam possível”.¹⁴⁶ (GRIFFIN, 2016, p.1, tradução nossa) Johnson ainda observa que:

A noção de que Dawkins é um “ateu fundamentalista” reflete uma segunda e mais comum afirmação de que Dawkins transmite publicamente uma impressão imprecisa dos cientistas. Um sentimento, captado pela ênfase no fundamentalismo, é que Dawkins – como um representante simbólico da

¹⁴⁶ Texto original Griffin (2016): “*Him as fundamental atheist*”; “*He feels compelled to take the evidence way beyond that which other scientists would regard as possible*”.

comunidade – dá a impressão de que os cientistas são dogmáticos em vez de abertos.¹⁴⁷ (JOHNSON, 2016, p.7, tradução nossa)

Por fim, até mesmo o uso do fundamentalismo religioso para atacar as religiões pode carregar consigo elementos extremistas, na medida em que se argumenta que a existência do fundamentalismo religioso já é motivo suficiente para que as religiões deixem de existir. Um exemplo bem representativo desse tipo de discurso radicalizado aconteceu quando Harris recebeu a seguinte pergunta durante uma entrevista: “Você acredita que haverá um tempo em que a religião desaparecerá?” Ele respondeu:

Sim, acho que deve haver. É difícil imaginar que daqui a 500 anos estaremos vivendo felizes lado a lado, devotos muçulmanos e devotos cristãos armados com uma tecnologia inimaginavelmente destrutiva. Nossa tecnologia já está se tornando tão destrutiva e proliferando tão rapidamente que acho que é cada vez mais óbvio que não há futuro em que aspirantes a mártires serão bons vizinhos para nós.¹⁴⁸ (HARRIS, 2007, p.1, tradução nossa)

Podemos assim concluir que o termo “fundamentalista” é perfeitamente aplicável também àqueles que não professam nenhum tipo de crença em entidades sobrenaturais, e isso inclui os quatro cavaleiros do ateísmo. No entanto, o discurso radical dos novos ateus ainda precisa de mais elementos para conseguir angariar apoio à sua cruzada antirreligiosa. Assim sendo, é preciso que as pessoas passem a imaginar que o simples fato de uma religião existir já é por si só uma ameaça.

Religião como Ameaça

Após os ataques às Torres Gêmeas nos EUA, em 2001, uma onda antirreligiosa se formou e foi sendo sistematicamente alimentada por escritores militantes do ateísmo, que passaram a difundir a ideia radical de que todas as religiões são maléficas. Em suas obras, o leitor termina com a sensação de que cada templo religioso, seja ele qual for, é um celeiro de fundamentalistas que passam dia e noite elaborando formas de destruir a vida secular ocidental.

¹⁴⁷ Texto original Johnson (2016): “*The notion that Dawkins is a “fundamental atheist” reflects a second and more prevalent assertion that Dawkins publicly conveys an inaccurate impression of scientists. One sentiment, captured by the emphasis on fundamentalism, is that Dawkins—as a symbolic representative of the community—gives the impression that scientists are dogmatic rather than open.*”

¹⁴⁸ Texto original Harris (2007): “*Yeah, I think that there must be. It’s hard to imagine that 500 years from now we are going to be happily living side by side, devout Muslims and devout Christians armed with unimaginably destructive technology. Already our technology is getting so destructive and is proliferating so readily that I think it is increasingly obvious that there’s no future where aspiring martyrs are going to make good neighbors for us.*”

Assumindo a premissa de que a religião é uma fonte ininterrupta de mazelas, os líderes do neoteísmo passaram a proferir repetidamente o discurso de que a religião pode ser um risco à própria existência da humanidade. Por exemplo, Hitchens escreve o seguinte no capítulo intitulado “Religião Mata”:

Visto que a Religião tem provado que ela é unicamente delinquente. [...] podemos concluir que ela não é apenas amoral, mas também imoral [...] A Religião envenena tudo. Além de ser uma ameaça para a civilização, ela é uma ameaça à sobrevivência da própria espécie humana. (HITCHENS, 2007, p.10-20)

Koslowski e Santos fizeram a seguinte análise sobre os pontos que foram apresentados até este momento, mas abordando a obra de outro cavaleiro do neoteísmo. Dizem eles:

O livro de Sam Harris, “A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão” (2004) é a obra ateuísta principal de Harris e a primeira associada ao neoteísmo. Reforçando, o contexto da obra é uma reação aos acontecimentos do ataque ao World Trade Center em 2001. O livro consta de sete capítulos. Os dois primeiros estão centrados na questão da crença e de sua natureza, e são os capítulos mais importantes; todos os demais estão principalmente focados em elucidar e explicar a ideia central de que a fé religiosa é um mal que deve ser extirpado, pois “é a fé que mantém em pé todo esse terrível edifício da certeza religiosa que tão perigosamente ameaça o nosso mundo”. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.435)

Esse discurso de apresentar a religião como um perigo iminente, mostrou-se tão radical e excludente que recebeu críticas até mesmo por parte de outros cétricos e divulgadores do ateísmo, como é o caso de Michael Ruse e Julian Baggini. Mas essa parece ser uma narrativa consolidada dentro do movimento neoteuista, até porque, como dissemos antes, apresentar a religião como um ameaça faz parte de uma estratégia de discurso muito maior, que tem por objetivo apresentar o fim das religiões como resposta. De acordo com Barbosa e Andrade:

A partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, diversos intelectuais norte-americanos publicaram livros *best-sellers*, afirmando que a religião, sobretudo na forma dos fundamentalismos dos três monoteísmos, constitui ameaça à sobrevivência das nossas sociedades e que a ciência constitui o único meio válido e possível de conhecimento. Diferentemente dos ateísmos anteriores, este movimento destaca-se pela afirmação do ateísmo como cosmovisão plausível e coerente para nossa era e por considerar que toda forma de fé ou crença em qualquer tipo de deidade é algo negativo em si mesmo, devendo, por conseguinte, ser eliminada do contexto social e educacional. [...] Segundo Arthur Bradley e Andrew Tate, estudiosos do neoteísmo, o que une substantivamente os quatro atores neoteuista citados [Dawkins, Harris, Hitchens e Dennett] é a convicção de que a fé religiosa não é apenas irracional, mas é também imoral e perigosa. (BARBOSA; ANDRADE; 2013, p.130)

É interessante notar que outra afirmação recorrente no discurso neoteuista é a de que os adeptos de uma determinada religião buscam erradicar todas as outras denominações religiosas

que não estão de acordo com suas crenças. Apesar de tal afirmação ser explicitamente falsa, ela é repetidamente utilizada para fundamentar o discurso de que as religiões são uma ameaça à existência humana. Sam Harris, em seu livro “Carta a Uma Nação Cristã” (2006), enfatiza a ideia de que toda a religião deve ser condenada como um mal a ser combatido, e acusa seus críticos de não concordarem com ele por serem religiosos. Segundo crê Harris: “Embora queiramos atribuir isso à natureza humana, é claro que tal ódio [contra o próprio Harris] recebe considerável apoio da Bíblia. Como eu sei disso? O mais perturbado de meus correspondentes sempre cita capítulo e versículo”. (HARRIS, 2006, p.07) Já Dennett parece estar preocupado em fazer outro alerta:

Se tivermos sorte – se a saúde e a segurança humanas continuarem a crescer e se espalhar pelo mundo – as igrejas podem evoluir para comunidades humanistas e clubes sociais, dedicados a boas obras, com cerimônias distintas e doutrinas em extinção, exceto por uma dispersão de seitas reclusas marcadas por algo como paranoia institucional. Se não tivermos sorte e ocorrer uma calamidade, nossa ansiedade e miséria fornecerão bastante combustível para reavivamentos e invenções de religiões, que aprendemos alegremente a viver sem.¹⁴⁹ (DENNETT, 2015, p.1, tradução nossa)

Por sua vez, Hitchens, em “Deus Não É Grande” (2007), apresenta um conjunto de argumentos psicossociológicos para levantar a hipótese de que a religião “espera a destruição do mundo”. (HITCHENS, 2007, p.56) Esse autor parece imaginar que todas as pessoas religiosas sofrem de algum tipo de transtorno freudiano que as leva a querer destruir todas as coisas por um simples capricho infantil, e a causa disso, logicamente, é a religião. Para Hitchens: “uma das muitas conexões entre a crença religiosa e a infância sinistra, mimada e egoísta de nossa espécie é o desejo reprimido de ver tudo destruído, arruinado e reduzido a nada”. (HITCHENS, 2007, p. 57). Dennett, por sua vez, já entende que esse suposto desejo pela destruição, que os religiosos teriam, provem da vontade de ver as profecias religiosas cumpridas. Segundo Charles Rubin:

Em uma seção que expõe os “memes tóxicos” da religião [em “Quebrando o Encanto”], Dennett expõe o problema das lealdades duplas: crentes religiosos que usam “a segurança de uma sociedade livre” para promover suas próprias agendas. “Existem alguns entre eles que estão trabalhando duro para ‘apressar o inevitável’, não apenas antecipando o Fim dos Dias com alegria em seus corações, mas tomando medidas políticas para criar as condições que eles acham que são pré-requisitos.... [Estas] pessoas não são nada engraçadas... elas colocam sua lealdade ao seu credo à frente de seu compromisso com a

¹⁴⁹ Texto original Dennett (2015): “*If we are lucky—if human health and security continue to rise and spread around the globe—churches might evolve into humanist communities and social clubs, dedicated to good works, with distinctive ceremonies and disappearing doctrine, except for a scattering of reclusive sects marked by something like institutional paranoia. If we are unlucky and calamity strikes, our anxiety and misery will provide plenty of fuel for revivals and inventions of religions we have happily learned to live without.*”

democracia, a paz, a justiça (terrena) – e a verdade. Se o empurrão chegar, alguns deles estão preparados para mentir e até para matar... Eles são uma franja lunática? Certamente estão perigosamente fora de contato com a realidade, mas é difícil saber quantos são.” Podemos não saber quantos são, mas Dennett tem uma lista de onze nomes, senadores e representantes que são membros da “Família” ou “*Fellowship Foundation*”, “uma organização cristã secreta que tem sido influente em Washington DC por décadas”, e “podem estar adotando políticas que são antitéticas àquelas da democracia que esses congressistas são eleitos para representar”. Confusamente, ele pede que esses “cristãos não fanáticos” exponham o movimento do Fim dos Tempos, conduzindo “uma investigação objetiva” sobre “a possível presença de adeptos fanáticos em posições de poder no governo e nas forças armadas”. Este é o melhor sofisma de Dennett, ou talvez um exemplo de seu próprio fanatismo antirreligioso. Ele quer que os membros “não fanáticos” de uma organização que ele teme ser fanática se investiguem.¹⁵⁰ (RUBIN, 2006, p.1, tradução nossa)

Harris ainda acrescenta mais um elemento ao conjunto de tragédias que podem se abater sobre a humanidade caso a religião (em especial o Islã) continue sendo tolerada, trata-se da ameaça à república. Diz ele: “Com poucas exceções, as únicas figuras públicas que tiveram a coragem de falar honestamente sobre a ameaça que o Islã hoje apresenta para a sociedade europeia parecem ser fascistas. Isso não é um bom prenúncio para o futuro da civilização”. (HARRIS, 2009, p.79). Richard Mohler explica que:

Harris representa a extrema esquerda do secularismo militante. Não mede palavras e escreve com uma agressividade de “não fazer prisioneiros”. [...] Enquanto a maioria dos americanos – mesmo aqueles da esquerda cultural – sugeriria algumas contribuições positivas atribuíveis à fé em Deus, Harris descarta todas as reivindicações de valor teísta. Este autor não pretende resistir ao extremismo religioso. Na visão de Harris, toda fé é extremismo. A fé em Deus – qualquer que seja sua forma – é o problema, ele insiste, e a liberdade religiosa é uma ameaça à própria República.¹⁵¹ (MOHLER, 2004, p.1, tradução nossa)

¹⁵⁰ Texto original Rubin (2006): “*In a section exposing the “Toxic Memes” of religion, Dennett trots out the problem of dual loyalties: religious believers who use “the security of a free society” to advance their own agendas. “There are some among them who are working hard to ‘hasten the inevitable,’ not merely anticipating the End Days with joy in their hearts but taking political action to bring about the conditions they think are prerequisites.... [T]hese people are not funny at all ... they put their allegiance to their creed ahead of their commitment to democracy, to peace, to (earthly) justice — and to truth. If push comes to shove, some of them are prepared to lie and even to kill.... Are they a lunatic fringe? They are certainly dangerously out of touch with reality, but it is hard to know how many they are.” We may not know how many there are, but Dennett has a list of eleven names, Senators and Representatives who are members of the “Family” or “Fellowship Foundation,” “a secretive Christian organization that has been influential in Washington, D.C. for decades,” and “may be pursuing policies that are antithetical to those of the democracy of which these congressmen are elected to represent.” Confusingly, he calls for these “nonfanatical Christians” to expose the End Times movement, conducting “an objective investigation” into “the possible presence of fanatical adherents in positions of power in the government and the military”. This is Dennett’s sophistry at its best, or perhaps an example of his own anti-religious fanaticism. He wants the “nonfanatical” members of an organization he fears is fanatical to investigate themselves.*”

¹⁵¹ Texto original Mohler (2004): “*Harris represents the hard left of militant secularism. He minces no words and writes with a “take no prisoners” aggressiveness. [...] While most Americans—even those on the cultural left—would suggest some positive contributions attributable to faith in God, Harris discards all claims of theistic value.*

Não é que homens como Hitchens, Harris e Dawkins ignorem as coisas boas que as mais diversas formas de religiosidade trouxeram para humanidade: caridade, esperança, amor, conforto, compreensão, abrigo, entendimento, firmeza, valores morais etc. E não é que tudo isso não tenha valor para os autores, mas a radicalidade desses quatro ateus militantes parece prevalecer, e, ao “colocar na balança”, eles escolhem concluir que a religião fez e faz muito mais mal do que bem. Como diz Hitchens após algumas breves considerações sobre aspectos positivos que poderiam ser encontrados na religião: “É inegável, todavia, que a religião tem trazido muito sofrimento à humanidade”. (HITCHENS, 2008, p.227) Ao analisar esse conjunto de argumentos radicais dos cavaleiros do ateísmo, Nall destaca que:

Nos últimos anos, surgiu uma nova geração de ateísmo que busca obliterar a religião. Difere, no entanto, do ateísmo mais convencional. [...] Além de reforçar o secularismo, particularmente os princípios de separação entre igreja e estado, valorização da verdade científica e respeito pelos direitos humanos fundamentais, alguns ateus percebem a religião como uma ameaça fundamental à civilização. Esse tipo de ateísmo pode ser descrito como ateísmo fundamentalista. [...] Por sua visão apocalíptica da religião ser baseada em um raciocínio falho, o ateísmo fundamentalista, embora seja uma resposta à religião fundamentalista, constitui um perigoso fracasso intelectual nas fileiras do ateísmo. De fato, o ateísmo fundamentalista resulta em um fanatismo ilógico que se opõe ao pluralismo e à tolerância.¹⁵² (NALL, 2008, p.264, tradução nossa)

Para fecharmos mais esse tópico é preciso lembrar de uma das estratégias que são usadas com frequência pelos membros do grupo, a de atacar os religiosos moderados como defensores dos religiosos fundamentalistas. Essa narrativa, quando combinada com o discurso de que as religiões são uma ameaça à espécie humana, pode ter um efeito poderoso na mente de quem a recebe. Dyson chama a atenção para o seguinte ponto:

Olhando para a religião de fora, Dennett chega à conclusão oposta. Ele vê as seitas religiosas extremas, que são criadouros de gangues de jovens terroristas e assassinos, com a massa de crentes comuns dando-lhes apoio moral ao não denunciá-los à polícia. Ele vê a religião como um incômodo atraente no sentido legal, ou seja, uma estrutura que atrai crianças e jovens e os expõe a ideias perigosas e tentações criminosas, como uma piscina sem cerca ou uma sala de armas destrancada. Minha opinião sobre religião e a de Dennett são igualmente verdadeiras e igualmente preconceituosas. Eu vejo a religião como

This author is not out to resist religious extremism. As Harris sees it, all faith is extremism. Faith in God—whatever its form—is the problem, he insists, and religious liberty is a threat to the Republic itself.”

¹⁵² Texto original Nall (2008): “*In recent years, a new breed of atheism has emerged which seeks to obliterate religion. It differs, however, from more mainstream atheism. [...] In addition to bolstering secularism, particularly principles of separation of church and state, appreciation of scientific truth, and respect for fundamental human rights, some atheists perceive religion as a fundamental threat to civilization. This kind of atheism can be described as fundamentalist atheism. [...] Because its apocalyptic view of religion is based on faulty reasoning, fundamentalist atheism, although a response to fundamentalist religion, constitutes a dangerous intellectual failure within the ranks of atheism. Indeed, fundamentalist atheism results in an illogical fanaticism that pits itself against pluralism and tolerance”.*

uma parte preciosa e antiga de nossa herança humana. Dennett a vê como um fardo de bagagem mental supérflua que devemos descartar com prazer.¹⁵³ (DYSON, 2006, p.5, tradução nossa)

Disseminando a Narrativa de Confronto

Neste capítulo, veremos como os líderes do neoateísmo disseminam ideias antirreligiosas simples, mas que têm uma repercussão social significativamente poderosa, no sentido de reforçar a narrativa de que a religião é um mal que precisa ser renegado e combatido. É preciso perceber que, mais do que simples influenciadores, os quatro cavaleiros do ateísmo ditaram grande parte dos discursos que circulam hoje no tema da relação entre ciência e religião.

No estudo já supracitado realizado pela Dra. Clarissa de Franco com mais de mil adolescentes que se autodeclararam adeptos do ateísmo, os resultados nos dão pistas claras de como o discurso de ódio à religião, propagado pelos líderes do movimento neoateísta, tem se cristalizado na mente das novas gerações. Por exemplo, uma das afirmações mais recorrentes do neoateísmo é a de que a religião tolhe o livre-arbítrio dos religiosos. Quando questionados se “As religiões em geral são uma fonte de limitação da vontade e do livre-arbítrio?” 57,1% indicaram concordar total ou parcialmente com essa afirmação, enquanto só 7,9% discordou. (FRANCO, 2014, p.160)

Entretanto, os escritores neoateístas optam por ignorar o fato de que essas relações de poder social que acontecem na religião, também aconteceram e acontecem em outros ambientes que não o religioso, como o familiar, o social, o acadêmico, o militar, o político e etc. Por exemplo, os ditadores ateus que citamos anteriormente não criaram estados laicos onde a vontade e o livre-arbítrio dos indivíduos foram plenamente respeitados. Ao contrário, os regimes totalitaristas ateus impuseram restrições e rígido controle das liberdades de pensamento, de manifestação e de ação.

¹⁵³ Texto original Dyson (2007): “Dennett, looking at religion from the outside, comes to the opposite conclusion. He sees the extreme religious sects that are breeding grounds for gangs of young terrorists and murderers, with the mass of ordinary believers giving them moral support by failing to turn them in to the police. He sees religion as an attractive nuisance in the legal sense, meaning a structure that attracts children and young people and exposes them to dangerous ideas and criminal temptations, like an unfenced swimming pool or an unlocked gun room. My view of religion and Dennett’s are equally true and equally prejudiced. I see religion as a precious and ancient part of our human heritage. Dennett sees it as a load of superfluous mental baggage which we should be glad to discard.”

Além disso, a extrapolação feita pelos neoateus é mais do que simples descuido analítico, ela é, na verdade, estratégica. O objetivo é utilizar algo que é real – a interferência dos dirigentes religiosos na vida dos adeptos – para embasar algo que não é real – a religião como limitante da vontade e do livre-arbítrio. E vai além, pois esse algo não real será utilizado para argumentar que a religião é intrinsecamente um mal e uma ameaça à sociedade. Por exemplo, na pesquisa de Franco, os adolescentes ateus foram questionados sobre a seguinte afirmação: “A religião é claramente um malefício para a sociedade, basta levarmos em conta o terrorismo, a intolerância e as guerras que ocorrem em nome dela”. E 33,4% dos 1022 adolescentes que participaram da pesquisa disseram concordar com essa afirmação, enquanto 48,1% optaram por se declarar “neutro/sem opinião”, e apenas 18,5% se posicionaram contrários a essa sentença. (FRANCO, 2014, p.164) Como bem analisou Franco:

Assim como na questão 10, aqui a porcentagem de sujeitos que preferiu a postura neutra é consideravelmente alta. Quase metade de amostra preferiu não opinar. Isso demonstra, ao contrário do que se previa, que os ateus da amostra não têm um posicionamento majoritário e explícito de colocar a religião no patamar de algo negativo e prejudicial, optando por uma postura mais neutra a esse respeito. A despeito dessa observação, há, entre os sujeitos gerais, mais pessoas inclinadas a concordar com a afirmação do que discordar, quase em uma proporção de 2 para 1. Nesse sentido, podemos compreender que a inclinação da amostra é manter-se neutra, com uma tendência de boa parte (um terço) a ver a religião como malefício. O grupo dos que veem a religião como malefício está fortemente concentrado no cluster 1, dos Super Ateus. Os Ateus Moderados e Discretos apresentaram mais respostas que indicam discordar do que endossar esta opinião. (FRANCO, 2014, p.164)

É possível argumentar que essa posição – de ver a religião como responsável por terrorismo, intolerância e guerras – não é exclusiva do movimento neoateísta. No entanto, o que objetivamos mostrar aqui é como o pensamento antirreligioso fundamentalista vem sendo trabalhado na mente de uma parcela muito significativa dos jovens. Parcela essa de ateus que está crescendo expressivamente em todos os países do mundo, inclusive no Brasil. (ECCO; FILHO, 2017, p.269)

Esse crescimento exponencial do ateísmo, em especial, entre os jovens, será explorado com mais detalhes no terceiro capítulo deste estudo. O objetivo agora é o de mostrar a influência direta dos líderes do neoateísmo na construção de uma mentalidade antagônica à religião e aos religiosos. E isso fica muito claro quando os jovens ateus são questionados a respeito de uma afirmação que está diretamente cunhada no título do livro mais famoso de Richard Dawkins, “Deus um delírio” (2007). Baseado nesta obra, Franco pergunta aos seus entrevistados o que eles pensam da afirmação de que: “A religião corresponde a um delírio coletivo”. Do total, 44%

disseram concordar, enquanto 34,8% se disseram neutros e 21,1% discordaram. No estudo de Franco, os ateus foram divididos em grupos (clusters) de pessoas que têm posições ateístas fracas, moderadas e fortes (que a autora chamou de “Super Ateus”). Segundo Franco:

Na visualização dos clusters, 73,8% dos Super Ateus endossa a afirmação [de que a religião é um delírio coletivo”. Seria o grupo dos Super Ateus um grupo de seguidores de Dawkins? O que está por trás dessa afirmação da religião como um delírio é a patologização da religião. Nesta perspectiva, religiosos seriam doentes mentais, pessoas com problemas em sua capacidade de análise e raciocínio. Entre ser ateu e afirmar que religioso é doente mental existe uma lacuna grande. A discussão refere-se a apresentar o caminho ateísta como mais legítimo do ponto de vista da escolha e da racionalidade que o religioso. Eis um posicionamento desta tese: se a religião é uma forma de crença e de visão de mundo, o ateísmo também pode ser visto desta forma. Se podemos afirmar que os religiosos sofrem influência de líderes e pensadores ou que são levados a este caminho por predisposições cognitivas que tornariam a religião um caminho “fácil”, é possível igualmente argumentar que tais afirmações também caberiam aos ateus. Se a religião parece aos não crentes irracional, falaciosa e fantasiosa, aos não-ateus, o ateísmo militante soa como hostil, radical e reducionista. [...] Nesse sentido, acreditamos que Dawkins privilegia o olhar para a religião como patologia. (FRANCO, 2014, p.169)

De fato, como vimos na primeira parte dessa tese, Dawkins realmente apresenta a fé religiosa como um tipo de patologia psíquica, quando escreve: “A fé não move montanhas. Mas é capaz de levar as pessoas a uma loucura tão perigosa que a fé me parece qualificar-se como uma espécie de doença mental”. (DAWKINS, 2007, p.330) E não apenas ele, pois lembremos que Harris também afirmou que: “Na verdade, é difícil imaginar um conjunto de crenças mais indicativo de doença mental do que o que se encontra no cerne de muitas de nossas tradições religiosas”. (HARRIS, 2009, p.82)

Ainda fazendo uso de metáforas patológicas, em “O Relojoeiro Cego” (2006), Dawkins apresenta a hipótese de que um Deus comum às três religiões abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo), com características pessoais e intervencionistas, é uma espécie de infecção viral cultural, que invadiu a mente das pessoas e se reproduziu em larga escala. (DAWKINS, 2006, p.101) Segundo Dawkins, aqueles que desejam salvar vidas humanas devem se preocupar mais com a natureza “maníaca” da religião do que com doenças pandêmicas. Para Dawkins:

Está na moda ser apocalíptico sobre a ameaça à humanidade representada pelo vírus da AIDS, doença da ‘vaca louca’ e muitos outros, mas acho que se pode argumentar que a fé é um dos maiores males do mundo, comparável ao vírus

da varíola, mas mais difícil de erradicar. (DAWKINS apud NALL, 2008, p.273, tradução nossa)¹⁵⁴

Ora, a simples sugestão de que a religião pode ser comparada a um vírus, já traz implícita a ideia de que a “patologia” precisa ser eliminada, antes que ela elimine o hospedeiro. Franco também demonstra ter captado esse discurso de Dawkins entre os jovens ateus, e propõe a seguinte afirmação para eles: “O pensamento religioso é propagado de modo similar ao de um vírus: vai infectando mentes e quem se beneficia com esse processo é a religião e não as pessoas”. Na sua pesquisa, 44,9% dos entrevistados disseram concordar com a sentença e 37,7% disseram-se neutros, enquanto apenas 17,4% discordaram. Os resultados da pesquisa da Dra. Franco indicam que as ideias fundamentalistas do movimento neoateísta têm sido largamente absorvidas pela nova geração. (FRANCO, 2024, p.176)

Contudo, consideramos importante registrar que a busca por pintar a religião com o máximo possível de tintas carregadas faz com que os neoateus ultrapassem em muito os limites da razoabilidade. Os argumentos chegam a ser ilógicos e burlescos, tanto que é até difícil crer que alguém possa encará-los com seriedade. Por exemplo, nos parece bastante improvável que qualquer pessoa seja capaz de acreditar que, se não existisse a religião, teríamos internet já no século XVII, como já o afirmou Harris. (HARRIS, 2009, p.124)

Não obstante, os novos ateus continuam repetindo e repetindo, *ad nauseam*, os argumentos antirreligiosos e antiteístas. A radicalidade que se pode identificar no discurso do novo ateísmo é tanta, que se busca até mesmo afirmar que a religião é essencialmente imoral, ou seja, no discurso neoateísta, ser religioso é ser imoral. Após analisar cuidadosamente o exemplo de Hitchens de que o reverendo Dr. Martin Luther King Jr (1929-1968) era mais um “humanista secular” do que um “cristão”, Nall faz as seguintes considerações:

Assim como os fundamentalistas religiosos assumem que não se pode ser ateu e ético ao mesmo tempo, em “*God is Not Great: How Religion Poisons Everything*” (2007), Christopher Hitchens apresenta o argumento falho de que não se pode ser cristão e ético ao mesmo tempo. A ironia, é claro, é que os ateus demonstraram com sucesso que não é preciso ser religioso para ser ético. De acordo com Hitchens, ninguém pode reivindicar legitimamente ser cristão se se comportar de maneira justa e equitativa [...] A suposição de Hitchens é que, se alguém não tem o desejo de oprimir ou agir com crueldade, não pode ser cristão. Tal raciocínio manipula o jogo em favor da posição dos ateus fundamentalistas desde o início. Se alguém é bom, é um humanista secular.

¹⁵⁴ Texto original Nall (2008): “*It is fashionable to wax apocalyptic about the threat to humanity posed by the AIDS virus, ‘mad cow’ disease, and many others, but I think a case can be made that faith is one of the world’s greatest evils, comparable to the smallpox virus but harder to eradicate*”.

Se alguém é mau, provavelmente é religioso de alguma forma.¹⁵⁵ (NALL, 2008, p.267, 268, tradução nossa)

É bom lembrar que tanto Hitchens quanto Dawkins defendem que ensinar religião para crianças é uma forma de abusar delas. Nesse sentido, defendem eles, isso deveria ser legalmente proibido de acontecer. E por mais despótica que essa proposição pareça ser, ela encontra um grande número de apoiadores entre os secularistas, agnósticos, ateus e antirreligiosos. Peter Hitchens, jornalista e irmão de Christopher, demonstrou sua preocupação com o tema:

Há um capítulo neste livro cujas implicações são sinistras. É o capítulo 16, que tenta sugerir que a religião é abuso infantil. Com base em tais argumentos, acompanhados por insistências semelhantes do professor Richard Dawkins, posso ver um movimento crescendo para proibir o ensino da fé às crianças. [...] Estamos no processo – encorajados por Christopher – de abolir a religião e, portanto, de abolir também a consciência.¹⁵⁶ (HITCHENS, 2007a, p.1, tradução nossa)

De forma bem sintética, com a análise que fizemos nesse subcapítulo podemos compreender que os quatro escritores do neoteísmo, que hora analisamos, não são apenas alguns poucos dentre muitos, mas sim, um grupo que ditou as bases da discussão que existe hoje. Ressaltando ainda que, apesar de a “revolução ateísta” não ter acontecido tão rapidamente como os cavaleiros esperavam, ela ainda não está morta, pois, como veremos mais à frente, o ateísmo não é uma força em declínio no mundo, e há fortes indícios de que a próxima geração já está sendo fortemente influenciada pelo pensamento extremista desses autores.

Conclusões

O estudo que fizemos até agora trouxe evidências de que uma das principais razões para o sucesso de vendas dos livros dos quatro cavaleiros do ateísmo é a radicalidade do seu discurso antirreligioso. Por exemplo, Harris e Dawkins, são os mais incisivos nas críticas à religião, e também proferem diversas ofensas diretas a Deus e a muitos religiosos. Parece-nos que esse

¹⁵⁵ Texto original Nall (2008): “*Just as religious fundamentalists assume one cannot both be an atheist and ethical, in God is Not Great: How Religion Poisons Everything (2007), Christopher Hitchens makes the flawed argument that one cannot be both Christian and ethical. The irony, of course, is that atheists have successfully shown that one does not need to be religious to be ethical. According to Hitchens, one cannot legitimately lay claim to being a Christian if one behaves in a just, equitable manner. [...] Hitchens’ assumption is that if one lacks a desire to oppress or act cruelly, one cannot be a Christian. Such reasoning rigs the game in favor of the fundamentalist atheists’ position from the start. If one is good, one is a secularhumanist.*”

¹⁵⁶ Texto original Hitchens (2007a): “*There is one chapter in this book whose implications are sinister. It is Chapter 16, which attempts to suggest that religion is child abuse. On the basis of such arguments, matched by similar urgings from Professor Richard Dawkins, I can see a movement growing to outlaw the teaching of faith to children. [...] We are in the process – encouraged by Christopher – of abolishing religion, and so of abolishing conscience, too.*”

tipo de expediente se mostrou muito eficaz para aumentar a venda de livros no mundo radicalizado que surgiu nesse início de século XXI, uma vez que eles têm um volume de vendas de suas obras muito mais elevado do que Hitchens e Dennett.

Mas, ao apresentar as religiões como violentas, nocivas, obsoletas, obscurantistas e imorais, e ainda alegar que elas colocam em risco a própria existência humana, parece haver evidências de que tal discurso tem o potencial de ser muito mais danoso do que um mero truque de marketing poderia ser. Para nós, esse discurso se assemelha muito mais à construção de uma mentalidade antirreligiosa que passa a fazer parte da cosmovisão de parte da população.

Tal perspectiva pode não trazer maiores reflexos atualmente, mas, no futuro, em duas ou três gerações, essa militância antirreligiosa pode vir a ser o alicerce para um discurso ainda mais violento e radical, que pregará a eliminação literal das religiões, com a proibição de toda forma de culto público. Aqui, não estamos afirmando que isso necessariamente ocorrerá, apenas projetando uma possibilidade do que é passível de acontecer, como fruto da radicalidade do discurso e da militância neoteísta. Nesse sentido, fechamos essa parte da análise com outra reflexão de Nall, que afirma:

O ateísmo fundamentalista, então, é uma forma de ateísmo explícito que define a religião como necessariamente anticientífica, motivadora da violência e avessa ao progresso. Assim, alimenta a crença apocalíptica de que a religião é uma, senão a maior, ameaça à civilização e, conseqüentemente, deve ser erradicada. O ateísmo fundamentalista marca um ponto de virada na história do movimento ateu porque busca ir além da rejeição ativa da crença em Deus. O ateísmo fundamentalista busca erradicar a religião e consagrar o ateísmo como a única posição respeitável sobre a questão da religião por três razões. Primeiro, a cruzada emergente é construída sobre uma falha intelectual em examinar com precisão a crença religiosa e uma avaliação de visão estreita, que vê a religião como o principal ímpeto para a violência no mundo. O ateísmo fundamentalista estereotipa a religião como inerentemente violenta e avessa ao debate crítico, ao desenvolvimento científico, à tolerância e ao avanço social. Em segundo lugar, tendo tratado as formas de religião mais extremas, dogmáticas, regressivas e fundamentalistas como o ideal e/ou eventual manifestação de toda crença religiosa, os ateus fundamentalistas desenvolveram a crença apocalíptica de que a paz mundial não pode ocorrer enquanto a religião, a raiz do mal da humanidade, nesta visão, não é primeiramente erradicada. Finalmente, os ateus fundamentalistas prescrevem a intolerância intelectual em relação ao pensamento e à crença religiosa. De fato, alguns ateus fundamentalistas pediram uma guerra real contra o Islã e, mais especificamente, um ataque ao Irã. Essas alegações, no entanto, são baseadas em uma análise restrita da variedade de crenças religiosas e da história da violência religiosa.¹⁵⁷ (NALL, 2008, p.266, tradução nossa)

¹⁵⁷ Texto original Nall (2008): *“Fundamentalist atheism then is a form of explicit atheism that defines religion as necessarily anti-science, a motivator of violence, and averse to progress. Thus it fuels the apocalyptic belief that religion is one, if not the greatest, threat to civilization, and, consequently, it must be eradicated. Fundamentalist atheism marks a turning point in the history of the atheist movement because it seeks to go beyond actively rejecting*

Por tudo isso, a principal implicação social do discurso dos novos ateus é o aumento da intolerância e da violência contra os religiosos por meio da difusão da ideia de que as religiões são ridículas, nocivas e representam um perigo e uma impossibilidade de paz social. Assim, aquilo que estudamos no primeiro e no segundo capítulos, a produção de espantalhos e a utilização deles como adversários religiosos em suas publicações, parece ser apenas parte de um objetivo maior no discurso do neoateísmo, o objetivo de eliminação da religião. Obviamente, dito dessa forma, os propósitos do novo ateísmo parecem ser claramente extremistas. Paradoxalmente, a Academia e a mídia parecem tratar o discurso fundamentalista antirreligioso do neoateísmo como algo natural e perfeitamente aceitável, sem que a recriminação aconteça na intensidade com que acontece, por exemplo, quando ocorrem casos de homofobia, de machismo e, até, de intolerância religiosa de uma religião para com outra.

Mas, se a erradicação das religiões for mesmo o propósito final dos novos ateus, seria necessário para tanto que eles dessem os passos seguintes, que seriam a produção e a divulgação de uma “teodiceia ateuista” e a conclamação pública para que novos “soldados” se alistem nessa “guerra” e lutem contra o inimigo da humanidade, que, para eles, é a religião.

belief in God. Fundamentalist atheism seeks to eradicate religion and anoint atheism as the only respectable position on the question of religion for three reasons. First, the emerging crusade is built upon an intellectual failure to accurately examine religious belief and a tunnel vision assessment that sees religion as the principal impetus for violence in the world. Fundamentalist atheism stereotypes religion as inherently violent, and averse to critical debate, scientific development, tolerance, and social advancement. Secondly, having treated the most extreme, dogmatic, regressive, and fundamentalist forms of religion as the ideal and/or eventual manifestation of all religious belief, fundamentalist atheists developed the apocalyptic belief that world peace cannot occur so long as religion, the root of human evil in this view, is not first eradicated. Finally, fundamentalist atheists prescribe intellectual intolerance toward religious thought and belief. Indeed, some fundamentalist atheists have called for an actual war on Islam and, more specifically, an attack on Iran. These claims, however, are based on a narrow analysis of the variety of religious beliefs and history of religious violence”.

Conclusões do 2º Capítulo

Neste segundo capítulo começamos nossa análise mostrando que os insultos proferidos pelos líderes do neoateísmo à religião e aos religiosos são muito mais do que uma simples estratégia de marketing. Tais ofensas objetivam desqualificar o oponente para atacá-lo com mais facilidade. E mostramos também que esse ataque dos radicais ateus à religião usa as armas do dualismo e do cientificismo como meio para qualificar o seu próprio discurso antirreligioso.

Os ateus militantes, com sua ilusão de superioridade intelectual, buscaram se diferenciar dos “ignorantes/religiosos” criando um título para si mesmos: *brights*. No entanto, essa nova identidade deve ser mais do que uma “mão de tinta” no velho ateísmo de sempre. Ser um *bright* é ser um guerreiro na batalha do esclarecimento da humanidade contra o obscurantismo religioso. Por isso, é essencial que vejamos essa autointitulação *bright* dentro de uma estratégia maior de ação.

Nesse mesmo sentido, nós também analisamos aquilo que chamamos de “espantalhos religiosos”, criados pelo movimento neoateísta. Ao colocar-se em um patamar superior de posição social e, ao mesmo tempo, fabricar espantalhos para serem escarnecidos, os neoateus preparam o terreno para radicalizar ainda mais suas propostas, deixando claros os seus objetivos. Como afirma Nall:

Pensadores como Dawkins, Harris e Hitchens criam uma religião que equivale a um monstruoso espantalho que eles então queimam na fogueira. No entanto, eles não fornecem evidências suficientes para acreditar que a religião é a raiz dos males da sociedade. A adoção pelos ateus fundamentalistas de uma mentalidade perigosamente apocalíptica, na qual eles acreditam que a paz não prevalecerá no mundo até que a religião seja aniquilada pela razão, baseia-se numa definição de religião que se apoia illogicamente nos exemplos mais fanáticos e fundamentalistas disponíveis.¹⁵⁸ (NALL, 2008, p.277, tradução nossa)

Vimos ainda que o “fundamentalismo” é um termo que pode ser usado para ações e cosmovisões muito além das religiosas. Como bem resumiram Barbosa e Andrade em sua análise sobre o tema: “Dado que este movimento [do neoateísmo] possui um discurso ético-político cujas estruturas discursivas assemelham-se às do fundamentalismo cristão, entendemos

¹⁵⁸ Texto original Nall (2008): “*Thinkers such as Dawkins, Harris, and Hitchens create a religion that amounts to a monstrous straw-man which they then burn at the stake. They do not, however, provide sufficient evidence to believe that religion is the root of society’s ills. Fundamentalist atheists’ adoption of a dangerously apocalyptic mindset, wherein they believe peace will not prevail in the world until religion has been annihilated by reason, is based on a definition of religion that illogically relies on the most fanatical and fundamentalist examples available*”.

que ele mesmo pode ser considerado uma espécie de fundamentalismo”. (BARBOSA; ANDRADE, 2013, p.150) O radicalismo no discurso dos líderes do novo ateísmo é tão explícito que nem mesmo eles conseguem negá-lo. O próprio Dawkins, por exemplo, reconhece que seu discurso é extremado, mas afirma que ele também é “inescapável”:

Uma vez escrevi que qualquer pessoa que acredita que o mundo tem apenas 6.000 anos é ignorante, estúpida, insana ou perversa. Agora isso soa agressivo, soa fundamentalista, soa fanático, mas se você realmente analisar, é inescapável”.¹⁵⁹ (DAWKINS apud HATTENSTONE, 2003, p.1, tradução nossa)

A constatação de que há, de fato, um forte viés fundamentalista no discurso do neoateísmo parece quase óbvia perante uma quantidade tão grande de declarações de dezenas de autores nesse sentido. O que trazemos então de novidade nessa tese, e que pode ser de relevante utilidade para pesquisas posteriores sobre essa temática, é uma análise desses elementos radicalizados, detalhando as estratégias retóricas, expondo a lógica sistematizada e bem elaborada de ação dos novos ateus em sua luta antirreligiosa, e em seu empenho para transmitir a visão de mundo, os valores e o compromisso de mudança para as novas gerações.

O fundamentalismo neoateísta, por necessitar de uma justificativa para pedir o fim das religiões, passou a reproduzir o discurso de que as religiões não só impedem a chegada de uma era de paz mundial, como também são em si mesmas uma ameaça à existência humana. E é exatamente por isso que ela precisa ser eliminada. Dessa forma, as religiões são transformadas em uma espécie de doença que precisa ser curada antes que a humanidade pereça. No fundo, o que se quer é transmitir uma mensagem alarmista de “ou tudo, ou nada”. Harris traz um bom exemplo de como isso é feito. Segundo ele:

Todas as nações civilizadas devem se unir na condenação de uma teologia que agora ameaça desestabilizar grande parte da Terra. Aos muçulmanos moderados, onde quer que estejam, devem ser dadas todas as ferramentas necessárias para vencer uma guerra de ideias com seus correligionários. Caso contrário, teremos que vencer algumas guerras terríveis no futuro. É hora de percebermos que o fim do jogo para a civilização não é o politicamente correto. Não é respeito pelas abjetas certezas religiosas da turba. É a razão.¹⁶⁰ (HARRIS, 2006a, p.1, tradução nossa)

¹⁵⁹ Texto original Hattenstone (2003): “I once wrote that anybody who believes the world is only 6,000 years old is either ignorant, stupid, insane or wicked. Now, that sounds aggressive, that sounds fundamentalist, that sounds fanatical, but if you actually analyse it, it's inescapable.”

¹⁶⁰ Texto original Harris (2006a): “All civilized nations must unite in condemnation of a theology that now threatens to destabilize much of the Earth. Muslim moderates, wherever they are, must be given every tool necessary to win a war of ideas with their coreligionists. Otherwise, we will have to win some very terrible wars in the future. It is time we realized that the endgame for civilization is not political correctness. It is not respect for the abject religious certainties of the mob. It is reason”.

Capítulo 3 – Um Paraíso Sem Deus

A teodiceia ateuista e a proposta de diferenciação depreciativa pela inteligência

“Uma coisa é deplorar a eugenia por motivos ideológicos, políticos e morais. Outra bem diferente é concluir que não funcionaria na prática. Claro que sim. [...] Assim como criamos vacas para produzir mais leite, poderíamos criar humanos para correr mais rápido ou saltar mais alto. Mas o céu proíbe que o façamos”.

Richard Dawkins

Introdução

Após conhecermos melhor a biografia e a bibliografia de cada um dos quatro cavaleiros do ateísmo, e após entendermos as características fundamentalistas implícitas no discurso dessas lideranças, queremos responder a uma pergunta que ficou em aberto ainda na primeira parte de nosso estudo, quando analisamos a teodiceia proposta pelo neoateísmo. Assim, reservamos a parte final dessa pesquisa para respondermos a seguinte questão: um mundo sem religião é um mundo melhor? A resposta para essa pergunta virá com vários exemplos históricos de Estados oficialmente ateístas que tentaram acabar com qualquer forma de manifestação pública de religião. Faremos uma análise das principais consequências sociais provocadas por esses regimes antirreligiosos.

Como dito antes, na teodiceia dos ateus a ocorrência de uma série de atitudes nocivas que guardam algum tipo de relação com a religião é usada como uma justificativa para a necessidade de erradicar todas as religiões. Nesse sentido, praticamente todos os maiores nomes do neoateísmo no mundo insistem no discurso de que o fim da religião seria a panaceia universal. Segundo essa visão, apenas depois que a assepsia religiosa for feita, será possível chegarmos a uma era de paz e progresso para a humanidade.

Mas, será que, de fato, um mundo sem religião é um mundo de paz, harmonia e felicidade, como prometem os novos ateus? Antes mesmo de responder a essa pergunta, um leitor mais atento poderia se perguntar por que o novo ateísmo alega que é necessário eliminar a religião como um todo, se as atitudes radicais se restringem a um número ínfimo de pessoas fundamentalistas? Ora, qualquer reflexão razoável – baseada em valores como a tolerância, a democracia e o respeito à diversidade das expressões humanas – chega à conclusão de que não seria necessário eliminar todas as religiões, mas sim monitorar e restringir a divulgação de

discursos intransigentes e violentos, punindo severamente qualquer tentativa de ato extremado que seja praticada por um religioso radical. Tratar-se-ia de uma solução simples e perfeitamente racional. Mas, é por essa razão, que o novo ateísmo também divulga a ideia de que todo religioso, mesmo aqueles que são moderados, é um potencial fundamentalista e pode, em algum momento, cometer atos extremistas em razão de suas crenças. Por exemplo, em 2005, Dr. Timothy Shortell, um combativo militante do neoteísmo nos EUA, amigo pessoal e admirador de Dawkins, assumiu a presidência do Departamento de Sociologia do *Brooklyn College*. Pouco tempo depois, Shortell publicou um artigo intitulado “Religião e moralidade: uma contradição explicada” (*Religion and morality: a contradiction explained*), onde ele faz as seguintes afirmações:

No nível pessoal, a religiosidade é meramente irritante – como o mau gosto. Essa imaturidade, no entanto, representa um problema social significativo, porque os adeptos religiosos falham em reconhecer suas limitações. Então, em nome de sua fé, esses retardados morais estão andando por aí apontando o dedo e fazendo mal real aos outros. Basta ler o jornal para ver o resultado de seu trabalho. Eles discriminam, excluem e menosprezam. Eles fazem da mente fechada e da ignorância virulenta uma virtude. Eles são um bando feio e violento. Aqui, novamente, o leitor moderado pode fazer soar uma nota de cautela. “Eles não são todos assim”, ele pode dizer. Não, não são todos assim. Mas esta não é a questão. Nem todos os racistas se envolvem em linchamentos. Leva apenas alguns. Logo, você tem uma multidão e alguém acaba morto. [...] A maioria dos crentes convenientemente esquece quanto sangue há em suas mãos, historicamente falando. Não se deixe enganar por tal amnésia. No coração de todo cristão há uma vozinha pregando farisaísmo, paranoia e ódio; a voz é mais alta dentro da cabeça dos fundamentalistas, claro, mas está lá na cabeça dos outros também. Pois deles é um deus vingativo. Aqueles que acreditam estar representando “o plano divino” são o tipo mais perigoso do mundo contemporâneo.¹⁶¹ (SHORTELL, 2005, p.1, tradução nossa).

Mas o que aconteceria se de fato os ateus alcançassem seu almejado intento, e um mundo sem religião fosse realmente alcançado? Alguém poderia dizer, corretamente, que nem todos os ateus querem eliminar as religiões. Mas no caso dos ateus, às vezes, basta que apenas um

¹⁶¹ Texto Shortell (2005): “*On a personal level, religiosity is merely annoying—like pop music or reality television. This immaturity represents a significant social problem, however, because religious adherents fail to recognize their limitations. So, in the name of their faith, these moral retards are running around pointing fingers and doing real harm to others. One only has to read the newspaper to see the results of their handiwork. They discriminate, exclude and belittle. They make a virtue of closed-mindedness and virulent ignorance. They are an ugly, violent lot. Here again, the temperate reader might sound a note of caution. “They are not all like that,” he might say. No, they are not all like that. But that is not the point. Not all racists engage in lynching, either. It only takes a few. Soon enough, you have a mob and someone ends up dead.[...] Most believers conveniently forget just how much blood is on their hands, historically speaking. Don’t be fooled by such amnesia. In the heart of every Christian is a tiny voice preaching self-righteousness, paranoia and hatred; the voice is louder inside the heads of the fundamentalists, of course, but it is there in the others’ heads too. For theirs is a vengeful god. Those who believe that they are acting out “the divine plan” are the most dangerous sort in the contemporary world. Make no mistake*”.

ateu extremista assuma o poder em um ambiente onde as instituições religiosas estejam enfraquecidas e a ameaça será real, tanto é que a história humana já registrou isso acontecendo em diversos momentos.

O que vamos estudar então é como esse discurso neoateísta de eliminação das religiões pode ser socialmente deletério quando chega a determinados níveis de poder. Assim, nos deteremos analisando alguns exemplos históricos de governantes ateus que implantaram políticas de Estado que tentaram eliminar as religiões em seus territórios. Com tudo isso, teremos argumentos para refletir se há razões para pensarmos se um mundo sem religião é, de fato, um mundo melhor.

3.1 A Teodiceia dos Novos Ateus

Imagine, junto com John Lennon, um mundo sem religião. Imagine o mundo sem ataques suicidas, sem o 11/9, sem o 7/7 londrino, sem as Cruzadas, sem caça às bruxas, sem a Conspiração da Pólvora, sem a partição da Índia, sem as guerras entre israelenses e palestinos, sem massacres sérvios/croatas/muçulmanos, sem a perseguição de judeus como “assassinos de Cristo”, sem os “problemas” da Irlanda do Norte, sem “assassinatos em nome da honra”, sem evangélicos televisivos de terno brilhante e cabelo bufante tirando dinheiro dos ingênuos (“Deus quer que você doe até doer”). Imagine o mundo sem o Talibã para explodir estátuas antigas, sem decapitações públicas de blasfemos, sem o açoite da pele feminina pelo crime de ter se mostrado em um centímetro. (DAWKINS, 2007, p.18,19)

Quando pensamos no conjunto de horrores que foi tão astutamente listado por Dawkins na citação acima, e imaginamos que eles poderiam não ter acontecido, somos imediatamente preenchidos por um sentimento de esperança de um mundo melhor. Um mundo onde a paz e o amor reinam entre os povos pela simples razão de não haver mais religião, e assim nenhum ser humano terá mais qualquer motivo para discussões, desavenças e assassinatos. Ao menos é isso que Dawkins e outros expoentes do neoateísmo quer que pensemos ao vislumbrar um mundo livre de religiões. Sean Mcelwee explica de forma simples a metodologia proposta pelo neoateísmo com essa abordagem:

A religião voltou a ser o “ópio do povo”. Mas desta vez, em vez de seduzir o proletariado a aceitar sua posição em uma sociedade capitalista, ele induz os ateus a acreditar que a abolição da religião traria a utopia. [...] O erro fundamental no dogma do “novo ateu” é de lógica. A premissa básica é algo assim: 1. A causa de todo sofrimento humano é a irracionalidade; 2. A religião é irracional; 3. A religião é a causa de todo sofrimento humano. O argumento do “novo ateísmo” dá muito, muito crédito à religião por sua capacidade de moldar instituições e moldar a política, cometendo o clássico erro lógico de *post hoc ergo propter hoc* – confundir uma causa com seu efeito.¹⁶² (MCELWEE, 2013, p.1, tradução nossa)

A narrativa dos neoateus é a de que a eliminação da religião levará à diminuição ou desaparecimento do gregarismo na espécie humana. O gregarismo é uma estratégia de autoproteção observada em diversos grupos do reino animal, que se agrupam em populações, de forma permanente ou temporária, objetivando a proteção dos indivíduos que compõem esses

¹⁶² Texto original Mcelwee (2013): “Religion has once again become the “opiate of the people.” [...] The fundamental error in the “New Atheist” dogma is one of logic. The basic premise is something like this: 1. The cause of all human suffering is irrationality; 2. Religion is irrational; 3. Religion is the cause of all human suffering. The “New Atheist” argument gives religion far, far too much credit for its ability to mold institutions and shape politics, committing the classic logical error of *post hoc ergo propter hoc* — mistaking a cause for its effect.”

grupos. Portanto, para os fundamentalistas do novo ateísmo, se a religião deixar de existir, então também deixarão de existir todas as barreiras que impedem a união de toda a humanidade. Em outras palavras, a paz mundial só será alcançada se não houver mais religiões dividindo os homens. Harris, inclusive, associa a necessidade de se construir uma “civilização global” com a premissa de ter que, antes, eliminar as religiões. Diz ele:

Acho que devemos formar uma civilização global. Nós não temos escolha. Temos uma economia global, temos um ambiente único, temos doenças infecciosas que se espalham a cada voo de avião. A questão é: como podemos criar uma civilização em que a maior proporção de pessoas possa prosperar e em que as causas da guerra se tornem memórias distantes? [...] Tem que haver uma maneira de fazer cumprir o direito internacional. A questão é como fazer isso, e quão útil é que 1,5 bilhão de muçulmanos e 2 bilhões de cristãos pensem que têm a revelação perfeita do criador do universo, e que o mundo acabará, dando início ao cumprimento de sua escatologia. Isso não ajuda em nada e deveria ser aterrorizante para todas as pessoas racionais.¹⁶³ (HARRIS apud DON, 2011, p.1)

Para Harris, nem mesmo as propostas de se construir uma cultura mundial de tolerância religiosa devem ser consideradas, pois sempre acharemos um jeito de renovar as diferenças entre uma religião e outra. Afirma ele:

Em resposta a essa situação, muitas pessoas sensatas defendem algo chamado tolerância religiosa. Não há dúvida de que a tolerância religiosa é melhor do que a guerra religiosa, mas ela não deixa de ter seus problemas. Nosso meio de provocar o ódio religioso nos faz relutar, e assim, deixamos de criticar ideias que são cada vez mais mal adaptadas à realidade e obviamente ridículas. [...] Nossas certezas religiosas, todas rivais umas das outras, estão impedindo o surgimento de uma civilização global viável. [...] A religião agrava e exacerba os conflitos humanos muito mais do que o tribalismo, o racismo ou a política jamais poderiam fazer. (HARRIS, 2006, p.75)

Será que Harris está certo? Se olharmos os exemplos de regimes onde o ateísmo se tornou política de Estado e onde seus governantes quase conseguiram realizar o sonho dos novos ateus de fazer nascer um novo mundo livre de religiões, veremos que a resposta é: Não. Mas, vamos entender melhor a proposta dos cavaleiros do ateísmo de um mundo sem religião, pois ela é relevante para a base de evidências que estamos apresentando nessa tese.

¹⁶³ Texto original Don (2011): “*I think we must form a global civilization. We have no choice. We have a global economy, we have a single environment, we have infectious disease that spreads with every airplane flight. The question is, How do we create a civilization in which the greatest proportion of people can thrive, and in which the causes for war become distant memories? [...] There has to be a way to enforce international law. The question is how to do that, and how helpful is it that 1.5 billion Muslims and 2 billion Christians both think they have the perfect revelation of the creator of the universe, and that the world will end, ushering in the fulfillment of their eschatology. This isn't helpful at all, and should be terrifying to every rational person.*”

O polímata Gottfried Leibniz (1646-1716) cunhou o termo “teodiceia” na sua principal obra, explicando que ele reflete uma série de argumentos sobre como a existência do mal no mundo traz comprovações lógicas a respeito da existência de Deus. A palavra “teodiceia” vem do grego *θεός* – *theós* (“Deus”) e *δίκη* – *dikē* (“justiça”), o termo então significa “justiça divina”. Por extensão, o termo passou a ser usado para qualquer conjunto de argumentos que tratem de questões relativas à existência do mal e à possibilidade de sua superação por atributos de natureza divina. Segundo Peter Berger, em todos os tipos de teodiceias há subjacente uma atitude “irracional”, que seria a redenção do “eu” ao poder ordenador da sociedade. Berger explica que:

A teodiceia pela participação através da descendência de si mesmo não se limita às religiões primitivas. [...] Poder-se-ia acrescentar que, em geral, uma teodiceia semelhante *ad hoc* funciona sempre que os homens se identificam com uma coletividade particular. [...] Uma das funções sociais das teodiceias é, na verdade, sua explicação das desigualdades sociais prevaletentes enquanto poder e privilégio. (BERGER, 1985, p.75)

De certa forma, argumentos sobre como o problema do mal justifica uma determinada crença foram usados no passado, e são usados até hoje, por todas as religiões, e também fora delas. Mas, a verdade é que os ateus também têm sua própria teodiceia. O que eles tentam fazer com narrativas científicas é construir uma espécie de teodiceia onde a religião é o maior e mais terrível mal que assola o mundo, por isso, é preciso que creiamos que sua eliminação é necessária antes que toda a humanidade pereça por causa dela. Harris, por exemplo, usando um tom escatológico, declara:

Na melhor das hipóteses, a fé religiosa deixa as pessoas, mesmo as bem-intencionadas, incapazes de pensar racionalmente sobre muitas das suas preocupações mais profundas; na pior, é uma fonte contínua de violência entre os seres humanos. [...] As nossas identidades religiosas têm claramente os dias contados. Saber se a nossa civilização não terá também ela os dias contados dependerá, em grande medida, do tempo que demorarmos a tomar consciência disto. (HARRIS, 2006, p.249, 253)

Ao atacar as caricaturas de religião que, como vimos, eles mesmos forjaram, os novos ateus procuram apresentar o cientificismo naturalista como a cura para o “mal religioso”, uma vez que buscam passar a ideia de que a ciência é capaz de responder a todas as nossas perguntas e curar todas as nossas chagas. Desse modo, o ateísmo é o mecanismo pelo qual virá a redenção da raça humana, uma “vacina” para o vírus que é a religião. Mesmo quando não defendem isso tão abertamente, os novos ateus deixam claro que a religião deve ser insistentemente criticada. Dennett, por exemplo, lança a pergunta: as religiões devem ser extintas ou não? E diz não saber a resposta, mas tem plena certeza de que ela deve ser escarmentada:

Alguns vêem a religião como a melhor esperança para a paz, um bote de salvação que não ousamos sacudir para que não vire e não pereçamos todos; outros vêem a identificação religiosa como a principal fonte de conflito e violência no mundo, e acreditam com igual fervor que a convicção religiosa é um substituto terrível para a calma, o raciocínio bem informado. As boas intenções pavimentam as duas estradas. Quem terá razão? Eu não sei. Nem o sabem milhões de pessoas com suas convicções religiosas apaixonadas. Nem aqueles ateus que têm certeza de que o mundo seria um lugar muito melhor se todas as religiões fossem extintas. Existe uma assimetria: os ateus em geral acolhem bem o exame intensivo e objetivo de suas opiniões, práticas e raciocínios. (Na verdade, sua exigência incessante de autocrítica pode se tornar bastante aborrecida.) Os religiosos, ao contrário, muitas vezes se arrepiam com a impertinência, a falta de respeito, o sacrilégio implícito representado por qualquer pessoa que queira investigar suas opiniões. (DENNETT, 2006, p.19)

Além de Harris, que promete que a vida pode ser perfeitamente espiritualizada mesmo sem Deus, Hitchens também busca demonstrar empatia com aqueles que perderam sua fé. Diz ele: “Assim, caro leitor, se você chegou a este ponto e descobriu sua própria fé abalada — como eu espero —, estou disposto a dizer que de certa forma sei pelo que você está passando. Há dias em que sinto falta de minhas antigas convicções como se elas fossem um membro amputado”. (HITCHENS, 2007, p.114) Porém, Hitchens incentiva as pessoas a não cederem a essa tentação de voltarem para a religião, dizendo que “em geral me sinto melhor, e não menos radical, e você também irá se sentir melhor, garanto, quando se livrar da doutrinação e permitir que sua mente livre pense por conta própria”. (HITCHENS, 2007, p.114)

Dawkins também se esforça para fazer com que seus seguidores acreditem que, ao adotarem o ateísmo como filosofia de vida, eles se sentirão mais felizes e realizados. Ele afirma que: “as pessoas, quando incentivadas a pensar por si só sobre toda a informação disponível hoje em dia, com muita frequência acabam não acreditando em Deus, e vivem uma vida realizada – uma vida livre de verdade”. (DAWKINS, 2007, p.10) Porém, para o conhecido escritor e ativista Timothy Jenkins:

O trabalho de Dawkins se dá dentro de um espectro que inclui em suas formas modernas tanto a ficção científica quanto a literatura fantasiosa, um espectro que usa os produtos da ciência para pensar, a fim de explorar dilemas humanos. Em uma palavra, esta é uma teodiceia moderna (JENKINS, 2009, p.269, tradução nossa).¹⁶⁴

Evidentemente, na teodiceia dos ateus também acontece a tentativa de criar uma concepção moral, pois a humanidade precisará de referências para guiá-la, uma vez que as

¹⁶⁴ Texto original Jenkins (2009): “*Dawkins’ work comes within a spectrum that includes in its modern forms both science fiction and fantasy literature, a spectrum that uses the products of science to think with, in order to explore human dilemmas. In a word, this is a modern theodicy*”.

religiões devem deixar de existir. Aí é onde se apresentam características de louvação aos líderes do movimento, a reverência àqueles que tiraram os demais da “caverna” da religião.

Anderson Nascimento relata que:

No texto de “Deus, um delírio”, depois de fazer diversas críticas à Bíblia e às histórias contidas no Antigo Testamento, Dawkins age como um novo Moisés e sugere dez mandamentos como substitutos seculares dos dez mandamentos bíblicos. Expõe estes mandamentos como se fossem o caminho seguro para a felicidade. Segundo Dawkins, tais mandamentos são uma referência moral muito mais adequada para os dias de hoje do que aqueles contidos na Bíblia. (NASCIMENTO, 2015, p.66)

E, de acordo como Lindomar Mota, a teodiceia ateísta é uma das características mais relevantes dentro do neoateísmo, pois traz o sentimento de unidade aos seus adeptos. De acordo com Mota: “o elemento de fundo que confere alguma unidade a essa corrente (o neoateísmo) é a ideia de que sem religião e crenças o mundo seria um lugar melhor. Um verdadeiro ganho para a humanidade, portanto”. (MOTA, 2010, p.6)

Se olharmos bem, uma teodiceia ateísta já vem sendo propagandeada desde o século XIX por Friedrich Nietzsche (1844-1900) e seu sonhado “super-homem” (*Übermensch*). A crença dele era de que a erradicação do pensamento religioso iria ajudar a implementação de um “novo homem”, um homem “superior”. De igual modo, a militância ateísta busca transmitir a ideia de que ocorrerá uma grande transformação na sociedade pela eliminação da religião, tanto na esfera pública, quanto na esfera privada. Nascerá o “novo homem”, emancipado dos cabrestos religiosos, um verdadeiro *bright*. Um momento tão maravilhoso assim, certamente vale o autossacrifício de seus apoiadores. E também é válido que eles aceitem, de forma dogmática, que esse final feliz virá, necessariamente – muito embora não seja possível identificar, objetivamente, qualquer elemento que garanta toda essa felicidade após o fim das religiões.

Uma vez, Harris escreveu: “O problema da religião — assim como do nazismo, do stalinismo ou de qualquer outra mitologia totalitária — é o problema do dogma em si” (HARRIS, 2006, p.43). Além de tentar passar a ideia de proximidade entre religião e regimes como o nazismo e o stalinismo – o que é uma argumentação absurdamente falsa, como veremos mais à frente – Harris também esquece que os ateus também têm seus dogmas: o darwinismo é um deles. E se tem dogma, tem possibilidade de haver fundamentalismo, uma vez que o fundamentalista acredita em seus dogmas como verdades absolutas, irrevogáveis. Pois, ainda que muitos ateus aceitem discutir suas crenças, eles jamais serão transformados ou deixarão de acreditar nelas, independente do argumento ou mesmo de evidências que existam contra o

dogma em questão. Uma atitude que podemos considerar praticamente idêntica ao fundamentalista religioso. De acordo com Antony Flew:

O ano do “novo ateísmo” foi o de 2006 (o termo foi primeiramente usado pela revista *Wired* em novembro desse mesmo ano). De “Quebrando o Encanto”, de Daniel Dennett, e “Deus: Um Delírio”, de Richard Dawkins, o “*Six Impossible Things Before Breakfast*”, de Lewis Wolpert, “*The Comprehensible Cosmos*”, de Victor Stenger, e “*The End of Faith*”, de Sam Harris, os expoentes do tipo de ateísmo “lembre com raiva” estavam em vigor. O importante, sobre esses livros, não foi seu nível de argumentação — que era, para usar de eufemismo, modesto — mas a atenção que receberam, tanto como *best sellers*, como uma “nova” matéria descoberta pela mídia. A “matéria” ainda foi ajudada pelo fato de que os autores eram loquazes e vigorosos, tanto quanto seus livros eram inflamados. O principal alvo desses livros é, inquestionavelmente, a religião organizada de qualquer tipo, época ou lugar. De modo paradoxal, os livros pareciam, eles próprios, sermões fundamentalistas. Os autores, na maioria, falavam como esses pregadores que nos ameaçam com fogo e enxofre, alertando-nos a respeito do terrível castigo que sofreremos se não nos arrependermos de nossas crenças obstinadas e suas práticas. Não há lugar para ambiguidade ou sutileza. É preto ou branco. Ou estamos com eles totalmente, ou com o inimigo. Até mesmo pensadores respeitados, que expressam simpatia pelo outro lado, são denunciados como traidores. Os próprios “evangelizadores” (do novo ateísmo) são almas corajosas que pregam sua mensagem em face de iminente martírio (FLEW, 2008, p.10-11).

Flew afirma que após os ataques de 11 de setembro o neoateísmo simplesmente abandona os debates com o criacionismo e busca elevar o cientificismo de suas proposições ao status de uma espécie de “religião ateísta”. Trata-se de um novo momento, onde sua doutrina não deve mais ser questionada e seus mitos devem ser livremente utilizados para a pregação de uma fé ateísta e para a conquista de novos prosélitos. É o que poderíamos chamar de uma “Contrarreforma Ateísta”, onde Dawkins assume o papel de um Lutero ateu. O próprio Flew pagou caro por sua apostasia do ateísmo militante.

Antony Flew foi um dos mais conceituados filósofos britânicos da segunda metade do séc. XX. Ele ficou conhecido por ser um dos principais defensores do ateísmo no mundo durante várias décadas. No entanto, em 2004, Flew admitiu uma mudança de entendimento e abandonou o ateísmo, reconhecendo que existem muitas evidências para se acreditar no deísmo. Flew foi imediatamente atacado por essa mudança de postura, sendo acusado por neoateus de estar senil. Entristecido por ter sido segregado à loucura, Flew declarou: “Fui acusado por meus incrédulos companheiros de estupidez, traição, senilidade e tudo o que você pode pensar, e nenhum deles leu uma palavra do que eu já escrevi” (FLEW apud WAVELL, 2004, p.01,

tradução nossa).¹⁶⁵ O escritor Roy Abraham Varghese, ao analisar algumas das ofensas que Dawkins fez contra Flew, resume bem esse quadro afirmando que:

A pueril petulância da comparação com o “grande filósofo” Russell e a desrespeitosa referência à “velhice” de Flew são comuns nas epístolas de Dawkins aos iluminados. Mas o mais interessante aqui são as palavras que Dawkins escolheu, e pelas quais ele, de modo não muito inteligente, revela a maneira como sua mente funciona. “Tergiversar” também significa “virar as costas”, ou “apostatar-se”, de modo que o principal pecado de Flew foi apostatar-se da fé de seus antecessores. O próprio Dawkins confessa, em outro de seus escritos, que sua visão ateuísta do universo é baseada na fé. Quando membros da *Edge Foundation* lhe perguntaram: “Aquilo em que você acredita é verdadeiro, mesmo que não possa provar?”, a isso Dawkins replicou: “Acredito que toda vida, toda inteligência, toda criatividade e todo desígnio, em qualquer parte do universo, são produtos diretos ou indiretos da Seleção Natural de Darwin. Acontece que o desígnio chegou mais tarde ao universo, depois de um período de Evolução darwiniana. O desígnio não pode preceder a Evolução e, assim, não pode ser a base do universo”. Na verdade, então, a rejeição de Dawkins a uma Suprema Inteligência é uma questão de crença sem prova. E como muitos outros, cujas crenças baseiam-se em fé cega, ele não tolera que discordem delas ou as abandonem (FLEW, 2008, p.12-13).

Flew então escreveu o livro "*There is a God: How the World's Most Notorious Atheist Changed His Mind*", publicado em 2007. No Brasil, o livro recebeu o título de “Deus Existe: um ateu garante”. Ao longo de toda a obra, Flew vai demonstrando como o avanço tecnológico e as descobertas científicas fizeram com que muitas das ideias propagadas pelos defensores do ateísmo nas décadas de 70, 80 e 90 caíssem no ridículo, sendo sistematicamente refutadas em experiências empíricas.

De acordo com McGrath, o séc. XXI trouxe consigo uma “profunda e perturbadora aflição pelo futuro do ateísmo”. McGrath então adverte que: “o fundamentalismo surge quando uma visão de mundo sente que está em perigo, atacando severamente seus inimigos quando teme que seu próprio futuro esteja ameaçado”. (MCGRATH, 2007, p.138) Desse modo, os discursos neoateístas que pregam a necessidade de extinção das religiões também são uma forma de preservar de questionamentos a própria crença na não existência de Deus.

O que nos parece claro é que o pensamento neoateísta baseado na hegemonia da teoria da evolução certamente não respeita a liberdade de pensamento, e busca excluir qualquer tipo de discurso antagônico ao seu, em especial o discurso da Criação. Tampouco há diálogo, pois, para o novo ateísmo, a religião é um mal a ser exterminado.

¹⁶⁵ FLEW: “I have been denounced by my fellow unbelievers for stupidity, betrayal, senility and everything you can think of and none of them have read a word that I have ever written”.

A Boa Nova do Neoateísmo

Durante todo esse estudo, é importante termos o cuidado de notar que o discurso neoateísta traz em si o caráter implícito de verdade absoluta que precisa ser disseminada para salvar o mundo daqueles que creem em Deus. Assim sendo, faremos uma análise mais aprofundada para sabermos se há, de fato, uma cultura dogmática dentro do movimento novo ateísmo. Segundo o sociólogo William Stahl, esse caráter dogmático é um dos fatores que mais assemelha os religiosos fanáticos e os neoateus. Para Stahl: “O que chama a atenção no debate atual é a frequência com que os novos ateus são retratados como imagens invertidas de fundamentalistas religiosos”¹⁶⁶ (STAHL, 2010, p.98, tradução nossa).

O que podemos notar é que o neoateísmo demanda uma aceitação dogmática e quase incontestável de seus discursos cientificistas, cobrando de seus adeptos uma postura antirreligiosa ativa, que tem sido considerada como “radical” e “fundamentalista” por vários estudiosos, e que em muitos momentos se manifesta quase como uma “postura religiosa neoateísta”. Por exemplo, McGrath, analisando “Deus, um delírio” de Dawkins, afirmou que:

Dawkins apenas oferece o equivalente ateu da pregação astuta do fogo do inferno, substituindo o pensamento cuidadoso, baseado nas evidências, pela retórica turbinada e pela manipulação altamente seletiva dos fatos. Curiosa e surpreendentemente, verifica-se pouca análise científica em “Deus, um delírio”. Há muita especulação pseudocientífica associada a críticas culturais mais amplas sobre a religião, a maioria das vezes emprestadas de antigos escritores ateus. Tal qual um evangelista, Dawkins prega a seus devotos do ódio a Deus, os quais se dedicam ao bombardeio retórico e erguem as mãos, prazenteiros: – Aqueles que acreditam que a Evolução biológica pode ser conciliada com a religião são desonestos! *Amém!* – Eles pertencem à “escola de evolucionistas de Neville Chamberlain”! São conciliadores! *Amém!* – Os verdadeiros cientistas rejeitam a fé em Deus! *Aleluia!* – O Deus em quem os judeus acreditavam nos tempos do Antigo Testamento é um pedófilo psicótico! *Amém!* – Diga a eles, irmão! (MCGRATH, 2007, p.16)

E não é que isso signifique que uma postura religiosa é a causa do fundamentalismo ateu, mas que seus ataques são tão extremistas e a postura assumida por eles é tão carregada de verdades absolutas, que facilmente eles são comparados aos próprios fundamentalistas religiosos que criticam. Assim, a radicalização do discurso dos novos ateus demonstra ter como resultado a construção de uma espécie de “religiosidade secular”. E esse sentimento de

¹⁶⁶ Texto original Stahl (2010): “*What is striking about the current debate is the frequency with which the New Atheists are portrayed as mirror images of religious fundamentalists*”.

militância “quase religiosa” do neoteísmo pode ser a fonte não apenas de discursos radicais, como também de ações fundamentalistas. Clóvis Ecco lembra que:

O fundamentalismo não possui somente um rosto religioso. Todos os sistemas, sejam eles culturais, científicos, políticos, econômicos e até artísticos, que se apresentam como portadores exclusivos da verdade e de solução única para os problemas devem ser considerados fundamentalistas. (ECCO, 2012, p.38)

No caso de Hitchens em “Deus não é grande”, seu irmão, Peter, aponta que durante todo o livro é usada uma “linguagem religiosa” na divulgação das ideias neoteístas. Em vários momentos é feito um apelo para que o leitor tenha mais fé nas “crenças científicas”. Obviamente, o termo “crença” é terminantemente rechaçado por Hitchens, ainda que todos os sinais apontem na mesma direção. De acordo com Peter Hitchens:

É surpreendente, em alguém tão contra a ideia de desígnio ou autoridade no universo, quantas vezes ele [Christopher Hitchens] apela para intuições misteriosas e conhecimento “inato” desse tipo, e usa linguagem religiosa como “incrível” – com admiração de quem ou o quê? Ou “misterioso”. Qual é o mistério, se tudo é explicado pela ciência, o telescópio e o microscópio? Ele até se refere à “consciência” e faz frequentes denúncias estrondosas de várias ações malignas. [...] Duas páginas depois, falando pelos ateus em geral, ele anuncia: “Nossa crença não é uma crença”. Ao que só se pode responder: “Sério? E essa coisa no meio do seu rosto. Suponho que também não seja um nariz?” Christopher não hesita sobre sua visão de Deus. Ele se descreve como um “antiteísta” tão certo de sua fé que guerreia com amarga zombaria contra aqueles que duvidam de sua verdade. Bem, eu gostaria de estar tão certo sobre qualquer uma dessas coisas quanto Christopher está sobre seu anti-credo.¹⁶⁷ (HITCHENS, 2007a, p.1, tradução nossa)

No movimento neoteísta o discurso é radicalizado sempre que possível, pois, para os seus líderes, não devem existir posições neutras, sendo preciso assumir um lado nessa “guerra”. Nesse sentido, os novos ateus podem demonstrar serem tão fundamentalistas e radicais quanto o mais extremista dos ortodoxos religiosos. De acordo com Scott Paine:

Não é somente com textos religiosos que a mente humana pode ficar presa nas aparências superficiais e se recusar a penetrar até contextos semânticos mais amplos, mais profundos e mais altos; também com “fatos” provindos da experimentação científica ou de paradigmas queridos, a mente pode se fixar e, como o cachorro, ficar olhando para o dedo apontado de seu mestre e não

¹⁶⁷ Texto original Peter Hitchens (2007): “It is astonishing, in one so set against the idea of design or authority in the universe, how often he appeals to mysterious intuitions and “innate” knowledge of this kind, and uses religious language such as “awesome” – in awe of whom or what? Or “mysterious”. What is the mystery, if all is explained by science, the telescope and the microscope? He even refers to “conscience” and makes frequent thunderous denunciations of various evil actions. [...] Two pages later, speaking for atheists in general, he announces: “Our belief is not a belief.” To which one can only reply: “Really? And that thing in the middle of your face. I suppose that’s not a nose, either?” Christopher is not tentative about his view on God. He describes himself as an “anti-theist”, so certain of his faith that he wars with bitter mockery against those who doubt his truth. Well, I wish I were as certain about any of these things as Christopher is about his anti-creed”.

seguir a direção da intenção contida no gesto. Parece-me que existe pelo menos uma maneira de ler fatos científicos tão ao pé da letra que o cientista pode cair facilmente numa atitude fundamentalista que corresponde a essa categoria de literalismo. (PAINE, 2010, p.22)

Nesse cenário, Dawkins exerce um papel de destaque, sendo considerado por muitos como o grande nome do neoateísmo. De acordo com a análise feita por Nascimento: “Dawkins é tão religioso quanto aqueles que ele critica. Sua doutrina conta com uma tentativa de superação dos mitos religiosos por uma espécie de mitificação da Ciência. Sua obra tem um teor missionário muito forte”. (NASCIMENTO, 2015, p.80) Adilson Koslowski e Valmor Santos acrescentam que:

O novo ateísmo é igualmente visto como um fenômeno semelhante à religião e como uma ideologia. Na literatura da mídia, podem-se conferir várias expressões que indicam claramente essa ideia como um atributo do novo ateísmo: “Igreja de não crentes”, “cruzada contra a crença em Deus”, “evangelizando não crentes”, “fundamentalistas”, “Dawkins prega o ateísmo nos Estados Unidos”, “Dawkins como o sumo sacerdote do ateísmo”, “profetizando o ateísmo”, “tipo evangélico de ateísmo”, “apóstolos da não crença”. Chris Hedges escreve, em 2009, um livro com o título “Quando o ateísmo se torna religião: os novos fundamentalistas da América”, e há vários outros livros com títulos semelhantes. O novo ateísmo é também considerado não como ciência, mas como ideologia, fundamentalismo e dogmatismo. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.92)

O filósofo ateu John Gray, afirma que Dawkins é, na verdade, uma espécie de “missionário antirreligioso” (*anti-religious missionary*), cujas afirmações não carregam absolutamente nenhuma novidade que já não houvesse sido pronunciada antes por outros ateus historicamente mais reconhecidos. No entanto, Gray acredita que Dawkins está “paralisado em admiração pelo funcionamento de sua própria mente, Dawkins perde muito do que é importante nos seres humanos – ele mesmo e os outros”.¹⁶⁸ (GRAY, 2014, p.1) Já Klinghoffer afirma que:

Embora a paisagem cultural americana inclua muitas religiões, ainda é fascinante observar de perto quando temos a chance de observar o nascimento de uma nova fé. Considere, por exemplo, um fenômeno religioso que foi apelidado de “novo ateísmo”, representado com destaque por alguns livros *best-sellers*. [...] Por religião, quero dizer qualquer conjunto de valores baseado na fé que faz reivindicações exclusivas de sua verdade e explica os mistérios do universo. Sim, o ateísmo começa com uma fé, ou seja, que apenas as causas materiais e físicas (não espirituais) fazem o mundo funcionar. [...] Esses líderes afirmam que as religiões tradicionais não são apenas falsas, mas perigosas e moralmente grotescas.¹⁶⁹ (KLINGHOFFER, 2007, p.1, tradução nossa)

¹⁶⁸ Texto original Gray (2014): “*Transfixed in wonderment at the workings of his own mind, Dawkins misses much that is of importance in human beings—himself and others.*”

¹⁶⁹ Texto original Klinghoffer (2007): “*While the American cultural landscape includes many religions, it’s still fascinating to watch closely when we have the chance to observe a new faith being born. Consider, for example,*

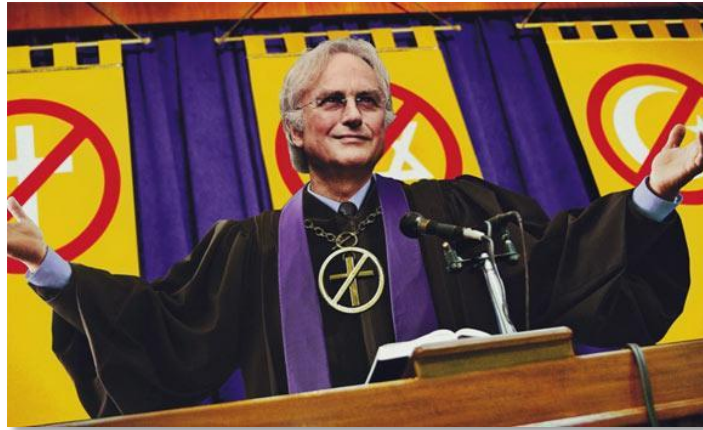


Imagem publicada no jornal inglês “*The Sunday Times*” em agosto de 2010, com o título: “Todos saudam Dawkins, sumo sacerdote da racionalidade” (*All hail Dawkins, high priest of rationality*). A legenda da imagem no artigo diz que Richard Dawkins é “um padre com seu tipo particular de crença”.¹⁷⁰

Contudo, Dawkins sempre repetiu que não está no negócio de conversão religiosa, apesar de, como mostramos, nos seus próprios livros, ele afirmar que pretende mudar as mentes dos que acreditam em Deus. Elmhirst também enxerga isso como um paradoxo pouco compreensível no escritor neoteu. Diz ela:

“Certamente não quero fazer nada que se aproxime remotamente da doutrinação”, disse ele. Isso, juntamente com o grande número de seguidores, arrecadação de fundos, vídeos do YouTube e livros infantis, talvez fosse pegar emprestado demais da caixa de ferramentas da religião.¹⁷¹ (ELMHIRST, 2015, p.13, tradução nossa)

O jornalista Christopher Hitchens morreu de câncer em 2011, mas ao lado de Dawkins, fez muitos seguidores do ateísmo moderno pensarem em como seria bom um mundo sem religião. Kelly O’Connor, também conhecida como Kelly “M”, co-organizadora de um grupo ateu bastante conhecido nos EUA chamado “*Rational Response Squad*” (“Esquadrão da Resposta Racional”), afirma que seu grupo compartilha a “missão de Richard Dawkins e Christopher Hitchens” e, segundo ela: “Fato é que todos nós queremos acabar com a religião.

a religious phenomenon that has been dubbed the “new atheism,” prominently represented by some bestselling books. [...] By religion, I mean any faith-based set of values that makes exclusive claims for its truth and explains the mysteries of the universe. Yes, atheism begins with a faith, namely that only material and physical (not spiritual) causes make the world run. [...] These leading lights contend that traditional religions are not only false, but dangerous and morally grotesque.”

¹⁷⁰ O texto do artigo afirma que “a Seleção Natural diz que, se você esperar o suficiente, Richard Dawkins falará um pouco, e nessa ocasião você poderá concordar com ele (*Natural selection says that if you wait around long enough Richard Dawkins will talk some sense, and on this occasion you may agree with him*)”. (GILL, 2010, p.1)

¹⁷¹ Texto original Elmhirst (2015): “*For his part, Dawkins has always maintained that he is not in the business of conversion. “I certainly don’t want to do anything remotely approaching indoctrination,” he said. That, along with the mass following, fundraising, YouTube videos and children’s books, would perhaps be borrowing too much from religion’s toolbox.”*

Então é isso que realmente queremos, nos reunir com essas pessoas para fazer isso”.¹⁷² (HUMANIST NETWORK NEWS, 2007, 1:23, tradução nossa). Dentro dessa mesma perspectiva, Elmhirst analisa uma parte da entrevista de Dawkins onde ele aborda esse assunto. De acordo com Elmhirst:

“Acho que parte do que faço é uma tentativa de mudar a opinião das pessoas sobre religião”, disse ele, com certo eufemismo, entre os eventos na Irlanda. “E eu acho que isso é uma coisa politicamente importante a se fazer”. Para Dawkins, que descreve sua própria política como “vagamente de esquerda”, isso significa uma preocupação com o estado do mundo e um desejo, em última análise, de erradicar a religião da sociedade. Em sua missão, Dawkins ainda é, no fundo, um professor. “Gostaria de deixar o mundo um lugar melhor”, disse ele.¹⁷³ (ELMHIRST, 2015, p.4, tradução nossa)

Nesse conflito, a religião precisa ser tratada com uma inimiga cruel e sanguinária, que emburrece seus asseclas para que possa controlá-los. É por isso que, segundos os ateus, os líderes religiosos não gostam da ciência nem de livres-pensadores. É na repetição sistemática de argumentos como esse, que a teodiceia vai sendo construída. De acordo com Nall:

“A força corruptora é a ignorância, principalmente na forma de religião. Sem religião o mundo seria uma espécie de utopia onde o dogma seria uma questão de história e a violência seria substituída pela racionalidade”. Aqui se começa a discernir uma ideologia apocalíptica muito próxima do milenarismo religioso. Uma vez que a religião é a raiz de todos os horrores humanos, argumenta o ateu fundamentalista, ela deve ser destruída para transformar o mundo de sangue em paz. Para o milenarista, a paz perfeita na Terra não ocorrerá até que Jesus volte e converta ou castigue os descrentes. Para o ateu fundamentalista, o salvador da “paz e boa vontade” não saudará o mundo até que Deus e a religião tenham sido expulsos de seu domínio. Essa visão ou ideologia apocalíptica é indicativa da natureza fundamentalista desse tipo de ateísmo.¹⁷⁴ (NALL, 2008, p.272, tradução nossa)

E como já vimos antes, na teodiceia do novo ateísmo, a religião não deve ser tolerada nem mesmo em suas manifestações mais moderadas. Para neoateus como Dawkins a simples

¹⁷² Texto original O’Connor (2007): “*The fact is, that we all want to do away with religion. So that’s what we really want, to get together with these people to do this*”.

¹⁷³ Texto original Elmgirst (2015): “*I suppose some of what I do is an attempt to change people’s minds about religion,*” he said, with some understatement, between events in Ireland. “*And I do think that’s a politically important thing to be doing.*” For Dawkins, who describes his own politics as “vaguely left”, this means a concern for the state of the world, and a desire, ultimately, to eradicate religion from society. In his mission, Dawkins is still, at heart, a teacher. “*I would like to leave the world a better place,*” he said.”

¹⁷⁴ Texto original Nall (2008): “*The corrupting force is ignorance, principally in the form of religion. Without religion the world would be a kind of utopia where dogma would be a matter of history and violence would be replaced by rationality. Here one begins to discern an apocalyptic ideology closely akin to religious millenarianism. Since religion is the root of all human horrors, argues the fundamentalist atheist, it must be destroyed to transform the world from one of blood to one of peace. For the millenarian, perfect peace on Earth will not occur until Jesus returns and either converts or punishes nonbelievers. For the fundamentalist atheist, the savior of “peace and goodwill” will not greet the world until God and religion have been evicted from its domain. This apocalyptic vision or ideology is indicative of the fundamentalist nature of this brand of atheism*”.

presença de qualquer manifestação religiosa pode se tornar o embrião de um atentado terrorista religioso no futuro. Por isso ela deve ser escarnecida e desrespeitada, para que seja banida para, no máximo, o âmbito privado de cada cidadão.

Como vimos, a narrativa neoateísta também constrói e divulga uma teodiceia onde o fim das religiões será uma panaceia que trará paz e prosperidade para o mundo. No terceiro capítulo desse nosso estudo, veremos que alguns líderes ateus quase conseguiram realizar o sonho de muitos neoateus fundamentalistas: destruir toda e qualquer manifestação religiosa pública. Entretanto, o que os estados ateus entregaram não foi o mundo encantado de paz e justiça que agora é novamente prometido pelos representantes do neoateísmo.

A Conclamação para a Guerra

Até agora, vimos que, além da diferenciação com o uso do termo *bright*, o neoateísmo também engendrou o mito de uma teodiceia ateísta onde o mundo encontraria paz e redenção sem a religião. É possível que isso tenha colaborado para uma postura de dogmatização da crença na não existência de Deus, e assim, produzido aquilo que poderíamos chamar de “religiões ateístas”. Exemplos desse tipo de “religiosidade secular” pululam hoje em dia, como: a “Religião da Humanidade”, o “Culto da Razão”, “a Cientologia”, etc. Mas diferentemente do que aconteceu no passado, com o positivismo de Auguste Comte (1798-1857) ou o humanismo de Ludwig Feuerbach (1804-1872), essas seitas antiteístas atuais possuem até mesmo os seus mitos, ritos e interditos.

O que se percebe é que quanto mais os novos ateus dogmatizam o próprio discurso de combate às religiões, mais estimulam a organização e institucionalização de grupos que inevitavelmente adotam um sistema de doutrinas antirreligiosas. De fato, o maior nível de estruturação institucional e a adoção de discursos dogmáticos proselitistas são algumas das características mais recentes e também mais estimuladas pelo novo ateísmo, características essas que o diferenciam do “ateísmo clássico”. Sobre isso Renato Leon Bourdon afirma:

Durante o “ateísmo clássico”, período anterior ao final do século XX, os autores formulavam suas ideias independentemente, ainda que muitas vezes por influências de outros, mas não faziam parte de um grupo organizado e não tinham uma agenda formal. O ateísmo clássico era uma simples opção filosófica individual e não tinha a pretensão de “converter” as pessoas nem as levar a abandonar sua fé. Atualmente, entretanto, o ateísmo moderno, ou neoateísmo como já é chamado por alguns autores recentes, é mais agressivo,

combativo e militante, e não se contenta em ficar apenas no terreno das ideias e da filosofia. Os autores frequentemente se encontram para discutir suas ideias, e mais importante, suas táticas e métodos para “evangelizar” o mundo. (BOURDON, 2017, p.70)

A aposta que os novos ateus fazem é a de que, da mesma forma que as religiões tradicionais são em grande parte transmitidas no ambiente familiar, suas crenças ateístas sustentadas por preceitos darwinistas possam ir além das salas de aula, fazendo com que a “boa nova” do ateísmo chegue a todos os lares e seja transmitida geração após geração, exatamente como os dogmas religiosos. Dennett vai além, e acredita que os jovens de hoje, esclarecidos pelas verdades de Darwin, ainda têm tempo de converter a geração anterior, “resgatando as almas” dessas pobres criaturas religiosas, e fazendo com que elas aceitem a crença na não existência de Deus. Escreveu Dennett:

Então, no final, minha recomendação política central é que, delicada e firmemente, instruamos os povos do mundo, de modo que eles possam fazer uma escolha informada a respeito de sua vida. A ignorância não é nada vergonhosa; a imposição da ignorância é vergonhosa. A maior parte das pessoas não tem culpa pela própria ignorância, mas terão culpa-se voluntariamente passarem essa ignorância adiante. Pode-se pensar que isso é tão óbvio que nem é preciso propor. Mas em muitos setores há uma resistência substancial a esse respeito. As pessoas temem ser mais ignorantes do que seus filhos – especialmente, parece, do que suas filhas. Vamos ter de convencê-las que há poucos prazeres mais respeitáveis e alegres do que ser instruído pelos próprios filhos. (DENNETT, 2006, p.224)

Dessa forma, se o fundamentalismo neoateísta não é enxergado atualmente como um elemento social relevante, isso não significa dizer que nas próximas gerações esse quadro não se altere com o aumento do número percentual de ateus. Por isso, outro artifício comum ao fundamentalismo ateísta é conclamar seus seguidores para se assumirem socialmente, incitando os adeptos do movimento para que não apenas não “escondam” sua crença, mas também a exibam orgulhosamente. Essa também é uma forma do movimento conquistar mais adeptos. Temos um exemplo em “Deus, um delírio”, onde Dawkins elenca algumas das etapas do que ele chamou de “processo de conscientização do Darwinismo”, que tem o objetivo de “atingir aqueles que creem por inércia e fazê-los assumir o ateísmo com orgulho”. (DAWKINS, 2007, p.21) Escreve Dawkins:

Minha quarta conscientização diz respeito ao orgulho ateu. Não há nada de que se desculpar por ser ateu. Pelo contrário, é uma coisa da qual se deve ter orgulho, encarando o horizonte de cabeça erguida, já que o ateísmo quase sempre indica uma independência de pensamento saudável e, mesmo, uma mente saudável. (DAWKINS, 2007, p.21)

Dawkins sistematicamente compara a necessidade de militância ateuista a movimentos como o orgulho gay e o feminismo, e ao argumentar que os novos ateus precisam “sair do armário” também aponta que o dever deles é o de engrossar as fileiras nas batalhas que precisam ser travadas contra o pensamento religioso. Por isso mesmo, Dawkins endossou as campanhas “*Out Campaign*”, iniciada em 2007, e “*Openly Secular*”, lançada em 2014; ambas são iniciativas voltadas para encorajar os ateus no mundo todo a declararem sua posição publicamente. Assim, o proselitismo é uma característica importante dessa nova proposta de ateísmo para o séc. XXI. Feser afirma que:

De modo bizarro, Dawkins parece ter metido na cabeça que seu Darwinismo evangélico conquistará até o *hoi polloi* fundamentalista se vendido como um exercício de “despertar da consciência”, e ele repete este estúpido mantra dos anos 60 ao longo de “Deus, um Delírio”. Para constar, ele também convoca um “orgulho ateu” a tomar seu lugar de direito ao lado do “orgulho gay” (FESER, 2017, p.2373).

Dawkins ainda buscou associar o ateísmo aos direitos dos animais, isso ao mesmo tempo em que reafirmava o evolucionismo darwiniano. Ele conseguiu isso apoiando o projeto “*Great Ape*”, uma iniciativa que busca estender alguns direitos morais e legais a “todos os grandes símios”. Para contribuir ainda mais com essa ideia, Dawkins escreveu um artigo chamado “*Gaps in the Mind*”, em 1993. Neste ensaio, ele critica as atitudes morais da sociedade contemporânea, estimula cientistas a criarem “um híbrido chimpanzé/humano” e argumenta que “a lacuna descontínua entre humanos e ‘macacos’ que construímos em nossas mentes é lamentável”.¹⁷⁵ (DAWKINS, 1993, p.1, 3, tradução nossa)

Também é notório o apelo ao marxismo e aos jovens que se interessam por política. Por isso, outro argumento usado pelos principais representantes do neoateísmo é o de que a religião é um empecilho, e até mesmo um risco à democracia. Na pesquisa de Franco com adolescentes ateus, quando perguntados o que acham da afirmação “A religião aliena as pessoas do debate democrático”, 62,8% responderam que concordam, e apenas 6,6% afirmaram discordar da sentença. (FRANCO, 2024, p.192) Segundo Franco, parece uma tentativa dos ateus de associar a causa ateuista aos movimentos políticos de esquerda: “A verdade é que este pressuposto vai muito além de Dawkins, sendo um pressuposto visto em outras correntes ateuistas. Cabe ressaltar que a palavra ‘aliena’ dá margens para compreensão de um raciocínio de bases marxistas”. (FRANCO, 2014, p.193)

¹⁷⁵ Texto original Dawkins (1993): “*I have argued that the discontinuous gap between humans and ‘apes’ that we erect in our minds is regrettable.*”

Testando a hipótese, Franco pergunta aos adolescentes ateus o que pensam sobre o seguinte enunciado: “A religião é um instrumento de poder utilizado por pessoas de classe dominante para manter a alienação de pessoas oprimidas, em favor da manutenção do *status quo*”. Os resultados demonstram que a hipótese pode ser verdadeira, uma vez que foram obtidos percentuais muito próximos à sentença anterior. Dessa vez, 60,1% disseram concordar com a afirmação e apenas 7,5% discordaram. Franco conclui que: “embora não seja objeto de nosso estudo, indicamos que a posição marxista parece ter influência sobre nossa amostra”. (FRANCO, 2014, p.196) Essa associação marxismo/ateísmo, parece ser um gancho para tentar forjar um inimigo comum, aumentando as fileiras de soldados ateus na luta contra a religião.

O apelo para que os novos ateus entrem definitivamente na guerra contra as religiões também acontece pelo lado do cientificismo, como já detalhado antes. Segundo Harris, tudo que as religiões fazem é aumentar o sofrimento da humanidade na Terra. Por essa razão, a crítica às religiões é um dever “moral e intelectual” de um ateu esclarecido pela ciência, que deseja contribuir para a existência de um mundo melhor. Harris afirma que:

É terrível pensar que todos nós morremos e perdemos algo que amamos; é duplamente terrível que tantos seres humanos sofram desnecessariamente enquanto estão vivos. O fato de que uma parte tão grande desse sofrimento pode ser atribuída diretamente à religião — aos ódios religiosos, às guerras religiosas, aos tabus religiosos, aos desvios religiosos de recursos escassos — é o que torna a crítica honesta da fé religiosa uma necessidade moral e intelectual. (HARRIS, 2006, p.55)

A súplica de Harris para que os intelectuais tomem lugar nessa batalha contra a religião não é novidade. Constantemente os ateus repetem esse discurso, e ideias como a de Hitchens de que a religião “tem sido inimiga da ciência e da pesquisa” são proferidas *ad nauseam* (HITCHENS, 2007, p.166). E, como vimos, o discurso neoateísta busca associar todos os elementos maléficos que existem nas sociedades à existência da religião. Bourdon explica que:

Segundo os autores mais radicais, todas as guerras já lutadas foram causadas em grande parte por motivos religiosos, incluindo aí as guerras modernas. Naturalmente todos os autores citam de alguma forma as cruzadas e a inquisição, mas Dawkins vai mais longe e cita as disputas recentes entre católicos e protestantes no Reino Unido, e até mesmo a primeira e segunda guerras mundiais como causadas por motivos fortemente religiosos. Ateus frequentemente mencionam também a “guerra ao terror”, incluindo aí o ataque às torres gêmeas, bombas na Espanha e na Inglaterra, e as guerras do Iraque e Afeganistão como causadas exclusivamente por motivos religiosos, mencionando a religião como a causa de todos os males da humanidade e reforçando a ideia de que religiões devem ser extirpadas. Vários autores também mencionam sofrimento psicológico motivado pelas obrigações e proibições impostas pelas religiões, como a falta de “liberdade sexual”, obrigações de datas e horários entre outros. Alegam que as obrigações e

imposições das religiões geram stress desnecessário na vida humana, tanto para o religioso como para quem convive com ele. Apenas Dawkins admite ainda que casualmente que em algumas situações o pensamento religioso pode reduzir o stress, mas mesmo isso não é um efeito comprovado e pode ser comparado de alguma forma ao efeito placebo. (BOURDON, 2019, p.86)

É importante notar que mesmo que os neoateus tragam em seus livros uma série de visões pessoais, julgamentos de valor e relatos de indivíduos que sofreram supostamente por causa da religião, o principal estandarte ateu para atrair novos seguidores continua sendo o cientificismo por meio da reprodução sistemática de mitos científicos. (BRAGA, 2020) Porém, nessa nova fase de militância radical do ateísmo, o cientificismo deve ser usado não apenas para embasar o sistema de crença ateu, mas deve ter primeiramente o propósito bélico de desconstruir o discurso religioso opositor e trazer novos signatários para o movimento neoatista. De acordo com Moreira:

A questão mitológica da divulgação científica e, conseqüentemente do neoateísmo, está ligada à tentativa de atrair e persuadir os leitores ao seu grupo e, principalmente à sua visão de mundo. O discurso que há por trás da divulgação científica é persuasivo não só a favor da ciência, mas também em prol de uma visão naturalista de mundo. O neoateísmo por sua vez eleva isso ao status de confronto direto com a religião e suas asserções, tentando dar uma visão de mundo mais verdadeira que as respostas religiosas. (MOREIRA, 2014, p.90)

Com o uso do cientificismo, os líderes do neoateísmo buscam passar a ideia de que os signatários de seu movimento foram “curados”, fazendo-os acreditar que é dever deles curar outros “doentes” também. No discurso dos novos ateus, a religião ainda aparece como um instrumento de dominação, que mantém seu poder iludindo as pessoas religiosas/ignorantes. E o darwinismo é o principal antídoto contra esse mal. Moreira esclarece que:

Dawkins parece entender o Darwinismo não só como uma teoria científica, “mas como uma visão de mundo que engloba todos os aspectos da vida humana”. O Darwinismo seria uma espécie de religião científica, em que o oráculo Dawkins deve passar a sua mensagem para outros, e, com isso, convertê-los. O caráter de (re)encantamento pelo cientificismo está para além do pessoal, possuindo efetivamente, um caráter de disseminação e militância. (MOREIRA, 2014, p.108)

Deslumbrado pela “novidade” da não existência de Deus, o neófito do neoateísmo tende a embarcar numa verdadeira pregação de um evangelho secular. Bourdon comenta algo interessante sobre isso: “O termo ‘evangelismo’ foi apropriado por autores ateus recentemente e o novo sentido usado por estes autores é que evangelismo é ‘a divulgação da boa nova de que Deus não existe’ – o comentário entre aspas é do próprio Dawkins na palestra *The Unbelievers*”. (BOURDON, 2017, p.71)

Portanto, o neoteu tem o dever moral de fazer o maior número possível de prosélitos, pois não basta acreditar que Deus não existe, é preciso fazer as pessoas acreditarem nisso também. Dawkins dá o exemplo em seu livro “Deus, uma ilusão”, pois afirma que a obra tem o propósito de: “conscientizar para o fato de que ser ateu é uma aspiração realista, e uma aspiração corajosa e esplêndida. (...) Se este livro funcionar do modo como pretendo, os leitores religiosos que o abrirem serão ateus quando o terminarem”. (DAWKINS, 2007, p.18, 23) De acordo com Moreira:

O que podemos entender é que o neoteísmo possui uma lógica que advém da tradição religiosa, mas que passou por outros movimentos seculares anteriores como o humanismo, por exemplo. Há um grupo bem definido: os ateus. Há os profetas que falam em nome do grupo: Dawkins, Dennett, Hitchens e Harris. Há aqueles que consomem as mensagens: os diversos leitores/seguidores dos quatro cavaleiros. A legitimação social dos quatro autores ateus vem não só do seu papel dentro do campo científico, apesar de isso ter uma influência enorme nas suas ideias. Ela vem também do próprio ateísmo destes autores, que passa a ser uma nova mensagem, para além da científica, que dá uma cosmovisão naturalista e, principalmente, desprendida da ideia de um ente metafísico criador. (MOREIRA, 2014, p.113)

E, para divulgar a “boa nova” ateuista, alguns militantes têm se organizado e criado instituições como a ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos), a Liga Humanista Secular, a *American Humanist Association*, a *British Humanist Association* e etc. Essas novas instituições formadas para reunir adeptos do novo ateísmo têm levantado fundos para custear campanhas midiáticas objetivando espalhar sua mensagem de ceticismo ufanista. Foi assim que, por exemplo, surgiu a *Atheist Bus Campaign*. Sobre essa iniciativa, Bourdon conta que:

Foi dos quatro cavaleiros, assim chamados, que partiu a ideia da campanha *Atheist Bus Campaign* e especialmente Dawkins se envolveu ativamente no planejamento, levantamento de fundos e execução do plano em parceria com a *British Humanist Association*. Em 2009 a Associação Humanista Britânica, com apoio de escritores e intelectuais, entre eles Richard Dawkins, veicularam uma campanha de marketing pregando a inexistência de Deus em Londres, na Inglaterra. Esta campanha colocou cartazes nos famosos ônibus vermelhos londrinos com a frase “Provavelmente não há deus. Agora pare de se preocupar e aproveite a vida”. Posteriormente, em novembro de 2008, uma campanha semelhante foi também realizada nos EUA, em Washington onde a Associação Humanista Americana veiculou a frase “Porque acreditar em Deus? Seja bom apenas pela bondade em si”. No Canadá foi realizada em fevereiro de 2009 uma campanha nacional em ônibus e trens com a mesma frase inglesa, porém em Francês, que dizia “Deus provavelmente não existe, agora pare de se preocupar e aproveite a vida”, porém foi barrada em muitas cidades, pelas próprias companhias de transporte, com a justificativa de que não era permitida propaganda religiosa nos ônibus. Em dezembro de 2010 a ATEA tentou veicular uma publicidade semelhante em ônibus de Salvador e Porto Alegre com as frases “Religião não define o caráter” e “Se Deus existe tudo é permitido”, mas os anúncios foram rejeitados, pois a agência de publicidade alegou temer processos jurídicos da prefeitura e das companhias

de ônibus. Em Porto Alegre a propaganda nos ônibus também foi rejeitada por - ironicamente - se tratar de propaganda religiosa, mas posteriormente foi veiculada em outdoors, sendo a primeira propaganda ateísta do Brasil. O mesmo tipo de propaganda foi realizado na Austrália, Nova Zelândia, Finlândia, Alemanha (com ônibus próprio circulando entre diversas cidades), Irlanda (em trens), Holanda (Outdoors com a frase: “provavelmente não há deus. Ouse pensar por si mesmo a aproveite a vida”), Espanha, e Suécia. Na Rússia a publicidade foi proibida por influência de organizações religiosas e na Itália a frase precisou ser mudada para que pudesse ser colocada em ônibus: “A boa notícia é que há milhões de ateus na Itália. A excelente notícia é que eles acreditam na liberdade de expressão” (BOURDON, 2017, p.73)

Apesar da campanha ateísta ter sido considerada bem-sucedida, uma vez que foi reproduzida em diversos países, ela também teve o efeito colateral de expor o neoateísmo como um movimento essencialmente “religioso”. Por exemplo, Margaret Atwood afirmou o seguinte sobre a campanha financiada pelos novos ateus: “Isso é religião! Depois que você paga dinheiro para colocar slogans nas coisas, bem, ou é um produto que você está vendendo, ou é um partido político, ou é religião.”¹⁷⁶ (ATWOOD apud MCKAY, 2009, p.1, tradução nossa) De acordo com Montero e Dullo:

Ao lançar a campanha, a ATEA buscava posicionar-se publicamente como uma minoria política, afirmando que ser ateu faz da pessoa um alvo do preconceito. Porém, o resultado não esperado foi o seu reconhecimento como uma minoria religiosa, acusada de fundamentalismo e de ser tão intolerante e ofensiva quanto as posições religiosas que ela visava combater. [...] O fracasso dessa campanha no Brasil, devido à recusa de parte dos meios de divulgação em veicular as imagens e as frases elaboradas pela ATEA, e o tipo de reação que suscitou nos levaram à conclusão de que o ateísmo, quando se posiciona publicamente contra a religião, é percebido como uma “crença individual” entre outras e, enquanto tal, é devolvido ao campo das disputas religiosas, com seus militantes sendo percebidos socialmente como uma “minoria fundamentalista”. (MONTERO; DULLO, 2014, p.74,59)

No entanto, ainda que a campanha neoateísta tenha fracassado no Brasil, ou que a grande “revolução ateísta” ainda não tenha chegado, isso pode mudar com o passar do tempo, no sentido de que as novas gerações estarão suscetíveis a estas ideias antirreligiosas que foram e continuam sendo largamente difundidas pelo neoateísmo, e que também estão presentes em grande parte dos cursos superiores de educação. Para aqueles que duvidam que os objetivos do neoateísmo podem ser alcançados, Dawkins traz uma mensagem de esperança durante a entrevista que concedeu à Daniel D’Addario:

[D’ADDARIO]: Você prevê uma situação em que não haveria mais religiosos? Isso parece muito distante no futuro.

[DAWKINS]: Sim, bem, muitas religiões morreram. Os deuses *Valhalla* não

¹⁷⁶ Texto original McKay: “*That’s religion! Once you’re paying money to put slogans on things, well it’s either a product you’re selling, a political party or religion*”.

estão mais conosco, os deuses nórdicos. Seria realista, então, dizer que haverá um tempo em que Jeová não estará mais conosco.¹⁷⁷ (D'ADDARIO, 2013, p.1, tradução nossa)

Ainda que, essas religiões tenham sido, na verdade, substituídas por outras crenças religiosas, de algum modo, nisso, Dawkins não deixa de ter razão. Seguindo por uma outra linha, Dennett aposta que os *brights* podem ser alçados a posições maiores de poder, e, assim, colocar em prática políticas que efetivamente favoreçam o ateísmo e eliminem as crenças religiosas. Nas palavras de Dennett:

Talvez no futuro, se um maior número de nós, *brights*, der um passo à frente e calmamente anunciar que é claro que não acreditamos mais em qualquer desses deuses, será possível eleger um ateu para um posto mais alto do que senador. Atualmente temos senadores judeus e mulheres, e membros do Congresso homossexuais, de modo que o futuro parece brilhante. Basta de crença em Deus. (DENNETT, 2006, p.164)

No geral, o que pudemos perceber é que os novos ateus utilizam uma série de estratégias para ampliar o número de ateus militantes dispostos a combater a religião. Para isso, além de estimular o “orgulho ateu”, o neoateísmo também busca vincular-se a causas antirreligiosas que também aparecem em outros movimentos, como o feminismo, o LGBTQIAP+, os movimentos populares de esquerda.

Sem Deus Tudo é Permitido

O russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881) é considerado um dos maiores escritores da História, e várias questões sobre o ateísmo estão presentes, direta ou indiretamente, em muitas de suas obras, como por exemplo: “Crime e Castigo” (1866), “O Idiota” (1869) e “Os Demônios” (1872). Mas, certamente, nenhum de seus livros aborda o ateísmo tão direta e profundamente quanto o maior de todos os seus clássicos: “Os Irmãos Karamazov” (1879). Nesse romance, encontramos o personagem Ivã Fiódorovitch Karamazov, um intelectual atormentado, que milita pelo ateísmo, tem posições antirreligiosas radicais e combate bravamente a crença em Deus entre seus conterrâneos desprovidos de conhecimento científico.

É por sugestão de Ivã que Smerdiakov, seu irmão bastardo, mata o pai de ambos e, mais tarde, se suicida. Em um determinado momento do drama, Ivã considera o que aconteceria se Deus não existisse e a religião fosse extinta em todas as suas formas. No trecho a seguir, Ivã

¹⁷⁷ Texto original D'Addario (2013): “Yes well, lots of religions have died out. The Valhalla gods are no longer with us, the Norse gods. It would be realistic, then, to say there will be a time when Jehovah is no longer with us.”

leva em consideração especialmente o aspecto de crença na imortalidade do espírito, que, para esse personagem, é a base de todas as crenças religiosas. Pedimos especial atenção do leitor para a citação a seguir, pois desse trecho emergiram reflexões profundas, feitas por grandes pensadores da humanidade, como Freud e Nietzsche, por exemplo. Escreveu Dostoiévski:

— Em geral, peço de novo permissão para abandonar o assunto — repetiu Piotr Alieksándrovitch — Contar-lhes-ei antes outra anedota bastante interessante e bastante característica, a propósito de Ivã Fiódorovitch. Há cinco dias, numa reunião em que se achavam sobretudo senhoras, declarou ele solenemente, no curso duma discussão, que nada no mundo obrigava as pessoas a amar seus semelhantes, que não existia nenhuma lei natural ordenando ao homem que amasse a humanidade; que se o amor havia reinado até o presente sobre a terra, era isto devido não à lei natural, mas unicamente à crença das pessoas em sua imortalidade. Ivã Fiódorovitch acrescentou entre parênteses que nisso está toda a lei natural, de sorte que se destruí o homem a fé em sua imortalidade, não somente o amor secará nele, mas também a força de continuar a vida no mundo. Mais ainda, não haverá então nada de imoral, tudo será permitido, até mesmo a antropofagia. Não é tudo: terminou afirmando que para cada indivíduo — nós agora, por exemplo — que não acreditar nem em Deus, nem em sua imortalidade, a lei moral da natureza devia imediatamente tornar-se o inverso absoluto da precedente lei religiosa; que o egoísmo, mesmo levado até a perversidade, devia não somente ser autorizado, mas reconhecido como a saída necessária, a mais razoável e quase a mais nobre. De acordo com tal paradoxo, julguem o resto, senhores, julguem o que o nosso querido e excêntrico Ivã Fiódorovitch acha bom proclamar e suas intenções eventuais...

— Com licença — exclamou de súbito Dimítiri Fiódorovitch. — Se bem entendi, “a perversidade deve não somente ser autorizada, mas reconhecida como a saída mais necessária e a mais razoável de cada ateu”! É bem isto?

— É exatamente isso — disse o Padre Paísi.

— Haverá de lembrar-me! (DOSTOIÉVSKI, 1970, p.68)

No romance, Ivã termina louco e o outro personagem do livro que também acreditava no ateísmo, Smerdiakóv, se suicida, atormentado pelo peso do parricídio que cometera. Smerdiakóv, irmão bastardo de Ivã, mata o pai de ambos, inspirado pela conclusão lógica de que em um mundo sem Deus “tudo é permitido”. É válido dizer que “Os Irmãos Karamazov” – ao lado de “Édipo-Rei” (427 a.C) e de “Hamlet” de Shakespeare (1609) – foi considerado por Sigmund Freud (1856-1939), no artigo “Dostoiévski e o Parricídio” (1928), como uma das “três obras-primas da literatura de todos os tempos”. (FREUD, 1969, p.217) E ainda, Albert Einstein (1879-1955), depois de ler “Os Irmãos Karamazov”, escreveu que: “trata-se do mais magnífico livro em que já pus as mãos”. (EINSTEIN apud PAGOU, 2015, p.1)

Apesar de toda a extraordinária complexidade filosófica envolvida na afirmativa de Dostoiévski de que se Deus não existe “tudo é permitido”, Dennett parece ter resolvido essa problemática moral de uma forma muito simples. Durante uma entrevista em 2017, ele foi

questionado: “Se não há céu ou inferno, por que as pessoas deveriam se comportar?” Dennett então respondeu: “Para merecer o amor e o respeito de seus amigos e vizinhos”.¹⁷⁸ (DENNETT apud PROSPECT, 2017, p.1) Ele só não explicou o que acontece com aqueles que não se preocupam de receber amor e respeito de amigos ou vizinhos. Entretanto, Peter Hitchens apresentou uma compreensão mais acurada do que realmente seria um mundo sem Deus:

Se algo funciona para você e você pode se safar, então você pode fazê-lo sem medo das consequências neste mundo – e não há outro mundo. Isso é ateísmo prático. Aqueles que o seguem provavelmente nem conseguem soe-trá-lo. Descrentes confortáveis e suburbanos odeiam ter isso apontado para eles. Eles nunca se comportariam assim, cercados como estão pela teia invisível de dez séculos de lei e moralidade cristã, que ainda protege as melhores partes do nosso país. Mas é a aplicação do que eles pregam, a adoração do eu e do poder. Fé e crença podem ser e muitas vezes são restrições a essa arrogância de poder. Eles oferecem a possibilidade de justiça onde a sociedade humana falha em fornecê-la – como quase sempre falha.¹⁷⁹ (HITCHENS, 2007, p.1)

Mas afinal qual o problema de os ateus terem sua própria teodiceia e terem a crença de que um mundo ateu é um mundo melhor? Certamente poder-se-ia argumentar que a teodiceia do movimento neoateísta é mais uma dentre tantas outras teodiceias que existiram, existem e vão continuar existindo. Todavia, a doutrina do novo ateísmo possui um diferencial que pode se revelar extremamente intolerante.

Ocorre que, diferentemente das outras teodiceias religiosas, no discurso neoateísta a panaceia só virá quando todas as religiões forem eliminadas, alcançando-se, assim, o tão sonhado paraíso na Terra, ou seja, um lugar guiado unicamente pela “razão”. De acordo com Koslowski e Santos:

O filósofo ateu Jeff Nall, em seu artigo *Fundamentalist atheism and its intellectual failures*, também defende que o novo ateísmo é um fundamentalismo secular. Nall (2008), Paine (2010), LeDrew (2013) defendem a tese shakespeariana de que os extremos se tocam. Assim como as religiões fundamentalistas que critica, o neoateísmo acabaria caindo na mesma atitude. [...] A caracterização do fundamentalismo ateu seria, em nossa reconstrução: sustentar uma visão estreita da religião para acusá-la de ser uma ameaça à civilização; sustentar uma visão apocalíptica da religião, que seria a de que o mundo somente será melhor com a eliminação da religião, pois todo

¹⁷⁸ Texto original Prospect (2017): “*If there’s no heaven or hell, why should people behave themselves? To deserve the love and respect of their friends and neighbours*”.

¹⁷⁹ Texto original Peter Hitchens (2007): “*that if something works for you, and you can get away with it, then you may do it without fear of consequence in this world – and there is no next world. That is practical atheism. Those who follow it probably cannot even spell it. Comfortable, suburban unbelievers hate to have this pointed out to them. They would never behave like that, surrounded as they are by the invisible web of ten centuries of Christian law and morality, which still protects the nicer parts of our country. But it is the application of what they preach, the worship of self and power. Faith and belief can be and often are restraints on this arrogance of power. They offer the possibility of justice where human society fails to provide it – as it almost always does fail*”.

o mal vem dela; fanatismo, intolerância e não pluralismo seriam características desse tipo de ateísmo. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.105)

É exatamente neste ponto que está o grande risco desse discurso, pois, o passar do tempo e o aumento do número de novos ateus, poderia, em princípio, levar a uma situação onde eles não apenas emitam discursos fundamentalistas, mas também realizem ações extremistas para que o objetivo final do neoteísmo se concretize. Claro que em nenhum momento da história humana houve um período em que todas as religiões foram extintas por completo no mundo. No entanto, em vários países esse feito foi atingindo em quase sua totalidade, ao menos no que tange à manifestação pública dessa religiosidade. Trata-se dos países que adotaram o ateísmo como política oficial de Estado. Mas, é preciso que façamos uma importante distinção entre “Estado ateu” e “Estado laico”.

Um Estado laico, é um regime político em que a constituição e as ações do governo são oficialmente imparciais em relação à liberdade religiosa, não promovendo nem se opondo a nenhuma forma de religião ou de visão ateísta de mundo. Nesses termos, o Estado laico é, basicamente, um Estado secularizado. No entanto um Estado ateu é quando o regime político adota oficialmente uma postura antirreligiosa, passando a proibir a prática de uma ou mais religiões, podendo inclusive mudar a constituição do país para legalizar as políticas de perseguição às mesmas. Assim, o ateísmo de Estado é a adoção do chamado “ateísmo positivo”, ou “não-teísmo”, pelo próprio regime político do país.

É preciso atenção para essa diferença entre esses dois tipos de Estados para que não sejamos enganados por confusões propositais que os ateus costumam fazer entre diferentes formas de regimes políticos. Por exemplo, Harris comumente confunde um estado laico com um estado ateu – uma estratégia retórica que tem o objetivo, como ele mesmo diz, de “acabar com a religião”. Harris também faz confusões entre regimes que “acabaram com a religião” e países onde a maioria da população afirma não seguir uma religião determinada, o que não significa dizer que estas pessoas se auto-identifiquem como ateias. Segundo Harris:

Embora você acredite que acabar com a religião é um objetivo impossível, é importante perceber que ele já foi alcançado por boa parte do mundo desenvolvido. Noruega, Islândia, Austrália, Canadá, Suécia, Suíça, Bélgica, Japão, Holanda, Dinamarca e o Reino Unido estão entre as sociedades menos religiosas da Terra. De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano das Nações Unidas (2005), essas sociedades também são as mais saudáveis, segundo os indicadores de expectativa de vida, alfabetização, renda per capita, nível educacional, igualdade entre os sexos, taxa de homicídios e mortalidade infantil. Até onde há um problema de crime na Europa ocidental ele é, sobretudo, produto da imigração. Na França, por exemplo, 70% dos detentos

nas prisões são muçulmanos. Os muçulmanos da Europa ocidental em geral não são ateus. Inversamente, os cinquenta países que ocupam os lugares mais baixos, segundo o índice de desenvolvimento humano das Nações Unidas, são inabalavelmente religiosos. (HARRIS, 2006, p.43)

O que devemos observar como ponto mais significativo desta afirmação de Harris é quando ele diz que “acabar com a religião é um objetivo” que parece impossível, mas que “já foi alcançado por boa parte do mundo desenvolvido”, e, em seguida, cita exemplos de países bem-sucedidos do primeiro, mundo querendo passar a mensagem de que o fim da religião traz prosperidade.

Há algo mais aqui, Harris estabelece uma relação direta entre religiosidade e criminalidade, religiosidade e pobreza, ignorando completa e deliberadamente as graves questões de relações coloniais, discriminação e exclusão social que marcam a história das comunidades de imigrantes das ex-colônias nas grandes cidades da França e outros países europeus. Idem com os países africanos, sul-americanos e asiáticos, que enfrentam graves problemas de pobreza em grande medida por sua condição de ex-colônias dos impérios europeus – sem falar nas consequências do imperialismo americano, de impacto mais recente.

No final do parágrafo ele revela o segredo de sua “interpretação” e daquilo que ele considera ser um país que “acabou com a religião”. Diz ele que se refere àqueles países considerados “menos religiosos”. No entanto, Harris nem precisaria se dar a esse trabalho retórico, pois a história da humanidade tem vários exemplos de países que quase acabaram com a religião de fato. E esses exemplos mostram que quando ideologias antiteístas assumiram o controle de algumas nações, elas não produziram sociedades gloriosas, como é anunciado no discurso milenarista dos novos ateus. Em verdade, durante praticamente todo o século XX sempre que um determinado regime político oficializou o ateísmo e a perseguição religiosa, ele gerou efeitos perversos, como nos casos de Afonso Augusto da Costa (1871-1937) em Portugal, Plutarco Elías Calles (1877-1945) no México, Pol Pot (1925-1998) no Camboja, Mao Tsé-Tung (1893-1976) na China e Josef Stalin (1878-1953) na União Soviética. (REIS, 2021)

Lembrando que, ao iniciarmos a terceira parte desse estudo buscamos demonstrar como a teodiceia pregada pelo novo ateísmo afirma que o mundo será um lugar melhor sem a religião. No entanto, ao invés de estudar exemplos históricos de estados que se autoproclamaram ateus e/ou antirreligiosos, os líderes do novo ateísmo preferiram construir narrativas utópicas de um mundo sem guerras, sem conflitos, solidário e plenamente esclarecido pela “razão científica”.

Assim, é muito comum vermos os líderes do neoateísmo narrando uma grande quantidade de ações violentas que estão, de alguma forma, relacionadas com a religião. No entanto, estes mesmos autores nunca se referem as atrocidades cometidas por ateus contra as religiões e os religiosos. De acordo com Franco, essa estratégia retórica é percebida por todos que têm conhecimento histórico dos regimes autoritários que existiram no decorrer do séc. XX. Contudo, são os sociologicamente leigos, sobretudo os mais jovens, que o ateísmo deseja alcançar com esse discurso de que um mundo guiado pelo pensamento ateuista será um mundo melhor. Segundo Franco:

Dentre as inúmeras críticas de McGrath, ele afirma que Dawkins seleciona dados históricos, de modo a privilegiar aqueles que são úteis aos seus argumentos ateístas, omitindo, no entanto, registros que deporiam contra sua visão. Isto ocorre quando Dawkins exhibe números de mortos em função das religiões, mas deixa de expor os mortos decorrentes de regimes ateus (como os comunistas). (FRANCO, 2014, p.143)

Entretanto, se não acreditarmos *a priori* nas promessas messiânicas do novo ateísmo, podemos fazer o que todo historiador deve fazer quando quer hipotetizar algo sobre o futuro, ele deve olhar para o passado. E ao observarmos como agiram os primeiros governos que perseguiram e tentaram eliminar as religiões do âmbito público, vemos o quão nocivos e censuráveis foram os seus atos.

Conclusões

Neste subcapítulo vimos três fatores bastante relevantes para a compreensão de nossa análise. Primeiramente entendemos como os neoateus constroem uma narrativa de um mundo melhor sem a religião. Em seguida fazem com que esse discurso antirreligioso assumam características quase messiânicas, com os líderes do neoateísmo fazendo o papel de guias da humanidade no caminho para a iluminação científica. E fecham esse ponto conclamando os seus seguidores a “combater o bom combate” contra as religiões e os religiosos. Percebe-se assim, que o que está acontecendo tem objetivos mais amplos do que pode parecer à primeira vista. De acordo com Barbosa e Andrade:

De fato, lendo os neoateístas é possível perceber que o movimento do qual fazem parte quer ser um amplo movimento social, organizado com vistas à implementação político-cultural de suas próprias propostas e de uma perspectiva secular renovada. Convém lembrar, todavia, que deste ponto de vista a proposta neoateísta mais radical de eliminação ou erradicação do discurso religioso de espaço público ou mesmo privado, implica em investir sobre duas instituições típicas, condições *sine qua non* da sociedade norte-

americana contemporânea: investir sobre o pluralismo, pela via de sua redução e sobre a dimensão multireligiosa da esfera pública, pela via de sua desestruturação. (BARBOSA; ANDRADE, 2013, p.150)

Assim, é preciso enxergarmos que a teodiceia dos novos ateus é mais do que uma utopia inalcançável ou uma fantasia inocente. Trata-se de um discurso que visa fazer com que um número cada vez maior de pessoas dissemine a ideia de que a religião precisa ser eliminada para o bem da humanidade. Esse discurso extremado torna-se ainda mais preocupante quando é associado a estratégias de conclamação pública de “soldados” dispostos a lutar contra as crenças religiosas.

Também podemos identificar outra característica relevante: o neoateísmo não quer deixar espaço vazio. Assim, a ideia é propor o descarte da religião em nome de uma teodiceia naturalista, onde todos vivem felizes e realizados, onde não existe nenhuma espécie de conflito e nem injustiças, e tudo isso porque a religião foi erradicada e todos se tornaram livres-pensadores que fazem sempre as melhores escolhas “para merecermos o amor e o respeito de seus amigos e vizinhos”, como o disse Dennett.¹⁸⁰ (DENNETT apud PROSPECT, 2017, p.1)

Mas, é necessário que tenhamos muita atenção aos potenciais riscos que a intolerância religiosa e o cientificismo da teodiceia proposta pelos novos ateus representam para as religiões e os religiosos. Principalmente porque toda essa nossa análise nos permite assumir que os neoateus deram todos os passos necessários – ainda que não suficientes – para o objetivo maior: a eliminação das religiões. Pois além da diferenciação pejorativa do religioso, eles também produziram e divulgaram uma teodiceia ateísta, ao mesmo tempo em que conclamam seus seguidores a combater a religião como grande inimigo da humanidade.

Dawkins nega que exista qualquer intenção ditatorial por traz do discurso radical neoateísta, ao menos de sua parte. Segundo ele, a erradicação da religião deve acontecer por meio da “conscientização” das pessoas. No entanto, é intrigante a forma como o jornalista Simon Hattenstone descreve as reações de Dawkins quando ele é perguntado sobre o que faria se fosse alçado à condição de um ditador. Segue o relato:

Digo a ele [Dawkins] que tenho pensado sobre seu ponto de vista de que as crianças não devem ser definidas pela religião e que tenho uma solução. Por que não banir a religião até os 18 anos? Esperava que ele ficasse encantado com minha iniciativa, mas ele parece horrorizado. “Ah, não. Não quero estabelecer uma lei que diga que, quando você tira uma carteira de motorista, pode se chamar do que quiser. É uma questão de conscientização”. [Pergunto]

¹⁸⁰ Texto original Prospect (2017): “*If there’s no heaven or hell, why should people behave themselves? To deserve the love and respect of their friends and neighbours*”.

O que ele faria se tivesse os poderes de um ditador? Ele parece positivamente assustado agora. Ele começa a gaguejar. “Eu, eu, eu não quero ser ditatorial sobre isso, não quero legislar sobre isso, acho que a abordagem mais próxima que chegaria de ser, se você me colocasse na posição de ditador, eu certamente aboliria...” Ele faz uma pausa e começa de novo. “Acho que aboliria as escolas que sistematicamente inculcam crenças sectárias” (religiosas). Mas você ainda tem pais infectando as crianças com seus dogmas, eu digo, bancando o capelão do diabo. “Bem, eu não gostaria de ter a polícia do pensamento indo para a casa das pessoas, ditando o que eles ensinam a seus filhos. Eu não quero ser o *Big Brother*. Eu odiaria isso.” Ele está falando cada vez mais rápido. “Portanto, não quero legislar sobre isso, continuo voltando a essa coisa de conscientização. Tudo o que posso fazer é escrever livros e artigos”.¹⁸¹ (HATTENSTONE, 2003, p.1, tradução nossa)

No entanto, se alguém quiser argumentar com um defensor do neoateísmo que no passado os regimes ateístas não entregaram as maravilhas que eles prometerem, é bastante provável que ele lhe diga que nada garante que dessa vez não será diferente. De todo modo, para o novo ateísmo, ainda que a panaceia humana de fato não aconteça após o fim das religiões, ao menos, ela deixará de ser fonte de problemas e interditos. E apenas isso já é o bastante para que os neoateus achem que é suficientemente compensatório todo o sofrimento causado pela eliminação da religião na sociedade.

Contudo, apenas por essa análise, não nos é possível afirmar se, algum dia, os novos ateus vão alcançar seu intento principal. Não obstante, o discurso fundamentalista ateu existe e precisa ser levado a sério.

¹⁸¹ Texto original Hattenstone (2003): “I tell him I've been thinking about his point that children should not be defined by religion, and that I have a solution. Why not ban religion till you're 18? I expect him to be delighted by my initiative, but he looks horrified. “Oh no. I don't want to lay down a law that says when you get a driving licence, you can call yourself anything you like. It's a consciousness-raising issue.” What would he do if he had the powers of a dictator? He looks positively frightened now. He starts to stutter. “I, I, I don't want to be dictatorial about this, I don't want to legislate about this, I do think the nearest approach I would get to being, if you put me in the position of being a dictator, I would certainly abolish...” He pauses, and starts again. “I think I would abolish schools which systematically inculcate sectarian beliefs.” But you've still got parents infecting the kids with their dogma, I say, playing devil's chaplain. “Well, I wouldn't want to have the thought police going to people's homes, dictating what they teach their children. I don't want to be Big Brotherish. I would hate that.” He's talking faster and faster. “So I don't want to legislate about this, I keep coming back to this consciousness-raising thing. All I can do is write books and write articles.”

3.2 Neoateísmo: Um Tipo de Darwinismo Social Religioso?

Assim como vimos antes, para os líderes do novo ateísmo praticamente todas as grandes mazelas humanas estão relacionadas ou provêm diretamente da religião. E, claro, o nazismo não ficaria de fora da lista neoateísta dos horrores religiosos que assolaram a humanidade. Segundo Harris: “O antissemitismo que construiu os fornos crematórios tijolo por tijolo – e que continua bem vivo até hoje – chega até nós, através da teologia cristã; conscientemente ou não os nazistas foram agentes da religião”. (HARRIS, 2009, 91) Valmor Santos explica que:

Entre os exemplos mais sombrios da história da fé, Harris escolhe a inquisição e o Holocausto. Em sua opinião, ambos têm sua agência na religião. No caso do Holocausto, segundo Harris, séculos de antijudaísmo que remontam a escritos do Novo Testamento e séculos dessa atitude entre os alemães tornaram o antissemitismo possível; além disso, a igreja alemã da época de Hitler teria reforçado o ser judeu como uma raça. (SANTOS, 2016, p.39)

No entanto, como será mostrado nesse subcapítulo, há muitos elementos para discordarmos da afirmação de Harris de que “os nazistas foram agentes da religião”. E ainda veremos que, ao contrário do que foi colocado por ele, a lógica nazista se assemelha muito mais a proposta neoateísta de se diferenciar dos religiosos com o epíteto de *brights*. Contudo, para que possamos explicar tudo isso, além de trazer fatos históricos pouco conhecidos sobre o nazismo, também será preciso voltarmos um pouco mais e esclarecermos brevemente alguns conceitos, como: darwinismo social, eugenia e racismo científico.

Em 1933, quando foi nomeado chanceler, Hitler chegou a prometer ao *Reichstag* (Parlamento Alemão) que ele não interferiria nos direitos das religiões. Porém, assim que conseguiu assegurar seu poder, Hitler imediatamente quebrou sua palavra e iniciou um processo de perseguição religiosa no Terceiro *Reich*. A intenção parecia ser a de acabar com a influência do cristianismo na sociedade alemã, substituindo-a por um tipo de credo à ideologia nazista. (PHAYER, 1996, p.155) Até Dawkins parece concordar com isso. No entanto, ao reconhecer a falta de religiosidade de Hitler, ele tira o foco do ditador e diz que apesar de ele não ter sido um cristão sincero, o que interessa é que seus soldados o eram (ou, pelo menos, a maioria “certamente era”). De acordo com Dawkins:

É possível argumentar que, apesar de suas próprias palavras e das dos que trabalhavam com ele, Hitler não era realmente religioso, mas apenas explorava cinicamente a religiosidade de seu público. [...] Ninguém pode negar que Hitler fosse capaz de tal falta de sinceridade. Se esse foi seu verdadeiro motivo para fingir ser religioso, ele nos faz lembrar que Hitler não executou suas atrocidades sozinho. Os atos temerosos em si foram executados por soldados

e oficiais, sendo que a maioria certamente era de cristãos. (DAWKINS, 2007, p.286)

Além de perseguir, prender, torturar e matar religiosos, também é preciso deixar claro que o massacre de milhões de seres humanos pelo regime nazista, inclusive inventando métodos de extermínio em massa, era justificado pela política de base darwinista de “aperfeiçoamento da espécie”. Como veremos mais à frente, quando descrevermos o darwinismo social, a eliminação dos “não-arianos” pelos nazistas não tinha relação com nenhum tipo de visão religiosa radical, ao contrário, ela era autorizada e financiada pelo Estado como uma ação cientificamente embasada, que ajudaria o processo evolutivo através da purificação da raça; tanto que não foram apenas os judeus os alvos da limpeza genética feita pelo nazismo. Segundo Hannah Arendt (1906-1975), foi essa mentalidade darwinista de “sobrevivência do mais apto” que produziu a “violência estrutural” aplicada no regime nazista. Diz Arendt:

Além do Holocausto judeu, os nazistas assassinaram sistematicamente todos os indesejáveis, fossem doentes mentais, ciganos, maçons, comunistas, inimigos políticos, prisioneiros de guerra, os próprios soldados alemães feridos e que não tivessem condições de serem removidos para tratamento, etc., muitos dos quais, morreram segundo a prática da “morte misericordiosa”. (ARENDR, 1999, p.98)

O próprio Hitchens reconhece que o nazismo não tinha só os judeus como alvo e “defendia uma postura de extermínio para os doentes, os desajustados e os insanos, e rapidamente começou a aplicar essa política não a judeus, mas a alemães. Em benefício da Igreja deve ser dito que seus púlpitos alemães denunciaram essa hedionda seleção eugênica” (HITCHENS, 2007, p.171).

Não obstante, como vimos antes, os novos ateus buscam diferenciar-se dos demais seres humanos autointitulando-se *brighs*. Por isso, se pensarmos com cuidado, veremos que de igual modo o fizeram os nazistas com o seu complexo de “arianismo”, de “raça pura”, o “*Übermensch*” (“além-homem”, em alemão). Os nazistas também utilizaram um termo específico para descrever os seres “humanos inferiores”: “*Untermensch*”, que em alemão pode ser traduzido como “subumano”.

Na propaganda nazi e nas salas de aula alemãs, todos os deficientes físicos e mentais e todos os “povos inferiores” eram descritos como *Untermensch*. Além de judeus e ciganos, também eram considerados subumanos: os africanos, os mouros, os sérvios, os poloneses, outros povos eslavos como os russos, e quaisquer outros povos que não pudessem ser enquadrados como pertencentes à “raça ariana” (basicamente, germânicos e nórdicos).



[Esquerda] Execução pública de sacerdotes e civis religiosos poloneses, em Bydgoszcz – Polônia (09/09/1939).¹⁸² / [Direita] Capa de revista nazista de 1938 que diz: “60.000 reichsmark é o que esta pessoa com defeito hereditário custa à comunidade durante sua vida. Companheiro cidadão, esse é o seu dinheiro também. Leia!”.¹⁸³

O nazismo é um exemplo muito claro de como a diferenciação depreciativa pode conduzir a um caminho de tentativa de exclusão daqueles que são considerados inferiores. Esse tipo de cosmovisão não fez nascer um “novo homem”, guiado pela ética e pela razão, como sonharam os nazistas e como alguns novos ateus divulgam que acontecerá com o fim da religião. Ao contrário, essa busca por uma suposta superioridade evolutiva gerou violência, sofrimento e morte. E esse parece ser um ponto que é sistematicamente ignorado pelos novos ateus quando buscam se diferenciar dos religiosos depreciando-os. Segundo Nascimento:

O discurso neoateu é liberal extremista e criador de uma visão altamente pragmática e impiedosa da sociedade. [...] Dawkins defende uma relação direta entre o ateísmo e a tendência para uma conduta mais ética. Ele pensa que por exigir um maior nível de instrução, o ateísmo faz com que as pessoas ponderem melhor os seus atos e por isso sejam mais éticos e pratiquem menos crimes. Dawkins parece esquecer que o Stalinismo, o Nazismo, o Fascismo e o movimento revolucionário na China na década de 1940 foram movimentos ateístas e contrários à religião. Nem por isso foram movimentos que contaram com um respeito à vida humana. Foram simplesmente os momentos mais violentos de toda história humana. (NASCIMENTO, 2015, p.76)

Um outro ponto que aproxima a visão extremada do nazismo e a radicalidade presente no discurso do novo ateísmo é o persistente uso do recurso metafórico de comparar os oponentes religiosos à doenças e pragas mortais. Zygmunt Bauman (1925-2017), no livro “Modernidade e Holocausto” (1989), esclarece que:

¹⁸² Imagem disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bydgoszcz_1939_Polish_priests_and_civilians_at_the_Old_Market.jpg> Acesso: 15.01.2021

¹⁸³ Imagem disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/File:EuthanasiePropaganda.jpg>> Acesso: 15.01.2021

O discurso, a linguagem de Hitler era carregada de imagens de doença, infecção, infestação, putrefação, pestilência. Ele comparava o cristianismo e o bolchevismo à sífilis e à peste, falava dos judeus como bacilos, micróbios da decomposição, vermes. “A descoberta do vírus judaico”, disse a Himmler em 1942, “foi uma das grandes revoluções que tiveram lugar no mundo. A batalha em que estamos empenhados hoje é semelhante à que travaram, no século passado, Pasteur e Koch. Quantas doenças têm sua origem no vírus judaico... Só recobramos a saúde eliminando o judeu”. Em outubro do mesmo ano, Hitler proclamou: “Exterminando a peste, estaremos servindo à humanidade”. Os executores da vontade de Hitler falaram do extermínio dos judeus como *Gesundung* (cura) da Europa, *Selbstreinigung* (autopurificação), *Judensäuberung* (expurgo dos judeus). (BAUMAN, 1998, p.63-65)

Lembremos que os novos ateus já equipararam a religião a doenças mentais (DAWKINS, 2007, p.330; HARRIS, 2009, p.82), vírus (DAWKINS, 2006, p.101), câncer (DENNETT, 2006, p.34), doenças venéreas (HITCHENS, 2007, p.47) e etc. Essas declarações demonstram como a “assepsia social” religiosa proposta pelo novo ateísmo se assemelha à assepsia proposta pelo nazismo.

Entretanto, existe ainda outro ponto onde esses dois discursos, neoateísta e nazista, se assemelham, e ele também está relacionado com as tentativas de inferiorizar o outro, o *Untermensch*, como dito antes. Há alguns anos, os ateus vêm adotando uma narrativa de que as pessoas religiosas são menos inteligentes do que aqueles que optam pelo ateísmo. Assim como os nazistas o fizeram, os novos ateus também atestam que essas declarações são embasadas na ciência. Veremos que, para vários analistas, essa proposição neoateísta é falsa e deve ser rejeitada como uma forma de darwinismo social. Mas, antes de adentrarmos diretamente esse tema, é necessário compreender um pouco melhor o que é o darwinismo social e como ele continua presente atualmente.

Darwinismo social e Eugenia

Um fato que chama bastante a atenção no discurso dos novos ateus é que, apesar de eles falarem recorrentemente em Hitler e no nazismo, eles quase nunca se referem a questões como darwinismo social e eugenia. Para Dawkins, essas coisas não passam de “má interpretação das ideias de Darwin”, como afirmou na segunda parte do documentário “*The Genius of Charles Darwin*”. (DAWKINS, 2008, 0:31) Porém, tanto Dawkins quanto os demais líderes do neoateísmo sabem que o darwinismo social e eugenia são muito mais do que simplesmente “más interpretações” de ideias.

Façamos uma análise mais cuidadosa de cada uma dessas proposições para entendermos melhor sua relação com o discurso radical neoateísta. Darwinismo social é um termo que é utilizado por historiadores para descrever várias teorias que surgiram no Reino Unido, América do Norte e Europa Ocidental após a massificação acadêmica do paradigma evolutivo. Com efeito, um novo paradigma do pensamento social surgiu na segunda metade do século XIX após a grande repercussão e rápida adoção das teorias evolutivas. O darwinismo social foi proposto, desenvolvido e fomentado, no meio acadêmico e popular, por aquele que viria a ser um dos maiores divulgadores do evolucionismo no século XIX, o filósofo e biólogo ateu Herbert Spencer (1820-1903). De acordo com Paula Casal:

Herbert Spencer, contemporâneo de Darwin, combinou os preconceitos de seu tempo com sua interpretação da seleção natural como “a sobrevivência do mais apto” e usou tudo isso para justificar uma política reacionária que recomendava que os fracos fossem deixados à própria sorte. A natureza deveria seguir seu curso, filtrar o inútil e melhorar a raça. (CASAL, 2013, p.55)

Spencer, aliás, é o verdadeiro criador da expressão “sobrevivência do mais apto”, que não consta em “A Origem das Espécies”. Essa teoria foi usada para justificar a ideia de que a desigualdade existente entre indivíduos e sociedades era natural e inevitável, assim sendo, ricos, poderosos e pessoas socialmente bem-sucedidas eram superiores aos pobres, fracos e necessitados. De igual modo também eram evolutivamente superiores as sociedades economicamente mais abastadas e tecnologicamente mais desenvolvidas.

Embora o darwinismo social não tenha necessariamente uma relação direta com o ateísmo, muitos dos primeiros e principais defensores dessa ideia eram ateus e críticos do clero religioso, e utilizavam o argumento evolucionista para promover a ideia de que a religião e a moralidade religiosa estavam obsoletas, devendo a ciência tomar o lugar de guiar as decisões e a organização social. Assim, de forma sintética, podemos definir o darwinismo social como o uso dos conceitos de luta pela existência e “sobrevivência do mais apto” para justificar políticas públicas de eliminação de indivíduos incapazes de se sustentar e de produzir bens em uma determinada sociedade.

Teoricamente, a morte do “menos apto” contribuiu para a “evolução da espécie”. Esse paradigma evolucionista que se tornou rapidamente hegemônico nas ciências humanas, em todo o mundo ocidental, e seguiu como forma dominante de pensamento sobre o social e o humano até meados do século XX, produziu flagelos sociais profundos na história, como: a eugenia, o racismo, o imperialismo, o fascismo e o nazismo (como vimos antes).

Citando mais exemplos emblemático, o darwinismo social é apontado como o responsável por episódios hediondos como o genocídio belga no Congo, que, entre 1885 e 1908, provocou a morte de cerca de 10 milhões de africanos; e a grande fome de 1943 em Bengala, na Índia Britânica, que se acredita ter dizimado mais de 3 milhões de indianos.

Esses temas não poderão ser tratados com mais detalhes nesse estudo em função do grande número de páginas que demandaria uma análise aprofundada dos males provocados pelo darwinismo social. Mas, ao conhecer melhor esses relatos, não é surpreendente que os teóricos das sociedades “superiores” tenham adotado a seleção natural darwiniana como uma adequada “resposta científica”, bastante conveniente para justificar os massacres que os seus países cometiam em suas colônias – especialmente no que se refere aos teóricos ingleses.



Na primeira imagem, a esquerda: civis congolezes vítimas de mutilação por autoridades do governo belga durante o reinado de Leopoldo II.¹⁸⁴ Já a foto do lado direito foi divulgada no *The Statesman* em 22 de agosto de 1943, mostrando as condições de fome em Calcutá (Bengala).¹⁸⁵

Assim, torna-se perfeitamente compreensível o porquê de o darwinismo social ter embasado a lógica que pautou o nazismo acrescido de um elemento a mais: a eugenia. Nesse ponto, até Dawkins parece concordar, pois, estranhamente, depois de passar quase um capítulo inteiro de “Deus, um delírio” tentando associar Hitler e a maioria dos “soldados cristãos” nazistas à própria existência da religião, no final, ele admite que não foi o cristianismo que pautou as políticas de estado do Terceiro *Reich*, mas sim, a eugenia. Conforme o próprio Dawkins, referência maior do novo ateísmo:

Stálin era ateu e Hitler provavelmente não era; mas, mesmo que fosse, o ponto principal do debate Stálin/Hitler é muito simples. Ateus podem fazer

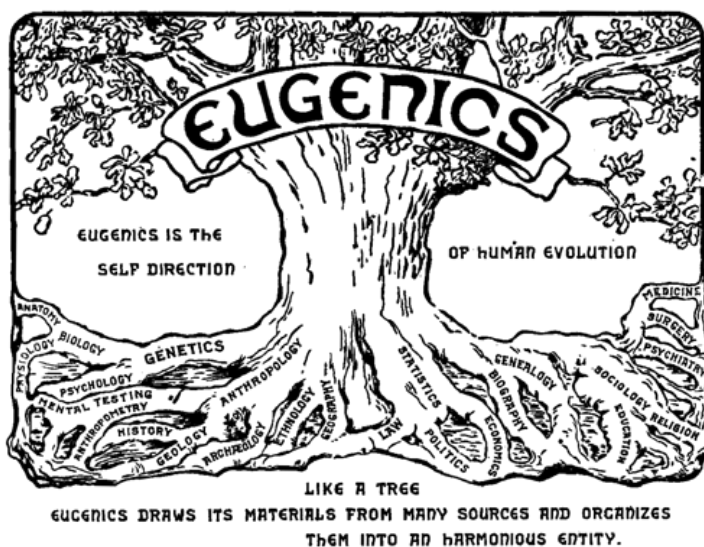
¹⁸⁴ Disponível: <<https://en.wikipedia.org/wiki/File:MutilatedChildrenFromCongo.jpg>> Acesso: 22.12.2020

¹⁸⁵ Disponível: <[https://en.wikipedia.org/wiki/File:Dead_or_dying_children_on_a_Calcutta_street_\(The_Statesman_22_August_1943\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Dead_or_dying_children_on_a_Calcutta_street_(The_Statesman_22_August_1943).jpg)> Acesso: 23.12.2020

maldades, mas não fazem maldades em nome do ateísmo. Stálin e Hitler fizeram coisas extremamente cruéis, em nome, respectivamente, do marxismo dogmático e doutrinário e de uma teoria eugênica insana e anticientífica. (DAWKINS, 2007, p.288)

É bastante discutível se os ateus “não fazem maldades em nome do ateísmo”. Mas, o ponto-chave nesse momento é compreender que a eugenia é um conjunto de propostas apresentadas no final do século XIX, que visavam a melhora genética da humanidade, através da seleção e reprodução controlada de seres humanos. Seu primeiro proponente foi Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin, que elaborou sua teoria eugenista baseando-se nas teorias evolutivas e no conceito de transmissão hereditária por genes.

Foi em 1869 que Galton publicou “*Hereditary Genius*” onde, basicamente, afirmava que “homens notáveis teriam filhos notáveis”. Nesse sentido, Galton propõe que a seleção artificial, que já era largamente utilizada em plantas e animais, também fosse aplicada em populações humanas com o objetivo de melhorar os fenótipos dessas populações, através do favorecimento dos “melhores” genes. Agora, a vida humana agora poderia ser totalmente guiada pelo conhecimento científico, ou, como dizia o cartaz da Segunda Conferência Internacional de Eugenia, realizada em 1921 nos EUA: “Eugenia é a autodireção da evolução humana”.



Logo da Conferência Internacional de Eugenia, realizada em 22 de outubro de 1921 no Museu de História Natural de Nova York (EUA)

Assim como Spencer, Galton também era ateu, e, embora a eugenia não guarde uma relação direta com o ateísmo, muitos dos defensores dessa ideia eram céticos e antirreligiosos. E muitos eugenistas ateus usavam essa teoria para promover a ideia de que a ciência deveria

guiar a humanidade para aperfeiçoar a raça humana, favorecendo os “genes bons” e deixando a natureza eliminar (ou, eliminando eles mesmos) os “genes ruins”. Curiosamente, Galton sugere que a religião e a moralidade cristã tradicional seriam obstáculos para a concretização da eugenia como uma política de estado necessária ao aprimoramento da espécie humana. (GALTON, 1894, p.758) Esse mesmo tipo de comentário, demonstrando uma oposição entre religião e eugenia, será feitos por outros autores mais adiante, inclusive Richard Dawkins.

O próprio Galton era um duro crítico da religião e defendia que a natureza humana e suas implicações sociais deveriam ser compreendidas a partir de uma abordagem científica, em vez de dogmas, tradição ou crenças religiosas. Galton acreditava que a religião estava totalmente baseada em narrativas mitológicas e superstições sem sentido, que deveriam ser rejeitadas em nome da ciência, pois só ela seria uma ferramenta confiável para explicar o mundo, esclarecer enganos e promover o progresso humano. (GALTON, 1894, p.762) Essa é praticamente a mesma narrativa científicista repetida pelo neoateísmo atualmente.

Também de modo muito similar aos novos ateus, Galton acreditava que a religião gradualmente definharia em função do aumento do conhecimento, do maior acesso à educação e da promoção da razão e de valores científicos. Assim, ele também defendeu que a humanidade estaria melhor sem a religião. E tal como os novos ateus, Galton percebeu que esse não seria um processo rápido, nem simples, e que, provavelmente, a religião continuaria existindo ainda por muito tempo. (GALTON, 1894, p.761)

Richard Dawkins, ao comentar sobre Galton, chega a demonstrar simpatia pelo pai da eugenia e pela maneira como ele usava a ciência para desacreditar e ridicularizar a religião já no séc. XIX. Em “Deus, um delírio”, Dawkins não adentra na questão da eugenia em nenhum momento, mas acha interessante contar que:

Francis Galton, primo de Darwin, foi o primeiro a avaliar cientificamente se rezar pelas pessoas é eficaz. Ele lembrou que todo domingo, em igrejas de toda a Grã-Bretanha, congregações inteiras rezavam publicamente pela saúde da família real. A família não deveria então, portanto, ser bem mais saudável se comparada ao resto de nós, que só recebemos preces dos nossos entes mais próximos e queridos? Galton investigou e não encontrou nenhuma diferença estatística. Sua intenção, em todo o caso, pode ter sido fazer sátira, assim como quando rezou sobre lotes de terra aleatórios para ver se as plantas cresceriam mais rápido (não cresceram). (DAWKINS, 2007, p.74)

Assim como o darwinismo social, a eugenia também se tornou extremamente popular no início do século 20, e ambas as ideias influenciaram diretamente na eugenia nazista e nas políticas raciais, imigratórias e de discriminação racial em diversos países. Os males

provocados por esse paradigma cientificista são incomensuráveis e já foram, em grande parte, descritos por uma quantidade bastante significativa de livros, estudos científicos e documentários. Aqui, o importante destacar que embora a grande maioria dos cientistas da atualidade considere a eugenia uma ideia perigosa e geneticamente deletéria, ainda assim, não se pode dizer que essa proposição esteja totalmente morta. Como veremos, algumas bases retóricas usadas nas teorias eugênicas continuaram vivas mesmo após o Holocausto ter provocado o refluxo dessas ideias no mundo. Pois, por mais sofisticados que sejam os discursos hoje em dia, não é difícil observarmos que existem elementos de darwinismo social e de eugenia ainda em circulação. Por exemplo, em 2014, numa rede social, Dawkins deu a seguinte resposta para uma mulher que disse que enfrentaria um verdadeiro “dilema ético” caso engravidasse de um bebê com síndrome de Down: “Aborte e tente novamente. Seria imoral trazê-lo ao mundo se você tivesse escolha”.¹⁸⁶ (THE GUARDIAN, 2014, p.1) E se, a princípio, poder-se-ia imaginar que foi uma fala equivocada de Dawkins, ele, mais recentemente, em 2020, deixou sua posição mais clara:

Uma coisa é deplorar a eugenia por motivos ideológicos, políticos e morais. Outra bem diferente é concluir que não funcionaria na prática. Claro que sim. Funciona com vacas, cavalos, porcos, cães e rosas. Por que diabos não funcionaria para os humanos? Os fatos ignoram a ideologia... Para aqueles que estão decididos a perder o ponto, deploro a ideia de uma política eugênica. Mas, eu simplesmente disse que lamentar não significa que não funcionaria. Assim como criamos vacas para produzir mais leite, poderíamos criar humanos para correr mais rápido ou saltar mais alto. Mas o céu proíbe que o façamos.¹⁸⁷ (DAWKINS apud DAVIS, 2020, p.1, tradução nossa)

Quando Dawkins faz a referência: “mas o céu proíbe que o façamos”, está mencionando à possibilidade de criar seres humanos geneticamente melhores, e ele também está fazendo uma referência justamente à posição contrária que a religião sempre adotou em relação às políticas eugenistas. Não temos a intenção aqui de acusar os líderes do neoateísmo, ou mesmo seus admiradores e seguidores, de serem eugenistas, darwinistas sociais e/ou racistas. Não é esse o ponto que estamos querendo demonstrar. O que acreditamos existir são evidências de que o neoateísmo, quando ataca e deprecia a religião e os religiosos, inevitavelmente, termina por reproduzir e alimentar ideias muito similares às ideias eugênicas e de darwinismo social que

¹⁸⁶ Texto original Dawkins (2014): “*Abort it and try again. It would be immoral to bring it into the world if you have the choice*”.

¹⁸⁷ Texto original Dawkins (2020): “*It’s one thing to deplore eugenics on ideological, political, moral grounds. It’s quite another to conclude that it wouldn’t work in practice. Of course it would. It works for cows, horses, pigs, dogs & roses. Why on earth wouldn’t it work for humans? Facts ignore ideology... For those determined to miss the point, I deplore the idea of a eugenic policy. But i simply said deploring it doesn’t mean it wouldn’t work. Just as we breed cows to yield more milk, we could breed humans to run faster or jump higher. But heaven forbid that we should do it*”.

eram comuns no início do século XX e que não desapareceram por completo. Esse é mais um elemento de radicalização do discurso do novo ateísmo que não pode passar despercebido.

Como mostraremos mais à frente, as perspectivas de higiene social e de melhoramento genético continuam presentes no discurso antirreligioso dos líderes do novo ateísmo. Porém, antes queremos abordar uma questão que também parece ter nascido com o próprio Galton e sua cosmovisão eugênica das sociedades. Galton era um estatístico por formação, e ele foi um dos pioneiros na chamada “análise de correlação e regressão populacional”. E, para levantar dados estatísticos de comparação populacional, ele também foi o primeiro a estudar a inteligência como um fator congênito, passível de transmissão hereditária. A ideia era simples: pais mais inteligentes, geram filhos mais inteligentes. Veremos agora como o neoateísmo usa desse mesmo fator, a inteligência, para atacar a religião e discriminar os religiosos.

Ateísmo, Religião e Inteligência

Em 1994, o psicólogo Richard J. Herrnstein e o cientista político Charles Murray publicaram um livro chamado “*The Bell Curve: Intelligence and Class Structure in American Life*” (A Curva do Sino: Inteligência e estrutura de classes na vida americana). Nessa obra, os autores defendem que a inteligência dos seres humanos é essencialmente influenciada por fatores hereditários e ambientais.

Segundo o levantamento e a interpretação feita por Herrnstein e Murray, pessoas inteligentes tendem a ter filhos mais inteligentes (o mesmo que Galton afirmou em 1869); e a maior inteligência dessa nova geração também indicaria que há uma maior predisposição para que eles tenham muitos resultados pessoais melhores do que os menos inteligentes, que tiveram pais com testes de QI menores, ou com menor grau de escolaridade.

No decorrer do livro, Herrnstein e Murray, vão fazendo comparações estatísticas pouco aprimoradas e construindo fatores de correlação frágeis entre inteligência, renda financeira, desempenho no trabalho, envolvimento em crimes e tendência a ter filhos fora do casamento. Os autores buscam e comparam os históricos socioeconômicos dos indivíduos e de seus pais, como forma de mostrar a continuidade hereditária de algumas situações sociais, como se estes fatores houvessem sido geneticamente transmitidos. Não obstante, eles argumentam que aqueles cidadãos que possuem “alta inteligência”, o que eles chamam de “elite cognitiva”, estão se separando daqueles indivíduos de inteligência mediana ou baixa. Nesse sentido, os autores

também alertam que essa separação pode se tornar uma fonte de divisão social nos Estados Unidos e no mundo.

“*The Bell Curve*” foi e continua sendo altamente polêmico, tendo provocado uma grande quantidade de reações devido às suas declarações, no mínimo, controversas, em especial quando os autores discutem uma suposta correlação entre raça e inteligência, afirmando que isso traz implicações políticas para a forma como se olha para as questões raciais na sociedade. Naturalmente, muitos críticos prontamente vociferaram contra o livro. No entanto, muitos apoiadores das ideias de Herrnstein e Murray saíram em sua defesa.

A controvérsia foi tamanha que apenas um ano depois, em 1995, foi lançado o livro “*The Bell Curve Debate*” (O Debate da Curva do Sino), reunindo 81 artigos de 81 autores diferentes, com posicionamentos a favor e contra a obra de Herrnstein e Murray. Hitchens é um dos que escrevem um artigo para obra, e, ao que parece, na maior parte do tempo, ele se coloca contra a proposta de que a inteligência pode ser transmitida de maneira genética. No entanto – e aqui eu peço licença aos pacientes leitores para repetir duas citações de importância crucial para a análise que estamos fazendo –, durante a conversa entre os quatro cavaleiros do ateísmo ocorrida em 2007, Hitchens levanta a possibilidade de Herrnstein e Murray estarem certos, e o jornalista Steven Poole conta o que se seguiu no diálogo entre eles:

A certa altura, os homens se admiram por sua disposição de considerar verdades que podem ser politicamente perigosas. Por exemplo, diz Hitchens, se a notória hipótese do livro de 1994 de Richard J Herrnstein e Charles Murray, *The Bell Curve* – que os negros são geneticamente inferiores em inteligência aos brancos – fosse verdade, isso não deveria ser ignorado. Felizmente, Hitchens se apressa em acrescentar, esse exemplo não é viável. Mais tarde, no entanto, Harris traz o argumento novamente. “Se houvesse diferenças confiáveis de inteligência entre raças ou gêneros”, ele começa, antes de Hitchens interrompê-lo com desdém. “Mas não acho que nenhum de nós aqui pense que esse é o caso”. Hitchens pode ter sido muito generoso. Em 2018, Harris causou uma tempestade ao convidar Murray para seu podcast para uma conversa estranhamente acrítica de duas horas.¹⁸⁸ (POOLE, 2019, p.1, tradução nossa)

Apesar de algumas reações positivas, o podcast onde Murray foi entrevistado recebeu uma enxurrada de críticas, principalmente pela forma “condescendente” com a qual Harris

¹⁸⁸ Texto original Poole (2019): “*At one point here, the men admire themselves for their willingness to consider truths that might be politically dangerous. For instance, Hitchens says, if the notorious hypothesis of the 1994 book by Richard J Herrnstein and Charles Murray, The Bell Curve – that black people are genetically inferior in intelligence to white people – were true, it shouldn’t be ignored. Luckily, Hitchens hastens to add, that example is not viable. Later on, however, Harris brings up the argument again. “If there were reliable differences in intelligence between races or genders,” he begins, before Hitchens cuts him off dismissively. “But I don’t think any of us here do think that that’s the case.” Hitchens might have been too generous. In 2018, Harris caused a storm by inviting Murray on to his podcast for a weirdly uncritical two-hour conversation.*”

conduziu o diálogo. Andrew Anthony, colunista do *The Guardian*, que entrevistou Harris em 2019, o questionou a esse respeito. Anthony conta que:

Murray é coautor de “*The Bell Curve*”, um dos livros mais controversos das últimas décadas, que, entre outras coisas, examinou a diferença média de inteligência entre negros e brancos na América. Murray foi acusado de racismo, de defender a eugenia e uma série de outras acusações desagradáveis, e ele é rotineiramente impedido de ter espaço nas universidades e em muitas áreas da mídia. Curiosamente, em “*The Four Horsemen*” [vídeo mostrando o encontro entre os quatro cavaleiros do ateísmo], durante uma conversa sobre coisas que podem ser verdadeiras, mas não devem ser discutidas, Harris cita preguiçosamente “*The Bell Curve*” como um exemplo potencial. Hitchens descarta a ideia, dizendo que ninguém entre eles concordou com as descobertas do livro, e a conversa chega a um fim abrupto. O que mudou que levou Harris a convidar Murray depois para seu show? [Harris responde] “Aceitei essa impressão bastante difundida de que *The Bell Curve* era, em algum nível, uma monstruosidade racista”, ele me diz. “Eu não tinha lido. Eu nunca havia interagido com Murray, então aceitei todas as más críticas que ele recebeu”.¹⁸⁹ (ANTHONY, 2019, p.4, tradução nossa)

Como estamos vendo, essas declarações e ações que levantam a polêmica racial entre os líderes do neoateísmo parecem não serem incomuns. Entretanto, novamente repetimos, não estamos aqui acusando nenhum deles de serem racistas ou eugenistas. O que queremos é demonstrar que tais “deslizes” dos autores do neoateísmo acontecem pela similaridade lógica do que eles defendem com essas teorias de evolução social desenvolvidas no final do séc. XIX e que se tornaram hegemônicas no pensamento ocidental até o Holocausto. Por exemplo, na entrevista de 2013 para o jornalista Daniel D’Addario, Dawkins foi confrontado com a seguinte pergunta: “Parece lógico que os humanos evoluam ainda mais. Como isso vai acontecer?” Segue o diálogo transcrito:

[DAWKINS] É interessante porque algumas pessoas – e não é científico – algumas pessoas questionam se [a evolução dos seres humanos] está ou não se movendo na direção oposta porque as pessoas mais educadas tendem a ter menos filhos, pelo menos anedoticamente. Vivemos em condições tão diferentes agora, e se você se reproduz ou não, não depende de quão inteligente você é.

[D’ADDARIO] E eu acho que isso é um truísmo da cultura pop, pelo menos,

¹⁸⁹ Texto original Anthony (2019): “*Murray is the co-author of The Bell Curve, one of the most controversial books of the past few decades, which, among other things, examined the average difference of intelligence between blacks and whites in America. Murray has been accused of racism, of making the case for eugenics and a range of other unpleasant charges, and he is routinely no-platformed at universities and in many areas of the media. Intriguingly, in The Four Horsemen, during a conversation about things that might be true but should not be discussed, Harris idly cites The Bell Curve as a potential example. Hitchens dismisses the idea, by saying that no one among them agreed with the book’s findings, and the conversation comes to an abrupt end. What had changed that caused Harris to invite Murray on to his show? “I had accepted this fairly widespread impression that The Bell Curve was, on some level, a racist monstrosity,” he tells me. “I hadn’t read it. I had never interacted with Murray, and so I accepted all the bad press that he got”.*”

que as pessoas com melhor educação tendem a ter menos filhos, pelo menos anedoticamente.

[DAWKINS] Sim, se houver um componente genético. Ninguém gostaria de dizer “sem educação”, mas se houver um componente genético para a inteligência, e se for verdade que as pessoas menos inteligentes têm mais filhos, então, como você diz com razão, estaríamos indo na direção oposta. Não sei se a premissa está certa, se há um componente genético para a inteligência. Tenho certeza de que há algum componente genético na inteligência.¹⁹⁰ (D'ADDARIO, 2013, p.1)

Ou seja, o que a citação acima revela é uma preocupação de Dawkins com relação ao fato de a seleção natural não estar fazendo seu trabalho de selecionar os mais inteligentes para terem maiores e melhores proles. Como a entrevista revela, isso é um problema para o novo ateísmo, uma vez que eles acreditam que inteligência e ateísmo estão correlacionados. Assim, a matemática é simples, quanto menos pessoas inteligentes, menos ateus. Em outra entrevista, apenas dois anos depois, em 2015, Dawkins volta a tocar no assunto, dessa vez com o jornalista Andrew Anthony, que conta como o diálogo se sucedeu:

A consciência claramente hedonista é capaz de superar nossa programação biológica. Quanto mais bem-sucedida materialmente uma sociedade se torna, quanto mais educada e fisicamente confortável, menos inclinados seus membros estão a se reproduzir. Se nós, como Dawkins, vemos o determinante evolutivo como a sobrevivência do gene e não da espécie, então isso não é um problema para os genes cujas máquinas de sobrevivência relutam em se reproduzir? “Bem, isso preocupou meu querido colega Bill Hamilton,” ele responde, “e ele foi muito criticado por isso. É um ponto de vista fora de moda e uma das razões pelas quais ficou fora de moda é Hitler. Nos tempos pré-Hitler, a eugenia era uma causa muito da esquerda, e Hitler fez por tudo isso. Não é uma visão que eu defendo, mas possivelmente é uma preocupação. Ronald Fisher, provavelmente o maior darwinista da primeira metade do século 20, deliberadamente teve muitos filhos porque sabia que era *brilhante*”.¹⁹¹ (ANTHONY, 2015, p.7, tradução nossa)

¹⁹⁰ Texto original D'Addario (2013): “*It’s interesting because some people – and it’s not scientific – some people question whether or not it’s actually moving in the opposite direction because the best educated people tend to have fewer children, at least anecdotally. We live under such different conditions now, and whether or not you reproduce doesn’t depend on how clever you are. And I think it’s a pop-culture truism, at least, that the best-educated people tend to have fewer children, at least anecdotally. R: “Yes, if there is a genetic component. One wouldn’t wish to say “un-educated” but if there is a genetic component towards intelligence, and if it’s true that the least intelligent people have the most children, than as you rightly say we would be headed in the opposite direction. I don’t know whether the premise is right, if there is a genetic component towards intelligence. I’m pretty sure there is some genetic component towards intelligence.*”

¹⁹¹ Texto original Anthony (2015): “*But clearly hedonistic consciousness is capable of overcoming our biological programming. The more materially successful a society becomes, the better educated and more physically comfortable, the less inclined its members are to reproduce. If we, like Dawkins, view the evolutionary determinant as the survival of the gene rather than the species, then is that not a problem for genes whose survival machines are reluctant to reproduce? “Well this worried my dear colleague Bill Hamilton,” he answers, “and he got a lot of stick for it. It is an unfashionable point of view and one of the reasons it has become unfashionable is Hitler. In pre-Hitler times eugenics was very much a cause of the left, and Hitler did for all that. It’s not a view I go out of my way to espouse but it possibly is a worry. RA Fisher, probably the greatest Darwinian of the first half of the 20th century, deliberately had lots of children because he knew he was bright.*”

A referência que Dawkins faz ao ateu evolucionista, pai da genética populacional, Ronald Fisher (1890-1962), chamando-o de “brilhante”, não é sem propósito. Dawkins faz menção ao termo de autoidentificação que adotou junto com outros novos ateus, “*bright*”. Esse tema foi detalhadamente trabalhado por nós no segundo capítulo dessa tese, mas cabe trazê-lo novamente para pontuar a relação que os neoateus estabelecem entre inteligência e ateísmo, e, por outro lado, entre religião e ignorância.

A estratégia neoateísta de diferenciar ateus e religiosos pela inteligência vai além de simplesmente depreciar e fabricar espantalhos das crenças religiosas, e também não se limita a escolher um epíteto (*brights*) para si próprios que lembre que seus opositores são obscurantistas; a estratégia também envolve “provar cientificamente” que o ateísmo é uma cosmovisão superior em comparação ao “obsoleto” modo de pensar religioso. Os novos ateus acreditam que podem conseguir sua soberania perante os religiosos através dos chamados “testes de inteligência”, que, supostamente, são capazes de medir o quociente de inteligência (QI) das pessoas.

Dawkins deu o pontapé inicial dando enorme popularidade, no livro “Deus, um delírio”, a uma pesquisa feita por uma sociedade formada em sua grande maioria por ateus chamada “*Mensa Internacional*”, conhecida por ser a maior e mais antiga sociedade de pessoas com alto QI do mundo. Os membros dessa associação acreditam ser uma espécie de “super elite” intelectual, por ela só aceitar como membros pessoas com quocientes de inteligência que tenham sido classificadas nos 2% do topo de qualquer teste de QI padrão regulamentado. Dawkins mesmo explica o “estudo”:

A respeito de religião e QI, a única metanálise que conheço foi publicada por Paul Bell na *Mensa Magazine* em 2002 (a Mensa é a sociedade de indivíduos de QI elevado, e sua revista, nada surpreendentemente, inclui artigos sobre aquilo que os reúne). Bell concluiu: “Dos 43 estudos realizados desde 1927 sobre a relação entre crença religiosa e a inteligência e/ou o nível de instrução da pessoa, todos, com exceção de quatro, observaram uma conexão inversa. Isto é, quanto maior a inteligência ou o nível de instrução da pessoa, menor é a probabilidade de ela ser religiosa ou ter qualquer tipo de 'crença'”. Uma metanálise é sempre fadada a ser menos específica que qualquer um dos estudos que contribuíram para ela. Seria bom haver mais estudos nessa linha. Espero que as edições futuras deste livro incluam esse tipo de dado. Uma conclusão razoável, a partir dos estudos existentes [que, segundo o próprio Dawkins, até então, era um só], é que os apologistas religiosos seriam mais sábios se ficassem mais calados do que normalmente são sobre as pessoas que querem usar como exemplos, pelo menos no que diz respeito aos cientistas. (DAWKINS, 2007, p.115-116)

Duas coisas nos chamam a atenção na citação acima de Dawkins: a primeira está no final do trecho, quando ele usa a suposta relação entre inteligência e ateísmo, encontrada, até

então, em um único estudo, para admoestar os seus opositores que usam grandes nomes da história da ciência, que eram religiosos, como argumento de que ser ateu não é um atributo correlacionado com a inteligência; a segunda coisa que se destaca é como Dawkins será atendido no pedido que faz por novos estudos que busquem correlacionar inteligência com ateísmo, ou, religião com estupidez.

Aqui, cabe alguns adendos consideravelmente relevantes. Ao adentrarmos nas análises que fizemos sobre a estratégia neoteísta de correlacionar ateísmo e inteligência, compete destacar a importância de termos falado, no início desse subcapítulo da eugenia e da inclinação que os novos ateus demonstram em acreditar que a inteligência é um fator genético que pode ser transmitido por hereditariedade.

Assim, se o ateísmo favorece a inteligência, quanto mais descrente em Deus uma população for, mais inteligentes serão seus membros. Por outro lado, quando maiores forem as taxas de religiosidade dessa população, menor será o índice de inteligência dessas pessoas. Uma conclusão “lógica” que os ateus vão tirar disso é: se erradicarmos a religião, aumentará o nível de inteligência geral de nossa população, e, inversamente, se a sociedade se tornar menos secular, então, isso significa que seus membros se tornarão menos inteligentes. Se lembrarmos que outra estratégia do neoteísmo é apresentar a religião como uma ameaça, então perceberemos que essa é uma das alegações mais depreciativas que encontramos dentre as usadas pelo neoteísmo e que soa como uma ameaça à evolução humana.

Um outro adendo bastante interessante e simbólico de nossas argumentações é o fato de Francis Galton também ter sido o primeiro, ainda no séc. XIX, a estudar as supostas diferenças humanas tendo como um dos fatores a “herança da inteligência”, teoricamente identificadas com testes padronizados e comparadas por meio de métodos estatísticos. Em 1901, Galton, Karl Pearson (1857-1936) e Walter FR Weldon (1860-1906) fundaram um periódico científico chamado *Biometrika*. A revista, entre outras teorias darwinistas, promovia especialmente a biometria e a análise estatística da hereditariedade, tendo como principal fator de análise a comparação de testes de QI entre populações.

Os testes de inteligência de Galton caíram como uma luva para o darwinismo social e para sua própria teoria eugenista. Sendo que, nas primeiras décadas do século XX, praticamente todos os estudiosos concordavam que os brancos eram superiores aos homens negros, mas era preciso haver um modo de comprovar isso empiricamente, objetivando-se apoiar políticas sociais favoráveis aos brancos que, “logicamente”, tinham os melhores genes e precisavam

retransmiti-los e difundi-los o máximo possível para a promoção da evolução genética da população. Assim, os cientistas da época assumiram que a melhor maneira de avaliar isso era testando a inteligência das pessoas. Logicamente, fizeram isso a partir da premissa da supremacia branca que acreditavam existir. Assim, naturalmente, os testes eram interpretados de modo a favorecer os brancos. Por isso, as análises de historiadores sobre esse tema mostraram que praticamente todos os resultados desses primeiros testes retrataram todos os grupos “minoritários” de forma extremamente negativa. (DALEY; ONWUEGBUZIE, 2011, p.305)

Um bom exemplo de como eram os resultados produzidos nesses estudos evolutivos de inteligência comparada ocorreu em 1912, quando o conhecido psicólogo norte-americano, Henry Herbert Goddard (1866-1957) traduziu do francês o teste de inteligência *Binet* e começou a aplicá-los nos imigrantes que chegavam na Ilha Ellis, situada no porto de Nova York, nos EUA. Após uma série de testes e leituras estatísticas dos questionários, Goddard concluiu que 87% dos russos, 83% dos judeus, 80% dos húngaros e 79% dos italianos eram “débeis mentais e tinham idade mental inferior a 12 anos”. (SLATER; TAYLOR, 1999, p. 290)

Esses estudos de Goddard demonstram bem como essas comparações de inteligência podem trazer resultados altamente enviesados. Não obstante, muitos desses testes de QI foram utilizados para propor e aprovar legislações de caráter eugênico que praticamente transformaram em políticas de estado o racismo e a xenofobia. Após os testes de inteligência, uma série de leis discriminatórias foram criadas para conter a suposta deterioração genética da população americana, e provocaram uma série de problemas sociais, que, até hoje, ainda não foram totalmente solucionados com relação aos negros e imigrantes. (DALEY; ONWUEGBUZIE, 2011, p.303) Segundo o especialista no campo de QI, Sheldon H. White:

A crença de que há uma propriedade humana unitária da inteligência – e que ela pode ser medida – surgiu na virada do século XX. O que a trouxe à vida não foram os achados de pesquisa científica, mas, em primeiro lugar, esforços especulativos para explicar diferenças do ser humano em termos evolutivos e, em segundo lugar, a invenção de um útil teste prático de prontidão escolar. (WHITE apud PIOVEZAN, 2022, p.164)

Mas, como dissemos antes, após o gigantesco sucesso de “Deus, um delírio”, Dawkins foi atendido em seu pedido por mais pesquisas correlacionando inteligência e ateísmo. (DAWKINS, 2007, p.116) E começaram a ser produzidos vários estudos com essa temática, e também com esse viés de confirmação preestabelecido por Dawkins. Luís Henrique Piovezan

realizou uma pesquisa sobre esses estudos envolvendo ateísmo, religião e inteligência. De acordo com ele:

A parte dos ateus mais radicais tende a indicar que a relação entre a maior Inteligência e a menor religiosidade é a base para indicar que o Ateísmo é uma decisão mais racional que a religião. [...] Diante deste posicionamento no espectro das formas desta relação entre ateísmo e religiosidade, os psicólogos Richard Lynn, John Harvey e Helmuth Nyborg (LYNN, HARVEY e NYBORG, 2009) apresentaram a pesquisa que é objeto de análise por este artigo [*Average intelligence predicts atheism rates across 137 nations*]. [...] Os autores do artigo explicitamente partem da ideia indicada no livro “Deus, Um Delírio”, de Dawkins de que a religião condena a razão: “Martinho Lutero sabia bem que a razão é a arqui-inimiga da religião”. Neste sentido, Lynn, Harvey e Nyborg (2009) sugerem “que não é inteligente acreditar na existência de Deus” e desenvolveram uma pesquisa sobre Quociente de Inteligência (QI) e ateísmo para buscar, entre outros objetivos, “a evidência (...) para saber se há uma relação negativa entre a inteligência e crença religiosa”. Partindo de que o QI mede adequadamente a inteligência, o estudo adotou valores do QI médio de 137 países e confrontou com a porcentagem de não religiosos, que foram considerados ateus, indicadas em diversos levantamentos realizados. Os autores concluem que, “usando dados de 137 países, encontramos uma correlação [negativa] de 0,60 entre QIs nacionais e descrença em Deus”. Este estudo se tornou seminal. Vários autores como Çağlar (2020), Cheyne (2009), Cribari-Neto e Souza (2013), Ganzach, Ellis e Gotlibovski (2013), Gervais e Norenzayan (2012), Kanazawa (2010), Meisenberg et al (2012), Nyborg (2009), Silva e Santos (2013), Stempel (2010), Willard e Norenzayan (2013), entre outros, concluem igualmente que há uma correlação negativa entre a inteligência e a religiosidade. No mesmo sentido, o artigo apresenta estudos anteriores. Segundo Lynn, Harvey e Nyborg (2009), “uma série de estudos encontrou correlações negativas entre inteligência e crença religiosa. Uma revisão destes realizado por Bell (2002) encontrou 43 estudos, dos quais todos, exceto quatro, encontraram correlação negativa”. (PIOVEZAN, 2022, p.161)

Quando Piovezan afirma que os autores Lynn, Harvey e Nyborg “explicitamente partem da ideia indicada no livro ‘Deus, Um Delírio’, de Dawkins”, isso é literal, e não uma simples inspiração que os autores tiveram a partir da ideia lançada por ele. Um exemplo bastante claro disso vem do próprio artigo “*Average intelligence predicts atheism rates across 137 nations*” (Média de inteligência prediz taxas de ateísmo em 137 nações), sua introdução nada mais é do que um único parágrafo que usa a própria afirmação de Dawkins como premissa para embasar aquilo que os autores acreditam, o que procuraram e o que, fatalmente, encontraram no decorrer do estudo. Dizem Lynn, Harvey e Nyborg em sua introdução:

Dawkins (2006) em seu mais recente livro, “*The God Delusion*”, sugere que não é inteligente acreditar na existência de Deus. Neste artigo, examinamos (1) as evidências para essa afirmação, ou seja, se existe uma relação negativa entre inteligência e crença religiosa; (2) se a relação negativa entre inteligência e crença religiosa é uma diferença em Psychometric g; e (3) se existe relação

negativa entre inteligência e crença religiosa entre as nações.¹⁹² (LYNN; HARVEY; NYBORG, 2009, p.11, tradução nossa)

E essa influência dos novos ateus nesse tipo de estudo não é um caso isolado em um artigo obscuro, pouco conhecido. Segundo o Google Acadêmico, o artigo de Lynn, Harvey e Nyborg já foi citado quase 300 vezes. Um outro exemplo é o “*Analytic Thinking Promotes Religious Disbelief*” (O pensamento analítico promove a descrença religiosa), publicado em 2012, na Science – possivelmente a revista de maior Fator de Impacto do mundo. Esse artigo já foi citado mais de 700 vezes. E seus autores, Will M. Gervais e Ara Norenzayan, também usam o livro “Quebrando o Encanto”, de Dennett, com referência em sua introdução. (GERVAIS; NORENZAYAN, 2012, p.496)

De igual modo o artigo “*On intelligence education and religious beliefs*” (Sobre inteligência educacional e crenças religiosas), publicado em 2013, por Yoav Ganzach, Shmuel Ellis, Chemi Gotlibovsk, também usa “Deus, um delírio” na sua introdução e ainda usa Dawkins mais duas vezes para embasar suas alegações no decorrer do artigo. Só que, nesse caso, os autores concluem que não conseguiram encontrar uma das relações sugeridas por Dawkins, e que, segundo eles é “amplamente aceita”. Segundo Ganzach, Ellis e Gotlibovsk:

Após a publicação de Dawkins (2006) “*The God delusion*” houve um ressurgimento de estudos sobre a relação entre inteligência e religiosidade, e dois estudos baseados em amostras representativas em grande escala documentaram uma relação negativa entre a dois (Kanazawa, 2010; Lynn, Harvey e Nyborg, 2009). [...] A razão para este possível processo de mediação é bastante clara: a inteligência tem um forte efeito sobre o sucesso escolar e, por sua vez, a educação oferece às pessoas a oportunidade de buscar alternativas racionais ao dogma religioso (ver por exemplo: Dawkins 2006, etc...). [...] Os resultados dos dois estudos não apoiam a ideia de que existe um padrão universal pelo qual a educação medeia o efeito da inteligência sobre a religiosidade, nem apoiam a noção amplamente difundida de que a educação leva à apostasia (ver, por exemplo: Dawkins, 2006, etc...).¹⁹³ (GANZACH; ELLIS; GOTLIBOVSKI, 2013, p.121, 126, tradução nossa)

¹⁹² Texto original Lynn, Harvey e Nyborg (2009): “*Dawkins (2006) recent book The God Delusion suggests that it is not intelligent to believe in the existence of God. In this paper we examine (1) the evidence for this contention, i.e. for whether there is a negative relationship between intelligence and religious belief; (2) whether the negative relationship between intelligence and religious belief is a difference in Psychometric g; and (3) whether there is negative relationship between intelligence and religious belief between nations.*”

¹⁹³ Texto original Ganzach, Ellis e Gotlibovsk (2013): “*Following the publication of Dawkins' (2006) “The God delusion” there was a resurgence in studies about the relationship between intelligence and religiosity, and two studies that were based on large-scale representative samples documented a negative relationship between the two (Kanazawa, 2010; Lynn, Harvey, & Nyborg, 2009). [...] The reason for this possible mediation process is rather clear: Intelligence has a strong effect on educational attainment (e.g., Deary, Strand, Smith, & Fernandes, 2007; Neisser et al., 1996) and, in turn, education provides people with the opportunity to seek rational alternatives to religious dogma (see for example: Dawkins 2006, etc...) [...] The results of the two studies do not support the idea that there is a universal pattern by which education mediates the effect of intelligence on*

Queremos ainda apresentar dois exemplos mais recentes, em função de também serem bastante sintomáticos daquilo que alegamos. O primeiro é do economista Mustafa Emre Çağlar, que publicou recentemente, em 2020, o artigo “*Why does intellectuality weaken faith and sometimes foster it?*” (Por que a intelectualidade enfraquece a fé e às vezes a fomenta?). Durante o texto, Çağlar também usa dois líderes do neoateísmo para embasar parte de suas alegações. O primeiro é Dennett, quando ele afirma que “existem muitos estudos abrangentes sobre os fundamentos psicológicos do comportamento religioso (veja os proeminentes Dennett, 2006; etc...)”.¹⁹⁴ (ÇAĞLAR, 2020, p.2) E em outros momentos, o autor utiliza Dawkins, escrevendo:

A maioria dos entrevistados que disse não acreditar em Deus também afirmou que era espiritualmente orientada. Esses cientistas refletiram as seguintes características em seus discursos: (a) tiveram um grande estonteamento a respeito do Universo. Contrário a essa visão, Richard Dawkins (2005), como ateu, baseia o conceito de ‘estranhamento’ no fato de que nossas mentes não evoluíram com fenômenos extremamente raros ou inacessíveis. Ele tenta explicar que, a estranheza de algo é o trabalho de nossa posição no universo em oposição a emanar da supremacia ou inacessibilidade dessa coisa. [...] Um grande número de ateus escrevem sobre crise existencial no fórum da Fundação Richard Dawkins. [...] Com base nas discussões desse fórum, o autor pensa que alguns ateus são capazes de desenvolver mecanismos cognitivos que os impedem de voltar às questões existenciais e de focar nos pontos certos do mundo externo.¹⁹⁵ (ÇAĞLAR, 2020, p.4, 7, tradução nossa)

Esses exemplos de Çağlar demonstram novamente a grande influência dos cavaleiros do ateísmo na produção de pesquisas com essa temática, e, ainda, como eles são usados para sustentar as alegações antirreligiosas que os autores fazem nesses estudos. E isso também fica claro nesse último exemplo, que é um pouco menos recente. Trata-se do artigo “*The negative relationship between reasoning and religiosity is underpinned by a bias for intuitive responses specifically when intuition and logic are in conflict*” (A relação negativa entre raciocínio e religiosidade é sustentada por um viés para respostas intuitivas, especificamente quando a intuição e a lógica estão em conflito). Publicado em 2017, por Richard Dawkins e Adam

religiosity, nor do they support the widely held notion that education leads to apostasy (see for example: Dawkins, 2006, etc...).”

¹⁹⁴ Texto original Çağlar (2020): “*There are many inclusive studies on psychological basics of religious behavior (see prominent ones by Dennett, 2006; etc...)*”

¹⁹⁵ Texto original Çağlar (2020): “*Most of the interviewees who said they did not believe in God, also claimed they were spiritually oriented. These scientists reflected the following features in their speeches: (a) had an astonishment regarding the universe. Contrary to this view, Richard Dawkins (2005), as an atheist, bases the concept of ‘strangeness’ on the fact that our minds have not evolved with extremely rare or inaccessible phenomenon. He tries to explain that, the strangeness of something is the work of our position in the universe as opposed to emanating from the supremacy or inaccessibility of that thing. [...] A large number of atheists who write about existential crisis on the forum of the Richard Dawkins Foundation [...] Based on the discussions in the forum above, the author thinks that some atheists are able to develop cognitive mechanisms which prevent them from returning to existential questions and to focus on the right points in the external world.*”

Hampshire, já foi citado 35 vezes. Os autores abrem seu artigo com a seguinte frase, que revela o que irá nortear todo o restante do estudo: “Está bem estabelecido que a religiosidade se correlaciona de maneira inversa com a inteligência” (*It is well established that religiosity correlates inversely with intelligence*). (DAWS; HAMPSHIRE, 2017, p.1) Apresentam os dados e a interpretação que fizeram deles e concluem:

Essas descobertas fornecem evidências em apoio à hipótese de que o efeito [negativo] da religiosidade [na inteligência] está relacionado ao conflito, em oposição à capacidade de raciocínio ou à inteligência em geral. [...] Nossas descobertas têm implicações significativas para a compreensão do impacto dos efeitos da religiosidade na cognição superior.¹⁹⁶ (DAWS; HAMPSHIRE, 2017, p.1, tradução nossa)

O que mais chama a atenção, no entanto, é a forma como os autores logo na introdução do artigo, na primeira frase, escrevem: “A relação entre religiosidade e inteligência tem sido um tópico importante entre os cientistas e o público há algum tempo (Harris, 2004; Dennett, 2006; Hitchens, 2007; Dawkins, 2008)”.¹⁹⁷ Ou seja, o exemplos de Daws e Hampshire, de cientistas que consideram a relação entre inteligência e religiosidade importante, são justamente os quatro cavaleiros do ateísmo. (DAWS; HAMPSHIRE, 2017, p.1) Contudo, é preciso trazer ao conhecimento a consideração feita por Piovezan sobre esses testes de inteligência. Diz ele:

Richardson (2002) mostra que não há o consenso sobre o conceito de inteligência e de como a inteligência se forma a partir de componentes biológicos e sociológicos. Esta falta de consenso não permite que se faça uma medida adequada a partir de um teste. Ele indica que questões ainda devem ser respondidas: “As diferentes facetas do problema reduzem-se a três questões principais: O que é inteligência humana? O QI mede isso? E, se não, o que ele mede? As grandes dificuldades encontradas pelas tentativas de responde-las são agora bem conhecidas”. [...] Após mostrar diversas fontes de variações nos resultados dos testes de QI, Richardson (2002) indica a pouca validade do teste de QI como algo científico. Esta conclusão é partilhada por outros autores. Por exemplo, White (2000), indica que, além da dificuldade de entendimento do que seja inteligência, há a dificuldade de entendimento de como medir esta inteligência. [...] Este conjunto de críticas não invalida os testes de QI, que têm uma larga aplicação, mas indica que não medem todos os aspectos da inteligência. Inteligência é a capacidade de realizar tarefas. Medir a inteligência depende da tarefa que se foca nesta medida e, portanto, os testes têm a tendência de serem limitados para usos mais genéricos e amplos. Isto se torna mais decisivo quando se verifica que os teste de QI e similares são utilizados como forma de perpetuar preconceitos. Por exemplo, Panofsky, Dasgupta e Iturriaga (2020) indicam a utilização de dados de

¹⁹⁶ Texto original Daws e Hampshire (2017): “*These findings provide evidence in support of the hypothesis that the religiosity effect relates to conflict as opposed to reasoning ability or intelligence more generally. [...] Our findings have significant implications for understanding the religiosity effects impact on higher cognition.*”

¹⁹⁷ Texto original Daws e Hampshire (2017): “*The relationship between religiosity and intelligence has been an important topic amongst scientists and the public for some time (Harris, 2004; Dennett, 2006; Hitchens, 2007; Dawkins, 2008)*”

genética e inteligência numa interpretação pseudocientífica, que suporta algumas ideologias racistas. [...] Assim, o teste de QI pode apenas medir a diferença cultural, a diferença de nível escolar ou a diferença entre ambientes sociais ou políticos, que não são ligados à inteligência de forma direta ou indireta. (PIOVEZAN, 2022, p.164)

Consideramos esses esclarecimentos de Piovezan fundamentais para entendermos a pouca relevância, e até mesmo inutilidade, desses estudos que mostram associação entre teste altos de QI e ateísmo. Mas aqui, acreditamos que eles nos foram extremamente úteis para demonstrar que o discurso antirreligioso do neoateísmo não se faz presente apenas entre leigos das gerações mais novas, antes, ele também está influenciando estudos que são feitos dentro da Academia. Defendemos que esse é outro fator que deveria ser melhor observado pelos teóricos que trabalham com a temática da relação entre ciência e religião.

Religião, Burrice e Diferenciação Depreciativa

Nossa pesquisa também notou que todos esses estudos correlacionando ateísmo, religião e inteligência também têm outra característica curiosa, que demonstrou ser bastante simbólica de como a religião é compreendida por esses pesquisadores que tentam provar uma correlação positiva entre ateísmo e inteligência. Ocorre que, praticamente todos os autores que foram pesquisados por nós sobre essa temática, quando usaram o nome de um dos cavaleiros do ateísmo para referenciar suas afirmações, quase nunca colocaram a página exata onde a defesa de seus argumentos supostamente apareceria. Ou seja, a referência é sempre genérica, apenas com autor e ano de publicação da obra.

Essa falta de referência nos chamou a atenção particularmente no estudo de 2017 de Daws e Hampshire, porque, apesar desses autores colocarem os cavaleiros do ateísmo como referência de cientistas que pesquisam a relação entre inteligência e religiosidade, nós não encontramos nada sobre isso nos livros de Harris, Hitchens e Dennett. A única menção que realmente foi identificada sobre estudos dessa natureza foi em “Deus, um delírio”, e o próprio Dawkins diz que só existia um único estudo sobre isso até então. Trata-se da passagem já supracitada. (DAWKINS, 2007, p.115-116)

Nesse sentido, nos deparamos com três possibilidades: ou Daws e Hampshire se equivocaram sobre três das quatro referências usadas para embasar sua afirmação; ou esses

estudos de QI e ateísmo apareceram em edições posteriores dos livros dos cavaleiros do ateísmo; ou Daws e Hampshire assumiram o pressuposto inverso para concluir que inteligência está associada ao ateísmo, ou seja, eles assumiram a premissa de que a religião está associada à falta de inteligência. Essa terceira alternativa, em que a religião é depreciada, sim, é largamente mencionada, e de várias maneiras, ao longo dos livros de Harris, de Hitchens, de Dennett, e, claro, dos de Dawkins também. De acordo com Adilson Koslowski e Valmor Santos:

Dawkins também alega, sustentado na pesquisa de Bell, que a crença religiosa está relacionada à inteligência. Segundo ele, quanto maior a inteligência ou a instrução de uma pessoa, menor a probabilidade de esta ter crenças religiosas. Uma das razões é que os religiosos sustentam crenças que contradizem fatos científicos demonstráveis, e isso diminuiria a plausibilidade de tais crenças. (KOSLOWSKI; SANTOS, 2016, p.443)

Por isso, a última possibilidade que levantamos nos parece a mais provável para explicar a presença de Harris, Hitchens e Dennett nas referências bibliográficas dessas pesquisas sobre ateísmo, religião e inteligência. A percepção de que ter uma religião é um indicativo de menor inteligência, e não de que o ateísmo em si indica mais inteligência, também explicaria as demais menções nas outras pesquisas aos outros três cavaleiros do ateísmo, além de apenas Dawkins. De acordo com Julian Baggini, o novo ateísmo afirma ter o monopólio da razão, relegando à religião o lugar unicamente da ignorância, da falta de inteligência e da crença em coisas sem sentido. Segundo Baggini:

O novo ateísmo tende a reivindicar a razão como uma combatente decisiva apenas a seu lado. Com sua fala de “feitiços” e “delírios”, dá a impressão de que somente por estupidez ou desrespeito crasso pela razão alguém poderia ser outra coisa senão ateu. “A fé é a grande desculpa, a grande desculpa para evitar a necessidade de pensar e avaliar as evidências”, diz Dawkins, mais uma vez sugerindo que a razão e as evidências são estranhas à religião.¹⁹⁸ (BAGGINI, 2009, p.1, tradução nossa)

Assim como demonstrado na segunda parte de nosso estudo, a lógica do neoateísmo em tudo se assemelha à lógica darwinista de superioridade de alguns grupos sociais sobre outros. A adoção do epíteto *bright*, por si só já evoca a superioridade que os “esclarecidos” têm sobre os que se negam a sair da “caverna da ignorância religiosa”. Por isso, não é difícil de enxergar que existe uma ligação direta entre o pensamento fundamentalista do neoateísmo e o conceito

¹⁹⁸ Texto original Baggini (2009): “*The new atheism tends to claim reason as a decisive combatant on its side only. With its talk of “spells” and “delusions”, it gives the impression that only through stupidity or crass disregard for reason could anyone be anything other than an atheist. “Faith is the great cop-out, the great excuse to evade the need to think and evaluate evidence,” says Dawkins, once again implying that reason and evidence are strangers to religion.*”

de darwinismo social. O mesmo darwinismo social que é a base de todas teorias de racismo científico, eugenia, supremacia branca e xenofobia. De acordo com Piovezan:

Apesar desta lista de estudos mostrando a relação entre inteligência (na realidade, apenas o QI) e ateísmo, há também estudos que contestam a relação indicada. Por exemplo, Berhanu (2011) critica os estudos realizados a partir do QI e indica que os trabalhos ficam dentro de um círculo fechado de cientistas e de publicações: “O trabalho de Lynn e colegas faz parte da mais recente encarnação do determinismo biológico em que as pontuações nos chamados testes padronizados são predeterminadas pela herança genética ou evolução e estão relacionadas à raça. Não vejo além disso um darwinismo social e um movimento eugênico disfarçado de estado da arte apoiado por novas descobertas no campo da genética, estatística e psicologia evolutiva.” Winston (2020) critica os estudos em geral do grupo de Richard Lynn indicando como reflexo do medo de imigrações e de mudanças demográficas. (PIOVEZAN, 2022, p.162)

E como já explicado antes, o alvo predileto dos novos ateus é a religião muçulmana, afinal, comparar-se a um fundamentalista islâmico é uma forma de não apenas trazer o pavor terrorista à narrativa, mas também diferenciar o civilizado do selvagem, o homem evoluído do fanático religioso. O professor de Estudos Iranianos da Universidade da Columbia, Hamid Dabashi afirmar existir uma falta de honestidade intelectual nesse debate por parte dos neoateus. Para ele, o objetivo desse ateísmo radicalizado contra o Islã é reafirmar a superioridade das sociedades brancas. De acordo com Dabashi:

O que os chamados “quatro cavaleiros” fizeram durante sua discussão de 2007 e em suas aparições públicas e escritos não é um debate aberto e honesto. Em vez disso, todo o trabalho deles é apenas um ataque cruel a uma comunidade de 1,5 bilhão de pessoas, imensamente diversa e dinâmica.[...] Enquanto os conservadores de direita favorecem o boato “judaico-cristão” (a ideia de que a “civilização judaico-cristã” é superior a todas as outras), os liberais optam pelo “novo ateísmo” (ou a ideia de que as sociedades ocidentais “seculares” são superiores a todas as outras). Ambos, no entanto, estão em perfeito acordo sobre sua suposta supremacia branca, que supostamente lhes dá o direito de causar estragos em todo o mundo como bem entenderem. Isto é – eles são as duas faces da mesma moeda imperialista barata. E assim como a supremacia branca religiosa encoraja a violência individual e também aquela patrocinada pelo Estado contra aqueles percebidos como “inferiores”, o mesmo acontece com essa versão do “novo ateísmo”.¹⁹⁹ (DABASHI, 2019, p.1, tradução nossa)

¹⁹⁹ Texto original Dabashi (2019): *“But what the so-called “four horsemen” have engaged in during their 2007 discussion and in their public appearances and writings, is not an open and honest debate. Instead, the entirety of their work is just a vicious attack on a 1.5-billion-strong, immensely diverse and dynamic community. [...] While the right-wing conservatives favour the “Judeo-Christian” canard (the idea that the “Judeo-Christian civilisation” is superior to all others), the liberals opt for “new atheism” (or the idea that “secular” Western societies are superior to all others). Both, however, are in perfect agreement about their perceived white supremacy, which supposedly gives them the right to wreak havoc across the world as they please. That is – they are the two faces of that same cheap imperialist coin. And just as religious white supremacy encourages individual and state-sponsored violence against those perceived as “inferior”, so does its “new atheist” version.”*

Nesse cenário, os testes de QI e a associação da religião com a falta de conhecimento e inteligência funcionam como um estandarte científico poderoso para o neoteísmo. No entanto, é preciso que não esqueçamos das consequências desse tipo de discurso radical que buscou diferenciar as pessoas e as populações através de testes de inteligência. Desde o início até meados do séc. XX, os testes de inteligência foram usados como os fatores de referência para comparações raciais. Até o Holocausto eles continuaram sendo sistematicamente utilizados como justificativa científica para programas de eugenia, leis antimiscigenação, esterilização compulsória, políticas de favorecimento às elites econômicas brancas (portadoras dos melhores resultados de QI) e barreiras à imigração nos Estados Unidos e na Europa.

Também é preciso pontuar que as instituições de ensino superior, de fato, têm apresentado percentuais demográficos de ateísmo superiores ao restante da população. (BARBER, 2012, p.98). Porém, isso não significa que os ateus sejam mais inteligentes. Acreditamos que esse fenômeno pode ser melhor explicado pelo fato de muitas pessoas se tornarem ateias após o contato com o ensino superior, onde a cosmovisão é marcadamente naturalista – até em razão do fato de que as universidades são os lugares por excelência de produção e salvaguarda do pensamento e do conhecimento “científico”. Assim, cabe perguntar: São ateus porque são inteligentes, ou são inteligentes, entram na Universidade e são estimulados a serem ateus, rejeitando as crenças religiosas? Eis uma pergunta que merece estudos aprofundados, e que fica aqui levantada, pois não há espaço para trabalharmos a resposta dessa pergunta nessa tese.

O que é válido ainda esclarecer sobre a narrativa de que maior inteligência conduz ao ateísmo, é que não consideramos adequado nesse nosso estudo rebater qualquer tipo de alegação dos argumentos enviesados que são utilizados nas pesquisas que afirmam haver encontrado correlações positivas entre ateísmo e inteligência e/ou correlações negativas entre religião e inteligência, dado o fato de que consideramos essas proposições como essencialmente discriminatórias. E também porque esse não é o foco dessa tese. Nossa intenção é apenas a de demonstrar o alcance da narrativa antirreligiosa do líderes do novo ateísmo, bem como a proximidade de suas proposições com as teorias de darwinismo social e eugenia. Não obstante, para não deixar o leitor sem uma resposta para os principais erros conceituados que existem nessas pesquisas de correlação entre ateísmo, religião e inteligência, trazemos mais uma didática explicação de Piovezan:

A análise estatística aprofundada mostrou que não há correlação significativa entre as variáveis relacionadas à Inteligência, como o QI, o PIB per capita, o IDH e a escolaridade e o ateísmo como pretendem concluir Lynn, Harvey e Nyborg (2009). O coeficiente de correlação (R^2) é a medida desta explicação e eles variam entre 10 e 40% do aumento do ateísmo. Assim, não se pode concluir que são os fatores principais que levam ao ateísmo. Uma relação forte permitiria estimar, com alguma precisão, o ateísmo a partir de um dado QI. Os intervalos de previsão calculados mostram que, por exemplo, dado um QI igual a 100 na média do país, pode-se ter um índice de ateísmo entre 0% e 47%. Isto não é a previsibilidade que se espera de um estudo onde se conclua que exista correlação entre as variáveis. Assim, a conclusão de Lynn, Harvey e Nyborg (2009) de que “implicitamente ou explicitamente que pessoas mais inteligentes são mais propensas a questionar dogmas religiosos irracionais ou não prováveis” não se sustenta nos dados apresentados. Não se pode indicar, pelos dados apresentados pelo artigo, que ateus sejam mais inteligentes do que religiosos ou vice-versa. Assim, não se sustenta a conclusão de Lynn, Harvey e Nyborg (2009) de que “há poucas exceções à relação linear geral entre QI e descrença em Deus entre as nações”. Isto ocorre porque o processo que leva uma pessoa ao ateísmo é mais complexo do que uma simples “revelação da inteligência”, pois devem ser considerados fatores como características pessoais, contexto histórico, experiências religiosas e disponibilidade de alternativas (SMITH, 2011). Neste sentido, embora o ateísmo tenha ganho uma forma mais estruturada diante do Iluminismo (MINOIS, 2014, p.301), que também foi uma época de grande desenvolvimento da ciência, isto não implica que o ateísmo seja um processo mais ligado à inteligência, ou seja, mais racional que a religião. Na religião, há também o uso da racionalidade e da inteligência. A religiosidade ou não de uma pessoa não é resultado de uma inteligência superior ou inferior. O argumento de maior inteligência levando ao ateísmo é apenas o reflexo de um sentimento que se liga a uma visão de conflito, que tenta ver a religião como algo a ser combatido. Os resultados apontados mostram que, ao contrário do que Lynn, Harvey e Nyborg (2009) pretendem indicar, não há oposição entre religiosidade, inteligência e entendimento científico. É possível haver ciência em um ambiente religioso, pois o processo de se tornar ateu pouco envolve a Inteligência e a crítica científica. (PIOVEZAN, 2022, p.177)

Por fim, também é preciso dizer sobre esses estudos que medem o QI e correlacionam com a crença ou descrença em Deus que, apesar de sua duvidosa metodologia e dos prováveis vieses nos seus resultados, eles continuam sendo produzidos livremente na Academia. E com dois fatores agravantes: o primeiro é que esses trabalhos causam grande polêmica e são largamente divulgados quando publicados, enquanto os artigos e pesquisas que refutam esses mesmos trabalhos não têm o mesmo alcance que o artigos controversos têm; e o segundo é que essas pesquisas e publicações estão se retroalimentando, com um grupo reduzido de pesquisadores que servem de referência e embasamento um para o outro. Piovezan também pontua esse método circular que acaba se transformando numa tautologia entre os mesmos membros que compactuam de um pensamento predeterminado. Segundo apurou Piovezan:

Lynn se baseia em centenas de fontes. No entanto, a maioria dessas fontes são de seu próprio trabalho anterior ou colegas escrevendo na mesma perspectiva.

[...] O trabalho de Lynn, Harvey e Nyborg (2009) está dentro de um contexto teórico e ateu em que a religiosidade é considerada algo não racional, que não permite o questionamento científico, ou seja, que não usa a inteligência. (PIOVEZAN, 2022, p.162)

Conclusões

Logo no início das conclusões desse subcapítulo queremos reafirmar que não é nossa intenção dizer que os líderes do neoateísmo são darwinistas sociais ou eugenistas. Também não estamos aqui defendendo que o movimento neoateísta promova essas malfadadas teorias. Entretanto, tudo aquilo que vimos nessa parte de nosso estudo trouxe evidências de que existem semelhanças entre o discurso fundamentalista antirreligioso dos novos ateus e as teorias discriminatórias surgidas no século XIX, sem, no entanto, postular que existe uma relação direta entre ateísmo e a aceitação dessas proposições nefastas e obsoletas. O historiador Ignacio Nuñez Castro, no seu artigo “Ateísmo ou agnosticismo de Charles Darwin”, tem uma passagem que, talvez, ilustre bem o que nós estamos querendo dizer com isso:

É bastante frequente a interpretação tendenciosa que se tem feito de Darwin através do que se convencionou chamar de darwinismo. É por isso que nos perguntamos no início destas páginas se Darwin era realmente um darwinista. Por tudo o que dissemos, que emerge espontaneamente de seus escritos, seria melhor dizer não. Nem Darwin participou do movimento que mais tarde seria chamado de darwinismo social, nem do darwinismo como ingrediente essencial do ateísmo científico. Houve um interesse positivo em misturar Darwin com o movimento ateísta do século XIX. Estas palavras de DF Strauss em *“The Old and the New Faith”*, são interessantes: “Darwin, no entanto, revela essas forças naturais, esses processos naturais; abre uma porta pela qual podemos agora atacar o milagre e bani-lo para sempre. Todos aqueles que sabem o que significa acreditar no sobrenatural devem saudar Darwin como um dos libertadores do espírito humano”. De fato, os materialistas do século XIX queriam ver confirmadas no pensamento de Darwin algumas de suas afirmações. (CASTRO, 1996, p.262)

Assim como Darwin não era um darwinista, mas foi sua teoria que embasou o racismo científico do darwinismo social, os líderes do novo ateísmo podem também não ser darwinistas sociais ou eugenistas, mas suas teorias, hipóteses e proposições têm provocado transformações significativas no senso comum, e também dentro da Academia, a respeito do que é a religião e como ela deve ser tratada. Destarte, podemos dizer que as consequências futuras do discurso antirreligioso neoateísta são imprevisíveis, mas não parecem alvissareiras, precisamente por suas semelhanças com o malfadado paradigma raciológico do século XIX.

Por isso mesmo, para exemplificar algumas das consequências do darwinismo social e da eugenia, nesse subcapítulo, também trouxemos a história de perseguição religiosa promovida por Hitler. Com os devidos esclarecimentos sobre esse período, também foram desacreditadas as tentativas do neoateísmo de responsabilizar a religião pelo Holocausto.

E, se olharmos com cuidado, até mesmo os novos ateus acabam por admitir que o nazismo não é uma consequência da religião. Além de Dawkins, Harris também admitiu. Ele foi um dos que mais tentou fazer essa associação, mas depois de muito relutar, termina se rendendo e confessando que não há essa relação que o neoateísmo propaga, e que o problema real está no dogmatismo assumido por aqueles que idolatram líderes políticos. Escreveu Harris:

Cristãos como você [personagem imaginário com quem Harris finge se corresponder em seu segundo livro] invariavelmente declaram que monstros como Adolf Hitler, Josef Stálin, Mao Tse-Tung, Pol Pot e Kim Il Sung surgem do ventre do ateísmo. É verdade que tais homens por vezes são inimigos da religião organizada, mas nunca são muito racionais. De fato, os pronunciamentos públicos desses homens muitas vezes são totalmente delirantes, nos assuntos mais variados: raça, economia, identidade nacional, a marcha da história, os perigos morais do intelectualismo. O problema desses tiranos não é que eles rejeitam o dogma da religião, e sim que adotam outros mitos destruidores da vida. A maioria se torna o centro de um culto da personalidade quase religioso. [...] Em vista da profundidade de suas preocupações esotéricas, podemos nos perguntar até que ponto Kim Il Sung era um homem movido pela razão. Veja o Holocausto: o antissemitismo que construiu os campos de morte dos nazistas foi herança direta do cristianismo medieval. [...] E tanto a igreja católica como a protestante têm um passado vergonhoso de cumplicidade com o genocídio nazista. Auschwitz, os *gulags* soviéticos e os campos de morte do Camboja não são exemplos do que acontece quando as pessoas se tornam demasiado adeptas da razão. Ao contrário, esses horrores atestam os perigos do dogmatismo político e racial. Já é hora de cristãos como você pararem de fingir que uma rejeição racional da sua fé acarreta a adoção cega do ateísmo como dogma. [...] O problema da religião – assim como do nazismo, do stalinismo ou de qualquer outra mitologia totalitária – é o problema do dogma em si. (HARRIS, 2006, p.41-42)

Um ponto que também é válido destacar nas conclusões desse subcapítulo se refere ao fato do discurso neoateísta ser copiosamente carregado de cientificismo. Frequentemente, os cavaleiros do ateísmo afirmam que a sociedade deveria ser guiada pela ciência, ou seja, por aquilo que o consenso (ou, simplesmente a maioria) de um determinado grupo de pesquisadores determinar que é ciência. No entanto, quando fazem esse tipo de proposta, os neoateus parecem não lembrar que foi assim que funcionou nas primeiras décadas do séc. XX, quando o darwinismo social se espalhou pelo mundo acadêmico e midiático, e a eugenia influenciou as políticas de estado com seus testes de QI, diferenciando o nível intelectual e evolutivo das

peças e das sociedades. Por exemplo, Robert Wegner e Vanderlei Sebastião de Souza afirmam que:

Na literatura brasileira desse período, a palavra eugenia aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada como conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais ‘atualizado’ na ciência moderna. Falar sobre eugenia significava pensar em evolução, progresso e civilização, termos que constituíam o imaginário nacionalista de boa parte das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a “nova religião da humanidade”; em outros, como a “ciência do futuro”, responsável pela regeneração física e mental da população nacional. A própria história da eugenia no Brasil, conforme argumenta a historiadora Nancy Stepan, deve ser vista como parte de um “endosso à ciência”, que se tornara “palavra de ordem para a elite moderna e secular”. (WEGNER; SOUZA, 2013, p.794)

Não foi à toa que, inicialmente, cientistas, filósofos e intelectuais das mais variadas vertentes do mundo inteiro, viram com simpatia e apoiaram muitas das ações do governo nazista na implementação de medidas efetivas para assegurar a reprodução adequada dos seus membros e garantir a melhoria genética da população após a assepsia dos “genes ruins”. Wegner e Souza contam que a única barreira que a eugenia encontrou para se tornar a principal ciência na condução dos rumos da humanidade, foi a religião. Segundo eles:

Compartilhando dos pressupostos da eugenia negativa e entusiasmados com o aprofundamento das pesquisas e da aplicação política da eugenia em outros países, esses autores [brasileiros] elegeram a Alemanha como modelo e, como obstáculos para trilhar esse caminho, a religião católica. [...] considerada o principal empecilho para a adoção de medidas equivalentes no país [Brasil]. (WEGNER; SOUZA, 2013, p.794)

É difícil não notar uma aproximação entre a citação acima e aquilo que Dawkins falou quando se referia à possibilidade de usar a eugenia para melhoramento genético da população: “o céu proíbe que o façamos”. (DAWKINS apud DAVIS, 2020, p.1) De qualquer modo, como vimos, para alguns líderes do novo ateísmo, a inteligência é uma qualidade que pode ser herdada e transmitida geneticamente. Lembremos que, para Dawkins, a queda no número de filhos de pessoas “geneticamente mais inteligentes” é um fator que pode influir no trabalho da seleção natural e atrapalhar o caminho mais adequado para a evolução de nossa espécie. (D'ADDARIO, 2013, p.1) E como o discurso neoateísta apresenta a religião como um elemento que, ou emburrece, ou demonstra falta de inteligência, a solução mais simples e efetiva seria acabar, proibir e/ou desacreditar as crenças religiosas, auxiliando na evolução da espécie.

No entanto, os neoateus, assim como os eugenistas do passado, precisavam demonstrar que suas alegações estavam sustentadas por dados científicos, e ambos recorreram aos mesmos

artifícios: testes de inteligência e interpretações estatísticas de indicadores sociais. Assim, vimos que Dawkins pediu e foi atendido em uma série de estudos “evidenciando” uma correlação positiva entre ateísmo e inteligência, e/ou, correlação negativa entre crença em Deus e inteligência.

Sem embargo, também vimos o viés desses estudos que adotam a premissa neoateísta de religião como algo negativo e interpretam os dados para dizer que, de fato, ela realmente prejudica a inteligência e, por isso, o ateísmo é a melhor opção cognitiva. Piovezan chama a atenção para o fato de as conclusões desses estudos estarem sustentadas muito mais na cosmovisão dos pesquisadores – que chegam, inclusive, a adotar os cavaleiros do ateísmo como referências nos artigos – do que nos resultados efetivos das análises e comparações estatísticas dos dados. De acordo com Piovezan:

O artigo de Lynn, Harvey e Nyborg (2009) está mais inserido no contexto fantasioso de “estado bélico eterno” [entre ciência e religião] do que realmente indica uma real descoberta científica. Não há embasamento estatístico em suas conclusões. [...] Neste sentido, quando se indica que a religião é algo prejudicial, o diálogo esbarra numa forma de fundamentalismo ateu, que se baseia numa inflexibilidade de argumentos. Este fundamentalismo leva a conflitos reiterados e desnecessários e nem sempre ajuda a desenvolver a sociedade. (PIOVEZAN, 2022, p.179)

Criar conflito é exatamente o que ateus fazem quando atacam as religiões e ofendem os religiosos apresentando-os como estúpidos e ignorantes. Indo além, no discurso neoateísta, a religião é uma foça deletéria que atrasa e prejudica a própria evolução humana, especialmente em sua capacidade de entender o mundo. Se somados a outra lista de malefícios que os novos ateus dizem que a religião produz, a conclusão que parece mais lógica é que de fato ela deve ser eliminada.

No entanto, chamamos a atenção para dois pontos nesse raciocínio aparentemente lógico: o primeiro é que ele assume uma série de premissas equivocadas, como já mostramos; e o segundo é que, a despeito ou mesmo à revelia das intenções dos neoateus, esse discurso neoateísta de sentir-se evolutivamente superior ao oponente, defendendo, por isso, a necessidade de eliminá-lo, é um discurso que em nada se distingue do discurso supremacista que tanto mal já fez, e continua fazendo, à humanidade.

3.3 O Ateísmo Antirreligioso na Atualidade

Idolatria Política: Quando o Neoateísmo Tem Razão

No subcapítulo anterior, mencionamos alguns fatos históricos para demonstrar o erro fulcral do argumento dos novos ateus quando tentam associar ditaduras antirreligiosas com a própria religião, afinal, esses regimes se destacaram justamente por perseguir as instituições e os próprios religiosos. No entanto, a alegação dos líderes do neoateísmo é de que a atitude de submissão dos governados para com o ditador é basicamente uma atitude religiosa, e, portanto, regimes totalitários têm um fundamento religioso. Hitchens, um dos que mais abordava esse tema, afirmou que: “o totalitarismo secular de fato nos deu um resumo do mal humano. Os exemplos mais utilizados — os regimes de Hitler e Stalin — nos mostram com terrível clareza o que acontece quando os homens usurpam o papel dos deuses”. (HITCHENS, 2007, p.166)

Apesar desse tipo de atitude descrita por Hitchens existir independentemente da existência ou não de religião, e também desse argumento não transformar um regime antirreligioso em um “regime religioso secular”, os novos ateus não deixam de estar embasados em algum grau de realidade. De fato, ao se retirar a opção da religião de um povo, ou mesmo quando essa opção ainda existe, é comum que líderes políticos sejam mitologizados e passem a ser adorados de modo muito similar à adoração que é feita em templos religiosos. Sobre esse ponto, Peter Hitchens, escrevendo sobre seu irmão neoateu Cristhopher, afirmou que:

É uma de suas piadas favoritas que um mundo governado pela fé é como a Coreia do Norte, um lugar onde tudo é conhecido e tudo é ordenado. Pelo contrário, a Coreia do Norte é exatamente o oposto de uma terra governada pela consciência. É um país governado por homens que não acreditam em Deus, onde ninguém é confiável para fazer suas próprias escolhas e onde o Estado decide para o povo o que é certo e o que é errado. E é o destino final do pensamento ateu. Se você não adora a Deus, acaba adorando o poder, seja Kim Jong Il, Leon Trotsky ou o poderio militar de George W. Bush. Nesse caso, Deus o ajude.²⁰⁰ (HITCHENS, 20007a, p.1)

À vista disso, consideramos relevante destacar o óbvio: “nem tudo são flores” na religião. Os novos ateus fazem críticas bem fundamentas à religião quando falam de assuntos como: a condenação do uso de preservativos, a objeção às pesquisas com células-tronco, o

²⁰⁰ Texto original Peter Hitchens: “It is one of his favourite jibes that a world ruled by faith is like North Korea, a place where all is known and all is ordered. On the contrary, North Korea is the precise opposite of a land governed by conscience. It is a country governed by men who do not believe in God, where nobody can be trusted to make his own choices, and where the State decides for the people what is right and what is wrong. And it is the ultimate destination of atheist thought. If you do not worship God, you end up worshipping power, whether it is Kim Jong Il, Leon Trotsky or the military might of George W. Bush. In which case, God help you”.

combate à educação sexual nas escolas e o radicalismo nas questões relacionadas com o aborto e o direito das mulheres sobre o próprio corpo.

E, com efeito, as crenças e os preceitos religiosos, quando usados de maneira maquiavélica, interesseira, radical e inescrupulosa, sem dúvida, podem provocar, e provocam, grandes danos sociais. Analisemos o exemplo citado pelos novos ateus de que a idolatria aos ditadores ateus é uma espécie de manifestação religiosa. Será que existem elementos para se dizer que realmente os seres humanos têm uma tendência a idolatrar líderes políticos?

A palavra “ídolo” vem do grego “εἶδωλον”, e significa “simulacro”, no sentido de uma imitação, uma cópia imperfeita ou uma simulação, um tipo de caricatura de algo que é real e/ou verdadeiro. No caso, o ídolo é um “simulacro de Deus”. Esse sentido original já traz em si uma espécie de alerta de que ídolos são coisas que iludem, enganam.

Desde seus primórdios, o termo “ídolo” vem sendo utilizado para demonstrar uma espécie de atitude religiosa equivocada dos seres humanos que direcionam sua religiosidade para algo que não é realmente uma divindade. Por exemplo, o termo “idolatria” é formado pelo radical grego “*eidolon*” (*εἶδωλον*), que quer dizer “corpo” ou “matéria”, e o radical “*latreia*” (*λατρεία*), que significa “adoração”, portanto, idolatria é o ato de adorar coisas materiais, louvar algo que tem aparência corpórea, ou, simplesmente, a prática de adorar ídolos.

Nos séculos seguintes à invenção da imprensa, houve uma verdadeira revolução tecnológica das comunicações que proporcionou o aumento do acesso aos trabalhos de artistas, intelectuais, líderes religiosos e políticos. Esse processo foi brutalmente acelerado após o advento da internet. Mas mesmo antes desse advento tecnológico, o termo “ídolo” já havia sido estendido para além do campo do sagrado e passou a ser comumente utilizado para se referir a seres humanos que se destacam na sociedade. Hoje em dia, a idolatria, antes restrita ao religioso, passou a ser percebida no culto que milhões de pessoas prestam a esportistas, músicos, youtubers, gurus, artistas e etc... Segundo Alberto da Silva Moreira:

Alguns exemplos visualizam cotidianamente tais mudanças: o culto dos santos, sem desaparecer, deslocou-se para o culto dos ídolos do esporte e do pop-rock; o encantamento migrou para a estética, o design e a alta tecnologia; os acontecimentos midiáticos de massa se tornaram vetores da experiência religiosa; os tradicionais especialistas do sagrado são obrigados a concorrer com jornalistas, terapeutas, gurus do marketing e animadores de programas de tv. (MOREIRA, 2008, p.72)

Aspectos da idolatria também parecem ter sido deslocados para o âmbito da política na forma de manifestações de idolatria a determinados líderes carismáticos. Jean-Paul Willaime,

já em 1944, falava de “religiões seculares” referindo-se ao comunismo e ao nazismo; para ele, a modernidade trouxe uma “transferência de sacralidade sem que se trate de religiões propriamente ditas” (2012, WILLAIME, p.133). Porém, quando a idolatria se manifesta no campo político, os efeitos podem ser muito mais devastadores do que a proliferação de livros ruins e/ou trabalhos artísticos de péssima qualidade (o que já não é pouca coisa).

Uma importante diferenciação que deve ser feita no estudo da idolatria política é que ela não é o simples uso de práticas ritualistas para favorecer um político ou o uso de uma linguagem religiosa para arrebanhar eleitores e/ou demonizar adversários na disputa pelo poder. Certamente, incontáveis políticos utilizaram e continuam utilizando artifícios como esses.

A idolatria política também não é o “culto à personalidade”, como descrito por Nikita Khrushchev (1894-1971) no “Discurso Secreto” de 1956, onde ele denuncia a estratégia de autoexaltação de Josef Stalin (1878- 1953). Não obstante, as duas práticas têm pontos de interseção. (KHRUSHCHEV, 2007) O culto à personalidade, em geral, é uma estratégia política de propaganda baseada na glorificação das “nobres virtudes” (verdadeiras e/ou forjadas) do governante.

Isso não significa dizer que a estratégia de usar propaganda pública para exaltar o líder não esteja também presente na idolatria política, porém o culto à personalidade foi mais comum em ditaduras soviéticas que promoveram o ateísmo como política oficial de estado, como nos casos da União Soviética de Stalin, da China de Mao Tsé-Tung (1893-1976), da Mongólia de Khorloogiin Choibalsan (1895-1952) e do Camboja de Pol Pot (1925-1998).

Como vimos antes, em todos os casos citados de culto à personalidade, as religiões foram perseguidas e seu poder foi quase extirpado, o ateísmo foi estimulado e os líderes dos movimentos revolucionários foram exaltados, tudo isso sem necessariamente se utilizar da linguagem religiosa. Contudo, nos dois casos (culto à personalidade e idolatria política) os líderes são exaltados como aqueles que, com seu patriotismo e “amor” pelo povo, servem como “guias benevolentes”, que protegem, engrandecem e/ou salvam a nação. Por exemplo, de acordo com o historiador Phillip Short (2015), a histeria em massa provocada pela Revolução Cultural Chinesa de 1966 não teve precedentes, pois ela continha elementos semelhantes a uma forma de “culto religioso”. Assim, Mao Tsé-Tung (chamado de “o Grande Timoneiro”) foi elevado por seus adoradores a um status quase divino durante o período da Revolução Cultural. Isso, ao mesmo tempo que rendeu a Mao o poder de definir a doutrina comunista no país, também provocou uma série de debates sobre a natureza esotérica, muitas vezes, mística e

transcendental de seus escritos, e sobre como Mao se apresentava de maneira messiânica no “Livro Vermelho”, que ele publicou em 1964. (SHORT, 2015)

A idolatria política também se diferencia do culto à personalidade porque no caso da primeira, ela acontece de uma forma quase espontânea, da parte do indivíduo que tem o desejo de eleger um ídolo, e não simplesmente como uma resposta a campanhas midiáticas massivas ou ao terror imposto aos críticos e adversários políticos dos regimes que adotam o culto à personalidade. Observe-se ainda que para os líderes desses dois tipos de manifestação política de adoração, os objetivos são os mesmos: aumento e legitimação do poder.



O monumento retrata o jovem Mao Tsé-Tung esculpido em granito, tem 83m de comprimento, 32m de altura e 41m de largura e pesa duas mil toneladas, fica em Wuhan (China)²⁰¹ / Nicolás Maduro reverenciando a imagem de Chávez em Caracas (Venezuela) ²⁰²

Nos casos dos regimes ditatoriais em que a idolatria política esteve presente concomitantemente às políticas de culto à personalidade, além da já citada China de Mao, podemos acrescentar: Francisco Franco (1892-1975) na Espanha, Josef Stalin (1878-1953) na URSS, Benito Mussolini (1883-1945) na Itália, Nicolae Ceaușescu (1918-1989) na Romênia, Rafael Trujillo (1891-1961) na República Dominicana, e, até mesmo, Hitler na Alemanha nazista. Porém, até em países democráticos, existem vários exemplos, como é o do casal Juan Perón (1895-1974) e Evita Perón (1919-1952) na Argentina,²⁰³ e de Hugo Chávez (1954-2013) na Venezuela.²⁰⁴

²⁰¹ Escultura do jovem Mao Zedong, na cabeça do continente Orange, Changsha. Disponível: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Mao_Zedong_youth_art_sculpture_4.jpg> Acesso: 19.12.2020

²⁰² Imagem disponível: <<https://www.ckaleb.com/cult-of-personality/>> Acesso: 04.01.21

²⁰³ Evita chega a declarar sobre seu marido: “Só há um Perón...Ele é um Deus para nós...Nosso sol, nosso ar, nossa vida” (EVITA apud SCULLY, 1956, p.37).

²⁰⁴ Na Venezuela, a idolatria política aumentou exponencialmente após a morte de Hugo Chávez, e ele passou a ser abertamente venerado como um Santo. Os chavistas falam de sua morte como uma “transição para a

Contudo, quando o tema é idolatria política contemporânea, talvez nenhum outro líder esteja sendo tão bem-sucedido quanto Vladimir Putin da Rússia. Durante seus governos, além de reforçar a política de culto à personalidade, Putin inovou com relação aos antigos líderes soviéticos ateus, e, ao invés de perseguir as religiões, ele se associou a elas, nomeadamente à Igreja Ortodoxa Russa, da qual ele diz ser um fiel. (NETO, 2019, p.49)

Putin assumiu a presidência da Rússia no ano 2000. Desde então, ele vem sendo sucessivamente “reeleito” para esse cargo, com apenas um pequeno intervalo para fazer reformas legais que lhe permitiram ficar indefinidamente no poder. Se essa fosse toda a história, já seria surpreendente tamanho poder político acumulado por um indivíduo em um país tão poderoso por tanto tempo. Porém, existe todo um conjunto de nuances que correlacionam o ditador com o ressurgimento da religião na Rússia, e ainda se completa com a construção mitologizante da imagem de Putin. Por isso, pensamos que, talvez, ele seja o melhor exemplo do que os neoateus querem dizer quando alegam que os preceitos que sustentam ditadores no poder são religiosos em sua essência – mesmo que esses ditadores sejam ateus, o que, aparentemente não é o caso de Putin.

Assim, para reforçar a imagem do que queremos passar, pedimos aos leitores desta tese que imaginem a história de um homem forte e destemido, que doma cavalos selvagens, abraça ursos polares, é capaz de vencer tigres ferozes e voar ao lado de grandes garças no céu. Este homem também fez descobertas arqueológicas importantes, tomou banho em águas congelantes, enfrentou poderosos inimigos, venceu a todos e salvou a nação.

Alguém teria alguma dúvida de que se trata de um ser humano superior? Alguém diria que este não é um herói? Algum religioso poderia negar que ele é um enviado divino? Alguém seria capaz de contestar a aclamação desse “semideus” como alguém digno de ser idolatrado? Pois todas as façanhas descritas acima, de alguma forma, já foram realizadas por Putin. Claro que todas essas demonstrações de bravura, força e heroísmo são cuidadosamente planejadas, montadas e encenadas por uma equipe de profissionais que também filmarão tudo e trabalharão

imortalidade”, e o chamam de “comandante eterno”. Entre seus seguidores, Chávez foi e é comparado a figuras sagradas, especialmente por seu sucessor Nicolás Maduro. De acordo com a *Associated Press*: “o legado de Chávez adquiriu um brilho religioso na Venezuela”. Santuários e imagens que o retratam com uma cruz cristã se tornaram comuns no país (ASSOCIATED PRESS, 2018, p.1). Em 2014, os envolvidos na educação e a oposição ao governo acusaram o novo currículo educacional da Venezuela de fazer Chávez parecer “messiânico”, como o “libertador da Venezuela”, e como “o novo Deus” (VALDERRAMA, 2014, p.1). Ao dizer que a oposição comemorou a seca que a Venezuela estava passando no início de 2014, o presidente Maduro disse que a estação das chuvas só veio por causa de “Chávez e Deus”, afirmando ainda que Chávez “soprou as nuvens com Deus”. E o governo continua incentivando a idolatria política à Chávez, em 2018, Maduro determinou que a data de nascimento e morte de Chávez devem fazer parte do calendário de comemorações escolares.

a adequada divulgação das imagens. Mas, para quem tem predisposição para a idolatria política, isso pouco importa. Um ídolo como ele é perfeito! Putin é praticamente o sonho encarnado de todo marqueteiro político. Ou, pelo menos era, antes de ele decidir invadir a Ucrânia, em fevereiro de 2022 e desafiar grande parte do mundo Ocidental.



Vladimir Putin em suas aventuras hercúleas e também mostrando outros dotes ²⁰⁵ ²⁰⁶

Porém, antes de cair em desgraça no âmbito internacional por causa da invasão e destruição da Ucrânia, Putin fez mais do que produzir boas imagens para o culto à sua personalidade. Ele precisou realizar um trabalho a longo prazo. Pouco depois de eleito pela primeira vez, ele promoveu uma forte reaproximação entre o Estado e a Igreja Ortodoxa e passou a utilizar o capital simbólico religioso dessa instituição para promover sua imagem. Sob o governo de Putin, o Kremlin financiou a reforma e reconstrução e apoiou a manutenção de centenas de igrejas que haviam sido destruídas ou desalojadas durante o período soviético. Assim, Putin conseguiu ser louvado como alguém que trouxe a religião de volta ao cotidiano russo. Logicamente, ele também conseguiu o apoio da Cúria ortodoxa.

Putin e o Patriarcado ortodoxo continuaram estreitando laços, e o nome do presidente russo passou a ser exaltado nas homilias. A penetração do autocrata na religião continuou

²⁰⁵ Imagens disponíveis em: <<https://www.nytimes.com/2012/09/06/world/europe/putin-pulls-off-his-latest-feat-flying-with-migratory-birds.html>> Acesso: 04.01.21

²⁰⁶ Disponível: <<http://muralanimal.blogspot.com/2015/06/o-homem-mais-poderoso-do-mundo-diz-que.html>> Acesso: 04.01.21

crecendo durante mais de uma década, até que, em maio de 2020, a Catedral das Forças Armadas (um novo templo ortodoxo em Moscou inaugurado em junho de 2020) anunciou que já estava quase pronto um mural que pretendia ser inaugurado para comemorar os 75 anos da vitória russa sobre o regime nazista.

No enorme mosaico da catedral, entre anjos e santos canonizados pela tradição ortodoxa, figura o retrato de Putin, ao lado de outras figuras políticas históricas. A iniciativa causou uma enorme polêmica, e o rosto de Putin foi posteriormente removido da catedral, após ele mesmo desaprovar a iniciativa, como forma de aplacar as críticas que vinha sofrendo. Putin argumentou que a homenagem poderia significar uma avaliação precipitada de suas realizações em prol do povo russo. No entanto, o mosaico em si não foi destruído, mas levado para outro local, fora do templo.



Mosaico com imagem de Putin que seria instalado em nova Catedral das Forças Armadas²⁰⁷ / Afresco “A Bênção dos Séculos” de Aleksandr Nemtsov²⁰⁸

A polêmica levantada sobre o mosaico na Igreja fez com que ganhasse notoriedade uma outra imagem que simboliza a ligação de Putin com a religião. Trata-se de um afresco pintado por um conhecido artista russo, Aleksandr Nemtsov, que mostra Putin acima de todos, com uma auréola dourada feita pelo Sol, vestindo uma armadura dourada e dirigindo uma carruagem pelo céu. À frente e abaixo de Putin ficaram: o czar Nicolau II, o grão-príncipe de Kiev (Vladimir, o Grande) e Nossa Senhora com Jesus.

Mas, se os próprios líderes religiosos colaboram para a divinização da imagem de Putin e para a disseminação da idolatria política de sua pessoa, então podemos deduzir que fora das

²⁰⁷ Disponível: <<https://domtotal.com/noticia/1442008/2020/05/retratos-de-putin-e-stalin-decoram-nova-igreja-ortodoxa-entre-anjos-e-santos/>> Acesso: 04.01.21

²⁰⁸ Disponível: <<https://www.rferl.org/a/putin-halo-russian-artist-fires-back-against-online-ridicule/29350513.html>> Acesso: 04.01.21

igrejas aconteçam demonstrações de idolatria ainda mais explícitas. Um exemplo claro é o que ocorre em todo aniversário do presidente russo, onde o país inteiro deve parar e se derramar em homenagens ao seu grande líder. Segundo a Associated Press:

Os partidários de Putin fizeram com que o aniversário se transformasse em uma demonstração inédita de idolatria ao presidente. Grande parte das homenagens, como o perfil de Putin transmitido pelo canal NTV, amigável ao Kremlin, parecia propaganda. Alguns dos elogios eram tão exagerados que pareciam uma forma sutil de sátira à forma heroica como Putin é representado na mídia estatal. [...] O movimento jovem pró-governo *Mestniye* realizou uma competição esportiva em uma praça central de Moscou sob o slogan “Faça o seu melhor por Putin” [...] Na república de Ossétia do Norte-Alânia, dez alpinistas escalaram uma montanha de 4 mil metros para erguer um retrato de 24 m² do presidente. [...] O aniversário do presidente também foi marcado pela abertura da exposição “Putin: o homem mais bondoso do mundo”. A exposição traz cerca de 12 pinturas do artista Alexei Sergiyenko que mostram Putin em vários momentos – cavalgando, chorando após sua vitória nas últimas eleições e pilotando um ultraleve, entre outros. (ASSOCIATED PRESS, 2012, p.1)

As exposições que retratam Putin como Gandhi, Thor, Dalí e etc... já viraram uma espécie de tradição nas celebrações de aniversário do grande soberano russo. Mas, elas não são mera vaidade de Putin, antes, trabalham o lado lúdico dos jovens ao mesmo tempo que também contribuem para a divinização de sua pessoa e de suas conquistas. Por essa razão também a imagem do presidente russo está nos equipamentos esportivos, em shows de rock e de música popular, em torneios e competições, em camisetas e em toda sorte de suvenires.



Assim, o ídolo Putin vai sendo construído no imaginário das novas gerações e sendo reforçado na geração atual. Por exemplo, na exposição do ano de 2014, Putin foi retratado como Hércules, e temas geopolíticos da atualidade foram transformados nos doze trabalhos do herói grego. Desde o estrangulamento do leão de Nemeia – no caso, a imagem é de Putin estrangulando um homem bomba, que representa o terrorismo – até a captura de Cérbero, o cão de três cabeças, que simboliza a luta da Rússia contra os Estados Unidos e grande parte do Ocidente. Segundo o editorial da revista *Veja*, na exposição:

Houve espaço ainda para a luta de Putin contra a Hidra de Lerna, ou as sanções do Ocidente contra a Rússia. A cabeça americana de hidra foi cortada, refletindo o veto à importação de produtos alimentícios dos Estados Unidos, União Europeia, Noruega, Canadá e Austrália, imposto pelo governo russo em represália a sanções. A anexação da península ucraniana da Crimeia – ilegal, lembre-se – é retratada como a captura do touro de Creta. [...] Os arroubos de idolatria pelo presidente não pararam aí. “Feliz aniversário, presidente da Rússia!”, entoaram crianças em um vídeo meloso publicado na Internet. “Sua vida é como uma centena de marcos cruciais para nosso país”, cantaram as crianças em uma sala de aula. (VEJA, 2014, p.1)

O Kremlin ainda fomenta uma “juventude putinista”, que usa uma iconografia pop aliada a uma hierarquia rígida para pregar o nacionalismo e a idolatra a Putin. Estes grupos de jovens são chamados de Movimento *Nashi* (“Os Nossos”, em russo) e têm um longo histórico de agressões contra adversários ou simples críticos de seu ídolo. (GIELOW, 2007, p.1)

Tudo isso mostra como elementos religiosos podem ser usados para sustentar ditadores no poder, mas é a massificação da propaganda de culto à personalidade que vai, de fato, despertando a idolatria política que sustenta regimes autoritários. É por isso que entendemos ser um erro tratar a idolatria política como uma simples atitude individual e subjetiva, que, assim como a idolatria a esportistas, artistas e/ou imagens, não traz muitas consequências diretas para a sociedade. Contrariamente, a idolatria política traz uma série de consequências nefastas para o governo eleito e, logicamente, para a sociedade como um todo.

Um outro exemplo, que pode se encaixar ainda melhor nas preocupações dos líderes do novo ateísmo, vem justamente do risco à mais antiga democracia do mundo moderno, uma democracia tão consolidada que sequer existe uma palavra em sua língua para definir o que é “golpe de estado”. Estamos falando da democracia norte-americana. Mas, seria possível que a idolatria política pudesse ameaçar essa instituição bicentenária que aparentemente está tão encrustada no *ethos* do povo dos Estados Unidos da América? Para respondermos a essa pergunta precisamos falar do paradigmático fenômeno de idolatria chamado: “trumpismo”.

Donald Trump já era um ídolo de TV antes mesmo de disputar a Casa Branca em 2016. Depois que perdeu no número total de votos, mas venceu a eleição no colégio eleitoral, Trump viu a idolatria à sua pessoa se expandir de forma monumental, para além dos EUA, passando a ser adorado por dezenas de milhões de pessoas no mundo todo.

No último discurso que fez como presidente, no começo de 2017, Barack Obama fez um alerta: “ficamos tão seguros em nossas bolhas que aceitamos apenas informações, verdadeiras ou não, que se encaixam em nossas opiniões, em vez de basear nossas opiniões nas

evidências que estão lá fora. Esta tendência representa uma terceira ameaça à nossa democracia”.²⁰⁹ Nesse sentido, assim como a revolução nas comunicações, que ocorreu durante todo o séc. XX, abriu caminho para muitos ídolos políticos, a idolatria a Trump também foi fortemente influenciada pelo advento das redes sociais.

Munido de “metadados”, “algoritmos inteligentes” e equipes com dezenas de profissionais especializados em produzir e espalhar desinformação em massa, Trump impulsionou o fenômeno da idolatria política a níveis sem precedentes na História. Possuindo quase 89 milhões de seguidores apenas no Twitter, as “fake news” divulgadas pelo presidente aumentaram exponencialmente o nível de polarização da sociedade americana.

Com pouco tempo no poder, Trump conseguiu emplacar a narrativa de que todos que o criticavam eram “inimigos do povo americano”, e que ele era a única esperança que restava para o país. Essa narrativa do “Trump salvador” se espalhou entre religiosos conservadores de diversos países pelo mundo. Por exemplo, o chanceler do governo Bolsonaro até 2021, Ernesto Araújo, publicou um artigo em 2017 intitulado “Trump e o Ocidente”. Dentre elogios exultantes ao presidente americano, Araújo também afirma que ele é a única esperança para a civilização ocidental, que está sendo destruída pelo “inimigo interno”. Segundo Araújo:

O presidente Donald Trump propõe uma visão do Ocidente não baseada no capitalismo e na democracia liberal. [...] Em seu centro, está não uma doutrina econômica e política, mas o anseio por Deus, o Deus que age na história. [...] Evidentemente esse Deus por quem os ocidentais anseiam ou deveriam ansiar, o Deus de Trump (quem imaginou que alguma vez leria estas palavras, “o Deus de Trump”?) não é o Deus – consciência cósmica, ainda vagamente admitido em alguns rincões da cultura dominante. Nada disso. É o Deus que age na história, transcendente e imanente ao mesmo tempo. [...] Não se deve ler Trump pela chave das relações internacionais ou da ciência política, mas sim da luta titânica entre a fé e sua ausência, entre o mundo construído pela fé e o mundo que vai sendo destruído pelos “valores”. Podemos não querer estar do mesmo lado de Trump nessa luta, mas precisamos reconhecer que ele a postula, que ele é um líder nesse combate. [...] Trump: *We want God* (nós queremos Deus)... Esse “nós” que precisa desesperadamente de Deus, esse “nós” que apenas um Deus pode salvar, não é senão o Ocidente. [...] Somente um Deus poderia ainda salvar o Ocidente, um Deus operando pela nação – inclusive e talvez principalmente a nação americana. (ARAÚJO, 2017, p.323, 352, 356)

Porém, há momentos em que o lado humano teima em aparecer, e quando Trump foi contaminado com o vírus COVID-19, ele optou por ser internado em um hospital militar, submetendo-se a um tratamento experimental de ponta, devidamente amparado pela ciência.

²⁰⁹ Discurso completo de Obama disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/mundo/leia-o-discurso-completo-de-despedida-de-barack-obama/13659/>> Acesso: 08.01.2021

De acordo com o cientista político Mathias Alencastro, Trump “alimenta a ideia de que ele é uma espécie de deus invulnerável, imaculado, então, para ele, ficar doente é um exercício de comunicação muito difícil porque ele não consegue apresentar um lado fraco, humano” (ALENCASTRO apud LO PRETE, 2020, 16m:10s).

E quando esse lado mortal e limitado é obrigado a vir à tona, o impacto pode ser tão forte em determinados níveis de idolatria que o devoto pode simplesmente não suportar. Por exemplo, o indiano Bussa Krishna ficou famoso em seu país pelo alto grau de idolatria que ele demonstrava ter por Trump. Krishna construiu uma estátua do presidente americano, em tamanho real, com 1,80 metro, e a colocou sobre uma espécie de pedestal, fazendo-lhe reverências diárias, repetindo orações e trazendo oferendas, incluindo banhos de leite na estátua. Segundo o chefe de sua aldeia, Krishna entrou num quadro de depressão após saber que seu ídolo tinha sido contaminado e estava no hospital; alguns dias depois, Krishna teve um enfarte e morreu com apenas 35 anos. (G1, 2020, p.1)



Bussa Krishna fazendo orações em frente à estátua de Donald Trump, vila de Konney, Telangana, Índia — Foto: Reuters/Vinod Babu²¹⁰

Observadores da cena política americana não estranharam o fato de Trump perder a eleição, afinal, durante sua gestão, Trump foi acusado de: sexismo, racismo, xenofobia, corrupção, sonegação fiscal, protecionismo deletério, prevaricação, complô com a Rússia na primeira eleição, divulgação em massa de notícias falsas, confronto sistemático com a imprensa, dentre muitas outras ações reprováveis. O que surpreendeu muitos analistas foi o poder que Trump continuou tendo mesmo após tudo isso, porque, mesmo tendo sido derrotado,

²¹⁰ Disponível: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/13/indiano-fa-de-trump-morre-deprimido-apos-saber-que-presidente-dos-eua-estava-com-covid-19.ghtml>> Acesso: 08.01.2021

Trump tornou-se o segundo político mais votado da história americana, com mais de 74 milhões de votos. A idolatria pode ser o único elemento capaz de explicar esse excelente e imprevisível desempenho de Trump nas eleições de 2020.

E, no aguardado dia 6 de janeiro de 2021, ao invés de uma festa democrática, o que os americanos, e o mundo, presenciaram foram: toque de recolher, brigas, tiros, terror e caos instalado na capital dos EUA. Nesse dia, os manifestantes se reuniram na capital para um comício de Trump intitulado “Salve a América” (*Save America*). Foram vários discursos inflamados de trumpistas radicais, sempre repetindo que a eleição foi fraudada e que aqueles que fossem leais a Trump precisavam tomar uma atitude. Quando o próprio Trump discursou, ele disse:

Vocês têm que mostrar força e têm que ser fortes. Viemos exigir que o Congresso faça a coisa certa e conte apenas os eleitores que foram legalmente indicados. Eu sei que todos aqui logo estarão marchando para o edifício do Capitólio... Nós lutamos como o inferno. E se você não lutar como o inferno, você não terá mais um país.²¹¹ (TRUMP apud NAYLOR, 2021, p.1, tradução nossa)

A turba, entre eles muitos armados, marchou até o Capitólio, e lá chegando derrubaram as barricadas e forçaram a entrada no prédio. O restante dessa história é bem conhecido. E o elemento da idolatria a Trump esteve presente durante toda essa tragédia que levou à morte de cinco pessoas e à “profanação” de um dos maiores templos da democracia americana.

A idolatria que foi demonstrada por grande parte do povo americano à figura de Donald Trump parece-nos um exemplo adequado para retratar a crítica que o neoateísmo faz aos religiosos que tendem a adorar líderes políticos como se estes fossem novos “messias”. Ao nosso ver, essa acusação, em particular, demonstra ser assertiva, uma vez que, de fato, tal idolatria pode ser observada e é usada para sustentar a continuidade de ditadores no poder. Não sem motivos, Dawkins, Dennett e Harris já fizeram inúmeras críticas a Trump e ao uso de linguagem e símbolos religiosos em seu marketing pessoal. Dawkins, por exemplo, culpando Trump pela invasão do Capitólio, o chamou de psicopata e o comparou a ditadores:

Psicopatas existem em todos os países e épocas, mas a maioria não ganha poder. Trump é incomum apenas porque uma minoria substancial de pessoas acredita em suas mentiras, mentiras óbvias que qualquer pessoa com um mínimo de bom senso deveria perceber. [...] É certo que há mais do que isso. Hitler e Mussolini não tinham Twitter. A América também tem a Fox, e

²¹¹ Texto original Naylor (2021): “*You have to show strength and you have to be strong. We have come to demand that Congress do the right thing and only count the electors who have been lawfully slated. I know that everyone here will soon be marching over to the Capitol building... We fight like hell. And if you don't fight like hell, you're not going to have a country anymore*”.

muitos taparam os ouvidos para todos os outros canais.²¹² (DAWKINS apud BROWNE, 2021, p1, tradução nossa)

A idolatria dos trumpistas também serve para explicar outra queixa recorrente dos novos ateus, e essa diz respeito ao alto nível de interferência religiosa nos rumos da política norte-americana. (HARRIS, 2006; DAWKINS, 2007) Essa é uma acusação que também parece estar bem fundamentada e que pode ser observada em muitos outros países; inclusive no Brasil, onde a “bancada da Bíblia” – grupo de parlamentares religiosos que atuam em temas relacionados com religião, moral, costumes e tradição – também é um dos grupos políticos mais poderosos do país, e constantemente influenciam decisões que interferem na vida de todos, e não apenas dos seus respectivos fiéis. Nesse contexto, o risco de surgirem novos ditadores é permanente, pois o povo parece estar sempre predisposto a ser tutelado.

Por isso, concordamos com os ateus quando eles afirmam que é preciso deixar a política menos suscetível à influência religiosa, mantendo uma postura laica do Estado. Pois, de fato, em diversos países e em diversos momentos da história, é possível observarmos que sim, a idolatria política existe e não é nada incomum. E quando a idolatria a um político vira culto – oficial ou não –, os idolatrados, se o quiserem, podem rapidamente se tornar ditadores, tomando o país de assalto e mantendo-o em cativeiro durante décadas.

Assim, quando criticamos a teodiceia dos novos ateus, que promete um mundo melhor sem religião e mostramos as atrocidades dos regimes antirreligiosos, não estamos querendo afirmar que os regimes teocráticos são melhores ou agiram de forma mais acertada. O nosso argumento é simplesmente de que a extirpação da religião não é solução para os males que afetam a humanidade, e que no campo da política, a melhor solução é um Estado laico, onde as religiões não são favorecidas, mas também não são perseguidas.

Crescimento Exponencial de Ateus nas Próximas Gerações

O sociólogo Gilberto Dupas (1943-2009) afirma que “é preciso analisar com muito cuidado a radicalização da intolerância em todo o mundo a partir dos atentados terroristas de 11 de setembro”. (DUPAS, 2009, p.31) Um novo inimigo foi eleito para ser derrotado na

²¹² Texto original Browne (2021): ““*Psychopaths exist in every country & era, but most don’t gain power. Trump is unusual only in that a substantial minority of people believe his lies, obvious lies that anyone with a minimum of sense should see through. [...] Admittedly there’s more to it. Hitler & Mussolini had no Twitter. Also America has Fox, and many stopped up their ears to all other channels.*”

“guerra ao terror” que sucedeu os ataques em solo americano, e muitos entendem que esse inimigo é a religião.

Nessa perspectiva, é importante lembrar aquilo que já pontuamos outrora, que é justamente após o 11 de setembro de 2001, que começa a acontecer, nos EUA e no mundo, uma explosão de venda de milhões de exemplares de livros escritos por novos ateus divulgando a crença na não existência de Deus e a intolerância a qualquer tipo de manifestação religiosa. A mídia, então, compra a ideia e uma onda de ateísmo se espalha pelo globo.

Destarte, tudo indica que o expressivo sucesso que os neoateus têm conseguido com suas publicações e na divulgação midiática de seu movimento está colaborando para a expansão do número de pessoas que aderem ao ateísmo e que militam contra qualquer forma de religião. Segundo Dennett, “notadamente o ateísmo tem crescido de maneira vertiginosa nos dias atuais e isto é inegável”. (DENNETT, 2006, p.87) E, segundo o próprio Dennett, boa parte desse crescimento se deve ao aspecto militante com que ele e outros neoateus têm atuado.

Em termos de dados estatísticos, os censos demográficos têm revelado que o número de pessoas que se declaram ateus tem se elevado rapidamente em muitos países. Quando foram iniciados os estudos que deram embasamento a essa tese, há 10 anos, os dados colhidos junto ao instituto *Gallup International*, revelavam que, só nos EUA, entre 2005 e 2012, havia acontecido um crescimento de 1% para 5% no número de pessoas que se auto identificam como ‘ateus convictos’; ao mesmo tempo, havia caído de 73% para 60% o total daqueles que se declaram ‘religiosos’. Essa mesma pesquisa relevou ainda que, em outros países, os índices de ateísmo já haviam chegado a números ainda mais expressivos: Países Baixos (14%), Alemanha (15%), Coreia do Sul (15%), França (29%), República Tcheca (30%), Japão (31%), China (47%). (GALLUP, 2012)

Pesquisas posteriores, feitas em 2015 pelo mesmo instituto *Gallup* com 64 mil pessoas em 65 países, apontavam que o menor percentual de entrevistados que se identificaram como religiosos estavam em: China (7%), Japão (13%), Suécia (19%), República Tcheca (23%), Holanda (26%), Hong Kong (26%), Reino Unido (30%), Israel (30%), Vietnã (34%), Alemanha (34%). (BBC, 2015, p.1) De acordo com Marcelo Ferreira Cardoso e José Calixto:

Ratificando esta afirmativa [de crescimento do ateísmo no mundo], um reconhecido e renomado instituto americano de pesquisas sociais e religiosas, *Barna Group* (BG), realizou recentemente [janeiro de 2018] uma enquete estatística naquele país, ressaltando que os Estados Unidos eram até pouco tempo atrás conhecidos como predominantemente cristãos protestantes e onde se constata atualmente um avanço gradativo do número de céticos em sua

sociedade. Consequentemente por lá, há queda a décadas de números como: Taxa de frequência à igreja, afiliação religiosa, oração, leitura da Bíblia e por último e o mais relevante, a crença em Deus. De acordo com ela (BG), que explora as tendências do mundo religioso, as principais razões apontadas para a descrença na existência de Deus, são: A rejeição da Bíblia, a falta de confiança nas igrejas, a visão de mundo secular reforçada pela cultura e uma disseminação mais agressiva do ateísmo. (CARDOSO, CALIXTO, 2018, p.154)

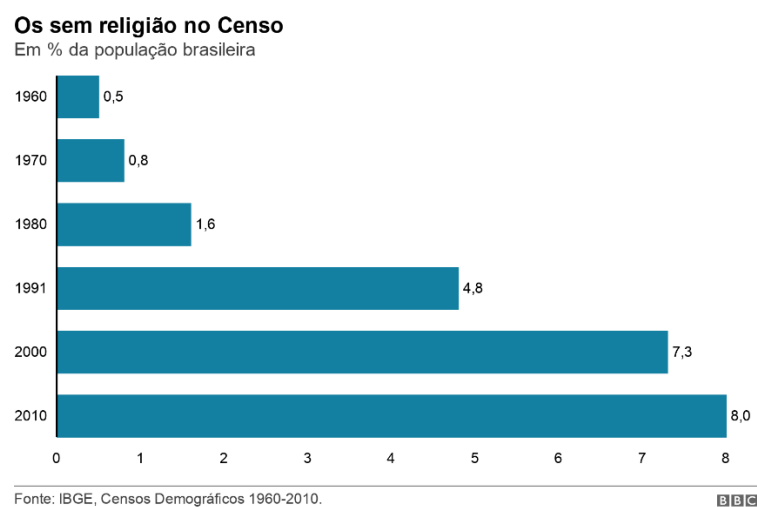
Claro, sabemos que existe toda uma questão interpretativa do que o entrevistado considera ser uma pessoa religiosa, quando responde a uma pesquisa como a da *Gallup*. Alguém não se identificar como religioso, não necessariamente significa dizer que essa pessoa acredita no ateísmo. Não obstante, esses dados já revelavam que uma população que tem índices muito baixos de pessoas que não se identificam como religiosas é, certamente, uma população onde o discurso radical neoateísta tem uma maior probabilidade de ser aceito e expandir-se.

Ainda nessa pesquisa mundial de 2015 da *Gallup*, o Brasil apareceu em 23º lugar na lista dos países mais religiosos, onde 79% dos entrevistados afirmaram serem religiosos. (BBC, 2015, p.1) De acordo com o derradeiro censo publicado pelo IBGE, realizado em 2010, cerca de 8% dos brasileiros estão na categoria “sem religião”. No entanto, há uma particularidade, porque embora as pesquisas censitárias daqui incluam questões abertas sobre o perfil religioso da população, quando os dados são divulgados todos que não pertencem a alguma tradição religiosa específica são denominados como “sem religião”. Como não se publica um detalhamento maior desses dados sobre o total de pessoas que afirmaram não acreditar em Deus, é preciso lembrar que a categoria dos “sem religião” pode incluir ateus, agnósticos, religiosos não praticantes, e pessoas que possuem religiosidade, mas não estão atreladas a nenhuma instituição definida no momento da pesquisa. (MONTERO; DULLO, 2013, p.58)

No entanto, segundo Clóvis Ecco e José Martins Filho, os metadados desse último Censo divulgado já trouxeram números bastante reveladores sobre o crescimento do ateísmo no Brasil. Ecco e Martins Filho relatam que:

15 milhões de pessoas responderam não possuir religião, dos quais 615 mil afirmaram expressamente serem ateus e 124 mil agnósticos. É possível identificar um aumento de 130%, nos últimos 50 anos, entre as pessoas que deixaram de acreditar em uma divindade. Houve também um encolhimento das pessoas que, na pesquisa anterior, diziam-se católicas. Apesar de o grupo dos evangélicos também ter sofrido algum aumento, o crescimento considerável dos ateus é o que realmente chama a atenção numa comparação entre 1960 e 2010. (ECCO; FILHO, 2016, p.269)

Infelizmente, até a apresentação dessa tese, os dados do Censo realizado em 2022 ainda não haviam sido divulgados. No entanto, dados mais recentes sobre o ateísmo no Brasil foram trazidos pelo Instituto Datafolha em 2021. Porém, é preciso destacar que essa pesquisa foi feita por amostragem, com um universo muito menor de entrevistados do que o de um Censo demográfico. Não obstante, os resultados dela revelam que 49% dos entrevistados se declararam católicos, 26% evangélicos, 11% de outras religiões, e 14% se declararam sem religião. (PESTANA, 2021, p.1) Se esse dado de crescimento de 6% no número dos sem religião for confirmado pelo próximo Censo a ser divulgado, isso representará um aumento de cerca de 75% no percentual dos sem religião em pouco mais de uma década. Nada trivial.

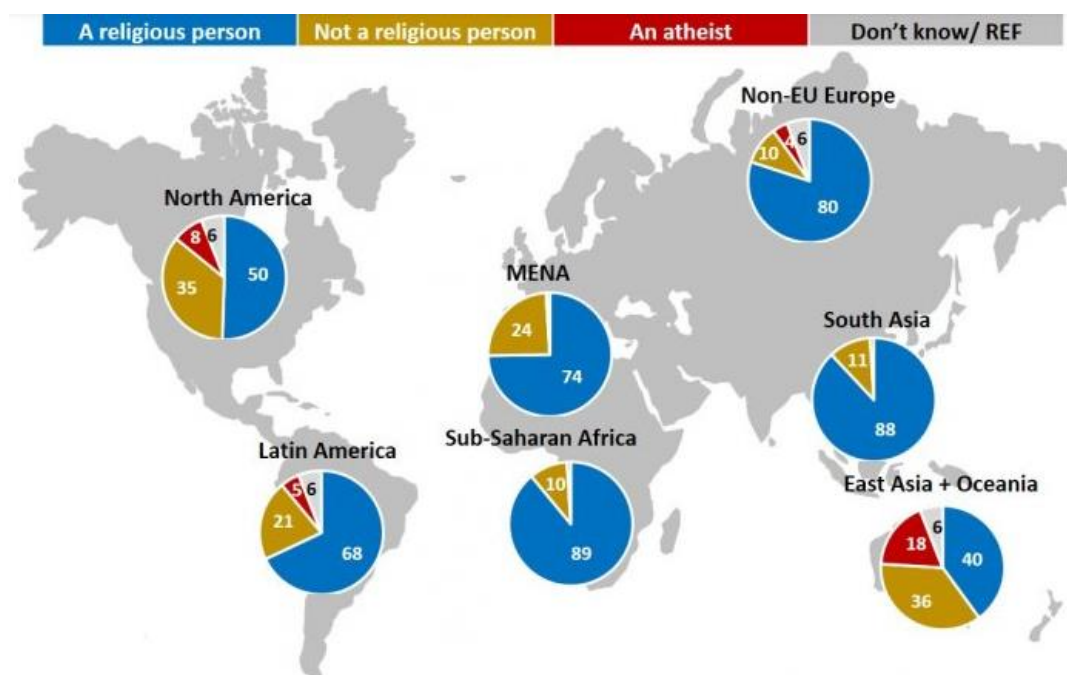


Em 2022, o instituto *Gallup* também divulgou os dados de uma pesquisa mais recente que foi realizada novamente nos EUA sobre o tema da crença em Deus. Os dados coletados demonstraram uma queda acentuada de 6% do teísmo entre os americanos, de 87% para 81%. Por outro lado, 17% dos americanos se declararam ateus, com 2% não querendo ou não sabendo responder. Esses percentuais de teísmo abaixo do que haviam sido encontrados em 2017 confirmaram a tendência de queda encontrada pelo *Gallup* nas pesquisas anteriores.

Para demonstrar essa tendência, o *Gallup* fez uma retrospectiva histórica do declínio da crença em Deus no relatório mais recente. O instituto começou a realizar esse estudo junto à população estadunidense em 1944, repetindo o levantamento novamente em 1947 e outras duas vezes nas décadas de 1950 e em 1960. Nessas quatro pesquisas iniciais, 98% dos entrevistados disseram acreditar em Deus. Porém, quando o *Gallup* voltou a repetir a pergunta quase cinco décadas depois, em 2011, “apenas” 92% responderam que eram teístas. Em 2013, o instituto voltou a pesquisar o tema e descobriu que a crença em Deus já havia caído para 87%, onde se

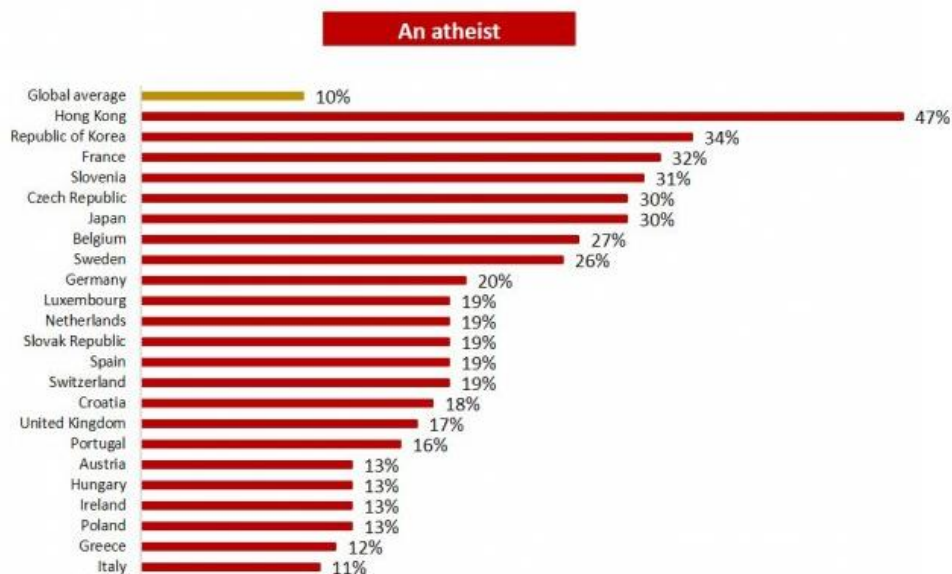
manteve nas três atualizações subsequentes entre 2014, 2015 e 2017, antes da queda acentuada na pesquisa de 2022, para 81%. (JONES, 2022, p.1)

O *Gallup Internacional* estendeu o levantamento a respeito da crença em Deus para o restante do planeta. Assim, entre agosto e outubro de 2022, realizou uma pesquisa com o total de 57.768 pessoas entrevistadas em 60 países diferentes. E em cada país, uma amostra representativa de aproximadamente 1.000 pessoas foram entrevistadas pessoalmente, por telefone ou on-line.²¹³



Os resultados apontaram que 62% dos entrevistados em todo o mundo se identificaram como religiosos, 25% responderam não serem religiosos, mas acreditarem em Deus, e 10% se declararam ateus, sendo que pouco mais de 2% disseram “não ter certeza” de suas opções religiosas. (GALLUP, 2023, p.1) Poucos anos antes, em 2016, o *Gallup* havia realizado essa mesma pesquisa e os resultados haviam se mantido relativamente estáveis, com apenas os ateus registrando aumento de 1%, pois eram 9%. Abaixo, a lista com os países mais ateus do mundo, na pesquisa *Gallup* 2022.

²¹³ Por alguma razão não esclarecida, o Brasil não está entre os países selecionados para esse estudo da Gallup Internacional 2022.

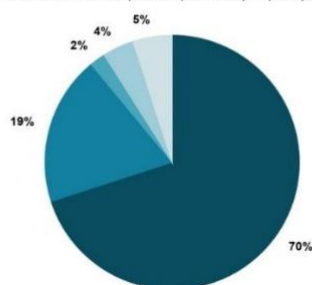


E ainda mais atual é a pesquisa “*Global Religion*”, realizada pelo instituto *Ipsos* com dados coletados entre 20 de janeiro e 3 de fevereiro de 2023. O levantamento contou com uma amostra total de 19.731 entrevistados de 26 países diferentes. Cerca de 1.000 depoimentos foram colhidos só no Brasil. Esse estudo revelou que 89% dos brasileiros dizem acreditar em Deus, o que colocou os brasileiros no topo do ranking dos países mais teístas do mundo.

A crença em Deus do brasileiro

Pesquisa perguntou qual das afirmações corresponde melhor ao que o entrevistado acredita:

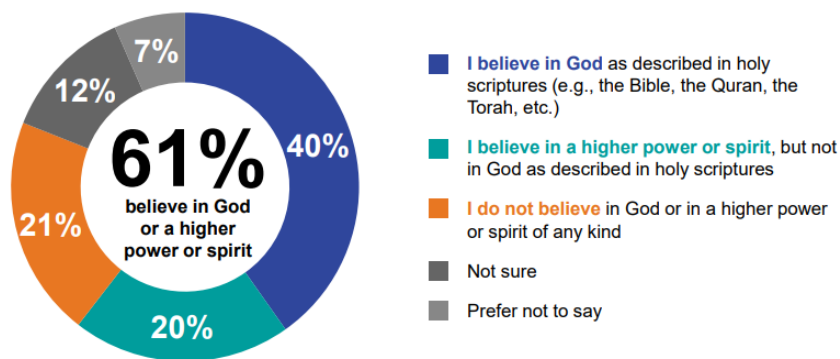
- Acredito em Deus como descrito nas escrituras (Bíblia, Corão, Torá, etc.)
- Acredito em um poder ou espírito superior
- Prefiro não responder
- Não tenho certeza
- Não acredito em Deus nem em um poder superior de qualquer tipo



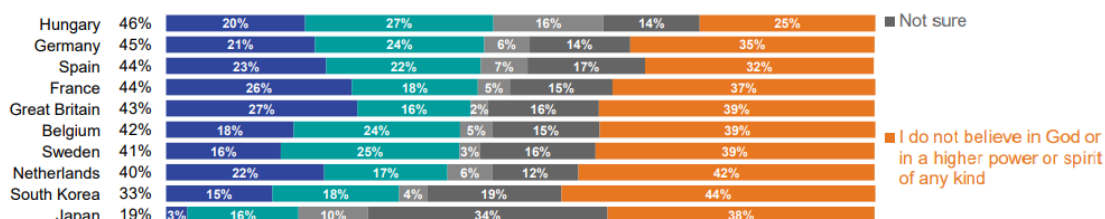
Fonte: Global Religion 2023 Ipsos



No total, o Brasil ficou 28 pontos percentuais acima da média de 61% dos demais países, no que tange a acreditar em Deus. Mas, no que se refere ao foco dessa tese, a pesquisa revelou que, dentre os brasileiros, 5% dos entrevistados se declararam ateus. Certamente, esse percentual está dentro dos 14% dos sem religião que são projetados para o Censo que, possivelmente, será divulgado em 2023. Porém, o que realmente surpreendeu nessa pesquisa *Ipsos* é o percentual de pessoas que se autodeclararam ateus no mundo, 21%. (IPSOS, 2023) O gráfico a seguir mostra a distribuição dos percentuais encontrados:



Os resultados gerais de ateísmo desse levantamento do Ipsos são bem superiores aos que foram encontrados no ano passado pela *Gallup Internacional* no estudo global, que “só” identificou 10% de ateus no mundo. Porém, se comparados apenas com a pesquisa que foi feita pela *Gallup* só com a amostra dos entrevistados nos EUA, onde, em 2022, 60% se declararam religiosos e 17% ateus, esses resultados do Ipsos se aproximam bastante. Outros dados colhidos pelo Ipsos também são relevantes para mostrar o nível de inserção atual do ateísmo no mundo. Abaixo uma tabela desse levantamento de 2023 com os dez países menos religiosos:



Os percentuais em azul indicam a resposta “eu acredito em Deus”; aqueles marcados em verde “eu acredito num poder ou espírito superior”; cinza claro indica “prefiro não dizer”; cinza escuro os que disseram “não tenho certeza”; e, os marcados em laranja responderam sim para a sentença: “eu não acredito em Deus ou numa força superior ou espírito de qualquer tipo”.

Assim, temos três possibilidades para a discrepância: uma deficiência na metodologia global utilizada pela *Gallup* que subestimou o número de ateus em escala mundial; uma deficiência na metodologia do instituto *Ipsos*, que superestimou o número global de ateus; ou, a menos provável, houve de fato um crescimento vertiginoso no percentual de ateus no mundo num intervalo de pouco mais de um ano.

De todo modo, ambos os levantamentos demonstram um crescimento expressivo do ateísmo no mundo num intervalo de tempo curto após o ano de 2001, quando ocorreram os atentados terroristas em solo americano. Os dados mostram ainda que o aumento no percentual

de ateus se intensificou ainda mais após o ano de 2005, quando os primeiros *best-sellers* neoateístas já haviam sido lançados.

Essas duas pesquisas globais mais recentes sobre ateísmo também coincidem em outro ponto bastante relevante, a rejeição à religião institucionalizada. O estudo da *Gallup*, por exemplo, foi publicado com o título “Mais propenso a acreditar em Deus do que se identificar como religioso” (*More Prone to Believe in God than Identify as Religious*), em função dos dados terem apontado que, enquanto 62% se identificam como religiosos, 72% dizem acreditar que Deus existe. (GALLUP, 2023, p.3) Nesse sentido, os pesquisadores destacam pontos interessantes quando comparam a mudança religiosa que está ocorrendo em alguns países importantes, como EUA e Rússia. Por exemplo, em 2014, 56% dos americanos e 70% russos disseram que eram pessoas religiosas. Apenas dois anos depois, o mesmo instituto observou que os EUA permaneceram como o mesmo patamar, enquanto a Rússia caiu para 61%. No estudo de 2022, feito antes da invasão da Ucrânia, a parcela dos que se definem como religiosos era praticamente igual nos dois países comparados: 60% nos Estados Unidos e 62% na Rússia. (GALLUP, 2023, p.11)

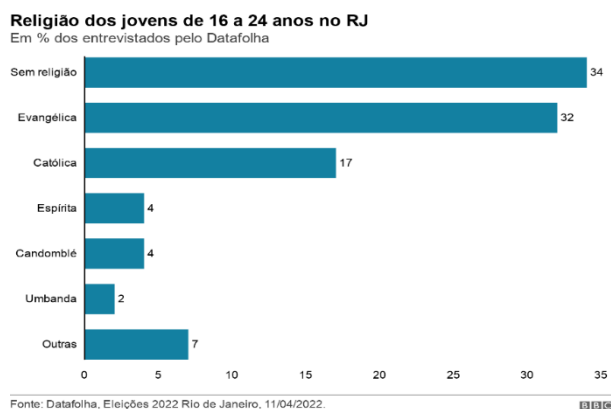
Por sua vez, o *Ipsos* também identificou o mesmo fenômeno de rejeição à religião institucionalizada, observando que “acreditar em Deus não significa necessariamente ser religioso”. Até mesmo o caso brasileiro serve para ilustrar isso no levantamento do *Ipsos*. Pois, enquanto 89% dos entrevistados responderam que acreditam em Deus ou em um poder Superior, apenas 76% disseram ser uma pessoa religiosa. Esse índice brasileiro ficou novamente acima da média global, que foi de apenas 67% para os que se dizem religiosos, porém ele ficou bem mais abaixo dos primeiros colocados nesse quesito, a saber: Índia com 99%, Tailândia com 98% e Turquia com 86% de pessoas que declararam ser religiosas.

Outro ponto significativamente importante sobre as características implícitas nas estatísticas de crescimento do ateísmo no mundo, que também precisa ser observado com desvelo, diz respeito à faixa etária onde o crescimento da descrença acontece. Segundo o sociólogo Marcelo Camurça, existe uma tendência de crescimento dos sem Religião no Brasil que “acompanha os indicadores de modernidade”, por isso, saltaram de 0,5% da população em 1960 para 8,04% em 2012. Camurça indica que essa tendência de alta é causada pelo “desencantamento com as instituições” e confirmada pelo fato desse grupo dos sem religião ter uma média de idade de 26 anos, sendo formado por “jovens e adultos jovens” que influenciarão

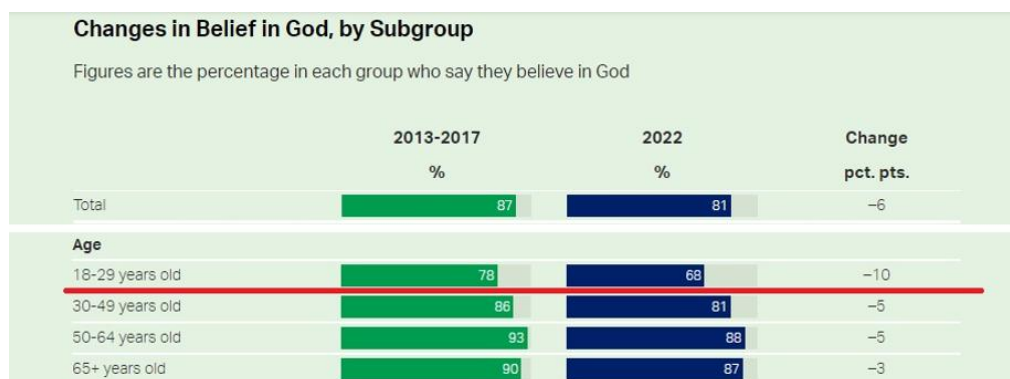
as futuras gerações. (CAMURÇA, 2010, p.69-81) Corroborando com a perspectiva de Camurça, Cardoso e Calixto afirmam que:

Outro ponto de destaque [nas pesquisas mais recentes sobre ateísmo], são os recentes estudos das chamadas gerações sociológicas. [...] Segundo [Wivian] Weller, atualmente encontramos sete diferentes gerações classificadas de acordo com a época de seu nascimento, a saber: Geração Perdida (1882 a 1904), Geração Grandiosa (1905 a 1922), Geração Silenciosa (1923 a 1945), Baby Boomers (1946 a início dos anos de 1960), Geração X (meados dos anos de 1960 a início dos anos de 1980), Geração Y (meados dos anos 1980 até início dos anos 1990) e Geração Z (meados dos anos 1990 até início dos anos 2000) e neste caso específico, Lisboa e Santos sugerem que a porcentagem da Geração Z – sendo que somente adolescentes de 13 a 18 anos foram incluídos nesta análise – que se autodenominam como ateus é quase o dobro em relação as outras gerações já adultas. (CARDOSO; CALIXTO, 2018, p. 154, 156)

Na pesquisa anteriormente citada, feita pelo Instituto Datafolha em 2021, um dos pontos que chamou a atenção dos pesquisadores estava relacionado com a concentração das taxas de ateísmo na população mais jovem. Na capital de São Paulo, jovens de 16 a 24 anos sem religião alcançam o percentual de 30% dos entrevistados, superando evangélicos com 27%, católicos com 24% e os membros de outras religiões com 19%, nessa faixa etária. (PESTANA, 2021, p.2) Em 2022, o Datafolha fez uma nova rodada de pesquisas, dessa vez incluindo pesquisas aprofundadas na cidade do Rio de Janeiro, e chegou a um índice até maior dos sem religião, 34%, nessa faixa etária que ora analisamos. (CARRANÇA, 2022, p.1)



De igual modo, a pesquisa *Gallup* de 2022 com jovens americanos também registrou uma queda acentuada da crença em Deus entre jovens, jovens adultos e as pessoas à esquerda do espectro político (liberais e democratas). Esses grupos sofreram quedas de 10 pontos percentuais, ou mais, se comparado com as médias das pesquisas realizadas pelo mesmo instituto entre 2013 e 2017. A maioria dos outros subgrupos estudados na pesquisa experimentou um declínio modesto, e os conservadores e os adultos casados não mudaram seus percentuais em praticamente nada, como demonstra o gráfico a seguir: (GALLUP, 2023)



Visto por outro ângulo, os dados da pesquisa revelam que, entre a faixa etária de 18 a 29 anos de idade, o percentual de 32% de ateus chega a ser quase o dobro do percentual de 17% da faixa etária entre 30 e 49 anos, que vem em segundo lugar no nível de descrença em Deus. (GALLUP, 2023) Isso só confirma os resultados encontrados pelos autores supracitados, demonstrando o quanto a faixa etária mais jovem está mais inclinada a aceitar a crença no ateísmo como verdadeira.

	Hears prayers and intervenes	Hears prayers only	Does neither	Do not believe in God
	%	%	%	%
Age				
18-29 years old	30	29	9	32
30-49 years old	40	27	14	17
50-64 years old	50	29	10	9
65+ years old	44	31	11	12

MAY 2-22, 2022 • Get the data

GALLUP

Cardoso e Calixto chamam a atenção de que o alto percentual de jovens da geração Z que aderem ao ateísmo pode estar diretamente relacionado ao ateísmo radical nascido com o novo milênio. Essa perspectiva corrobora com vários pontos do que estamos demonstrando no decorrer de todo esse estudo, especialmente em nossa alegação de que o discurso neoateísta está exercendo considerável influência sobre as gerações mais novas, o que, obviamente, também reverberará nas gerações que ainda virão. Segundo Cardoso e Calixto:

A partir do começo do século XXI, período desta Geração Z (meados dos anos 1990 até início dos anos 2000), não somente há o crescimento dos que se autodenominam ateus, mas também surge um tipo de ateísmo mais atuante e beligerante, capaz de sair da marginalidade da indiferença para se declarar como ateu e combater frontalmente as religiões formais, afirmando-as como essencialmente más e fortalecendo seu desenvolvimento. Este movimento denomina-se como ateísmo moderno ou neoateísmo. (CARDOSO; CALIXTO, 2018, p.156)

Diante de todos os dados demográficos que vimos e das análises estatísticas que fizemos, cabe fechar esse ponto lembrando que além da elevação dos índices de ateísmo no mundo, os dados ainda apontaram um sentimento de rejeição à religião institucionalizada e, também, um forte concentração dos índices de ateísmo entre as gerações mais novas, em especial, a geração dos que nasceram entre os anos de 1990 e 2000.

Conclusões

Iniciamos este subcapítulo examinando o discurso neoateísta que associa a idolatria que milhões de pessoas demonstram por líderes políticos ao sentimento de adoração presente na religião. E neste ponto específico nosso estudo tendeu a concordar com o argumento do novo ateísmo, no sentido de que parece haver, de fato, uma transferência da adoração religiosa para a idolatria a políticos populistas.

No entanto, discordamos das tentativas do novo ateísmo de associar a existência da religião em si com a ascensão e a legitimação de regimes ateístas e antirreligiosos como os de Stalin, Mao Tsé-Tung e Kim Jong-um. Assim, também discordamos da conclusão neoateísta de que a solução para que tais regimes de terror não aconteçam mais é erradicar a religião. Para nós, isso parece ser uma dedução absolutamente insustentável do ponto de vista histórico.

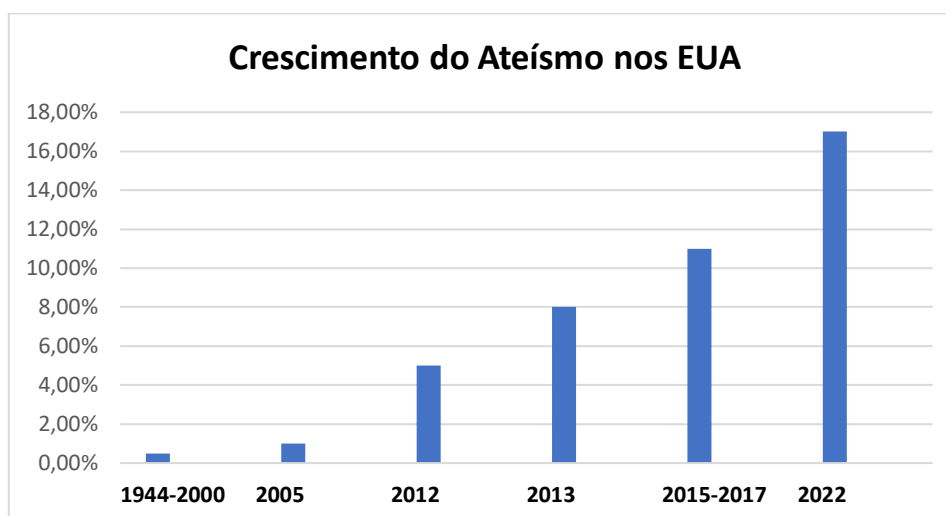
Sustentamos que o sucesso na venda de livros escritos por novos ateus também pode ser parte da explicação do fenomenal crescimento demográfico do ateísmo no mundo, especialmente por essas publicações divulgarem a existência de um suposto conflito entre Ciência e Religião, e por afirmarem que seu discurso de descrença está racionalmente amparado em conhecimento científico, como vimos na segunda parte dessa nossa pesquisa.

O número de ateus que entendem a religião como um mal que precisa ser extirpado pode ser pequeno atualmente, mas os dados encontrados nesse estudo apontam que a tendência é que o percentual de ateus continue aumentando rapidamente nas próximas décadas, especialmente porque o seu crescimento está focado nas gerações mais novas que, no futuro, também passarão para as gerações seguintes a aversão religiosa que adquiriram após entrar em contato, direta ou indiretamente, com o discurso radical do neoateísmo. Cardoso e Calixto, já em 2018, chamavam a atenção para a relevância desse fenômeno:

Segundo Souza, o que era um número aparentemente inexpressivo a um século atrás de pessoas que se declaravam ateias, quando comparado com a população mundial no mesmo período, isto levando-se em conta que naquele tempo estimava-se em 220 mil ateus no mundo para uma população de aproximadamente 1,56 bilhões de pessoas no começo do ano de 1900; e que decorridos 100 anos esta diferença cai de maneira vertiginosa para atuais 262 milhões de pessoas assumidamente descrentes, contra 7 bilhões e 600 milhões de habitantes no planeta. Ao analisar os números acima o leitor pode ser levado ao erro de um raciocínio superficial, chegando à conclusão de que o ateísmo ainda constitui um movimento insignificante, porém comparado às chamadas religiões tradicionais no mesmo período, seu crescimento é espantoso. Conclui-se que o ateísmo através do ateísmo moderno ou neocateísmo como comumente é designado, tem favorecido o crescimento do número de simpatizantes e adeptos pela negação da crença em uma divindade ou divindades, favorecendo assim o avanço da divulgação de sua mensagem e tornando-se um movimento cada vez mais atuante e militante nos tempos atuais, merecedor de um estudo mais acurado sobre este fenômeno. (CARDOSO; CALIXTO, 2018, p.158)

Contudo, é importante pontuar que o aumento do número de pessoas que não acreditam em Deus não é um problema em si. Pois, quando se trata de questões relacionadas com crenças ou descrenças religiosas, defendemos que qualquer um tenha o direito de acreditar ou de não acreditar no que quiser. No entanto, o crescimento do ateísmo militante radicalizado, que incorporou a mensagem de que é preciso combater e erradicar a religião, pode trazer consequências indesejáveis e gerar ainda mais conflitos desnecessários entre ateus e religiosos.

No que concerne aos dados estatísticos analisados nesse subcapítulo é válido relembrar a sequência histórica das pesquisas feitas pelo instituto *Gallup* especificamente com os estadunidenses, pela *expertise* já de décadas realizando esse mesmo levantamento no país. Segundo os resultados, entre 1944 e início do ano 2000, o ateísmo nos EUA figurava com percentuais em torno de 0,5%.



Em 2005, a pesquisa registrou que 1% dos entrevistados se identificava como ateu. Apenas sete anos depois, em 2012, essa população havia se tornado cinco vezes maior, saltando para 5% do percentual total. Em 2013, a *Gallup* já registrava 8% de ateus entre os norte-americanos. Entre 2015 e 2017, os índices novamente se elevaram para 11%. Finalmente, chegando aos 17% registrados em 2022. Em termos demográficos, trata-se simplesmente de um crescimento exponencial.

No entanto, cabe destacar que, dados divergentes coletados por institutos diferentes são naturais e podem ser explicados em função das diferenças metodológicas aplicadas pelos diferentes grupos de pesquisadores, como foi o caso da diferença no número total de ateus no mundo do *Gallup* 2022 (10%) para o *Ipsos* 2023 (21%). Porém, se o mesmo instituto, no caso o *Gallup*, no mesmo tipo de levantamento, mostra que houve um forte recuo da crença em Deus nos EUA (6%), que possui cerca de 330 milhões de habitantes, e, por outro lado, mostra que os números se mantiveram estáveis para o restante do mundo, com cerca de 8 bilhões de pessoas, para nós, isso parece indicar duas possibilidades:

- a) Ou existe um erro de metodologia da *Gallup Internacional*, que impossibilitou a pesquisa mais recente de identificar o crescimento do ateísmo no mundo – o que explicaria os dados mundiais mais elevados encontrados pelo *Ipsos* em 2023;
- b) Ou o aumento do ateísmo entre os americanos foi compensado pelo crescimento da religiosidade em outros países.

Talvez essa elevação da religiosidade e da crença em Deus em outros países, que compensaria o aumento do ateísmo em grandes nações como os EUA, se deva ao ressurgimento e fortalecimento do populismo de direita religioso que vem sendo observado em dezenas de países pelo mundo. Entretanto, não há espaço nessa tese para aprofundar essa hipótese.

O que podemos compreender na conclusão desse subcapítulo é que dentro da narrativa neoateísta existe um espaço privilegiado para a teodiceia de um mundo melhor sem a religião. Esta narrativa é facilmente absorvida por uma geração mais nova, mais maleável, pouco conhecedora de fatos históricos e permeada por uma cultura midiática que costuma atribuir características negativas à religião. Percebe-se, claramente, que esse tipo de percepção antirreligiosa continua a crescer, mas, não nos é possível afirmar se ela pode se tornar majoritária no futuro.

Conclusões do 3º Capítulo

Nesse terceiro capítulo, abordamos uma quantidade bastante variada de assuntos, que, à primeira vista, parecem não estar exatamente conectados um ao outro. No entanto, se olharmos o cenário de uma maneira mais holística, compreendendo que cada um dos assuntos abordados nessa última parte do nosso estudo é uma peça num quebra-cabeças maior. Desse modo, poderemos ver que a imagem inteira mostra que todos os pontos estão relacionados e evidenciam as consequências práticas de um discurso fundamentalista antirreligioso.

Foi nesse sentido que iniciamos a análise dessa última parte desse estudo focando no discurso do neoateísmo que busca construir uma teodiceia para um mundo sem Deus. Vimos que um grande número de declarações dos líderes do novo ateísmo se referem a religião como um mal, uma doença, que impede a concretização de um mundo de paz e prosperidade, onde praticamente não acontecerá nenhum tipo de conflito. Pois, segundo os neoateus, uma vez abandonadas todas as crenças religiosas não há mais razões para guerras nem desentendimento pessoais. Um verdadeiro paraíso na Terra, só que sem Deus.

É com esse discurso utópico de redenção da humanidade após o fim da religião, que os neoateus recrutam um grande número de “soldados” para a grande guerra antirreligiosa, uma espécie de “*jihad* ateísta”. Com esse propósito, uma das estratégias é sempre a de identificar o ateísmo com grupos minoritários e/ou perseguidos, como a população LGBTQIAP+ e as feministas. Porém os ateus “esquecem” que o mal permaneceria no mundo mesmo sem a religião, e a maior prova disso são as consequências geradas por estados oficialmente antirreligiosos. É risível a solução de Dennett de que, num mundo sem a crença em Deus, o mal das pessoas seria contido apenas pelo desejo delas serem amadas e respeitadas por seus familiares e vizinhos. De acordo com Nall:

Enquanto ateus fundamentalistas soam o alarme sobre o perigo representado pela religião, outros veem questões como a pobreza como a causa subjacente de grande parte da violência mundial. Mais significativamente, a tese do ateísmo fundamentalista de que a religião está na raiz do conflito global ignora a história. Não a religião, mas uma luta ideológica política e secular motivou tanto a Primeira quanto a Segunda Guerra Mundial. Outra característica problemática do ateísmo fundamentalista é que ele limita muito estreitamente sua crítica à doutrina e instituições religiosas. [...] Se o mundo cristão deve superar a Igreja Católica primitiva, o mundo ateu deve superar a União Soviética. Pode-se afirmar com certeza que atos horríveis de violência foram cometidos com e sem justificativa religiosa. De fato, muitos atos de violência foram cometidos em nome da própria justiça. Pois parece que nem o mundo

religioso nem o secular têm as mãos totalmente limpas.²¹⁴ (NALL, 2008, p.275, tradução nossa)

No subcapítulo seguinte, utilizamos o exemplo do nazismo de Hitler não só para refutar as acusações neoateístas de relação com a religião, mas também para demonstrar que a lógica desses regimes estava assentada nos conceitos de darwinismo social e eugenia – conceitos esses que, sabemos, não surgiram da religião ou de religiosos, mas do cientificismo de seus proponentes que acreditavam que a seleção artificial deveria ser aplicada às populações como forma de ajudar a evolução no desenvolvimento da humanidade.

Também refletimos sobre as semelhanças do discurso radicalizado do neoateísmo com o discurso de superioridade genética hegemônico do início do séc. XX. Nesse sentido, mostramos como as narrativas de depreciação da religião e de supervalorização do ateísmo têm influenciado na produção de pesquisas enviesadas e de pouca confiabilidade. O discurso fundamentalista dos líderes do novo ateísmo parece estar servindo como base para estudos teoricamente científicos que carregam em suas conclusões preceitos de um darwinismo social que eleva a condição social do ateu em detrimento da condição social do religioso.

Também nesse capítulo final, analisamos outra proposição do neoateísmo, a de que a religião é culpada pela existência de regimes ditatoriais por causa da forma como grande parte dos governados adoram seus líderes como se eles fossem deuses, por isso, se a religião não existisse, também não teriam existido essas ditaduras ateístas. Concluímos que o neoateísmo está correto em apenas parte dessa afirmação, pois, de fato, grande parte dos ditadores e autocratas consegue e mantém seu poder graças à idolatria política que parte significativa da população demonstra em relação a sua pessoa. Mas, isso não significa dizer que essa adoração a homens poderosos vem da religião, tão pouco significa que tal fenômeno deixaria de existir com o a erradicação da mesma. Como afirma Sean McElwee:

Os “novos ateus” acreditam que a religião ameaça o progresso e gera conflitos e que, se a religião fosse eliminada, começaríamos a resolver os problemas do mundo. Mas abolir a religião não é apenas inviável, como acabaria por não nos deixar mais perto da verdade, do amor ou da paz. Em vez disso, precisamos abraçar as profundas questões filosóficas e espirituais que surgem

²¹⁴ Texto original Nall (2008): “*While fundamentalist atheists ring the alarm about the danger posed by religion, others see issues such as poverty as the underlying cause of much of the world’s violence. Most significantly, fundamentalist atheism’s thesis that religion is at the root of global strife ignores history. Not religion, but a political and secular ideological struggle motivated both World War I and World War II. [...] If the Christian world must live down the early Catholic Church, the atheist world must live down the Soviet Union. One can state with certainty that horrific acts of violence have been committed with and without religious justification. Indeed, many acts of violence have been committed in the name of justice, itself. For it appears that neither the religious nor the secular world has its hands entirely clean*”.

de nossa existência compartilhada e trabalhar em direção a um mundo sem privações. Isso exigirá empatia e multiculturalismo, não demagogia.²¹⁵ (MCELWEE, 2013, p.1)

Ao contrário do que é divulgado pelo novo ateísmo, a idolatria, seja direcionada a objetos ou pessoas, é algo abominado na grande maioria das religiões. Por isso, se a idolatria a um político faz dele um ditador, não faz sentido culpar as crenças religiosas por isso. Até porque, é difícil acreditar que aqueles que idolatravam líderes como Stalin e Mao Tse-Tung imaginavam que esses homens ateus haviam sido enviados por Deus para salvar as nações ao mesmo tempo em que perseguiam as religiões. Além disso, a história traz uma série de exemplos de homens e mulheres que, justamente por serem religiosos, se levantaram e lutaram contra esses regimes. Como afirma Peter Hitchens:

Ele [Cristhopher Hitchens] até sugere que a tirania ateísta soviética era em si uma forma de religião. Você não pode vencer esse tipo de absolutismo circular. No entanto, ele tem isso absurdamente atrasado. Pessoas religiosas e incrédulas fizeram coisas terríveis, e os piores deles cometeram seus assassinatos e torturas na crença de que estavam fazendo o bem. Nada é provado por nenhum dos lados neste argumento, apontando para as montanhas de crânios empilhados por ateus malignos e teístas malignos. O que eles têm em comum é que são humanos e capazes do pecado do orgulho. A prática da religião não impede isso automaticamente, e ninguém disse isso. Às vezes, junta-se a ela, como aponta Christopher. Mas se há uma voz levantada contra esse orgulho arrogante no mundo moderno negligente, geralmente é uma voz religiosa, e os campos de extermínio e masmorras de ditadores sempre contêm sua ração de fiéis que – à custa de tudo o que amavam no mundo – ouviram suas consciências mesmo quando a mensagem era tão indesejável. Talvez eles estejam apenas loucos: eu acho que não.²¹⁶ (HITCHENS, 2007, p.1)

Vimos ainda como atitudes antirreligiosas radicais, por parte de indivíduos, e a perseguição religiosa, por parte de governos, são fenômenos que continuam acontecendo em diversos países e são alimentados pelo discurso extremista antirreligioso. Assim, destacamos apenas algumas consequências sociais que já estão em curso e que ainda podem acontecer com

²¹⁵ Texto original Macelwee (2013): “*‘New atheists’ believe that religion threatens progress and breeds conflict and that were religion eliminated, we would begin to solve the world’s problems. But abolishing religion is not only unfeasible, it would ultimately leave us no closer to truth, love or peace. Rather, we need to embrace the deep philosophical and spiritual questions that arise from our shared existence and work toward a world without deprivation. That will require empathy and multiculturalism, not demagoguery.*”

²¹⁶ Texto original Peter Hitchens (2007a): “*He even suggests that the atheist Soviet tyranny was itself a form of religion. You can’t win against this sort of circular absolutism. Yet he has this absurdly backwards. Religious and unbelieving people have both done dreadful things, and the worst of them have committed their murders and their tortures in the belief that they were doing good. Nothing is proved by either side in this argument, by pointing to the mountains of skulls piled up by evil atheists, and evil theists. What they have in common is that they are human, and capable of the sin of pride. The practice of religion does not automatically prevent this, and nobody said it did. It sometimes joins in with it, as Christopher points out. But if there is a voice raised against such arrogant pride in the heedless modern world, it is usually a religious one, and the death camps and dungeons of dictators always contain their ration of the faithful who – at the cost of all they held dear in the world – have listened to their consciences even when the message was so unwelcome. Perhaps they are just mad: I do not think so.*”

a propagação do discurso intransigente dos novos ateus, a saber: a intolerância religiosa e o risco de políticas antiteístas.

Ademais, analisamos dados estatísticos que demonstram um crescimento exponencial do ateísmo no mundo. Quando isso é somado ao fato das mais novas gerações serem as que mais apresentam elevação nas taxas de ateísmo, pressupomos que narrativas e ações antirreligiosas podem vir a aumentar no futuro.

Claro, não estamos defendendo que as próximas gerações vão sair por aí explodindo templos religiosos ou provocando tiroteios nos cultos em nome do ateísmo, exigindo o fim das religiões. Não se trata disso. Porém, é inegável a existência de uma animosidade antirreligiosa de viés neoateísta em várias sociedades, especialmente nas gerações mais novas. Animosidade essa que parece ser quase imperceptível aos olhos da maioria dos estudiosos das ciências humanas. Aliás, o próprio tema do ateísmo em si, parece ter uma defasagem significativa de estudos disponíveis, ao menos em português. Tanto é que, a grande maioria das citações utilizadas para esse estudo precisou ser traduzida.

Também é preciso esclarecer que o problema que estamos apontando aqui não é o de crescimento do ateísmo em si. Antes, todo esse conjunto de argumentos busca evidenciar que a problemática real está no crescimento de um ateísmo militante radicalizado, que incorporou a mensagem de que as religiões são essencialmente nocivas e precisam ser erradicadas. Alertando ainda que esse fenômeno não parece estar sendo adequadamente observado, estudado, mensurado dentro da Academia. Nesse sentido, os dados que mostram o crescimento exponencial do ateísmo entre os mais jovens, demonstram, também, a alta relevância e a necessidade de mais estudos como o da Dra. Clarissa de Franco, que pesquisou a influência do discurso neoateísta nas novas gerações.

Por fim, é preciso registrar que esse estudo considera que a teodiceia pregada pelo movimento neoateísta, que alega que a eliminação da religião será a panaceia para todos os males da humanidade, é, na verdade, um discurso potencialmente danoso, que pode representar algum grau de comprometimento à liberdade religiosa no futuro.

Considerações Finais

Quando iniciamos essa tese, propusemos colocar à prova a hipótese de que existem elementos fundamentalistas no discurso dos quatro maiores líderes do novo ateísmo: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Cristhopher Hitchens. Traçamos uma metodologia de revisão e análise biográfica e bibliográfica desses autores, e identificamos uma série de elementos que, de fato, deixam clara a posição extremista que é adotada por eles no que concerne à guerra que declararam contra a religião.

Verdade seja dita, não foi difícil comprovar o fundamentalismo explícito dos quatro cavaleiros do ateísmo. Dezenas de observadores já vêm apontando esse fato há quase duas décadas e denunciando o elevado nível de radicalidade que esses autores demonstram em suas manifestações. Podemos dizer então que o grande diferencial de nosso estudo foi o de compilar e sistematizar a estrutura dos elementos fundamentalistas presentes nesse discurso e, assim, demonstrar que as críticas que são feitas ao extremismo dos novos ateus são mais do que simples exageros retóricos e hipérboles colocadas para realçar os textos.

Diante dos resultados encontrados, defendemos que as inúmeras censuras que são feitas à radicalidade do movimento neoateísta são, na realidade, um sinal claro de um discurso potencialmente danoso que tem sido largamente difundido em países do mundo todo. Discurso esse que alega ser a religião essencialmente deletéria e que por isso é preciso que ela seja eliminada.

Os nossos estudos também mostraram evidências de que essa narrativa antirreligiosa tem sido absorvida principalmente pelas gerações mais novas, mas ela também está presente e influenciando dentro da Academia. Pontuamos ainda a carência de estudos e pesquisas científicas que tenham essa radicalidade neoateísta como foco, evidência de que o referido potencial danoso desse discurso neoateísta pode não estar tendo a devida atenção dos cientistas da religião e dos demais estudiosos das ciências humanas.

Contudo, para chegarmos a essas conclusões percorremos um longo caminho, sistematizando uma quantidade bastante expressiva de informações, e identificando e analisando uma série de características gerais e também de nuances e consequências do discurso neoateísta. Portanto, vale a pena relembramos sinteticamente alguns desses pontos antes de fecharmos nosso estudo.

No primeiro capítulo, fizemos uma pesquisa refinada dos principais elementos públicos da biografia de cada um dos quatro autores, buscando reproduzir da melhor maneira possível a personalidade deles no que tange ao que eles mesmos declararam a respeito do debate público envolvendo ciência e religião. Vimos o imenso prestígio e alcance que cada um desses autores alcançou, influenciando dezenas de milhões de pessoas no mundo todo, direta ou indiretamente.

A parte inicial de nossa pesquisa foi essencial tanto para identificarmos como para analisarmos cada uma das principais obras e declarações dos líderes do novo ateísmo, e, assim, podermos demonstrar que existem diferentes estratégias de ação na luta antirreligiosa que eles escolheram travar. Resumindo-as:

1. O “ensino religioso secular” é a principal aposta de Dennett. O que é fortemente apoiado por Hitchens e Dawkins, que ainda observa a importância de que crianças e jovens não tenham a mente “contaminada” por crenças religiosas.
2. Na mesma linha, Dawkins e Hitchens também defendem que pais e responsáveis que ensinam sua religião para crianças estão cometendo abuso infantil, e, que isso deve ser evitado, quando não, proibido pelo Estado.
3. Todos os quatro autores investem fortemente na islamofobia como forma de trazer a imagem de terror de uma religiosidade fundamentalista e perigosa, mas todos eles também se colocam radicalmente contra todas as demais religiões. Assim, deduzimos que o radicalismo pontual de atentados terroristas envolvendo muçulmanos é usado como forma de abrir um flanco para o ataque a todas as religiões.
4. Os quatro autores também tocam em assuntos como moralidade e conforto espiritual sem a necessidade de haver religião. Para a maioria deles as respostas para essas demandas virão da própria evolução biológica humana. No entanto, Harris ainda aposta que é perfeitamente possível viver uma espiritualidade plena sem Deus.
5. Os líderes do neoateísmo sistematicamente reforçam uma imagem negativa da religião, construindo e atacando espantalhos retóricos das crenças e dos religiosos, e conclamando outros ateus a serem combatentes ativos nessa luta.
6. Por fim, todos os cavaleiros também investem fortemente no cientificismo, reforçando a narrativa de que a ciência deve substituir a religião como guia moral e prático da humanidade. Abolindo a religião para, no máximo, o âmbito privado e individual.

De certo modo, a lista acima já resume grande parte do que trouxemos no segundo capítulo. No entanto, trouxemos ainda uma análise do termo “fundamentalismo” e se cabe ele ser usado para pessoas que acreditam que Deus não existe. Vimos que sim. E que os exemplos de elementos fundamentalistas são abundantes nas narrativas dos neoateus, que apresentam a religião como uma ameaça à humanidade, à democracia, à liberdade, à ciência etc. e também disseminam a mensagem de que ciência e religião estão irremediavelmente em confronto.

Mostramos ainda como os neoateus fabricam espantalhos retóricos, como tentam se diferenciar com o epíteto de *bright* e também como constroem e divulgam uma teodiceia onde o fim da religião representaria a panaceia para quase todos os males da humanidade. O ateísmo é então vendido com uma linguagem quase religiosa, onde o prosélito do ateísmo é convocado para também ele se tornar um divulgador da “boa-nova” que é a descrença em Deus.

Em uma análise mais aprofundada do que diz a teodiceia dos ateus revelamos como ela carrega um caráter utópico e, ao mesmo tempo, fundamentalista. E vimos como os novos ateus fazem a conclamação pública de seus seguidores e como inflamam essas pessoas para a “guerra” ao usar o cientificismo para embasar sua crença de que a religião deve ser totalmente suprimida. Segundo Leonardo Moreira:

A religião é vista como um obstáculo em relação à modernidade, em relação à ciência e, claro, em relação à razão. Entendendo desta maneira, poderemos observar que a religião necessariamente precisa ser superada para a constituição do “homem moderno completo” na visão dos autores (neoateístas). Homem este que, livre das amarras religiosas, precisaria ser um ateu. [...] Não obstante, a reocupação proposta pelo neoateísmo não tem só o caráter político dessa separação; a reocupação como vimos até aqui, está para além da questão política. A religião deve ser substituída pela ciência, não só como uma visão de mundo total, que cria, lembrando novamente de Schrempf, seus próprios mitos. Dentro do âmbito da política, a ciência deve substituir a religião nas discussões nos espaços públicos, deixando a religião como um ator meramente privado e sem voz, pois esta voz, caso entendamos a questão da condição e da estratégia secular, é ultrapassada. (MOREIRA, 2014, p.94)

Finalmente, no terceiro capítulo, examinamos os efeitos políticos e sociais de alguns aspectos da idolatria política para ressaltar o quanto estamos cientes de que a religião foi, é, e, provavelmente, continuará sendo utilizada por líderes populistas de todas as matrizes ideológicas, para aumentar e consolidar seu poder, demonizar adversários, sustentar governos corruptos e solapar a democracia em muitos países. Não obstante, a proposta dos novos ateus de acabar com a religião para fazer do mundo um lugar melhor, não parece ser uma boa saída.

Analizamos também os aspectos antirreligiosos do nazismo. Só que, neste caso, fizemos mais do que refutar a narrativa dos neoateus, que buscam associar Hitler à religião. Trouxemos à tona os aspectos do darwinismo social e da eugenia que sustentaram o regime nazista. Nisso, comparamos o discurso atual do neoateísmo com os aspectos basilares dessas propostas de melhoramento genético da população, e descobrimos similaridades, em especial no que tange aos chamados testes de inteligência.

A influência do discurso radicalizado antirreligioso do neoateísmo na Academia se revela muito clara nesse ponto específico de nossa investigação. Isso porque partiu do próprio Richard Dawkins o pedido por mais pesquisas científicas que usem testes de QI e dados demográficos para demonstrar que ser ateu traz benefícios para a capacidade cognitiva, e/ou que ser religioso é algo que emburrece e tolhe o desenvolvimento da inteligência.

Nesse ponto em particular, para nós, o uso da ciência com o objetivo de provar cosmovisões preconceituosas e discriminatórias contra a religião e os religiosos revelou ser uma das características mais fundamentalistas e reprováveis dentre todas as narrativas que encontramos no movimento neoateísta. Ainda mais se levarmos em consideração o fato de os próprios ateus falarem da inteligência como um fator genético, que pode ser transmitido hereditariamente. Dentro do que defende o neoateísmo, isso significa que a eliminação da religião traria uma melhoria da média geral de inteligência da humanidade, que seria posteriormente retransmitida para as gerações posteriores, ajudando na evolução da espécie. Mas, como vimos, esse tipo de discurso de melhoria genética pouco se diferencia do discurso eugênico que se tornou hegemônico no pensamento ocidental no final do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX.

Durante nossos estudos vimos ainda que alguns analistas expressaram o que seria uma perda de força do neoateísmo, que, somada à não concretização da sonhada revolução ateísta dos quatro cavaleiros, estaria evidenciando um definhamento desse movimento antirreligioso. Todavia, é necessário lembrar que o movimento do novo ateísmo não se restringe a apenas esses quatro autores. Existem hoje centenas (talvez milhares) de livros, artigos e documentários que partem dos mesmos princípios e usam praticamente a mesma narrativa dos neoateístas fundamentalistas que identificamos nos quatro cavaleiros do ateísmo.

Além disso, se pensarmos numa perspectiva mais ampla, veremos que o discurso neoateísta já conseguiu o objetivo de ser conhecido praticamente no mundo inteiro, e também

de ter influenciado significativamente as novas gerações, em especial, no campo da ciência. E um exemplo disso pode ser visto aqui mesmo no Brasil. A maioria dos maiores divulgadores científicos do país são ateus, leram e são admiradores desses quatro autores, ou, de pelo menos um deles, exemplos: Paulo Miranda Nascimento (conhecido como Pirulla), Átila Iamarino, Pedro Loss, Sergio Sacani, todos são da mesma geração X, e todos eles divulgam a crença de que Deus não existe. Alguns deles, inclusive, usam dos mesmos moldes dos quatro cavaleiros do ateísmo, fazendo ataque sistemático as crenças religiosas e tentando ridicularizar religiosos, como é o caso do Pirulla. O alcance dessas pessoas não deve ser menosprezado, pois estamos falando de influencers com milhões de seguidores nas redes sociais.

Também é preciso destacar que a grande maioria desses divulgadores científicos ateus tomam a religião como adversária como forma de reforçar o prestígio da ciência – e do próprio divulgador –, criando uma visão supostamente antagônica, polarizada, onde os espantalhos religiosos que foram fabricados aparecem como os adversários da racionalidade científica. Esse estereótipo, da luz científica duelando contra as trevas da ignorância religiosa, é sistematicamente reforçado na Academia, na mídia e na internet.

Esse ponto é relevante especialmente porque é na continuidade da transmissão dessa narrativa de conflito que está assentada a esperança de um futuro promissor para o ateísmo. Principalmente porque esse discurso penetra mais rápida e facilmente entre os mais jovens. E, como vimos, as pesquisas de opinião têm demonstrado um crescimento sem precedentes no número de pessoas que declaram não acreditar na existência de Deus. Isso pode evidenciar que está acontecendo uma espécie de “revolução ateísta silenciosa”.

E aqui é preciso repetir mais uma vez que o problema não é o crescimento em si do número total de ateus no mundo, mas quais as concepções que essa massa de centenas de milhões de pessoas tem do que é a religião e de como as crenças religiosas devem ser compreendidas e tratadas. Estudos como o da Dra. Clarissa de Franco (2014) são sugestivos do grau de influência do neoateísmo nessa nova geração de ateus, que, mesmo que não conheçam diretamente as obras desses autores, conhecem grande parte de seus argumentos antirreligiosos. E se considerarmos que esses neófitos do ateísmo tomaram homens como Dawkins como exemplo do que é ser um ateu, então podemos deduzir que o futuro da relação entre ciência e religião não parece muito promissor. Pois, como afirma Marcelo Gleiser:

Para Dawkins, a ciência é um clube fechado, onde só entram aqueles que seguem os preceitos do seu ateísmo, tão radical e intolerante quanto qualquer extremismo religioso. Dawkins prega a intolerância completa no que diz

respeito à fé, exatamente a mesma intolerância a que se opõe. [...] A atitude belicosa e intolerante do cientista britânico só causa mais intolerância e confusão. (GLEISER, 2006, p.1)

Essa forma dicotômica dos neoateus de determinar que, ou se tem uma mente racional, ou se tem crenças religiosas, nos fez recordar do genial escritor Machado de Assis (1839-1908), que no livro “O Alienista” (1882), deu vida ao inesquecível personagem Dr. Simão Bacamarte. Dr. Simão era um médico, especialista em doenças mentais, que resolve voltar para sua cidade natal, constrói um manicômio e manda internar quase todas as pessoas da cidade, diagnosticando-as como loucas por não terem o pensamento racional igual ao dele. Isso é muito semelhante ao que faz Dawkins quando repete sua convicção de que a Academia deve ser obrigatoriamente ateuista e antirreligiosa, ou como faz Harris, quando afirma que ser religioso é uma forma de doença mental que “permite que seres humanos normais colham os frutos da loucura e os considerem sagrados”. (HARRIS, 2009, p.83) O fato é que, para os novos ateus, tudo parece ter a ver com religião, e ela, de alguma forma, é sempre a culpada por todos os grandes tormentos humanos. Segundo Stephen Prothero:

No mundo maniqueísta de Hitchens, a religião faz pouco bem e o secularismo quase nenhum mal. De fato, Hitchens chega à conclusão de que o caráter assassino secular dos expurgos de Stalin não era realmente secular, pois, como ele cita George Orwell, “um estado totalitário é, na verdade, uma teocracia”. E na Coreia do Norte, hoje, o que deu errado não é o comunismo, mas o confucionismo.²¹⁷ (PROTHERO, 2007, p.1, tradução nossa)

O debate entre ateus e religiosos não é recente. Ele já vem acontecendo há milhares de anos, ou, pelo menos, desde a Antiguidade. Um bom exemplo disso vem de Platão que, cerca de 400 anos a.C., já demonstrava preocupação com o crescimento da crença no ateísmo entre os jovens atenienses. Segundo o grande filósofo relatou: “os jovens estão tomados por uma epidemia de impiedade, convencidos de que os Deuses não são absolutamente Deuses”. (PLATÃO, LEIS X, p.04).

Platão descrevia o ateísmo como uma doença contagiosa que deveria ser curada antes que ela se propagasse e trouxesse danos irreversíveis à sociedade e ao próprio indivíduo. De acordo com Platão: “o ateísmo é uma epidemia de corrupção para os jovens no seio de suas famílias tanto quanto publicamente no seio dos Estados”²¹⁸ (PLATÃO, LEIS X, p.04). Por esse

²¹⁷ Texto original Prothero (2007): “*In Hitchens’s Manichaeic world, religion does little good and secularism hardly any evil. Indeed, Hitchens arrives at the conclusion that the secular murderousness of Stalin’s purges wasn’t really secular at all, since, as he quotes George Orwell, “a totalitarian state is in effect a theocracy.” And in North Korea today, what has gone awry is not communism but Confucianism.*”

²¹⁸ Na antiguidade clássica os gregos costumavam utilizar a palavra ‘ateu’ para designar dois tipos de ateísmo: o primeiro tipo era formado por aqueles que não acreditavam nos deuses gregos, mas acreditavam em outros deuses

motivo, ele afirmava que deveriam ser formuladas leis contra a prática do ateísmo na cidade-estado de Atenas.

De imediato, é preciso dizer que não concordamos com Platão quanto à proibição da crença ateísta. Em qualquer sociedade democrática é fundamental que todos os ateus continuem tendo o direito garantido por Lei de ter e de professar sua crença na não existência de Deus, de deuses ou de qualquer outra forma de manifestação espiritual. Isso posto também consideramos importante dizer que não concordamos com a postura agressiva e radicalizada que foi adotada pelo neoateísmo. Para nós, essa postura bélica parece ser tão deletéria quanto qualquer postura fundamentalista religiosa. De acordo com Steven Poole:

Para alguns, o novo ateísmo nunca foi a respeito de Deus, mas apenas um subgênero tópico da reação da direita contra a atmosfera supostamente sufocante do “politicamente correto”. Em sua convicção messiânica de que só ela serve à causa da verdade, esta também é uma fé tão nociva quanto qualquer outra.²¹⁹ (POOLE, 2019, p.1, tradução nossa)

Algo que também precisa ser explicitado é que, quando falamos que existe um potencial danoso no discurso do neoateísmo e esclarecemos que o seu objetivo é acabar com as religiões, não significa que estamos dizendo que acreditamos que algum dia todas as religiões e crenças religiosas possam ser mesmo totalmente erradicadas. A religião é algo que está dentro das pessoas, e acabar com ela é um desafio que está muito além da capacidade de qualquer governo totalitário. Além disso, uma sociedade totalmente secular é algo quase inconcebível para alguns teóricos. David Klinghoffer, por exemplo, afirma que:

Certamente, você pode ser um ateu individual ético, uma pessoa instintivamente atenciosa e generosa que por acaso não acredita em Deus. Mas uma sociedade atea não poderia sobreviver. Primeiro viveria da fumaça de antigas tradições morais. No final, atormentados pelo desespero, pela aparente falta de sentido da vida, seus membros retornariam a fés mais nutritivas. Isso é o que vemos acontecendo agora na ex-Rússia comunista, com seus avivamentos cristãos e judeus. A evaporação do comunismo ateu é uma lição que vale a pena ponderar, e uma lição séria, para os novos ateus.²²⁰ (KLINGHOFFER, 2007, p.1, tradução nossa)

estrangeiros, ou ainda, só acreditavam em um único Deus, sendo descrente dos demais; o segundo tipo era formado por aquelas pessoas que não acreditavam na existência de nenhum Deus ou de realidade espiritual. É a este segundo tipo que Platão está fazendo referência em seu diálogo. (PLATÃO, LEIS X, p.3)

²¹⁹ Texto original Poole (2019): “For some, New Atheism was never about God at all, but just a topical subgenre of the rightwing backlash against the supposedly suffocating atmosphere of “political correctness”. In its messianic conviction that it alone serves the cause of truth, this too is a faith as noxious as any other.”

²²⁰ Texto original Klinghoffer (2007): “Certainly, you can have an ethical individual atheist, an instinctively caring, generous person who happens to disbelieve in God. But an atheist society could not survive. It would first live on the fumes of ancient moral traditions. In the end, racked by despair at life’s apparent meaninglessness, its members would return to more nourishing faiths. That’s what we see happening now in formerly communist Russia, with its Christian and Jewish revivals. The evaporation of atheist communism is a lesson worth pondering, and a sobering one, for the new atheists.”

Por isso, estamos cientes de que não é possível exterminar a fé em si, mas isso não significa que não seja possível perseguir e eliminar as instituições religiosas e seus representantes, que preservam, congregam e reforçam as crenças religiosas das pessoas. Isso já foi feito, e toda e qualquer forma de manifestação pública religiosa e/ou de proselitismo, durante longos períodos, em vários países, foi impossibilitada. Embora, de fato, a Rússia seja um exemplo bastante simbólico de reavivamento religioso que deve ser levado em consideração. De acordo com Freeman Dyson:

O mistério central é o perene surgimento de práticas e crenças religiosas em todas as sociedades humanas desde os tempos antigos até hoje. Minha mãe, que era uma cristã cética como eu, costumava dizer: “Você pode jogar a religião pela porta, mas ela sempre voltará pela janela”. Recentemente, experimentei uma demonstração vívida da veracidade das palavras de minha mãe. Fui com minha esposa visitar o mosteiro de *Sergiev Posad*, ao norte de Moscou, a antiga sede da Igreja Ortodoxa Russa. O jovem guia que nos mostrou o local não disse quase nada sobre os prédios antigos e as obras de arte que deveríamos estar admirando. Em vez disso, ela falou por uma hora sobre sua própria fé e as influências místicas que sentia emanando dos antigos santos da igreja em seus túmulos. Depois de três gerações de governo ateu e supressão oficial da religião, aqui estava brotando novamente de suas raízes.²²¹ (DYSON, 2006, p.7, tradução nossa)

Não podemos esquecer, no entanto, que no caso da Rússia, Putin inverteu por completo a relação que o Kremlin tinha com a religião no período soviético, e passou a incentivar fortemente o crescimento da Igreja Ortodoxa Russa em seu território. De todo modo, para fecharmos nossas considerações finais, queremos lembrar que estados antirreligiosos, especialmente aqueles que são oficialmente ateístas em sua Constituição, estão em desacordo com o Artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Um artigo que foi criado com o objetivo de “proteger a liberdade de pensamento, de consciência e de religião”.

Nessa mesma direção, também o discurso de perseguição às religiões que é promovido pelo neoteísmo pode ser considerado como estando em desacordo com essa Declaração

²²¹ Texto original Dyson (2006): “*The central mystery is the perennial sprouting of religious practices and beliefs in all human societies from ancient times until today. My mother, who was a skeptical Christian like me, used to say, “You can throw religion out of the door, but it will always come back through the window.” I recently experienced a vivid demonstration of the truth of my mother’s words. I went with my wife to visit the monastery of Sergiev Posad north of Moscow, the ancient headquarters of the Russian Orthodox Church. The young guide who showed us around said almost nothing about the ancient buildings and works of art that we were supposed to be admiring. Instead she talked for an hour about her own faith and the mystical influences that she felt emanating from the old saints of the church in their tombs. After three generations of atheistic government and official suppression of religion, here it was sprouting again from its roots.*”

Universal. E desde 1993, o Artigo 18 do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos do Comitê de Direitos Humanos da ONU declara que as nações devem:

Proteger as crenças teístas, não teístas e ateístas, bem como o direito de não professar nenhuma religião ou crença. [...] Por conseguinte o Comitê vê com preocupação qualquer tendência para discriminar qualquer religião ou crença por qualquer razão. [...] A liberdade de ter ou adotar uma religião ou crença necessariamente implica a liberdade de escolher uma religião ou crença, incluindo o direito de substituir a religião ou crença atual por outra ou de adotar pontos de vista ateístas. (CMSDH/ONU, 1993)

Repetimos, os ateus têm, e devem continuar tendo, todo direito de professar sua crença na não existência de Deus. No entanto, esse direito de credo não lhes permite ridicularizar os religiosos, nem proferir discursos de ódio, convocando as pessoas para lutar contra as religiões, pedindo pelo seu extermínio. Igualmente nenhum religioso tem o direito de pedir a erradicação do ateísmo, sem que essa declaração seja entendida como algo que está em desacordo com os direitos fundamentais dos seres humanos.

O grande filósofo francês Voltaire (1694-1778) afirmava que “os homens devem evitar o fanatismo para merecerem a tolerância”, e também advertia que “um ateu furioso tende a ser uma praga tão grande quanto um supersticioso furioso”. (VOLTAIRE apud FORST, 2009, p.17) Por isso, esse estudo propõe como um possível antídoto à propagação do discurso radical do neateísmo, a elaboração e aprovação de leis contra discursos e ações que preguem o extermínio das religiões. Por todas as razões expostas ao longo desse estudo, essa prática deveria ser legalmente equiparada a discursos homofóbicos, racistas, misóginos, xenofóbicos e etc.

Ressaltamos que aquilo que estamos propondo é diferente das legislações que já existem em alguns países, como, por exemplo, no Brasil, onde o Código Penal, lei 2.848/1940, artigo 208, já prevê multa e reclusão, de um a três anos, para quem: “escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso”. É preciso notar que essa é uma lei que trata de ofensas que são feitas diretamente a cidadãos ou instituições religiosas específicas, mas não existe nenhum tipo de legislação que, por exemplo, impeça ou coíba alguém de ridicularizar todas as crenças religiosas de modo geral, ou que se reivindique publicamente que todas as religiões sejam extintas, ou, ainda, que se defenda a possibilidade do estado proibir que os pais ensinem suas crenças religiosas para seus filhos. Nada disso é previsto de ser punido em lei, mesmo que esse tipo de declaração nos pareça ser

tão ofensiva quanto qualquer outra que pode ser alcançada pela lei de intolerância religiosa já existente. Ou seja: se uma pessoa ofende uma religião ou um religioso em particular, ela pode ser punida pela lei, mas, se ela ofende todas as religiões ou centenas de milhões de religiosos, ela não pode ser responsabilizada, porque não existe nenhuma lei específica contra isso.

Enfatizamos ainda que, diante da enorme complexidade e da alta relevância social que o tema do fundamentalismo neoteísta demonstrou possuir, é necessário que a Academia pesquise e reflita mais sobre esse fenômeno, produzindo mais conhecimento sobre a temática e possibilitando o desenvolvimento de estudos cada vez mais elaborados e preditivos a respeito do neoteísmo e de suas consequências.

Por fim, reafirmamos que esse discurso de intolerância religiosa que tem sido proferido pelos líderes do movimento neoteísta deve ser rechaçado com veemência pelos governos, pela mídia, pela comunidade acadêmica e até pela justiça (se necessário), para que ele não continue prosperando e ganhando cada vez mais adeptos dispostos a acabar com a religião. Como já nos ensinaram os exemplos históricos, um mundo sem religião não é um mundo de paz, justiça e liberdade. Por tudo isso, nunca é demais recordar as sábias palavras escritas por Dostoiévski:

— Com licença — exclamou de súbito Dimítri Fiódorovitch. — Se bem entendi, “a perversidade deve não somente ser autorizada, mas reconhecida como a saída mais necessária e a mais razoável de cada ateu”! É bem isto?
— É exatamente isso — disse o Padre Paísi.
— Haverá de lembrar-me!
(DOSTOIÉVSKI, 1970, p.68)

Referências

AHUJA, Anjana. **The Four Horsemen** — polemics from the high priests of New Atheism, FINANCIAL TIMES, 22 de março de 2019. Disponível: <<https://www.ft.com/content/f3238d46-4418-11e9-b83b-0c525dad548f>> Acesso:25.06.23

AITKENHEAD, Decca. **Christopher Hitchens: 'I Was Right and They Were Wrong'**. The Guardian, v. 21, 2010. Disponível: <<https://www.theguardian.com/books/2010/may/22/christopher-hitchens-decca-aitkenhead>> Acesso: 09.06.22

AMERISE, Atahualpa. **Nicarágua: as ações do governo Ortega contra Igreja Católica no país.** BBC NEWS Brasil, 25 de agosto de 2022. Disponível: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62668700>> Acesso:17.12.22

ANDRADE, José Luís. **As guerras cristeras: memórias da intolerância.** Repositório, 2011. Disponível: <<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/5482>>Acesso 20.12.2020

ANGIER, Natalie. **Against Toleration.** The New York Times, 05 de setembro de 2004. Disponível: <<https://www.nytimes.com/2004/09/05/books/review/the-end-of-faith-against-toleration.html>> Acesso: 19.05.23

ANTHONY, Andrew. **Sam Harris, The New Atheist with a Spiritual Side.** The Observer – The Guardian, v. 16, 2019. Disponível: <<https://www.theguardian.com/books/2019/feb/16/sam-harris-interview-new-atheism-four-horsemen-faith-science-religion-rationalism>> Acesso: 20.02.22

ANTHONY, Andrew. **Richard Dawkins: 'I don't think I am strident or aggressive'.** The Guardian, 15 de setembro de 2013. Disponível: <<https://www.theguardian.com/science/2013/sep/15/richard-dawkins-interview-appetite-wonder>> Acesso: 22.03.22

AREFERÊNCIA. **China proíbe budistas tibetanos de compartilhar conteúdo religioso online.** A Referência, 05 de maio de 2023. Disponível: <<https://referencia.com/asia-e-pacifico/china-proibe-budistas-tibetanos-de-compartilhar-conteudo-religioso-online/>> Acesso: 09.08.23

ARMITSTEAD, Claire. **Dawkins sees off Darwin in vote for most influential science book.** The Guardian, 20 de julho de 2017. Disponível: <<https://www.theguardian.com/books/booksblog/2017/jul/20/dawkins-sees-off-darwin-in-vote-for-most-influential-science-book>> Acesso: 28.08.22

ARAÚJO, Ernesto HF. **Trump e o Ocidente.** Cadernos de Política Exterior, v. 3, n. 6, p. 323-357, 2017. Disponível: <<https://funag.gov.br/loja/download/CADERNOS-DO-IPRI-N-6.pdf#page=325>> Acesso: 08.01.2021

ASSOCIATED PRESS. **Demonstração de idolatria marca 60º aniversário de Putin.** Publicado em 07 de outubro de 2012. Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2012/10/demonstracao-de-idolatria-marca-60-aniversario-de-putin.html>> Acesso: 18.12.2020

ASSOCIATED PRESS. **Controversy in Venezuela over Chavez orayer**. Publicado em 5 de setembro de 2014. Disponível: <<http://bigstory.ap.org/article/controversy-venezuela-over-chavez-prayer>> Acesso: 11.12.2018

AUVINEN, Pekka-Eric. **Natural Selector's Manifesto**. 15 de março de 2007. Disponível: <<https://www.standaard.be/extra/pdf/manifesto.doc>> Acesso: 23.02.23

BAGGINI, Julian. **The New Atheist Movement is Destructive**. Fritanke.no, 2009. Disponível: <<https://fritanke.no/the-new-atheist-movement-is-destructive/19.8484>> Acesso: 22.03.23

BALZER, Marjorie Mandelstam (Ed.). **Religion and politics in Russia: A reader**. ME Sharpe, 2009.

BARBER, N. **Why atheism will replace religion: The triumph of earthly pleasures over pie in the sky**. New York – Kindle, 2012.

BARBOSA, Wilmar do Valle; ANDRADE, Roney de Seixas. **Ciência moderna, religião e os novos ateístas**. Atualidade Teológica, v. 43, p. 129-55, 2013. Disponível: <https://www.Academia.edu/download/34240015/Artigo_Novos_Ateistas.PDF> Acesso: 05.02.2022

BARTON, Ruth. **'An Influential Set of Chaps': The X-Club and Royal Society Politics 1864–85**. The British journal for the history of science, v. 23, n. 1, p. 53-81, 1990. Disponível: <https://www.jstor.org/stable/4026802>

BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. São Paulo: Zahar Editor, 1998.

BENTO, Fábio Régio. **Sobre o ateísmo do Socialismo Soviético—origens exógenas, influência internacional e repercussão nas políticas públicas locais**. Correlatio, v. 16, n. 2, p. 461-488, 2017. Disponível: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/8362/6153>> Acesso 20.12.2020

BERBEN, Paul. **Dachau, 1933-1945: The official history**. London: Norfolk Press, 1975.

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião** [tradução José Carlos Barcellos]. - São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BERLINSKI, David. **The devil's delusion: Atheism and its scientific pretensions**. Basic Books (AZ), 2009.

BBC. **Os países mais e menos religiosos do planeta**. 14.04.2015. Disponível: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150414_religiao_gallup_cc#:~:text=Reino%20Unido%20\(30%25\)](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150414_religiao_gallup_cc#:~:text=Reino%20Unido%20(30%25))> Acesso: 22.12.2020

BOURDON, Renato Leon. **A estruturação do ateísmo na primeira década do século XXI – parte 01**. Revista Teológica, n. 12, p. 69-76, 2017. Disponível: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/165>> Acesso: 12.12.18

BRAGA, João Paulo Reis. **A “Fé” dos Novos Ateus**: uma análise sobre o discurso neoateísta e sua influência na Academia / Dissertação, UNICAP, 2020. Disponível: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1376/5/Ok_joao_paulo_reis_braga.pdf> Acesso: 15.03.23

BRAGA, João Paulo Reis. **A Fé dos Ateus**, Ed. Lisbon, vol. 1, 2021.

BROWN, Andrew. **The Semantic Engineer**. The Guardian, 17 de abril de 2004. Disponível: <<https://www.theguardian.com/books/2004/apr/17/peopleinscience.philosophy>> Acesso: 03.03.23

BROWNE, Edward. **Richard Dawkins fury in bizarre rant comparing Trump to 'psychopaths' Hitler and Mussolini**. Express, 10 de janeiro de 2021. Disponível: <<https://www.express.co.uk/news/world/1382014/Richard-Dawkins-Donald-Trump-twitter-ban-protests-news-capitol-attack-arrests-biden-ont>> Acesso: 09.08.23

BUCHANAN, Matt. **God is Not Great**: how religion poisons everything. Reviewer, 25 de maio de 2007. Disponível: <<https://web.archive.org/web/20160613170458/http://www.smh.com.au/news/book-reviews/god-is-not-great-how-religion-poisons-everything/2007/05/25/1179601648057.html>> Acesso: 13.11.20

BUNTING, Madeleine. **The New Atheists loathe religion far too much to plausibly challenge it**. The Guardian, 07 de maio de 2007. Disponível: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2007/may/07/comment.religion>>

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010**: consolidações, tendências e perplexidades. Religiões em movimento: o Censo de, p. 63-87, 2010. Disponível: <https://www.Academia.edu/download/56562752/O_BRASIL_RELIGIOSO_QUE_EMERGE_DO_CENSO_D_UNICAP.pdf> Acesso: 07.08.19

CASAL, Paula. **El evolucionismo y las ideologías políticas**. Ágora. Papeles de Filosofía, v. 32, n. 2, 2013. Disponível: <https://revistas.usc.gal/index.php/agora/article/view/1421> Acesso: 25.02.23

CARDOSO, Marcelo Ferreira; CALIXTO, José. **Do ateísmo ao neo-ateísmo**: Uma breve retrospectiva histórica e suas implicações na sociedade atual. UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, p. 147-160, 2018. Disponível: <<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/915/763>> Acesso: 14.03.2023

CARRANÇA, Thais. Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. BBC NEWS Brasil, 09 de maio de 2022. Disponível: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>> Acesso: 10.08.23

CASTRO, Ignacio Nuñez. **Ateísmo o agnosticismo de Charles Darwin**. Proyección: Teología y mundo actual, p.251-254, 1996. Disponível: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7313069>> Acesso: 07.07.22

CORNWELL, Ruber. **Christopher Hitchens**: Writer and journalist renowned for his incendiary opinions. The Independent, 17 de dezembro de 2011. Disponível: <<https://www.independent.co.uk/news/obituaries/christopher-hitchens-writer-and-journalist-renowned-for-his-incendiary-opinions-6278311.html>> Acesso: 04.07.23

CRAIG, William Lane. **O Novo Ateísmo e Cinco Argumentos Para a Existência de Deus**. Trad: Eliel Vieira, 2010. Acesso: 22.09.18 Disponível: <https://ibpan.com.br/images/stories/Downloads/Estudos_Biblicos/O%20Novo%20Ateismo%20e%20Os%20Argumentos%20Para%20a%20Existencia%20de%20Deus.pdf>

CMSDH/ONU - **CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE OS DIREITOS HUMANOS** (ONU), Viena, 14-25 de Junho de 1993. Disponível: <https://treaties.un.org/Pages/Home.aspx?clang=_en> Acesso 22.12.2020

CNN. **A parte do cérebro responsável pelo fanatismo**. Publicado em 07 de janeiro de 2021. Disponível: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/07/correspondente-medico-a-parte-do-cerebro-responsavel-pelo-fanatismo>> Acesso: 12.02.2021

COLLINS, Francis S. **A linguagem de Deus**: um cientista apresenta evidências de que Ele existe. São Paulo: Gente, 2007.

CUNHA, Beatriz Andrade Gontijo da; ALVES, Rodrigo Vitorino Souza. **Liberdade Religiosa na China**: Estudos de Casos Sobre o País Socialista. Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena, v. 21, n. 1, 2015. Disponível: <<https://revistadoaap.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/viewFile/404/370>> Acesso: 21.12.2020

D'ADDARIO, Daniel. **Richard Dawkins**: I'm not like Christopher Hitchens! Salon, 29.09.13 Disponível: <https://www.salon.com/2013/09/29/richard_dawkins_im_not_like_christopher_hitchens/> Acesso: 07.07.23

DABASHI, Hamid. **The resurrection of 'new atheism'**: As white supremacy reigns supreme in the US, a new book seeks to bring back to the fore one of its ideological branches. Aljazeera, maio de 2019. Disponível: <<https://www.aljazeera.com/opinions/2019/5/4/the-resurrection-of-new-atheism>> Acesso: 19.05.23

DALEY, C. E.; ONWUEGBUZIE, A. J. **Race and Intelligence**. In Sternberg, R.; Kaufman, S. B. (eds.). The Cambridge Handbook of Intelligence. Cambridge New York: Cambridge University Press. pp. 293–306, 2011. Disponível: <<https://dokumen.pub/the-cambridge-handbook-of-intelligence-2nbsped-1108719198-9781108719193.html>> Acesso: 12.08.23

DAUDA, Kazeem Oluwaseun. **Islamophobia and religious intolerance**: Threats to global peace and harmonious co-existence. QIJIS, v. 8, n. 2, p. 257-292, 2020. Disponível: <<https://scholar.archive.org/work/hvtrsapnorg5jgnl3gjxkjkj4i/access/wayback/https://journal.iainkudus.ac.id/index.php/QIJIS/article/download/6811/pdf>> Acesso: 11.06.23

DAVIS, Ben. Richard Dawkins slammed for saying 'of course' eugenics would work, CALDRON POOL, 17 fevereiro de 2020. Disponível: <<https://caldronpool.com/richard->

dawkins-slammed-after-saying-eugenics-would-work-to-improve-human-race/> Acesso: 11.05.23

DAWKINS, Richard. **O Relojoeiro Cego**. [tradução de Isabel Arez], Lisboa: Edições 70, 1986.

DAWKINS, Richard. Gaps in the Mind, in CAVALIERI, Paola; SINGER, Peter (eds.), **The Great Ape Project**. New York: St. Martin's Griffin, pp.81-87, 1993. Disponível: <<http://www.animal-rights-library.com/texts-m/dawkins01.htm>> Acesso: 05.04.23

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Tradução por Rejane Rubino. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DAWKINS, Richard. **Deus - Um delírio**. Tradução por Fernanda Ravagnari, 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DAWKINS, Richard. **The genius of Charles Darwin**. Media Limited, 2008. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=F_IhC_5FfbE&ab_channel=ChristopherHitchslap> Acesso 11.08.23

DAWKINS, Richard. **The pope should stand trial**. The Guardian, 13 de abril de 2010. Disponível: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2010/apr/13/pope-prosecution-dawkins>> Acesso:30.07.23

DAWS, Richard E.; HAMPSHIRE, Adam. **The negative relationship between reasoning and religiosity is underpinned by a bias for intuitive responses specifically when intuition and logic are in conflict**. *Frontiers in Psychology*, p. 2191, 2017. Disponível: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.02191/full?fbclid=IwAR23YfAaa9LwGqkSDUDWjghWzIarMuE_EtqU29cLWtGFTYoBVkf1wqyaYQE> Acesso: 12.08.23

DENNETT, Daniel. **A perigosa ideia de Darwin: A evolução e os significados da vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DENNETT, Daniel C. **Quebrando o encanto: A Religião como fenômeno natural**. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2006.

DENNETT, Daniel. **Why the future of religion is bleak**. *The Wall Street Journal*, v. 26, 2015. Disponível: <<https://www.wsj.com/articles/why-the-future-of-religion-is-bleak-1430104785>> Acesso:30.01.2022

DENNETT, Daniel C. **Daniel Dennett Autobiography**, Part 1. *Philosophy Now*, v. 69, p. 21-25, 2008. Disponível: <https://philosophynow.org/issues/68/Daniel_Dennett_Autobiography_Part_1> Acesso: 20.06.23

DENNETT, Daniel C. **Daniel Dennett Autobiography**, Part 2. *Philosophy Now*, 2008. Disponível:<https://philosophynow.org/issues/70/Daniel_C_Dennett_Autobiography_Part_2> Acesso: 20.06.23

DENNETT, Daniel C. **Daniel Dennett Autobiography**, Part 3. *Philosophy Now*, 2008. Disponível:<https://philosophynow.org/issues/70/Daniel_C_Dennett_Autobiography_Part_3> Acesso: 20.06.23

DESMOND, Adrian. **Huxley: from devil's disciple to evolution's high priest**. Reading: Addison, 1997.

DILLAHUNTY, Matt. **Richard Dawkins and Matt Dillahunty In Conversation**. YouTube. 04 de fevereiro de 2012. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=MNCzd6_ce0I?t=4319&ab_channel=Pangburn> Acesso: 03.03.23

DON, Katherine. **The Moral Landscape: Why science should shape morality**. Salon (Oct. 17) p, v. 1, 2011. Disponível: <https://www.salon.com/2010/10/17/sam_harris_interview/> Acesso: 18.07.23

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os Irmãos Karamazov**. Tradução: Natália Nunes e Oscar Mendes, Abril Cultural, 1970.

DUPAS, Gilberto. **Religião e Sociedade**. Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos Estados Unidos. São Paulo: Paz e Terra, p. 07-39, 2009.

DYSON, Freeman. **Religion from the outside**. The New York Review of Books, v. 53, n. 11, 2006. Disponível: <<http://image.sciencenet.cn/olddata/kexue.com.cn/blog/admin/images/upfiles/200791262443795967.pdf>> Acesso: 24.06.23

EAGLETON, Terry. **Lunging, flailing, mispunching**. London review of books, v. 19, n. 06, 2006. Disponível: <<https://www.lrb.co.uk/the-paper/v28/n20/terry-eagleton/lunging-flailing-mispunching>> Acesso: 04.04.23

ECCO, Clóvis. **Fundamentalismo religioso e violência**. Religião, violência e suas interfaces, CIBERTEOLOGIA, São Paulo, 2012. Disponível: <<https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/religiao-violencia-e-suas-interfaces-.pdf#page=32>> Acesso: 30.10.19

ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. **Ateísmo e Religião em Ludwig Feuerbach: uma aposta na essencialidade do humano**. Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião, v. 14, n. 2, p. 325-342, 2016. Disponível: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/download/5127/2819>> Acesso: 30.10.19

ECKLUND, Elaine Howard et al. **Religion among scientists in international context: A new study of scientists in eight regions**. Socius, v. 2, p. 2378023116664353, 2016. Disponível: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2378023116664353>> Acesso: 25.07.23

ELMHIRST, Sophie. **Is Richard Dawkins destroying his reputation?** The Guardian, v. 9, 2015. Disponível: <<https://www.theguardian.com/science/2015/jun/09/is-richard-dawkins-destroying-his-reputation>> Acesso: 09.09.19

ESPINOZA, Baruch (1676). **On the Improvement of the Understanding / The Ethics / Correspondence**. Paperback, 1955. Disponível: <<http://www.sacred-texts.com/phi/spinoza/corr/corr18.htm>> Acesso: 22.11.18

FERRAO, F. N. **Complementary nature of science and religion**, Journal of Dharma, v.36, 2011, p.215. Disponível: <<http://www.dvkjournals.in/index.php/jd/article/download/503/398>> Acesso: 19.10.21

FESER, Edward. **A Última Superstição: Uma Refutação do Neoteísmo**. [trad. Eduardo Levy]. Belo Horizonte, MG: Ed. Cristo Rei Edição do Kindle, 2017.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a Essência da Religião**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989.

FINKE, Roger; STARK, Rodney. **The dynamics of religious economy**. In: Handbook for the Sociology of Religion, p. 96-109. In: DILLON, Michele (Ed.). Handbook of the Sociology of Religion. Cambridge University Press, 2003.

FLEW, Antony. **Um Ateu Garante: Deus existe**. São Paulo, Ediouro, 2008.

FLOOD, A. **Richard Dawkins loses 'humanist of the year' title over trans comments**. The Guardian, 2021. Disponível: <<https://www.theguardian.com/books/2021/apr/20/richard-dawkins-loses-humanist-of-the-year-trans-comments>> Acesso: 28.06.2022

FOLHA DE SÃO PAULO. **Após polêmica com igrejas, Bolívia cancela novo código penal**. Folha de São Paulo, 22 de Janeiro de 2018. Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1952336-apos-polemica-com-igrejas-bolivia-cancela-novo-codigo-penal.shtml>> Acesso: 13.12.23

FORST, Rainer. **Os limites da tolerância**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 84, p.15-29, 2009. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/qn3hSHZzYJdr6tv9Xq44spG/citation/?lang=pt>> Acesso: 20.05.23

FRANCO, Clarissa de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum**. Tese de Doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2014. Disponível: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1925/1/Clarissa%20de%20Franco.pdf>> Acesso: 17.08.2022

FREUD, Sigmund. (1928). **Dostoiévski e o parricídio**. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud [trad: J. Salomão], Vol. 21. pp. 203-223, 1969.

G1, mundo. **Indiano fã de Trump morre 'deprimido' após saber que presidente dos EUA estava com Covid-19**. Publicado em 13 de outubro de 2020. Disponível: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/13/indiano-fa-de-trump-morre-deprimido-apos-saber-que-presidente-dos-eua-estava-com-covid-19.ghtml>> Acesso: 08.01.2021

GALILEU, Galilei. (1615) **Ciência e Fé: Cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. (org. e trad. Carlos Arthur R. do Nascimento) 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GALLUP International. **Global Index Of Religion And Atheism** – Press Release, 2012. Disponível em: <<http://www.wingia.com/web/files/news/14/file/14.pdf>>. Acesso: 03.02.17

GALLUP Internacional. **More Prone to Believe in God than Identify as Religious**. Gallup Internacional, 21 de março de 2023. Disponível: <<https://www.gallup-international.bg/en/46964/more-prone-to-believe-in-god-than-identify-as-religious/>> Acesso: 03.05.23

GALTON, Francis. **The Part Of Religion In Human Evolution**. The National Review, v. 23, n. 138, p. 755-763, 1894. Disponível: <<https://galton.org/essays/1890-1899/galton-1894-religion-evolution.pdf>> Acesso: 17.05.23

GANZACH, Yoav; ELLIS, Shmuel; GOTLIBOVSKI, Chemi. **On intelligence education and religious beliefs**. Intelligence, v. 41, n. 2, p. 121-128, 2013. Disponível: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160289613000020>> Acesso: 19.02.23

GELLATELY, Robert et al. (Ed.). **The specter of genocide: Mass murder in historical perspective**. Cambridge university press, 2003.

GERVAIS, Will M.; NORENZAYAN, Ara. **Analytic thinking promotes religious disbelief**. Science, v. 336, n. 6080, p. 493-496, 2012. Disponível: <<https://math.as.uky.edu/sites/default/files/Gervais%20&%20Norenzayan%202012%20Science-%20Analytic%20Thinking.pdf>> Acesso: 07.07.22

GIELOW, Igor. **Kremlin fomenta “juventude putinista”, Folha de São Paulo, UOL, publicado em 04 de dezembro de 2007**. Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0412200712.htm>> Acesso: 18.12.2020

GILL, AA. **All hail Dawkins, high priest of rationality**, The Sunday Times, 2010. Disponível: <<https://www.thetimes.co.uk/article/aa-gill-all-hail-dawkins-high-priest-of-rationality-26q955wfbqc>> Acesso: 10.01.19

GLEISER, Marcelo. **Ateísmo Radical**. In: Folha de São Paulo, 2006. Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2611200601.htm>>. Acesso: 11.02.2023

GOLSON, Blair. **Sam harris: The Truthdig Interview**. truthdig: drilling beneath the headlines, v.3, 2006.

GRAY, John. **The Closed Mind of Richard Dawkins**. *The New Republic*, 02 de outubro de 2014. Disponível: <<https://newrepublic.com/article/119596/appetite-wonder-review-closed-mind-richard-dawkins>> Acesso: 05.08.2023

GRIFFIN, Andrew. **British scientists don't like Richard Dawkins, finds study that didn't even ask questions about Richard Dawkins**. The Independent, 31 de outubro de 2016. Disponível: <<https://www.independent.co.uk/news/science/richard-dawkins-atheism-criticism-atheist-study-rice-university-science-scientists-a7389396.html>> Acesso: 25.07.23

GUIAME. **Pastor é preso em Cuba, horas antes da chegada de Obama ao país**. Editorial, março de 2016. Disponível: <<https://guiame.com.br/gospel/noticias/pastor-e-preso-em-cuba-horas-antes-da-chegada-de-obama-ao-pais.html>> Acesso: 19.05.23

- HAACK, Susan. **Seis sinais de cientificismo**. Tradução de Eli Vieira Araujo-Jr. *Logos & Episteme*, v. 3, n. 1, p. 75-95, 2012. Disponível: <https://lihs.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Haack_Seis_Sinais_de_Cientificismo_LiHS_2012.pdf> Acesso: 17.03.23
- HARRIS, Sam. **Carta a Uma Nação Cristã**. [Tradução Isa Mara Lando] São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HARRIS, Sam. **The Reality of Islam**. Truthdig, 08 de fevereiro de 2006a. Disponível: <<https://www.truthdig.com/articles/sam-harris-on-the-reality-of-islam/>> Acesso: 15.12.21
- HARRIS, Sam. **Sam Harris Extended Interview**. *Rev. Religion and Ethics*, 05 de janeiro de 2007. Disponível: <<https://www.pbs.org/wnet/religionandethics/2007/01/05/january-5-2007-sam-harris-extended-interview/3736/>> Acesso: 27.09.19
- HARRIS, Sam. **Response to Controversy**. samharris.org, 21 de junho de 2014. Disponível: <<https://www.samharris.org/blog/item/response-to-controversy>> Acesso: 09.09.2019
- HARRIS, Sam. **God's Dupes**. samharris.org. 15 de março de 2007a. Disponível: <<https://www.samharris.org/blog/gods-dupes>> Acesso: 16.12.22.
- HARRIS, Sam. **A Morte da Fé: religião, terror e o futuro da razão**. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.
- HARRISON, Peter. **“Ciência” e “Religião”: Construindo os Limites**. *Revista de Estudos da Religião*, 2007.
- HARRISON, Peter. **Religion, the Royal Society, and the rise of science**. *Theology and Science*, v. 6, n. 3, p. 255-271, 2008. Disponível: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14746700802206925>> Acesso: 09.09.22
- HARRISON, Peter. **Science and secularization**. *Intellectual History Review*, v. 27, n. 1, p. 47-70, 2017. Disponível: <<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315121796-3/science-secularization-peter-harrison>> Acesso: 08.08.22
- HART, David Bentley. **Believe It or Not**. *First Things*. Maio de 2010. Disponível: <<https://www.firstthings.com/article/2010/05/believe-it-or-not>> Acesso: 13.07.23
- HATTENSTONE, Simon. **Darwin's child**. *The Guardian*. London. 10 February 2003. Disponível: <<https://www.theguardian.com/world/2003/feb/10/religion.scienceandnature>> Acesso: 28.07.23
- HEO, Man-ho. **Mongolia's Political Change and Human Rights in Five - Phase Spiral Model: Implications for North Korea**. *Pacific Focus*, v. 29, n. 3, p. 413-438, 2014. Disponível: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/pafo.12037>> Acesso: 21.12.20
- HITCHENS, Christopher. **Mother Teresa and Me**, *Vanity Fair*, fevereiro de 1995. Disponível: <<https://archive.vanityfair.com/article/share/886fb3b2-3cc4-40a9-8a6b-f357c14550b6?inline>> Acesso: 07.04.23

HITCHENS, Christopher. **Christopher Hitchens**: You ask the questions. The Independent. 06 de março de 2002. Disponível: <<https://www.independent.co.uk/news/people/profiles/christopher-hitchens-you-ask-the-questions-9242892.html>> Acesso: 04.07.23

HITCHENS, Cristopher. **Mommie Dearest**: The pope beatifies Mother Teresa, a fanatic, a fundamentalist, and a fraud. SLATE, 20 de outubro de 2003. Disponível: <<https://slate.com/news-and-politics/2003/10/the-fanatic-fraudulent-mother-teresa.html>> Acesso: 14.07.23

HITCHENS, Cristopher. **Deus Não É Grande**: como a Religião envenena tudo. [Tradução de Alexandre Martins] São Paulo: Ediouro, 2007.

HITCHENS, Christopher. **Hitch-22**: A Memoir. Biography, v. 33, n. 3, p. 604-605, 2010.

HITCHENS, Peter. **Hitchens vs Hitchens**. Mail Online, 22 de Junho de 2007a. Disponível: <<https://www.dailymail.co.uk/debate/article-459427/Hitchens-vs-Hitchens.html#axzz2Kh3c00Ri>> Acesso: 03.07.2023

HOUAISS, Antônio; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**: com a nova ortografia da língua portuguesa. Ed. Objetiva, 2009.

HUMANIST NETWORK NEWS AUDIO PODCAST. 2007. **The New Atheists on Organized Freethought**. Transcript 24. Retrieved September 27, 2008. Disponível: <<http://humaniststudies.org/enews/?id=325&article=1>> Aceso: 22.02.19

HUPFER, Jason. **Sam Harris - Believing Reason - Aspen Ideas Festival**. Canal Jason Hupfer, Youtube, 20 de junho de 2011. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=PxICko6yJP4&ab_channel=JasonHupfer> Acesso:21.07.23

IAMDUDUM. **On the Law of Separation in Portugal**, Pope Pius X, 1911. Disponível: <<https://www.papalencyclicals.net/Pius10/p10por.htm>> Acesso: 21.12.2020

IPSOS. **Global Religion 2023**. Ipsos, 17 de maio de 2023. Disponível: <<https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>> Acesso. 23.05.23

JAR, Núria. **Daniel Dennett**: La religión no es el motor de la moral sino el freno que ha ralentizado su desarrollo, SINC, 24 de julho de 2015. Disponível: <<https://www.agenciasinc.es/Entrevistas/La-religion-no-es-el-motor-de-la-moral-sino-el-freno-que-ha-ralentizado-su-desarrollo>> Acesso:22.02.22

JENKINS, Timothy. **Closer to Dan Brown than to Gregor Mendel**: on Dawkins' The God Delusion. Scottish Journal of Theology, v. 62, n. 3, p. 269-281, 2009. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/231864039_Closer_to_Dan_Brown_than_to_Gregor_Mendezl_on_Dawkins%27_The_God_Delusion> Acesso: 02.06.19

JERRYSON, Michael K. **Mongolian Buddhism**: The rise and fall of the Sangha. Silk Worm Books, 2007. Disponível: <<https://ixtheo.de/Record/561444919>> Acesso: 20.10.2020

JOHNSON, David R. et al. **Responding to Richard**: Celebrity and (mis) representation of science. *Public Understanding of Science*, v. 27, n. 5, p. 535-549, 2018. Disponível: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0963662516673501>> Acesso: 25.07.23

JONES, Jeffrey. M. **Belief in God in U.S. Dips to 81%, a New Low**. *Gallup News*, 17 de junho de 2022. Disponível: <<https://news.gallup.com/poll/393737/belief-god-dips-new-low.aspx>> Acesso: 05.05.23

KAPLAN, J. **Islamophobia in America?** September 11 and Islamophobic Hate Crime, Taylor & Francis, vol. 18, n°01, 2006. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09546550500383209>>. Acesso: 19.08.17

KARVAJAL, Doreen. **Book jacket blurbs are, by definition, shameless**. *The New York Times*. Publicado em 13 de Outubro 1997. Disponível: <<https://www.nytimes.com/1997/10/13/business/media-publishing-book-jacket-blurbs-are-definition-shameless-want-attention-pan.html>> Acesso: 13.11.22

KELLER, Catherine. **On the mystery**: Discerning divinity in process. Fortress Press, 2007.

KIENITZ, Karl Heinz. **A história do conflito entre Religião e Ciência**. Palestra de mesmo título, apresentada pelo autor no I Encontro Nacional de Fé e Ciência para o Século XXI, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=mD6cjlGZp8>> Acesso: 28.08.22

KIERNAN, Ben. **The demography of genocide in Southeast Asia**: The death tolls in Cambodia, 1975-79, and East Timor, 1975-80. *Critical Asian Studies*, v. 35, n. 4, p. 585-597, 2003. Disponível: <<https://www.peacepalacelibrary.nl/ebooks/files/KiernanRevised1.pdf>> Acesso: 21.12.2020

KIRKUS REVIEWS. **God Is Not Great**, 01 de março de 2007. Disponível: <<https://www.kirkusreviews.com/book-reviews/christopher-hitchens/god-is-not-great/>> Acesso: 16.07.23

KLINGHOFFER, David. **Prophets of the new atheism**. *The Seattle Times*, 06 de abril de 2007. Disponível: <<https://www.seattletimes.com/opinion/prophets-of-the-new-atheism/>> Acesso: 02.02.23

KOSLOWSKI, Adilson Alciomar; SANTOS, Valmor. **Avaliando algumas metateses acerca do Neoateísmo**. *Estudos de religião*, v. 30, n. 3, p. 89-110, 2016. Disponível: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342612.pdf>> Acesso: 14.02.19

KHRUSHCHEV, Nikita (1956). **O Discurso Secreto - Sobre o Culto da Personalidade**. *Fordham University Modern History Sourcebook*, 2007.

LEE, Adam. **Richard Dawkins has lost it**: ignorant sexism gives atheists a bad name. *The Guardian*, 2014. Disponível: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/sep/18/richard-dawkins-sexist-atheists-bad-name>> Acesso: 07.06.21

LENIN, Vladimir Ilyich (1909). **The Attitude of the Workers' Party to Religion**. [Tradução para o inglês: Andrew Rothstein and Bernard Issacs], Published according to the text in

Proletary, pub pp. 402-413, Moscow, 1973. Disponível: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1909/may/13.htm>> Acesso: 21.12.2020

LIBRARY OF CONGRESS (EUA). **Russia - The Russian Orthodox Church.** countrystudies.us, retrieved 2019. Disponível: <<http://countrystudies.us/russia/38.htm>> Acesso: 21.12.2020

LINKER, Damon. **The one thing the New Atheists get right about religion.** THE WEEK, 10 de janeiro de 2015. Disponível: <<https://theweek.com/articles/442933/thing-new-atheists-right-about-religion>> Acesso: 06.06.22

LISBOA, Wellington; SANTOS, Wandressa. **As multifaces da “Geração Z” e suas dinâmicas de consumo.** São Paulo: Plêiades, 2016. Disponível: <<https://www.boqnews.com/agende-se/as-multifaces-da-geracao-z-e-suas-dinamicas-de-consumo/>> Acesso: 08.05.23

LO PRETE, Renata. **O Assunto #213: Queiroz preso - clã Bolsonaro ameaçado.** G1. Publicado em 19.06.2020. Disponível: <<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2020/06/19/o-assunto-213-queiroz-presos-cla-bolsonaro-ameacado.ghtml>> Acesso: 06.01.21

LOIOLA, José Roberto Alves. **Pós-colonialismo e religião: possibilidades metodológicas.** Anais do XII Simpósio Nacional da Associação, 2012.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina (Religião e Política: Revisitando Marx e Weber).** Editora Vozes, 2000.

LYNN, Richard; HARVEY, John; NYBORG, Helmuth. **Average intelligence predicts atheism rates across 137 nations.** Intelligence, v. 37, n. 1, p. 11-15, 2009. Disponível: <<http://valdegames.com/pig/mirror/Average%20intelligence%20predicts%20atheism%20rates%20across%20137%20nations.pdf>> Acesso: 19.04.23

MALIK, Nesrine. **Richard Dawkins' tweets on Islam are as rational as the rants of an extremist Muslim cleric.** The Guardian, v. 8, 2013. Disponível: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/aug/08/richard-dawkins-tweets-islam-muslim-nobel>> Acesso: 05.05.2018

MARCOTTE, Amanda. **Atheism's shocking woman problem: What's behind the misogyny of Richard Dawkins and Sam Harris?.** Salon, October, v. 3, 2014.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008. Disponível: <www.lusosofia.net/textos/marx_karl_para_a_critica_da_filosofia_do_direito_de_hegel.pdf> Acesso: 15.01.18

MCDONOUGH, Katie. **Richard Dawkins defends “mild pedophilia”, says it does not cause “lasting harm”.** Salon, 10 de setembro de 2013. Disponível: <https://www.salon.com/2013/09/10/richard_dawkins_defends_mild_pedophilia_says_it_does_not_cause_lasting_harm/> Acesso: 07.04.22

MCGRATH, Alister. **Thank God for the New Atheism**. ABC Australia, Janeiro, v. 31, 2011. Disponível: <<https://www.abc.net.au/religion/thank-god-for-the-new-atheism/10101744>> Acesso: 13.03.2023

MEHTA, Hemant. **Christopher Hitchens Never Said That Memorable Line About Islamophobia**. Patheos, 12 de maio de 2014. Disponível: <<https://www.azquotes.com/quote/887670>> Acesso: 09.09.23

MÉTRO. **Atentado, Pai Diz que Atirador Era Ateu e Criticava Todas as Religiões**. 18.12.2018. Disponível: <<https://www.pressreader.com/brazil/metro-brazil-espiritu-santo/20181218/281616716470024>> Acesso: 23.12.2020

MEYER, Andre. **Nothing sacred**: Journalist and provocateur Christopher Hitchens picks a fight with God. Review of god is not Great: How Religion Poisons Everything, by Christopher Hitchens. cbc.ca Book Review, 2007. Disponível: <https://web.archive.org/web/20070516100646/http://www.cbc.ca/arts/books/nothing_sacred.html> Acesso: 18.04.23

MILLER, Lisa. **Rationalist Sam Harris Believes in God**. Newsweek, 18 de outubro de 2010. Disponível: <<https://www.newsweek.com/rationalist-sam-harris-believes-god-73859>> Acesso 07.07.21

MINISTRY OF JUSTICE OF FINLAND. **Jokela School Shooting on 7 November 2007: Report of the Investigation Commission**, Helsinki, maio 2017. Disponível: <https://turvallisuustutkinta.fi/material/attachments/otkes/tutkintaselostukset/fi/poikkeukselliset_tapahtumat/SbmrFqAo3/Jokela_School_Shooting_on_7_November_2007.pdf> Acesso: 23.12.2020

MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. **Genocídio no Camboja, a Instalação de um Tribunal Penal Internacional Inócuo e a Preservação da Memória**. Revista Virtual Direito Brasil, v. 7, n. 2-2013, 2013. Disponível: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/direito/v5_n1_2014/Fernando.pdf> Acesso 20.12.2020

MOHLER, R. Albert. **The End of Faith**—Secularism with the Gloves Off. agosto de 2004. Disponível: <<https://repository.sbts.edu/bitstream/handle/10392/2318/2004-08-17.pdf>> Acesso: 05.05.22

MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. **Ateísmo no Brasil**: da invisibilidade à crença fundamentalista. Novos estudos CEBRAP, n. 100, p. 57-79, 2014. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002014000300057&script=sci_arttext> Acesso: 11.01.19

MOREIRA, Alberto da Silva. **O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea**. Estudos 963 de religião, v. 22, n. 34, p. 70-83, 2008. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342560.pdf> Acesso: 28.06.2020 SCULLY, Michael. Quanto custou Perón à Argentina in. Reader's Digest, RJ, 1956.

MOREIRA, Leonardo Vasconcelos de Castro. **Ainda encantados?** Neoteísmo e desencantamento do mundo. Dissertação, PUC-SP, 2014, p.132. Disponível: <<https://tede.pucsp.br/handle/handle/1937>> Acesso:23.03.19

MOTA, Lindomar Rocha. **O neoteísmo**/The Neo-atheism. Horizonte, v. 8, n. 18, p. 6-8, 2010. Disponível: <<http://search.proquest.com/openview/56c4005a83470a46d6260e6264600d37/1.pdf?pq-origsite=gscholar&cbl=2026650>> Acesso:22.10.18

MOYERS, Bill. **Richard Dawkins on the Truth of Evolution**. 01 de março de 2013. Disponível: <<https://billmoyers.com/2013/03/01/moyers-moment-2004-richard-dawkins-on-the-truth-of-evolution/>> Acesso:30.07.23

NALL, Jeff. **Fundamentalist atheism and its intellectual failures**. Humanity & Society, v. 32, n. 3, p. 263-280, 2008. Disponível: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/016059760803200304>> acesso: 06.03.23

NASCIMENTO, Anderson Clayton Santana do. **Deus, Um Delírio? Uma Análise Da Doutrina Neoteísta De Richard Dawkins Enquanto Doadora De Sentido Para A Vida**. 2015. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015. Disponível: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/889>> Acesso: 04.02.19

NAYLOR, Brian. **Read Trump's Jan. 6 Speech, A Key Part Of Impeachment Trial**. NPR, 10 de fevereiro de 2021. Disponível: <<https://www.npr.org/2021/02/10/966396848/read-trumps-jan-6-speech-a-key-part-of-impeachment-trial>> Acesso: 04.04.23

NETO, Francisco Labriola. **O Amálgama Entre Religião e Política na Rússia**. Último Andar, n. 34, p. 40-54, 2019. Disponível: <<https://revistas.pucsp.br/ultimoandar/article/viewFile/45159/pdf>>Acesso 20.12.2020

NOVAK, Michael. **Lonely Atheists of the Global Village**. National Review, v. 59, p. 43-54, 19 de março de 2007. Disponível: <<https://www.aei.org/articles/lonely-atheists-of-the-global-village/>> Acesso: 23.07.23

OVERY, Richard. **The Dictators: Hitler's Germany and Stalin's Russia**. Penguin UK, 2004. Disponível: <<https://www.kobo.com/br/pt/ebook/the-dictators>> Acesso: 09.09.22

PAGOU, Duarte. **A maior obra da História**. MAGAZINE, novembro, 2015. Disponível: <<https://escsmagazine.escs.ipl.pt/a-maior-obra-da-historia/>> Acesso: 19.12.2020

PAINE, Scott Randall. **Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso**. Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 8, n. 18, p. 9-26, 2010. Disponível: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3630907.pdf>> Acesso: 17.07.18

PALMER, James. **The bloody White baron: the extraordinary story of the Russian nobleman who became the last Khan of Mongolia**. Basic Books, 2009.

PAYNE, Stanley G. **A history of Spain and Portugal**. Madison: University of Wisconsin Press, 1973.

PESTANA, Matheus. **As Religiões no Brasil**. rev. Religião e Poder, 24 de agosto de 2021. Disponível: <<https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religioes-no-brasil/>> Acesso: 19.05.23

PHAYER, Michael. **The German Catholic Church After the Holocaust**. Holocaust and Genocide Studies, v. 10, n. 2, p. 151-167, 1996. Disponível: <<https://academic.oup.com/hgs/article-abstract/10/2/151/681684>> Acesso: 22.12.2020

PIGLIUCCI, M. **New Atheism and the Scientific Turn in the Atheism Movement**, Midwest Studies In Philosophy, vol. 37, 2013. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/PIGNAA.pdf>>. Acesso: 30.03.17

PIOVEZAN, Luis Henrique. **Inteligência induz ateísmo?** Crítica ao artigo de lynn sobre inteligência e religiosidade. Revista Relegens Thréskeia, v. 11, n. 1, p. 160-183, 2022 Disponível: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/83309/46644>> Acesso: 01.03.23

PLATÃO. **As Leis [livro X]**. São Paulo: Edipro, 1999.

PORTAS ABERTAS. **Entenda a lista mundial da perseguição**. Portas Abertas, 23 de janeiro de 2023. Disponível: <<https://portasabertas.org.br/lista-mundial/entenda-a-lista-da-perseguiacao>> Acesso: 01.08.23

POOLE, Steven. **The Four Horsemen review - whatever happened to ‘New Atheism’?**. The Guardian, 31 de janeiro de 2019. Disponível: <<https://www.theguardian.com/books/2019/jan/31/four-horsemen-review-what-happened-to-new-atheism-dawkins-hitchens>> Acesso: 12.08.23

POSPIELOVSKY, Dimitry V. **Soviet Antireligious Campaigns and Persecutions: Volume 2 of a History of Soviet Atheism in Theory and Practice and the Believer**. Springer, 1988.

POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 175.

PROSPECT. **The electronic age has triggered epistemological chaos: Daniel Dennett on the information free-for-all, atheism and the point of philosophy**. Prospect, 19 de julho de 2017. Disponível: <<https://www.prospectmagazine.co.uk/regulars/44670/the-electronic-age-has-triggered-epistemological-chaos-daniel-dennett-on-the-information-free-for-all-atheism-and-the-point-of-philosophy>> Acesso: 14.12.22

PROTHERO, Stephen. **The Unbeliever**. The Washington Post, 06 de maio de 2007. Disponível: <<https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/05/03/AR2007050301907.html>> Acesso: 26.05.23

REIS, João Paulo. **A Teodiceia dos Novos Ateus**. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 31, n. 2, p. 239-254, 2021. Disponível: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/8898/5289>> Acesso:20.05.23

ROJAS, Edgar Danés. **Noticias del Edén: la iglesia católica y la Constitución mexicana**. Miguel Angel Porrua, 2008.

RUBIN, Charles T. **The God Meme**. The New Atlantis, n° 12, pp. 71-79, 2006. Disponível: < <https://www.thenewatlantis.com/publications/the-god-meme> > Acesso: 25.04.23

RUSE, Michael. **Why I think the new atheists are a bloody disaster**. April, v. 3, p.2012, 2009. Disponível: < <https://www.beliefnet.com/columnists/scienceandthesacred/2009/08/why-i-think-the-new-atheists-are-a-bloody-disaster.html#7G9DExz1T0269v14.99>> Acesso: 21.1.19

SACKS, Jonathan. **The great partnership: Science, religion, and the search for meaning**. New York, Schocken, 2011.

SANTOS, Valmor Ferreira. Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e metateses. Dissertação, Universidade Federal de Sergipe. 2016. Disponível: < https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7146/2/VALMOR_FERREIRA_SANTOS.pdf> Acesso: 09.09.22

SBT NEWS, Redação. **Massacre em Suzano: Adolescente apreendido treinou tiro com amigo assassino**. 21 de março de 2019. Disponível: <<https://www.sbtnews.com.br/noticia/sbt-brasil/123798-massacre-em-suzano-adolescente-apreendido-treinou-tiro-com-amigo-assassino>> Acesso: 19.05.23

SCOFIELD. What. **Christopher Hitchens and the New Atheists Can Learn From Malcolm X, interview Tikkun Dail**, 2010. Disponível: <<https://www.tikkun.org/tikkudaily/2010/07/06/what-christopher-hitchens-and-the-new-atheists-can-learn-from-malcolm-x/>> Acesso: 22.09.19

SEGAL, David. **Atheist Evangelist**. The Washington Post, October 26, 2006. Disponível: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/10/25/AR2006102501998_pf.html> Acesso:15.07.22

SHORT, Phillip. **“Mao's Bloody Revolution: Revealed”**. Archived from the original on November 18, 2015. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wd0aW-4mV68>> Acesso: 04.01.2021

SHORTELL, Timothy. **Religion and Morality: A Contradiction Explained**, 2005. Disponível: < <http://www.anti-naturals.org/theory/religion.html> > Acesso: 22.02.23.

Slater, David; Taylor, Peter J. **The American Century: Consensus and Coercion in the Projection of American Power**. Oxford: Blackwell, 1999. Disponível: <<https://archive.org/details/americancenturyc0000unse/page/290>> Acesso: 15.04.22

SMITH, Quentin. **The felt meanings of the world: A metaphysics of feeling**. 1° ed. Indiana: Purdue University Press, 2006.

STAHL, William A. One-Dimensional Rage: The Social Epistemology Of The New Atheism And Fundamentalism. In: **Religion and the new atheism**. Brill, p.95-108, 2010. Disponível: <https://brill.com/downloadpdf/book/edcoll/9789004190535/Bej.9789004185579.i-253_008.pdf> Acesso: 23.02.18

STARK, Rodney. **Fact, Fable and Darwin**. American Enterprise Washington, v. 15, n. 6, p. 40-45, 2004. Disponível: <https://web.archive.org/web/20040803111554/http://www.taemag.com/issues/articleID.18132/article_detail.asp> Acesso: 10.09.19

SYMONS, Donald. **The semantics of ultimate causation**. The Evolution of Human Sexuality. Ed. Paperback, Oxford University Press, 1981. p. 42.

SWINFORD, Steven. **Godless Dawkins challenges schools**. The Sunday Times, 19 de novembro de 2006. Disponível: <https://web.archive.org/web/20110805101216/http://www.timesonline.co.uk/tol/life_and_style/education/student/news/article641971.ece> Acesso: 04.04.23

TAYLER, Jeffrey. **The real New Atheism: Rejecting religion for a just world**. rev. Salon, 14 de dezembro de 2013. Disponível: <https://www.salon.com/2013/12/14/the_real_new_atheism_rejecting_religion_for_a_just_world/> Acesso: 13.01.22

TEIXEIRA, Duda. **Qual é a religião da Coreia do Norte?**. VEJA, 28 de setembro de 2017. Disponível: <<https://veja.abril.com.br/coluna/duvidas-universais/qual-e-a-religiao-da-coreia-do-norte#:~:text=A%20capital%20da%20Coreia%20do,para%20tentar%20converter%20seus%20habitantes.>>> Acesso: 08.08.23

TERESI, Dick. **Lynn Margulis says she's not controversial, she's right**. Discover Magazine (Discover interview), April, 2011. Disponível: <<http://discovermagazine.com/2011/apr/16-interview-lynn-margulis-not-controversial-right>> Acesso: 12.10.19

UOL, redação. **Dawkins diz que não condena 'pedofilia leve' que sofreu na infância**, 11 de setembro de 2013. Disponível: <<https://noticias.terra.com.br/ciencia/dawkins-diz-que-nao-condena-pedofilia-leve-que-sofreu-na-infancia,96b3a8ffedb01410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>> Acesso: 08.01.19

VALDERRAMA, Judith. **Se vende la imagen de Chávez como mesiánica y de Libertador**. El Diario de Los Andes, 28 de abril de 2014. Disponível: <<https://web.archive.org/web/20140502033116/http://diariodelosandes.com/content/view/250578/106231/>> Acesso: 04.01.21

VEJA, redação. **Aniversariante, Putin vira 'Hércules' em exposição em Moscou**. Publicado em 07 de outubro de 2014. Disponível: <<https://veja.abril.com.br/mundo/aniversariante-putin-vira-hercules-em-exposicao-em-moscou/>> Acesso: 04.01.21

WAVELL, Stuard. **"In the beginning there was something"**, The Sunday Times, 19.12.2004.

WALSH, John. **Hitch-22: a memoir by Christopher Hitchens, Both sides of the barricades**. The Independent, 28 de maio de 2010. Disponível: <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/hitch22-a-memoir-by-christopher-hitchens-1984845.html>> Acesso: 07.07.223

WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Eugenia'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil**. História, Ciências, Saúde-

Manguinhos, v. 20, p. 263-288, 2013. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Hxj4PcSwZGZQzfTRgHpGCbC/?lang=pt>> Acesso: 14.12.22

WESSINGER, Catherine (Ed.). **Millennialism, persecution, and violence**: Historical cases. Syracuse University Press, 2000.

WHITE, Curtis. **Christopher Hitchens ‘lies do atheism no favors’**. salon. 23 de junho de 2013. Disponível: <https://www.salon.com/2013/06/23/christopher_hitchens_lies_do_atheism_no_favors/> Acesso: 09.09.22

WILKINS, John S.; BOURRAT, Pierrick. **Replication and reproduction**. 2001. Disponível: <<https://plato.stanford.edu/entries/replication/>> Acesso: 05.05.23

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões** [tradução Lineimar Pereira Martins], São Paulo, Ed. UNESP, 2012.

WILLIAMS, Peter. **Darwin’s Rottweiler & the Public Understanding of Science**. Philosophy Now, v. 44, p. 18-22, 2004. Disponível: <https://www.pdcnet.org/philnow/content/philnow_2004_0044_0000_0018_0022> Acesso: 06.06.23

WILTS, Alexandra. **The Texas shooter ‘preached atheism’ and was an outcast, say former classmates**. The Independent. 07 de novembro de 2017. Disponível: <<https://www.independent.co.uk/news/world/americas/devin-kelley-atheism-texas-shooting-who-was-he-creepy-weird-classmates-latest-a8041161.html>> Acesso: 23.12.2020

YAKOVLEV, Alexander. **A century of violence in Soviet Russia** (A. Austin. Trans./). New Haven), Yale University Press, 2002.